Da
Glottica em Portugal.

Da Glottica em Portugal.

CARTA AO AUCTOR

DO

DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO PORTUGUÊS.

Mes principes sont qu'entre deux points la ligne droite est la plus courte; que le tout est plus grand que sa partie.... Je tiens aussi que deux et deux font quatre; mais je n'en suis pas sûr.

P. L. COURIER.

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA — PERSEVERANÇA —, RUA DO HOSPICIO, N. 91.

1872.

Era a presente carta destinada a inserção em appendice ao tomo X do *Diccionario bibliographico português*, onde a impensada benevolencia do auctor, mal advertido quanto ao espaço que a contestação havia de tomar, lhe afiançára hospedagem.

Emquanto aguardava a impressão do volume, retardada por embaraços sobrevindos, crescia o monte, as publicações novas multiplicavam-se, e o escripto, trabalho puramente de polemica e portanto de opportunidade, envelhecia, expondo-se a necessitar inteira refundição. Chegam-me as primeiras folhas da *Introducção* ao *Thesouro da lingua portuguesa* de Fr. Domingos Vieira. Apenas lidas, entendo não dever por mais tempo differir a publicidade da carta, que ahi sai com todas as lacunas da redacção primitiva.

M. de Mello.

Novembro de 1872.

Da

Glottica em Portugal.

AO EXM. SR. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

No segundo tomo do *Supplemento* ao *Diccionario bibliographico*, tractando do escripto dado ao prelo pelo sr. Francisco Adolpho Coelho com o titulo *A lingua portuguesa; phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe*, fez-me V. Ex. a honra de perfilhar algumas ideas que, em referencia á parte publicada, e sob a impressão da primeira leitura, á pressa lhe communiquei.

Não é intento meu dilatar por agora a analyse do livro. Na capa das suas producções novissimas annuncia textualmente o sr. Adolpho Coelho que a edição exhausta do fasciculo « será substituida por outra publicação ». O habito das *retractationes* — *cette habitude qui n'est plus dans nos mœurs littéraires; cette critique de soi-même, qui serait regardée de nos jours comme un aveu d'impuissance ou de versalité* [1] —, o habito das *retractationes* está profundamente inoculado no seu espirito, e a falta de critica alheia

[1] Renan, *Études d'histoire religieuse*, 6ª ed., pag. III-IV.

o obriga a ser o critico de si proprio. Esperemos portanto que o auctor tenha acabado de passar a esponja sôbre aquelle trabalho que parecia fadado a desafiar os tempos; e emquanto

Le pluriel met une S à leurs meâs culpâs,

acompanhemos o sr. Adolpho Coelho através de um folheto de 20 paginas, manifesto famoso, a cujo apparecimento deu origem o alludido passo do *Diccionario.*

Entendeu V. Ex. dever declinar as vantagens ou frustrar os riscos do debate; não eu. Reclamei conseguintemente o meu quinhão de responsabilidade, e pedi que, chegada a hora, me fosse consentido intervir. De graciosa annuencia dá prova esta, a que, por arremêdo de erudição alleman em taes assumptos, chamarei carta publica.

Pretendendo nella aquilatar os argumentos do folheto do sr. Adolpho Coelho, devo, antes de tudo, dar a V. Ex. e receber parabens por não termos de retractar-nos de cousa nenhuma. O que está escripto está escripto. Sahiram incolumes da fogosa referta todas as proposições do *Diccionario.* O sr. Adolpho Coelho não conseguiu provar a antiguidade, em França nem em Inglaterra, dos estudos e especulações no ramo de saber que uns dizem *philologia comparada*, outros *etymologia scientifica*, outros *phonologia*, *linguistica* ou *glossologia*; que Max Müller, com julgar que absolutamente lhe não desconvem as designações de *mythologia* e *logologia*, denomina *sciencia da linguagem*, e a que o sr. Adolpho Coelho quer que chamemos glottica — sem italicos.

No correr d'esta carta a penna mais de uma vez terá de recuar ante a violencia da aggressão recebida. Embora!

As invectivas descompostas que a exacerbação das vaidades e a temulencia das choleras litterarias inspiravam aos grammaticos do seculo XVI, glotticos de então, a quem, por uma figura tomada á propria lingua em que usavam vibrar os seus asperos convicios, deu a critica moderna o nome significativo de *gladiadores*, a bruteza d'essas invectivas julgava-a eu condemnada pelo espirito do tempo. Se ha quem em nossos dias pretenda imitar — não creio que na destreza e vigor da dialectica — a polemica dos Scioppios e Scaligeros, tanto peior.

Um preceito das antigas *Parabolas* nos manda curar do bom nome. Obedeçamos-lhe pois, e embrenhemo'-nos, *smarrita la diritta via*, pela *selva selvaggia* das *Observações acêrca do Diccionario bibliographico português e seu auctor.*

Extranhas ao meu proposito, as considerações liminares sôbre o *Diccionario* fecham a pag. 5 com os seguintes periodos:

« Vou indicar ainda um erro insignificante, mas que prova que o nosso bibliographo não está habilitado para ler o titulo de qualquer livro português. É uma cousa a que a critica não devia dar attenção; vai só como curiosidade.

« Nos mss. da edade media ha uma abbreviatura assás similhante a um 9, que se lê *os*, porque não é mais que a ligação de um *o* com um *s*; essa abbreviatura passou para as primeiras obras impressas. É practica constante transcrevel-a por *os*; nunca nenhum paleographo se lembrou de o fazer de outra maneira. Pois bem, o sr. Innocencio, não a sabendo ler, representa-a imaginosamente por uma apostrophe, fazendo assim suppor ao leitor menos entendido a existencia de uma contracção impossivel nos titulos e rubricas de alguns antigos livros. Assim na subscripção do *Cancioneiro de Rezende* transcreve elle *dozentos cruzad'* em vez de *dozentos cruzados* (*cruzad* 9), *quinhent'* e *xvi anos* em vez de *quinhentos* (*quynhent*9) e *xvi anos*, e do mesmo erro ha outros exemplos no *Diccionario.* »

Primeiramente, cuido que o sr. Adolpho Coelho ficaria muito embaraçado com a sua explicação: « abbreviatura que se lê *os*, porque não é mais que a ligação de um *o* com um *s* », se alguem lhe dicesse que nos manuscriptos da edade media essa abbreviatura vale quasi sempre *us* [1] e raramente *os* [2]. Ás vezes, na mesma palavra, tem a um tempo o valor de *us* e *os*, como nos exemplos citados em Chassant [3]. Casos ha, porêm,

1 « Algumas [fala das notas tironianas] chegaram até nós: tal *7* para significar *et*; *9* para significar *us.* » J. Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas e criticas*, t. IV, part. I, pag. 103.

2 De Vainès, *Dictionnaire raisonné de diplomatique*, 2ª ed., por Bonnetty, 1863-65, art. *Abréviations.*

3 *Dictionnaire des abréviations latines et françaises.* 3ª ed., 1866, pag. XXXII; *Paléographie des chartes et des manuscrits*, 6ª ed., 1867, p. 55.

em que representa *ost*, e outros em que corresponde a *cum*, *cun*, *con* e *com* [1].

Depois, a imaginada censura parece-me involver uma lastimavel confusão de bibliographia com paleographia. Por certo, na translação de um manuscripto dos seculos medios dará por extenso o paleographo as palavras que achar em abbreviatura. O bibliographo, pelo contrario, na descripção de um incunabulo, de um livro paleotypico, conservará todas as characteristicas typographicas do original, supprindo-as, onde nas officinas faltarem signaes proprios, por abbreviaturas convencionaes.

Ociosa fôra a allegação das grandes obras de bibliographia extrangeiras para abôno de um facto que se póde verificar de simples catalogos destinados ao commercio de livros; e bastar-me-ha indicar o exemplo domestico, que nos honra, das *Curiosidades bibliographicas*, cujo auctor, o sr. Tito de Noronha, ao descrever o *Cancioneiro geral*, houve de representar pelas siglas « cruzad⁹ », « quinhent⁹ » as mesmissimas palavras da subscripção final, occorrendo do modo possivel á falta de typos *fac simile* como os Didots os mandaram fundir para o *Manual* de Brunet.

Ferido, em vão, este primeiro golpe, entra o sr. Adolpho Coelho a lamentar que V. Ex. tenha feito do *Diccionario* « instrumento de vinganças pequeninas, em que o seu espirito, cego pela paixão, lhe faz perder de vista o bom senso e a verdade ».

Não me parece que certas violencias de expressão possam offender ninguem. Desattendido e ultrajado por outro homem, que fez o antigo stoico? Não se irritou, não vingou a injuria, nem a perdoou; mas dice não estar injuriado. *Majore animo non agnovit quam ignovisset.*

O auctor do folheto procede segundo a opinião vulgar de que as palavras, quanto mais grossas, mais aleijam. É uma infelicidade para elle, nada mais. Diz pois, alludindo ao artigo que no *Diccionario* se inscreve com o seu nome: « Só a paixão poderia dictar essas paginas, em que tristemente se manifestam

[1] Chassant, *Dictionnaire*, pag. XXXIV; Natalis de Wailly, *Éléments de paléographie*, t. I, 1838, pag. 435, 439.

inepcia, ignorancia e má fé. » A innocua victima, preterindo a questão de saber d'onde essa paixão nasceu, occupar-se-ha unicamente de examinar á luz da verdade as paginas desgraçadas que ella produziu. É-lhe indifferente o juizo que V. Ex. e alguns dos seus collegas da Academia possam formar d'elle. Escreve só para que o publico português, tão pobre de solida educação intellectual, conheça a verdade.

Então prosegue: « O sr. Innocencio, querendo, ao que parece, demonstrar a insignificancia de alguns trabalhos de glottica que tenho publicado, e não tendo conhecimento algum exacto d'essa sciencia e da sua historia, pôs de parte a questão do valor intrinseco d'esses trabalhos e passou ao campo da invenção e da insinuação mesquinha. Incapaz até de apreciar a parte puramente formal do meu livro, só conseguiu repetir o que um *soi-disant* critico tinha escripto acêrca d'essa parte ».

Mais abaixo accrescenta: « Nunca dei importancia ao juizo que o *Aristarcho Português* fez a meu respeito. » — « O juizo que o *Aristarcho Português* faz das minhas criticas é perfeitamente inepto ». E de caminho, ao repetir o titulo d'aquella publicação, que o *Diccionario* lê *Aristarco*, marca o sr. Adolpho Coelho com uma unhada sábia a orthographia da obra. O illustre professor de glottica (professor *in partibus infidelium*) usa com V. Ex. a charidade de lhe ensinar a escrever *Aristarcho*.

Mas quê! Dês que se tracta de ponctualidades de etymologia, não ha logar para hesitações nem transigencias.

Judiciosamente discorre um auctor nosso acêrca do commum achaque a que pôs o nome de *egoismo das linguas* [1]; e o intérprete de Platão, Victor Cousin, com egual desafôgo argue, na traducção das *Leis*, a desfiguração dos nomes gregos, vicioso resultado do estudo da antiguidade hellenica, exclusivamente vista através da antiguidade latina. O sr. Adolpho Coelho, que cita Platão e sabe o alpha e o omega de todas as cousas;

[1] « Chamaremos assim esta tendencia universal em todos os povos para nacionalizarem a orthographia dos nomes proprios alheios. Os latinos latinizaram os nomes gregos, os povos do norte barbarizaram os latinos, os arabes arabizaram os novos dialectos que se estabeleceram com as monarchias wisigothicas, e nós os modernos tambem estropiámos reciprocamente os nomes proprios uns dos outros ». NEVES E CARVALHO (*O Panorama*, 1844, pag. 324).

que nos brinda com uma reflexão de Lottner sôbre a orthographia e cacographia da palavra *gothico*, e continúa a dizer *tartaras* as linguas a que Schleicher chama *tataras*; o sr. Adolpho Coelho, para ser coherente, tinha necessidade de escrever *Aristarkhe* ou pelo menos *Aristarkho* [1], seguindo na restituição dos nomes proprios o uso hoje universal entre os philologos da Allemanha,

[1] Nas etymologias do seu diccionario usa Constancio este modo de transcripção da consoante grega aspirada. « Notei — diz elle — a aspiração forte ou χ por um *kh* em vez de *ch*, e por *gh* em vez de *gu*. O ypsilon de alguns vocabulos gregos mudei em *u*, quando esta lettra lhe corresponde no termo latino ».

Sendo alias de perfeita applicação á nossa lingua o reparo de Grote contra a practica manifestamente erronea de representar em nomes gregos o κ pelo *c* inglês, um simples caso de translação do kappa em *k* parece maravilhar o sr. Adolpho Coelho. Certo é que na prefação á sua *Phonologia* faz de proposito uma nota para extranhar que κύβη se ache transcripto *kubé*.

A questão: *Deveremos escrever sempre as palavras vindas do grego segundo a orthographia latina, ou devemos escrevel-as segundo a portuguesa, e como bebidas immediatamente dos livros gregos?* foi examinada nas *Memorias da Academia*, t. VIII, part. I, e resolvida conforme as ideas do tempo. Dir-se-hia que naquelle anno (1820-1821) os mais ardentes propugnadores da orthographia etymologica se haviam pactuado pará votarem o bannimento do *ch* e do *ph*, os digraphos convencionaes e classicos do latim, desaforando-os da honrosa moradia em que estavam nos *Lusiadas* e nas *Decadas*. Com o auctor das *Reflexões prévias*, Rodrigo Ferreira da Costa, e com o celebre jurisconsulto Manuel Borges Carneiro fazia côro o *Jornal encyclopedico* de José Agustinho de Macedo (nº IV, abril de 1820); e não é muito que Jeronymo Soares Barbosa, escrevendo então a sua *Grammatica philosophica*, os acompanhasse.

Em nossos dias, e generalizado já pela imprensa o uso que chegára a considerar-se obsoleto, a opinião d'estes homens ainda achou echo no gremio da Academia. Vê-se dos pareceres impressos dos srs. conselheiros Viale e Antonio de Serpa, nas folhas avulsas dos *Apontamentos para um systema de orthographia*. Não vão tão longe os doutos academicos como Eduardo Raoux, que na *Orthographe rationnelle ou écriture phonétique, moyen d'universaliser rapidement la lecture, l'écriture, la bonne prononciation et l'orthographe, et de réduire considérablement le prix des journaux et des livres* (Paris, 1865) propunha a eliminação das lettras C, K, H, X, Y, W, « six plantes parasites sur le vieux tronc de l'alphabet, six lettres parfaitement superflues, dont il serait grand temps de faire l'amputation »; e por sua parte o sr. A. de Serpa contenta-se com a suppressão do *y* e do *k*.

Esta ultima lettra, que, segundo Duarte Nunes, « quanto aa nossa lingoa & scriptura Portuguesa, he letra sobeja, & ociosa », teve sempre entre nós impugnadores e defensores. João Franco Barreto quer que escrevamos *kerella*, *kieto*, etc., e invoca em defensa do seu alvitre

Gregos, romãos, e toda a outra gente.

Verney, *Verdadeiro Metodo de estudar para ser util á Republica e á Igreja*, carta I, diz: « A quem nam agradar esta minha opiniam, de escrever

uso que já, com mais ou menos restricções, adoptaram Thirlwall e após elle Grote e o seu traductor francês na *Historia da Grecia*, Cox nos *Contos dos deuses e heroes*, os Ménards no tractado *Da Esculptura antiga e moderna*, Leconte de Lisle nos *Poemas antigos*, nos *Poemas barbaros*, nas traducções de Homero, na de « Moskhos » e dos *Hymnos orphicos*.

Collaborador do *Relatorio sôbre o progresso das lettras em França*, Theophilo Gautier, ao nomiar o livro dos *Poemas antigos*, applaude e exclama: « *Le centaure Chiron a repris le* k » [1].

Echoam pela terra os *ios!* do triumpho. O poeta recomeça o canto, e os sons da kithara do divino Anakréón repetem:

Dès que Bakkhos me tient, toutes mes peines s'endorment.
Je possède les richesses de Kroisos, et voici que je chante à pleine voix!

Joyeux et buvant du vin, chantons Bakkhos qui inventa la danse, à qui plaisent les chansons et les rires, qui est l'égal d'Érôs, qui enflamme Kythèrè, et de qui est née la belle Kharis! [2]

Estará ainda o sr. Adolpho Coelho no tempo em que Nodier, o *doutor Neophobo*, escandalizado com a imminente ruina da

estes nomes [*monarchia*, *chimica*, etc.] por-*ch*, sou de-parecer, que adóte o *k* dos-Gregos: pois é melhor chamar de fóra, uma letra Estrangeira, doque escrever o *q*, que em Portugal geralmente tem diferente pronuncia: o que nam sucede no-*ch*, que já em muitas disoens está recebido em Portugal, com privilegios de *k* ». Mais conforme ás ideas de hoje é, porêm, a opinião de Borges Carneiro: « Pelo que pertence ao *k*, sómente o poderiamos escrever por exemplo em *kalendas*, *paraskeve*, *parakleto*, *kalligrafia*, *kosmógrafo*, *etc.*: porêm o uso presente rejeita geralmente esta letra, salvo em alguns nomes proprios tomados de nações estrangeiras que nelles a escrevem, como, *keith*, *kempis*, *kirchman*, ou se escrevermos alguma palavra grega sem a traduzir, como no *kyrie eleison*, ou no *foemina akosmos (mulher immunda)* de Lucrecio ». (*Gramm.*, *Orthogr.*, *e Arithm. Port.*, p. 190.)

[1] « Chez lui Jupiter redevient Zeus, Hercule Héraclès, Neptune Poséidon, Diane Artémis, Junon Héré, et ainsi de suite. Le centaure Chiron a repris le *k*, qui lui donne un aspect plus farouche, et les noms de lieux ne se produisent dans les vers du poëte qu'avec leur véritable orthographe et leurs épithètes traditionnelles.— ... Bientôt l'on se fait à ces restitutions des noms antiques qui occupent d'abord un peu l'œil, et l'on jouit sans effort et sans fatigue de cette poésie austère, noble et pure, qui produit l'effet d'un temple d'ordre dorique découpant sa blancheur sur un fond de montagnes violettes ou sur un pan de ciel bleu ». (*Rapport sur les progrès des lettres*, 1868, p. 94.)

[2] Leconte de Lisle, *Hésiode*, *Hymnes orphiques*, *Théocrite*, *Bion*, *Moskhos*, *Tyrtée*, *Odes anacréontiques*, 1869, pag. 347, 356.

onomatologia da historia, extranhava a Thierry o emprêgo da lettra K, *cette perpendiculaire maussade, armée de deux pointes obliques et divergentes?* [1]

Sendo assim, as suas opiniões em orthographia poderão manifestar algum atraso, mas não tanto as suas ideas sôbre elocução.

Que, ha cem annos, Buffon, compondo a renda dos punhos, escrevesse contra o neologo Mercier a apologia nobilissima da arte e do estylo [2], bem estava. A multiplicidade de conhecimentos, a singularidade dos factos e achados novos, justo era se lhe então affigurassem, emquanto aos livros, não bastantes fiadores de immortalidade. D'ahi as palavras do famoso *discurso de recepção*: « S'ils sont écrits sans goût, sans noblesse et sans génie, ils périront, parce que les connaissances, les faits, les découvertes s'enlèvent aisément, se transportent et gagnent même à être mis en œuvre par des mains plus habiles ».

Mas Buffon só podia ser cartilha para o sr. Adolpho Coelho emquanto « o pedantismo da eschola reagia sôbre o seu espirito ». Hoje, se o *Aristarcho* lhe nota a dureza ferrea dos periodos, e affirma que a propriedade nos termos lhe fallece; se o accusa de desconhecer a locução castiça e de infringir as regras grammaticaes na mesma obra em que tracta de arvorar-se mestre da sciencia, o sr. Adolpho Coelho responde que o poncto de vista *sob que trabalha* absolutamente diverso. « O poncto de vista do auctor d'esse livro, como o de todos que fazem a critica d'essa maneira, é absolutamente diverso do poncto de vista sob que trabalho. Não gasto o meu tempo a

[1] Aug. Thierry, *Dix ans d'études historiques*, pag. 583 da ed. de 1859.

[2] Philarète Chasles, referindo as vicissitudes historicas e estabelecendo a licção genuina da celebre phrase *Le style est l'homme même*, phrase sôbre cuja lidima intelligencia tão diversamente discorrem João Paulo e Hegel, Edmond Arnould e o auctor da *Gymnastica intellectual*, diz: « Buffon n'attaquait pas seulement les fanatiques d'irrégularité, d'inspiration fébrile et de dithyrambe sentimental, mais tout un groupe scientifique, ennemi de l'art, faisant bon marché de la forme et du style, n'estimant que le fait, l'invention, la découverte, l'expérience, la manipulation, le mécanisme, la science en un mot; groupe qui n'a pas diminué, faibli ou reculé depuis cette époque, et que Buffon plus que personne était en droit de combattre ».

arredondar periodos, a consultar o diccionario de epithetos, ou a evitar os pneumas que me sahem dos bicos da penna ».

Procedendo do sentimento familiar a uma plebe de escriptores que, ó Ferreira, ó Bernardes,

> Aboie à tes pareils, et, d'un air triomphant,
> Du nom de *rococo* flétrit qui les défend [1],

o resto addivinha-se. É a apologia do calão [2], um dithyrambo ao enxacoco...

> Creio em ti, deus: a fé viva...

o livro VIII de Quinctiliano; Cicero, *O Orador*, cap. XXIII... ao envés; a negação do *On ne vit que par le style* (Chateaubriand),

[1] Viennet, *A Boileau, sur les mots nouveaux (Épîtres et satires,* 1860, pag. 354).

[2] Com a accepção de gira, algaravia, vasconço ou germania, falta em Moraes esta palavra. Uso-a, valendo-me da auctoridade do sr. Mendes Leal: « D'este modo, qualquer farça em calão disputa primazias com o *Alfageme* ou *Frei Luis de Sousa* » (*A America*, vol. I, pag. 29).

Pela declaração estampada na caderneta 20ª do *Grande Diccionario português* de Fr. Domingos Vieira, sabemos hoje que « os trabalhos de revisão, etymologias, accrescentamentos, etc., etc., da lettra *C* em deante, são feitos pelo distinctissimo e já bem conhecido escriptor em trabalhos profundissimos da lingua portuguesa, o Exm. sr. Adolpho Coelho ». Alli, se não mente a fama, cada vocabulo « quasi que per si constitue uma monographia ». Consultada, como a urgencia o requer, a monographia do calão, encontro, addenda unica ao que vem em Moraes:

« 3.) † **CALÃO**, *s.m.* (?) Giria dos ladrões; geringonça. »

Definiçãosinha talvez não satisfactoria, que apenas custa aos assignantes a suppressão, tres linhas acima, de um logar da *Historia da India* de Pinto Pereira, allegado por Moraes desde as primeiras edições.

Em tal penuria, a obra de Francisque-Michel *Études de philologie comparée sur l'argot et sur les idiomes analogues parlés en Europe et en Asie* a poncto nos acode com a fineza de uma pagina sob a rubrica de lettras capitaes: CALÃO OU ARGOT DES VOLEURS PORTUGAIS, onde se vê que o português tem, como as demais linguas da Europa, a sua gira. A existencia d'esta para logo se comprova com exemplos colhidos no 1º vol. de *Frei Paulo, ou os doze mysterios* (Lisboa, 1844), « roman portugais écrit par plusieurs hommes de lettres, dont le plus remarquable était M. Corvo de Camões, membre de l'Académie de Lisbonne » — justamente a mesma curiosa ficção de que o *Diccionario bibliographico* dá por auctores Ayres Pinto de Sousa e o sr. Antonio da Cunha Souto-Maior.

Á maneira dos seus illustres exemplares dos romances de Sue e Balzac, alguns dos personagens do livro falam *na sua linguagem de*

do *Ce qui me distingue de Pradon, c'est que je sais écrire* (Racine); uma annullação universal em summa de todas as fórmulas das velhas poeticas e das philosophias novas: *Surtout qu'en vos écrits la langue révérée...* (Boileau); — *A elocução é tudo. Uma sentença...* (Filinto); — *Il faut, avant tout, que l'homme de lettres possède la philosophie et le génie de la parole. Sans cela il ne saura jamais frapper la pensée* (Proudhon); — *C'est le style qui fait la durée de l'œuvre. Otez sa forme à Homère, vous avez Bitaubé* (V. Hugo).

« Para mim — continúa o sr. Adolpho Coelho — a lingua é um facto, cujos momentos e genese tracto de estudar, sem attender ao resultado practico que possa provir do meu estudo ».

Se o resultado practico lhe não importa, podiamos perguntar-lhe para que se dá então ao trabalho de imprimir os seus livros, e até para que os escreve.

calão, só d'elles conhecida. Naturalmente occorre á memoria tal ou tal capitulo dos *Miseraveis*, e ahi nos pomos a ler as palavras solemnes do poeta (t. VII, 8ª ed. de 1862, pag. 378, 383):

« Le penseur qui se détournerait de l'argot ressemblerait à un chirurgien qui se détournerait d'un ulcère ou d'une verrue. Ce serait un philologue hésitant à examiner un fait de la langue, un philosophe hésitant à scruter un fait de l'humanité. Car, il faut bien le dire à ceux qui l'ignorent, l'argot est tout ensemble un phénomène littéraire et un résultat social. Qu'est-ce que l'argot proprement dit? L'argot est la langue de la misère.

« ... Faire surnager et soutenir au-dessus de l'oubli, au-dessus du gouffre, ne fût-ce qu'un fragment d'une langue quelconque que l'homme a parlée et qui se perdrait, c'est-à-dire un des éléments, bons ou mauvais, dont la civilisation se compose ou se complique, c'est étendre les données de l'observation sociale; c'est servir la civilisation même. Ce service, Plaute l'a rendu, le voulant ou ne le voulant pas, en faisant parler le phénicien à deux soldats carthaginois; ce service, Molière l'a rendu, en faisant parler le levantin et toutes sortes de patois à tant de ses personnages ».

Surde-nos porêm — e para evital-a recolho-me ao assumpto — a questão dos versos em carthaginês do *Penulo* de Plauto, versos da lingua punica e que se não parece com alguma outra das que se hoje falam em todo o mundo, diz Duarte Nunes — tantas mudanças fazem pela longura do tempo as linguagens! Se havemos de estar pela affirmação do sr. Adolpho Coelho, a sciencia moderna decifrou esses versos, « que se reduziam a puro irlandês na opinião de Vallencey ». Vallancey queria provavelmente dizer, que assim se chamou o auctor do *Ensaio* publicado em 1772, *An Essay on the antiquity of the irish language; being a collation of the irish with the punic language, with a preface proving Ireland to be the Thule of the ancients*, etc. E é o *Diccionario* que estropia titulos de livros e nomes de auctores!

Para concluir quanto á obra de Francisque-Michel, notarei que o abalisado philologo poderia ter visto em Bluteau, *Vocabulario*, art. *Gira* (« palavra que é desconhecida a todas as edades da lingua », assevera J. Pedro Ribeiro), *Giria ou Gira* do *Supplemento*, duas listas mais copiosas de expressões da nossa gira popular.

« Por mais que os grammaticos legislem e pretendam immobilizar as linguas com as regras por elles inventadas, e que quasi sempre não são mais que a má expressão de um facto, ellas seguem incessantemente o curso de suas transformações ».

As linguas são variaveis, quem o nega? « É um facto conhecidissimo — diz em outra parte o sr. Adolpho Coelho —; nunca se duvidou d'elle; não valia a pena insistir numa noção elementarissima » [1]. Sim; mas um philologo illustre, que é ao mesmo tempo um luminar da sciencia medica, já observou que, como organismos vivos que são, as linguas, junctamente com uma vida e uma physiologia sua, teem tambem a sua hygiene especial. Versatil como os idiomas, o sr. Adolpho Coelho bem o reconhece, tanto que se dá pressa em accrescentar: « Quem fala ou escreve uma lingua só é obrigado a empregar as fórmas e construcções grammaticaes d'essa lingua ». E, graças a esta confissão improvisa, aqui está uma contenda que por fim pôi de accôrdo as opiniões dissidentes, e na qual, como na peça do tragico inglês, tudo está bem porque tudo acaba em bem.

Mais algum acatamento ás fórmas e construcções grammaticaes, eis ahi, eis o que se principiou por pedir ao sr. Adolpho Coelho. Desejou-se-lhe depois alguma cortezia de linguagem. Entendeu-se que o respeito para com os vivos, que alguma consideração para com mortos não eram absolutamente inconciliaveis com a sciencia. Imaginou-se que, *para dar-nos*, como V. Ex. diz, *a peregrina novidade de que o português vem do latim* [2], não havia, em rigor, necessidade de injuriar a quantos em Portugal exercitam a profissão das lettras.

[1] [« Na sciencia da linguagem a primeira idea, o primeiro principio é que a linguagem se transforma ». F. Adolpho Coelho, *Introducção* ao *Grande Dicc. port.*, 1872, pag. XVII.]

[2] « E o mais çerto sinál que o Romano póde dár ser Espanha sudita ao seu imperio, nã serã suas corónicas e escrituras, cá estas, muitas uezes sã fauoráuees ao senhor de quẽ fálam: mas a sua linguágem que nos ficou em testimunho de sua uitoria ». João de Barros, *Dialogo em lovvor da nossa lingvagem*, Lisboa, 1540 (*Compilação de varias obras*, 1785, pag. 229). — « Mas o Latim, que naquelles tẽpos, & outros muytos despoys, se fallou ẽ Portugal, nã era puro, nẽ gramatical, como vemos ẽ muytas doaçoẽs, que nossos istoriadores trazem ẽ

Vejamos agora em que termos o sr. Adolpho Coelho julgou airoso e digno de si reconvir:

« Só num paiz como o nosso, onde nunca se soube o que seja critica, e os idolos litterarios andam involvidos em constante atmosphera de incenso; onde a educação intellectual produz o servilismo das opiniões, amesquinha os espiritos, tornando-os incapazes de se emancipar dos preconceitos, é que póde haver um academico assás inepto para publicar essas palavras que acabo de transcrever. Nem uma palavra para provar que sejam falsas as minhas asserções acêrca da ignorancia que em Portugal existe dos trabalhos da moderna sciencia das linguas; dos erros de Ribeiro dos Sanctos, cardial Saraiva, João Pedro Ribeiro sôbre a origem da nossa lingua; das etymologias absurdas e ridiculas que se encontram no *Diccionario* do sr. D. José de Lacerda; do meu juizo acêrca do livro do sr. Leoni; ou para provar, por exemplo, que as opiniões relativas ao latim vulgar, expressas na *Introducção* da *Historia de Portugal* do sr. A. Herculano, não sejam erroneas. Provar é proprio dos espiritos logicos; comprehende-se, pois, que o sr. Innocencio só declame e não prove ».

O bôjo d'esta formidavel objurgatoria, já que o não posso comparar com o do cavallo grego, origem das desgraças de Troia, consideral-o-hei similhante ás fortalezas pintadas das guerras da China.

De loin c'est quelque chose, et de près ce n'est rien.

Examinemol-o por ponctos.

1°. *Ignorancia dos trabalhos da moderna sciencia das linguas.* — Subministram provas contra esta asserção:

suas obras.... Mas como quer que fosse, da Lingua Latina, ou Romana, teve principio, & nome o Romance, de que agora usamos. & he cõmũ parecer entre todos os doutos; & o mesmo sentem da sua os Francezes: donde ũ antigo Poeta, alegado de Antonio Dominico, ẽ o seu Assertor Gallicus, c. 9. disse.

Vn Clerc de Chasteaudun Lambert Licors la fit,
Qui de Latin la trest, & en Roman la mit ».

J. Franco Barreto, *Ortografia da lingva portvgveza*, Lisboa, 1671, pag. 27.

As *Reflexões ethnographicas, philologicas e historicas a proposito de uma publicação recente sôbre a origem celtica da lingua portuguesa* (*Panorama*, 1844), onde o sr. Alexandre Herculano, reportando-se á opinião de que as linguas da Europa chamadas mães ou primitivas teem uma origem commum — « o sanskrit, ou um mais antigo idioma que o gerou, e tambem ao grego, ao latim, ao teutonico, ao slavo e ao celtico » [1] — se mostra familiar com as elucubrações dos philologos de Allemanha e Inglaterra.

A *Oração inaugural na abertura do Curso Superior de Lettras em* 1862, pelo sr. visconde de Paiva Manso. Ahi apparecem nomencladas as publicações capitaes relativas ás linguas e litteratura da India. Entre outros, são os nomes de Schlegel, Bopp, Lassen, Kuhn, Pott, Aufrecht, Böhtlingk, Dorn, Oppert, Pictet, Eichhoff, Dumast, Renan, Whitney e Ascoli invocados em apoio das noções da moderna philologia; e os de Creuzer, Görres, Max Müller, Roth, Windischmann, Mannhardt, Benfey e Alfredo Maury allumiam a iniciação nos resultados da mythologia comparada.

A serie de artigos insertos pelo sr. dr. Rodrigues de Gusmão na *Gazeta de Portugal* (julho de 1864), onde, tractando do discurso publicado por D. Pedro Monlau com o titulo *Del arcaismo y el neologismo*, e analysando-o á luz das doutrinas modernamente recebidas sôbre a origem e formação das linguas

[1] As ideas actuaes sôbre o parentesco do grego, do latim e do sanskrito estão claramente expostas nestas palavras de Max Müller:

« Sanskrit is not the mother of Greek and Latin, as Latin is of French and Italian. Sanskrit, Greek, and Latin are sisters, varieties of one and the same type. They all point to some earlier stage when they were less different from each other than they now are; but no more. All we can say in favour of Sanskrit is, that it is the eldest sister; that it has retained many words and forms less changed and corrupted than Greek and Latin.... The only distinction which Sanskrit is entitled to claim is that which Austria used to claim in the German Confederation — to be the first among equals, *primus inter pares* ». (*Lectures on the science of language*, 6ª ed., 1871, t. II, pag. 449.) — « When Sanskrit had once assumed its right position, when people had once become familiarised with the idea that there must have existed a language more primitive than Greek, Latin, and Sanskrit, and forming the common background of these three, as well as of the Teutonic, Celtic, and Slavonic branches of speech, all languages seemed to fall by themselves into their right position ». (Tom. I, pag. 194.)

que os nossos maiores diziam *romances* [1], e que hoje chamâmos *novolatinas* [2], *romanas* [3], ou tambem *romanicas* [4], se mostra profundamente imbebido nas ideas do seu auctor, já de antes acreditado como philologo pelo ensaio do *Diccionario etimológico de la lengua castellana*, Madrid, 1856.

[1] « ... ate a vinda dos Vandalos, Alanos, Godos, & Sueuos, & outros barbaros que aos Romanos succederaõ, & corromperaõ a lingoa Latina com a sua, & a misturaraõ de muitos vocabulos assi seus como de outras nações barbaras que consigo trouxeraõ, de que se veo fazer a lingoa que oje fallamos, que por ser lingoa, que tem fundamentos da Romana, ainda que corrupta lhe chamamos oje *Romance* ». DUARTE NUNES DO LIÃO, *Origem da lingoa portvgvesa*, 1606 (pag. 31 da ed. de 1784).

[2] « Depuis quelque temps, sous prétexte que *néolatin* est un mot hybride, on dit souvent *novolatines*, mot encore plus barbare, car ce composé est contraire au génie de la langue latine ». GASTON PARIS, *Introduction à la Grammaire des langues romanes* de F. Diez, 1863, pag. 90.

[3] « Os romanos chamavam *latina* a sua lingua; *romana* vem apenas uma vez em versos citados por Plinio, *Hist. nat.*, 31,2 [leia 31,3] e raramente se encontra tambem na edade media (cf. A. W. Schlegel, *Observ.*, not. 24). *Romanische Sprachen* [*linguas romanicas*] é expressão adoptada só modernamente, e na Allemanha, para denominação geral de todas as que procederam do latim. Cada uma d'essas linguas se arrogava outr'ora aquella designação. O antigo trovador Jaufre Rudel, por exemplo, diz do provençal (Bartsch, *Chrest. prov.*, 62):

> Senes breu de pargamina
> tramet lo vers que chantam,
> plan et en lenga romana.

Ou Berceo, p. 1, falando do hispanhol: « Quiero fer una prosa en roman paladino » [*roman paladino*, o mesmo que *romance vulgar e corrente*, segundo Ticknor; *palatino*, isto é, de palacio, diz Sarmiento]. Mais usual para significar *lingua romana* era porêm (vej. os exemplos em Raynouard, *Choix*, VI, 371), o substantivo do provençal e do antigo francês *romans*, hispanhol *romance*, italiano *romanzo*, formado do adverbio *romanice*, posto não fosse uso dizer *lingua romanica*, e latinizado *romancium*: d'ahi o verbo provençal *romanzar*, romancear. Raynouard, que por *langue romane* entendia unicamente o provençal, para as designar genericamente servia-se da periphrase *langues de l'Europe latine*, e por ultimo do composto *néolatines*, que achou mais acceitação ». F r i d e r i c o D i e z, *Grammatik der romanischen Sprachen*, 3ª ed., t. I, 1870, pag. 73. — « La locution latine « *lingua romana* » désignait sous les Carlovingiens, la langue française naissante, le latin *rustique* par opposition à « *lingua latina* », qui désignait le latin *classique* ». A. B r a c h e t, *Dictionnaire étymologique de la langue française* (1870), art. *Roman*.

[4] Exemplos d'esta variedade de designações:
« Primeiro a Provença, a *provincia* por antonomasia, que fôra exempta das guerras e mal tocada pela conquista, depois a reacção dos eruditos, continuada sempre, e crescente até o seculo XVI e talvez

O estudo do sr. Julio Caldas sôbre a *Composição do artigo « pelo »*, em defesa de uma asserção da *Grammatica nacional*. Adverte, depois de apresentar um quadro dos artigos nos principaes dialectos neolatinos: « Agora era o logar de citar sôbre a formação do artigo *pelo* o parecer dos philologos que lá fóra teem escripto e estão escrevendo sôbre a formação das linguas romanas, e com o seu voto auctorizar a nossa doutrina ». (*Gazeta de Portugal*, 14 de fevereiro de 1865.)

E finalmente as observações do sr. dr. Pereira Caldas acêrca do opusculo descripto sob nº A, 2586 do *Diccionario* (t. VIII, 1867), nas quaes nos depara a indicação dos trabalhos grammaticaes executados pelos hellenistas modernos (não todos nem os principaes) que em Allemanha e França deram novo rumo philosophico ao estudo do grego [1].

até hoje, retrotrahiram a lingua *roman* para a lingua *romana*: latinizaram mais e mais o degenerado romance para a sua origem; mas não foi dar-lhe um character que elle não tivesse, foi apurar-lhe o character que se lhe alterára». Garrett, Carta aos auctores do *Opusculo acêrca da origem da lingua portuguesa*, 1844, pag. xv.— « Querem alguns, como Raynouard, que o provençal, idioma dos trovadores, fosse a verdadeira lingua romance, typo uno e antigo de todas as mais. Outros impugnam formalmente essa unidade dos dialectos *néo-latinos*». Mendes Leal, *As duas Peninsulas* (*America*, vol. III, 1871, pag. 72). — « Na reconstrucção classica das linguas modernas, e principalmente nas que chamam *neo-romanas*, ou nas do meio-dia da Europa, esquecemo'-nos de que á orthographia andava ligada, como parte essencial, a orthoépia e a prosodia dos idiomas classicos». Latino Coelho, *Instrucção popular* (*O Panorama*, 1852, pag. 407). — « Muratori não attendeu a que estes tres seculos da edade media foram um periodo de elaboração, lenta, sim, mas poderosa e fecunda; periodo durante o qual, segundo a nossa opinião, começou a adherencia dos idiomas locaes á lingua da sociedade romana, já modificados por esta, já modificando-a, até que, fundidos, dão as novas linguas, a que, pela sua ligação com a *alma mater*, chamâmos ainda linguas *romanas* ou *romances*». A. Soromenho, *Origem da lingua portuguesa*, 1867, pag. 18. — « Os escriptos de Fuchs, de Lemcke, de Wentrupp, de Biondelli, de Hammer, de Delius, de Corssen, teem contribuido poderosamente para esclarecer as origens das cinco linguas *romanicas* ainda hoje vivas, o italiano, o portuguès, o castelhano, o francês e o walachio, e d'esta linguagem onde se escreveram tantos e tão formosos monumentos litterarios, o antigo provençal». Latino Coelho, *Relatorio da commissão encarregada de propor á Academia Real das Sciencias de Lisboa o modo de levar a effeito a publicação do Diccionario da lingua portuguesa*, 1870, pag. 17.

[1] Nesta resenha, forçosamente defectiva, caberia um dos primeiros logares ao sr. José Gomes Monteiro, se por fortuna tivessem vindo a lume os seus escriptos, maiormente o estudo acêrca do *Amadis de Gaula*, cuja publicação já em 1849, na *Carta sôbre a situação da ilha de*

Isto quanto aos escriptores vivos. D'aquelles cujo nome a morte apagou bastar-me-ha aponctar o insignissimo linguista Gomes de Moura, e um unico dos seus livros, a *Noticia succincta dos monumentos da lingua latina*. Dez paginas da introducção offerecem, só de seu, uma exposição completa dos principios mais adeantados da sciencia philologica. Referindo-os summariamente:

Opiniões sôbre a questão da origem da linguagem, estudada desde Lucrecio até Herder (§§ 7-13). Phenomenos da alteração das linguas. Dialectos portuguezes [1] (§§ 18 e 19). Theoria da affinidade. A Europa deve á Asia suas linguas diversas, assim como sua população, e em geral suas opiniões, sciencias

Venus, nos promettia para breve. Ouviremos a este proposito o depoimento de dous escriptores insuspeitos, o auctor do *Diwan* e o auctor da *Visão dos tempos*:

« Incansavel na investigação dos nossos monumentos litterarios, e tendo o dom da critica num grau apuradissimo, J. Gomes Monteiro é sem duvida aquelle a quem mais competia escrever a historia litteraria de Portugal. O seu estudo sôbre o Amadis de Gaula é um trabalho de incrivel paciencia, um archivo da melhor e mais vasta erudição, um modelo da mais fina critica litteraria. Quem conhecer a difficuldade de ir buscar e indagar a origem d'este livro, para o que é necessario largo conhecimento das linguas e litteratura provençaes, avaliará o trabalho que lhe terá dado. A critica mais exigente não terá por certo que notar nesta obra, que é ao mesmo tempo um estudo sôbre o romance de cavallaria, sôbre a sua significação e importancia na litteratura de edade média, e sôbre a formação das linguas do meio-dia, e seus mais preciosos monumentos ». A. Soromenho (Abd-Allah), *Revista litteraria do Porto (Revista Peninsular*, II, 1856-57, pag. 312).

« A renascença em Portugal deve-se a tres homens, Garrett, Alexandre Herculano e José Gomes Monteiro. A falta de ambições, a despreoccupação de si, uma abnegação quasi indesculpavel, fizeram com que o restaurador de Gil Vicente não atirasse á luz a sequencia das suas explorações; não veiu tomar a parte que lhe competia na aureola de gloria que cinge os nossos dous maiores vultos litterarios. Este descuido fez com que o desmerecessem; não quizeram acreditar na boa fé dos seus thesouros. Firme no seu plano, José Gomes Monteiro continuou a preparar os subsidios para a *Historia litteraria de Portugal*; era essencial um trabalho sôbre a formação da lingua, fundou-o sôbre os monumentos primitivos de poesia, sôbre as cartas dos foraes, sôbre as locuções da litteratura culta, coadjuvado pelas descobertas recentes, e pela direcção scientifica que nesse tempo começára a tomar a linguistica ». Theophilo Braga, *J. Gomes Monteiro (Revista contemporanea de Portugal e Brazil*, V, 1864, pag. 236).

[1] Profundo desaccordo na questão: Que vem a ser um dialecto? aparta desde logo Renan do auctor da *Grammaire de la langue d'oïl*. Antes de assignalar o equivoco dos que imaginam serem em toda a parte os dialectos corrupções da linguagem litteraria, estabelece Max Müller a necessidade de determinar o que elle entende por dialecto. Whitney não hesita em declarar erroneas as opiniões professadas

verdadeiras e falsas, artes e usos (§ 17). Intuitos, alcance e utilidade da comparação do maior numero de linguas, como fundamento da sciencia etymologica e fonte da theoria philosophica da grammatica (§§ 21 e 26). Difficuldades. Processo de averiguação *a posteriori ad prius* (§ 15). Vicio de antigos systemas; falsidade ou incerteza de etymologias que passavam por exactas. Principios demasiadamente universaes que a comparação

neste assumpto por Max Müller e Renan, e ás doutrinas de ambos oppõi o seu aphorismo: « Dialectic variety implies original unity ». (*Language and the study of language*, 1867, pag. 176.)

Um escriptor nosso de grande nome observa que a lingua portuguesa, quasi unica e indivisa, apresenta o phenomeno singular de não ter um só dialecto provincial bem characterizado e distincto. Outro diz: « Em muitos reinos da Asia, principalmente nos portos maritimos, se fala um dialecto português, como linguagem commum entre aquelles povos, quasi da mesma maneira que na Europa nos servimos do francês ». Analogamente affirma, tractando do português, um auctor extrangeiro: « Soit sur le continent, soit dans les colonies, il n'offre pas de dialectes, mais seulement des variétés. Il a produit un jargon analogue à la langue franque, jargon nommé *lingoa geral*, et parlé sur les côtés orientale et occidentale de l'Afrique, et le long des côtes de Ceylan et des Indes ». Diefenbach, antes de todos, declarára: « Não podêmos mencionar differenças importantes de dialecto, salvo se quizermos exceptuar a lingua vulgar da provincia hispanhola Galliza... Nas Indias occidentaes, onde se fala ainda muito o português, formou-se em alguns logares uma mixtura com o indiano; e assim tambem na America ». (*Ueber die jetzigen romanischen Schriftsprachen*, 1831, pag. 39). Á sua parte, o sr. Adolpho Coelho entende que ha verdadeiros dialectos portugueses: « O gallego, por exemplo, não é um dialecto hispanhol, mas sim um dialecto português, mais proximo do falar de D. Dinis que a nossa linguagem de hoje, assim como o dialecto de Ceylão, que é não como se imaginou uma corrupção da nossa lingua, mas no essencial bom português archaico ». (*A lingua portuguesa*, pag. IV.)

Faltaram-me absolutamente elementos para o exame d'esta ultima especie. Brunet (VI, 5ª ed.) descreve sob nº 11179 um livro que não pude ver: *Primeiros ensinos ne lingua portugueza de ilha de Ceylon, first instructions in the Ceylon portuguese language, segundo vez impressado, de W. B. Fox*, Colombo, 1818. E um catalogo de livros de philologia oriental publicado em 1866 menciona a seguinte versão em « indo-português »: *Biblia. O Novo Testamento de Nossa Senhor e Salvador Jesus Christo, traduzido ne indo-portugueza*, Colombo, officina de Missaõ Wesleyano, 1852. Na introducção á *Grammatica da lingua concani* do padre Thomás Estevam (2ª ed., Nova-Goa, 1857) leio porêm as seguintes palavras do sr. conselheiro Rivara, respondendo á observação de Erskine Perry, que dá a lingua inglesa pela mais apta para formar uma *lingua franca* na India: « Parece-nos que este problema já está resolvido, ou pelo menos proximo de sua resolução desde muito tempo; e que a *lingua franca* adoptada é a portuguesa. Esta lingua fala-se e é vulgar desde o Guzerate até ao cabo Comorim. Não é desconhecida na costa de Coromandel até Bengala. É commum, com maior ou menor pureza, em Ceylão, no archipelago Malaio e na China. Entende-se em Sião e em varios gruppos dos archipelagos Oceanicos, etc., etc. ». (Pag. XXVI.)

É frequentemente referido para o estudo do idioma de Ceylão

mais ampla das linguas convenceu de falsos (§§ 21 e 24). Exemplificações da doutrina da comparação (§§ 20 e 25).

O § 22, *Criterio das verdades etymologicas*, é decisivo. Transcrevo-o por integra: « Esta sciencia é em grande parte conjectural; mas, se as conjecturas etymologicas se apoiam em exemplos multiplicados, chronologicamente seguidos passo a passo no idioma em que a palavra controvertida tem sua familia, e bem assim nas linguas sôbre tudo as mais analogas a este idioma, mais antigas que elle, ou ao menos contemporaneas ao mesmo; emfim, se os factos da historia, os usos e as opiniões concertam harmonicamente com estas deducções philologicas, em tal caso aquellas conjecturas, desinvolvidas e corroboradas por criticos judiciosos e de erudição vasta e profunda, podem converter-se em probabilidades vehementes, e até entrar na ordem de *verdades demonstradas* ».

Dos principios que separam a moderna da antiga philologia, dos tres instrumentos de observação que a sciencia actual emprega para o estudo dos mais delicados phenomenos linguisticos, dous, a *historia* e a *comparação*[1], ahi os vemos indicados. Faltava o terceiro, a *phonetica*. O § 381, consagrado a expor a lei da transmutação das lettras, e a apresentar um paradigma de

(*chingalez*, *chingulês*, *cingalês*, *singhalez*, *singhala*, *sinhala*, *sinhalea*: de todos estes modos se acha o nome escripto) o vocabulario de Callaway: *A Vocabulary; with useful phrases, and familiar dialogues; in the English, Portuguese, and Cingalese languages*, Colombo, 1818. A esse afastado ramo do tronco dravidiano (?) chama o nosso Barros (*Decada* III, l. II, cap. I) « lingua chingálla », do proprio nome dos povos que a falam, *chingállas*, e que o auctor da noticia intitulada *Fatalidade historica da ilha de Ceylão*, João Ribeiro, lê com differente accento *chingalás*.

Acêrca dos nossos dialectos promette-nos o sr. Adolpho Coelho um appendix *que é trabalho inteiramente novo*. Em boa hora venha; pois com razão podêmos dizer pelo português o que da sua lingua considera Miguel Bréal: « Il n'est point de patois, si obscur et si humble qu'il paraisse, qui ne devienne précieux aux yeux de l'historien et cher à un patriotisme intelligent, si nous songeons que chaque dialecte contient une portion de notre passé et représente une des facettes du génie national ». (*Les idées latentes du langage*, 1868, pag. 6.)

[1] « É evidente que, quando se tracta de determinar as fontes d'onde provém a lingua portuguesa, por exemplo, tal qual ella se fala e escreve actualmente, é mister distinguir os primeiros rudimentos que no momento da fundação da monarchia, e creação do nome português, constituiam a linguagem dos christãos habitantes do pays; porque tudo o que depois accresceu, e sem o que aquella linguagem não teria chegado a ser, como hoje é, uma lingua digna de rivalizar com as mais cultas,

radicaes comparados, vem inteirar este complexo de doutrinas. Abrindo o livro na passagem respectiva, cuida-se ter deante dos olhos uma pagina de Schleicher ou Leo Meyer. O auctor, no decurso do seu trabalho, teve acaso conhecimento da *Grammatica alleman* de Grimm, começada a publicar em 1819?

2º. *Erros de Ribeiro dos Sanctos, cardial Saraiva, João Pedro Ribeiro sôbre a origem da nossa lingua.* — Nenhuma razão de urgencia ou de interesse litterario aconselhava a insistir numa questão vencida. O erro d'aquelles homens eminentes, erro commum a uma eschola que ainda vive [1], tinha sido demonstrado na refutação anonyma *A lingua portuguesa é filha da latina,* na *Historia de Portugal*, no estudo de J. Januario de Torres e Almeida, no *Genio da lingua portuguesa*, e mais recentemente na these escripta pelo sr. Augusto Soromenho para o concurso da cadeira de litteratura moderna no Curso Superior de Lettras.

Mas o sr. Adolpho Coelho, encarecendo *as suas asserções* como se foram outros tantos achados ou conclusões novas,

derivou-o, não já d'essa fonte primitiva, mas d'aquellas aonde foram beber os escriptores que desde os principios do seculo XVI começaram a acepilhal-a da rudeza que até então a desfigurava.

« Parece-nos que, observado este methodo analytico e systematico no exame das affinidades de cada um dos elementos grammaticaes e logicos da lingua portuguesa com as extrangeiras, mais antigas do que ella ou suas coetaneas, se poderá mais facilmente determinar, do que pelo methodo vago e desultorio que até agora se tem seguido, o que tem ido recebendo das linguas suas coevas, e o que, chegando-se á epocha d'onde dista a sua origem, ella recebêra de cada um dos povos que em differentes tempos conquistaram o pays, e, segundo a sua maior ou menor demora nelle, se amalgamaram com os descendentes dos autochthones ». SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA, *Origens e affinidades das linguas em geral e da portuguesa em particular*, artigo posthumo (*Revista Peninsular*, II, 1856-1857, pag. 509).

[1] Brachet, *Dictionnaire étymologique de la langue française* (1870), pag. XXXVII; L. Leger, *La celtomanie et les études celtiques* (*Revue des cours littéraires*, VII, 1869-1870, pag. 618).

« M. d'Omalius a repris la thèse soutenue d'abord en France par M. Henrici, puis en Angleterre par Latham. Ces deux auteurs vont même plus loin que notre savant collègue. Le premier, admettant, comme M. d'Omalius, que les événements ont toujours suivi le même cours, affirme que l'*Occident* a toujours envahi l'*Orient*. Par suite, il est porté à regarder le sanscrit comme dérivant du celtique; il n'hésite pas à regarder toutes les langues dites *néo-latines* comme des filles de la langue *celto-ligure* ou *gauloise*, simple dialecte du vieux celtique, conservé encore de nos jours sous le nom de *langue provençale*; il regarde le latin lui-même comme engendré directement par cette

instiga-me a reconsideral-as. Achados novos são, com effeito, ao que vamos ver.

« Uma hypothese tal [a da origem da nossa lingua] era propria para attrahir quem se quizesse considerar sem grande trabalho superior ao vulgar. Dous eruditos contemporaneos de Ribeiro dos Santos, Antonio Caetano do Amaral e João Pedro Ribeiro, deixaram-se seduzir por ella, tendo recebido a luz nova d'aquelle seu collega, que foi por elles olhado como um philologo profundissimo [1]; e Caetano do Amaral numa humilde nota de uma memoria (Mem. de litt. port. t. VII, p. 216, n. 271 — 1806), e Pedro Ribeiro na obra mais valiosa

langue mère, qui aurait en outre considérablement agi sur le grec. Il fait donc cheminer les peuples et les langues d'Occident en Orient. Quant à Latham, il reconnaît que l'Histoire est muette sur les premières migrations; mais, recourant à la méthode *à priori*, il pense qu'elles ont dû avoir lieu de l'aire la plus étendue vers l'aire la plus resserrée, et il conclut que le siége premier du sanscrit a dû être à l'est ou au sud-est des contrées où se parle le lithuanien, et que son origine est européenne ». A. DE QUATREFAGES, *Rapport sur les progrès de l'anthropologie*, 1867, pag. 481.

[« C'est ainsi qu'un écrivain de l'école druidique, M. Terrien, a retrouvé la Gaule dans le lac de *Gal*-ilée et en a tiré la conclusion que Jésus-Christ était Celte! » H. Gaidoz, *Revue celtique*, I, 1870-1872, pag. 467. — « Cette publication de M. de Belloguet, justement honorée du premier prix Gobert par l'Académie des Inscriptions, porte partout l'empreinte d'un effort vigoureux pour faire sortir les études celtiques des traditions fantaisistes où elles se traînent littérairement et poétiquement chez nous depuis le commencement de ce siècle en voilant pour ainsi dire d'un rideau de fleurs l'abîme de notre ignorance ». H. d'Arbois de Jubainville, o. c., pag. 457. — « C'est en vain que des critiques éminents (M. Alfred Maury, par exemple) ont déclaré que les recherches de M. de Belloguet mettaient à néant le fameux système des Galls et des Kymris, imaginé par M. Amédée Thierry.... Notre histoire, telle qu'elle est racontée dans nos ouvrages classiques, est encore empoisonnée à sa source celtique, et les écrivains que leur science, leur talent et leur critique tiennent d'ordinaire sur la bonne voie se laissent égarer, dès qu'ils ont mis le pied sur le sol de la Gaule, par des revenants contre lesquels la critique moderne a pourtant trouvé des exorcismes. Témoin l'illustre M. Guizot qui, dans l'*Histoire de France racontée à mes enfants*, a malencontreusement repris cette théorie de la dualité de la race gauloise (Galls et Kymris), dont l'*Ethnogénie gauloise* de M. de Belloguet a montré l'inanité ». H. Gàidoz, *Revue politique et littéraire*, 1872, pag. 427.]

[1] « A philologia portuguesa morreu á nascença e pouco chegou a produzir que tenha valor. Neves Pereira, Dias Gomes, Aragão Morato (Francisco), Correia da Serra eram homens superiores á eschola em que se filiavam. Se tivessem vindo trinta annos mais tarde, o estado das nossas lettras seria por certo menos desconsolador ». F. ADOLPHO COELHO, *Estudo sôbre os cancioneiros portugueses (Jornal litterario*, I, 1869, pag. 81).

que nos deixou (Dissertações chronologicas e criticas, etc., t. I, p. 177 sqq. — 1810) declararam-se sem rebuço pela idea da origem celtica do português, antes mesmo do mestre »[1]. (*A Lingua portuguesa*, pag. XIV.)

A nota de Antonio Caetano do Amaral, nota não só humilde, senão timida e como que medrosa, diz, alludindo aos vocabulos do idioma patrio que frequentemente apparecem substituidos aos latinos nas antigas escripturas de doações e em outros contractos: « Muitas d'estas palavras do idioma vulgar não teem similhança nem analogia alguma com as latinas. O que parece favorecer a opinião que defende não ser originada da lingua latina a vulgar das Hispanhas, na qual discussão não entrâmos, por não ser este o seu logar competente ». (Pag. 212, nota 271.)

Não querer entrar na discussão, julgar que tal ou tal indicio *parece favorecer* uma idea enunciada, a isto chama o sr. Adolpho Coelho *declarar-se sem rebuço* pela idea!

Do seu lado, João Pedro Ribeiro, que vem referindo, em sentido divergente da sua, a opinião de Terreros, escreve: « Eu porêm me persuado que a lingua original dos hispanhoes se não extinguiu com a dominação dos romanos; antes, conservando-se tambem através da dominação dos godos, suevos e

[1] « Porêm o maior de todos os esforços que teem sido feitos nesta epocha para se entrar a fundo no conhecimento da lingua foi a obra do academico Ribeiro dos Sanctos. Esta historia philosophica da lingua portuguesa analysava por meio de documentos historicos cada um dos materiaes que haviam entrado na sua composição, e as circumstancias que tinham influido sôbre a sua fórma actual. Os romanos, os povos do norte, os arabes tinham successivamente modificado a lingua por elles encontrada no pays, e esta lingua era na sua origem celtica. O academico Ribeiro dá a cada um o que lhe pertence e faz profundas observações sôbre os resultados d'esta composição, quero dizer, sôbre a lingua actual, a qual não é um dialecto da castelhana, como muitos auctores extrangeiros teem pretendido; pois que as mais antigas poesias hispanholas, por exemplo as de Macias, anteriores á monarchia portuguesa [veja as observações de Torres e Almeida no vol. I do *Instituto*, 1853, pag. 172] foram escriptas em português. Este sabio, nascido para brilhar sôbre um theatro mais amplo, é de todos os homens o menos accelerado em fazer publicos os seus trabalhos: elle communicou á Academia todas as particularidades da obra de que estamos falando, mas não a tinha publicado até o anno de 1795, nem ainda até hoje tem sahido á luz ». J. Correia da Serra, *Memoria ou vista rapida sôbre o estado das sciencias e das bellas-lettras em Portugal*, 1804, trad. de F. Freire de Carvalho (*Primeiro Ensaio sôbre historia litteraria de Portugal*, 1845, pag. 433).

arabes, foi neste quarto periodo que se subdividiu em castelhana, gallega, etc. As provas d'esta proposição não cabem nos limites de uma breve dissertação. Bullet, no prefacio do seu Diccionario Celtico, o demonstra, e melhor se poderá ver nas eruditas obras a este respeito de meu mestre o sr. Antonio Ribeiro dos Sanctos, logo que se publiquem pelo prelo ». (*Dissertações*, t. I, pag. 179.)

O auctor *persuade-se*, por outra, inclina-se a admittir, a crer verdadeira a demonstração de Bullet, demonstração a que os mesmos documentos produzidos para diverso fim no livro de J. Pedro Ribeiro parece darem força. Tão longe está, porêm, de a receber cegamente, que logo após, nota 5, accrescenta: « Não pretendo abonar em geral a origem celtica que Bullet attribue a muitos nomes de povoações, montes e rios de Portugal: bastará lembrar que *Villa de Conde* teve este titulo muito modernamente, e Bullet o deriva de origem celtica ».

Passa depois o sr. Adolpho Coelho a explicar-nos como nenhum d'aquelles tres eruditos chegou a publicar os principios em que fundamentavam a sua opinião; como havia dissidentes d'esta entre os seus *proprios* collegas da Academia; como o *proprio* Ribeiro dos Sanctos se *limitou simplesmente* a exprimil-a numa memoria em que, fiel ao seu systema, vai escutar os primeiros vagidos da nossa poesia entre os turdetanos. O que tudo remata com a seguinte affirmativa, da mais flagrante e lastimosa inanidade: « Os seus manuscriptos philologicos conservados fielmente na Bibliotheca Nacional de Lisboa não nos dizem como elle pretendia demonstrar a intrincada these: é tudo nelles fragmentado, desconnexo como obra de um espirito incapaz de chegar á synthese ». (Pag. XV.)

Como! Duas linhas abaixo o sr. Adolpho Coelho ajuncta: « Não entraremos aqui na analyse d'esse labyrintho de conjecturas e contradicções, de esforços vãos para demonstrar theses absurdas: seria trabalho inutil, completamente inutil. » Isto é, reconhece os esforços do auctor para demonstrar a sua these, e ao mesmo tempo declara que os manuscriptos não nos dizem como a pretendia demonstrar! Não o dizem, e a elles refere João Pedro Ribeiro essa demonstração! E os srs. Andrade e Seixas, os *dous socios do Conservatorio*, abalançam-se a declarar no prologo do seu opusculo: « Um varão dos mais insignes entre

nós por seus vastos conhecimentos em muitos ramos da sciencia humana, o sr. Antonio Ribeiro dos Sanctos, subjeitou esta opinião ao exame da mais severa critica, e nas varias memorias que, em differentes sessões, leu na Academia, demonstrou, segundo nossa humilde opinião, que a lingua portuguesa não tirava sua origem da latina »!

Cumpria que a verdade, *plus ancienne que toutes les opinions qu'on en a eues*, apparecesse a entender nesta demanda. Não se affectou formosa e grande estado para sahir do seu poço. A verdade eil-a aqui.

Antonio Ribeiro dos Sanctos deixou em um dos seus manuscriptos a delineação completa do modo como intentára sustentar a theoria do celticismo. O escripto existe no archivo da Academia Real das Sciencias, e intitula-se: *Memorias para a historia das origens e progressos da lingua portuguesa.* A cópia que tenho presente enche 32 laudas de 4º maximo. Leem-se no fim as rubricas: « *José Correia da Serra.* Coimbra, 1784. — Imprima-se e volte a conferir. Mesa, 17 de maio, 1790 ». (4 assignaturas.)

Depois de algumas palavras de exordio, diz o auctor: « Havendo porêm concluido a primeira parte d'esta obra, isto é, a das origens, antes que comecemos de apresentar successivamente á Academia as memorias de que ella consta, julgâmos muito util para nós anticipar-lhe o prospecto do plano geral que seguimos nellas, fazendo aqui a simples exposição de seus artigos capitaes e da ordem por que vão distribuidos; porque do exame que d'elles fizer a Academia poderemos receber as advertencias e instrucções de que em verdade necessitâmos, ou para corrigir, ou para aperfeiçoar os trabalhos a que nos temos abalançado ».

Apresenta o summario da introducção geral; e, vindo ao assumpto da parte I: « Começâmos por dar noticia dos principaes escriptores que falaram das origens de nossa vulgar linguagem e das outras de Hispanha; de suas desvairadas opiniões, e em particular das que as derivam: 1º, do phenicio; 2º, do grego; 3º, do latim. — Exame dos seus fundamentos. Mostrâmos em geral a insufficiencia dos fundamentos e razões que tiveram para attribuirem a estas linguas a filiação e constituição fundamental das actuaes de Hispanha. — Doutrina que seguimos. Propomos depois a nossa opinião, que nos pareceu mais bem fundada que as outras, depois das muitas indagações analyticas que fizemos

nesta materia; a qual é assim: *A lingua portuguesa e todas as mais de Hispanha, quanto ao seu fundo primitivo, capital e characteristico, são dialectos, mais ou menos alterados, do nosso antigo celtico* ».

Divisão da doutrina. — Assenta aqui o auctor as tres proposições fundamentaes da sua memoria. Os prolegomenos da obra comprehendem: Noticias preliminares acêrca dos celtas; testimunhos de escriptores antigos e modernos; origem dos celtas; colonias; usos e costumes; lingua e dialectos em que antigamente se retalhava; vocabulario celtico; dialectos actuaes.

Prova I. Origem celtica dos antigos povos de Hispanha. A prova versa sôbre a geographia e as antiguidades, abrangendo, quanto áquella: « 1º, a geographia celtica da Lusitania; 2º, a geographia celtica de Betica; 3º, a geographia celtica da Tarraconense ou Celtiberia. Acompanham a cada uma d'estas tres provincias outras tantas cartas geographicas, em que vão por novo estylo distinctamente assignalados e demarcados os povos celtas com as denominações particulares com que foram geralmente conhecidos ». Segue-se o exame dos argumentos em contrario.

Na segunda parte da prova, referente ás antiguidades de Hispanha, promette-se o auctor a mais escrupulosa critica: « Cuidâmos muito.... 5º, finalmente: que as combinações nestes artigos sejam sempre analogas, naturaes, e sem violencia, não se attribuindo jamais nem a uns nem a outros cousa alguma que não seja apoiada sôbre a fé dos antigos classicos. — Para formar a comparação considerâmos o que foram nossos maiores, isto é, as suas ideas, os seus sentimentos, as suas inclinações particulares, e as acções exteriores que resultaram d'estes principios na ordem da religião, da moral, da constituição politica do estado, do governo domestico e economico, das artes e sciencias, e de tudo mais que constituiu o seu character, assim geral como especifico e nacional ».

Vem, logo após, a enumeração analytica das subdivisões. Um só dos ponctos, o da arte militar, pede ao auctor larga explanação: « A milicia é a parte mais notavel em que nossos hispanhoes sobremaneira se distinguiam entre todas as nações antigas, e a que nos abre vastas scenas para a comparação dos seus usos e costumes com os da gente celtica....

Entrando nos artigos de comparação, considerâmos em particular: I, a sua educação militar, em tudo similhante á dos povos celtas, isto é, ás altas ideas e sentimentos militares que os nossos tinham, e as acções e façanhas que resultavam d'elles. 1°, o seu extremado valor [?] ás armas; 2°, o continuo uso d'ellas nos mesmos tempos de paz; 3°, os seus particulares sentimentos acêrca da liberdade e da escravidão; 4°, o seu valor no accommettimento e na defesa; 5°, o demasiado desprezo que faziam da vida; 6°, a morte na guerra, havida entre elles pela só morte honrosa e digna do homem; 7°, a sua affeição e extremos assignalados por seus capitães; 8°, a sua gymnastica, e particularmente os jogos e espectaculos publicos, que fossem arremedos de guerra, para exercicio e mostras de valor e destreza; 9°, o uso dos mesmos jogos e espectaculos para provas do merecimento de cada um na pretensão de cousas de muita estima; 10°, o uso dos mesmos jogos e espectaculos para provas do direito e justiça de cada um nas suas lides e desavenças; 11°, o estylo de saltear e fazer cavalgadas nas terras alheias ».

Resultado. « Da reunião e combinação das duas partes d'esta primeira prova, isto é, da geographia celtica da Hispanha e de suas antiguidades celticas, resulta a demonstração sensivel e decisiva de que os celtas foram a gente mais antiga, mais populosa e dominante em nossa Hispanha, e, como tal, origem e tronco de nossos padres ».

Prova II. Etymologia celtica das antigas cousas de Hispanha. Pretendidas etymologias hebraicas, phenicias, gregas e latinas que se teem dado a muitos de nossos antigos nomes. « Para que nossas etymologias celticas se possam haver por exactas e apuradas, tractâmos de guardar constantemente as cautelas seguintes: 1°. Sómente admittimos aquellas etymologias que são de nomes mais antigos de que temos noticia em nossa historia. 2°. Escolhemos a maior parte d'ellas da classe d'aquelles nomes que menos alteração costumam ter, quaes os dos povos, logares, cidades, villas, rios, montes, deuses, etc. 3°. Entre estes mesmos tomâmos sómente aquelles que ou só teem no celtico valor e significação, ou se mostram tão analogos em sua derivação e composição á lingua celtica, que parece que claramente tiram d'ella. .... 6°. Cuidâmos tambem em as verificar, quanto permitte a

historia, com os nomes mais modernos que os romanos e godos, e maiormente os arabes algumas vezes lhes substituiram, cuja significação corresponde exactamente á que nós lhes damos. 7º, finalmente. Por atalharmos alguns reparos que se podiam fazer sôbre as diversas fórmas com que apparecem algumas vezes os mesmos nomes que entre si se comparam, cuidâmos em dar o extracto das reflexões philosophicas que se teem feito acêrca da analogia das lettras, e da facilidade com que ou se transtornam na ordem da composição, ou se substituem umas ás outras». Segue o prospecto do *Vocabulario etymologico*.

Resultado da prova II. « D'esta prova, pois, resulta a demonstração de que a maior parte dos nomes antigos das cousas mais notaveis de Hispanha, de que nos ficaram noticias por sua etymologia, descendem essencialmente do celtico ».

Do antigo celtico hispanhol no tempo dos romanos, das nações septemptrionaes e dos arabes. Divisão em tres epochas.

Epocha I. *Romanos*. — Provas geraes ; provas particulares e positivas. Referindo, entre os argumentos em contrario, já os que se fazem do vocabulario português, « por parecer que deriva immediatamente do latim », já os que costumam formar da analogia da grammatica das linguas de Hispanha com a latina, diz : « Quanto ao vocabulario, tractâmos de mostrar : 1º. Que muitas das palavras havidas por latinas, ou são primitivas e radicaes em todas as linguas antigas, ou transcendentes a muitas linguas entre si diversas. 2º. Que muitas nos véem da mesma fonte nativa d'onde a latina derivou as que se parecem com ellas. 3º. Que outras eram immediatamente provincianas de Hispanha, das Gallias e de outros territorios celticos, que os romanos haviam adoptado em seu tempo, dando-lhes terminação latina. 4º. Que outras eram provincianas da meia edade, que os mesmos escriptores nacionaes tomavam de sua propria lingua, barbarizando na latina em que escreviam, que, pelas encontrarmos em suas obras, e não haver d'ellas monumentos nas linguas vulgares d'aquella edade, as havemos commummente por latinas, ou derivadas e compostas do latim corrupto. 5º. Que os vocabulos verdadeiramente latinos que nós temos não teem proporção alguma com a infinidade de outros que o não são, alias antigos e characteristicos de nossa lingua e das mais de Hispanha. 6º. Que assim mesmo grande

parte d'elles foram adoptados entre nós muito depois da formação dos dialectos hispanhoes, para o que fixâmos a epocha da introducção de muitos vocabulos latinos. 7°. Que nos mesmos vocabulos latinos recebidos de muito longe em nossa lingua as differentes inflexões e variações que nossos maiores constantemente lhes davam, reduzindo-os a uma certa fórma e analogia particular, prcvam bem que subsistia entre elles uma linguagem inteiramente diversa da latina, por cujo molde refundiam tudo quanto recebiam dos latinos. — Quanto á grammatica, mostrâmos que a conformidade em muitas cousas: Foi effeito da grammatica universal e commum ás linguas cultas. 2°. Que noutras cousas nos vem a analogia com o latim da mesma fonte primitiva d'onde elle havia derivado. 3°. Que não tomámos muitas cousas essenciaes no latim, que natural era que as tomassemos, se d'elle descendesse a nossa lingua. 4°. Que temos outras muitas tão particularmente nossas, e tão capitaes e characteristicas, que não teem exemplo no latim, nem são de sua indole e natureza ».

Epocha II. *Nações septemtrionaes.* — Suevos, vandalos e alanos; godos. No tocante aos ultimos, as provas são deduzidas: « ... 8°. Da confrontação do gothico ou antigo tudesco, de que se acham monumentos na trasladação dos Evangelhos do bispo Ulfilas, e nas obras de Vulcanio.... em Scherz, e em Michaeler, com a linguagem vulgar que apparece nos primeiros monumentos que temos do romance hispanhol ; e aqui fazemos juizo sôbre a controversia da authenticidade das laminas de Granada e do Fuero Juzgo ou traducção das leis dos godos em linguagem ».

Epocha III. *Arabes.* — Provas. Exame sôbre a introducção e mixtura do arabigo. Conclue : « Ainda que todas estas cousas eram motivos bastantes para se espalhar o arabigo por nossa lingua, comtudo não tomámos d'elle tão grande parte como vulgarmente se crê ; o que confirmâmos pelo exame que fazemos das tábuas de Aldrete, de Tamarid, de Escolano, de Nunes e de outros mais, em que mostrâmos que muitas das palavras que tiveram por arabigas, ou são propriamente celticas, ou teem no celtico derivação egual, e muitas vezes mais facil, mais sensivel e immediata para se crer que nossos maiores as traziam menos do arabigo que do seu antigo celtico ».

« Resultado total. Das provas que damos nestas tres epochas concluimos: se pois o latim, a lingua dos povos septemtrionaes e o arabigo nem chegaram a ser linguas dominantes em toda a Hispanha, nem poderam alterar o antigo hispanhol de maneira que o transmudassem em outra lingua diversa, o antigo celtico não podia deixar de persistir, quanto ao seu fundo, em todo o tempo da dominação d'estas nações. É a segunda proposição que tinhamos para provar ».

Do antigo celtico hispanhol na formação da lingua portuguesa e das outras actuaes de Hispanha. Alterações do celtico. Sua divisão em dialectos. Provas geraes e particulares.

Do vasconço. « Quanto ao vasconço, considerâmos as diversas opiniões que ha acêrca da sua extensão no antigo, e em sua relação com os demais dialectos de Hispanha; de seu estado actual, e dos subsidios que temos para as combinações que fazemos d'elle com a nossa lingua ». — « Tirâmos as provas: 1º. Do character dos cantabros, dos gascões, e de outros povos da costa septemtrional de Hispanha. 2º. Da historia politica d'estes povos nas diversas revoluções de Hispanha. 3º. Do vocabulario de muitos nomes do mais puro celtico, conservados ainda hoje no vasconço com a mesma significação generica ou especifica, propria ou figurada.... 5º. Das propriedades particulares e characteristicas da lingua vascongada por que se assimelha ao celtico, no que nelle notaram os escriptores antigos. 6º. Da analogia e concordancia etymologica e grammatical que tem o vasconço com os dialectos actuaes do celtico [1], etc. ».

Lingua portuguesa. « Do vasconço passâmos finalmente a tractar da lingua portuguesa para demonstrarmos em particular a sua

[1] A pag. xv escreve o sr. Adolpho Coelho: « Noutro manuscripto intitulado « *Da filiação celtica do vasconço* » basta-lhe um escassissimo numero de palavras celticas ou pretendidas celticas que se encontram nessa lingua, que já em 1800 Hervas tinha mostrado que não tinha relação com nenhuma outra da Europa, para julgar provado que ella é puro celtico ».

Segue-se que em 1784 (annunciava já então á Academia haver concluido a serie das suas memorias) devia Antonio Ribeiro estar tanto ao cabo de um livro de 1800, que podesse prevenir-lhe as opiniões. E digo 1800 por comprazer com o sr. Adolpho Coelho; porquanto o *Catálogo de las lenguas de las naciones conocidas* foi impresso entre 1800 e 1805, e, supposto na introducção da obra se proponha a questão do vasconço,

actual filiação do celtico. Em abôno d'ella damos, alêm das razões geraes e communs aos outros dialectos actuaes de Hispanha, as seguintes provas, que assás nos parecem decisivas: 1°, um vocabu-

euskara, eskuara, cantabro ou como melhor nome haja, são os vols. III a VI os que individuadamente tractam das *Lenguas y naciones europeas*. No mesmo anno de 1784 Hervás (e não Hervas) publicára, em italiano, o resumido esbôço da obra, sob o titulo *Catalogo delle lingue conosciute e notizia della loro affinità e diversità*, um volume, o XVII da sua *Idea dell' universo*, especie de *Kosmos* do seculo XVIII; mas não é certamente a esse que o sr. Adolpho Coelho entendeu referir-se.

A. Ribeiro dos Sanctos, considerando o vasconço como dialecto do celtico, se adoptava um parecer contra o qual se podia allegar o de Leibniz (Leibnitz), acingia-se a uma opinião consagrada no seu tempo. Prova-se com as mesmas palavras de Hervás: « Camden, famoso por su historia inglesa, que Hume no ha llegado á oscurecer con la suya, aunque tan célebre.... se equivocó quando dixo que eran unas mismas las lenguas bretónica y cántabra ó bascongada. Esta equivocacion han adoptado y repetido quantos autores ingleses han tratado hasta ahora de estas lenguas, y Martiniere en el artículo *Celtes* de su diccionario geográfico autorizó dicha equivocacion con un testimonio que alega como ocular, y que verdaderamente se debe llamar ciego y falsísimo. Leibnitcio ha sido uno de los pocos autores que acertadamente han afirmado ser la lengua bascongada totalmente diversa de las demas lenguas europeas ». (*Catálogo*, I, pag. 49.) Prova-se egualmente com a observação de Max Müller no seu parallelo entre o *Catálogo* e o *Monde primitif* (*Lectures*, I [6], pag. 155, 156): « Gebelin.... speaks of Bask as a dialect of Celtic ». — « He [Hervás] had proved that Bask was not, as was commonly supposed, a Celtic dialect, but an independent language, spoken by the earliest inhabitants of Spain, as proved by the names of the Spanish mountains and rivers ».

Decidir de que lado está nesta questão a verdade, não me parece ainda agora facil empresa. Tanto que lhe occorre examinar a « physionomia dos principaes romances falados no solo de Iberia », resalva Amador de los Rios: *exceptuado siempre el antiguo euscaro, de todos desemejante.* (*Historia crítica de la literatura española*, II, 1862, pag. 404.) Bopp (*Vergleichende Grammatik*, I [2], 1857, p. 21) não sabe a que familia de linguas ha de perfilhal-o. Alfredo Maury (*La Terre et l'Homme* [3], 1869, p. 530) diz: « Le basque participe à la fois par ses procédés grammaticaux des langues africaines, ougro-japonaises et américaines; mais suivant M. H. de Charencey, il se rapproche beaucoup plus de ces dernières, particulièrement de la famille algique ». E logo depois: « Dans l'état actuel de la science, on ne peut rien décider sur l'origine de la langue euskarienne.... Elle appartient vraisemblablement à la même souche que l'idiome des Ligures et des Sicules.... Si les Ligures et les Sicules étaient originairement venus de l'Afrique septentrionale, comme on a remarqué plus haut qu'il y a lieu de le penser, le basque serait un des plus vieux représentants des idiomes libyques ».

As opiniões de Guilherme de Humboldt no celebre livro sôbre os aborigines de Hispanha (*Prüfung der Untersuchungen über die Urbewohner Hispaniens vermittelst der baskischen Sprache*, 1821) vejo-as assim resumidas em Benfey: Consiste o principal merito d'este trabalho em estabelecer, mediante a explicação dos nomes de logares antigo-hispanicos (ibericos) e outros da lingua vasconça, a identidade essencial d'esta com o iberico ou a sua derivação d'elle, e em verificar cuidadosamente a diffusão dos iberos dentro e fóra de Hispanha, assim como a sua mescla com os celtas e parcial fusão com os celti-

lario celtico-português; 2º, um diccionario harmonico do português e dos dialectos celticos; 3º, uma analyse etymologica e grammatical dos primeiros monumentos da lingua portuguesa ». Tractando

beros. Ao mesmo passo analysa o character do vasconço, e, em contrario da similhança anteriormente supposta por Severin pae, assignala á attenção a differença existente entre essa e as linguas americanas ». (*Geschichte der Sprachwissenschaft*, 1869, pag 519.) Confirmadas na *Numismatique ibèrienne* de Boudard, as ideas de Humboldt foram recentemente combatidas por Bladé, num livro, fructo de quatorze annos de investigações, *Études sur l'origine des Basques*, a cujo respeito transcreverei algumas reflexões de J. Vinson, escriptor grandemente versado no assumpto: « Dans sa première partie (*Historique et position du problème*) M. Bladé rattache les Basques actuels aux Vascons d'abord cantonnés au sud des Pyrénées qu'ils franchissent pour la première fois vers les VIe et VIIe siècles de notre ère. Les Basques, ajoute-t-il, ne descendent point des Cantabres qui étaient Celtes.... La seconde partie (*Les Basques d'après l'anthropologie, la philologie, la toponymie, la numismatique, le droit coutumier et les chants hèroïques*) est une sorte de monographie du peuple basque; M. Bladé montre qu'on ne trouve, en dehors de sa langue, rien de particulier chez ce peuple qui a subi sous tous les rapports l'influence des races qui l'ont successivement entouré ». — « M. Bladé oppose à Humboldt et à M. Boudard deux sortes d'arguments.... Par cette discussion, M. Bladé veut établir que les Celtes occupaient la plus grande partie de l'Espagne, que les Vascons seuls sont les prédécesseurs directs des Basques actuels, que par suite la langue basque n'a guère été parlée en dehors de son territoire actuel; M. Bladé refuse aussi de croire à l'existence des Celtibères ». — « Le livre de M. Bladé aura eu au moins le mérite de provoquer un nouvel examen de la question qui reste entière. Car il n'est point prouvé non plus que le basque n'a jamais dépassé son domaine actuel. Les découvertes de la science moderne qui nous a révélé les grandes migrations des peuples antiques nous font croire volontiers que le pays basque est seulement la dernière étape des peuplades euscariennes. Mais la linguistique positive ne se contente pas d'intuitions, ne se paie pas d'hypothèses, et repousse les conclusions hâtives tirées de rappochements hasardés par de subtils manipulateurs de mots ». (*Revue de linguistique et de philologie comparée*, IV, 1870-1871, pag. 56, 57, 62.)

Mas eis finalmente em que termos o problema, para esclarecer o qual as numerosas publicações do principe L. Luciano Bonaparte tanto estão contribuindo, nos apparece exposto por outro philologo applicado a resolvel-o, e cujo nome, Jacintho de Charencey, já acima vimos citado: « L'affinité de la langue basque avec celles du Nouveau-Monde, que nous nous sommes déjà efforcé de démontrer, semble bien attester l'origine européenne des nations américaines.— ...Le basque actuel est certainement un débris des idiomes en vigueur chez les races qui commencent à envahir l'Europe occidentale. Nous savons même que des dialectes voisins du basque actuel restèrent en vigueur dans l'Aquitaine et la plus grande partie de la péninsule ibérique longtemps encore après la conquête romaine. Ce sont les hommes de cette époque qui portèrent dans nos régions l'art de polir la pierre, les premiers rudiments de l'agriculture et de l'art pastoral; mais l'usage des métaux leur resta inconnu au moins pendant longtemps. Le type de l'homme de cette période est encore celui que nous retrouvons chez un grand nombre d'Européens actuels, spécialement chez les races brunes des bords de la Méditerranée. Nous sommes très-porté à voir en

em especial do *Diccionario harmonico* [1], diz: « Quanto á escolha das palavras e á sua classificação no diccionario, pomos em primeiro logar as portuguesas, e as tomâmos da classe d'aquellas que são mais antigas e fundamentaes da lingua, extrahidas de seus primeiros monumentos, e ainda de outros mais modernos que nos conservaram grande cópia de vocabulos antigos; e não só dos escriptos em linguagem, mas tambem dos que se escreveram em latim, por conterem uma boa parte das palavras portuguesas d'aquelles tempos, a que na composição se dava terminação latina. Pelo que os extractos se fizeram dos versos e cantilenas que correm entre os nossos por obras dos primeiros dias da monarchia; das leis antigas e das dos codigos ou compilações de nosso direito, assim impressos como ineditos [2]; dos foraes, das concordatas, dos artigos de côrtes, das escripturas, de testamentos, de doações e contractos e de outros titulos antigos; dos dous livros velhos das linhagens de

lui le résultat d'un mélange de la race de la pierre taillée avec l'un des rameaux de la race arienne, sans doute le rameau celtique. En effet, les noms de presque tous les animaux domestiques en basque, lorsqu'ils ne sont point, à une époque évidemment récente, empruntés soit au latin, soit aux dialectes romans, attestent une origine non-seulement indo-européenne en général, mais encore particulièrement celtique, ou plutôt celto-pélasgique.... Il faudrait donc admettre, jusqu'à plus ample informé, que Celtes et Pélasges s'étaient détachés du rameau commun vers la fin de l'époque du renne ». (*Recherches sur les noms d' animaux domestiques, de plantes cultivées et de métaux chez les Basques (Actes de la Société philologique*, I, 1869, pag. 3).

[1] *Vocabulario harmonico da lingua portuguesa e de outras muitas, nas cousas e acções proprias do estado primitivo do homem.* 2 vol. em 4º. Nº A, 1395 do *Diccionario bibliographico*. Referido entre as obras que se conservam na sala dos manuscriptos da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Nos *Primeiros traços de uma Resenha da litteratura portuguesa* (I, 220), o sr. conselheiro J. Silvestre Ribeiro, falando dos differentes escriptos de Ribeiro dos Sanctos sôbre as origens da nossa lingua, adverte: « Desgraçadamente, porêm, o que existe a similhante respeito é informe e pouco aproveitavel ». E ao mencionar o volume intitulado *Origens celticas*: « *Por augmentar e acabar*, diz uma nota escripta pela propria lettra de A. Ribeiro dos Sanctos; e o mesmo póde dizer-se a respeito de quasi todos os manuscriptos de que se compõi a *Bibliotheca Riberiana* ». Applicar-se-ha tambem esta observação ao *Vocabulario harmonico*? Similhavelmente ao que de outros refere o auctor da *Resenha*, limitar-se-hão em aponctamentos os dous volumes? Ignoro-o. O sr. Adolpho Coelho, alludindo ao mesmo corpo de manuscriptos, diz: « A ordem material é assás grande nelles para que os possamos olhar como simples aponctamentos ».

[2] « Para a serie de legislação é que existe a maior porção de materiaes. Não era só a facilidade relativa de colligir os monumentos d'esta ordem que aconselhava o dar-se-lhes o possivel impulso: eram

Portugal [1]; dos dialectos particulares das provincias; dos adagios e proverbios da lingua; dos termos particulares de nossa agricultura, da cavallaria, da armeria, da volateria, da milicia, da marinhagem, e de outras artes e cousas notaveis que entre nós

tambem as sollicitações particulares de alguns lentes da Faculdade juridica, os quaes nesta collecção esperavam encontrar valiosos subsidios para a ainda tão incompleta e obscura historia do direito patrio. Além d'isso a publicação dos foraes, que constituem uma secção d'esta serie, era de uma utilidade material evidente nas questões sôbre os antigos bens de coroa, que diariamente se agitam no fôro; devendo-se accrescentar que no estado actual das sciencias historicas o estudo das fontes do direito merece consideração especial....

« As leis geraes do reino e os costumes da *Curia Regis*, que se poderam descobrir, pertencentes á epocha que termina com o reinado de Affonso III, sobem a mais de duzentos e cinquenta monumentos legislativos. Redigidas em parte no latim barbaro d'aquelle tempo, essas leis não chegaram até nós senão em versões do seculo XIV e XV. Comparando-se os varios textos d'esta legislação, offereciam-se, não raro, versões diversas da mesma lei feitas em differentes logares e tempos, apresentando de continuo variantes, mais ou menos essenciaes, que cumpria aproveitar.... A publicação d'esta parte dos monumentos, a que só faltam as observações e notas do editor [o Sr. A. Herculano], devidamente ordenada, seria uma das mais uteis para alargar os horizontes das origens da nossa jurisprudencia ». (*Relatorio* do sr. A. de Oliveira Marreca, a p. VII da *Conta dirigida ao Ministerio do Reino pela segunda classe da Academia Real das Sciencias sôbre o estado dos trabalhos relativos á publicação dos « Monumentos historicos de Portugal » e sôbre a suspensão d'elles*, 1856.)

[1] Assim como anteviu para a historia da lingua o alcance dos monumentos primitivos da legislação, assim abrangeu Ribeiro dos Sanctos no mesmo largo olhar o alcance do estudo dos nobiliarios anteriores ao seculo XVI, primeiro que a sciencia contemporanea viesse revelar toda a importancia d'estes monumentos, e dar-nos emfim restituido á fórma authentica o mais precioso d'entre elles, o que por tantos annos andou attribuido ao conde de Barcellos.

« O Livro das Linhagens, chamado do conde D. Pedro — diz o sr. A. Herculano — é o livro, não de um homem, mas sim de um povo e de uma epocha: é uma especie de registo aristocratico, cuja origem se vai perder nas trevas que cercam o berço da monarchia. Até o ultimo quartel do seculo XV, tempo em que parece ser escripto o codice que hoje se considera como original, e que existe no Archivo do reino, cada geração ahi foi lançar um memento da sua passagem na terra; cada uma d'ellas o alterou segundo as opiniões que vogavam, e o accrescentou com os acontecimentos mais notaveis recentemente occorridos, e com as successões das familias, cujas tradições historicas e cujos direitos este livro era destinado a perpetuar.... Nas suas paginas sente-se viver a edade média: ouve-se a anecdota cortesan, de amor, de vingança ou de dissolução, como a contavam escudeiros e pagens por salas de armas, e as lendas como corriam de bocca em bocca, narradas pela velha cuvilheira juncto do lar no hynverno. Assistimos, por meio d'elle, ás façanhas dos cavalleiros em desaggravo da propria honra, aos feitos de lealdade, ás covardias dos fracos, ás insolencias dos fortes, e, emfim, a grande parte da vida intima do solar do infanção, do rico-homem e do paço real, que as chronicas raro nos revelam,

tractâmos de muitos tempos ; finalmente das obras de nossos classicos em todo o genero, maiormente dos comicos. Ás palavras portuguesas succedem por sua ordem os vocabulos dos dialectos celticos, a saber, os dos tres dialectos mais puros, quaes são : 1º, o vasconço ; 2º, o bretão insulano ; 3º, o bretão armorico. Os de outras linguas antigas e modernas, que, posto que muito demudados, conservam todavia alguma parte do antigo celtico; taes são: 1º, o pelasgo antigo; 2º, o runico e seus varios dialectos ; 3º, o teutonico ou antigo germanico e seus diversos dialectos; 4º, o francês, etc ».

« Parecerá paradoxo que o vasconço e bretão armorico, o bretão insulano e algumas outras d'estas linguas havidas até aqui entre nós por muito disparatadas e dissimilhantes de nossa lingua, poderão agora servir-lhe de apoio e de poncto de comparação para por ellas se confirmar a sua filiação actual [1], apezar da total separação e extranheza em que teem estado umas das outras, e das diversas fórmas que a differença dos tempos e dos logares teem necessariamente introduzido nellas, que assim mesmo conservam entre si tantas relações, tão intimas, tão analogas, tão sensiveis e constantes, que, não podendo de alguma sorte reputar-se casuaes, provam com evidencia seu estreito pa-

e que a historia, como o seculo XVI a reformou e poliu, achou indigna de occupar os seus periodos brilhantes moldados pelos de Sallustio e de Livio ». (*Memoria sôbre a origem provavel dos livros de linhagens*, 1854, pag. 4.)

[1] A *Grammatica* de Zeuss, que propriamente fundou a philologia celtica, foi publicada em 1853. Em 1784 já a memoria de A. Ribeiro dos Sanctos estava auctorizada para a impressão. Meio seculo depois um philologo suisso aponctava á França o caminho que importava seguir nesta ordem de explorações.

« On s'est beaucoup occupé de celtique pendant les premières années de ce siècle ; mais on l'a fait en général sans grande utilité, faute de connaissances suffisantes en grammaire comparée. Les seuls travaux de cette époque qui conservent une valeur aujourd'hui sont la *Grammaire celto-bretonne* de Le Gonidec et le *Dictionnaire breton-français* du même auteur. La grammaire a paru en 1807 et le dictionnaire en 1821. L'objet de ces deux ouvrages est simplement de faire connaître l'état actuel de la langue : l'auteur a, d'ordinaire, la prudence d'éviter des spéculations philologiques que l'étendue restreinte de ses connaissances aurait rendues bien hasardées. Mais, pour être fructueuse, l'étude ne devait pas se borner au breton actuel; elle devait remonter aux formes anciennes de ce dialecte; elle devait comprendre les autres dialectes néo-celtiques et tous les mots gaulois conservés par les auteurs anciens; elle devait enfin mettre ces débris d'une langue éteinte en regard des langues les plus anciennes de la même famille, afin de

rentesco e a derivação de uma mesma fonte e matriz commum de todas ellas » [1].

As restantes paginas da memoria conteem: Ultimas considerações sôbre o estudo comparativo dos idiomas. Traços geraes do *Vocabulario celtico-português* e da *Analyse etymologica e grammatical dos primeiros monumentos da lingua.* Conclusão.

Tal é, mas que por alto indicadas as suas partes, o escripto inedito de Antonio Ribeiro dos Sanctos.

constater les analogies et les différences, de déterminer en un mot les caractères propres de l'idiome disparu. — C'est de l'année 1837 que datent les premiers pas dans cette voie. Cette année, en effet, Le Gonidec publia, avec une traduction, la *Vie de sainte Nonne (Buhez santez Nonn)*, mystère breton, qui, suivant M. de La Villemarqué, aurait été écrit partie au XIII^e^ siècle, partie au XIV^e^.... C'est aussi en 1837 qu'a paru le mémoire de M. A. Pictet intitulé *De l'affinité des langues celtiques avec le sanscrit.* Bien que l'auteur ne soit pas français, nous n'hésitons pas à mentionner son livre, qui a été imprimé à Paris et qui a vu le jour sous le patronage de notre Académie des inscriptions et belles-lettres, puisque l'auteur ne l'a publié, comme le titre l'annonce, qu'après avoir été couronné par cette savante compagnie. Ce livre est aujourd'hui arriéré en bien des points.... Quoi qu'il en soit, l'ouvrage de M. Pictet devait apprendre deux choses aux amis des études celtiques en France: d'abord, quel avantage présentait la connaisance simultanée des dialectes néo-celtiques; ensuite, combien il était utile de comparer ces dialectes avec les plus anciennes langues de la famille indo-européenne, comme M. E. Burnouf l'avait déjà démontré, mais dans des ouvrages moins abordables au public». D'Arbois de Jubainville, *Rapport sur les progrès de la philologie celtique en France (Recueil de rapprts; Progrès des études classiques et du moyen âge*, 1868, pag. 131-133). — Suivant la remarque d'un philologue de Dublin, aucun Irlandais, en possession de son idiome national, ne prenait la peine d'étudier le gallois et encore moins les deux autres dialectes du rameau breton: aucun Gallois, à l'exception toutefois d'Edward Lhuyd, ne connaissait l'irlandais. Que dire des savants du continent, sinon qu'ils étaient, pour la plupart, absolument étrangers aux idiomes néoceltiques? Zeuss a le premier embrassé dans ses recherches l'ensemble et le détail de tous ces idiomes, remonté jusqu' à leurs sources, retrouvé ou mis en lumière leurs plus anciens monuments, démontré leur unité interne, tout en signalant les différences profondes qui les séparent en deux rameax. C'est ainsi qu'il a donné une base solide à des investigations dont la témérité des celtomanes détournait les meilleurs esprits». E. Morin, *Esquisse comparative des dialectes néoceltiques*, part. I, 1868, pag. 1.

[1] « The first natural and instinctive utterances, if sifted differently by different clans, would fully account both for the first origin and for the first divergence of human speech. We can understand not only the origin of language, but likewise the necessary breaking up of one language into many; and we perceive that no amount of variety in the material or the formal elements of speech is incompatible with the admission of one common source». Max Müller, *Lectures on the science of language*, 6ª ed., 1871, t. I, pag. 417. — [« Dans toutes les langues, malgré les différences profondes qui séparent les formes syllabiques, lexiques et grammaticales, lorsqu'on va d'une

A ampla traça d'esta obra, parallela, pelo lado da concepção, aos trabalhos da eschola historica da Allemanha, podêmos mais exactamente comparal-a á da *Ethnogénie gauloise*, com as suas vastas divisões em *Introducção*, *Glossario gaulês*, *Provas physiologicas*, *Provas intellectuaes*.

Na exposição do systema e em toda a extensão do escripto brilha aquella perspicuidade e lucidez de phrase a que o sr. Adolpho Coelho chama « exprimir-se em termos mal definidos » [1].

Quando, porêm, se acaba de ler o manuscripto acode involuntariamente ao pensamento a reflexão de Pascal: « Tous leurs principes sont vrais, des pyrrhoniens, des stoïques, des athées. Mais leurs conclusions sont fausses, parce que les principes opposés sont vrais aussi ».

Seguia-se tractar de D. Francisco de S. Luis.

O sr. Adolpho Coelho ainda de certo não proferiu a respeito do mofino prelado a sua palavra final? No livro da *Phonologia*

race à une autre, on trouve toujours les mêmes vues premières de l'esprit, les mêmes lois générales de la pensée.... — Après cinquante ans de grammaire historique comparée, on sait aujourd'hui ce que, dans chacune de ses voyelles et dans chacune de ses consonnes, cette langue commune des Aryas subit ou ne subit pas de variations, dans la suite des temps et des localités, pour devenir ici le sanskrit des Védas, et plus tard, celui des épopées indiennes, — là, le zend ou ancien baktrien de Zoroastre, — d'un côté pour se transformer en vieil esclavon, de l'autre, pour tourner au gotique et au tudesque, — ici encore pour former le grec, là enfin, pour produire le latin et sa fille la langue française. Au fond de toutes ces langues sœurs, toujours le même vocabulaire et la même grammaire, toujours la même langue mère, formant un tout, rigoureusement un, mais modifiant ses formes extérieures à travers les âges, selon le mélange des races et la diversité des milieux géographiques ». H. Chavée, *La science du langage et M. Taine* (*Revue de linguistique et de philologie comparée*, V, 1872, pag. 121). Cfr. Renan, *Histoire générale des langues sémitiques*, part. I, 4ª ed., 1863, pag. 445 e seg.; A. de Quatrefages, *Rapport sur les progrès de l'anthropologie*, 1867, pag. 365-366.]

[1] « Homem que abrangeu duas edades, bemfazendo-lhes mutuamente a uma pela outra; anticipando em meio do seculo passado o gôsto, o apuro, a philosophia d'este nosso; transplantando para o presente o estudo, a boa fé, o saber do passado; e legando ao futuro thesouros que andou desincantando das antiguidades remotissimas ». Isto escreve o sr. visconde de Castilho, a pag. 325 da *Primavera*, acêrca da pessoa de Antonio Ribeiro dos Sanctos, o mesmo de quem o sr. Adolpho Coelho diz que se exprimia em termos mal definidos. Costa e Silva, no *Ensaio biographico-critico* (I, 21) qualifica-o: « Respeitavel magistrado, grande poeta, e grande philologo e sabedor da lingua portuguesa ». « Auctoridade para nós de grande respeito em tal materia», accrescenta D. Francisco de S. Luis no *Glossario das*

o cardial é apenas fraco erudito, e as ideas que defende ideas somente avessas ás simples noções do senso commum. (Pag. XVII.) No *Grande Diccionario português* o excellentissimo sr. Adolpho Coelho, distinctissimo por trabalhos profundissimos, usa menos ceremonias. Exemplo (art. *Cegar*): « O obtuso espirito do cardial D. Fr. Francisco de S. Luis, na sua mania de derivar palavras portuguesas do hebreu, suppôs.... — O ingenuo cardial não percebeu.... De outro lado a ignorancia do cardial, a qual em vão tentava esconder com uns farrapos de erudição superficial, não lhe permittiu ver que da idea de *cegar*, fazer cego, se passa facilmente á de *cegar*, obstruir. Bluteau tinha-lhe já indicado.... mas o cardial não entendeu ».

Depois d'isto só os *Livros de critica* do sr. Luciano Cordeiro, ou o cap. VIII das *Epopeias da raça mosarabe* do sr. Theophilo Braga.

Pena seria se o novo additador do *Grande Diccionario* parasse em tão bom caminho. Obtesto os deuses immortaes a que lhe prolonguem o follego para a continuação da jornada.

Quanto ao pobre cardial está decidido que o sr. Adolpho Coelho jurou pôr-lhe os manes a pão e agua. Não lhe vale invocar, logo nas primeiras linhas da sua *Memoria*, o nome

palavras da lingua francesa, s. v. *Insinuante*. « Tão consummado em todo o genero de litteratura como puro em sua linguagem », declara Agustinho de Mendonça Falcão nas *Considerações sôbre a lingua portuguesa e seu estudo* (*Chron. litt. da Nova Acad. Dramatica*, I, 303). « Honra da magistratura portuguesa, imitador e émulo de Ferreira », tinha dicto antes Almeida Garrett, o qual, finalmente, indicando algumas das suas composições poeticas, affirma: « São de uma elegancia e pureza de linguagem rarissima em nossos dias ». (*Parnaso Lusitano*, t. I, pag. lxij.)

Este o homem que se exprimia em termos mal definidos. Os louvores da lingua que tão completamente possuiu e dominou celebrou-os elle proprio nos bellos versos da sua epistola *A Alexis*:

> Certo que então alçou a fronte augusta,
> Radiada de luz, quando, appar'cendo
> Por entre vitros na palestra olympia,
> Correu parelhas co' o hispanhol polido,
> E hombreou co' o italo romance.
> . . . .
> E comtudo inda então não tinha o Sena
> Ao sublime Corneille, ao grão Racine,
> Ao critico Boileau padrões erguido;
> Inda não tinha visto o flavo Rheno
> Raiar Opitz e abrir-lhe a nova edade;
> Nem a escura Albion, de mar cingida,
> Sôbre as bordas do Thamisa suberbo
> De Shakespeare e Milton sublimados
> As canções desusadas intoava.

(*Poesias de Elpino Duriense*, I, 64.)

de Antonio Ribeiro dos Sanctos, naturalmente acompanhado de referencia á « obra das origens da antiga lingua de Hispanha »: o sr. Adolpho Coelho assaca-lhe o ter-se aproveitado d'esses trabalhos sem declarar cujos eram. « Argumentos quasi todos aproveitados dos manuscriptos de Ribeiro dos Sanctos, comquanto o auctor não nos fale d'este seu predecessor ». (Pag. xvi.)

O principio estabelecido por Antonio Ribeiro, e mais tarde por Monboddo e Hervás, a respeito da filiação das linguas [1], principio que o sr. Adolpho Coelho, a pag. xv, nos propôi como exacto (« estabelece o principio, alias exacto, de que não é sôbre o vocabulario que deve assentar a filiação das linguas, senão sôbre o seu organismo intimo [2] exprimindo-se em termos mal definidos, que revelam bem que elle não fazia idea clara do que era o organismo de uma lingua » [3]), este mesmo principio,

[1] Max Müller, *Lectures*, 6ª ed., 1871, t. I, pag. 155.

[2] O sr. Alexandre Herculano mostrou que, no absoluto da theoria que estabelecem, é paradoxal e falso o pensamento dos que pretendem rejeitar as similhanças dos vocabulos para deduzirem as origens « exclusivamente das fórmulas grammaticaes ou indole da lingua ». « É empregando os dous meios, o da grammatica e o das palavras, que se tem podido chegar a estabelecer as grandes familias das linguas ». E mais adeante: « As linguas seguem sempre, especialmente na syntaxe, o desinvolvimento ideologico dos povos que as falam. Á proporção que as ideas se multiplicam e novas relações se vão encontrando entre ellas; que estas se tornam complexas por um lado, e por outro se vão subdividindo; que emfim os elementos do cogitar humano se coordenam, é acaso possivel imaginar que a fórma objectiva não se altere e não siga as transformações do verbo interior? E não acontecerá o mesmo quando *vice versa* uma nação corrompida parece retroceder para a barbarie? — ... Leiamos uma pagina do Nobiliario attribuido ao conde D. Pedro, uma cantiga do cancioneiro antigo, um capitulo de Fernão Lopes ou da traducção da Historia Biblica: imaginemos como exprimiriamos o que lemos na linguagem de hoje commum e desaffectada. Que acharemos? Não será uma palavra ou outra antiquada para substituir, mas a successão dos vocabulos para alterar, preposições para trocar, syntaxe para regularizar, verbos para reduzir a outras terminações nos seus tempos e modos. Se desattendessemos o vocabulario para só acceitar como prova da filiação as fórmulas da grammatica, ficariamos ás vezes perplexos sôbre se deveriamos conceder que o português de hoje seja o mesmo idioma, ou antes idiomas, de que usavam os nossos avós nos seculos XIII, XIV e XV ». (*O Panorama*, 1844, pag. 392.) Cfr. *Historia de Portugal*, 3ª ed., t. I, pag. 32.

[3] Por *organismo* entende o Sr. A. Coelho a grammatica de uma lingua: « O vocabulario toma o organismo de uma lingua, a sua grammatica, que é a mesma cousa, despedaça-o e dispôi esses fragmentos numa ordem que nada tem que ver com as suas relações interiores ». No que respeita á grammatica, eis as suas definições:

declarado em outros termos, e menos absolutamente, pelo cardial [1], que dá o nome de *indole* ou *genio* [2] ao que alguns

« Quão superficiaes são os conhecimentos que o sr. Latino Coelho tem dos recentes trabalhos sôbre a sciencia da linguagem, revela-se nessa distincção que faz de vocabulario e grammatica, distincção que se baseia sôbre uma apparencia e um habito que só a conveniencia fará persistir. Para o glottico, a grammatica, considerada objectivamente, abrange, nas linguas indogermanicas, o systema inteiro das raizes, themas, desinencias casuaes e verbaes, dos elementos da palavra em summa ». (*O Relatorio do sr. Latino Coelho acêrca do Diccionario da Academia examinado por F. A. Coelho*, 1870, pag. 8 e 7.)

[1] « Não se deve procurar este genio das linguas, nem por consequencia a sua filiação e parentesco, nos particulares vocabulos de cada uma, considerados separadamente, e sem a fórma, ordem, ligação e emprego que os faz servir á pintura e expressão do pensamento. Se por um tal principio houvessemos de indagar a filiação da lingua portuguesa, nos veriamos extremamente perplexos para determinar a sua chamada matriz; e por ultimo seriamos obrigados a dividir por muitos outros idiomas esta honrosa qualidade. O grego sahiria com suas pretensões. O phenicio, o arabe, o oriental allegariam tambem alguns direitos; e não faltaria nas proprias linguas da Europa moderna quem sustentasse ter parte na divisão.

« De outro modo pois se deve proceder nesta materia; de outro modo se deve julgar do genio das linguas, que é o que constitue a mais essencial differença que entre ellas ha: a saber, pela sua estructura e construcção; pela ordem e ligação com que ellas dispõem os seus vocabulos, a fim de fazerem mais clara e mais energica a imagem do pensamento; pelas differentes fórmas grammaticaes com que modificam os mesmos vocabulos; e pelo emprêgo e logar que lhes dão no discurso, aptificando-os assim para bem desempenharem aquella pintura e expressão. Nisto é que verdadeiramente consiste a indole e character dos varios idiomas; nisto consiste aquelle *pensar* proprio de cada um d'elles; e por este caminho se devem indagar as relações do seu mais proximo ou mais remoto parentesco ». D. Francisco de S. Luis, *Memoria em que se pretende mostrar que a lingua portuguesa não é filha da latina, nem esta foi em tempo algum a lingua vulgar dos lusitanos.* (*Memorias da Acad. R. das Sc.*, t. XII, part. I, 1837, pag. 19.)

[2] « Yo distingo en las lenguas tres especies de caractéres, que combinados en la oracion, forman el genio general de un idioma. El primero es el carácter *gramatical* ó *lógico*, el segundo es el *usual*, y el tercero el *moral*, que incluye al *figurado* ó *poético*.... Por carácter lógico entiendo el mecanismo de la frase, que naciendo del órden con que se encadenan las ideas en la proposicion, forma la construccion ó sintáxis particular de cada lengua.... Por carácter usual entiendo aquellas escepciones, que la necesidad ha puesto en los principios generales del arte de hablar para evitar la oscuridad ó la ambigüedad en la enunciacion de ciertas naciones.... Por carácter ó genio moral de una lengua, entiendo aquella casta de frases, en que la eleccion de ciertas imágenes, de ciertos signos de comparacion, y la preferencia de ciertas vozes físicas muestran la influencia del genio de la nacion sobre el lenguaje. La eleccion de estos términos comparativos y de estas imágenes no es hija de una convencion ó uso arbitrario y casual; porqué la diferencia de sensibilidad, educacion, ejercicios, usos y costumbres de los pueblos, ha determinado la preferencia de ciertos signos, representativos de los objetos y percepcio-

chamam *organismo*, é a pag. XVII taxado de singular e avêsso ás simples noções do senso commum! [1]

Curioso capitulo, para ajunctar á historia das opiniões contradictorias de que Voltaire pretendia assignar vinte volumes in-folio, fôra o que posesse em confronto a *Prefação* do livro sr. Adolpho Coelho com o *Elogio historico de D. Fr. Francisco de S. Luis*, pelo sr. Latino Coelho.

Onde a *Prefação* affirma que « a memoria do cardial não só revela carencia completa de espirito scientifico, mas ainda mesmo que elle era fraco erudito, ignorante até de certos ponctos conhecidos da antiga philologia classica », o *Elogio* diz: « O cardial Saraiva, encarecendo as preeminencias de uma genealogia quasi mythologica no idioma de uma nação, julgando por ventura desairada a lingua materna, se de tão proximo tronco, como era o romano, descendesse, intentou provar numa memoria philologica os erros da doutrina recebida. Esta memoria, moldada na locução correcta e alinhada, e no estylo simples mas elegante que sempre distinguiu os escriptos do cardial, se não pôde levar a persuasão aos espiritos racionavelmente obstinados na filiação latina, abriu o

nes, que la imaginacion y género de vida presentan con mas fuerza, facilidad ó frecuencia á una nacion ». CAPMANY, *Arte de traducir*, ed. de Alcalá Galiano e V. Salvá, 1839, pag. XV-XVII.

[1] « L'harmonie lexicale entre deux langues, sans l'harmonie grammaticale, ne prouve rien. Une langue peut avoir emprunté beaucoup de mots, sans altérer son essence vitale; l'anglais, malgré l'énorme quantité de mots celtiques et romaniques qu'il a adoptés, reste une langue intégralement germanique; le persan moderne, malgré tous ses mots arabes, reste un idiome d'Iran; le turc-osmanli n'a rien perdu de son élément tatare, même après s'être affublé d'une masse de mots persans et arabes ». A. Schleicher, *Les Langues de l'Europe moderne*, trad. de Ewerbeck, 1852, pag. 38. — « Languages are arranged in the same class, not because they agree in having a copious grammar or scanty grammar, but because they are descended (or are supposed to be descended) from some common stock; whilst similarity of grammatical structure, and glossarial identity are recognised as elements of classification only so far as they are *evidence* of such community of origin ». R. G. Latham, *Opuscula. Essays chiefly philological and ethnographical*, 1860, pag. 146. — « Where, as in the case of Indo-European and Semitic speech, we find structural accordance combined with identity of material, as traced out and determined by long-continued and penetrating study on the part of many investigators, there the unity of the families is placed beyond the reach of reasonable doubt ». W. D. Whitney, *Language and the study of language*, 1867, pag. 357. — « In the course of these considerations, we had to lay down two axioms, to which we shall

caminho a um genero de investigações quasi desconhecidas em Portugal, as que se referem aos primordios, desinvolvimento e perfeição do idioma português ».

Se a *Prefação* accrescenta: « As ideas que ahi se acham expressas mostram claramente que o politico liberal não tinha afogado nelle o frade erudito », o *Elogio* redargue: « O habito benedictino, que lhe sanctificou a vida, não pôde nunca myrrhar-lhe o coração, nem amesquinhar-lhe o espirito. Debaixo do saial do monje vibrou sempre em rasgos de patriotismo e em voos de ambição litteraria a indole do sabio e a têmpera do cidadão ».

Quando o sr. Francisco Adolpho escreve: « A *Memoria em que se pretende mostrar que a lingua portuguesa não é filha da latina* é concebida no espirito da erudição do convento português, erudição que se inspirava da estreiteza e estabilidade da vida monastica, erudição local, fragmentaria, incapaz de chegar a comprehender a vida, e por consequencia a instabilidade, a revolução, quer na historia quer na linguagem », o sr. Latino Coelho responde: « Os exemplos de conscienciosa investigação historica que lhe offerecia, dentro da sua propria ordem religiosa, a celebrada e eruditissima congregação maurina, as multiplicadas occasiões que se lhe depararam de estudar os preciosos archivos nos mosteiros da sua religião, inspiraram-lhe a crença de que a historia se não póde já hoje escrever segundo as chronicas viciadas pela credulidade, e que o viver antigo dos povos só póde reconstruir-se neste seculo pelos documentos e pelos testimunhos genuinos, interpretados pela

frequently have to appeal in the progress of our investigations. The first declares grammar to be the most essential element, and therefore the ground of classification in all languages which have produced a definite grammatical articulation; the second denies the possibility of a mixed language ». — « In the science of language, genealogical classification must rest chiefly on the formal or grammatical elements, which, after they have been affected by phonetic change, can be kept up only by a continuous tradition. We know that French, Italian, Spanish, and Portuguese must be derived from a common source, because they share grammatical forms in common, which none of these dialects could have supplied from their own resources, and which have no meaning, or, so to say, no life in any one of them ». F. Max Müller, *Lectures on the science of language*, 6ª ed., 1871, t. I, pag. 86, 199. — Cfr. Renan, *Histoire générale des langues sémitiques*, part. I, 1863, pag. 457-459.

diplomatica e allumiados pela luz da critica moderna. — Que D. Fr. Francisco de S. Luis seguisse no claustro as tradições de erudição e de archeologia, não é para extranhar em quem tinha o incitamento da vocação, e a singeleza e bonança da vida monachal a convidar-lhe o ingenho e a estimular-lhe a ambição das glorias litterarias. Mas que o monje haja de inscrever o seu nome nas memorias da revolução politica e nos martyrologios da liberdade, eis ahi o que não se esperaria facilmente de quem pelo habito parecêra renunciar ás luctas da vida publica e aos mundanos arrebatamentos da tribuna popular » [1].

Com a differença que vai da *distracção* para a *intenção* — Regnard tinha addivinhado o sr. Adolpho Coelho:

> C'est un homme étonnant et rare en son espèce
> Qui rêve fort à rien, et s'égare sans cesse;
> Il cherche, il tourne, il brouille, il regarde sans voir;
> Quand on lui parle blanc, soudain il répond noir.

3º. *Juizo sôbre o livro do sr. Leoni.* — Vamos vendo que o sr. Adolpho Coelho queria que V. Ex. mettesse a encyclopedia nas sós duas paginas de referencia ao primeiro fasciculo da sua obra. A conceito seu, esse era o logar proprio para analysar e taxar o immenso labor do *Genio da lingua portuguesa*, publicação recebida pelo pays com admiração e recolhimento, que não com os euges vulgares, e acêrca da qual se promette o laudo de julgador a tantos respeitos idoneo qual é o sr. barão de Villa -Nova de Fozcoa.

O maior louvor da obra, quanto eu posso julgar, está principalmente no facto em que o sr. Adolpho Coelho cifra as suas accusações: « Em poucas palavras, o auctor não vê nada alêm dos horizontes estreitos da philologia do seculo passado, cuja auctoridade é a unica que invoca ». Este justamente o seu merito essencialissimo. Sem o recurso ás terminologias forasteiras, sem a contribuição forçada e diuturna, ou sequer sem a simples alcavala imposta aos trabalhos de investigação germanica, soube o auctor, até onde lhe era permittido, desempenhar para o seu

[1] *Elogio historico do socio effectivo D. Fr. Francisco de S. Luis, recitado na sessão publica da Academia Real das Sciencias, em* 19 *de novembro de* 1856, pag. 4-8.

livro o titulo de *Genio da lingua portuguesa, ou causas racionaes e philologicas de todas as fórmas e derivações da mesma lingua.*

A parte consagrada ao estudo das fórmas grammaticaes, parte onde o sr. Adolpho Coelho se digna ao menos convir que ha *alguns materiaes aproveitaveis*, é copiosissima. Mas o insigne glottico por isso mesmo conclue que a execução não corresponde ao titulo. « A obra — diz — está bem longe de dar, como a parte indicada do titulo promette, uma analyse do organismo do português: reduz-se quasi toda ao que nós chamâmos morphologia, e apenas um acanhadissimo capitulo é dedicado á phonologia ». Sim, sem duvida, o auctor não chega a dar á phonologia, quer dizer, ao exame das alterações systematicas que Duarte Nunes, ha quasi tres seculos, chamava *corrupçaõ per troca & trasmudaçaõ de letras* [1], a extensão de um d'esses fastidiosissimos tractados de *Lautlehre* ou *Lautverschiebung* procedentes de Berlin ou Weimar, tractados a cuja mortal aridez attribue Miguel Bréal a negação ou repugnancia que muitos teem a similhante genero de estudos — em tal sorte que os proprios vulgarizadores da sciencia se lhe não eximem. Um, e dos primeiros, Ascoli, ainda ha pouco declarava á frente da sua obra capital : « Imperocchè, il confesso, io sento un certo orrore pei compendj di fonologia comparata » [2].

O « acanhadissimo capitulo, e esse mesmo superficialissimo, e, o que é peior, inexacto », de que nos fala o sr. Adolpho Coelho, capitulo, ao parecer de uma grave auctoridade, escripto *com tanta philosophia e clareza como abundancia* [3], é o que, sob o titulo de *Lei da corrupção*, serve de introito á obra do sr. Leoni. Offerecem-nos as suas paginas o resultado das experiencias phonicas, experiencias delicadas, quasi chimicas, diz

[1] « Na qual maneira de corrupçaõ ha hũas certas letras que quasi sempre respondem a outras, como o diphtongo *au*, dos Latinos a que os Portugueses respondem com o seu *ou*, como por *audio* ouço, por *aurum* ouro, por *taurus* touro, por *laurus* louro, por *maurus* mouro, por *caulis* couue, & por *paucus* pouco ». D. Nunes do Lião, *Origem da lingoa portvgvesa*, 1606, cap. VII (pag. 38 da ed. de 1784).

[2] *Corsi di glottologia, dati nella Regia Academia Scientifico-Letteraria di Milano*, vol. I, pag. IX. Turin e Florença (Milão), 1870.

[3] J. F. de Castilho, *Iris Classico*, 2.ª ed., pag. 94. Rio de Janeiro, 1860.

André Lefèvre, processos de analyse em que alguma vantagem havemos de levar aos antigos, se é que não somos nós realmente os antigos, como já a sciencia tomou a cargo persuadir-nos [1].

Não podendo negar que alli estão — fructo quasi exclusivo de observações e combinações proprias [2] — os principios da phonologia do português, o sr. A. Coelho nota-lhe deficiencias e inexactidões. Mas não as imputam egualmente á *Grammatica* de Bopp? Não as arguem a Benfey? Que theoria phonetica tem sido ahi mais inculcada e encarecida que a lei de Grimm [3], a lei da *arrogancia teutonica* [4], famosa lei a cuja exposição deputou Max Müller toda uma licção dos seus cursos? « Et pour-

[1] « Ajoutons qu'à la fausse idée des Anciens, qui croyaient à une *décadence* continuelle de l'humanité, il faut opposer l'idée adoptée par la science moderne, qui croit à un développement progressif de l'espèce humaine. Disons encore que, dans le langage vrai, les *Anciens* devraient être appelés les *Jeunes* par rapport à nous qui sommes leurs anciens, leurs maîtres et leurs juges, comme les hommes de l'avenir seront un jour, par rapport à nous, nos anciens, nos maîtres et nos juges ». F. G. Bergmann, *Résumé d'études d'ontologie générale et de linguistique générale*, 2ª ed., Strasburgo, 1869, pag. 159.

[2] Na *Grammaire comparée des langues de l'Europe latine* de Raynouard (Paris, 1821, pag. XLII-XLV) e em Denina (*La Clef des langues*, Berlin, 1804, t. II, pag. 142-150) encontram-se alguns elementos para o estudo da phonetica do português. Com especial referencia ao arabe existem na obra de Fr. João de Sousa as indicações geraes.

[3] « La loi de substitution des consonnes dans les langues germaniques est sans contredit de toutes les lois phonétiques celle qui a eu le plus de retentissement. On aperçoit même chez les philologues allemands une certaine satisfaction lorsque, dans leurs écrits, ils sont amenés à en parler, et l'on peut dire qu'ils manquent rarement l'occasion de le faire ». L. Gaussin, *Essai d'interprétation de la loi de substitution des consonnes dans les langues germaniques*, Paris, 1868, pag. 1.

[4] J. Grimm, *Geschichte der deutschen Sprache*, 2ª ed., t. I, pag. 437. Leipzig, 1853.

Contra a hypothese de Grimm, veja Max Müller, *Lectures* [6], II, pag. 218. O eminente professor indica, para as excepções da lei de substituição, um artigo de Lottner, publicado na *Zeitschrift* de Kuhn, XI, pag. 161, e bem assim as observações de Grassmann no t. XII, 131. Com referencia a este assumpto escreve Miguel Bréal: « Jacob Grimm est le vrai créateur des études relatives aux modifications des sons.... Il avait montré, par la loi de substitution des consonnes allemandes, combien est important le rôle des lois phoniques dans la formation et dans la métamorphose des idiomes. Allant plus loin encore, il avait analysé la partie la plus subtile du langage, savoir les voyelles, et ramené à des séries uniformes, qu' il compare lui-même à l'échelle des couleurs, les variations dont chaque voyelle allemande est susceptible. Mais ici il se trouva, sur un point capital, en désaccord avec M. Bopp. Ce n'est pas le lieu d'exposer la théorie de Grimm sur l'apophonie (*ablaut*): il nous suffira de dire que, non content d'attribuer à ces modifications de la voyelle une valeur significative, il y voyait une

tant cette prétendue loi, il n'y a pas à se le dissimuler, n'a rien de légitime »[1].

São falsas e cahem á mais leve critica, assevera o sr. Adolpho Coelho, « as explicações de alguns suffixos portugueses e a maior parte das dos latinos, cuja verdadeira natureza só a grammatica comparada póde descobrir ». No estado actual da sciencia, não menos facil deve ser, com o auxilio da grammatica a que não sei se me permittirão dar ainda o nome de *comparada*[2], determinar a natureza dos prefixos de uma lingua; e comtudo, nos *Principios de etymologia grega*, mostrou Curtius o

manifestation immédiate et inexplicable de la faculté du langage. M. Bopp combattit cette hypothèse comme il avait combattu la théorie de Frédéric Schlegel sur l'origine des flexions ». (*Introduction à la Grammaire comparée des langues indo-européennes de M. Fr. Bopp. Extrait du tome premier*, Paris, 1866, pag. XXXV. Cfr. *Extrait du tome troisième*, 1870, pag. LXVI.)

[1] Hovelacque, *Instructions pour l'étude élémentaire de la linguistique indo-européenne*, pag. 109. Paris, 1871.

« La fameuse théorie est donc fausse dès son point de départ », affirma explicitamente o auctor em outro opusculo seu, dedicado a Chavée, de cujas doutrinas confessa ser esse trabalho mera amplificação. Diz na dedicatoria : « Dans votre cours de 1866, abordant l'étude si intéressante des idiomes germaniques, vous fûtes amené, dès les premières leçons, à l'examen de la loi de Grimm, cette *Lautverschiebung*, cette circulation phonétique tenue par l'école allemande tout entière pour un phénomène avéré et indiscutable. Sous votre savante parole, les faits s'accumulant et recevant une interprétation rigoureusement physiologique, furent restitués à leur ordre naturel : il apparut que la théorie fameuse était en complet désaccord avec la réalité des choses ». — E nas conclusões finaes : « ... 3º Que la théorie émise par Grimm, introduisant des éléments imaginaires, et, par contre, laissant à l'écart une partie des faits réalisés, n'est plus admissible qu' *historiquement* dans l'enseignement linguistique ». (*La Théorie spécieuse de Lautverschiebung*, 1868, pag. 13,3,16.)

O que não impede que a edição posthuma do *Compendium* de Schleicher, feita este anno, a continue a admittir como poncto de doutrina, e menos ainda que a memoria de Gaussin á Sociedade de Linguistica de Paris rejeite a explicação da theoria de Grimm proposta por Hovelacque, do mesmo modo que Baudry (*Grammaire comparée des langues classiques*, I, 1868, pag. 144-150) rejeita a de Max Müller.

[2] « Les phénomènes grammaticaux que Grimm avait assemblés dans une seule classe et placés sur la même ligne sont soumis à une analyse nouvelle, et grâce à des instruments d'observation plus parfaits, on découvre des formations successives là où l'illustre germaniste avait cru voir les variétés simultanées d'un même type. C'est ainsi que notre science va toujours se développant, et tendant de plus en plus à changer sa dénomination de grammaire comparée, qui peut prêter à des équivoques, contre son nom véritable, celui de grammaire historique ». M. Bréal, *Les Idées latentes du langage*, 1868, pag. 5. — « On ne parle pas correctement en se servant purement du mot *grammaire comparée*, sans dire en même temps quels sont

valor da theoria accommodaticia, se não falsa, de Pott acêrca dos prefixos [1].

Pelas conclusões do livro, a obra do sr. Leoni não produziu o *effeito louvavel* a que era destinado: a hypothese que o auctor se esforça por destruir vive, e penetrou na intrucção publica. E ahi resurge, para não dizer que ahi começa a contenda celtica. « Queremos falar de uma singular hypothese acêrca da origem do português, que um escriptor nosso, Antonio Ribeiro dos Sanctos, fallecido em 1818, introduziu em Portugal, e que hoje tem um bom numero de enthusiastas, que mostra melhor que tudo a opposição que existe entre a philologia portuguesa e a sciencia ». (Pag. XI.)

Preoccupação invencivel é esta do sr. Adolpho Coelho, suppor que as ideas celticas, emquanto se radicavam inextinguivelmente em Portugal, « desappareceram lá fóra deante de inesperados descobrimentos feitos no campo da linguagem » [2]. (Pag. XVI.) Esquece pois os modernos representantes do celticismo — Casglia na Italia; o historiador das linguas romanicas e da sua litte-

les idiomes sur lesquels s'exerce la comparaison. On ne dit pas davantage simplement qu'on fait de la grammaire sans laisser entendre de quelle grammaire il s'agit. Au contraire, la philologie, la physiologie, l'embryogénie, l'anatomie, présentent, à elles seules, des idées bien nettes; de sorte que le terme d'*anatomie comparée* est aussi précis que l'expression de *grammaire comparée* est fautive». J. Oppert, *Ouverture du cours de philologie comparée des langues indo-européennes à la Bibliothèque Impériale*, Paris, 1864, pag. 8.

[1] Curtius, *Grundzüge der griechischen Etymologie*, 3ª ed., pag. 33 e segg. Leipzig, 1869.

[2] [A *Introducção* ao *Grande Diccionario* de Fr. Domingos Vieira traz esta pergunta: « Que consideração se póde ter por homens que em o nosso seculo se fazem defensores estrenuos dos absurdos da celtomania? » E um artigo additado ao *Diccionario*, onde reparo que o sr. Adolpho Coelho negou direito de cidade ao partido *celtophobo*, é assim concebido:

« † **CELTOMANO,** *s. m.* O que tem o espirito atacado de celtomania. Antonio Ribeiro dos Santos foi um **celtomano** e communicou a sua doença intellectual a alguns outros eruditos portuguezes, entre os quaes se contava o cardeal Saraiva ».

Na sua nova edição do *Glossario gaulês* (1872, pag. 2), o illustre celtista cuja morte a sciencia hoje deplora, Roget de Belloguet, contrapôi aos celtomanos, que pretendiam fazer falar o baixo-bretão a toda a Europa, a seita que, negando resolutamente áquelle idioma e aos seus irmãos de Inglaterra e da Irlanda a origem celtica, mudára em velho tudesco a lingua de Brenno e de Vercingetorix; e decide que ao menos a exaggeração dos primeiros, antes do descobrimento do sanskrito, merecia alguma desculpa.]

ratura, Bruce-Whyte [1], em Inglaterra; em França Granier de Cassagnac [2] e os membros do Congresso Celtico Internacional de Saint-Brieuc. Subentende-se que omitto referir-me a João Reynaud, Henrique Martin e Hersart de la Villemarqué, já accusados de celtomania philosophica.

[1] « Duclos (Mém. de l' Ac. d. Inscr. et B.-L. t. XV) fut le premier à avancer que le français était un mélange de celtique et de latin. La Ravalière adopta cette idée, et, selon lui, le latin a été enté, pour ainsi dire, sur le celtique.... Antonie Court de Gébelin, esprit trés-original, dériva aussi le français du celtique. En 1841, M. Bruce-Whyte reprit cette idée et la poussa beaucoup plus loin que ses prédécesseurs.... M. Bruce-Whyte ne se contente pas d' attribuer aux langues romanes une base celtique et un matériel latin prépondérant; il admet un mélange complet de langues en leur supposant encore d'une manière toute gratuite des formes en grande partie allemandes. Un pareil système n'a pas besoin de réfutation ». G. F. Burguy, *Grammaire de la langue d'oïl*, 2ª ed., t. I, Berlin, 1869, pag. 4.

[2] [Em 1859, sob o titulo *Antiquité des patois; antériorité de la langue française sur le latin*, deu á estampa um folheto de poucas paginas, no qual toma por assentado que « au lieu de voir, dans les patois, du latin corrompu, il serait plus exact de voir dans le latin du français et du patois épurés ». (Pag. 6.) Nas conclusões do folheto (pag. 38) exclama: « Étrange contradiction! le latin, qui n'a pas pu se conserver à Rome, se serait établi parmi nous? Le peuple romain a laissé périr le latin, et les peuples de la Gaule l'auraient conservé? Les Aquitains, les Auvergnats, les Catalans auraient quitté leur langue pour apprendre une langue oubliée aux lieux mêmes où elle se forma? Nous n'avons pas la force de discuter de semblabes hypothèses. Le bon sens aurait dû suffire à les renverser; nous espérons que l'histoire, mieux dirigée, en fera justice ».

Raia e põi o risco por cima d'esta, como diria porêm um dos nossos escriptores do seculo aureo, obra mais ponderosa do auctor, a *Histoire des origines de la langue française*, que dos prelos de F. Didot acaba de sahir em um volume de xvj-554 pag., Paris, 1872. O antigo polemista politico abraça a theoria de D. Paulo Pezron, de D. Tiago Martin e de Leibniz. Rejeita a idea de Pasquier, de Ménage e de Claudio Fauchet. Dá como não advindos os trabalhos de Bopp, Pictet, Max Mlüler e Friderico Diez, que todos, a parecer seu, deixaram a questão no poncto em que a encontraram, e, absorvidos no exame das relações, quaesquer que estas sejam, das linguas do Oriente e do Occidente, evadiram a solução do problema etymologico posto ha dous seculos: A lingua francesa, considerada na sua essencia, é lingua derivada ou nacional; de fonte latina ou de fonte gaulesa? Ao que (pag. 28) responde o auctor:

« Trente années de méditations et de lectures spéciales ont irrévocablement fixé notre opinion. Nous soutenons que, soit par sa grammaire, soit par son vocabulaire primitif, le français est non pas une langue dérivée, soit du latin, sois du grec, mais une langue nationale. Il est bien évident que nous acceptons le devoir d'établir rigoureusement cette doctrine. L'accomplissement de ce devoir est le but et l'objet de ce livre.

« ... les Gaulois, grande nation avant toute autre, en Occident, conquérants de la moitié de l'Italie longtemps avant que les Romains eussent conquis Véies et Capoue, arbitres de la Grèce après la mort d'Alexandre, furent les premiers, selon le mot de Salluste, à remplir la terre du bruit de leur nom. Ils prirent tour à tour les deux villes les

Singular considera o sr. Adolpho Coelho a theoria que d'ahi a pouco ha de dar como originaria de uma eschola do seculo XVIII. Singular será, ainda que professada por toda a eschola. Aos trabalhos que nesta o affiliaram deveu Ribeiro dos Sanctos a admissão ao gremio da Sociedade Celtica de Paris [1], a mesma que depois se havia de chamar, no esplendor de um nome maior, Sociedade dos Antiquarios de França.

Impugna ainda o sr. Adolpho Coelho algumas etymologias do livro. Abstenho-me, sem me despedir, de entrar já nesta questão, lembrado das palavras do nosso primeiro auctor de

plus illustres de l'univers, Rome et Ilion; et, après avoir été loués dans les livres de Platon, ils achetèrent, par la mort de soixante mille des leurs, tombés en combattant sous les murs de Babylone, l'impérissable honneur d'être cités dans la Bible. N'était-il pas à la fois faux, ridicule et impie de supposer qu'une telle nation, victorieuse de l'Orient et de l'Occident, et qui n'a jamais perdu la possession de sa patrie, avait totalement perdu sa langue? »

Este o argumento do livro. Pela tábua dos capitulos se ajuizará da sua distribuição: « I. État présent de la question des origines de la langue française. Dans quelle voie doit être cherchée la solution. — II. La langue gauloise résista et survécut à la domination romaine. — III. La langue gauloise prend le nom de langue romane. Époque et causes de ce changement. — IV. La langue française n'a reçu ni ses mots latins des Romains, ni ses mots grecs des Phocéens. — V. Élimination de la théorie vulgaire qui dérive du latin la langue française et les patois. — VI. La nation gauloise. Ses nombreuses tribus. Son unité. — VII. La langue gauloise. Ses dialectes. Les patois. — VIII. Établissement des Gaulois en Italie, où les avaient précédés les tribus latines, ombriennes, pélasgiques et étrusques. Leur diffusion en Europe et en Asie. — IX. Patois antiques de l'Italie. L'ombrien, l'osque, l'étrusque. — X. Latin vulgaire, ou patois antique du Latium. — XI. Latin littéraire de Rome. Sa formation et sa chute comme langue parlée. — XII. Renaissance des nationalités et des langues celtiques, on écrit de nouveau les patois. — XIII. Culture des patois celtiques et formation des langues littéraires. L'italien, l'espagnol, le français ».]

[1] « Os creditos litterarios de Antonio Ribeiro dos Sanctos soavam já com gloria da nação portuguesa em varios estados da Europa. A Academia Celtica de Paris, especialmente occupada com o que dizia respeito á lingua e antiguidades celticas, e da qual eram tambem membros o abbade Correia da Serra, Volney, Delalande, e o barão de Humboldt, o nomiou seu socio no dia 3 ventose do anno 13º da republica, em que se instituiu (22 de fevereiro de 1804). O diploma, com data de 4 floreal (24 de abril de 1804), em virtude do qual Antonio Ribeiro dos Sanctos recebeu aquella nomiação, é assignado pelo presidente Cambray, e pelo vice-presidente, o celebre Lacépède, naturalista distinctissimo, e discipulo de Buffon e de Daubenton. Na carta do secretario Johanneau, com que aquelle diploma foi remettido a Antonio Ribeiro dos Sanctos, lê-se que a *Academia celtica, procurando a coadjuvação dos sabios mais distinctos, assim da França como de toda a Europa, entendeu que devia associal-o a seus trabalhos, admittindo-o no numero de seus socios extrangeiros* ». M. J. Marques Torres, *Antonio Ribeiro dos Sanctos* (*O Panorama*, 1844, pag. 300).

grammatica, ao falar das differenças de lingua latina entre os lettrados d'ella no seu tempo, que *naõ sentendiaõ antre si:* « Mas os grãmaticos zombaõ dos logicos : e os sumulistas apupaõ aos rheitoricos : e assi de todos os outros » [1].

4°. *Opiniões erroneas do sr. A. Herculano relativas ao latim vulgar.* — Ou eu me engano totalmente, ou ha aqui um equivoco, e dos mais espessos. Pretende-se que V. Ex. deveria ter sahido a defender o sr. A. Herculano de erros que não existem nem lhe haviam sido imputados. Pedia-se ao *Diccionario* mais que um prochronismo : exigia-se-lhe uma apologia, quasi que em horoscopo, e por anticipação de futuros desastres e de perigos contingentes.

Porque, se a poucos meses de publicado o tomo IX do *Diccionario* se viu denunciada em publico a superficialidade da *Historia de Portugal* [2], nunca o sr. A. Coelho notára erro ás opiniões ahi expressas; ou então, onde e quando lh'as notára?

Abra-se o livro da *Phonologia.* Buscar-se-ha inutilmente uma palavra de censura á obra — menos todavia que se não tenham por censura estas de pag. XVIII : « Basta dizer que a hypothese de Francisco de S. Luis e da sua eschola foi refutada por alguns outros escriptores, alêm do já mencionado sr. Leoni, mas quasi sempre, como na *Historia de Portugal* do sr. Alexandre Herculano, no campo da historia ».

Nem um instante me detenho a indagar se ao auctor incumbia o onus de a contradizer no dominio da grammatica. São explicitas as suas declarações : « Apezar da rapidez com que

[1] Fernão de Oliveira, *Grammatica de linguagem portugueza, segunda edição, conforme a de* 1536, pelos srs. visconde de Azevedo e Tito de Noronha, pag. 86. Porto, 1871.

[2] « ... demais este proprio sabio não é um representante da sciencia alleman; as tendencias do seu espirito são diversas das d'esta sciencia, que todavia conhece e de que aproveitou alguns resultados. É antes na nova eschola historica francesa que elle se filia; e d'ella devemos consideral-o um dos primeiros mestres. É por isso mesmo, talvez, que a sciencia da linguagem não mereceu a Herculano a attenção que lhe dá qualquer dos primeiros historiadores contemporaneos da Allemanha. A pequena parte da *Historia de Portugal* que tracta da origem da lingua portuguesa não parece, pela sua superficialidade, escripta por o homem que escreveu o resto d'essa grande obra ». F. ADOLPHO COELHO, *Sôbre a necessidade da introducção do ensino da glottica em Portugal*, Lisboa, 1870, pag. 11.

devemos proseguir nesta introducção, mais larga necesssariamente do que desejaramos, importa estabelecer aqui um facto. É o do predominio absoluto da linguagem dos romanos na epocha em que lhe succederam os wisigodos ». (Pag. 32.) — « O modo como, através do dominio wisigothico, da invasão arabe [1] e da reacção christan, se foi alterando a linguagem hispano

[1] Alguma hora talvez se terá exaggerado a idea da influencia que o arabe exerceu nas linguas peninsulares.

Assim é que o sr. A. F. Barata, querendo affirmar que na contextura da oração portuguesa predomina não pouco aquelle elemento, se reporta á opinião de « um dos nossos mais abalisados philologos de Coimbra ». Este escreve-lhe: « Eu dice, provavelmente, que para a formação da lingua portuguesa não concorreu só a lingua latina, mas muito e muito devia concorrer a lingua arabica, especialmente quanto á contextura da phrase e do discurso; que eu concluia isto não do conhecimento (que não tenho) d'esta lingua, mas de ver como o hebreu traduzido á lettra dá bom português antigo, e o latim, traduzido do mesmo modo, dá um português mau. Que isto vinha, a meu ver, não da lingua hebraica ter concorrido para a formação da lingua portuguesa, supposição que a historia não favorece, mas do estreito parentesco existente entre as duas linguas hebraica e arabica, ramos do mesmo tronco ». E mais abaixo: « Ha um não sei quê de antagonico na *indole* das duas linguas [portuguesa e latina], no seu *ar*, na sua *estructura*, comquanto os *vocabulos*, na sua grande maioria, sejam tomados do latim. Parece que estes materiaes foram vasados num molde de muito differente natureza. Esta fusão operou-a em grande parte a lingua arabica, supponho eu pela razão já dicta, e pelo prolongado dominio e profunda influencia dos arabes na nossa peninsula ». (*Advertencias curiosas sôbre a lingua portuguesa*, Coimbra, 1870, pag. 16, nota.)

Philologos da maior auctoridade teem porêm como indubitavel, que da collisão com o arabe sahira immune a grammatica das linguas castelhana e portuguesa. Este cuido ser o pensamento de Viterbo, no referir-se á dominação dos sarracenos, « que, sacrificando tudo ao seu torpe culto, ambição e tyrannia, o que menos perturbaram foi a linguagem do pays ». (*Elucidario*, t. I, Lisboa, 1798, pag. VII). Diez observa que dos quinhentos appellativos hispanhoes de origem arabe comprehendidos no catalogo de Hammer (*Sitzungsberichte der Kaiserl. Akademie der Wissenschaften*, t. XIV, Vienna, 1854) a maior parte designam objectos sensiveis ou ideas scientificas, principalmente attinentes aos reinos da natureza, á medicina, ás mathemathicas, á astronomia, á musica; bastantes pertencem ás instituições politicas, e em particular aos empregos e dignidades; alguns aos pesos e medidas; outros emfim á arte militar. Mas, como se as relações entre christãos e mohammetanos se houvessem circumscripto ao tracto exterior, impedindo as communicações affectivas, quaes existiam entre godos e romanos, nenhuma d'aquellas palavras se póde dizer tomada á esphera dos sentimentos, *aus der Sphäre des Gemüthes*. (*Grammatik der romanischen Sprachen*, I [2], 1856, pag. 97; pag. 119 da trad. francesa). Engelmann (*Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*, Leyde, 1861, pag. I-III) observa similhantemente: « L'étude de ces mots offre un intérêt particulier. Si nous n'avions aucun autre document pour l'histoire de l'Espagne arabe, ils nous mettraient en état de nous former quelque idée sur les rapports qui existaient entre les deux peuples. Les noms des impôts, les *alcabalas* et les *garramas*, les *almoxarifes* qui les percevaient, les *alcaldes* et les *alguaciles* qui exerçaient la ju-

-romana no occidente da Peninsula, até chegar a produzir dialectos differentes que se constituiram em differentes linguas,

risdiction ou mantenaient la police, les noms des poids et des mesures, les *almotacenes* qui en avaient la surintendance — tout cela montre assez évidemment, lequel des deux était la race dominante. D'un autre côté, le grand nombre de termes de botanie [*sic*: o auctor declara não estar habituado a escrever em francês], de chimie, d'astronomie, des arts et des métiers, que les Espagnols ont empruntés aux Arabes, sont une preuve incontestable de ce que ceux-ci avaient la superiorité en matière de civilisation.... Toutefois il ne faut pas exagérer l'influence arabe sur l'espagnol. Le génie des deux langues était trop différent pour permettre des rapports três-intimes. Je laisse volontiers à d'autres « l'intonation arabe » et « les teints mauresques » de l'espagnol. Ni la grammaire, ni la prononciation n'en a été affectée. Il n' y a que le vocabulaire qui a été enrichi de mots arabes.... A mesure que les descendants des Goths rentrèrent dans la possession de leur domaine et que les Arabes furent refoulés, la langue s'est peu-à-peu dégagée des alluvions étrangères, de sorte qu'on ne trouve dans le castillan moderne qu'un nombre três-restreint de mots arabes en comparaison des anciennes chroniques et des chartes où on les rencontrent à chaque pas ». D. Paschoal de Gayangos, nas addições e notas a Ticknor, considera que, reduzido o elemento oriental á parte que hoje em dia occupa no *Diccionario de la Academia Española*, não fórma nem o decimo das vozes da lingua. « Pero — accrescenta — si se agregan á él las infinitas que han estado en uso antes del siglo XVI y han sido posteriormente expulsadas del idioma, fuerza será convenir que su número es mucho mayor. No es decir por esto, como han pretendido algunos, que la lengua arábiga haya contribuido mucho á la formacion del romance castellano. Asercion es esta que, aunque repetida hasta la saciedad, es errónea é infundada, pues una lengua de índole completamente diversa, que no ho dado á la nuestra sino muy pocos verbos, una sola preposicion y alguna que otra interjeccion, no puede decirse, sin cometer un solecismo filológico, que ha servido para la formacion del castellano. Lo que sí hay es, que, superiores á nosotros en civilizacion y cultura, así como en artes y comercio, los árabes introdujeron en España infinidad de voces de agricultura, industria, comercio y artes, y que las ciencias mismas, la medecina, la botánica química y astronomía, la arquitectura, y hasta los oficios mecánicos, tenian hasta mediados del siglo XV una nomenclatura exclusivamente arábiga, que despues se ha sustituido con la latina ». (*Historia de la literatura española*, t. IV, Madrid, 1856, pag. 404.)

Com a opinião dos sabios extrangeiros conforma a que entre nós, e quasi se deveria crer que antes d'elles, enunciou o sr. barão de Fozcoa: « A esta invasão [acabava de falar dos barbaros] succedeu no principio do seculo VIII a dos arabes, mais horrivel talvez do que a primeira para a vida e propriedade dos habitantes, e que, por ser a sua dominação mais prolongada, contribuiu tambem mais para a corrupção da lingua. Dos povos do norte não teremos talvez mais de duzentos vocabulos, emquanto que do arabe nos ficou um numero consideravel.... — Entretanto a maxima parte das palavras ficou sempre sendo a mesma; o fundo da lingua vulgar ficou sempre sendo latino; e é elle que ficou sempre dominando em todas as expressões que se referem aos sentimentos e á intelligencia. Esta observação é importante. Do arabe, de que recebemos tantos vocabulos, não são os d'esta especie que nós lá fomos buscar: os que d'elle adoptámos não se referem senão a artes e officios de segunda necessidade, e a alguns de chimica e medicina, que elles cultivavam, e os de algumas

não cabe neste logar [« havemos de averigual-o, em relação á portuguesa, onde nos cumpre faze-lo », eram as palavras

drogas orientaes ou de sua composição ». (*A Lingua portuguesa é filha da latina*, Lisboa, 1843, pag. 65-66.)

Sôbre a pobreza das fórmas grammaticaes do arabe e o seu como que antagonismo com as linguas romanicas recordarei em primeiro logar as palavras do barão de Dumast, contentando-me em addir-lhes o julgamento do veneravel professor Munk: « Étrangère à notre cercle lingual, puisqu'elle appartient au groupe sémitique, — la langue arabe ne fait vibrer dans notre âme aucun souvenir doux et cher; aucune de ces sympathies profondes, instinctives, que ne tarde pas à éveiller en nous le sanscrit, vieux portrait de famille où nous retrouvons à chaque instant notre image.... Ici, le tour de la pensée n'est plus le même ; on est moins sévère sur le choix du beau ; et la direction des idées, changée pour ainsi dire de droite à gauche, diffère presque autant de la nôtre que diffèrent entre eux les deux sens dans lesquels marchent les deux écritures ». (*L'Orientalisme rendu classique*, Nancy, 1854, pag. 10). — « Si je dis *pauvreté*, je ne veux point parler d'une pauvreté de racines et de mots, car aucun dictionnaire n'est peut-être plus riche sous ce rapport que le dictionnaire arabe [cfr. Jéhan, *Dictionnaire de linguistique et de philologie compareé*, 1864, col. 316, nota]; mais je veux parler de la pauvreté des formes grammaticales, de la déclinaison et de la conjugaison, de l'impuissance absolue d'exprimer des idées abstraites, de l'absence totale on presque totale des verbes et substantifs composés, — et on sait quelle est, sous tous ces rapports, la grande richesse des langues indo-européennes. Enfin, je veux parler de la simplicité de la syntaxe : les langues sémitiques ne s'embarassent pas dans de grandes périodes, les propositions se suivent sans art, sans autre lien que la conjonction *et*; la diction prosaïque ressemble au langage des enfants. Il est à remarquer que les Arabes, par exemple, même à l'apogée de leur civilisation, au moyen âge, ne sont jamais parvenus à avoir un historien supportable. Leurs historiens et leurs chroniqueurs racontent comme des enfants. Un Thucydide, un Tite-Live, un Tacite, seraient absolument impossibles dans une langue sémitique quelconque ». (*Cours de langues hébraïque, chaldaïque et syriaque au Collége de France, leçon d'ouverture*, Paris, 1865, pag. 11.)

Quanto ao numero dos vocabulos que as linguas hispanhola e portuguesa tomaram de emprestimo aos arabes, não são neste poncto contestes as opiniões. O orientalista Rosen julga que se póde livremente cercear no rol dos que foram colligidos por Weston, *Remains of Arabic in the Spanish and Portuguese Languages*, livro hoje raro, publicado em Londres em 1810. Cornewall Lewis, á sua parte, accrescenta: « The author had ventured to express to Dr. Rosen an opinion that the number of Arabic words in Spanish and Portuguese is not considerable ». (*An Essay on the origin and formation of the Romance Languages*, 2ª ed., Londres, 1862, pag. 276). D. José Amador de los Rios faz a tal proposito a seguinte observação: « Notable es por último que en el *Poema del Cid* sólo se hallen veintiseis palabras de indudable estirpe arábiga, lo qual prueba el poco efecto de la tan decantada influencia mahometana en la civilizacion y lengua españolas. Cuatro largos siglos contaba ya en España la dominacion del Islam, cuando el poema se escribe, conforme en su lugar probaremos ». (*Historia crítica de la literatura española*, t. II, Madrid, 1862, pag. 399). Veja todavia pag. 411-412, e cfr. Monlau, *Rudimentos de etimología*, pag. 58-61 do *Diccionario etimológico de la lengua castellana*, Madrid, 1856.

da 1ª edição]. Aqui só importa saber se o idioma dos romanos tomou um ascendente decisivo sôbre as linguagens mais

Ao passo, porêm, que uns assim restringem a acção do arabe nos idiomas da Peninsula, outros entendem que o seu influxo se extendeu por largo á lingua francesa. D'este numero é Pihan, não obstante a resalva da nova edição do seu *Glossario*: « Mon intention n'est pas d'attribuer à l'arabe et subsidiairement au persan et au turc, une influence exagérée.... On peut croire, cependant, que la domination des Arabes en Espagne, leurs invasions dans le midi de la France, les expéditions des Croisades et nos relations maritimes avec le Levant sont les principales causes du mélange d'une quantité considérable de mots orientaux avec les nôtres ». (*Dictionnaire étymologique des mots de la langue française dérivés de l'arabe, du persan ou du turc, avec leurs analogues grecs, latins, espagnols, portugais et italiens*, 1866, pag. III, IV. Veja as addições respectivas no vol. III da *Revue grammaticale*, Paris, 1869, pag. 505-512). No mesmo sentido escreve Defrémery: « Je crois en avoir dit assez pour montrer dans quelle large proportion notre langue s'est enrichie des dépouilles de celle des Arabes, et en même temps avec quelle réserve et d'après quels principes on devrait procéder dans ce genre de recherches. C'est une question sur laquelle il n'était pas inutile de s'arrêter, puisque d'excellents philologues, tels que feu M. de Chevallet [*Origine et formation de la langue française*, t. I, 1853, pag. 5, nota] et M. Egger [*Notions élémentaires de grammaire comparée*, 6ª ed., 1865, pag. 174. Cfr. Du Méril, *Essai philosophique*, 1852, pag. 251-256; Brachet, *Grammaire historique*, 2ª ed., 1868, pag. 51] ont voulu borner ces emprunts à « quelques mots, presque tous recon-« naissables à l'article *al*, que l'usage n'en a pas séparé ». (*Mémoires d'histoire orientale*, II, 1862, pag. 335). Por ultimo o doutor Favrot, depois de affirmar que devemos aos arabes todos os elementos da nossa civilisação moderna, vindo a falar da medicina, diz: « Nous leur devons les élixirs, les potions, les bols, les pilules dorées; c'est aux Arabes que nous avons emprunté les alambics, cornues, aludels, etc. Cette nomenclature, aussi bien que la nomenclature astronomique, est toute arabe. Quand on pense que l'Espagne et le midi de la France ont été pendant plusieurs siècles sous la domination arabe, on ne peut être surpris que nous ayons fait bien des emprunts à leur langue. Le dictionnaire de la langue française de M. Littré laissera, sous ce rapport, au point de vue des étymologies, beaucoup à désirer. [Sédillot insistia ainda ha pouco nesta idea, declarando urgente a revisão dos grandes diccionarios da lingua francesa, e a necessidade de emprehender para ella o trabalho que para a hispanhola e a italiana tentaram Dozy e Narducci]. Non-seulement l'influence arabe s'est fait sentir parmi nous au VIIIe siècle de notre ère, mais à diverses époques l'expulsion des Maures de l'Espagne a fait émigrer en France de nombreuses tribus qui se sont repandues jusqu'en Auvergne ». (*Mahomet. Les sciences chez les Arabes*, 1866, pag. 37). Cfr. Reinaud, *Invasions des Sarrasins en France, et de France en Savoie, en Piémont et dans la Suisse, pendant les VIIIe, IXe et Xe siècles de notre ère*, 1836, pag. 307.

Ora nesta mesma questão da sciencia dos arabes andam ainda divididos os pareceres. Começaremos por ouvir o de Silvestre de Sacy: « Si l'on ne connaît pas bien l'histoire des progrès qu'ils ont fait faire aux sciences qu'ils ont cultivées, ont sait du moins, à n'en pouvoir douter, que l'Europe, en recevant les sciences des Arabes, les a trouvées dans un état de culture et d'avancement supérieur à celui où les Grecs les avaient laissées. Cela est particulièrement indubitable pour l'astronomie, la médecine et la chimie: n'oublions pas même l'astrologie et l'alchimie, sciences qui, malgré la fausse direction qu'elles im-

ou menos barbaras e confusas que até então se falavam e que não podiam ser exclusivamente celticas, mas sim mescladas

primaient aux efforts du esprit humain, ont cependant servi utilement l'astronomie et l'étude de la nature ». (*Mélanges de littérature orientale*, Paris [1861], pag. 39). Segue-se E. de Quatremère: « M. Sédillot défend, avec une sorte d'enthousiasme, et avec un vrai talent, la gloire scientifique des Arabes. Je suis loin de contester la part qui revient à ce peuple dans les découvertes de la science et de nier le résultat de ses patientes investigations. Toutefois (et ceci ne peut nuire à personne), ne portons pas trop loin cette prétention favorable que les travaux des Arabes nous inspirent; il existe, pour la science, des limites matérielles, que la sagacité, le génie même, ne sauraient dépasser.... » (*Mélanges d'histoire et de philologie orientale* [1861], pag. 47). Dugat declara assim o seu voto : « Quant à nous, il nous semble difficile d'admettre que, dans l'état de nos connaissances, on puisse démêler ce qui appartient en propre à chaque race, à chaque période. Les travaux d'Am. Sédillot serviront à resoudre ces problèmes historiques. Mais ce que nous pouvons affirmer c'est que les Arabes, en constituant l'algèbre, tant par leurs emprunts aux Grecs et aux Hindous, que par leurs propres découvertes, ont fondé en Europe les sciences d'observation et qu'ils ont occupé l'avant-garde de l'intelligence humaine ». (*Histoire des orientalistes de l'Europe du XIIe au XIXe siècle*, t. I, 1868, pag. 132). [Cfr. Graetz, *Les Juifs d'Espagne* — 945-1205 —, trad. de Stenne, 1872, pag. 76]. Renan, finalmente, escreve: « La sagesse des nations sémitiques ne sortit jamais de la parabole et des proverbes. On parle souvent d'une science et d'une philosophie arabes, et, en effet, pendant un siècle ou deux, au moyen âge, les Arabes furent bien nos maîtres ; mais c'était en attendant que nous connussions les originaux grecs. Cette science et cette philosophie arabes n'étaient qu'une mesquine traduction de la science et de la philosophie grecques. Dès que la Grèce authentique se lève, ces chétives traductions deviennent sans objet, et ce n'est pas sans raison que tous les philologues de la Renaissance entreprennent contre elles une vraie croisade. A y regarder de près, d'ailleurs, cette science arabe n'avait rien d'arabe. Le fond en est purement grec ; parmi ceux qui la créèrent, il n'y a pas un vrai sémite ; c'étaient des Espagnols, des Persans écrivant en arabe.... — Nous ne devons aux Sémites ni notre vie politique, ni notre art, ni notre poésie, ni notre philosophie, ni notre science. Que leur devons-nous? Nous leur devons la religion. Le monde entier, si l'on excepte l'Inde, la Chine, le Japon et les peuples tout à fait sauvages, a adopté les religions sémitiques ». (*De la part des peuples sémitiques dans l'histoire de la civilisation, discours d'ouverture du cours de langues hébraïque, chaldaïque et syriaque, au Collége de France*, 6.ª ed., 1862, pag. 17, 21). Cfr. Renan, *La Chaire d'hébreu au Collége de France, explications à mes collègues*, 3.ª ed., 1862, pag. 11; Guettée, *Du Discours d'ouverture de M. E. Renan*, 1862, pag. 6; A. Deschamps, *Le Sémitisme et les idées d'un professeur d'hébreu*, 1863, pag. 36-39.

[Não fecharei esta longa nota sem indicar á attenção dos leitores do sr. Theophilo Braga a substancial embora rapida noticia que da sua *Theoria da historia da litteratura portuguesa* deu a *Revue critique d'histoire et de littérature* de 23 de novembro. Transcrevo sómente a parte que faz ao meu intento : a *Bibliographia critica de historia e litteratura* do sr. Adolpho Coelho de certo abrirá maior espaço á noticia, firmada pelas conhecidas iniciaes *G. P.* (Gaston Paris) : — « A vrai dire, les théories germaniques subissent quelquefois une réfraction un peu singulière en pénétrant dans un milieu aussi

de iberico, celtico [1], phenicio, grego e punico, bem como o eram no sangue os habitantes da Hispanha; mescla que ainda hoje encontrâmos nos vestigios d'essas linguas, bem apparentes nos dous principaes idiomas d'esta região, o português e o castelhano. » (Pag. 33-34. [2])

Importe ou não censura affirmar que na *Historia de Portugal* as questões são tractadas nos limites da historia, o que não consente duvida é que os *Preliminares* do livro do sr. Adolpho Coelho a cada passo invocam a auctoridade de tammanho texto. Mais: a pag. 15, devo crer que por um esfôrço de equanimidade, hão a bem inculcar como especialmente substanciosa uma das suas divisões : « Para ver quão profunda foi a romanização da Hispanha, basta ler a substanciosa divisão I da *Introducção á Historia de Portugal* do sr. Alexandre Herculano ».

hétérogène que celui de la culture portugaise : les idées de M. Braga sur l'organisation des Germains, sur la division entre le *werh-man* (*sic*) et le *lite*, sur la race et la nationalité, etc., risqueraient d'être tout à fait fausses si elles ne se tenaient pas autant dans le vague. L'admiration qu'il éprouve pour les Germains sans les bien connaître — *majore e longinquo reverentia* — le pousse à un excès incompréhensible et que ne défendrait aucun savant allemand. Il ne fait commencer qu'à l'invasion la formation de la race portugaise ; il fait du Goth des classes inférieures (*godo-lite*) le seul véritable représentant de la nationalité, lequel, en acceptant volontiers la conquête arabe, aurait développé, dans ce que M. Br. appelle l'*épopée mozarabe*, la vraie poésie nationale, vivante encore aujourd'hui dans les romances populaires. Comment l'auteur n'a-t-il pas vu que les invasions germanique et arabe n'ont atteint que la surface, et qu'en Portugal comme ailleurs, c'est l'élément indigène romanisé, c'est-à-dire l'élément *roman*, qui est resté le fond de la race ? Lui qui interprète si hardiment, en preuve de l'origine arabe des poésies populaires, le mot fort obscur d'*aravia*, comment n'a-t-il pas reconnu dans le mot *romance* le témoin le plus irrécusable du romanisme de la nation, de la langue et de la poésie ? » (Pag. 331-332). Cfr. Pinheiro Chagas, *Desinvolvimento da litteratura portuguesa*, *these*, Lisboa, 1872, pag. 46-47 ; Oliveira Martins, *Theophilo Braga e o Cancioneiro e Romanceiro geral português*, Porto, 1869, pag. 34-35 ; *Os Lusiadas, ensaio sôbre Camões e a sua obra, em relação á sociedade portuguesa e ao movimento da Renascença*, Porto, 1872, pag. 170-173, nota ; Anthero de Quental, *Considerações sôbre a philosophia da historia litteraria portuguesa*, Porto, 1872, pag. 16-20. — Dezembro de 1872.]

[1] « ... every Indo-European dialect, from Hindoston to Portugal, shows unequivocal proofs either of admixture with Celtic elements or of a community of origin, and not unfrequently of both ». R. Garnett, *On the languages and dialects of the British Islands* (*Philological Essays*, Leipzig, 1859, pag. 154).

[2] *Historia de Portugal desde o começo da monarchia até o fim do reinado de Affonso III*, 3ª ed., t. I. Lisboa, 1863.

No *Jornal litterario*, publicado um anno depois, é certo que o sr. Adolpho Coelho, sem chegar a dizer-nos em que opinião tem as duas grandes obras cujos titulos tomou para epigraphe e pretexto do seu excurso [1], faz á mesmissima parte da *Historia de Portugal* umas imputações vagas, que não acabo de entender. Exemplo: « O sr. Alexandre Herculano exprime-se assás claramente.... Para fundamento de sua opinião sôbre o character grammatical do latim vulgar cita o sr. Herculano unicamente os capitulos 86 e 87 da vida de Octavio por Suetonio » [2].

Conceda-se que assim seja. Fechando os olhos ante a expressa referencia dos logares de Cicero e sancto Agustinho, das *Noites Atticas* e das *Instituições Oratorias*, que qualquer póde ler a pag. 35 e 36; abstrahindo da relação dos escriptores modernos, Du Cange, Hallam, Tiraboschi, Bonamy e Cantù, indicados pelo auctor a quem mais largamente quizer estudar a materia, dêmos que é Suetonio o unico auctor allegado para confirmar os argumentos da *Historia de Portugal*. Que monta, se estes são exactos e conformes a todo o enxame de textos que a erudição de um Freund, de um Cantù ou de um Du Méril chegou a colligir? Para Burguy, a existencia — aliás negada por alguns philologos — de uma lingua popular latina prova-se com o simples testimunho dos escriptores classicos [3]. Diez excusa até esse testimunho: é a asserção contraria que elle faz depender de prova [4].

[1] Schuchardt, *Der Vokalismus des Vulgärlateins*, Leipzig, 1866-1868; Corssen, *Ueber Aussprache, Vokalismus und Betonung der lateinischen Sprache*, 2ª ed., Leipzig, 1868-1870.

[Os que não tiverem visto no original estas obras verdadeiramente inestimaveis poderão julgar da sua importancia, já pelas frequentes referencias do livro recempublicado de H. d'Arbois de Jubainville *La Déclinaison latine en Gaule à l'époque mérovingienne* (cfr. *Influence de la déclinaison gauloise sur la déclinaison latine*, estudo impresso na *Revue celtique*, t. I, 1870-1872, pag. 320-331), já pela *Introducção* ao *Grande Diccionario português* do sr. Francisco Adolpho Coelho, que a expensas quasi unicas d'aquelles dous auctores apparelhou a immensa erudição da caderneta III.]

[2] *Jornal litterario*, 1º anno, pag. 93. Coimbra, 1869.

[3] *Grammaire de la langue d'oïl, ou grammaire des dialectes français aux XII^e et XIII^e siècles*, 2ª ed., t. I, pag. 7. Berlin, 1869.

[4] *Grammatik der romanischen Sprachen*, 3ª ed., tomo I, pag. 3. Bonn, 1870.

Poucas linhas acima, o eminente critico transcreve de Cornewall Lewis [1] a definição de uma antiga theoria acêrca do latim popular. Approximando d'essa definição as considerações da *Historia de Portugal*, que teve em mente o sr. Adolpho Coelho? Alistar o auctor entre os que affirmam ser a lingua italiana o proprio latim vulgar que se falava em Roma [2]? Á fé que seria inesperado e original. Só nos viria então a faltar a chave dos motivos que persuadiram o sr. Adolpho Coelho a dar-nos a glossa das opiniões do sr. A. Herculano por intermedio do texto de um escriptor inglês, que, publicando o seu trabalho em 1835, não fez mais do que repetir o que desde 1826 se achava impresso no livro *Die Poesie der Troubadours*, um dos primeiros com que o nome de Friderico Diez se acreditou.

Lidas na traducção francesa do barão de Roisin, eis as palavras de Diez: « Il y a plus d'un siècle, et ce fut d'abord en Italie, on voulut prétendre, que pendant l'âge d'or de la littérature romaine, à l'ombre du latin classique, se parlait un dialecte particulier, faisant emploi de l'article, du verbe auxiliaire, voire même d'autres agents des langues modernes, et

[1] [*Cornwall Lewis* escreve neste logar o sr. Adolpho Coelho; *Corneswal* a pag. 17 da *Lingua portuguesa*, e *Cornewal* a pag. IX da *Introducção*.

> Gofrido lhe chamára, ou já Gofrodo,
> Ou Gofrado, ou Gofrudo, a instar-lh'o a rhyma.]

[2] « Il faut encore citer Terrasson, qui fit paraître en 1750 une histoire de la jurisprudence romaine et voulut restituer le texte primitif, le texte *osque* des XII Tables. Terrasson part d'une idée fausse: il prend au pied de la lettre les paroles de Macrobe: *Oscis verbis veteres usi sunt.* Ses restitutions sont peu heureuses; pour s'en convaincre, il suffit de les comparer aux textes véritables qui nous sont parvenus. Mais il a eu le mérite de signaler, l'un des premiers, la ressemblance du vieux latin avec l'italien: il paraît avoir entrevu une idée qui est devenue, chez Max Müller, la base de toute une théorie. D'après le savant philologue, quand une langue littéraire se décompose, les nouvelles langues qui se forment, viennent non de la langue littéraire, mais de dialectes populaires qu'elle avait rélégués dans l'oubli et qui prennent en quelque sort leur revanche. Il appuie sa théorie sur le développement des langues romanes. Peut-être exagère-t-il un peu l'influence des dialectes. Mais les faits lui donnent raison jusqu' à un certain point. Le français *mais* rappelle l'osque *mais* plus que le latin *magis*; le français *maître*, autrefois *mestre*, ressemble à l'ombrien *mestru* plus qu' au latin *magister, magistrum*; le napolitain *tiorre* paraît venir de l'osque *tiurrim* plutôt que du latin *turrim* ». Rabasté, *De la langue osque d'après les inscriptions et de ses rapports avec le latin*, Rennes, 1865, pag. 4.

qui aurait, entre autres, engendré l'italien [1]. Ce serait attribuer à ce dernier une existence grammaticale au temps de Cicéron, prétention exorbitante, qui ne saurait s'étayer du témoignage des anciens » [2].

Adeante, falando das inscripções das catacumbas, allude o auctor do folheto ás « investigações do sr. A. Soromenho sôbre esses monumentos tão importantes, pois nos apresentam dados para a solução do problema que o sr. A. Herculano não soube resolver ». Não soube resolver! Isto affirmado, não com o recato de Bopp [3], com a modesta circumspecção de Diez [4], senão com a sobranceria que é particular ao sr. Adol-

[1] « Cette hypothèse, soulevée dès le XV^e^ siècle par Leonardo Bruni d'Arezzo, fut reproduite fort au long par Celso Cittadini, dans son *Trattato della vera origine e del processo e nome della nostra lingua*, Venetia 1601; trouva de notables partisans (Quadrio, Maffei) et de non moins notables antagonistes (Bembo, Castelvetro, Muratori). Postérieurement Bonamy, dans un travail digne d'être lu, l'a renouvelée mais avec mesure. Voyez Mémoires de l'Académie des inscriptions, t. XXIV». (Nota do A.)

[2] *La Poésie des troubadours*, pag. 280. Lille, 1845.

[3] « Créée il y a un demi-siècle, la philologie comparative est enseignée aujourd'hui dans tous les pays de l' Europe; elle a ses chaires, ses livres, ses journaux, ses sociétés spéciales; elle a introduit des idées nouvelles sur l'origine et le développement des idiomes, modifié profondément l'ethnographie et l'histoire, transformé les études mythologiques et éclairé d'un jour inattendu le passé de l' humanité. L' auteur de ce grand mouvement scientifique est un homme modeste jusqu'à la timidité, ne parlant jamais de ses découvertes les plus importantes, mais aimant à citer quelque fait de détail, et laissant voir alors par moments, aux saillies discrètes d'un enjouement candide, la joie intime que lui causent ses travaux ». M. Bréal, *Introduction à la Grammaire comparée des langues indo-européennes de M. Fr. Bopp. Extrait du tome premier*, 1866 pag. LV.

[4] « Raynouard avait frayé la route en la parcourant avec éclat; néanmoins M. Diez a trouvé à glaner après ce grand maître; et, nous oserons le dire, il a agrandi le champ d'exploration et reculé la limite où la philologie française avait planté son drapeau. En toute occasion il s'est plu à rendre hommage à son devancier et, s'il diffère d'opinion, s'il émet un système contradictoire, la lutte est toujours engagée et soutenue à armes courtoises. Pouvait-il en être autrement? M. Diez appartient à cette classe de savants allemands dont le savoir n'est surpassé que par leur extrême modestie ». F. de Roisin, *Essai sur les cours d'amour, par Frédéric Diez*, « Avant-propos du traducteur », pag. 14, Lille, 1842. — « Tous ceux qui connaissent M. Diez savent quelle est la bonté, et, si j'ose ainsi dire, la candeur de ce grand et modeste savant. J' ai été pendant une année son auditeur à Bonn, et il doit m'être permis particulièrement de parler avec reconnaissance de cette bienveillance et de cette simplicité qui lui ont fait des amis de tous ses élèves. C'est aussi par un exemple personnel que je veux faire

pho Coelho, e que a critica nem aos mestres do mesmo sr. — a Corssen [1], por exemplo, o bellicoso professor Corssen, como lhe chama Storm — releva.

Ha de V. Ex. permittir que eu lhe poupe aqui um inutil apparato de auctoridades. De quantos livros podiam neste momento servir ao meu proposito, um só escolherei, que, pela facilidade da acquisição e pela lingua em que é escripto, está ao alcance de todo o homem que lê. Falo de um volume de poucas paginas, intitulado *Étude sur le rôle de l'accent latin dans la langue française.* O nome do auctor dispensa epithetos. Gaston Paris. Na sua *Introducção*, pag. 5, observa:

« Depuis le IIe siècle avant Jésus-Christ jusqu'au Ve siècle de l'ère chrétienne, le latin populaire exista sans doute à

apprécier le désintéressement complet qu' il apporte dans les questions scientifiques. Étudiant, l'année dernière, un point sur lequel je me trouvais un peu en désaccord avec sa grammaire, je lui écrivis pour lui demander son avis, et je reçus cette réponse : « Voici mon conseil, mon « cher ami. Si vous êtes en doute de ce que j'avance, suivez votre inspi- « ration et n'allez pas surfaire une autorité étrangère. Nous nous trompons « tous, et les vieilles gens sont spécialement sujets à ce défaut de se tenir « attachés à une idée à laquelle ils se sont accoutumés. La jeunesse est « plus vive et plus libre ; elle trouve souvent ce qui nous échappe. Si « vous me découvrez des fautes, dites-le sans hésiter, je vous en re- « mercierai ». G. Paris, *Introduction à la Grammaire des langues romanes, traduite de l'allemand,* « Préface », pag. XVIII, Paris, 1863.

[1] « Même avec les procédés méthodiques les plus scrupuleux on ne peut prétendre à tout expliquer : M. Corssen y prétend trop souvent, on peut dire presque toujours. De là ses rétractations, ses retours fréquents. La polémique de M. Corssen a du moins cet excellent côté qu'elle fait connaître sincèrement les contradictions et donne moyen de recourir à leurs auteurs. Par malheur cette polémique est sans modération : permis d'étrangler les gens, mais non pas sans formes, ou, du moins, sans l'apparence de formes. L'arrogance dans le triomphe — ou la croyance au triomphe — est plus que hors de propos. M. Corssen a fort beau jeu sans doute à relever les choses à peine croyables qui ont été écrites sur la langue latine, sa phonétique et sa morphologie, mais ses adversaires ne pourraient-ils, en façon de représailles, dresser une liste curieuse des malhabiletés indiennes, germaniques et autres de notre auteur ? Cela est fâcheux, mais c'est en effet la très réelle vérité, M. Corssen, qui, très louablement, recourt constamment au sanskrit, aux idiomes germaniques, et à leurs autres congénères, les traite pour l'ordinaire d'une façon déplorable. Impossible de citer sur sa foi un mot sanskrit quelconque : libre, parfaitement libre d'ignorer le sankrist mais non de le martyriser ! » ABEL HOVELACQUE, *Instructions pour l'étude élémentaire de la linguistique indo-européenne,* Paris, 1871, pag. 88-89. Cfr. Bréal, *Les Progrès de la grammaire comparée* (*Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*, t. I, 1868-1871, pag. 85-86). — [Cfr. egualmente *Revue critique d'histoire et de littérature,* VI, 1872, 1º semestre, pag. 198.]

côté de la langue lettrée; les différences qui séparaient ces deux langages ne firent qu'augmenter.... De toutes les langues populaires, le latin devait être le moins susceptible de régularité: parlé par les peuples de toute l'Europe romaine, mélangé de mots et de locutions empruntés à vingt nations différentes, il dut plus que toute autre subir des modifications fortuites et des altérations illogiques. Les faits confirment cette théorie: les débris les plus anciens du latin populaire que nous ont conservés soit les inscriptions, soit les citations d'auteurs, soit les comiques, nous offrent bien quelques formes qui ont passé dans les langues romanes, mais nous en présentent un bien plus grand nombre qui leur sont étrangères ou qui sont même tout à fait opposées à leur esprit ».

Cotejem-se agora estas palavras, escriptas em 1862, com as da *Historia de Portugal*, pag. 34 da primeira edição — 1846:

« Em Roma o vulgo falava, sem duvida, de um modo diverso d'aquelle que os escriptores seguiam. Essa linguagem, que Suetonio chama *quotidiana*, e Aulo-Gellio *rustica*, é denominada por outros auctores *pedestre*, *vulgar*, *simples*. Mixturada de vocabulos desconhecidos nos livros, imperfeita no mechanismo dos verbos e nas desinencias dos casos, seguia-se-lhe d'ahi a necessidade de empregar as preposições mais frequentemente, para distinguir estes, e uma ordem natural e sem inversões na successão das palavras; precisava, emfim, de alterar a indole da lingua culta, e de approximar-se, quanto a essa indole, das fórmas mais simples que tomaram os idiomas modernos do meio-dia da Europa.

« Esta linguagem popular era, porventura, em parte um resto da antiga lingua do Lacio conservada tenazmente pela plebe e alimentada pela accessão successiva dos povos da Italia á sociedade romana; em parte um resultado das conquistas. Nas longinquas e duradouras guerras da republica, as legiões romanas, vagueando por diversas partes, residindo por dilatados periodos no meio de extranhos, recrutando cohortes inteiras entre estes, eram, sahindo de Roma e voltando a ella continuamente, um vehiculo de palavras e phrases barbaras, que tendiam a conservar a linguagem popular indomada pelo idioma litterario, e, talvez, a afastar cada vez mais um do outro. E, na verdade, já Cicero se queixava de que os ex-

trangeiros, principalmente celtas (*braccatae nationes*), affluindo a Roma, houvessem alterado a pureza da dicção. Por outra parte a notavel differença da lingua plebeia á lingua escripta, se descobre nos monumentos mais antigos e nas palavras e locuções d'aquella, as quaes, voluntaria ou involuntariamente, introduziram nas suas obras ainda os mais celebres auctores romanos ».

E d'estas ponderações, a que não ajunctarei uma linha de commentario, pretende o sr. Adolpho Coelho adduzir prova da ignorancia do auctor da *Historia de Portugal* [1] em relação á origem do latim vulgar!

Com o auxilio de um livro, um e unico, accessivel por egual a todas as posses e ao commum dos entendimentos, o *Manuel d'épigraphie chrétienne d'après les marbres de la Gaule* de

[1] [Vão-se os deuses. Um resto de escrupulo reprimia em 1869 o esforçadissimo lidador do *Jornal litterario*. Em 1870... Em 1870 concedia-se ainda que o sr. A. Herculano era *um sabio, um dos primeiros mestres*. De então para cá vivemos muito, e não nos custa reconhecermos a IGNORANCIA COMPLETA d'este e de outros escriptores *ainda mais insignificantes*. Teve o sr. A. Coelho a facil hombridade de a recónhecer; mas teve-a primeiro que ninguem, no anno de 1872, e em que logar? Á frente do *Thesouro da lingua portuguesa* de Fr. Domingos Vieira, logo após a dedicatoria a S. M. I. o sr. D. Pedro II, na primeira pagina, na primeira columna da *Introducção*. Póde apenas ahi referir-se ás nações denominadas neolatinas ou romanicas, aos seus characteres ethnicos, ás suas linguas « profundamente aparentadas como phases parallelas e actuaes de um antigo idioma que as precedeu »; e, a vinte linhas de discurso, acabando de affirmar que na questão de saber qual foi aquelle idioma não ha já para a sciencia *nenhum problema nem nenhuma duvida*, diz:

« Para a enorme massa extranha aos progressos das sciencias historicas e philologicas ha-o ainda; ora nessa massa acha-se incluida em Portugal a maioria dos que se arrogam o nome de sabios em tudo e que sendo julgados taes por um publico que não pensa nem discute, incutem nelle com o peso da auctoridade as suas opiniões absurdas.

« Antonio Ribeiro dos Sanctos, o cardial Saraiva, Alexandre Herculano, e outros de menor reputação primaram em mostrar a sua ignorancia completa do verdadeiro methodo das investigações linguisticas, determinado ainda em vida do primeiro, e que chegou a produzir a maior parte dos seus admiraveis resultados ainda em vida do segundo. O terceiro, embora retirado hoje da vida litteraria, tem continuado a repetir nas ultimas edições, com uma tenacidade que a critica não póde perdoar, as proposições apresentadas por elle sôbre este poncto na primeira edição de sua *Historia de Portugal*.

« Ribeiro dos Sanctos, o cardial Saraiva e com elles outros escriptores ainda mais insignificantes pretendem que o português, e portanto as outras linguas das nações romanicas, são dialectos celticos modernos....

« O sr. Alexandre Herculano repete d'ouvido a opinião que veremos adeante [que veremos adeante ser falsa?] ser verdadeira de que as linguas das nações romanicas teem a sua origem no latim vulgar; mas o

Le Blant (Paris, 1869), se póde hoje estudar, nos seus mais recentes e positivos resultados, a questão das inscripções funerarias. Lê-se a pag. 193:

« Le latin, que la politique de Rome imposait aux nations vaincues, n'en demeure pas moins, en Gaule, la langue officielle et dominante [1]. Les barbares, vainqueurs, l'acceptent eux-mêmes

que elle nos diz acêrca do latim vulgar e o modo como elle assenta a questão mostram que não sabia mais que o cardial Saraiva do methodo das investigações linguisticas e do estado da philologia romanica quando escreveu. A fim de illudir a difficuldade de dar uma exposição scientifica da questão da origem das linguas romanicas e especialmente da portuguesa.... »

Da enumeração dos criticos exclue Victor Hugo os negadores; e, ao ver que se submergiu em quatro ou cinco Clementes desconhecidos o nome de Clemente, o *hypercritico*; ao ver Famiano Strada, insultador de Tacito, sumido num Fabiano Spada, por alcunha o Espada de pau, truão de Sigismundo Augusto; Green, aboccanhador de Shakespeare, confundido com Greene; o inimigo de Dante, Cecchi, chrismado em Cecco, commisera-se. « Ils ont compté, pour se faire un peu d'éclat, sur la grandeur de ceux qu'ils outrageaient. Point.... On sait peu qu'ils ont existé. Ils ont le demi-oubli, plus humiliant que l'oubli complet. Excepté deux ou trois d'entre eux, devenus proverbes dans le dédain, espèces de chouettes clouées qui restent pour l'exemple, on ne connaît pas tous ces malheureux noms-là. Ils demeurent dans la pénombre. Une notoriété trouble succède à leur existence louche ». (*William Shakespeare*, 1864, pag. 294 - 295.)

Não assim a existencia radiosa do sr. Adolpho Coelho. A turba dos negadores a quem a posteridade declarou fallidos não a engrossará o seu nome. Francisco Adolpho Coelho! Ha de o futuro soletrar este nome, e já a noite de affrontoso oblivio terá de todo descido sôbre as paginas da *Historia de Portugal.*]

[1] « La conquête un jour apporta dans les Gaules un langage nouveau. Les idiomes germaniques y firent irruption à la suite des Francks. Le latin, qui était vaincu, leur résista et les conquit. — Je sais bien que ce latin, que les Francks trouvèrent établi, avait été introduit par la conquête dans les Gaules devenues romaines, et que l'épée de César nous l'avait inoculé; mais nous ne l'avons reçu si facilement que parce qu'il convenait à notre génie, et j'oserais dire parce que nous y avons reconnu notre bien. César, en un endroit de ses *Mémoires*, parle de l'habileté des Gaulois à imiter les inventions romaines. Apparemment il n'a pas pensé les rabaisser par là; car qu'imitaient-ils des Romains, sinon ce que les Romains avaient imité des peuples grecs ou italiques, c'est-à-dire les moyens d'attaque et de défense? Vaincus et incorporés à l'empire, ils imitèrent bientôt sa langue, la jugeant meilleure pour rendre leurs pensées.... On subit l'administration de Rome, on alla au-devant de sa langue. D'après le portrait que César a tracé des Gaulois, on comprend tout d'abord comment l'aversion naturelle pour les conquérants ne leur fit pas haïr la langue victorieuse. Peuple ingénieux, vif, mobile, les Gaulois avaient trop d'idées pour leurs grossiers idiomes; les Romains leur apportèrent de quoi exprimer ces idées; ils naquirent ainsi à la vie intellectuelle le lendemain de la vie barbare ». D. Nisard, *Études de mœurs et de critique sur les poëtes latins de la décadence*, 2ª ed., Paris, 1849, t. II, pag. 334.

et se font gloire de l'apprendre et de le parler. Ce qu'il devint tout d'abord dans leur bouche, dans celle des anciens occupants [1], l'épigraphie nous aide à le connaître ».

Ver-se-ha que as conclusões do auctor só differençam das do sr. A. Herculano em que um se refere ao latim vulgar na Peninsula no prazo da dominação romana, outro ao latim das Gallias [2] no tempo da invasão germanica.

[1] « On a dit, avec quelque raison, que le français n'est que du latin prononcé à la gauloise; il est certain, du moins, que la différence des dialectes romans n'a eu d'autre cause que la différence de l'organe, ici soutenant les finales par l'accent, là éteignant les voyelles pleines et y substituant les voyelles nasales et l'*e* muet. Si les peuples occidentaux avaient eu la prononciation aussi correcte que la race arabe, on parlerait encore aujourd'hui en France, en Italie et en Espagne, la basse latinité.... — « Qu'on songe à ce que devint le latin dans la bouche des Gaulois, à ce que devint le français transporté en Angleterre par la conquête normande et trahi par les oreilles anglo-saxonnes. Je dis par les oreilles, car c'est l'organe de l'ouïe, bien plus que celui de la voix, qui règle ces sortes de dégradations; quand l'Anglo-Saxon écrivait *pedigree* pour *pied de grue*, c'était l'oreille qui rendait un faux témoignage sur la nature du son ». Renan, *Histoire générale et système comparé des langues sémitiques*, part. I, 4ª ed., 1863, pag. 436, 437. — « Se o allemão dos ingleses e franceses quasi nunca é inteiramente exempto de sotaque, que deveremos crer do latim falado por iberos, celtas, dacios? Estes apprenderam uma lingua não proferida coherentemente, não regulada pela escripta, e que ao demais soava mui differentemente na bocca de cada individuo: rudes elles mesmos, apprenderam-n-a com gente rude, nas duras relações impostas pelo vencedor ao vencido, e unicamente com o fim de se fazerem entender ». Hugo Schuchardt, *Der Vokalismus des Vulgärlateins*, t. I, 1866, pag. 85. — « Rome a pu imposer sa grammaire et son vocabulaire aux races conquises, elle n'a pu leur imposer avec la même facilité la phonétique latine, et cela se conçoit. La phonétique, étant ce qu'il y a de plus matériel dans le langage, de plus dépendant même des organes du peuple qui le parle, doit se distinguer tout naturellement par son caractère de ténacité, et je crois que l'on pourrait souvent *à priori* discerner si un idiome est originaire d'un pays, ou s'il a été importé, en décidant cette seule question. S'est-il en général modifié d'après les lois phoniques propres à l'idiome dont il découle, et auxquelles il s'est borné à donner plus d'extension? ou bien possède-t-il un grand nombre de lois euphoniques qui lui soient spéciales? ». Charencey, *Recherches sur les noms.... chez les Basques et les origines de la civilisation européenne*, 1869, pag. 9.

[2] « Augustin voit quelque chose de merveilleux, de prédestiné, dans cette puissante diffusion de la langue romaine. A ces yeux, c'est le moyen providentiel qui préparait la prédication générale et rapide de la foi chrétienne. — Quelles que soient les causes de cette grande révolution si majestueusement annoncée dans le point de vue de l'esprit religieux, une chose vous frappe: c'est que toutes les Gaules, jusqu'au Rhin, toutes les Espagnes, et nécessairement l'Italie entière, parlaient la langue latine au IVe, au Ve siècle. Sans doute il y avait des idiomes locaux, des patois qui se cachaient dans quelque coin de village; mais la religion parlait latin, la loi parlait latin, la guerre

Assignalada a razão por que os romanos convertiam com certa rapidez as outras nacionalidades na sua, e alcançavam,

parlait latin; partout le latin était la langue que le vainqueur imposait au vaincu. Pour traiter avec lui, pour lui demander grâce, pour obtenir la remise de l'impôt, pour prier dans le temple, toujours il fallait la langue latine ». Villemain, *Tableau de la littérature au moyen âge en France, en Italie, en Espagne et en Angleterre* (curso de 1816?), t. I, pag. 4-5 da ed. de 1865. — « On peut comparer l'envahissement du latin à ces larges inondations du Nil, qui submergent le pays et ne laissent apparaître, çà et là que les okelles et les minarets de quelques villes: de même, à part les ruines de la langue des Celtes et celles de la langue des Phéniciens et des émigrants de Phocée, le latin couvre comme une mer toute la Gaule nouvelle ». Mary-Lafon, *Tableau historique et littéraire de la langue parlée dans le midi de la France et connue sous le nom de langue romano-provençale*, Paris, 1842, pag. 55. — « Le *latin rustique* était, dans la Neustrie, l'idiome qui servait aux relations des Gallo-Romains avec les Francs; il fut un moyen de rapprochement entre les deux races, et devint peu à peu la langue générale de la nation. Son extension se trouva favorisée par l'abandon complet où étaient tombées les études, et par l'insouciance des esprits pour les chefs-d'œuvre de la langue latine. Le clergé lui-même contribua puissamment à le propager; car beaucoup d'ecclésiastiques ne connaissaient que ce latin vulgaire, et tous étaient obligés de s'en servir pour faire entendre leurs instructions au peuple. Au commencement du VII[e] siècle nous trouvons le latin rustique employé à composer des chants populaires; il nous est même parvenu quelques vers d'une de ses chansons qui célébrait la victoire remporté par Chlotaire II sur les Saxons. Ce latin était si bien devenu la langue usuelle du peuple, que cette chanson volait de bouche en bouche, et que les femmes s'en servaient pour exécuter des danses ». A. de Chevallet, *Origine et formation de la langue française*, t. I, 1853, pag. 25-26. Cfr. t. II, 1857, pag. 25-28. — « Il y a quinze cent ans, la Gaule entière était romaine (je mets hors de compte ce bras de terre qu'on appelle Bretagne française) et le latin, — peu cicéronien déjà, — parlé par les soldats et les colons, le latin usant ses angles, contractant ses mots, perdant de plus en plus son caractère synthétique, devint graduellement, lentement, un latin nouveau, mais un latin vieilli, décomposé, gâté, de plus en plus gâté, ici d'une façon, là d'une autre, et, plus loin, d'une autre encore. Telle fut l'origine des patois latins parlés en France et dans le pays wallon. Ces patois, comme ceux d'Espagne, de Portugal et d'Italie, vécurent à côté du latin littéraire connu seulement des patriciens, des doctes, des religieux et des prêtres. Ils ÉTAIENT latins, mais ils durent à la domination germanique d'AVOIR six à huit cents mots tudesques, gothiques, etc. Ils portèrent différents noms, parmi lesquels on a surtout remarqué ceux de *lingua vulgaris*, de *lingua romana rustica* ». H. Chavée, *Français et wallon, parallèle linguistique*, 1857, pag. II-III.; *La part des femmes dans l'enseignement de la langue maternelle*, 1859, pag. 93-94. — « Tous les peuples qui se sont succédé ou qui ont coexisté sur le sol de notre pays, Celtes, Phéniciens, Grecs, Latins, Germains, ont apporté leur part contributive; mais le tout a été façonné par la main de Rome, dont l'empreinte a laissé des traces si profondes, qu'après la décomposition de l'idiome officio-synthétique, la domination resta encore au plat latin du moyen âge. Les désinences latines, les cas bien ou mal appliqués déguisèrent encore les mots celtiques qui reparaissaient et les mots des nouveaux conquérants venus du Nord ». L. Dochez, *Nouveau Dictionnaire de la langue française*, 1860, pag. 5. — « Les langues

até, substituir a propria linguagem á dos povos subjugados, prosegue:

romanes.... prouvent par leur caractère, qui est latin, et qui l'est autant en Gaule et en Espagne qu'en Italie, qu'au cinquième siècle, quand les barbares s'établirent définitivement sur les terres, ce qui restait des langues indigènes n'était plus que peu de chose et ne put tenir devant ce dernier et terrible choc. La latinité devint le refuge universel des populations vaincues; et, quand l'assimilation fut complétée entre les envahisseurs et les envahis, c'est-à-dire à peu près vers le temps de Louis le Débonnaire et de Charles le Chauve, il se trouva que, si la Gaule et l'Ibérie avaient disparu dans la latinité, la Germanie transplantée n'y avait pas moins disparu. Seul, le latin avait présidé à la production de langue qui s'était faite. — ... La latinité victorieuse effaça le celtique, sauf le coin de la basse Bretagne; la latinité mourante absorba la Germanie envahissante, et ne reçut d'elle que quelques mots, assez nombreux pour témoigner du passage des Germains, assez rares pour témoigner de la prépondérance des populations romanes ». E. Littré, *Dictionnaire de la langue française*, t. I, 1863, *Complément de la Préface, ou coup d'œil sur l'histoire de la langue française*, pag. XLVI, XLVII. — « Au bout de quelques siècles, le latin se trouva changé en une langue nouvelle qu'on appelait volontiers le roman, en souvenir de son origine romaine et par opposition aux dialectes importés en Gaule par les conquérants barbares. Dans le roman, quelques mots étaient restés des anciens dialectes celtiques; quelques mots germaniques s'y étaient introduits avec les Francs, les Bourgondes, les Visigoths et les Normands; mais le fond était, en définitive, la langue latine, la langue des soldats de Jules César et de l'empereur Julien, peu à peu défigurée par un travail instinctif et populaire ». E. Egger, *De l'histoire et du bon usage de la langue française (Conférences populaires faites à l'Asile Impérial de Vincennes)*, 1868, pag. 16. — « Sauf un petit coin de terre, la Bretagne, la Gaule entière au cinquième siècle parle un latin populaire qui, dans son développement continu, *devint* le français dans le nord, le provençal dans le sud.... Le latin, qui devint le français, est un mode d'être, un état spécial et passager de l'aryaque; comme l'ancien bas-allemand commun, dont le gotique est le plus fidèle représentant, et qui, dans le pays des montagnes, devint le haut-allemand, est un autre mode d'être, une autre manière de *devenir (Werden*, Rac. WRT, tourner à, lat. *verti in)* de ce même aryaque, de cette langue commune à toute la race aryane avant la séparation des tribus, et que la science a aujourd'hui reconstituée ». Chavée, *Enseignement scientifique de la langue allemande, esquisse d'un cours normal fait à l'École Polytechnique*, 1871, pag. 3-4. — « On explique donc aujourd'hui le latin par l'aryaque pour expliquer ensuite par le latin, le français, l'espagnol, l'italien, le provençal et les autres idiomes romans, et ici, par « roman », il faut entendre une modification du parler vulgaire des Romains. — Après la conquête de la Gaule par les soldats de la vieille Rome, nos pères, les Gaulois, se mirent à parler latin, ici par force, là par intérêt, ailleurs par mode. Bref, au commencement du Ve siècle, lors des premières invasions franques, la Gaule entière était romaine de langage.... ». Chavée, *Enseignement scientifique de la lecture* (1872), pag. 64. — [Sôbre o *indo-europeu primitivo* ou lingua *aryaca*, veja a nova edição da obra de Augusto Fick, *Vergleichendes Wörterbuch der indogermanischen Sprachen; ein sprachgeschichtlicher Versuch*, t. II, *Nachwort*, pag. 927 e segg.; e cfr. Hovelacque, *Revue de linguistique et de philologie comparée*, t. V, 1872, pag. 105-114. Cp. tambem Oppert,

« A assimilação devia ser tanto mais facil [1], quanto os vencidos fossem ou mais barbaros ou de raças mais mixturadas. Nas Gallias realizava-se principalmente a primeira hypothese :

Ouverture du cours de philologie comparée des langues indo-européennes, 1864, pag. 22-29; *L'Aryanisme, discours d'ouverture*, 1865, pag. 6-11; Bréal, *Les Progrès de la grammaire comparée, leçon faite au Collége de France*, 1867 (*Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*, t. I, pag. 81-82). Da ultima parte da obra de Pott, *Etymologische Forschungen auf dem Gebiete der indo-germanischen Sprachen*, t. VII, 1871, noticia um critico inglês: « The present volume contains an highly important introduction, chiefly concerned with a refutation of Schleicher and his idea of a primitive and typical Aryan language ». *The Academy*, vol. II, 1871, pag. 507.]

[1] « Roma.... não empregava só as armas para assegurar a subjeição dos payses que subjugava; introduzia nelles as suas colonias, as suas leis, os seus costumes: trocava com elles até os deuses, recebendo os extranhos nos proprios templos, mas exigindo reciprocidade religiosa: dava a provar a esses homens rudes o luxo e os prazeres de que era mestra: recebia-lhes o producto da sua agricultura e industria, e interessava-os assim por muitos modos na existencia e prosperidade da grande republica. As consequencias d'este systema em payses de raças mais antigas e simples, como nas Gallias, foram uma assimilação quasi completa: o que seria, pois, na Peninsula, onde elle devia actuar com tanta mais força quanto é certo que a mescla das gentes, a variedade de origens nos usos, o encontrado e confuso das leis e tradições religiosas tornavam mais faceis as consequencias naturaes d'aquelle systema? ». A. Herculano, *o. c.*, pag. 21. — « De feito, os testimunhos contemporaneos, a voz unisona da historia, os monumentos que chegaram até nós attestam que a Hispanha, como nol-o diz o monumento de Ampurias [« a ser ligitima a inscripção que Duarte Nunes copiou, a qual muitos eruditos julgam falsa e contrafeita », reflecte Viterbo, *Elucidario*, I, ed. de 1798, pag. v] *in mores, in linguam, in iura, in ditionem cessere Romanam*: triumpho obtido não pela força das armas, mas pela immensa superioridade d'aquella civilisação, que Roma caprichára em espalhar pelo mundo, e que o subjeitou por seculos á sua poderosa influencia ». A. Soromenho, *Origem da lingua portuguesa*, 1867, pag. 8. — « Le grand secret de la politique romaine réside, comme chacun sait, dans la perfection de son mode de colonisation. Lorsqu'une province était conquise, on employait deux moyens pour la conserver; le moyen militaire consistait à entourer la portion conquise par des légions placées à la frontière: une fois le pays conquis isolé ainsi de toute influence extérieure, on instituait à l'intérieur une administration énergique qui broyait en peu de temps les résistances locales; on imposait aux vaincus la langue et la religion des vainqueurs, on exterminait à huis clos ou l'on *transportait* les récalcitrants [César se vantait d'avoir battu monnaie en vendant comme esclaves un million de Gaulois], qu'on remplaçait par des colons et des affranchis venus de Rome. Grâce à ce mode violent et habile, en quelques années la fusion des vaincus et des vainqueurs était accomplie, et moins d'un siècle après la conquête, on parlait latin dans toute la Gaule. Mais ce latin, qu'importaient en Gaule les colons et les soldats, ressemblait aussi peu à la langue de Virgile que le français enseigné par nos soldats aux Arabes d'Algérie ressemble à l'idiome de Bossuet ou à celui de Chateaubriand ». A. Brachet, *Grammaire historique de la langue française*, 2ª ed. (1868), pag. 16.

na Hispanha [1] principalmente a segunda ». (Pag. 39 da 1ª edição, 40 da 3ª. E a pag. 41:) « Temos procurado fazer sentir a completa

[1] « Lo que principalmente importa á nuestro propósito es dejar aqui consignado el hecho de que el idioma de la cristiandad de España fué el latin; que la enseñanza se hacia en esta lengua, y que en ella tambien se escribieron los primeros y mas antiguos documentos literarios que se conservan de aquel tiempo. Esto es muy importante, no solo para probar lo muy extendido que el latin se hallaba desde el siglo III hasta el VIII, sino tambien para deducir la necesaria consecuencia de que no quedó en la Península ninguna otra lengua bastante poderosa para luchar con él, al menos en las provincias del centro y mediodía.... El latin, pues, corrompido y degradado como á la sazon se hallaba, se conservó en España, segun se habia conservado en otras provincias del imperio romano sometidas al yugo de los bárbaros, constituyendo desde entonces el elemento principal y mas importante del idioma vulgar, producido por su fusion y amalgama, y la base del castellano moderno ». T i c k n o r , *Historia de la literatura española*, trad. de D. Paschoal de Gayangos e D. Henrique de Vedia, t. IV, Madrid, 1856, pag. 170, 175. — Cfr. D u r á n , *Romancero general*, ed. da *Biblioteca de autores españoles* de Rivadeneyra, t. I [2], 1859, pag. LII, nota 10; Baret , *Histoire de la littérature espagnole depuis ses origines les plus reculées jusqu'à nos jours*, Paris, 1863, pag. 7, 19.— « La filosofia, la literatura, la arqueologia y la historia prueban con sus especulaciones y monumentos, que al establecerse el Imperio romano era en España generalmente hablada la lengua latina: fácil cosa será por tanto el comprender hasta qué punto debió propagarse y extenderse durante el espacio de cuatrocientos y más años, en que las artes de la paz florecieron bajo los auspicios de aquellos celebérrimos conquistadores. ¿ Pero fué universal en todas las regiones de la Península, y entre todas las clases sociales?.... Estos testimonios de Plinio, Tácito y Silio, cuya veracidad no admite duda alguna, refiriéndose por sus autores á la época del Imperio, y abarcando por su aplicacion tan largo período de la historia de España, ponen de manifiesto que ni se habia podido desarraigar en el espacio de dos siglos y medio la primitiva lengua de los españoles, ni de los celtíberos; ni se habian olvidado en el suelo de Galicia los dialectos, en que habian sido compuestos los *versos bárbaros*, cantados con extraña armonia por la juventud indígena. No otra cosa nos muestra el *Hispania vocat* y el *Hispaniae appellant* de Plinio, el *sermone patrio* del gran historiador latino y el *patriis linguis* de Itálico, denotando el *barbara carmina* del último la total diferencia que habia entre dichos dialectos y la lengua latina.... Así que, la pretension de los latinistas, abanderada en el digno académico don Francisco Martinez Marina, no sólo puede ser combatida con los hechos que nos ministra la historia, sino tambien con las razones, de que nos arma la filosofia. Creemos, como este erudito, que la lengua del Lacio fué generalmente hablada en la antigua Iberia: creemos más; fué, en nuestro concepto, la única empleada durante la dominacion romana en toda clase de negocios públicos; ante los tribunales subalternos, ante los conventos jurídicos; en los instrumentos civiles y criminales; en las escuelas públicas; en las asambleas populares; en las inscripciones y memorias de todos géneros; en las monedas de los municipios y colonias; en una palabra, en cuantos actos y documentos se referian á la administracion y al gobierno, á la religion y á la política.... Pero aun concedido todo, y tenidas en cuenta las observaciones arriba indicadas respecto de la arquitectura y de la estatuaria, todavia deducimos, como natural consecuencia de cuanto vá expuesto, que la lengua de aquellos poderosos conquistadores no llegó á hacerse

revolução operada na Peninsula pela civilisação romana, e por consequencia a necessidade de admittirmos que a lingua latina chegou a obter inteiro dominio [1] nestas partes, cumprindo todavia não esquecer que essa lingua devia ser a quotidiana, rustica [2] ou

universal ni *popular* en todas las regiones de Iberia. » D. José Amador de los Rios, *Sobre los origenes y formacion de las lenguas romances (Historia critica de la literatura española*, t. II, Madrid, 1862, pag. 369-375).— Cfr. Soromenho, *Origem da lingua portuguesa*, 1867, pag. 18-21.

[1] « This conquering tongue — whose descendants now occupy so large and fair a part of Europe, and, along with their half-sister, the English, fill nearly all the New World, and numerous scattered tracts, coasts, and islands, on every continent and in every ocean, while its material had leavened and enriched the speech of all enlightened nations — was the vernacular idiom, not twenty-five centuries ago, of a little isolated district in middle Italy, a region which, on any map of the world not drawn upon a scale truly gigantic, one might easily cover with the end of a finger ». Whitney, *Language and the study of Language, twelve lectures on the Principles of Linguistic Science*, Londres, 1867, pag. 165. — « The extension of the Latin language over the countries of Western Europe occupied by the Romans, is a fact more easily proved than accounted for. As the native tribes of Italy, Gaul, and Spain, yielded successively tho the Roman arms, so their multifarious dialects gave way before the language of their conquerors. In many instances the language of conquering nations has disappeared, or left only faint traces of its existence in the native dialect of the country.... But the Latin, having at the same time the advantages accruing from the influence of government, which imposed on the governed the necessity of understanding it, seems like the Greek, to have propagated itself by a sort of magical power among the inhabitants of Western Europe ». Cornewall Lewis, *An Essay on the origin and formation of the Romance Languages*, 2ª ed., Londres, 1862, pag. 18-19. — « Cette langue de Rome devenait peu à peu toute-puissante; elle débordait, comme un immense déluge, les Apennins et les Pyrénées; elle refoulait impitoyablement jusqu'aux dernières vallées inaccessibles ce qu'il restait encore des langues celtique, basque et albanaise. Seuls, les pays grecs, ceux en Grèce comme ceux des colons grecs, gardaient toujours leur langue maternelle; Rome avait beau y planter l'aigle romaine, cet étendard n'a pu en chasser l'idiome de Homère. Quant au nord germanique et à l'est slave, les idiomes de ces barbares ont prévalu contre la langue de Rome; mais, en revanche, elle a franchi, il y a trois siècles seulement, l'Océan Atlantique, dont Rome païenne ne connaissait que le bord oriental. L'Amérique du sud et du centre avec les Antilles parlent, à l'heure qu'il est, la langue de Rome dans trois formes récentes: en français, en espagnol et en portugais. Quelle grandiose et durable conquête linguistique! ». Delius, *Romanische Sprachfamilie*, trad. de Ewerbeck (*Les Langues de l'Europe moderne*, Paris, 1852, pag. 191).

[2] « ... o português vem da lingua popular, ou rustico romano antigo, tal qual era falado pelo povo de Roma e das differentes provincias do imperio, tão remotas de Roma pela distancia como pelos usos e costumes das diversas nações conquistadas. Este latim, assim corrompido ou melhorado, porque isso é questionavel, é que é a base

simples, alterada desde logo por phrases e vocabulos indigenas [1] e cujas differenças do latim litterario só podêmos até certo poncto

das linguas meridionaes, e do qual a nossa directamente procede ». [Barão de Fozcoa] *A lingua portuguesa é filha da latina, ou refutação da memoria em que o sr. patriarcha eleito D. Francisco de S. Luis nega esta filiação*, 1843, pag. 23. — « Leaving mere local dialects out of sight, we have at present six literary modifications of Latin, or, more correctly, of ancient Italian — the languages of Portugal, of Spain, of France, of Italy, of Walachia, and of the Grisons of Switzerland, called the Roumansch or Romanese. The Provençal, which, in the poetry of the Troubadours, attained at a very early time to a high literary excellence, has now sunk down to a mere *patois*.... French is provincial Latin as spoken by the Franks, a Teutonic race; and, to a smaller extent, the same *barbarising* has affected all other Roman dialects. But, from the very beginning, the stock with which the Neo-Latin dialects started was not the classical Latin, but the vulgar, local, provincial dialects of the middle, the lower, and the lowest classes of the Roman empire ». Max Müller, *Lectures on the Science of Language*, I⁶, 1871, pag. 222, 224. — [« Dans le bas-latin on retrouve la plupart des caractères qui avaient frappé Raynouard dans le provençal. Ces caractères ont été reconnus pour appartenir au latin populaire, et celui-ci est maintenant reconnu comme la véritable source de toutes les langues romanes. La science est aujourd'hui unanime à reconnaître ce fait, et M. Diez l'affirme dès les premières pages de sa Grammaire, sans même penser à le discuter, comme si cette opinion ne pouvait plus faire le sujet même d'un doute ». Bastin, *Les Nouvelles recherches sur la langue française et leurs résultats*, Bruxelles, 1872, pag. 33-34. — « Quando i Romani estesero la loro signoria sulle terre conquistate in Italia e fuori, vi portarono anche la natìa lingua, la quale negli ultimi secoli dell'impero occidentale si trovava stabilita non pure in tutta Italia, ma ancora nella penisola de' Pirenei, nella Gallia e nei paesi del Danubio da Traiano sottomessi e popolati di colonie. Questa lingua però non era il latino quale è scritto in Cicerone o in Tacito, ma quale lo parlava il popolo (*lingua rustica*), cioè un volgare, che secondo i bisogni e le occasioni si andò ampliando sempre più e allontanandosi dalla lingua scritta usata dai signori e dai letterati, quanto più quella lingua perdea vita e mobilità ». R. Fornaciari, *Grammatica storica della lingua italiana, estratta e compendiata dalla Grammatica romana di Federico Diez*, part. I, Turin, 1872, pag. 1.]

[1] « Ce latin vulgaire ou rustique a dû naturellement se modifier, tant par l'immixtion des langues indigènes, parlées par les différentes nations soumises à la domination romaine, que par l'influence plus ou moins grande, que les langues d'autres peuples ont exercé plus tard ». A. de Cihac, *Dictionnaire d'étymologie daco-romane; éléments latins comparés avec les autres langues romanes*, Francfort s/M. [Moguncia, H. Prickarts], 1870, pag. VIII. — « Noi crediamo che ogni popolazione o celtica, o basca o altro, quando assunse la lingua latina, v'importò *ipsofacto* moltissimi idiotismi particolari e sopratutto e sempre la *pronuncia* del suo pristino dialetto. Se il lat. *patrem* diviene it. *patre*, *padre*, venez. *pare*, prov. *paire*, fr. *père*, ecc., tutto questo si spiega, secondo noi, non come un puro svolgimento, dovuto al naturale mutarsi delle lingue col tempo, ma principalmente come un effetto delle diverse pronunce dei popoli latinizzati ». Canello, *Il prof. Federigo Diez e la filologia romanza nel nostro secolo*, Florença, 1871, pag. 44-45. — « The vulgar Latin is recognised as the

suspeitar [1], sendo as mais provaveis entre ellas, como dicemos, a confusão ou falta dos casos nos nomes, e das variações verbaes [2],

prototype or chief source of all Romance languages, and is as truly continued by them as the so-called Anglo-Saxon is by modern English. This is not contradicted by the facts that classical and medieval Latin, Greek, and German have a large share in the dictionary of all Romance languages, the last especially in French and Rhaeto-Romance; or that many Arabic words were introduced into Spanish, still more Slavonic into the Daco-Romance ; or that a good many words of etymology as yet unexplained may be remnants of the extinct languages of the several native populations; for a still greater mixture of Germanic and Romance words occurs in the English language.... ». E. Stengel (*The Academy*, vol. II, Londres, 1871, pag. 359).

[1] « En quoi différoit, dans les beaux âges de la latinité, la langue parlée de la langue ecrite ou pompeusement déclamée? voilà ce qu'on ne sauroit evaluer aujourd'hui. Seulement, d'après quelques inscriptions tracées par des citoyens assez mauvais elèves des grammairiens d'Athènes et de Marseille, les unes antérieures á l'ère impériale, les autres contemporaines des Dèce et des Dioclétien, on peut, dès ces temps-là, constater l'usage commun de substituer aux *chutes* ou changements accidentels de désinence dans les noms et dans les verbes, un plus fréquent emploi des prépositions et des pronoms. Ces prépositions, ces pronoms, appartenoient moins peut-être à la pure elocution que les désinences accidentelles ; mais on en préféroit l'usage dans le discours tempéré, pour suppléer à la mollesse qu'on mettoit à prononcer les désinences ailleurs que dans les vers ou les harangues pompeuses.— Et cette pente une fois tracée devint chaque jour plus sensible, jusqu'à ce qu'enfin les langues néo-latines sortirent tout armées, qu'on me passe cette expression ambitieuse, du front de Jupiter Capitolin. Les légions romaines les apportèrent aux Toscans, aux Gaulois, aux Espagnols; ceux-ci les adoptèrent comme une sorte de consécration de toutes les idées que l'influence romaine faisoit pénétrer dans leur intelligence ». Paulino Paris, *Essai d'un dictionnaire historique de la langue française, Discours préliminaire* (lu à l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres), Paris, 1847, pag. 4.

[2] [« I volgari latini parlati in Italia, nei Grigioni della Svizzera, in Ispagna, in Portogallo, in Valacchia, in Provenza, in Francia verso il principio dell'ottavo secolo dell'era volgare già eransi trasformati in idiomi, di cui ciascuno si svolgeva da sè, indipendentemente dagli altri. A quest'epoca pertanto si può far risalire l'origine delle lingue romanze o neo-latine, ultima trasformazione del latino, conseguenza novissima di quei principii di alterazione che operando sul latino primitivo ne divisero l'antica unità nel dualismo del '*sermo urbanus*' e del '*sermo plebeius*'. Tali principii si compendiano nella tendenza istintiva al parlar più commodo, legge universale delle rivoluzioni glottiche, per la quale suoni si assimilano a suoni o vanno dileguandosi. Per essa ebbe luogo nell' antico latino offuscamento di consonanti finali, per cui molte forme nominali e verbali si vennero affievolendo e si confusero con altre : indi il bisogno di parole ausiliari (preposizioni, pronomi, verbi), indi trae la sua origine il divario tra lo organismo dell'antico latino e la struttura degl'idiomi neo-latini in cui esso vive ancora ». D. Pezzi, *Grammatica storico-comparativa della lingua latina giusta i risultati degli studi più recenti*, Turin, 1872, pag. 13-14.]

d'onde era forçoso nascesse a ordem natural no discurso e o uso frequente das preposições » [1].

Ás ultimas linhas correspondem no livro do illustre epigraphista as seguintes (pag. 193-195):

« Dès le V^e, le VI^e siècle, le français peut se pressentir [2]. Le trouble qu'apporte la confusion des cas fait apparaître, à

[1] Levemente em desaccordo com Gaston Paris, Bréal expende a este proposito uma opinião que fôra já antes enunciada por Fauriel e por Du Méril (*Dante*, II, p. 209-210; *Essai philosophique*, p. 167): « Nous reconnaissons que la prononciation et l'accent ont déterminé la perte des flexions casuelles: mais nous croyons pouvoir supposer qu'en dépit de la prononciation et de l'accent, les flexions auraient subsisté, si elles avaient encore été nécessaires à la langue latine.... Quand nous observons, d'autre part, que malgré l'influence de l'accent, les langues romanes ont en général gardé leurs flexions verbales, on a peine à concevoir pourquoi les désinences casuelles devaient nécessairement succomber.... — Conservées par la société polie et dans la langue écrite, les désinences devinrent incertaines et s'effacèrent peu à peu dans l'usage populaire. Quand survint la catastrophe qui, en bouleversant la société latine, fit disparaître les classes lettrées, les flexions nominales périrent avec elles. Ce n'est donc point, comme on l'a dit quelquefois, pour remplacer les cas disparus qu'on eut recours aux prépositions: les prépositions, employées depuis un temps immémorial, avaient lentement miné l'existence des désinences casuelles. La prononciation et l'accent tonique ont fini par les faire disparaître. Mais ils n'auraient jamais eu raison de ces anciens serviteurs de la pensée, si la force qui les avait fait vivre, c'est-à-dire la signification, ne s'en était pas d'abord retirée ». (*De la forme et de la fonction des mots, leçon faite au Collége de France pour la réouverture du cours de grammaire comparée*, Paris, 1866, pag. 16, 18). — [Tal é egualmente a conclusão de H. d'Arbois de Jubainville num livro que Mussafia (*Romania*, I, 494) avalia como *diligentissimo studio*: « Ainsi, la cause qui a motivé la création de la plupart des formes de la déclinaison latine a cessé d'exister dès le commencement de la période mérovingienne, car la seule raison d'être d'un organe, c'est la fonction à laquelle il est destiné; cependant les formes grammaticales inutiles subsistèrent pendant les trois siècles que dura la période mérovingienne. Ce fut seulement pendant la période carlovingienne que la simplification des formes mit le matériel grammatical en harmonie avec la simplification des idées. Alors le français naquit. Le latin, mort comme langue vulgaire, réduit à l'état de langue savante ou de convention, recouvra, pour le bonheur des grammairiens, la distinction classique des six fonctions casuelles et reconquit le neutre. Heureux les conquérants qui bornent leur ambition à ces grammaticales victoires! » (*La Déclinaison latine en Gaule à l'époque mérovingienne, étude sur les origines de la langue française*, Paris, 1872, pag. 161). Cfr., entre outros, Ampère, *Histoire de la formation de la langue française*, 2ª ed., 1869, pag. 19-20; Fuchs, *Die romanischen Sprachen in ihrem Verhältnisse zum Lateinischen*, Halle, 1849, pag. 324-325.]

[2] « On sait comment de la langue latine qu'avait imposée à la Gaule la double conquête de la puissance romaine et du christianisme, se forma, par suite de son mélange avec les langues celtique et teutonique, celles des premiers vaincus, et des derniers vainqueurs, un tiers langage qui reçut différents noms dans lesquels est marqué son

cette époque, la préposition, l'article [1] de notre langue sans flexions [2]. Au lieu de *minister templi*, on dit déjà MINESTER DE TEMPVLO ; pour *membra duorum fratrum*, un marbre porte MEMBRA AD DVOS FRATRES, forme qui subsiste dans notre parler vulgaire, pour indiquer le rapport de possession. Notre pronom *qui*, invariable aux deux genres, se montre, dès 431, sur l'épitaphe

progrès, que l'on appella successivement, roman rustique, roman, et enfin, assez tard, français. On sait comment cette langue, faite par le peuple et pour lui, longtemps restreinte à son usage, longtemps retenue dans un état d'infériorité, de vasselage, de servage, comme ceux qui la parlaient, à l'égard de la langue des vainqueurs, l'allemand, de la langue de l'administration et de la religion, le latin, s'éleva elle-même progressivement au rang de langue dominante, à mesure que, la condition du peuple s'améliorant, il devint convenable que ses maîtres s'adressassent à lui directement, à mesure qu'eux-mêmes se détachèrent davantage de leur origine étrangère et désapprirent leur idiome primitif ». PATIN, *Introduction à l'histoire littéraire du siècle de Louis XIV (Mélanges de littérature ancienne et moderne*, Paris, 1840, pag. 182).

[1] « Le latin, le vrai latin, le latin des beaux siècles ne vit pas s'opérer en son organisme cet étrange dédoublement du pronom : il n'eut pas ce monstrueux parasite si familier aux Grecs. Mais toutes les formes du latin vieillissant et se gâtant, c'est-à-dire l'espagnol, l'italien, le portugais, le français, le provençal et les autres patois romans, se taillèrent un article dans l'étoffe du pronom dérivé *ille, illa, illum, illam, illi, illæ, illos, illas*, et de là leur *il* et leur *el*, leur *lo* ou *la* et leur *le*, leur *li* ou *gli* et leur *los*, leur *le* et leur *las*, etc., etc. Diminutif de *Inus*, le représentant perdu du pronom ANA*S*, sanskr. *ana*, celui-là, *ille* est pour *inle* contracté de *inule*, comme *ullus*, quelqu'un, est pour *unlus* contracté de *unulus*, diminutif de *unus*, un, quelqu'un ». Chavée, *Les Langues et les races*, Paris, 1862, pag. 23. — Cfr. Egger, *Notions élémentaires de grammaire comparée*, 6ª ed., 1865, pag. 69; Bastin, *Études philologiques sur la langue française*, S. Petersburgo, 1870, pag. 20-21. — « Para o segundo [o sentido individual determinado] tem a lingua portuguesa o artigo definito *o*, *a* para o singular, e *os*, *as* para o plural; a inglesa o seu *the*; a francesa o seu *le, la, les*, tirado do demonstrativo latino *ille, illa, illud*, de que tambem os romanos se serviam em caso de necessidade, e a grega o seu ὁ, ἡ, τὸ.— ... A lingua latina não tem artigos, e só algumas vezes por emphase se servia de *unus, a, um* para o primeiro [o sentido indeterminado], e de *ille, illa, illud* para o segundo. Por isso dá ella occasião a muitas ambiguidades, como é na Vulgata latina a contradicção entre a affirmação de Jesus Christo, dizendo: *João é propheta*, e a negação d'este : *Não sou propheta*; a qual desapparece, assim no grego como no português, com o artigo, dizendo : *Não sou o propheta*, isto é, *o propheta promettido por Moysés* ». Soares Barbosa, *As Duas linguas, ou Grammatica philosophica da lingua portuguesa, comparada com a latina*, Coimbra (1807), pag. 24, 26.

[2] « A la fin du quatrième siècle, la langue latine, du moins dans l'usage du peuple et dans celui des transactions civiles, était perdue, ne déclinant plus, ne conjuguant plus, barbare, dépourvue de toute flexion. Cela dura bien quelques siècles ; mais vers le dixième, quand déjà commençait la langue romane, devenue la langue moderne, le

d'une religieuse. *Necare* prépare le vieux mot *nayer*, qui se dit toujours dans les campagnes. D'*Ispiritus*, que l'on entend encore aux offices de villages, viendra *esprit*. *Aiutare* offre la suppression qui nous donnera le verbe *aider*. Dès le V^e siècle, *santa* prépare le mot *sainte*. Le *g* de *triginta* s'oblitère et nos pères disent *trienta*, comme, plus tard, nous écrirons *trente*. Déjà, pour eux, *tanto*, comme pour nous le mot *tant*, indique un nombre indeterminé. Des noms en *is*, en *us*, des génitifs, des accusatifs, perdent la consonne finale, et leur dernière syllabe, diminuée d'importance, annonce qu'un son muet terminera plus tard, dans notre langue, une multitude de mots [1]. Des suppressions de voyelles préparent aussi la prononciation future »[2].

latin se relevait, se purifiait, se ramenait à des formes antiques, chez les grands Papes et les Docteurs éminents qui se succédèrent sans interruption durant cinq siècles. Il se reforma une latinité. Gerbert, S. Anselme, S. Bonaventure, S. Thomas, ont écrit dans un latin qui, s'il a renoncé aux formes ambitieuses, amples et périodiques de Cicéron, n'a rien de contraire aux lois générales de la langue, aux préceptes de la syntaxe et aux règles traditionnelles de l'analogie ». A. Mazure, *Cours de latin chrétien*, Paris, 1864, pag. 6.

[1] « Les mots latins, qui entroient dans les différens jargons de l'Europe, furent toujours mutilés comme les obélisques et les statues qui tomboient entre les mains des barbares. Cela vient de ce que, les Latins ayant placé les nuances de la déclinaison et de la conjugaison dans les finales des mots, nos ancêtres qui avoient leurs articles, leurs pronoms et leurs verbes auxiliaires, tronquèrent ces finales qui leur étoient inutiles, et qui défiguroient le mot à leurs yeux ». Rivarol, *De l'universalité de la langue française*, Paris, 1784, pag. 53.

[2] « En suivant le mouvement du langage depuis ses premiers textes écrits parvenus jusqu'à nous, nous voyons l'effet progressif de ce travail latent [d'épuration et d'élaboration harmonique]: un mot se contractant ici, se développant là; une diphthongue se formant, s'épurant: une autre se dédoublant par l'intercalation d'une consonne; une voyelle ajoutée dans un mot, retranchée dans un autre; dans ces longs tâtonnements, diverses finales successivement essayées au même mot; puis, du mélange perpétuel de ces formes, tour à tour prises à l'essai, dont les unes meurent, dont les autres naissent, une confusion inextricable dans l'orthographe des textes et dix formes d'un mot équivalentes quant au sens, existant en même temps; puis enfin, au milieu de ces modifications sans nombre que je ne fais qu'indiquer fort en gros, les mots prennent peu à peu leur état harmonique uniforme; les syllabes trop sourdes ou trop aiguës pour le ton général de la langue, s'atténuent en sens divers; la langue s'épure enfin peu à peu: de sa rudesse sauvage du XI^e siècle elle passe à l'état de demi-formation que nous lui voyons dans le XIII^e; puis, se modifiant désormais plus lentement, parce que l'essentiel était fait et que le reste dépendait du degré de culture qu'atteindrait la nation, elle devient enfin la langue de Rabelais et la langue de Racine ». Gustavo Fallot, *Recherches sur les formes grammaticales de la langue française et de ses dialectes au XIII^e siècle*, Paris, 1839, pag. XXXVIII.

Paro aqui. As paginas que seguem e todas as outras não são menos dignas de leitura e de attenção [1]. Houve já quem dicesse que um livrinho assim valia mais que toda a farragem encyclopedica do seculo XVIII.

Ao resumir os logares transcriptos da *Historia de Portugal*, observa o sr. Adolpho Coelho: « Nestas tres passagens, como se vê, tudo é baseado sôbre meras probabilidades, e nenhum facto se apresenta na força de sua realidade ».

Mas só o dogmatismo presumpçoso, a meia sciencia sempre ancha e contente de si, a mediocridade fatua que faz profissão de espalhar ao vento os seus oraculos, só ellas teem o privilegio das decisões peremptorias e esse improviso no solver difficuldades que Nicolau Tolentino chamava *sentencear de estalo* [2].

É a historia dos idiomas a historia dos povos na sua obra mais intima. «Les événements dont se compose cette histoire

[1] Acêrca da importancia do estudo das inscripções lapidares escreve o professor allemão J. Müller, que alias se limita a resumir um logar de Curtius (*Philologie und Sprachwissenschaft*, Leipzig, 1862, pag. 12): « Ogni anno la terra greca ci dà nuove lapidi, la cui lingua talvolta riesce intelligibile soltanto sotto il microscopio del linguista, che la analizza. Ancora più ricche sono le scoperte che in Italia si fanno e che illustrano le antichità italiche. I monumenti latini, umbri, osci e via dicendo mutarono affatto le nostre idee non solo riguardo all'istoria delle lingue italiche, ma ancora riguardo a quella dei tempi più antichi di Roma. Senza gli studi linguistici non s'intenderebbero le tavole di Gubbio, nè quelle di Bantia, nè la lapide di Abella, nè si saprebbe assegnare alla lingua latina il suo posto in mezzo alle altre italiche e nemmeno il rapporto, in cui quella lingua si trova colla greca. Anche non poche forme del latino arcaico trovarono in tal modo la vera loro interpretazione ». (*Commento alla Grammatica greca di Giorgio Curtius, recato in italiano*, Turin, 1868, pag. XII.)

[2] [« Um preceito quero d'aqui tirar para concluir. Quem pretender dedicar-se ao estudo de sciencia tão vasta ha de seria e fielmente practicar duas virtudes: consciencia e modestia. Quanto mais velhos nos tornâmos, tanto mais sentimos os limites do humano saber. Está disposto, dice Gœthe, que as arvores não cresçam até ao ceu. Cada um de nós só póde assenhorear-se de um terreno acanhadissimo, e o que o nosso saber ganha em extensão perde-o inevitavelmente em profundidade. Era impossivel a Bopp saber tão cabalmente o sanskrito como Colebrooke, o zend como Burnouf, o grego como Hermann, o latim como Lachmann, o allemão como Grimm, o slavo como Miklosich, o celtico como Zeuss. Este inconveniente reside na propria natureza de toda a sciencia comparada.... Resguardemo'-nos da omnisciencia e da infallibilidade! ». Max Müller, *Dos Resultados da sciencia da linguagem (Ueber die Resultate der Sprachwissenschaft. Vorlesung gehalten in der Kaiserlichen Universitæt zu Strassburg am XXIII. Mai MDCCCLXXII)*, 3ª ed., Strasburgo, 1872, pag. 29, 31.]

[diz um auctor contemporaneo] sont des faits moraux qu'il n'est pas aisé de constater avec une exactitude irréprochable [1]. La rigueur des dates, qui offre dans l'histoire politique le secours si précieux de la chronologie, est à peu près interdite à l'historien d'une langue; «les transformations intellectuelles ne sont pas de celles qui se produisent à jour fixe» [2]. — «Il y a longtemps que Voltaire a donné le ton qui convient au vrai philologue, en lui conseillant ce language: *Je doute beaucoup; je crois, mais je suis très-disposé à ne plus croire*» [3].

Em especial a historia da origem e desinvolvimento do latim vulgar é ainda hoje, entre os proprios exegetas da philologia nova, uma das questões mais arduas e controvertidas [4];

[1] «L'objet du livre que je publie n'est pas de fournir des armes à l'esprit de système contre l'autorité des grands écrivains; ce n'est pas de recomposer, avec la poussière des ruines, cette double histoire des choses et des mots, dont j'esquissais plus haut quelques traits: œuvre difficile, dirai-je impossible aujourd'hui. Mais si l'intelligence du génie latin peut être vivifiée par un sentiment plus vrai de ses différents caractères et de ses formes successives, un recueil où seraient marqués, dans leur ordre chronologique et par des monuments, tous les âges de la langue, servirait beaucoup à ce progrès des études. Il offrirait à l'historien et au critique la matière de leçons utiles; en leur montrant, par ses lacunes mêmes, l'étendue des pertes que nous avons faites, il les induirait à ne se prononcer qu'avec prudence et réserve sur d'obscurs problèmes d'archéologie littéraire». E. Egger, *Latini sermonis vetustioris reliquiæ selectæ*, 1843 (*Mémoires d'histoire ancienne et de philologie*, Paris, 1863, pag. 284).

[2] «La création et l'extinction des idiomes ne se fait pas à un moment précis ni par un acte unique, mais par d'insensibles changements, au milieu desquels le point de transition est insaisissable.... — Les langues doivent donc être comparées aux êtres vivants de la nature, et non à ce règne immuable où la matière et la forme participent au même caractère de stabilité, où l'accroissement se fait par agglomération extérieure, et non par intussusception.... Quant aux formules mêmes de leur développement, rien n'est plus difficile que de prononcer à cet égard des aphorismes absolus.... — «En fait de langues, dit Guillaume «de Humboldt, il faut se garder d'assertions générales». Renan, *Histoire et système comparé des langues sémitiques*, I, pag. 419, 421, 423.

[3] Pellissier, *La Langue française depuis son origine jusqu'à nos jours, tableau historique de sa formation et de ses progrès*, pag. 8, 9. Paris, 1866.

[4] Póde ser estudada no *Esboço de uma historia da lingua popular latina* de Augusto Fuchs (*Die Romanischen Sprachen*, pag. 35-50) e mais amplamente nos capitulos consagrados por Schuchardt (*Der Vokalismus*, I, pag. 44-166) ao exame da historia da mesma lingua, quer no exterior, quer no interior da Italia. Diez indica tambem a dissertação de Pott, *Plattlateinisch und Romanisch*, publicada na *Zeitschrift* de Kuhn e Aufrecht, vol. I, pag. 309.

não menos ardua que a da formação do latim primitivo [1], havida por Schleicher como aquella que maiores difficuldades

[1] « Insomma si può dire che nei capi principali le ricerche dei due eruditi coincidono ad un medesimo risultato, e differiscono soltanto nelle ramificazioni subalterne. Ma una differenza radicale fra loro è questa: che i semi dell'antico incivilimento de' popoli italici Niebuhr li vuole portati dai Pelasgi, dalla lingua de' quali fa derivare, almeno in parte, anco la latina: laddove, secondo il Micali [*L'Italia avanti il dominio de' Romani*, 1810; *Storia degli antichi popoli italiani*, 1832], quella civiltà, vale a dire riti, religioni, istituzioni politiche, si operarono in forza di un proprio sviluppo morale dei popoli italiani, che ne possedevano già i semi elementari, derivati non si sa donde, e la stessa lingua latina non è che una modificazione dell'antichissima lingua indigena, la lingua osca ». A. Bianchi-Giovini, *Sulla Storia Universale di Cesare Cantù, studi critici*, fasc. III (*Storia Romana*), Milão, 1847, pag. 16. — « The science of language has thrown considerable light upon the character of the ancient population of Italy. It seems to have been invaded in succession by very different races. Some of them probably were not Indo-Europeans. But several tribes of which remains have been preserved evidently belong to the same family as the Latin. In the extreme south-east of the country inscriptions have been discovered composed in a language which, for want of a better name, has been called *Iapygian*. It appears at one time to have prevailed more or less throughout Apulia and Calabria. The remains of this language have not yet been sufficiently deciphered to determine the exact ethnological position of the people by whom it was spoken, and they appear to have presented but little if any resistance to the superior civilisation of Greece; for Apulia, which is spoken of in the time of Timæus the historian (400 A. U. C.) as inhabited by barbarous Iapygians, in less than two centuries appears to be an entirely Greek district.— Clearer evidence is supplied of the relation of two other peoples, or branches of the same people, who early occupied the middle of the peninsula, *i. e.* the *Latin* and the *Umbrian* branches. The latter, including the Marsians and Samnites in the south, comprised a considerable population. The dialects which prevailed amongst them have a close resemblance to one another, but in many points they form a contrast to the Latin ». Clark, *The Student's Handbook of Comparative Grammar; applied to the Sanskrit, Zend, Greek, Latin, Gothic, Anglo-Saxon, and English Languages*, Londres, 1862, pag. 22-23. — « Nessuno ignora quanto siasi disputato intorno ai primi abitatori d'Italia e all'origine dei nostri antichi dialetti. Queste due questioni.... furono ai nostri giorni soggetto di lunghi studi a molti dotti italiani e stranieri, e ben può dirsi che nessuna parte dell'antichità classica abbia più seriamente esercitato la paziente investigazione dei filologi e degli eruditi moderni. Tuttavia, per quanto non si possa negare che gli studi rivolti a questo scopo abbiano, nel loro insieme, grandemente contribuito a rischiarare una materia sì oscura, è pur d'uopo confessar francamente che, in fondo, le due quistioni accennate rimangono ancora insolute ». P. Risi, *Dei tentativi fatti per spiegare le antiche lingue italiche e specialmente l'etrusca*, Milão, 1863, pag. 10-11. — « The theory that the Latin was produced by a mixture of somewhat discordant elements — of Roman, Sabine, and Oscan; or of these and Etruscan — brought together by historical circumstances, and finally fused into homogeneousness, is one which belonged to a former stage of linguistic science, and is now rejected as uncalled-for and groundless ». Whitney, *Language and the study of Language*, 1867, pag. 220. — Cfr. Donaldson,

offerece á investigação scientifica [1], ou já declarada por Fauriel problema insoluvel [2].

Allusões frequentes, tantas vezes confrontadas, dos escriptores romanos affirmam a existencia d'esse rude dialecto, falar plebeu, contemporaneo do latim da politica e das lettras, latim culto, que em Roma era o que é em Paris a lingua academica, *une langue dans une autre langue* [3]. Assim, no tracto das classes elevadas, o latim classico, linguagem pura e escripta, *sermo urbanus*; e a seu lado, e coexistindo com ella [4],

Varronianus: a critical and historical introduction to the Ethnography of ancient Italy and to the philological study of the Latin Language, 3ª ed., Londres, 1860, *passim*. — « La Linguistica che ha saputo dar ragione dell'organamento glottico lessicale e grammaticale, che ha fatto rivivere la lingua di Zoroastro (zend) e quella di Ciro e di Dario (iscrizioni cuneiformi), che ha decifrato le famose tavole eugubine e quelle di Bantia e d'Abella (umbro ed osco), e i gerghi degli Zingari, che ha ricostruito in parte la lingua e la storia dei primitivi *Arjas*, riuscirà a spiegare prima o poi quei misteriosi idiomi, che sono l'Etrusco e il Basco (lingua degli *Escalduanachi* di Spagna), a riunire genealogicamente le antiche favelle italiche, a scoprire qualche sicura testimonianza d'un commune soggiorno dei prischi Italo-greci e forse del vero essere dei favolosi Pelasgi, a darci un quadro possibilmente vero e completo di tutti i popoli e i linguaggi primitivi, coordinati a seconda della loro origine, forma e sviluppo ». F. G. Fumi, *Intorno agli studii linguistici (Illustrazioni filologico-comparative alla Grammatica greca del dott. G. Curtius*, Napoles, 1868, pag. XCIV.)

[Le genti italiche sono costituite dalle latine e dalle umbro-sabelliche, a cui appartengono gli Umbri, i Volsci, i Sabini, gli Osci coi Sanniti ed altri minori, onde i limiti del nostro lavoro non ci consentono di far cenno: a prova di ciò stanno le reliquie che giunsero a noi di varii dialetti italici, in ispecie dell'umbro e dell'osco e del più antico latino. Secondo il Mommsen, il latino sta all'umbro-sabellico come tra i dialetti greci il ionico al dorico: l'osco e l'umbro stanno l'uno all'altro come il dorismo in Sicilia ed in Sparta ». Pezzi, *Grammatica storico-comparativa della lingua latina*, 1872, pag. 5. Veja pag. 398, e cfr., na trad. do mesmo auctor, Schweizer-Sidler, *Teorica dei suoni e delle forme della lingua latina*, Turin, 1871, pag. 1-3. Cp. tambem Ascoli, *Lezioni di fonologia comparata del sanscrito, del greco e del latino*, Milão, 1870, pag. 172-173; Corssen, *Ueber Aussprache, Vokalismus und Betonung der lateinischen Sprache*, t. II, Leipzig, 1870, pag. 334.]

[1] *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*, 3ª ed., pag. 78-79. Weimar, 1871.

[2] *Dante et les origines de la langue et de la littérature italiennes. Cours fait à la Faculté des lettres de Paris* (1833-1834), t. II, pag. 105. Paris, 1854.

[3] Hippolyto Cocheris, *Origine et formation de la langue française*, pag. 13. Paris (1871).

[4] « Que no latim rustico se manifestassem tendencias para a dissolução de algumas fórmas grammaticaes; que nelle como no latim

um idioma *subalterno e irresponsavel*, « aquell'outra lingua trivial e sempre variavel que é como interna recovagem comparada com a solemne embaixada a quem incumbe representar officialmente no exterior a nação, e guardar os seus interesses » [1].

Os testimunhos historicos, porêm, os vocabulos e locuções que elles nos transmittiram, sufficientes para attestarem a existencia de um dialecto popular em que Diefenbach julga terem-se conservado, mais que na lingua litteraria de Roma, muitas das antigas fórmas [2], não nos offerecem elementos para o compararmos nem comsigo mesmo nas differentes edades, nem com o latim classico. São membros dispersos que não bastam a reconstituir o inteiro corpo do idioma [3]. Haviam-se mister, considera Fauriel,

classico existissem em germen todos os processos analyticos das linguas romanas é um facto innegavel que no corpo d'esta obra será devidamente demonstrado; mas que o latim rustico differisse do latim classico a poncto de constituir uma lingua ou mesmo um dialecto á parte, só com completo desconhecimento dos factos póde ser affirmado ». F. A. Coelho, *A Lingua portuguesa*, Coimbra, 1868, pag. 17.

Á terminantissima asserção do sr. Adolpho Coelho, unanime, neste encontro do seu livro, com o sentimento de Raynouard (*Grammaire comparée des langues de l'Europe latine, dans leurs rapports avec la langue des troubadours*, Paris, 1821, pag. XLVIII) bastar-me-ha por agora oppor as seguintes palavras, que quasi á casca da lettra traduzo de Schuchardt, *Vokalismus*, tom. I, 1866, pag. 47-48: « O *sermo plebeius* não está para o *sermo urbanus* em relação de descendencia nem de ascendencia, porêm em relação collateral. Sem duvida o *sermo plebeius* nasceu de um latim com fórmas mais cheias e mais puras, mas não do *sermo urbanus*. Sem duvida o *sermo urbanus* nasceu de um latim de character mais popular e mais grosseiro, mas não do *sermo plebeius*. Ambos tiveram raizes na lingua popular archi-romana, *prisca latinitas*: eram dialectos gemeos (*es waren Zwillingsdialekte*) ».

Bem póde ser que os dous annos que separaram a publicação do livro português da do livro de Schuchardt dessem ao sr. Adolpho Coelho mais acabado conhecimento dos factos; e, em tal caso, Portugal, que até ahi *falava em glottica ao modo por que no seculo XV se falava do Prestes João das Indias*, passa de repente a estar mais adeantado que a propria Allemanha. Outras e maiores glorias teremos os portugueses de dever ainda ao sr. A. Coelho, destinado, segundo toda a probabilidade, a illustrar-nos com algum transcendental descobrimento acêrca d'esse mesmo Prestes ou Preste João, mal haja vista do livro que, em nova edição sob o titulo *Der Presbyter Johannes in Sage und Geschichte*, publicou em 1870 o dr. G. Oppert.

[1] Mendes Leal, *As Duas Peninsulas (America*, III, 1871, pag. 50).

[2] *Ueber die jetzigen romanischen Schriftsprachen, die spanische, portugiesische, rhätoromanische (in der Schweiz), französische, italiänische und dakoromanische (in mehren Ländern des östlichen Europa's)*, pag. 22. Leipzig, 1831.

[3] « Que de fossiles linguistiques nous manquent pour rétablir la série des périodes, des étapes que l'homme a parcourues sur la grande

documentos continuados e de certa extensão, que justamente fallecem [1]. As canções militares de que trazem referencia as historias e as biographias dos cesares não chegaram provavelmente até nós na sua fórma primitiva. No que é fundamental, as alterações do latim comprovadas pelas inscripções christans das catacumbas [2] descobrem completa identidade com as que se observam nos actos escriptos em latim barbaro da meia edade [3].

route de l'intelligence! M. Alexandre de Humboldt rencontra à Maypurès un vieux perroquet dont personne ne pouvait comprendre le language, parce que cet oiseau répétait quelques mots de l'idiome d'une tribu, les Aturès, qui s'était éteinte. Dans quelques siècles, il y aura bien d'autres de ces perroquets parmi nous. On entendra les femmes répéter à leurs enfants des chansons dont le sens ne sera plus compris, ou de jeunes garçons pousser des exclamations qui ne seront plus que de vains sons, parce que les langues auxquelles ces mots appartiendront auront été oubliées. C'est ainsi qu'en France, dans certaines fêtes populaires, on redit des mots celtiques que personne ne peut expliquer ». Alfredo Maury, *La Philologie comparée; ses principes et ses applications nouvelles*, Paris, 1857, pag. 32.

[1] *Dante et les origines de la langue et de la littérature italiennes*, t. II, 1854, pag. 433. Cfr. A. de Chevallet, *Origine et formation de la langue française*, part. II, 1857, pag. 16; Diez, *Grammatik der romanischen Sprachen*, t. I [3], 1870, pag. 6.

[2] « Le peuple italien commence aux catacombes. C'est là qu'il faut descendre pour trouver les origines de tout ce qui doit devenir grand. J'y vois déjà le peuple dans le sens moderne qu'on donne à ce mot, en y comprenant les femmes, les enfants, les faibles et les petits, ce que les historiens anciens méprisaient, ce dont ils ne tenaient point de compte. J'y vois un peuple nouveau, mêlé d'étrangers, d'esclaves, d'affranchis, de barbares, animé d'un esprit qui n'est plus celui de l'antiquité.... — En pénétrant dans ces voies ténébreuses, on apprenait à se séparer de tout ce qui est visible, et de la lumière même par laquelle tout est visible. Le cimetière y enveloppait tout le reste, comme l'éternité enveloppe le temps; et les oratoires pratiqués de distance en distance pour la célébration des saints mystères étaient comme autant de jours ouverts sur l'immortalité, pour consoler les âmes de la nuit d'ici bas.... — Dans ces inscriptions latines écrites en lettres grecques, hérissées de fautes d'orthographe, de fautes de langue et de prosodie, je prends pour ainsi dire sur le fait les ignorants qui les ont tracées, et je reconnais les mères plébéiennes, les pères esclaves, gravant furtivement leur douleur et leur espérance sur la pierre devant laquelle ils reviendront s'agenouiller ». A. F. Ozonam, *Les Poëtes franciscains en Italie au treizième siècle*, 3ª ed., Paris, 1859, pag. 14, 15, 20.

[3] Littré, analysando o *Dictionnaire français-latin* de Quicherat, em tanto que affiança ao publico não terem actualmente as lettras latinas nome mais auctorizado, julga necessario, em confabulação familiar com o seu antigo condiscipulo, insinuar algum amigavel reparo: « J'ai sans peine acquiescé, quand M. Quicherat, pour rendre *fief*, *vassal*, *baron*, s'est servi de *feudum*, *vassallus*, *baro*; ces mots sont de la latinité mourante, il est vrai, mais non de la latinité morte. Il n'en est plus de même pour *pagius*, que j'ai bien de la peine à

Até que epocha da historia de Roma ou da lingua latina cumpre pois remontar para assistir á nascença e crescimento do idioma de que hão de provir mais tarde os dialectos romanicos, « cette sorte de latin dégénéré selon les uns, transformé, approprié à de nouveaux besoins selon les autres » [1]? Eis o poncto escabroso, a duvida antiga, a que só por approximação é possivel responder.

recevoir dans un dictionnaire latin comme l'équivalent de notre mot *page*. Sans doute *pagius* est dans Du Cange; mais il faut bien distinguer deux basses latinités, celle de laquelle le roman a été fait et celle qui a été faite sur le roman ». (*Histoire de la langue française*, 2ª ed., 1863, t. II, pag. 380.) A observação final, especie de postulado que se devêra crer preliminarmente acceito, bem a poderiamos considerar ociosa; mas, por sua parte, Paulo Meyer, em argumentação com Littré, não tem por inutil esta advertencia de um dos seus escriptos de combate: « *Pini* est de la langue grammaticale, *de habetem* (pour *abietem*?) de la langue vulgaire. Lorsqu'on étudie philologiquement les textes de la basse latinité, il ne faut jamais perdre de vue cette idée qu'ils ne nous offrent ni la langue littéraire ni la langue vulgaire, mais un mélange de ces deux idiomes, où les apparitions du second sont proportionnelles à l'ignorance du scribe ». (*Note sur la métrique du Chant de sainte Eulalie*, Paris, 1861, pag. 19.)

Assignalando esta differença, tambem notada por Diez e Schuchardt (*Etymologisches Wörterbuch*, I [2], 1861, pag. x; *Vokalismus*, I, pag. 62), escreve Augusto Brachet: « A côté du latin classique, du latin vulgaire, du bas-latin (mélange de l'un et de l'autre), il est encore une seconde espèce de bas-latin, postérieure au huitième, même au dixième siècle, je veux dire le latin du moyenâge, reproduction servile du mot français; ainsi *missaticum* avait donné *message*: les clercs transformèrent *message* en *messagium*. C'est là le véritable latin de cuisine ». (*Grammaire historique*, 2ª ed., pag. 27.) — D'onde um facto frequente na toponymia das linguas romanicas, o de nomes latinizados em virtude de falsas etymologias: « C'est un fait qui s'est produit — diz Quicherat — depuis que la langue vulgaire a prévalu, c'est-à-dire depuis le dixième siècle. Il a été surtout fréquent au treizième. Des clercs ayant à consigner, dans les chartes ou dans les chroniques latines, des lieux dont ils ignoraient le nom latin, composaient ce nom sur la forme française, interprétée étymologiquement. Or, comme l'étymologie consistait alors à former un sens d'après la valeur phonétique des syllabes dans les mots, les thèmes latins sortis de là sont la traduction d'équivoques, la pulpart du temps ridicules ». (*De la formation française des anciens noms de lieu*, 1867, pag. 78). Porei alguns dos exemplos recolhidos pelo auctor: « *Aridus locus*, thème approximatif de Arleuf (Nièvre). *Bonus oculus*, qui est *Bonogilum* dans les textes mérovingiens, Bonneuil (Seine), ainsi travesti par une équivoque dont Molière s'est moqué en l'attribuant aux mauvais plaisants de son temps. *Centum nuces*, Cent-Noix, approximatif de Sannois (Seine-et-Oise), qui fut probablement *Sanedum*, dans sa forme primitive. *Quid mihi quœris*, Quoi me-quiers? approximatif de Commequiers (Vendée). *Unus pilus*, Un-poil, équivoque d'Umpeau, autrefois Umpeil (Eure-et-Loir). *Vadum longi regis*, équivoque de Gué-de-Longroy », etc.

[1] A. Houzé, *Étude sur la signification des noms de lieux en France*, pag. 1. Paris, 1864.

Usa Édélestand Du Méril a maxima clareza de expressão á volta d'este assumpto, no *Essai philosophique sur la formation de la langue française* (Paris, 1852). Não falta ás suas affirmativas o cortejo de provas que o auctor mesmo declara indispensavel nos trabalhos de erudição [1], e em breves phrases condensa os factos que a observação e o estudo teem conseguido apurar no exame da contenda. Leiamos:

« Tout ce que l'on sait aujourd'hui de l'idiome du peuple se borne à un bien petit nombre d'expressions sans date, que leur bizarrerie a fait citer par des écrivains d'une époque assez récente, qui ne se doutaient nullement de leur importance pour l'histoire de la langue. On y peut seulement ajouter, par une hypothèse toute dénuée de preuves, quelques mots trop rarement employés par les auteurs du siècle d'Auguste pour paraître appartenir au langage habituel des gens lettrés ». (Pag. 164.) — « Ce n'était donc pas l'idiome littéraire que les soldats et les colons romains portaient dans les provinces [2],

[1] *Études sur quelques points d'archéologie et d'histoire littéraire*, pag. 384. Paris, 1862.

[Por occasião da *Grammatica latina* de Madvig, ultimamente traduzida pelo sr. Silva Dias, escreve a *Bibliographia critica de historia e litteratura* do sr. Adolpho Coelho (1872, pag. 42): « A traducção está feita com fidelidade e tacto.... As modificações que fez parecem-nos acertadas, excepto uma ou outra, como a omissão (que ainda assim não se extendeu a todos os casos) da indicação dos capitulos dos auctores, porque hoje estamos no habito de ver tudo authenticado o melhor possivel ». Na *Revue critique* (1872, art. 225) nota Gaston Paris a respeito da *Theoria da historia da litteratura portuguesa*: « Les indications de sources font défaut, mais elles doivent se trouver dans les autres écrits de M. Braga ». — « Encontram-se nelles effectivamente — responde o sr. A. Coelho, *Bibliographia*, 1873, pag. 145 —; mas desejar-se-hia que o sr. T. Braga fosse mais regular e exacto nessas indicações ».]

[2] « Il doit être évident pour tous que nos pères, les Gaulois, ont eu des relations bien plus fréquentes avec les soldats romains, avec les légionnaires, avec les employés inférieurs de l'administration et avec les colons romains qu'avec les sommités aristocratiques ou littéraires de Rome, et que leur langage ne pouvait guère être qu' un latin barbare, encore plus rempli de barbarismes que ne l'était le langage des soldats, *sermo castrensis*, qui sonnait déjà si mal aux oreilles délicates des beaux parleurs romains ». Bastin, *Études philologiques sur la langue française, ses origines, ses principales formes grammaticales, ses lettres, ses homonymes, homographes et paronymes*, S. Petersburgo, 1870, pag. 2. — « A variação das linguas não procede unicamente no tempo. O mesmo idioma, como a mesma planta, transportado a uma região diversa do primitivo centro de formação, degenera e tende a constituir pelas suas continuas variações uma especie, ou pelo menos uma sub-especie, mais do que uma variedade do idioma fundamental. Do latim provincial brotam as linguas

mais un langage vulgaire, ayant un vocabulaire spécial [1] et des formes particulières [2] dont il est devenu impossible d'apprécier complétement les différences. On sait seulement qu'il avait acquis une sorte d'unité, puisque un assez grand nom-

romanicas de agora. Já o grande mestre da eloquencia latina, discreteando com Bruto acêrca da *urbanitas*, quasi atticismo romano, convidava o seu interlocutor a que fosse ás Gallias e alli acharia em uso muitos vocabulos que em Roma seriam peregrinos.... Estas palavras de um dialecto local, estas *verba non trita Romae* não se contentavam de esconder a sua rusticidade nos campos das Gallias e das Hispanhas; a Roma passavam naquelle perpetuo fluxo e refluxo, naquella incessante elaboração de unificação civil e intellectual do imperio, naquelle cambio continuado entre a metropole do mundo e as provincias submettidas á sua dominação. É o que sancto Isidoro de Sevilha significava nestas palavras citadas por Friedrich Diez: « Unaquaeque gens facta Romanorum cum suis opibus *vitia quoque et verborum* et morum Romam transmisit ». Latino Coelho, *Relatorio da commissão encarregada de propor á Academia Real das Sciencias de Lisboa o modo de levar a effeito a publicação do Diccionario da lingua portuguesa*, 1870, pag. 11.

[1] [« Ricordo che É. Littré esprimeva il desiderio, che, coll'aiuto delle parole romanze moderne, qualche esperto filologo tentasse di riempiere tutti i vani che restano al lessico della bassa latinità. Conoscere le sembianze delle parole nel basso latino può essere utile in molti casi; ma utilissimo sarebbe poi che dallo studio dei linguaggi moderni, derivati dal latino, qualche sprazzo di luce si facesse riverberare sul latino stesso, del quale noi conosciamo ben poca parte, specialmente se si pensi alle tante forme dialettali che dovettero intersecare ab antiquo l'idioma più tardi pulito ed abbellito da Cicerone e da Virgilio. Lo studio critico dell'italiano e delle lingue sorelle è non solo un dovere che incombe a noi altri romanisti, ma egualmente a tutti i latinisti; e credo non andasse errato Augusto Fuchs quando disse che un interprete di Plauto dev'essere anche profondo romanista ». Canello, *Storia di alcuni participii nell'italiano e in altre lingue romanze* (*Rivista di filologia romanza*, vol. I, Imola, 1872, pag. 19). — Cfr. Diez, *Grammatik*, I [3], pag. 31. — « Scoprire, scernere e definire, a larghi ma sicuri tratti, gli idiomi e quindi i popoli, che ben soggiacquero a quella potente parola [fala da lingua de Roma], ma sempre reagendo sopra di lei con maggiore o minor forza, per guisa che ciascuno di loro la rifrangesse in diversa maniera, e rivivesse, in qualche modo, sotto spoglie romane; rifar la storia di queste nuove persone latine, esplorarne la genesi, gl'incrociamenti e le propaggini; risalir così dall'una parte, ai fondamenti ante-romani, e scendere, dall'altra, in sino a ricomporre e correggere la cronaca di quelle età, che possiamo ancora dir moderne; raccogliere, in questo largo e cauto lavoro, tesori infiniti per l'istoria generale del linguaggio; ecco ciò che può sin d'ora, e deve volere, la dialettologia romanza in generale e l'italiana in ispecie ». Ascoli, *Archivio glottologico italiano*, vol. I, Milão, 1873, *Proemio*, pag. XXXIX.]

[2] « No preterito perfeito muda usualmente o latim por syncope a segunda pessoa de ambos os numeros, e a terceira do plural. « Præteritum perfectum activum sæpe per syncopen profertur in secunda utriusque numeri, et tertia in plurali : *amasti*, *audisti*, *amastis*, *audistis*, *amaverunt* [sic: *amarunt*?], *audierunt* ». Vossii, Lat. Gramm. p. 96. É de crer que em linguagem corrente os latinos se não servissem

bre de mots les plus nécessaires à la conversation journalière ont disparu des langues formées du latin». (Pag. 166.) — « Pour se répandre dans les Gaules, ce latin archaïque [la latinité gauloise [1] était bigarrée d'une foule d'expressions archaïques plus vivaces pour la plupart que les termes élégants qui les avaient remplacées] dut se soumettre à une foule d'altérations [2].

senão d'estas fórmas abbreviadas, dizendo *amasti* em vez de *amavisti*, *audisti* em vez de *audivisti*, etc., das quaes fórmas, quasi sem alteração, vieram as portuguesas amaste, ouviste, amastes, ouvistes, amaram, ouviram, ou *amaron*, *ouviron*, como diceram nossos maiores. Serve isto de fazer ver o modo porque muitas vezes o latim se converteu em linguagem vulgar; porque homens ha de tão má critica que, em vez de compararem os tempos proximos de ambas as linguas e de cotejarem o latim rustico com o nosso antigo romance, para assim fazerem um juizo, querem decidir confrontando o latim de Cicero com o português que hoje falâmos ». Leoni, *Genio da lingua portuguesa*, t. I, Lisboa, 1858, pag. 276. — « Thus a very slight study of the decline of Latin will show us the words now pure Italian becoming common; as *pensare*, to think, in the writings of St. Gregory; or the preposition *de* for the genitive. Such forms were all doubtless common long before among the vulgar. In rude sepulchral inscriptions, we have the SS for the X, as BISSIT for VIXIT ; nay, I remember one instance where this verb is written as in Italian (excepting the change of V into B), BISSE ». Wiseman, *Twelve Lectures on the connexion between Science and Revealed Religion*, 5ª ed., t. I, Londres, 1861, pag. 70, nota.

[1] [« La très-proche parenté du gaulois avec le latin est la cause de la facilité avec laquelle les Gaulois apprirent le latin. Mais la ressemblance générale des deux grammaires n'empêchait pas qu'il n'y eût un certain nombre de différences ; et ces différences s'exprimèrent par des solécismes dans le latin vulgaire de la Gaule ». D' Arbois de Jubainville, *La Déclinaison latine en Gaule à l'époque mérovingienne*, 1872, pag. 23. Cfr. pag. 33. — « Cette influence du Gaulois sur notre langue, nous ramène à un dernier argument, ou, pour mieux dire, à une supposition que nous avons vue hasardée par M. Holtzmann, c'est qu'il aurait été, dès le règne de Caligula, c'est-à-dire à la seconde ou troisième génération depuis l'organisation de la Gaule par Auguste, étouffé par la langue et la civilisation romaines. Observons d'abord que le professeur allemand nous prend là de vieilles idées de Barbazan, notre *celtophobe* du XVIIIe siècle. En second lieu, quelque adroite ou quelque tyrannique qu'ait pu être la politique qu'on nous dit avoir été suivie généralement par le peuple-roi dans les pays conquis, nous avons observé qu'un changement aussi rapide était impossible, et nous savons d'ailleurs que cette politique n'a pu triompher qu'à la longue, — et non sans exceptions, — de l'obstination routinière ou patriotique des vaincus ». Roget de Belloguet, *Ethnogénie gauloise*, t. I [2], 1872, pag. 47 - 48. — Cfr. Burguy, *Grammaire de la langue d'oïl*, t. III [2], Berlin (Halle), 1870, pag. IX-XI.]

[2] « A côté du latin, qui va sans cesse en déclinant depuis l'établissement du christianisme, se forment, sur de nouvelles bases, les idiomes romans, et près d'eux l'anglais et l'allemand, soit au moyen de leurs matériaux propres, soit à l'aide de mélanges opérés par la force des événements. Les voyelles restées pures sont troublées par des adoucis-

Tout en acceptant un langage qu'ils n'avaient point appris dans leur enfance, les indigènes ne renoncèrent pas à leurs habitudes de prononciation [1], et firent violence à leur nouvelle lan-

sements, des fractures et d'autres moyens inconnus à l'antiquité ; le système de nos consonnes éprouve des déplacements, des altérations, des permutations, et devient plus rude dans son ensemble.... La plupart des flexions se perdirent, et à leur place on fit emploi de particules isolées, qui les remplacèrent avec avantage, en donnant à la pensée un tour plus libre et plus assuré. Les quatre ou cinq cas de la déclinaison grecque ou latine, tout en paraissant pauvres en comparaison des cas de la déclinaison finnoise, étaient pourtant d'un emploi plus étendu que ceux-ci, avec leur richesse plus apparente que réelle. C'est ainsi que nos langues modernes ont moins perdu qu'on ne le croit en abandonnant ou en remplaçant par des périphrases les formes exubérantes du verbe grec ». Jacob Grimm, *De l'origine du langage*, trad. de F. de Wegmann, Paris, 1859, pag. 48. — [« On n'ignore pas que parmi les grands peuples civilisés de l'Europe les Français sont ceux qui ont le plus déformé l'ancien type latin. Soit paresse des organes, soit besoin de s'exprimer vite et vivement, les mots latins ont été énervés, amollis par la bouche française au point d'en être devenus souvent tout à fait méconnaissables. Les plus fortes consonnes ont été affaiblies, broyées, *vocalisées*, élidées; des mots qui comptaient trois ou quatre syllabes n'en comptent plus aujourd'hui que deux ou même qu'une seule : comparez *carême* à *quadragesima*, *rotundus* à *rond*, *veduto* (ital.) *vu*, *digitale* à *dé* ». Benloew, *Aperçu général de la science comparative des langues*, 2ª ed., Toulouse, 1872, pag. 142.]

[1] « O latim toma novos geitos, segundo a terra para onde vai e a lingua que ahi se fala. Pronuncia-se segundo a prosodia indigena. Ao cabo pois de alguns seculos, o latim está completamente alterado, e os dialectos provinciaes estão formados. Não são mesmo precisos seculos para esta alteração. A Hispanha mostra-nos em exemplares incontestaveis este processo rapido. *O Fuero de Cuenca* está escripto em latim puro. O de Huclés, feito cinquenta annos depois, tem já muitas palavras hispanholas. O de Cáceres, que veiu logo depois, esse já está cheio de phrases inteiras hispanholas. Foi assim que se chegou á lingua do Cid ». Anselmo de Andrade, *Epopeias da historia*, Lisboa, 1866, pag. 167.— « ... Entre a lingua usada na provincia de Entre Douro e Minho e a que mais tarde apparece nas terras do Cima-Coa e na Extremadura ha uma differença bastante sensivel para o historiador philologo. Póde sem receio dizer-se que, á similhança do que se dava além dos Pyreneus, em Portugal havia tambem uma *langue d'oc* e uma *langue d'oïl*, a lingua do norte e a lingua do sul. E se no estudo dos monumentos diplomaticos attendermos, para a historia dos dialectos, á situação topographica do poncto onde foi redigido o documento, estamos certos de que se poderá traçar uma linha divisoria, o Mondego, entre essas duas linguas. Ao norte é mais uniforme, mais correcta, mais suave e mais alatinada ; ao sul menos egual, mais aspera e resentindo-se da lingua castelhana que influíra poderosamente na sua formação. E isto não sómente nos primeiros seculos : ainda depois que o latim deixou de ser a lingua official — um seculo depois de D. Dinis ». A. Soromenho, *Origem da lingua portuguesa*, 1867, pag. 24-25. — « Prima di passare alla particolare rassegna de' nomi in *ago*, non sarà fuori di proposito il notare che, come questa forma di nomi locali è venuta nella Francia settentrionale a terminare generalmente in *y*, nella meridionale in *ac*, nella centrale, orientale e occidentale variamente in *ec*, *ey*, *eu*, *a*, *as*, *at*, nel Belgio

gue pour l'approprier aux formes naturelles de leur pensée [1].... Aucun principe uniforme ne put généraliser ces corruptions; elles dépendaient des diverses habitudes de chaque centre de population, et dans l'ignorance où nous sommes de la circonscription et de la prononciation des différents dialectes, nous ne nous expliquons les nombreuses transformations du même mot que par des hypothèses échaffaudées dans le vide. Il paraît seulement vraisemblable que dans les provinces où, grâce à leur richesse et à leur nombre, les colons romains exercèrent une influence politique et sociale plus dominante, les altérations de leur langue furent moins profondes et surtout moins rapides que dans les autres ». (Pag. 171, 172.) — « Pour être adoptées par des esprits différents d'habitudes et indépendants les uns des autres, ces corruptions elles-mêmes

in *aken*, nell' Allemagna in *ig*, *ich*, *ach*, così anche nell' Italia superiore venne ad avere terminazione diversa secondo le leggi dialettiche dell'ambiente di tali nomi. Quindi i finimenti in *ago* del Veneto, in *à* del Friulano, in *ag*, *ac* della Lombardia, in *è* del Piemonte; forme che vengono poi italianizzate dai Lombardi in *ago*, dai Friulani in *acco*, e dai Piemontesi, quando lasciate in *è*, e quando anche ridotte ad *acco* ». Flechia, *Di alcune forme de' nomi locali dell' Italia Superiore*, Turin, 1871, pag. 11-12. — Cfr. Max Müller, *La Stratification du langage*, trad. de Luis Havet (*Collection philologique*, 1º fasc. da nova serie, Paris, 1869, pag. 29-30, nota).

[1] « O quadro do pensamento, a expressão do sentimento, a combinação harmonica das vozes.... fazem-se muito melhor sem casos do que com elles; e a clareza e precisão das linguas modernas é infinitamente maior que a da lingua latina, o que lhes dá sobre esta uma superioridade incalculavel. Que cousa são casos? são uma radical com o fragmento de uma preposição, que fórma as *terminações*. [Como synthese das doutrinas mais recentes sôbre o assumpto, consulte Pezzi, *Grammatica storico-comparativa della lingua latina*, 1872, pag. 371 e segg.] Nós não temos nos nomes essas terminações, é verdade; mas por meio das preposições variâmos o discurso a poncto de exprimirmos todas as vistas do espirito e todas as sensações imaginaveis, com uma precisão e clareza infinitamente maiores do que os latinos o faziam com os seus casos ». [Barão de Fozcoa] *A Lingua portuguesa é filha da latina*, Lisboa, 1843, pag. 20. Cfr. pag. 44, 45. — « Il ne faut pas croire qu'ici la synthèse soit absolument la perfection, et l'analyse une décadence et une corruption. C'est ici surtout que la mesure et l'équilibre sont nécessaires pour la clarté du langage unie à la beauté. L'excès des moyens synthétiques de flexion est plutôt pauvreté que richesse, plutôt source de confusion que de netteté dans les rapports. Je n'en veux pour exemple que telle ou telle langue finnoise qui nous offre jusqu'à quinze ou vingt cas, pour distinguer les diverses natures de relations grammaticales: *Divitias miseras*, complication inutile; il ne faut pas tant de couleurs au peintre pour faire et achever ses tableaux, et rendre toutes les nuances de la nature ». A. Regnier, *Traité de la formation des mots*

devaient déjà se rapporter à des principes instinctifs, qui s'efforçaient de régulariser le désordre et de le soumettre à des lois systématiques [1]. Loin de chercher à se rapprocher de son point de départ en remontant le cours des âges, le pêle-mêle informe qui avait constitué le roman s'éloignait chaque jour davantage du latin, et se pénétrait plus profondément du nouvel esprit de la civilisation. Mais dans cette série de transitions incessantes dont se compose l'histoire des idiomes qui se dissolvent et se reconstruisent, il serait impossible,

dans la langue grecque, Paris, 1855, pag. 31-32.— « Si la supériorité des langues dépendait de la quantité et de la régularité rigoureuse des formes, de la multiplicité des expressions qui servent à designer les moindres particularités, comme dans la langue des Abipones, où le pronom de la troisième personne est différent selon qu'on conçoit l'homme comme présent ou absent, comme debout, assis, couché ou marchant, on voit qu'il faudrait placer beaucoup d'idiomes des sauvages au-dessus des langues des peuples les plus civilisés: et c'est ce qui arrive assez fréquemment même de nos jours. Mais comme on ne peut raisonnablement estimer la valeur relative des langues que d'après la façon dont elles se prêtent au développement des idées, on reconnaît que c'est tout l'opposé qui est vrai. Cette multiplicité de formes entrave en effet et arrête le développement des idées, bien plus qu'elle ne le favorise: c'est un embarras pour l'esprit que d'être forcé de recevoir dans un aussi grand nombre de mots une foule de désignations accessoires et particulières qui ne peuvent lui être utiles dans tous les cas ». Guilherme de Humboldt, *De l'origine des formes grammaticales et de leur influence sur le développement des idées*, trad. de A. Tonnellé, Paris, 1859, pag. 28-29. — Cfr. Renan, *De l'origine du langage*, 4ª ed., 1864, pag. 182 - 183 ; Bréal, *De la méthode comparative appliquée à l'étude des langues*, 1864, pag. 18. — Sôbre as modificações de construcção, veja, entre outros, Obry, *Du verbe substantif et de son emploi comme auxiliaire dans les conjugaisons sanscrite, grecque et latine, à la voix active*, Amiens (1835), pag. 4-5; Benloew, *De l'Accentuation dans les langues indo-européennes tant anciennes que modernes*, Paris, 1847, pag. 252-254; Weil, *De l'ordre des mots dans les langues anciennes comparées aux langues modernes*, 2ª ed., 1869, pag. 29 e segg.; Thurot, *Observations sur la place de la négation « non » en latin*, 1870, pag. 21.

[1] « Pour quiconque se reporte en idée à l'officine d'où sortirent les langues romanes, et y voit les mots se forger, les cas disparaître, les conjugaisons se disloquer, la quantité prosodique des syllabes s'oublier, les vers métriques se défaire, les adverbes prendre une finale caractéristique, il semblera que c'est le chaos, ou du moins que chacune des populations romanes, taillant à sa guise dans ces dépouilles désormais abandonnés et faisant, comme il lui plaisait, son triage, devait ne se rencontrer jamais avec sa voisine dans l'admission, le rejet, la transformation des formes et des mots. Pourtant les choses se passèrent autrement ; et, au grand étonnement de l'érudit, les mutations s'effectuèrent comme si un concert préalable les avait déterminées. Le champ des divergences était illimité; le point des rencontres était unique; eh bien, ce champ illimité, aucune des langues ne s'y engage ; ce point unique, toutes s'y arrêtent ». E. Littré, *Dictionnaire de la langue française*, t. I, 1863, pag. xlvii.

lors même que les éléments ne manqueraient pas, de caractériser des phases et de leur assigner une date »[1]. (Pag. 186.)

As investigações mais recentes de Schuchardt vieram de todo o poncto confirmar as opiniões tão lucidamente expostas pelo auctor nesta parte da sua obra.

E agora diga-me V. Ex. se onde tudo são incertezas, escuridades, hesitações, devia o sr. A. Herculano usar outra linguagem, transtrocar em realidades as suas hypotheses, dar como certo o conjectural; julgue se emfim não é a regra de Voltaire o unico criterio admissivel no exame de problemas de tal ordem?

Á questão do latim vulgar prende-se outra não menos enredada de difficuldades, outra, a cuja solução renunciou o proprio fundador da philologia romanica — a da formação dos idiomas modernos[2], problema que por ventura continuará longamente entregue ás disputações do mundo.

[1] « Jusqu'ici le but principal des auteurs semble avoir été de simplifier la question et d'assigner à l'origine du romance une date positive et un lieu spécial, où il prit tout à coup naissance et d'où il se ramifia sur divers points, jusqu'à ce que, par son énergie propre, il se répandit dans toute l'Europe latine, en étouffant complétement les dialectes indigènes de chaque peuple. Nous avouerons franchement que, quant à nous, après les recherches les plus assidues, nous n'avons pu réussir à déterminer, ni même à conjecturer, la date ou le berceau de cette langue; et ici nous devons faire observer que, si nous parlons de son origine dans le titre de notre ouvrage, nous ne prétendons pas remonter au-delà des preuves qui ressortent, soit de l'idiome même, soit de la tradition ou de l'histoire, soit de sa comparaison avec les langues mortes ou vivantes ». Bruce-White, *Histoire des langues romanes et de leur littérature depuis leur origine jusqu'au* XIV[e] *siècle*, t. I, Paris, 1841, pag. vj-vij. — « A la vérité, les traditions précises, les ères, les indications de toute sorte qui forment le fondement d'une chronologie de l'histoire proprement dite ne sont à la disposition de la science du langage que pour des périodes relativement courtes et tardives. Pour l'histoire de l'ancienne langue latine, par exemple, elles ont été exploitées avec une merveilleuse sagacité. Mais au delà de la période pour laquelle nous avons le témoignage des œuvres littéraires ou des monuments, c'est-à-dire pour la partie de beaucoup la plus étendue de l'histoire du langage, toute indication extérieure de cette sorte fait complétement défaut. Nous sommes entièrement réduits aux critères intérieurs ». Curtius, *La Chronologie dans la formation des langues indo-germaniques*, trad. de Bergaigne, 1869, pag. 39.

[2] « Jacob Grimm, qu'une érudition immense, une grande pénétration, une haute intelligence du génie des nations et des langues, ont fait placer à bon droit au premier rang des philologues, pèche quelquefois par trop d'imagination et de subtilité, plus souvent par la confusion et un entassement d'idées et de faits qui rend la lecture de ses livres extrêmement pénible. M. Diez a porté plus d'ordre dans la disposition de ses matériaux; il a mieux digéré sa science et l'a rendue plus facilement abordable; enfin il a plus sévèrement subordonné

Desde a hypothese de Raynouard acêrca da lingua romana, *cette fameuse langue romane qui fut regardée pendant vingt ans comme l'ancien idiome d'une grande partie de l'Europe sur l'autorité d'un calembour* [1], quantas conjecturas, e que divergencias de opinião não separam Burguy de Schlegel e Sismondi, Ampère de Fallot e Grimm, Littré de Fuchs, o sr. Augusto Soromenho de Alexandre Herculano!

Sem muito custo podêmos imaginar o extremo de dissolução a que teria chegado o latim no periodo que immediatamente precedeu a formação dos modernos dialectos [2], e d'essa

son imagination à son observation, et n'a jamais demandé qu'aux faits eux-mêmes leur explication logique. Je cite encore ses propres paroles: « Les faits sont mon seul sujet; je les rassemble et je les juge « aussi bien qu'il m'est possible, voilà tout. J'ai expressément évité « toute recherche qui n'aurait pu donner que des résultats hypothé- « tiques; ainsi j'ai renoncé à expliquer la manière dont les langues « romanes se sont formées du latin ». Ce parti pris de ne jamais se laisser aller à des idées séduisantes, mais seulement probables, donne aux travaux de M. Diez une sûreté et une solidité qui en font la base inébranlable de la philologie romane ». Gaston Paris, *Introduction à la Grammaire des langues romanes* de F. Diez, 1863, *Préface*, pag. XVII. — Veja E. Stengel, noticia critica da 3ª edição alleman (*The Academy*, Londres, 1871, pag. 359).

[1] Du Méril, *Floire et Blanceflor*, *Introduction*, 1856, pag. CCXV.
« Ellis, o famoso litterato e collector de romances e balladas inglesas, define a lingua romance ou *roman*: — « Todos os dialectos das pro- « vincias europeas do imperio cuja base era o latim vulgar, quaesquer « que fossem os outros ingredientes que na mesma composição entras- « sem ». (Lewis, Essay on the origin of the romance languages, 1835.) Esta é tambem a opinião de Schlegel, contraria á de Raynouard, que queria fazer o provençal a lingua commum da Europa. O que de certo nunca foi ». GARRETT, Carta aos AA. do *Opusculo acêrca da origem da lingua portuguesa*, Lisboa, 1844, pag. XIV.

[2] « Eu sou de opinião que se deve trocar a designação de « dialectos da lingua romana vulgar » pela de « linguas romanicas » desde o tempo em que entre estes ramos de linguagem se verifica um desinvolvimento proprio e independente de uns para com outros. Parece que ainda no seculo VII uma pulsação os animava; circulam por todos os membros do grande corpo certas transformações phoneticas. O som sibilante do *c* antes de *e* ou *i* simples provavelmente só naquelle seculo se tornou geral, posto que a sua origem se manifestasse já em tempos anteriores.... Encontram-se na carta de Alboacem, rei de Coimbra, do anno de 734, palavras que teem physionomia especificamente portuguesa ou hispanhola; e, se Raynouard, *Choix*, I, *Introd.*, XI e seg., onde reproduz por extenso este documento [transcripto tambem por Bruce-Whyte, Sandoval e Rosseeuw-Saint-Hilaire: sôbre a sua authenticidade veja Amador de los Rios, *Historia crítica*, t. II, pag. 18, e os auctores mencionados em Diez, *Grammatik*, I [3], pag. 100, e em C. Lewis, *Essay*, 2ª ed., pag. 106] as cita a favor da sua opinião no tocante ao dominio de uma lingua romance geral, a verdade é que se devem citar em prova do contrario, pois do maior numero d'ellas resulta

corrupção [1] acaso nos offerecem idea os versos do poeta, ao falar dos enviados de Henrique II de Inglaterra que foram a Sens expor as suas queixas ao papa:

Auquant diseient bien, plusor diseient mal;
Li auquant en latin; tel buen, tel anomal;
Tel ki fist personel del verbe inpersonal;
Singuler et plurer aveit tut parigal [2].

D'ahi por deante, porêm, começam as duvidas; e na inquirição dos factos as distincções attingem um grau de agudeza escholastica que faria honra a Scoto, *doctor subtilis*, ou a Burleigh, *doctor planus et perspicuus*.

que já então se achava bem desinvolvido e distincto o idioma da peninsula iberica.... Considero por conseguinte o anno 700 de Christo como o *terminus ad quem* da lingua romana rustica». Schuchardt, *Der Vokalismus des Vulgärlateins*, t. I, Leipzig, 1866, pag. 101-102. Cfr. Burguy, *Grammaire*, t. I, pag. 10 da 1ª e da 2ª ed., 1853, 1869.

[1] « Os barbaros absorveram na sua linguagem o idioma opulento e majestoso do povo a quem haviam avassallado. Mas truncaram aqui e acolá os vocabulos mais bellos, e ultrajaram em corruptelas atrevidas as mais puras modulações da voz humana. Fizeram no idioma o que practicaram em tudo, uma alliança violenta da civilisação e da barbaria: a lei romana, coexistindo, incompleta e confusa, ao lado da lei dos salios e do codigo wisigothico; as instituições latinas a par dos costumes barbaros; o luxo romano contrastando com a sobriedade germanica.... — Aqui um franco salico enxertou uma palavra ciceroniana entre duas vozes do seu dialecto ingrato. Acolá um borguinhão mareou com o bafejo impuro o ouro de lei dos vocabulos de Virgilio. Alli um wisigodo associou entre barbarismos affrontosos um nome teutonico mal disfarçado sob as vestiduras romanas.... A latinidade foi desapparecendo, incrustada pelas influencias germanicas, assim como uma antiga medalha preciosa esconde os traços finos do seu cunho sob a terra que a oblitterou e corroeu». Latino Coelho, *O Visconde de Almeida Garrett (Panorama*, XIII, 1856, pag. 16).— « Il y a entre les deux types extrêmes, — la forme latine et la forme française actuelle, — une série de transformations qui expliquent souvent l'extrême désaccord que nous constatons entre le son d'autrefois et le son d'ajourd'hui. Malheureusement, nous ne possédons pas toutes les notes de cette gamme chromatique, toutes les nuances dont se sont colorés les mots aux différentes époques de leur longue existence. Ce qui nous manque surtout, ce sont les premières traces de leurs dégradations. Pour comprendre à quel point la langue latine a été torturée par les barbares, il faut entendre un Breton, un Limousin, un Alsacien et un Gascon lire une page de Bossuet. Lorsque les mots arrivent aux oreilles ainsi défigurés de tant de façons diverses, on se demande comment le français a pu conserver encore une si grande ressemblance avec le latin. Les consonnes étaient là heureusement. Elles ont servi dans les mots de digue à l'invasion barbare ». H. Cocheris, *Cours de langue française, Histoire de la grammaire*, Paris (1870), pag. 161 - 162.

[2] Garnier de Pont-Sainte-Maxence, *Vie de saint Thomas Becket*, citada por Du Méril (*Essai philosophique*, p. 182) do texto ms. depois publicado por Hippeau na *Collection des poëtes français du moyen âge*.

Max Müller vê-se constrangido a declarar que nunca teve, salvo se não chegou a exprimir-se precatadamente, a opinião que Littré lhe attribue sôbre a origem das linguas romanicas [1].

Admittido que ás linguas caibam as denominações de *mães* e *filhas* [2], são filhas [3] do latim essas linguas? Sim, affirmam

[1] *Lectures on the Science of Language*, 6ª ed., t. II, Londres, 1871, pag. 307. — Paulo Meyer (nota a Ampère, pag. 353) pretende ter impugnado radicalmente a theoria dos «matizes germanicos» (*deutsche Schattirung*) proposta pelo auctor.

[2] « Let us take the six Romance languages. It is usual to call these the daughters of Latin. I do not object to the names of parent and daughter as applied to languages; only we must not allow such apparently clear and simple terms to cover obscure and vague conceptions. Now if we call Italian the daughter of Latin, we do not mean to ascribe to Italian a new vital principle. Not a single radical element was newly created for the formation of Italian. Italian is Latin in a new form. Italian is modern Latin, or Latin ancient Italian. The names *mother* and *daughter* only mark different periods in the growth of a language substantially the same ». Max Müller, *Lectures*, I [6], pag. 64. — « Si l'on peut appliquer quelque part en philologie les termes commodes et clairs de *filiation* et de *maternité*, il paraît incontestable que c'est au rapport du latin avec les langues romanes ». G. Paris, *Introduction à la Grammaire des langues romanes*, *Préface*, 1863, pag. x. [São todavia de notar estas palavras do elegante traductor de Diez, na *Revue critique d'histoire et de littérature* (1872, art. 39), referindo-se ao opusculo de Haag *Vergleichung des Prakrit mit den romanischen Sprachen*: « Les langues ne vivent pas comme des êtres organiques ; elles ne produisent pas d'enfants; elles n'ont pas de mort naturelle. Ces idées ont déjà été exprimées ici plus d'une fois: elles ont pour résultat, comme on l'a vu, de faire cesser la distinction établie jusqu'à présent entre les *langues mères* et les *langues filles* ».] — « Car le sanskrit n'est pas plus que le zend, le celtique ou le latin, ce qu'on peut, par une image très-médiocrement heureuse du reste, appeller une *langue-mère*. C'est un fils, une branche, ou plutôt encore une *manière de devenir* de l'arien primitif ». Chavée, *Français et wallon, parallèle linguistique*, 1857, pag. vi. — [Deixei indicadas, no fim da nota de pag. 70, algumas das fontes para o estudo da questão do aryano primitivo. A forçada demora (tres meses) occorrida entre a impressão d'esta e da respectiva folha, me facultou espaço para o recebimento e leitura do opusculo sôbre as *Relações de parentesco das linguas indo-germanicas (Die Verwantschaftsverhältnisse der indogermanischen Sprachen)* de J. Schmidt, Weimar, 1872. O auctor, cuja actividade se tem manifestado em outras investigações glottologicas, nega a possibilidade da restituição do periodo indo-europeu. Toda e qualquer tentativa similhante á de Schleicher, para reconstruir, embora com elementos correctissimos, a lingua aryana primitiva lhe parece comparavel á traducção alleman de algum versiculo dos Evangelhos, feita com palavras, umas tiradas á traducção de Vulfilas (*sic*, pag. 31), outras á supposta versão de Taciano, outras á de Luthero. Em summa, considera essa lingua primitiva, á qual faltam as condições de *individuo historico*, mera ficção da sciencia.]

[3] « Il avait déjà eu une certaine uniformité, une certaine roideur dans la langue latine ; son énergie croissante empêcha les filles du

Heyse [1], Mätzner [2], Schleicher [3], e vinte outros. Não; são o proprio latim, diz Fuchs [4], e repete Burguy [5].

A evolução do latim? uma corrupção d'elle? [6] A lingua latina no seu desinvolvimento organico e normal, o latim entrado

latin de trop dégénérer, comme il advint aux dialectes sortis de l'ancien *hindou*, et leur conserva quelques traits de la langue mère ». Weil e Benloew, *Théorie générale de l'accentuation latine*, Paris, 1855, pag. 274. — « Des six langues issues du latin, je n'ai considéré ici (outre le français et le provençal) que l'italien, l'espagnol et le portugais, laissant de côté le valaque, dans lequel l'élément slave domine de beaucoup l'élément latin. Enfin, au lieu de désigner par l'expression de *Langues romanes* ces six idiomes considérés collectivement, j'emploierai, pour abréger, le nom de *Roman* créé par M. Diez pour exprimer l'ensemble des langues filles du latin ». Brachet, *Du Rôle des voyelles latines atones dans les langues romanes (Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, VII, Leipzig, 1866, p. 301). — « Quindi possiamo dire che la latina veramente fu avola, ma la romana fu madre delle nuove favelle che ora si parlano in tanta parte d'Europa ». Perticari (*apud* Cornewall Lewis), *Scrittori del Trecento*, l. I, c. 7. — « A lingua francesa actual não está propriamente para a lingua latina na mesma relação que as linguas romanicas até aqui referidas [hispanhola, portuguesa, italiana e provençal] .... Se estas linguas são filhas da mãe latina, então a lingua francesa no seu estado actual, não é senão neta da latina, com a qual só tem communs as feições geraes ». Fuchs, *Ueber die sogenannten unregelmässigen Zeitwörter in den romanischen Sprachen*, Berlin, 1840, pag. 209.

[1] *System der Sprachwissenschaft*, § 84, pag. 198. Berlin, 1856.

[2] *Syntax der neufranzösischen Sprache. Ein Beitrag zur geschichtlich-vergleichenden Sprachforschung*, t. I, pag. 6. Berlin, 1843.

[3] *Die Sprachen Europa's in systematischer Uebersicht,* Bonn, 1850, pag. 49; pag. 53 da trad. de Ewerbeck, Paris, 1852.

[4] *Die romanischen Sprachen in ihrem Verhältnisse zum Lateinischen*, Halle, 1849, pag. 2. A pag. 52 formúla do seguinte modo a sua these: « Que as linguas romanicas, como desinvolvimentos em tudo naturaes da lingua popular dos antigos romanos, devem ser decisivamente consideradas como aperfeiçoamentos (*Vervollkommnungen*) da lingua latina ».

[5] *Grammaire de la langue d'oïl*, 2ª ed., t. I, pag. 10. Halle, 1869.

[6] « Quand je dis que cette langue romane des onzième et douzième siècles est sortie du latin vulgaire et populaire graduellement *altéré*, j'ai peur de me faire des querelles; car, d'après les modernes historiens philologues, les transformations du latin vulgaire ne seraient point, à proprement parler, des altérations: ce seraient plutôt des développements, des métamorphoses, des états successifs soumis à des lois naturelles, et qui devinrent décidément progressifs à partir d'un certain moment: il en naquit comme par voie de végétation, vers le dixième siècle, une langue heureuse, assez riche déjà, bien formée, toute une flore vivante que ceux qui l'ont vue poindre, éclore et s'épanouir, sont presque tentés de préférer à la langue plus savante et plus forte, mais plus compliquée et moins naïve, des âges suivants ». Sainte-Beuve, estudo recolhido por A. F. Didot (*Observations*

na adolescencia, pretendem estes. Resultados antes de uma crise que de uma palingenesia, querem aquelles. Idiomas novos e secundarios que se não podem dizer derivados [1], e menos ainda

sur l'orthographe ou ortografie française, 2ª ed., Paris, 1868, pag. 167). [Cfr. Gaston Paris, *La Vie de Saint Alexis*, *Préface*, 1872, pag. 135-136.] — « Dans l'état d'ignorance où nous sommes sur la marche que la langue populaire a suivie du Vᵉ au Xᵉ siècle, on ne peut pas dire si la transformation que la langue latine a subie en se changeant en langues romanes n'était pas la marche naturelle d'un idiome qui ne subissait plus l'arrêt de développement linguistique que cause toujours la culture littéraire ». Eugenio Ritter, *Les idées allemandes sur la langue française* (*Revue politique et littéraire*, 1872, pag. 111). — « Quant au phénomène vraiment critique et exceptionnel que présente la décomposition du latin et la reconstruction des langues romanes avec ses débris, on peut dire qu'il témoigne encore de l'action soutenue d'une cause persistante, vu les ressemblances qui s'établissent finalement entre le système grammatical des langues de récente formation et le système grammatical des autres idiomes européens qui n'ont subi que la lente action du temps, sans secousse révolutionnaire, en passant, par exemple, du gothique d'Ulphilas à l'allemand intermédiaire et de l'allemand intermédiaire à l'allemand de Luther, ou du slave de la liturgie russe au russe actuellement parlé ». Cournot, *Considérations sur la marche des idées et des événements dans les temps modernes*, t. I, 1872, pag. 113-114. — « O que são os modernos idiomas neolatinos ou romanicos senão os productos da lenta decomposição, quasi diriamos fermentação de linguagens mais completas e primorosas? O que é o português de hoje senão o descendente — em centenares de gerações degenerado — do antigo e nobilissimo tronco, de que apenas hoje conserva as feições proeminentes, e essas mesmas confusamente delineadas? ». Latino Coelho, *Elogios academicos*, Lisboa, 1873, pag. 47. — « Que quer dizer o sr. Theophilo Braga com a pretendida coincidencia da formação da nacionalidade portuguesa com a das linguas romanicas? A palavra formação applicada ás linguas modernas, comquanto muito empregada, é um termo inteiramente inscientifico e que leva a uma falsa idea d'essas linguas. O que se chama linguas modernas não são mais que phases actuaes de linguas antigas, resultantes de uma transformação continua, mais ou menos consideravel segundo as epochas e em virtude de condições accidentaes, ou exteriores á linguagem ». Adolpho Coelho, *Bibliographia critica de historia e litteratura*, Porto, 1873, pag. 133.]

[1] « De même qu'il est absurde de dire avec trop de monde que le français est dérivé du latin, il ne serait pas moins absurde de dire que le latin (ou le sanskrit, ou le gothique) dérive de l'Arien primitif. Non, toutes nos langues indo-européennes, à quelque époque de leur vie que vous les preniez, sont toujours au fond la même langue arienne, nécessairement une aux premiers temps de l'existence de notre race, mais recevant de l'incessante mobilité propre à tout ce qui vit les modifications plus ou moins profondes, plus ou moins durables, qui les firent et continuent de le faire *diverses* (variées) dans leur perpétuelle et indéniable unité ». Chavée, *La Part des femmes dans l'enseignement de la langue maternelle*, 1859, pag. 99-100. — « Le français appartient à cette classe secondaire de langues qu'on appelle quelquefois les langues *néo-latines*, parce qu'elles sont toutes nées de la corruption du latin après la chute de l'empire romain, comme l'italien, l'espagnol, le portugais, le valaque. Le français dérive, presque en to-

reputar transformação nem expansão de uma lingua morta e abruptamente sumida, acodem outros [1].

Pecca então o conceito que attribue a simples tendencia analytica, natural do espirito humano, á decomposição das fórmas syntheticas do latim classico [2], a origem de taes linguas?

talité, du latin transformé par les nations chrétiennes et barbares qui occupèrent le sol de la Gaule entre la chute de l'empire romain et l'époque carlovingienne ». E. Egger, *Notions élémentaires de grammaire comparée, pour servir à l'étude des trois langues classiques*, 6ª ed., 1865, pag. 6. — « Nous connaissons le vieux latin, comme nous connaissons les langues romanes qui, soit par différentiation, soit par influence étrangère (vous diriez par croisement), en sont positivement dérivées; nous connaissons le vieil indien primitif, et nous connaissons aussi les langues qui en sont dérivées et celles qui plus tard sont nées de celles-là, les langues indiennes. Nous avons ainsi un fonds d'observation sur et solide ». Schleicher, *La Théorie de Darwin et la science du langage, lettre publique à M. le Dr. Ernest Hœckel*, trad. de Pommayrol (*Collection philologique*, 1º fasc., 1868, pag. 11).

1 « On trouve (et ce résultat m'a frappé dans le cours de mes recherches appliquées aux changemens d'une même langue, pendant un certain nombre de siécles) que, quelque grands que soient ces changemens sous beaucoup de rapports, le véritable système grammatical et lexicographique de la langue, sa structure en grand, restent les mêmes, et que là où ce système devient différent, comme au passage de la langue latine aux langues romanes, on doit placer l'origine d'une nouvelle langue ». G. de Humboldt, *Lettre à M. Abel-Rémusat, sur la nature des formes grammaticales en général, et sur le génie de la langue chinoise en particulier*, Paris, 1827, pag. 72. — « In queste ultime [as linguas romanicas] noi abbiamo una formazione secondaria, cioè senza che escano naturalmente dal tipo, abbiamo una modificazione generale della relazione della coscienza colla parola, mentre il greco, e il latino appartengono come il Sanscrito, e il Zendico allo stesso periodo di formazione primaria, e la relazione intrinseca della coscienza cogli esponenti grammaticali, malgrado tutte le variazioni etnografiche, è identica ». Lignana, *La Filologia al secolo XIX, discorso*, Napoles, 1868, pag. 58. — « Le latin.... s'altère, sans doute, à la fin de l'empire et après l'arrivée des barbares, et le style de Grégoire de Tours est bien loin de la pureté de Tite-Live; mais enfin c'est du latin et nullement une des langues novo-latines. Puis tout à coup il disparaît, et l'on voit sortir, comme de dessous terre, chacun des idiomes auxquels il a donné naissance. Il meurt brusquement et sans se transformer, de sorte que ces langues secondaires ne peuvent en être considérées comme la transformation ou l'expansion. Il y a extinction de quelque chose d'ancien et naissance de quelque chose de nouveau.... On n'est donc pas autorisé à dire que le latin s'est continué dans les langues nouvelles; il est mort sans se développer, mais il est mort en laissant des enfants, des héritiers; ce qui n'est pas la même chose, notons-le bien, que se transformer ». Littré, *Histoire de la langue française*, t. I [5], 1869, pag. 110.

2 « Je ne dirai rien des langues néo-latines, nées de la décomposition du latin, et qui perdirent peu à peu le caractère synthétique et les flexions de leur mère ». A. Maury, *La Philologie comparée; ses*

Preferir-lhe-hemos a opinião de Corssen e Schuchardt, que as consideram productos de alterações phoneticas?

Deixariam porventura de ter nascido, se não fôra a influencia dos idiomas germanicos? [1]

Provieram do latim classico alterado pela mixtão das fórmas populares?

principes et ses applications nouvelles, 1857, pag. 13. — « C'est de l'analyse du grec et du latin, soumis à un long travail de décomposition durant les siècles barbares, que sortent le grec moderne et les langues néo-latines. Que sont, en effet, l'italien, l'espagnol, le français, le valaque? Du latin mutilé, privé de ses riches flexions, réduit à des tronçons de mots écourtés, suppléant par des entassements de monosyllabes à la savante organisation de l'idiome ancien. Qu'est-ce que le grec moderne? Du grec ancien décomposé, simplifié, appesanti. Ces idiomes dérivés sont absolument aux langues dont ils tirent leur origine ce que le pali, le prâkrit, le bengali et les autres dialectes modernes de l'Hindoustan sont au sanscrit ». E. Renan, *De l'origine du langage*, 4ª ed., 1864, pag. 162. — Cfr. Burnouf e Lassen, *Essai sur le pali, ou langue sacrée de la presqu' île au delà du Gange*, Paris, 1826, pag. 140-141; Fauriel, *Dante*, t. II, 1854, pag. 13; Ascoli, *Studj orientali e linguistici*, fasc. 1º, Gorizia, 1854, pag. 22-23.— [« Ma per ciò che attiensi al mutamento della lingua romana nei varii dialetti romanzi ci piace osservare che questo fenomeno ebbe luogo soprattutto per opera dei volghi e nei primi secoli del medio evo : ora nè ai primi nè ai secondi ci sembra confarsi la ipotesi che attribuisce la causa di quella trasformazione al moto del pensiero dalla sintesi primitiva all'analisi ». Pezzi, *Formazione del futuro attivo negli idiomi italici ed ellenici, dissertazione storico-comparativa*, Turin, 1872, pag. 24. Cfr. *Rivista di filologia e d'istruzione classica*, vol. I, pag. 38.]

[1] « Voilà dans quel sens nous croyons qu'il faut comprendre cette assertion tant de fois répétée: que les langues romanes sont nées de la collision du latin avec les idiomes germaniques. Que l'on ne dise plus : le latin a fourni les mots; le Goth, le Franc, le Lombard, le Vandale ont enseigné une grammaire nouvelle. Ce ne sont pas les Goths, les Francs et les Vandales qui ont renversé le vieil édifice de la langue romaine; ce ne sont pas eux qui ont porté les premiers coups. Non, les idiomes nouveaux étaient nés avant leurs invasions. Ils n'ont fait que hâter un mouvement déjà commencé; ils n'ont fait que développer, à la faveur de l'ignorance qu'ils apportaient avec eux, un germe dangereux que les études avaient toujours tendu à étouffer ». Gidel, *Les Troubadours et Pétrarque*, Angers, 1857, pag. 10. — « En fait de langue l'élément germanique est purement néologique; et, si je puis ici transporter les termes de la physiologie, il est de juxtaposition, non d'intussusception ; il apporte un certain nombre de mots, il n'apporte pas des actions organiques qui dérangent la majestueuse régularité de la formation romane ». Littré, *Histoire de la langue française*, I², 1863, pag. XXVI.— [« Le latin, qui a donné naissance aux idiomes romans, se distinguait déjà, sans doute, par une tendance visible vers l'abstraction et des formes concentrées. Il est douteux toutefois qu'il se fût complétement décomposé et que les différences qui le séparent de ses filles fussent aussi profondes qu'elles le sont en réalité, sans la double invasion qui a transformé l'Occident: celle des barbares du Nord, qui, en leur qualité de conquérants, n'apprirent qu'imparfaitement la langue des vaincus, et celle d'une pensée, hébraïque

Ou realmente descendem do latim popular com exclusão do idioma litterario? [1]

s'il en fut jamais, la pensée chrétienne, qui entra comme une épée dans le corps énervé et amolli de l'empire romain». Benloew, *Aperçu général de la science comparative des langues* (§ 7, *Loi suprême des langues civilisées*), 2ª ed., Toulouse, 1872, pag. 56-57.] — « On s'est encore demandé quelle influence les idiomes germaniques avaient exercée sur la formation des langues romanes, et si même elles auraient pris naissance sans les invasions du Vᵉ siècle et le contact du latin avec l'allemand. La question est extrêmement délicate, et de nombreuses hypothèses l'ont tranchée dans un sens ou dans l'autre ». G. Paris, *Prefacio* á trad. de Diez, 1863, pag. x. Cfr. pag. 75 do texto, e pag. 62 da 3ª ed. original, 1870.

[1] « Quant à l'allégation que les langues romanes proviennent du parler populaire qui avait cours, à côté du latin littéral, dès les plus beaux temps de la langue, cela non plus n'est vrai que dans des limites assez étroites. Sans doute, elles ont des traces du parler populaire; mais j'ai déjà rappelé que ce parler avait souvent un caractère de néologisme incompatible avec l'allégation dont il s'agit ». Littré, *Histoire de la langue française*, 2ª ed., t. I, 1863, pag. 111. — « Au deuxième siècle, la plus brillante époque de la Gaule romaine, pendant que le latin populaire est dans l'ombre, le latin littéraire brille d'un vif éclat; avec les écoles gauloises fleurissaient les avocats et les rhéteurs: et Juvénal appelle la Gaule « la nourrice des avocats, *nutricula causidicorum* ». Au cinquième siècle, quelques années avant l'invasion barbare, la scène a bien changé; la position respective des deux idiomes est l'inverse de ce qu'elle était trois siècles auparavant: le latin littéraire se meurt; le latin populaire gagne rapidement du terrain, et cela bien avant que l'invasion de 407 ait porté à la Gaule le dernier coup: l'institution des *curiales*, en amenant la suppression de la bourgeoisie, porta aux lettres et au latin littéraire une funeste atteinte. — .... Mais l'heure dernière sonne enfin: les Franks, les Burgondes, les Alains, les Visigoths se précipitent sur l'Empire, et renversent d'un souffle ce colosse aux pieds d'argile: le monument que César avait élevé s'écroulait moins de cinq siècles après lui. Dans cette tourmente, l'administration, la justice, l'aristocratie, les lettres disparurent: et le latin littéraire qui en était l'organe périt avec elles comme il était né, destiné à suivre toutes leurs vicissitudes. Le latin vulgaire s'accrut alors de tout ce qui perdit l'idiome littéraire et le supplanta entièrement. D'ailleurs, si nous n'avions point à cet égard tous les témoignages des écrivains contemporains, un fait capital suffirait à le démontrer: c'est que pour tous les cas où la même idée était exprimée par des termes différents dans le latin vulgaire et dans le latin littéraire, le français a toujours pris la forme populaire et délaissé la forme savante, preuve incontestable que le latin littéraire, confiné dans les hautes classes, naquit et mourut avec elles, et qu'il resta toujours ignoré du peuple: les exemples de ce fait sont innombrables:

LATIN LITTÉRAIRE.	LATIN POPULAIRE.	FRANÇAIS.
Hebdomas	septimana	*semaine* (vieux fr. *sepmaine*)
Equus	caballus	*cheval*
Verberare	batuere	*battre*
Pugna	battalia	*bataille*
Osculari	basiare	*baiser*
Iter	viaticum	*voyage*
Verti	tornare	*tourner*
Urbs	villa	*ville*

Na ordem da sua formação, a prioridade referida por A. de Cihac e por Kopitar á lingua walachia [1] ou daco-ro-

LATIN LITTÉRAIRE.	LATIN POPULAIRE.	FRANÇAIS.
Os	bucca	*bouche*
Felis	catus	*chat*
Duplicare	duplare	*doubler*
Sinere	laxare	*laisser*
Tentamen	exagium	*essai*
Gulosus	glutonem	*glouton*
Jus	directus *ou* drictus	*droit*
Minæ	minaciæ	*menace*
Edere	manducare	*manger*
Ignis	focus	*feu*
Ludus	jocus	*jeu*
Aula	curtem	*cour*, etc.

Ces exemples nous montrent combien il est inexact de dire que le français est du latin classique corrompu par un mélange de formes populaires; c'est le latin populaire lui-même à l'exclusion du latin classique. Il en fut de même en Italie et en Espagne, l'invasion barbare tua la langue latine classique; et du latin populaire naquirent l'italien, l'espagnol, le portugais, qui ne sont, comme le français, que le produit du lent développement de la langue vulgaire romaine. C'est la cause de cette ressemblance frappante qu'on a souvent remarquée entre ces quatre idiomes, langues néo-latines, ou *romanes* (comme disent les Allemands): elles sont sœurs:

. . . . . . Facies non omnibus una,
Nec diversa tamen, qualem decet esse sororum.»

Augusto Brachet, *Grammaire historique de la langue française*, 2ª ed. (1868), pag. 24-29.

[1] «Un auteur très-estimé [Kopitar] publia, il y a plus de quarante ans, une esquisse très-spirituelle sur les langues *albanaise*, *valaque* et *bulgare*, où il nomme la langue *valaque* ou plutôt *daco-romane* le plus ancien et le plus particulier des idiomes neo-latins. Cette assertion est en effet assez juste. Le daco-roman, quoique moins riche que les plus jeunes langues de l'Occident, où l'élément romain a eu plus de temps de prendre racine, possède cependant plus de mots classiques de l'âge d'Auguste que ces dernières, et un grand nombre de ses vocables ont gardé leur acception latine, qu'ils ont souvent complètement changée dans ces idiomes». A. de Cihac, *Dictionnaire d'étymologie daco-romane; éléments latins comparés avec les autres langues romanes*, 1870, pag. VII. Veja Diez, *Grammatik*, I [3], pag. 136, 143, e cfr. I [2], p. 89. — [La non-continuité du latin en Dacie, et la date relativement récente de la reprise de possession de cette province par les Roumains, faits qui me paraissent démontrés par M. Rœsler, sont d'une grande importance pour la philologie romane. On regardait jusqu'ici le valaque comme représentant la langue parlée en Dacie par les Romains, langue qui, à partir du IIIᵉ siècle (Aurélien abandonna la Dacie en 274), se serait développée dans un isolement complet. Il résulterait de cette opinion que tous les phénomènes communs au valaque et aux autres langues romanes devaient être regardés comme remontant au moins au IIIᵉ siècle. S'il en est autrement, si le valaque représente la langue des *Romani* de l'Illyricum et de la Mésie, il a été en contact avec le reste du domaine roman jusqu'à l'invasion slave, et a pu par conséquent subir encore au Vᵉ et même au VIᵉ siècle les influen-

mana [1], que outro philologo contemporaneo, Rapp, á sua parte exclue da familia latina, pertence antes ao provençal, como julga Helfferich [2], ou, segundo Littré [3], são conjunctamente o francês e a lingua *d'oc* [4] os irmãos mais velhos dos idiomas romanicos?

ces qui se faisaient sentir dans le reste de ce domaine ». Gaston Paris, *Romani, Romania, lingua romana, romancium (Romania*, I, 1872, pag. 11. e pag. 239, nota 2). — Cfr. Edgar Quinet, *Les Roumains (Œuvres comptètes*, VI, 1857), pag. 33-60.]

1 [« Les peuples qui aujourd'hui, dans les provinces danubiennes, la Hongrie et la Turquie d'Europe, parlent un idiome latin, se désignent eux-mêmes par le nom de Romains (*Rumën, Rumen, Romăn*), que nous leur donnons aussi depuis peu (Roumains). La désignation de Valaques ne leur est appliquée que par les étrangers qui les entourent: « A la question *que es?* tout Valaque répondra *eo sum* « *Romanu*.... La plupart des Valaques ne savent même pas qu'on « les appelle ainsi. (Murgu) ». Pag. 9. — « Nous repoussons, au nom de la science et du bon sens, le nom de Daco-Roman: les Romans des provinces danubiennes ont conservé par la tradition vivante un beau nom, qui a pris dans leur langue une forme spéciale; qu'ils gardent donc le nom de *Roumains*, sans s'affubler du titre prétentieux et faux de Daco-Romans ». Pag. 126. — « Les études de M. Rœsler sur l'histoire de la Roumanie ont complètement renouvelé la science... Pour éclairer le problème obscur qu'il abordait, il n'a pas reculé devant les études les plus ardues et les plus diverses; il s'est enfoncé notamment dans des recherches philologiques extrêmement complexes et en a tiré d'importants résultats.... Mais je pense toujours qu'il se trompe en répétant ici (*Romœnische Studien*, 1871, p. 145): « Le nom dont les Roumains se nomment et qui leur est commun « avec les Grecs et en partie avec les Bulgares [pas sous la même « forme!] est un souvenir des jours où ils étaient, eux aussi, sujets « de l'empire romain d'Orient ». Pag. 238. Gaston Paris, *Romania*, vol. I, 1872. Cfr. Max Müller, *Lectures*, I[6], 1871, pag. 222.]

2 Helfferich e G. de Clermont, *Fueros francos. Les communes françaises en Espagne et en Portugal pendant le moyen âge*, Berlin, 1860, p. VI; Fauriel, *Histoire de la poésie provençale*, t. I, Paris, 1846, p. 182.

3 *Histoire de la langue française. Études sur les origines, l'étymologie, la grammaire, les dialectes, la versification, et les lettres au moyen âge*, 2ª ed., t. II, pag. 56, 282. Paris, 1863.
Mas o mesmo auctor diz em outro logar (*Dictionnaire, Complément de la Préface*, 1863, pag. XLVIII): « Plus on remonte haut dans l'histoire des langues romanes, plus les conformités qui les lient sont apparentes.... Cette vue d'ensemble suffit pour écarter toute opinion qui supposerait qu'une langue romane dérive d'une autre langue romane; aucune n'a d'antériorité; elles sont toutes contemporaines, et, si je puis dire ainsi, sœurs jumelles ». — É verdade comtudo que em livro mais recente volta a repetir: « La langue d'oïl est, avec la langue d'oc, la fille aînée du latin ». (*Études sur les barbares et le moyen âge*, 2ª ed., 1869, pag. 389). — Cfr. Guessard, *Grammaires provençales de Hugues Faidit et de Raymond Vidal de Besaudun*, 2ª ed., Brunsvic, 1858, pag. XLIX; Gaston Paris, *Histoire poétique de Charlemagne*, Paris, 1865, pag. 68.

4 [« On sait que, grâce à une idée aussi chrétienne que patriotique, sur la montagne Ste-Victoire (*Santo-Ventùri*), près d'Aix, sur-

D'entre estes, mais ainda que o proprio italiano, o português [1] conservou sôbre todos o typo da lingua original? [2]

git à cette heure la *Croix de Provence*, colossal monument, digne du piédestal gigantesque qui le supporte. Acte de foi et d'espérance, conçu au sein de nos récents malheurs, ce signe de salut domine et bénit de ses bras étendus toute notre contrée.... — Sur la base carrée, une large place est réservée à quatre épigraphes, rédigées en nos quatre langues. Car, si Varron, il y a vingt siècles, appelait déjà les Provençaux trilingues, il pourrait aujourd'hui ajouter à notre compte un quatrième idiome, que nous avons gagné depuis 1481. Ainsi que le désirait le Psalmiste, toutes ces langues vont louer le Seigneur, chanter sa croix triomphante. Leur emploi rappellera en même temps toutes les phases de notre histoire: la colonisation grecque, la conquête romaine, l'annexion française, et, survivant à toutes ces transformations, la Provence toujours jeune, vive et alerte, chrétienne, gardant ses mœurs, sa foi, son doux parler: *Pìou! Pìou! toujours vìou!* comme son proverbe le dit si bien. — La face qui regarde Marseille, l'antique fille de Phocée, recevra une inscription rédigée dans l'harmonieux langage de l'Ionie. Du côté de Rome, patrie de nos premiers vainqueurs et siége de notre sainte Eglise, inscription latine. Vers Paris, la moderne capitale, inscription en français, la langue de nos derniers maîtres. Enfin, le côté qui est tourné vers Aix, vieille capitale du pays, est destiné à une inscription en provençal». *Revue des langues romanes, publiée par la Société pour l'étude des langues romanes*, t. IV, Montpellier, 1873, pag. 204-205.]

[1] « Une des langues néolatines, celle peut-être qui a conservé pour le fond, sinon pour l'apparence, le plus de ressemblance avec la mère commune », diz Eugenio Baret no *Dictionnaire des lettres* de Bachelet e Dezobry. Delius, depois de haver falado do hispanhol, observa: « Rien de plus instructif, sous un certain rapport, que la comparaison de ces deux langues romanisées de la péninsule pyrénéenne. D'un côté, elles offrent, dans le traitement des syllabes latines, souvent une analogie telle qu'il en résulte presque une identité; de l'autre côté, chacun de ces deux peuples a une aversion profonde pour certaines combinaisons de voyelles et de consonnes, qui sont en vogue chez l'autre peuple. Cette diversité phonético-acoustique est basée sur une diversité physiologique, au milieu d'une similitude frappante. Une fois arrivé là, l'observateur le plus consciencieux ne peut aller plus loin; l'état actuel de la science n'a pas encore approfondi les mystères des diversités fondamentales, et ne les pénétrera peut-être jamais. Qui, par exemple, oserait nous expliquer pourquoi le Portugais n'aime pas les diphthongues espagnoles *ie* et *ue*, et en général les diphthongues ayant l'accent sur leur seconde partie? Le Portugais garde ainsi fidèlement *u* et *e* brefs, tels qu'il les a pris dans le latin. Il ne connaît pas non plus le son guttural rigoureusement aspiré des Espagnols; il le remplace par un son sibilant inconnu à ceux-ci ». (*Romanische Sprachfamilie*, trad. de Ewerbeck, pag. 220). Cfr. Diefenbach, *Ueber die jetzigen romanischen Schriftsprachen*, 1831, pag. 35, 39.

[2] « Le fond de la langue portugaise est autant ou plus latin encore, que celui des autres langues méridionales et même de l'italienne.... On pourroit donner une longue liste de noms, de verbes, d'adverbes que le Portugais a retenus du Latin, et qui ne sont restés ni à l'Italien, ni au François, ni à l'Espagnol Mais contentons-nous d'observer qu'il y a moins de mots non latins dans quatre stances du Camoëns, que l'on n'en trouve dans le Tasse.... ». D e n i n a, *La Clef des langues ou observations sur l'origine et la formation des principales langues*

Qual, emfim, a razão da sua diversidade?

Responda a esta questão, que não é a derradeira, o insigne professor tantas vezes nomiado. Certo não faltará ás suas palavras aquella grande virtude — predicado supremo de uma grammatica em que Proudhon admira a limpidez do diamante [1]

qu'on parle et qu'on écrit en Europe, t. II, Berlin, 1804, pag. 140, 141. — « Les idiomes néolatins apportés de l'Italie s'éloignent d'autant plus des formes latines, que les pays où on les parle sont moins rapprochés de Rome, ou qu'ils ont subi une occupation moins complète ou moins prolongée. Ainsi, de ces dialectes, celui qui offre le plus d'analogie avec le latin, est, comme l'observe M. Ampère, le valaque; puis vient l'italien, qui recueillit immédiatement les traditions romaines; puis l'espagnol et le portugais, formés dans des contrées déjà lointaines, mais conquises dès le temps de la république, et où des communications incessantes avec la métropole entretinrent et ravivèrent pendant plusieurs siècles les germes féconds le la latinité ». Francis Wey, *Histoire des révolutions du langage en France*, Paris, 1848, pag. 10. — « It will not be expected that I should here show at length how the Romance languages were formed from the Latin. It will be sufficient to point out some of the reasons for believing that the French language is a better living representative of the pronunciation of the ancient Italians than the language which is now spoken in the peninsula itself ». Donaldson, *Varronianus* (cap. XIV, *Constitution and pathology of the Latin language*; § 6, *The French language is the best modern representative of the spoken Latin*), 3ª ed., Londres, 1860, pag. 528. — « Il était naturel que l'Italie, le cœur même de la latinité, l'altérât moins profondément; c'est ce qui advint en effet, et des trois langues romanes principales, la plus pure de tout mélange, celle qui demeura la plus semblable à l'ancienne langue latine et par son vocabulaire et par la richesse musicale de ses consonnances, fut l'italien ». A. Bailly, *Manuel pour l'étude des racines grecques et latines*, 1869, pag. 24. — « Avant tout examen.... on aurait supposé la latinité plus vivace en Italie; et, si on avait attendu des cas et une déclinaison, c'est dans l'Italie qu'on les aurait cherchés. Les extrémités de l'empire et particulièrement les bords de la Seine, de la Somme et de l'Escaut, auraient paru moins capables de retenir cette partie organique de la langue. A mon avis, ce phénomène remarquable advint, parce que, à l'époque de la subversion définitive, la Gaule était devenue le cœur de l'empire et resta le cœur des grands événements dans le temps qui suivit immédiatement. Cette situation s'imprima dans la langue même; la vie romaine étant restée là plus active et plus puissante, la syntaxe romaine s'y garda davantage; et, tandis que l'Italie, languissante et déshabituée de l'empire, perdait la grammaire avec la puissance, une situation politique toute autre sauvait dans les Gaules un reste de puissance avec un reste de grammaire ». E. Littré, *Histoire de la langue française*, II [2], 1863, pag. 63. Cfr. *Dictionnaire de la langue française* do mesmo auctor, t. I, 1863, pag. XLVII; Diez, *Grammatik*, I [3], 1870, pag. 77; P. Meyer, nota á 2ª ed. da *Histoire de la formation de la langue française* de J. J. Ampère, 1869, pag. 261 [e Fornaciari, *Grammatica storica della lingua italiana*, Turin, 1872, pag. 2, § 5].

[1] « Le français est la forme la plus parfaite qu'ait revêtue le verbe humain. Une articulation nette, ferme, *posée*, débarassée des aspirations, des sons gutturaux, des sifflements, de tous ces jeux de larynx dont se compose le chœur de l'animalité bêlante, mugissante,

— a virtude da clareza, probidade das linguas, como diz Michelet [1]:

« Le latin populaire qui, en se modifiant diversement, est devenu les diverses langues romanes [2], se développa pendant mille

grognante, soufflante, hurlante, miaulante et croassante; une prononciation, enfin, comme les anciens la rêvaient pour les dieux, qui parlaient sans grimace, *ore rotundo*: voilà ce qui distingue notre langue parlée. Quant à la grammaire, une correction sévère, la limpidité du diamant; une phrase qui, sans exclure l'*inversion*, va de préférence du sujet à l'objet, du moi au non-moi, image vivante de la souveraineté de l'esprit sur la nature, par suite, de l'indépendance de l'homme vis-à-vis de l'homme. On nous a reproché, comme une infirmité de langage, cette direction habituelle du discours, propre à notre nation; il suffit d'en rappeler la raison métaphysique et la tendance révolutionnaire pour mettre l'inculpation à néant. Toute la philosophie allemande, sur ce point, nous justifie ». (*De la Justice dans la Révolution et dans l'Église*, 9º estudo, Bruxellas, 1860, pag. 168). Veja Philarète Chasles, *Études sur le seizième siècle en France*, Paris, 1848, pag. 35; Regnier, *Traité de la formation des mots dans la langue grecque*, 1855, pag. 56. [Cfr. Cournot, *Considérations sur la marche des idées et des événements dans les temps modernes*, t. I, 1872, pag. 116-118.]

[1] « ... Lorsque dans cette limpidité de langage, l'image se réfléchit par instants, l'image mobile ou passionnée, comme dans la Fontaine et dans Pascal, je ne sache aucun miroir plus digne de la pensée humaine. — ... Nulle autre ne possède au même degré le mérite de la clarté, qui est la probité des langues ». (*Origines du droit français cherchées dans les symboles et formules du droit universel*, t. I, ed. de Bruxellas, 1840, pag. 113-114, notas.)

[2] Os testimunhos que — á maneira seguida no livro de Cornewall Lewis, nos de Du Méril, e mais largamente na obra consciencioṡissima de Fuchs — vim até aqui reunindo, todos se ajustam em reconhecerem outras tantas transformações, desinvolvimentos, modos de ser, ou fórmas actuaes do latim popular nas linguas a que por isso chamâmos romanicas. O seguinte excerpto em que um auctor contemporaneo, A. d'Assier, grandemente versado em assumptos de glottologia, pleiteia a favor da opinião adversa, acabará de mostrar ao sr. A. Coelho que a hypothese do celticismo não *desappareceu lá fóra deante de inesperados descobrimentos feitos no campo da linguagem*:

« D'abord, est-il avéré que le latin devint l'idiome de la Gaule, après la conquête romaine? Evidemment non. Bien plus, nous n'hésitons pas à affirmer qu'aucun philologue digne de ce nom n'osera avancer une telle énormité. Admettre cette hypothèse, c'est nier toutes les lois de l'histoire et de la linguistique. La Gaule domptée, mais toujours frémissante, n'oublia jamais son indépendance. Un pays vaincu ne saurait jamais accepter le langage des vainqueurs. Lorsque toutes ses libertés sont détruites, que de nouvelles croyances ont succédé aux anciennes, l'idiome persiste encore, car c'est le signe de ralliement contre l'étranger, le souvenir de la nationalité perdue, l'espoir de la délivrance qui vit toujours au fond des cœurs. La langue c'est le peuple et ne peut périr qu'avec lui. Voyez la Grèce et les îles de l'Archipel défendre depuis vingt siècles les dialectes hélleniques, contre le Romain, l'Arabe, le Vénitien et le Turc. Voyez la Pologne, voyez l'Irlande, voyez les patois de nos provinces se refusant à mourir sous les coups que leur portent sans relâche la presse, la chaire, la tribune, la justice, l'ins-

ans avec d'autant plus de liberté qu'il n'était pas contenu et sans cesse surveillé par une grammaire officielle, réservée à la

truction primaire, la littérature, la centralisation, c'est-à-dire la machine la plus puissante qui ait jamais régi les destinées d'un peuple. L'invasion franco-normande, sans exemple peut-être dans les annales de l'histoire, n'a pu substituer notre vieil idiome à l'idiome anglo-saxon. Tous les mots d'alluvion française se reconnaissent à leur physionomie étrangère comme pour rappeler qu'ils ont été introduits de force, car le fond et l'aspect de la langue indiquent toujours une origine germanique. Ce ne sont ni les soldats, ni les procureurs, ni les agents du fisc qui font la langue, ce sont les femmes, ce sont les mères. Pour imposer le latin aux Gaulois, il eût fallut une immigration générale des familles du Latium, et Rome n'envoya que ses légions, ses publicains et son prétoire. Des écoles établies dans quelques villes ne suffisaient pas pour faire pénétrer la langue du Capitole dans la population des bourgades et des campagnes. Le latin ne sortit pas du domaine des classes lettrées; le peuple continua à parler l'idiome des ancêtres. Ceux-ci, partagés en peuplades indépendantes, souvent ennemies, avaient nécessairement autant de dialectes que de divisions politiques. C'est là l'origine de ces patois que Raynouard attribuait au morcellement d'une prétendue langue romane, née de la corruption du latin.

« ... Les racines de souche aryenne, sauf quelques emprunts faits au Basque, peuvent se ramener à deux groupes: l'un qui se rapprocherait des radicaux celto-germaniques, l'autre, à physionomie grœco-latine. La grammaire comparée nous démontre que ces rapports de similitude sont antérieurs à la conquête romaine. Lorsqu'un mot passe d'une langue dans une autre, il est rare qu'il ne subisse pas quelques mutilations sur les syllabes non accentuées. D'ordinaire ce sont les finales qui s'oblitèrent et parfois même disparaissent complétement. En d'autres termes, le dérivé est généralement plus court que le mot qui lui a donné naissance. Par conséquent dans l'hypothèse de l'origine romaine de notre dialecte, chaque expression patoise ne serait qu'une expression latine amoindrie dans ses éléments phonétiques. Or c'est souvent le contraire, beaucoup de mots pyrénéens étant plus riches en voyelles, en consonnes et en aspirations finales que le mot latin correspondant. La comparaison des constructions syntaxiques conduit à des conclusions encore plus rigoureuses ; car la phrase, c'est le dessin de la pensée, et c'est dans la parole que se reflècte le génie des peuples. Si, suivant une expression célèbre, le style c'est l'homme, on peut dire avec non moins de raison la grammaire c'est la race. Un idiome peut renouveler son dictionnaire à l'aide d'emprunts étrangers: l'araucanien nous en a fourni un frappant exemple. Mais la structure grammaticale est immuable, parce qu'elle représente l'architecture de l'esprit humain, le moule dans lequel chaque race a coulé ses idées. C'est donc dans la construction de la phrase et non dans des rapprochements superficiels de mots, qu'il faut chercher la parenté ou la différence d'origine des langues. Or, à ce point de vue on peut affirmer que tous les dialectes de la France sont l'antithèse du latin. Nous remplaçons les déclinaisons par l'article, les conjugaisons par les pronoms et les auxiliaires, le passif par l'actif, en un mot la construction synthétique par la construction analytique. Qu'on ne dise pas, comme le veut l'école de Raynouard, que ce sont là des changements postérieurs à la conquête. Les idiomes celtiques, purs de tout mélange avec l'élément latin, c'est-à-dire le breton, le gallois, l'erse, l'irlandais, offrent les mêmes caractères. Ainsi grammaire, dictionnaire et histoire s'accordent pour répudier une filiation impossible.

«... Ce que nous venons de dire de la langue d'oc, s'appliquait

langue littéraire. Il en résulta un parler qui, dans toute l'étendue de l'empire romain, fut sans doute semblable dans son

au français avant que l'histoire en fît une langue savante. C'était un dialecte gaulois ayant une couleur latine encore plus effacée que les dialectes du Midi. Grandissant peu à peu avec la royauté, il se crut un jour assez fort pour supplanter le latin, jusqu'alors la langue des clercs, des jurisconsultes et des lettrés. Or, ce furent précisément ces lettrés, ces clers, ces jurisconsultes à qui incomba la tâche de doter le nouvel idiome des termes de droit, de médecine, de théologie, de philosophie, de littérature qui lui manquaient. Ces emprunts ne pouvaient être faits qu'à la langue latine, la seule qu'on connût alors. Mais les scribes ne s'en tinrent pas là. N'ayant aucun autre terme de comparaison, ils donnèrent la tournure latine, l'orthographe latine aux mots purement celtiques qui faisaient le fonds de l'idiome. C'est ainsi que le vieux français perdit insensiblement sa physionomie première sous l'invasion des termes et des formes orthographiques tirées de la langue des anciens conquérants des Gaules. Mais qu'on analyse froidement sa contexture grammaticale, qu'on le débarrasse de tous les termes d'alluvion romaine introduits par l'écriture, et on ne tardera pas à reconnaître un idiome gaulois présentant la plus grande analogie de structure avec les autres dialectes qui n'ont pas été défigurés par les scribes du moyen-âge.

« Les doutes que nous venons d'émettre sur les origines de la langue d'oc et de la langue d'oïl se présentent également quand on considère la formation du Catalan, du Castillan, du Portugais, du Romanche, de l'Italien, du Valaque, en un mot de tous les idiomes qu'on désigne depuis Raynouard sous le nom de langues néo-latines. De même que pour le français, les peuples du Sud de l'Europe centrale et occidentale ne voient dans leurs dialectes qu'une transformation du latin, comme s'ils voulaient répudier leur origine celtique pour se donner une ascendance plus illustre. Les savants de Lisbonne ont même poussé si loin l'illusion à cet égard, qu'ils citent des phrases dans lesquelles on peut voir, à volonté, du Portugais ancien ou du latin de la décadence. De tels arguments, décisifs aux yeux de beaucoup de gens, nous ont toujours produit l'effet d'un tour de force de grammairiens, dupes de leur bonne foi. Ces analogies tout extérieures s'expliquent, comme dans notre langue, par les racines Indo-Européennes importées par les migrations aryennes du sud et par les emprunts faits plus tard à la littérature latine. On peut même ajouter que l'influence de Rome se fit moins sentir dans les dialectes de la Péninsule ibérique, que dans ceux du midi de la Gaule....

« Disons enfin que l'italien lui-même, qui par sa position géographique et sa filiation historique semble dériver immédiatement du latin, n'est cependant, suivant toute probabilité, que la transformation séculaire d'un des anciens patois de la péninsule italique. Ces dialectes ignorés, tant que Rome commanda au monde, se sont perpétués de génération en génération, et l'un d'eux, l'idiome Toscan, plus favorisé par les circonstances locales, est devenu la langue savante de l'Italie à mesure que le latin est descendu au rang de langue morte.

« Ainsi se confirme ce que nous avons dit au sujet de la classification des langues: l'étude du langage est encore à son début; cette science, à peine sortie de la période des tâtonnements et des hypothèses, y retombe à chaque pas. La famille aryenne, la plus importante, la plus riche en documents, la plus accessible pour nous, n'est encore connue que dans son ensemble. Ses subdivisions ne reposent souvent que sur des *à peu près*. Le groupe celtique, le plus intéressant pour les peuples de l'Occident, n'a été étudié jusqu'ici que

caractère général, mais qui dans les différentes régions se différencia rapidement. Pourquoi cette diversité? pourquoi les six

sous une de ses faces et on a rapporté au latin une foule de langues qui, suivant toute probabilité, ne sont que la branche méridionale de la grande tribu gauloise. La véritable méthode philologique n'est pas suffisamment entrée dans les habitudes des linguistes. Trop souvent encore l'empirisme et l'*a priori* sont à notre insu nos principaux guides». (*Histoire naturelle du langage*, parte I, *Physiologie du langage phonétique*, Paris, 1868, pag. 139-155.)

Invoca o auctor as duas ordens de argumentos de que se servem os propugnadores da opinião acceita — a historia e a linguistica. Acompanhando-o nos seus raciocinios, não se nos affigura a revezes que lemos uma traducção francesa da *Memoria* de D. Francisco de S. Luis?

[Estavam ainda ineditas as *Origines du patois de la Tarentaise* do padre Pont, «membre de plusieurs Académies et Sociétés savantes», e a *Histoire des origines de la langue française* de Granier de Cassagnac quando a presente nota se escrevia.

Do livro do segundo tracta amplamente Gaston Paris na *Revue critique* de 10 de maio de 1873. O que o sr. Adolpho Coelho chama «opposição entre a philologia portuguesa e a sciencia» não é um triste privilegio nosso. É antes, é talvez e unicamente a repercussão de ideas francesas. Já assim o entendia o sr. A. Herculano, quando na resposta aos *dous socios do Conservatorio* negava a A. Ribeiro dos Sanctos a invenção da theoria celtica: «Permitam-nos, dizemos, negar-lhe a elle a *invenção da theoria* de que a lingua patria teve origem celtica e não latina. Esta idea veiu de França: o que lá se tinha dicto da lingua francesa dice-se em Portugal, *mutatis mutandis*, da portuguesa, como em Hispanha por esse mesmo tempo o dizia da castelhana um homem que estava em sciencia e consciencia muito acima de Sanctos, o grande historiador Martinez Marina». (*Panorama*, 1844, pag. 392). Ainda agora, na *Revue de linguistique et de philologie comparée*, publicada em Vienna, se lê (fasciculo de abril de 1873, pag. 438): «La race des celtomanes n'est pas encore perdue, et l'on rencontre encore, non pas seulement dans les pays celtiques, mais même dans la docte Allemagne de braves gens qui vous expliquent toutes les langues par le celtique.... En Allemagne, un nommé Obermüller publiait, il y a quelques années, un fatras de plusieurs volumes intitulé: *Dictionnaire géographique germano-celtique*, où presque tous les noms de lieux du monde, étaient expliqués par le celtique, à commencer par Jérusalem, où les Celtes n'ont jamais mis les pieds, à ce qu'on pense généralement».

Consolem-nos as palavras de Gaston Paris na parte em que a confissão de erros alheios sirva para attenuar os nossos; e ao mesmo tempo esperemos que Portugal deixe de ser julgado na *Revue critique* de Paris ou na *Allgemeinen Zeitung* de Augsburg exclusivamente atravès da *Bibliographia critica de historia e litteratura*:

«Si un rêveur ignorant s'amusait à écrire un volume pour démontrer que la découverte de Harvey est une chimère, et pour soutenir, comme il y a trois siècles, que le foie produit le sang, il est probable que la critique scientifique n'aurait ni l'envie ni le besoin de s'en occuper, et que le public ne lui accorderait aucune attention. Il n'en est pas de même pour la philologie, e notamment pour la philologie romane: les méthodes et les résultats les plus avérés ne sont pas encore accrédités autant qu'on voudrait le croire; chacun pense être plus ou moins en état de juger des questions qui demandent, pour être simplement comprises, tout autant de préparation que n'importe quel problème scienti-

grandes langues romanes sont-elles devenues si distinctes, et pourquoi, dans l'intérieur de chaque contrée, tant de dialectes

fique, et une disposition presque universelle dans les esprits qui n'ont pas été de bonne heure pliés à la discipline scientifique leur inspire, pour ce qui est faux et paradoxal, une prédilection qui se dément rarement. La langue française a eu aussi la mauvaise chance de servir de prétexte, avant l'avénement de l'école critique, à une série d'ouvrages légers et brillants qui ont, si on peut ainsi parler, démoralisé le public, en lui présentant des jugements rapides prononcés, d'après un petit nombre de faits plus ou moins bien compris, avec cette assurance qui s'impose ». (Pag. 289.) — « On peut dire à peu près de l'*Histoire des origines de la langue française* ce qui Rousseau dit de la *Nouvelle Héloïse* : « Tout lecteur qui croira à ce livre est perdu ; mais qu'il « ne s'en prenne pas à l'auteur : il était perdu d'avance ». (Pag. 290.) — « Voilà ce qui s'imprime à Paris, quarante ans après la première édition de la *Grammaire des langues romanes* ! ». (Pag. 294.) — « Il est, pensons-nous, inutile de dire que M. Granier de Cassagnac ne connaît de la phonétique ni le nom, ni la chose. Les lois aussi constantes que délicates d'après lesquelles les voyelles et les consonnes latines deviennent les voyelles et les consonnes romanes lui sont absolument étrangères. Il parle de linguistique comme parlerait de chimie un homme qui croirait encore aux quatre éléments, ou d'entomologie un savant qui ignorerait le rapport des chrysalides aux papillons. Et il faut réfuter de pareils livres ! » (Pag 296.) — « C'est à croire que l'auteur a soutenu — et admirablement gagné — une gageure qui n'aurait pas laissé d'être embarrassante pour tout autre ». (Pag. 299.) — « En voilà assez.... Nous pensons que chacun est maintenant à même d'apprécier ce triste livre. Avant de le fermer pour toujours, nous ne pouvons nous empêcher de présenter deux réflexions ; l'une, c'est qu'il est bien douloureux de voir de pareilles productions paraître en France, quand des pays longtemps arriérés comme l'Italie et le Portugal, se mettent avec une activité chaque jour croissante au niveau de la science actuelle ; l'autre, plus consolante, c'est que cet étonnant monument d'ignorance et de présomption apparaît aujourd'hui chez nous comme tout à fait isolé. Les bonnes méthodes se répandent de plus en plus dans la jeunesse studieuse, qui renouvellera peu à peu l'état intellectuel de notre pays ; les doctrines de M. de Cassagnac ne rencontrent déjà plus le bruyant écho qu'elles auraient soulevé jadis, et nous espérons qu'en réfutant aussi longuement, non sans quelque honte, ce lourd et incohérent paradoxe, nous aurons fait un travail encore plus superflu que fastidieux ». (Pag. 300-301.)

Não occupa menos de dez paginas a analyse d'onde transcrevo taes palavras, lidas pelo sr. Adolpho Coelho muito antes que podessem ter chegado a esta parte da America. Pois emquanto o livro assim suggeria ao discipulo e continuador de Diez amargas reflexões, os editores, que o são tambem do *Glossarium* de Du Cange, do *Thesaurus* de Henrique Estienne, da *Bibliotheca grega*, da collecção de auctores latinos de Nisard; os editores parisienses, aquella familia de impressores illustres, ainda ultimamente honrada na pessoa do seu principal representante, socio eleito da Academia Francesa (*Bibliographie de la France*, *Chronique* de 22 de março de 1873, pag. 49-57, *Banquet offert à M. Ambroise Firmin Didot*), os editores inserem no catalogo das suas publicações a seguinte nota de referencia á obra de Granier de Cassagnac :

« Les théories de cet ouvrage devront au premier abord sembler étranges. L'auteur se propose de prouver, contrairement à l'opinion généralement répandue en France et en Europe, que la langue fran-

se sont-ils formés ? [1] C'est ici un de ces cas, Messieurs, où la science prudente hésite et aime mieux se taire que de donner

çaise et les nombreux dialectes parlés en France ne proviennent pas de la corruption du latin, mais que cette langue et ces dialectes sont la langue originale et nationale des anciens Gaulois, laquelle n'aurait jamais cessé d'être parlée ou écrite sous la domination romaine. Toute cette partie du livre, qui est la principale, est appuyée de textes historiques. Une thèse semblable, soutenue *preuves en mains*, par un écrivain qui déclare lui avoir consacré plus de trente ans de travail, est bien faite pour piquer la curiosité publique et éveiller l'interêt des érudits ». (*Publications de la librairie Firmin Didot frères, fils et C^e^*, abril de 1873, pag. 27.) — E accrescento que não está longe de conformar com este juizo o de um auctor a quem são famíliares as mais recentes indagações da sciencia das linguas, Neumann : « Nous employons ces termes [principes, sur la base desquels la langue des Romains s'est transformée en langues romanes], sans nous cacher qu'il y aurait quelque inconvénient à ne pas tenir ici compte des opinions qui poursuivent les origines des langues romanes plutôt dans l'ancien *gaulois*. Au moment où je corrige mes épreuves, paraît le livre de M. A. Granier de Cassagnac, riche en intéressantes aperceptions de phénomènes historiques, mais dénué de profondeur en fait de connaissances linguistiques. L'auteur adopte et complète les idées de Dom Paul Pezron et Dom Jacques Martin. Croyant le français original, il tâche de prouver que le gaulois résista à la domination romaine, pour prendre, à l'arrivée des barbares, le nom de langue romane. Cette langue était parlée par les illetrés, elle était distincte du latin et repose sur un système philologique opposé du latin. S'il en est ainsi, on s'attendrait à une critique des restes de la langue gauloise que nous possédons en dehors des patois romans, dont M. Granier de Cassagnac se sert avec beaucoup d'adresse pour ses démonstrations.... » (*Mélanges philologiques, Prononciation du* C *latin*, Neuchâtel, 1873, pag. 52-53.)

[1] « Ha sempre dous grandes periodos na formação das linguas. Grimm viu só o primeiro, e alevantou sôbre elle uma theoria geral. Os outros viram só o segundo, e fizeram o mesmo. Que os dialectos sahem todos da corrupção de uma lingua, basta a evidencial-o o grande facto da formação de todas as linguas vulgares modernas. Se o processo linguistico parasse aqui, a theoria de Grimm era completa. Mas não. Á variedade dos dialectos segue-se a unidade litteraria. A palavra escripta immobiliza-se então. As fluctuações da linguagem cessam deante das litteraturas, deante das academias. Na Italia acabaram com o Dante, na França com a creação de Richelieu. É só assim que a unidade sai da diversidade; só assim que os sabios que citámos [Max Müller, Renan, Marsh e Littré] teem razão. Completam a theoria de Grimm ». Anselmo de Andrade, *Epopeias da historia*, Lisboa, 1866, pag. 165. — Cfr. Pictet, *Les Origines indo-européennes*, t. I, Paris, 1859, pag. 43-46 ; Curtius, *La Chronologie dans la formation des langues indo-germaniques*, trad. fr., 1869, pag. 47-51 e pag. 40; Deville, *Étude du dialecte tzaconien*, 1866, pag. 130-131. [Cfr. tambem Meunier, *Les Composés syntactiques en grec, en latin, en français et subsidiairement en zend et en indien*, Paris, 1872, pag. 192-194.] — « Nella stessa Gallia altro era il romanzo meridionale, altro il settentrionale, che, illustrato alla sua volta dai poemi cavallereschi de' Trovieri, prevalse più tardi sul meridionale, e divenne lingua scritta comune a tutte le nazioni comprese nel regno di Francia; così nella Spagna differiva il romanzo

des réponses qui ne peuvent avoir de certitude. Quelque jour, je n'en doute point, elle sera plus avancée ; on peut déjà saisir un certain nombre de faits qui se reproduisent assez régulièrement pour inviter à esquisser quelques règles générales ; il est très-sûr qu'il n'y a pas d'effet sans cause et que les différences dialectales en ont une comme tous les phénomènes naturels, et il est fort probable qu'on la découvrira plus tard ; mais nous n'en sommes pas là, et sauf quelques indications que je me réserve de vous soumettre dans la suite de ces leçons, je dois me borner à constater le fait important dont il s'agit. Tout ce qu'on peut dire avec certitude, c'est que le climat [1],

catalano dal castigliano e dal gallego, i quali ultimi, prevalendo, diedero poi origine alle moderne lingue castigliana e portoghese; così in Italia il romanzo siculo differiva dal tosco, dall'insubrico e dal veneto; così il retico superiore dissonava dall'inferiore; il dace transcarpatico dal transilvano; senza tener conto delle minori discrepanze, che i monumenti ci attestano, e che doveano pur essere numerosissime ». Biondelli, *Studj sulle lingue romanze* (*Studii linguìstici*, Milão, 1856, pag, 125). Cp. Pers y Ramona, *Historia de la lengua y de la literatura catalana*, Barcelona, 1857, pag. 44-50.— [« Que de modifications étranges dut subir le latin dans les provinces! Combien l'ignorance ou l'oubli des règles grammaticales dut altérer une langue dont chaque peuple se servait en la pliant aux formes de son langage habituel et en la faisant entrer de gré ou de force dans son moule grammatical! Il n'y avait donc plus seulement une langue latine; la langue vulgaire, celle de la conversation, devait se subdiviser en une multitude infinie de dialectes différents. Nous croyons beaucoup trop modestes ceux des grammairiens latins de la décadence qui en ont compté douze, ayant chacun un nom particulier: en y faisant un peu d'attention, ils en auraient trouvé un bien plus grand nombre». Hippeau, *Dictionnaire de la langue française au XII^e et au XIII^e siècles*, t. I-II, Paris, 1873, pag. VIII.]

[1] « O que se póde certamente affirmar, he, que com secreta sympathia, e consenso da natureza, as palavras se conformaõ com o genio, e temperamento das naçoens.... Outra differença com harmonica proporçaõ se observa nas linguas das naçoens intermedias, mais, ou menos distantes da parte Austral, ou Septentrional do Mundo, como tambem nas terras, que do Oriente correm ao Occidente, onde pela differente constituiçaõ dos ares, e outras causas naturaes, huma lingua he mais, ou menos aspera, ou branda; expedita, ou suspensa; singela, ou metaforica; labial, ou guttural; familiar, ou magestosa, que outra ». Bluteau, *Prosas portuguezas recitadas em differentes congressos academicos*, parte I, Lisboa, 1729 (?), p. 8-9. — « L'influenza del clima sulle proprietà delle lingue è quasi nulla; perocchè *non è il clima che fece melodioso l'italiano*, e sotto la stessa serenità di cielo fece aspro l'armeno, il georgiano e l'àrabo; non è il clima che fece più sonora e più suave la lingua dello stentato Lappone e del Negro abbrustolato, che non quella dello squisito Inglese e del Persiano voluttuoso. Solo nei penetrali dell'istoria e della linguistica si pùo scoprir la càusa per cui nella musicale Bèrgamo e nelle deliziose valli alpine ov'èbbero

la race et l'idiome primitif de chaque pays [1] ont été, pour

vita Haydn e Mozart, il pòpolo parli un idioma così barbaramente tronco e gutturale ». C. Cattaneo, *Sul principio istòrico delle lingue europèe* (*Alcuni scritti*, t. I, Milão, 1846, pag. 152).— « Mélodieux dans les régions tempérées, sourd et bref sous les feux des tropiques, fort et âpre sous les glaces du nord, il [le langage] peignit la vie contemplative du pâtre, la course haletante du chasseur, les cris menaçants de la tribu guerrière; il s'associa au sort de chaque horde, s'appauvrit par la barbarie, se propagea par la conquête, s'ennoblit par la civilisation ». Eichhoff, *Cours libre de grammaire et de philologie comparée, discours d'ouverture*, Paris, 1864, pag. 8-9. Cfr. Renan, *De l'origine du langage*, 4ª ed., 1864, pag. 188-190. — [« Quelle différence, en effet, entre les dialectes des montagnards de la Grèce et celui de la voluptueuse Ionie, entre le rude allemand des Alpes et l'allemand si doux des plaines de la Baltique, entre le fier catalan des montagnes du nord de la péninsule Ibérique et le patois efféminé des tièdes plaines de l'Andalousie.... enfin entre les idiomes du Nord, hérissés d'aspirations pénibles, de consonnes gutturales, de voyelles sourdes, de sifflements aigus, et les langues du Midi, si pures, si douces, si harmonieuses! ». A. d'Assier, *Essai de grammaire générale d'après la comparaison des principales langues indo-européennes*, 2ª ed., 1872, pag. 69-70.]

[1] [Sôbre a influencia dos idiomas locaes, Ozonam, *La Civilisation au cinquième siècle, introduction à une histoire de la civilisation aux temps barbares*, 2ª ed., t. II, Paris, 1862, pag. 323-325; Bladé, *Études sur l'origine des Basques*, Paris (Toulouse?), 1869, pag. 240; Diez, *Grammatik der romanischen Sprachen*, 3ª ed., t. I, Bonn, 1870, pag. 72-73 (65-66 da trad. francesa de A. Brachet e G. Paris, 1873).

Raça. Os diversos aspectos d'esta difficil questão acham-se estudados num sem numero de trabalhos contemporaneos. Cingir-me-hei a indicar os de mais facil alcance. A. de Humboldt, *Cosmos, essai d'une description physique du monde*, t. I, trad. de H. Faye, Paris, 1846, pag. 422-432; t. II, trad. de Galusky, 1848, pag. 128-131; D'Omalius d'Halloy, *Des races humaines, ou éléments d'ethnographie*, 5ª ed., Bruxellas, 1869, pag. 3 e segg.; A. de Quatrefages, *Unité de l'espèce humaine*, Paris, 1861, *passim*; A. de Gobineau, *Essai sur l'inégalité des races humaines*, 1853-1855; Pouchet, *De la pluralité des races humaines*, 1858; Pickering, *The races of Man, and their geographical distribution*, nova ed., Londres, 1863; Latham, *Man and his migrations*, 1851; Figuier, *Les Races humaines*, Paris, 1872; A. Maury, *La Terre et l'homme*, 3ª ed., 1869, pag. 388-486; Büchner, *L'Homme selon la science*, trad. de Letourneau, 1872, pag. 270; P. Flourens, *Ontologie naturelle, ou étude philosophique des êtres*, 1861, pag. 67-76; Macêdo Pinto, *Medicina administrativa e legislativa*, parte I, cap. III, *Raças humanas*, Coimbra, 1862, pag. 87-140; Chavée, *Les langues et les races*, Paris, 1862; Bergmann, *L'Unité de l'espèce humaine et la pluralité des langues primitives*, Strasburgo, 1864, pag. 13 e segg.; L. de Rosny, *De la méthode ethnographique, pour servir d'introduction à l'étude de la race jaune, leçon faite au Collége de France le 12 juin* 1870, Paris, 1872, pag. 19; J. Baissac, *De l'origine des dénominations ethniques dans la race aryane, étude de philologie et de mythologie comparées*, 1867, pag. 104 (cfr. Pictet, *Les Origines indo-européennes*, t. I, 1859, pag. 28-33; Gorresio, *Lettera intorno al significato del nome « āryās »*, no 1º fasc. da *Rivista di filologia e d'istruzione classica*, Turin, 1872, pag. 6-8); Latham, *The Nationalities of Europe*, Londres, 1863; Gaston Paris, *Romania*, vol. I, Paris, 1872, pag. 20-22; Proudhon, *Si les traités de 1815 ont cessé d'exister?* 1863, pag. 9, 55, 97; P. de Bourgoing, *Les*

Guerres d'idiome et de nationalité, 1849, pag. 6-12; Dromel, *La Loi des révolutions* (l. III, c. I, *Les Nationalités*), 2ª ed., pag. 328-442; Abel Hovelacque, *Langues, races, nationalités*, 1873; E. Caro, *Les Jours d'épreuve* (IV, *L'idée de la patrie*), 1872, pag. 116-120; Bagehot, *Lois scientifiques du développement des nations dans leurs rapports avec les principes de la sélection naturelle et de l'hérédité*, 1873; Vallerange, *Le Panlatinisme*, Paris (1862?), *passim*; Proudhon, *France et Rhin* (appendice: II, *Nations messies* [cfr. G. d'Eichthal, *Les Trois grands peuples méditerranéens et le christianisme*, Paris, 1865, p. 21-39; Oppert, *L'Aryanisme*, 1866, pag. 14]; III, *Races latines et races germaniques*; VI, *Digression ethnographique*), Bruxellas, 1868, pag. 217-248; Ramée, *Histoire de l'origine, de l'action et de l'anéantissement des traités de* 1815, Francfort s. M., 1866, pag. 153-156; A. de Quatrefages, *La Race prussienne*, Paris, 1871, pag. 3-6 *et alibi* (cfr. *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*, VIII, 1872, pag. 80 e segg.); Dufresne, *Race allemande et race française*, 1872; Dumont, *Haeckel et la théorie de l'évolution en Allemagne*, 1873, pag. 166-167.

É de observar que a opinião de Gaston Paris acêrca da expressão *raças latinas* alcançou a singular vantagem de ser logo adoptada em Portugal pelo sr. Theophilo Braga: «La Romania, ou l'union des nations romanes, n'a pas pour base une communauté de race. Quand on parle des races latines on emploie une expression qui manque absolument de justesse: il n'y a pas de races latines. La langue et la civilisation romaines ont été adoptées, plus ou moins volontairement, par les races les plus diverses, Ligures, Ibères, Celtes, Illyriens, etc. C'est donc sur le sacrifice de la nationalité propre et originelle que repose l'unité des peuples romans; elle a pour base un principe tout différent de celui qui constitue l'unité germanique ou slave.... L'Europe actuelle, en tant qu'on la conçoit comme formant jusqu'à un certain point une seule nation (à laquelle se rattachent les établissements européens du nouveau-monde), n'est qu'une autre forme de l'empire romain restauré par Charlemagne. Dans le sein de cette association, les peuples romans forment un groupe plus étroitement uni, auquel s'opposent, tenant à l'ensemble par un lien de plus en plus lâche, les deux grandes nations des Germains et des Slaves. Chez ces peuples, la nationalité est exclusivement le produit du sang; la Romania au contraire est un produit tout historique..... Le principe des nationalités fondées sur l'unité de race, trop facilement accepté même chez nous, n'a point eu jusqu'ici de fort heureuses conséquences. A ce principe, qui ne repose que sur une base physiologique, s'oppose heureusement celui qui fonde l'existence et l'indépendance des peuples sur l'histoire, la communauté des intérêts et la participation à une même culture». — Até aqui (*l. c.*) o novo professor de litteratura romanica do Collegio de França. Agora o professor novissimo de litteratura moderna no Curso Superior de Lettras, em admoestação endereçada ao sr. Anthero de Quental, «o homem que melhor escreve a lingua portuguesa (palavras do sr. Theophilo Braga nas *Epopeias da raça mosarabe*, 1871, pag. 377), e que relanceou a nossa historia da mesma altura a que Edgar Quinet pensou a *Philosophia da historia de França*». Pergunta o sr. Theophilo Braga: «Quem creou esse outro abysmo da politica moderna, chamado — grandes nacionalidades — senão um ramo latino, a França? Por não comprehender isto, ou por querer ser á força patriota, é que coroa o seu escripto com este disparate, que prova não ter a sciencia nada a esperar d'este homem: «Ha um *genio latino* «como ha um genio germanico. A historia o revela; e, quando a «historia fosse muda, a nossa consciencia bradaria sempre, dando-lhe «o seu nome. É a Revolução. É este o pensamento secular das raças «*latinas*: a revolução moral, politica e social». (*Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portugesa*, pag. 37.) O sr. Anthero não prova. Quaes são os factos d'essa Revolução? Vejamos». Seguem as allegações do sr. Theophilo Braga. E por fim: «Além

employer l'expression d'un illustre philologue (M. Littré), les

d'estas provas de insciencia, o sr. Anthero fala em *raças latinas,* sem saber que diz um absurdo historico; as nações que receberam o nome de *latinas*, italianos, franceses, hispanhoes, portugueses, não teem origem *latina*. As raças germanicas, godos, vandalos, suevos, fixaram-se na peninsula hispanica; os ostrogodos, os lombardos na Italia; os frankos, os borguinhões em França. As raças germanicas avassallavam pelo seu numero e pela sua força moral e material; Roma dominava apenas pelo vinculo juridico de uma forte organização administrativa. Quem deu o elemento anthropologico para constituir a raça? ». (*Os Criticos da « Historia da litteratura portuguesa »*, 1872, pag. 35-36). — O auctor gyra assim ao redor de uma questão simplificada por esta phrase de Proudhon (*France et Rhin*, pag. 106): « Le Français est un être de convention, il n'existe pas ». Escrevia ha pouco Abel Hovelacque na *Revue de linguistique et de philologie comparée* (t. V, Vienna, 1873, pag. 324): « L'anthropologie nous démontre surabondamment qu'il est puéril de parler d'une race slave, d'une race latine, d'une race germanique, et l'histoire nous laisse assez voir combien peu la langue est caractéristique de race ». É obvio que as palavras do incommensuravel critico da nossa litteratura teem hoje até certo poncto applicação ao sr. A. Herculano, que ainda no tomo I dos *Opusculos* (pag. 7-8) fala da « impetuosidade e impaciencia da ambição humana, sobretudo nas raças latinas »; mas tambem o sr. Theophilo Braga, com um desdem magnifico, que vem já do tempo em que Beaufort publicava a sua dissertação sôbre a *Incerteza dos primeiros cinco seculos da historia romana*, acaba de declarar na *Bibliographia critica* (1873, pag. 200): « Em quanto ás ideas, o recente livro dos *Opusculos* vem evidenciar que o seu auctor está a trinta annos de atrazo. Historiador dos tempos da eschola auctoritaria e analysta de Guizot, emprehendeu a historia das instituições sociaes do povo português, e mais nada ». — Em presença d'isto ha quasi vergonha em citar o nome de Rosseeuw Saint-Hilaire: « La conquête romaine, malgré tout ce qu'elle a coûté à la Gaule, a fini par lui profiter, comme à l'Espagne, son pendant en histoire.... Les arts, la civilisation du vainqueur viennent fermer les plaies de la guerre, et réconcilier les vaincus avec leur défaite. Ainsi a toujours agi Rome, dure à qui résiste, clémente à qui s'est soumis. Grâce à ce sanglant baptême, la Gaule est entrée, pour n'en plus sortir, dans le faisceau des races latines; elle a hérité de l'esprit de la vieille Rome, et de son double besoin de conquêtes et d'unité ». (*Jules César. Cours professé à la Sorbonne en* 1844 *et* 1863, Paris, 1866, pag. 71-72). Ou tambem as palavras de Carlos Dollfus (*Le monde antique*, 1872, pag. 518): « La difficulté qu'éprouvent à réaliser la liberté les nations latines, deux fois filles de Rome par l'éducation, vient de ce que le génie romain, incompatible avec la liberté, a plus lourdement pesé sur elles et s'y est plus longtemps conservé. Le Français est un Gaulois latinisé; le Germain qui l'a conquis sous le nom de Frank ne lui a laissé que son nom »...

Acêrca das theorias historicas e ethnologicas do sr. Theophilo Braga veja no presente escripto pag. 59-60, nota; Correia Barata, *As Raças historicas da peninsula iberica*, Coimbra, 1872; Julio de Vilhena, *As Raças historicas da peninsula iberica e a sua influencia no direito português*, Coimbra, 1873, pag. 12 e segg. (cf. E. de Rozière, *Cours d'histoire des législations comparées, leçon d'ouverture*, 1872, pag. 5, 8-18; Vainberg, *L'École historique en Allemagne*, 1869, pag. 25-28, 44-59; Dugat, *Cours complémentaire de géographie, histoire et législation des États musulmans à l'École spéciale des langues orientales vivantes, leçon d'ouverture*, 1873, pag. 21-36); A. Coelho, *Bibliographia critica*, I, p. 130-132 e 211. V. tambem *Bibliographia*, I, 146; *Romania*, II, 278; e cf. P. Meyer, *Recherches sur l'épopée française*, 1867, p. 58-59.]

facteurs de cette opération lente [1]; mais en quelle proportion

[1] « On a donné le nom de *romanes* aux langues vulgaires de la branche pélasgo-italique.... On les appelle encore *néo-latines*, dénomination qui ne peut être admise qu'en donnant le nom générique de *latin* à l'idiome indien et tout synthétique de Pélasges qui colonisèrent la partie occidentale du midi de l'Europe. Notre langue, par exemple, qui n'est ni gauloise ni germaine, n'est point une fille, mais une sœur de la langue de Rome. Seulement, celle-ci a conservé son cachet asiatique; elle s'est fait *sanskrite* à sa manière. L'autre, au contraire, a continué parallèlement sa lente transformation; elle s'est créé progressivement un organisme nouveau des débris parfois méconnaissables de l'ancien langage indo-pélasgique. Pour le lexiologue, les mots vivent encore dans le Latin de Rome: l'esprit qui les créa dans la vallée de Cachemire semble encore les animer. Il n'en est pas de même des formes orales mutilées, tronquées, désorganisées ou du moins pétrifiées des patois latins. Il faut, pour comprendre ces vocables inorganiques et frappés de mort, qu'on ait perpétuellement recours aux mots organiques du Latin littéraire, du Sanskrit, du Grec, etc. ». Chavée, *Lexiologie indo-européenne*, Paris, 1849, pag. XIV. — « Sous certains points fort importants et sous celui des tendances grammaticales, on voit fréquemment une langue s'éloigner du type primitif. L'empreinte reçue par la langue mère s'efface en grande partie; la conscience nationale manifeste une propension incontestable vers un ordre de choses tout nouveau. Ceci est frappant surtout à l'égard des idiomes néo-latins et de la langue anglaise. Si ces idiomes gardent encore (dans une certaine mesure que nous ne prétendons pas déterminer) les divisions catégoriques propres à la famille indo-européenne, d'un autre côté ils nous montrent des tendances bien différentes de celles de tous les autres groupes de cette même famille. Telle forme grammaticale du français ou de l'italien, par exemple, rigoureusement conforme au génie des idiomes agglutinants et des dialectes du Nouveau-Monde, n'offrira pas de ressemblance avec les formes d'aucune des autres langues de l'Europe». J. de Charencey, *De la classification des langues et des écoles de linguistique en Allemagne*, Paris, 1859, pag. 24. — « Tout en préparant ainsi les voies du savoir, de l'affranchissement religieux et de l'affranchissement politique, il [le moyen âge] a fini, non pas comme l'empire romain, par une catastrophe, mais par une transformation naturelle et régulière qui conduit a l'ère moderne. Ce qui s'est passé dans cette évolution peut être mis sous les yeux en une claire image du travail total de décomposition et de recomposition. Cette image est donnée par les langues romanes. Il n'est pas douteux que, par certains côtés, les langues néo-latines ne soient une corruption du latin et la destruction d'un bel organisme grammatical; mais, par d'autres côtés, elles sont un progrès sur la langue qui fut leur mère. Un caractère plus analytique, une conjugaison plus dévelopée, la création d'un conditionnel et de plusieurs prétérits, l'introduction d'un article défini et d'un article indéfini; voilà de notables perfectionnements. Il ne faut pas compter parmi les moindres œuvres du moyen âge les langues néo-latines». Littré, *Études sur les barbares et le moyen âge*, 2ª ed., 1869, pag. XXVIII. — « Les langues romanes ne sont que du latin populaire (ni bas-latin, ni latin littéraire), plus ou moins allégé de ses flexions casuelles et verbales, sous l'influence de l'accent tonique. Leurs radicaux sont latins, sauf quelques centaines, leur grammaire est latine, leur accent est latin; et c'est lui qui les forme, qui les façonne à son gré ». André Lefèvre, *Accent tonique*, art. da *Encyclopédie générale*, Paris, (Lacroix, Verboeckhoven e Cª), t. I, 1869, pag. 111. — « Pour faire comprendre par quelle transition le latin a passé aux langues

néo-latines, il faut dire, en premier lieu, comment il s'est altéré et décomposé.... L'altération de la langue latine s'est opérée par la contraction des mots, la suppression des désinences, la confusion des cas. On découvre les rudiments de ces diverses tendances dans la langue latine à son état le plus ancien.... — La grammaire française est sortie tout entière de la grammaire latine. Il n'est aucune de ses formes grammaticales dont une forme latine ne soit le principe ». Ampère, *Histoire de la formation de la langue française*, 2ª ed., 1869, pag. 16 e 35. — « Que l'on rapproche et que l'on classe toutes les altérations que les mots latins ont subies pour devenir des mots français : permutations de lettres, contractions, apocopes, passage d'une catégorie à une autre catégorie, dérivations irrégulières, il n'est presque aucune de ces altérations qu'on ne retrouve déjà dans la langue latine à des époques fort éloignées de sa décadence ; les mots alors demeuraient latins en se transformant ; plus tard, en se transformant davantage, mais presque toujours d'une façon analogue, ils devinrent des mots français, italiens, espagnols ou valaques ». Egger, *Observations sur un procédé de dérivation très-fréquent dans la langue française et dans les autres idiomes néo-latins*, 1864, pag. 49-50. — Cfr. Diez, *La Poésie des troubadours*, trad. franc., Lille, 1845, pag. 308-314 ; Fauriel, *Histoire de la poésie provençale*, t. I, Paris, 1846, pag. 231 ; Du Méril, *Essai philosophique sur la formation de la langue française*, 1852, pag. 345 e segg. ; Mazure, *Dictionnaire étymologique de la langue française usuelle et littéraire*, 1863, pag. XXXIX-XL ; Whitney, *Language and the study of Language*, Londres, 1867, pag. 167-169; Marsh, *Lectures on the English language*, 5ª ed. inglesa, 1868, p. 254-261; Max Müller, *Chips from a German workshop*, t. II², 1868, p. 18-22. E veja Scheler, *Études sur la transformation française des mots latins*, Bruxellas, 1869; Gaston Paris, *Étude sur le rôle de l'accent latin dans la langue française*, Paris, 1862 ; Brachet, *Du Rôle des voyelles latines atones dans les langues romanes*, Leipzig, 1866 ; *Dans quelles conditions les voyelles latines* E, I, *deviennent-elles* A *dans les langues romanes?* (*Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*, t. I, 1871, p. 419-422) ; Boehmer, *Zur Lautwandlung der romanischen Sprachen* (*Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, t. X, Leipzig, 1869, pag. 173-202) ; A. Mussafia, *Beiträge zur Geschichte der romanischen Sprachen* (*Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften, Philosophisch-historische Classe*, t. XXXIX, Vienna, 1862, pag. 525-539 ; [Pezzi, *Formazione del futuro attivo negli idiomi italici ed ellenici*, Turin, 1872, pag. 8-35; D'Ovidio, *Sull' origine dell' unica forma flessionale del nome italiano*, Pisa, 1872 (cp. Flechia e D'Ovidio, *Glottologia neolatina*, na *Rivista di filologia e d'istruzione classica*, vol. I, Turin, 1872, pag. 89-100, 254-268; Mussafia, *Romania*, I, Paris, 1872, pag. 492-499; Canello, *Rivista di filologia romanza*, I, Imola, 1873, pag. 129-133) ; Prost, *Revue de linguistique et de philologie comparée*, t. V, Vienna, 1873, pag. 314-323]. — «Assim, todos os characteristicos que D. Fr. Francisco de S. Luis encontrava triumphantemente no moderno português, e que o levavam a dar-lhe uma origem differente da latina: os artigos, o emprego das preposições, dos verbos auxiliares, a ausencia ou pelo menos a diminuição das declinações e das conjugações, tudo isso se encontra já na lingua latina vulgar, e tudo isso o vamos encontrar nas linguas romanas balbuciantes, podendo seguir facilmente a transição por que vão passando das fórmulas latinas para a independencia de novos idiomas. Ticknor, comtudo, o eminente escriptor americano que tanta luz derramou na historia litteraria de Hispanha, suppõi que foram os godos que trouxeram á Peninsula, e em geral os barbaros á Europa, o uso dos artigos [veja a nota de pag. 77, e cf. Raynouard, *Grammaire comparée*, p. 2-22; Leoni, *Genio*, I, p. 201-202; Diez, *Grammatik*, III³, p. 18-47; Ampère,

o. c., p. 36-46; Benloew, *Accentuation*, p. 211; Hase, *De l'article*, licção publicada na *Revue des cours littéraires*, I, p. 93-95] e a privação das desinencias; mas, ainda que não fosse possivel encontrar aqui ou além nos proprios escriptores romanos vestigios d'essas characteristicas do latim vulgar, o estudo das inscripções das catacumbas provava exuberantemente que ao proprio seio da sociedade latina devemos ir procurar a raiz dos modernos idiomas». [Pinheiro Chagas] *Historia de Portugal, escripta segundo o plano de F. Denis*, t. III, Lisboa (1869?), p. 94. — Veja M. Severim de Faria, *Discvrsos varios politicos* (discurso II, *Das partes qve ha de hauer na lingoagem para ser perfeita, & como a Portuguesa as tem todas, & algũas com eminencia de outras lingoas*), Evora, 1624; [Barão de Fozcoa] *A lingua portuguesa é filha da latina*, Lisboa, 1843; Leoni, *Genio da lingua portuguesa*, 1858; A. Soromenho, *Origem da lingua portuguesa*, 1867; C. Hoefer, *Por que alterações e transformações passaram as lettras da lingua latina quando d'ellas se formou a lingua portuguesa?*, Rio de Janeiro, 1869; F. A. Coelho, *A Lingua portuguesa; phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe*, Coimbra, 1868; *Theoria da conjugação em latim e português*, Lisboa, 1870; *Sobre a lingua portuguesa (Introducção* ao *Diccionario* de Fr. Domingos Vieira, Porto, 1872-1873).

[Julho de 1873. — Na resposta de Granier de Cassagnac a Gaston Paris, publicada na *Revue critique* nº 27, lê-se, pag. 19 e 14: « M. Gaston Paris et tous ceux qui, sans un seul texte à alléguer, prétendent que les Gaulois apprirent d'abord le latin, duquel ils dérivèrent ensuite le *roman*, ont besoin d'un certain nombre de siècles pour opérer cette transmutation des langues, à l'aide de leur alchimie imaginaire. L'histoire leur refuse ce délai nécessaire à leur théorie.... Je défie M. Gaston Paris et toute l'École des Chartes de citer UNE SEULE LIGNE D'UN HISTORIEN OU CHRONIQUEUR QUELCONQUE, DISANT QUE, DANS UNE VILLE QUELCONQUE DE LA GAULE, ON NE PARLA QUE LA LANGUE LATINE, A UNE ÉPOQUE QUELCONQUE; et, s'il me trouve CETTE LIGNE, je m'avoue battu et fais à sa science des excuses publiques. L'hypothèse d'un *bas-latin, parlé par les populations* des villes ou des campagnes, est une conception creuse, qui n'a pas un seul témoignage pour elle, et qui en a des masses contre elle. Je montrerai en son lieu, à l'aide de textes nombreux, empruntés à ce même latin, non-seulement qu'il n'a pas formé les dialectes vulgaires, mais que les dialectes vulgaires lui ont prêté la plupart de ses termes ». E a pag. 22: « La philologie française de notre temps, peu inventive de sa nature, a puisé sa doctrine générale dans l'*Avertissement* placé par le bénédictin Dom Rivet, en tête du VII^e volume de l'*Histoire littéraire de la France*; tout sort de là, Roquefort, Raynouard et l'École des Chartes. Elle est allée puiser le reste de son bagage en Allemagne, cette patrie classique de l'hypothèse et du rêve laborieux et érudit. Elle en a principalement rapporté, sous le nom de *Grammaire comparée* et de *phonétique*, les travaux de Zeuss et de Frédéric Diez. La routine historique et dogmatique du XVIII^e siècle français, et la subtilité philosophique et grammaticale du XIX^e siècle allemand, voilà les pôles entre lesquels se meut notre philologie actuelle. Qu'a-t-elle ajouté à ces emprunts? rien! je me trompe; elle y a ajouté des mots barbares; vous allez voir lesquels. M. Gaston Paris et ses collaborateurs de la *Romania* nagent dans la pleine eau de la DIPHTHONGAISON, et plongent dans les profondeurs de la NASALISATION. Et l'on croyait la Scholastique finie! » — Sôbre um poncto d'esta carta (15 pag., a que, segundo a lei, os editores da *Revista* tiveram de dar inserção nas suas proprias columnas) confessa Gaston Paris que « la critique porte juste ». Outro ha, porêm, que não me dispenso de transcrever: « L'invective, qui fut l'arme des pédants, n'est plus de mise dans les lettres, depuis que les savants, en introduisant dans le monde le goût de l'érudition, y ont contracté eux-mêmes le goût des bonnes manières ». Tomo a liberdade de recommendar a meditação d'este texto ao sr. Adolpho Coelho e aos seus collaboradores da *Bibliographia critica*.]

ils se sont mêlés, c'est ce que nous ne pouvons préciser exactement »[1].

Ha mais. Na vida d'estas linguas, o idioma dos primeiros monumentos [2], do mesmo modo que o das atellanas de

[1] G. Paris, *Grammaire historique de la langue française. Cours professé à la Sorbonne rue Gerson, leçon d'ouverture*, 1868, p. 7-8.

[2] « Nous ne rapportons ici qu'un fragment du serment de Louis-le-Germanique et celui de l'armée gauloise, l'un et l'autre prononcés en langue romane. Nous commençons par ce morceau, quoique très-connu, parce qu'on l'a toujours regardé comme le premier germe, l'embryon de la langue française ». Gabriel Peignot, *Essai analytique sur l'origine de la langue française, et sur un recueil de monumens authentiques de cette langue, classés chronologiquement depuis le IXe siècle jusqu'au XVIIe*, Dijon, 1835, pag. 45. — « Après les litanies Carolines, les serments de 842 sont le document le plus ancien et le plus important [de la langue romane]; l'analyse exacte de ces serments indique déjà l'influence de la romane rustique sur les langues néo-latines ». Raynouard, *Lexique roman ou Dictionnaire de la langue des troubadours, comparée avec les autres langues de l'Europe latine*, t. I, Paris, 1838, pag. xvj. — « On doit, je crois, supposer l'armée avec laquelle Charles le Chauve joignit Louis à Argentaria composée des mêmes peuples que celle qu'il avait eue à Fonteney.... Maintenant, ces divers peuples, qui ont parlé depuis et parlent même encore des idiomes assez différents pour ne s'entendre que difficilement et sur des choses très-simples, n'avaient-ils alors qu'un seul et même idiome, celui du serment de 842? ou bien y avait-il déjà entre les idiomes dont il s'agit les mêmes différences ou des différences proportionnelles à celles que l'on y a observées depuis, et, en ce cas, quel est de ces idiomes celui qui est employé dans le serment de l'an 842?.... N'y a-t-il pas quelque chose de contraire à toute critique philologique à supposer, comme on l'a toujours fait, au moins implicitement, que deux formules de serments en un idiome inculte, insérées accidentellement dans un livre écrit en latin par un Germain, y ont été inscrites de manière à représenter exactement les formes caractéristiques de cet idiome, les nuances délicates par lesquelles il se distinguait du latin? » Fauriel, *Histoire de la poésie provençale, cours fait à la Faculté des lettres de Paris*, t. I, 1846, pag. 225, 226. — « Les plus anciennes phrases qu'on ait retrouvées jusqu'à présent de la langue latine rustique appartiennent au dialecte espagnol, adopté dans toute la partie méridionale des Gaules. C'est le fameux serment prononcé par Charles le Chauve, comme roi de Bourgogne, en son nom et au nom de ses guerriers, qui tous habitoient les provinces situées au-delà de la Loire. Il est de l'année 842; toutefois, ce n'est pas, à proprement parler, une œuvre littéraire ». Paulino Paris, *Essai d'un Dictionnaire historique de la langue française*, 1847, pag. 5. — « Le texte des serments, qui nous a été conservé par l'historien Nithard, nous offre le plus ancien monument qui existe, non-seulement de la langue d'oil, mais encore de toutes les langues néo-latines. Plusieurs savants, induits en erreur par les terminaisons en *a* qui se trouvent dans les Serments, ont cru devoir les attribuer à la langue romane du midi de la France; mais l'histoire, ainsi que la linguistique, protestent également contre cette prétention.... Ces terminaisons en *a* et en *o* sont un caractère général que tous les idiomes romans possédaient dans leur première période, et qu'ils devaient tous à leur commune mère, la lan-

gue latine. Aussi n'a-t-on pas seulement revendiqué les Serments en faveur de la Provence, mais encore en faveur de l'Italie. Le manuscrit du Vatican auquel j'emprunte mon texte nous en fournit lui-même la preuve; on y lit ces mots, tracés à la marge par une main du siècle dernier: *Giuramento in lingua italiana*. On aurait pu tout aussi bien l'adjuger à l'espagnol ou au portugais, et même, si l'on veut s'en tenir au caractère qui a principalement fixé l'attention de mes adversaires, c'est-à-dire à la présence de telle ou telle voyelle à la fin des mots, je pousserai leur raisonnement jusqu'au bout en disant que les Serments doivent être attribués à l'italien, à l'espagnol ou au portugais avec plus de raison qu'on ne peut les attribuer à la langue d'oc... » A. de Chevallet, *Origine et formation de la langue française*, t. I, 1853, p. 77-79. — « La langue française, en tant que langue distincte du latin, a commencé d'exister dans le courant du neuvième siècle, du moins à en juger par les monuments écrits. Un trouvère du douzième siècle, Benoît, nous apprend que des vers satiriques en cette langue furent faits contre un comte de Poitiers qui s'était mal conduit dans un combat avec les pirates normands. Ces vers du neuvième siècle ne nous sont point parvenus, et nous n'avons d'une si haute antiquité que le serment des fils de Louis le Débonnaire ». E. Littré, *Dictionnaire de la langue française*, *Préface*, 1863, pag. XXII. — S'il nous semble que le serment prononcé en 842 par les soldats de Charles le Chauve n'est guère encore que du latin mal écrit et mal prononcé, nous croyons aussi qu'on peut, avec vraisemblance, faire remonter quelques essais de notre langue vulgaire jusqu'au X^e^ siècle, et même jusqu'au IX^e^ ». Victor Le Clerc, *Histoire littéraire de la France au quatorzième siècle*, t. I [2], 1865, pag. 435-436. — « Si l'on compare entre eux les deux plus anciens monuments de notre idiome, les *Serments* de 842 et la cantilène de sainte Eulalie, séparés par un demi-siècle à peine, on est surpris des immenses progrès accomplis dans cet intervalle. « Il semble, a dit M. Diez « [*Altromanische Sprachdenkmale*, Bonn, 1846, pag. 16], que le dia- « lecte français, devenu langue nationale par le partage de l'empire, « ait rapidement pris la conscience et l'initiative de son développe- « ment, à peine en germe dans les *Serments* ». Gaston Paris, *Histoire poétique de Charlemagne*, 1865, pag. 67.— « Les « immenses progrès » accomplis par le français depuis 842, date des serments, jusqu'au chant de sainte Eulalie (fin du neuvième siècle), me frappent beaucoup moins que M. G. Paris. Je crois seulement que le copiste du ms. unique de Nithard a donné au texte des serments des formes qui les font paraître un peu plus latins que ce qu'ils sont réellement ». Paulo Meyer, *Recherches sur l'épopée française*, 1867, pag. 10.— [Déjà, dans les monuments du dixième siècle, la différence entre ces deux langues [*d'oc* e *d'oïl*] est fortement prononcée, et la *Cantilène en l'honneur de sainte Eulalie* est, si j'ose parler ainsi, beaucoup plus française que le fameux serment de 842 ». H. Chavée, *Enseignement scientifique la lecture* (1872), pag. 65. — « Les quatre ou cinq échantillons, si courts et si précieux, que nous possédons de la langue française jusqu'au XI^e^ siècle, sont tous étrangers au groupe occidental. Pour les *Serments* de 842, ce texte vénérable qui commence notre littérature, il est difficile de le décider; mais il y a des probabilités pour qu'il se rattache plutôt au groupe oriental ». Gaston Paris, *La Vie de saint Alexis, poème du XI^e^ siècle, Préface*, 1872, pag. 41. — « Nous voyons le français employé comme langue des négotiations politiques après le partage de Verdun dans les *Serments* de Strasbourg (842) et de Coblentz (860) ». F. Diez, *Grammaire des langues romanes*, trad. de A. Brachet e G. Paris, 1° fasc., 1873, pag. 109. — « Ainsi, par une coincidence qui lui donne un double intérêt national, ce même traité de Verdun, d'où date l'indépendance de la France, parce qu'il marque la séparation des trois royaumes de France, d'Allemagne et d'Italie, fournit aussi

Roma [1] está ainda, á presente hora, posto em questão, a titulo de enigma não menos complicado que o da nacionalidade do auctor das glossas de Cassel, ou o da authenticidade das cartas de Egas Monis [2] e da canção de Goesto Ansur [3].

le premier exemple de notre vieille langue ». A. Pellissier, *Précis d'histoire de la langue française*, 1873, pag. 56 (veja 301-307). — « Les serments sont, après les *Gloses de Reichenau* le plus ancien monument de la langue française: ils sont comme elles d'une valeur inappréciable pour l'étude de nos origines linguistiques; on y surprend en quelque sort sur le fait le travail de la transformation du latin ». Brachet, *Grammaire historique de la langue française*, nona ed. (folha de rosto de 1873; composição typographica da 2ª ed., sem o appendice *Des règles à suivre dans la recherche des étymologies*), pag. 37. — Cfr. Raynouard, *Influence de la langue romane rustique sur les langues de l'Europe latine*, 1836, p. 3-24; Constancio, *Novo Diccionario critico e etymologico*, 1836, p. XI; Thierry, *Lettres sur l'histoire de France*, XI (p. 113-116 da ed. de 1859); Du Méril, *Formation de la langue française*, 1852, p. 186-187, 379-403.]

[1] « Quelle était la langue des Atellanes romaines? Strabon déclare positivement que c'était l'osque. Mais son témoignage est isolé, et il n'est pas confirmé par les fragments des Atellanes que le temps a épargnés. Que faire? Faut-il rejeter ce témoignage? On éprouve un peu d'hésitation, tant il est conçu en termes nets, formels et précis. Si on l'admet, comment faut-il l'entendre? Doit-on penser que tous les personnages, ou un seulement, parlaient l'osque? Ne pourrait-on supposer que les mots étaient latins, ou du moins communs au latin et à l'osque, mais qu'on les *oscisait* en changeant des voyelles, des consonnes et les désinences? De toutes les hypothèses, la dernière me sourirait le plus, mais elle a comme les autres un caractère purement conjectural. Ce que l'on peut affirmer, c'est que dans les fragments de Pomponius et de Novius, rien ne nous rappelle la langue osque, absolument rien: ni le vocabulaire, ni les formes grammaticales, ni même le nom des personnages, qui sont pourtant originaires d'une ville osque ». F. Rabasté, *De la langue osque d'après les inscriptions et de ses rapports avec le latin*, Rennes, 1865, p. 29.

[2] « Serão com effeito d'elle estas duas canções, que Miguel Leitão, Faria e Sousa e A. Ribeiro dos Sanctos, não sei porquê, chamam cartas, e piedosamente creem que foram achadas no castello de Arouce (Louzan) quando o tomaram dos mouros? Ou serão ellas tanto de Egas Monis como eram de Medea ou de Penelope as que em seu nome escrevia Ovidio a Jason e a Ulysses? Não sei: ha pensamentos verdadeiramente antigos, mais legitimamente antigos que as mesmas palavras, em que se conhece affectação ás vezes. Póde ser porêm, e não era o primeiro exemplo de piedosa fraude philologica [a este intento veja os factos citados por Luzel, *De l'authenticité des chants du Barzaz-Breiz de M. de la Villemarqué*, Saint-Brieuc, 1872, pag. 42-46] — póde ser que o fanatismo dos archeologos receiasse dar na singeleza em que o achou o texto d'estas trovas, ou porque no original assim eram, ou porque nas copias se tivessem ido vulgarizando, e para confundir a impiedade dos scepticos lhes introduzisse palavras obsoletas, archaismos improprios e talvez anachronicos, só por dar o que supposeram maior ar de vetustade ao seu achado ». Almeida Garrett, *Da antiga poesia portuguesa* (*Revista universal lisbonense*, VI, 1847, pag. 100).

[3] Fr. Bernardo de Brito, *Segvnda parte da Monarchia Lvsytana*,

Calorosamente defendida por Littré, e ainda depois por Le Clerc, a supposição de um francês primitivo, idioma regular

Lisboa, 1609, l. VII, c. IX (pag. 414-417 da ed. de 1690); Miguel Leitão de Andrade, *Miscellanea*, Lisboa, 1629 (pag. 21-31 da ed. da Imp. Nacional, 1867); Antonio Ribeiro dos Sanctos, *Analyse etymologica e grammatical dos primeiros monumentos da lingua portuguesa* (no prospecto inedito já referido a pag. 29 conta entre os monumentos comprehendidos nesta analyse, de que em 1836 sahiu parte no *Jornal da Sociedade dos Amigos das Lettras*: « ... 4º. As cantilenas que se dizem compostas em memoria da façanha do cavalleiro Goesto Ansur »); J. Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas e criticas sôbre a historia e jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal*, t. I, 1810, pag. 181; Bellermann, *Die alten Liederbücher der Portugiesen*, Berlin, 1840, pag. 2-4; Almeida Garrett, *Os Figueiredos* (*Illustração, jornal universal*, I, Lisboa, 1845, pag. 62, 65); Costa e Silva, *Ensaio biographico-critico sôbre os melhores poetas portugueses*, t. I, 1850, pag. 35-41; Garrett, *Romanceiro*, t. I, 1853, pag. 10-11; José Gomes Monteiro, *Val-Doncel, lenda gallega* (*Revista Peninsular*, II, 1856, pag. 401-405); F. Wolf, *Proben portugiesischer und catalanischer Volksromanzen*, Vienna, 1856, pag. 10; A. Herculano; *Historia de Portugal*, t. III, 2ª ed., Lisboa, 1858, pag. 181, nota; Wolf, *Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen Nationalliteratur*, Berlin, 1859, pag. 693-694; F. Diez, *Ueber die erste portugiesische Kunst-und Hofpoesie*, Bonn, 1863, pag. 1-4; Amador de los Rios, *Historia crítica de la literatura española*, t. III, Madrid, 1863, pag. 462-463; Alvaro Rodrigues de Azevedo, *Esboço critico-litterario*, Funchal, 1866, pag. 74; Theophilo Braga, *Cancioneiro popular colligido da tradição*, Coimbra, 1867, pag. 197-202; Oliveira Martins, *Theophilo Braga e o « Cancioneiro e romanceiro geral português »* (*Revista critica de litteratura moderna*, nº 2, Porto, 1869, pag. 32-33); Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal escripta segundo o plano de F. Denis*, t. III, Lisboa (1869?), pag. 97-98; Diez, *Grammatik der romanischen Sprachen*, 3ª ed., t. I, Bonn, 1870, pag. 99 [91 da trad. de A. Brachet e G. Paris, 1873]; Theophilo Braga, *Historia da litteratura portuguesa, Introducção*, Porto, 1870, pag. 94, 122; Mendes Leal, *As Duas Peninsulas* (*America*, III, Lisboa, 1871, p.74).

[Com todas estas provas se achava instruido o processo quando occorreu ao sr. Theophilo Braga intentar a sua revisão. Um largo capitulo das *Epopeias da raça mosarabe* (1871, pag. 173-207) enchem as *solemnia verba* acêrca do « poema ou *Canção do Figueiral*, sôbre o qual até hoje » — jura o auctor, sem se exceptuar e sem tampouco exceptuar os mais — « a critica ainda não tem dicto senão inepcias ». Infelizmente, o seu collega o sr. Adolpho Coelho nem parece ter em grande conta o labor das recentes investigações, nem acreditar muito na authenticidade do monumento inculcado. (*Bibliographia critica de historia e litteratura*, 1873, pag. 140). Morel-Fatio, que, tractando do *Cancioneiro e romanceiro geral* do sr. Theophilo Braga, vem a lembrar as chamadas reliquias da nossa poesia primitiva, diz: « La valeur de ces compositions, que certains écrivains portugais, et parmi eux l'auteur de cette collection, s'obstinent à regarder comme les plus anciens monuments de leur poésie, a été appréciée par Ribeiro, Bellermann, F. Wolf et enfin M. Diez dont les arguments philologiques ont confirmé l'opinion de ses prédécesseurs. Il est désormais acquis que ces divers poèmes, dans leur forme actuelle du moins, ne remontent pas au-delà du XVIe ou tout au plus de la fin du XVe siècle; aussi est-il superflu d'examiner les arguments par lesquels M. Braga cherche à réfuter Ribeiro ». (*Romania*, II, 1873, pag. 127). Ao que accrescenta Gaston Paris naquelle seu rapido dizer, *velocitas immor-*

e perfeito [1], aos olhos de Du Méril não passa de engenhosa chimera [2].

Na opinião do sr. A. Herculano, o cancioneiro do Collegio dos Nobres é escripto numa especie de português litterario e não falado: «Eu não sei se lhe dice alguma vez uma idea mais estrambotica do que o *guarauaya* do trovador [3], e é que o

talis: « Les faits que M. Braga a réunis depuis, dans ses *Epopeas dá raça mosarabe* (Porto, 1871), ch. IV, pour établir notamment l'authenticité de la chanson du *Figueiral*, prouvent uniquement 1º que cette chanson était réellement populaire au XVI^e siècle, 2º que la légende sur laquelle elle s'appuie est beaucoup plus ancienne. C'est absolument le résultat auquel Wolf est arrivé ».]

[1] *Histoire littéraire de la France au quatorzième siècle. Discours sur l'état des lettres, par Victor Le Clerc. Discours sur l'état des beaux-arts, par Ernest Renan.* T. I, Paris, 1865, pag. 432-434.

[2] « ... le vieux français se continue, il est vrai, dans le français moderne, dont rien n'annonce l'épuisement; mais pourtant il ne s'y continue qu'à travers une modification profonde, une véritable ruine, une désuétude grave qui a son point d'arrêt au quinzième siècle ». Littré, *Étude sur* Adam, *mystère* (*Journal des Débats*, 29 de agosto de 1855; *Histoire de la langue française*, 1863, t. II², pag. 76). — « Malheureusement, ce français primordial est un mythe très ingénieux, mais parfaitement chimérique; les plus vieux manuscrits n'en contiennent pas le moindre échantillon. S'il entrait dans une telle hypothèse une parcelle quelconque de vérité, en se rapprochant du berceau de la langue, en remontant à une époque plus reculée, les textes deviendraient plus corrects et plus purs, et, au contraire, ceux qui dépassent les premières années du XII^e siècle prennent des formes tellement irrégulières qu'on ne les comprend plus que par conjecture, et les plus vieux sont précisément les plus informes et les plus latins.... A défaut de faits, un système historique devrait au moins s'appuyer sur des vraisemblances, des analogies, un ensemble quelconque de raisonnements, et celui-ci va à l'encontre même de la logique et du possible ». Du Méril, *Floire et Blanceflor, poèmes du XIII^e siècle, Introduction*, 1856, pag. ccxij-ccxiv.

[3] [Vive Deus! A palavra *guarvaya*, enigma até ao tempo do sr. Varnhagen, de A. Herculano, de Bellermann, de Wolf, Friderico Diez, Mussafia e Grüzmacher, deixou de o ser do sr. Theophilo Braga para cá. Eis aqui temos a revelação: « A origem da palavra *guarvaya* encontra-se no velho francês *graie* e *vair*, que ambos significam a côr cinzenta, que veiu a servir de nome a uma vestimenta, como o *birretum*, côr vermelha, veiu a significar o barrete ou gorra. No *Roman de la Rose* (v. 546 e 862) encontra-se *graie* em logar do moderno *gris*, do mesmo modo que no poema do *Sir Tristrem*, conhecido na côrte de D. Dinis, se empregam ambos os synonymos.... Segundo Du Méril (*Poés. scand.*, p. 277) *vair* designava toda e qualquer côr que serve para enfeitar.... Em vista d'estes factos comprehende-se como de *griseum* e *varium*, pela attracção dos dous «*rr*» e ao mesmo tempo pela sua extraordinaria tendencia metathetica e pelas fórmas francesas e inglesas de *graie* e *vair*, se chegou a formar a palavra *guarvaya* do *Cancioneiro da Ajuda*. « Havér por vós *guarvaya* » é uma imagem poetica, para dizer que não conseguiu deixar as vestes de tristeza, e encerra tam-

cancioneiro não é escripto em português, isto é, no português

bem o symbolo scandinavo, francês e anglo-normando, da adopção, que se representava pelo manto, que se exprimia pela phrase de outros poemas: *mis sous le drap*, ou como em Philippe de Mouskes: *par-dessous le mantiel*». — A conclusão é pasmosa: «A palavra *guarvaya*, que para o sr. Herculano era simplesmente estrambotica, encerra uma immensa luz sôbre as origens francesas do cyclo poetico de D. Affonso III, de que tinhamos já um documento na palavra *ome-lige*». (*Theoria da historia da litteratura portuguesa*, Porto, 1872, pag. 57-59.)

Reconheço que depois da influencia do cyclo greco-romano na poesia portuguesa, demonstrada pelo sr. T. Braga com as decimas do *cimo da Cotovia* (*Historia da poesia popular portuguesa*, 1867, pag. 168), não é licito revocar em duvida a influencia dos cyclos. Já a etymologia de *guarvaya* se me não affigura entretanto reunir as mesmas condições de genuinidade incontrastavel; e, se «haver por vós guarvaya» significa que «não conseguiu deixar as vestes de tristeza», com o soccorro da lingua dos *trouvères* — troveiros, como diz Garrett —, e sem mais trabalho que o de versar o *Glossario* de Burguy ou a *Chrestomathia do francês antigo* de Bartsch, outras explicações se podem propor, segundo as quaes a mysteriosa palavra signifique, á escolha: «haver eu por vós proveito» (de *guain, waing*, ganho), vestimenta (*gambais*), pezar (*grevance, agrevance*), encargos (*graverens*), sêde (*guersai*), ou finalmente «haver eu por vós de ser *garwal*», isto é, lobishomem; explicações com as quaes, se me não illude excessivamente o amor paterno, fio não virá a parecer menos clara a passagem do cancioneiro:

No mundo non me sei parella
Mentre me for, como me vay,
Ca ja moiro por vós e ay!
Mia Señor branca e vermella;
Queredes que vos retraya,
Quando vos eu vi en saya,
Mao dia me levantei,
Que vos enton non vi fea.

E mia Señor des aquel dia y [di' ay?]
Me foy a mi muy mal,
E vós filla de don Paay
Moniz, e ben vos semella
D'aver eu por vós guarvaya;
Pois eu mia Señor d'alfaya,
Nunca de vós ouve, nen ey
Valia d'ũa correa.

(*Trovas e cantares*, pag. 305.)

Offerece alguma difficuldade a leitura do verso que começa a segunda copla, leitura que não é talvez outra senão a d'aquelle verso de Martin Pedrozelos (Padrozellos, segundo Wolf, *Studien*, p. 704) na canção publicada pelo sr. barão de Porto-Seguro (*Cancioneirinho de trovas antigas*, Vienna, ed. de 1872, pag. LXXXVIII): «Y e' [é?] meu amig' ay!». O sr. Theophilo Braga obviou a difficuldade transcrevendo: *E mia Señor, des aquel dia*, o que não importa lesão maior que a da rhyma. Comtudo a sua *Introducção* á *Historia da litteratura* (1870, pag. 123) dá assim definida a antiga expletiva *ay*: «O galleziano emprega acintemente a expletiva *ai*, a aravia emprega a expletiva *ey*; ambas as expletivas na sua pronunciação correspondem á contracção do artigo *oc* e *oïl*. Não é isto uma mera hypothese; já deixámos indicados os factos. Quem primeiro firmou esta descoberta com a auctoridade do seu nome, foi o erudito Antonio Ribeiro dos Sanctos». Falta-me o trabalho em que a descoberta se firmou: será provavelmente o escripto intitulado *Dos mais antigos monumentos da poesia portuguesa nos seculos XII e XIII*, começado a inserir num periodico ephemero que não pude ver. Que o visse, ainda assim difficilmente acreditaria que A. Ribeiro dos Sanctos chame ás designações *oc* e *oïl* artigos. Ninguem ignora que esses nomes correspondiam aos differentes modos de affirmação nas linguas do meio-dia e do

falado; mas numa certa lingua *immovel*, convencional e pura-

norte da França. Podem ler-se em Diez ou Raynouard (*Poésie des troubadours*, pag. 181 da trad. fr.; *Choix des poésies originales*, IV, pag. 241) e até, incorrectissimamente vertidos do francês pelo sr. Theophilo Braga nos *Trovadores gallecio-portugueses*, 1871, pag. 15, estes versos da sirvente de Bernardo d'Auriac, excitando a expedição de Carlos de Valois contra Pedro II de Aragão, convencido de complicidade no drama das Vesperas sicilianas:

Qu'eras sabran Aragones
Qui son frances;
E 'ls Catalas estreg cortes
Veyran las flors, flors d'onrada semensa,
Et auziran dire per arago
Oil et *nenil* en luec d'*oc* et de *no*.

Analogamente « lingua do *sì* » era a italiana, ou, como no verso da imprecação sôbre a morte do conde Ugolino, verso que se torna a encontrar em Petrarca, a lingua *delle genti*

Del bel paese là dove 'l sì suona.

Quem não sabe isto pelos livros de philologia (Du Cange, *Glossarium*, s. v. *Lingua*; Schweighæuser, *De la négation dans les langues romanes du midi et du nord de la France*, 1852, pag. 38; Diez, *Introduction à la Grammaire*, versão de G. Paris, pag. 129; Burguy, *Grammaire de la langue d'oïl*, II², 309; Brachet, *Grammaire historique*, pag. 42), de necessidade o ha de saber pelos livros de critica ou de historia litteraria (Delécluze, *Dante Alighieri ou la poésie amoureuse*, I, 1854, pag. 91; Patin, *Mélanges de littérature*, 1840, pag. 183; Diez, *La Poésie des troubadours*, 1845, pag. 6; Villemain, *Tableau de la littérature au moyen âge*, ed. de 1865, t. I, 292). Vem em obras tão versadas pelo sr. Theophilo Braga como é o *Romancero* de Duran (t. I, 2ª ed. de Rivadeneyra, 1859, pag. L). Está no tractado *De vulgari eloquentia* de Dante (l. I, cap. VIII, segundo Diez): « *Alii* oc, *alii* oïl, *alii* sì *affirmando loquuntur, ut puta Hispani, Franci et Latini* » [Gaston Paris e A. Brachet leem *et Itali*]. E o sr. Theophilo Braga, que compulsou o tractado, que o cita a pag. 96, descai em dizer na *Historia da poesia popular* (1867, pag. 5): « O artigo é a transformação do pronome; foi o seu uso immoderado que deu o nome ás linguas modernas: lingua d'*oc*, lingua d'*oil*, lingua do *si*, lingua de *ya* ». No *Diccionario* de Fr. Domingos Vieira (I, 1869, pag. 2) repete: « A importancia do artigo nas linguas romanas é immensa: Lingua d'*Oc*, lingua d'*Oil*, lingua do *Si*, lingua do *Ya*: tal era a designação do provençal, do francês, do italiano, do allemão, segundo os seus differentes artigos »! E advertido pelo sr. Adolpho Coelho, que no *Jornal litterario* (nº 20, outubro de 1869, pag. 181) lhe dizia: « Parece em boa logica que no periodo extractado do diccionario se inclue o allemão em o numero das linguas romanicas; a confusão não é de admirar da parte de quem toma o adverbio de affirmação d'essas linguas pelo artigo »; fraternalmente advertido, torna a escrever na *Historia da litteratura portuguesa* (*Introducção*, 1870) que as expletivas *ai* e *ey* « correspondem á contracção do artigo *oc* e *oil* »!

Pardieu! les plus grands clercs ne sont pas les plus fins!

Postscriptum. Na *Revue critique d'histoire et de littérature* de 23 de novembro de 1872, Gaston Paris, falando das citações do sr. Theophilo Braga, diz: « Malheureusement ici aussi le manque de critique

mente litteraria » [1]. O sr. Varnhagen, « sem deixar de acatar tão enorme auctoridade », dissente d'esta opinião [2], cujo fundamento parece tambem duvidoso a Diez, posto não conheça as razões que a justificam [3]. É verdade que a idea de Helfferich,

se fait parfois sentir: la philologie notamment paraît être le côté faible de l'auteur. L'explication qu'il propose (p. 56-57) du mot *guarvaya* est inadmissible (*graie* n'est pas français et ne se trouve pas aux vers cités du *Roman de la Rose*) ». De feito, basta abrir, na propria pagina indicada pelo nosso critico, o livro de Du Méril, fonte de toda a sua erudição neste assumpto, para verificar o erro da affirmativa: « Chaucer a traduit le *vair* qui se présente si souvent dans le *Romans de la Rose* par *graie*, gris, v. 546, 862, etc. » (*Histoire de la poésie scandinave, Prolégomènes*, Paris, 1839, p. 277). Na these do eminente professor o termo e os versos da traducção inglesa foram, um tanto extranhamente, confundidos com os do original!

Tomou o sr. Theophilo Braga em consideração as palavras de G. Paris, ao reestampar em 1873, como *Introducção* ao *Thesouro da lingua portuguesa*, o escripto que em 1872 lhe servíra para dissertação de concurso? Não; pagou-se com additar aos logares já transcriptos dous textos que provam, por um lado, que « os burgueses usavam roupas bordadas de *vair* e de *gris*, isto é, de pelles de esquilos e de animaes selvagens ou de amphibios », e por outro que o sentido de *vaire*, brilhante, dos poemas franceses é o mesmo que o da canção portuguesa. (Pag. CCXXXI). Ha nada mais concludente? Sendo *vair* e *gris* as pelles dos esquilos; significando *vaire* o mesmo que brilhante, e *vair* toda e qualquer côr que serve para enfeitar, é clarissimo, e comprehende-se logo pela força da tendencia metathetica, que « haver por vós *guarvaya* » quer dizer que não conseguiu deixar as vestes de tristeza, e encerra tambem o symbolo scandinavo, da adopção, que se representava pelo manto, que se exprimia pela phrase, etc. Com razões não menos obvias se explica em Molière a mudez da filha de Géronte.

E não ha de um homem compadecer-se da penuria intellectual do sr. Alexandre Herculano, para quem a palavra *guarvaya* era « simplesmente » estrambotica ?]

[1] « Sobre el lenguaje de estas poesías es digno de notarse lo que nos dice el sabio A. Herculano, consultado por nosotros al intento: « A minha opinião é que este cancioneiro se não póde rigorosamente « dizer escripto em português, mas sim numa especie de lingua, ou « antes dialecto galliziano, que parece servir para estas composições « mais ou menos lyricas, como o castelhano servia para a poesia nar- « rativa ». Amador de los Rios, *Historia crítica de la literatura española*, t. III, Madrid, 1863, pag. 465, nota. Veja Neves e Carvalho, *Noticia de alguns trovadores portugueses e gallegos nos primeiros seculos da monarchia, e de suas poesias consideradas como elemento de progresso e aperfeiçoamento na lingua nacional (O Panorama*, 1844, pag. 272); e cf. C. de Tourtoulon, *La « Chirurgie » d'Albucasis (Revue des langues romanes*, t. I, Montpellier, 1870, pag. 6-7).

[2] *Trovas e cantares de um codice do XIV seculo: ou antes, mui provavelmente, « O Livro das Cantigas » do conde de Barcellos*, pag. 347. Madrid, 1849.

[3] *Ueber die erste portugiesische Kunst-und Hofpoesie*, pag. 108. Bonn, 1863.

suspeitando nos *Fragmentos* publicados por Carlos Stuart um auctor francês [1] tampouco lhe parece mais plausivel [2].

[1] *Spanische Miscellen (Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, vol. I, Berlin, 1859, pag. 432).

[2] « Se a sua phrase poderia fazer duvida ser o seu auctor nosso nacional, ou gallego, assás se colhe ser português, mencionando terras de Portugal ». J. Pedro Ribeiro, *Reflexões philologicas*, Coimbra, 1835, pag. 18. — « Eu tinha escripto noutro logar.... que o poeta ou trovador português, auctor da sobredicta collecção, ou ao menos da maior e mais principal parte d'ella, com bom fundamento se podia suppor do tempo de elrei D. Sancho I de Portugal.... — Fóra da patria fui encontrar um exemplar da publicação Stuart, tive occasião e tempo de dedicar-me ao estudo d'este primoroso documento de nossa litteratura, e não me serviu pouco o tracto e uso da lingua francesa, que então me rodeava, para entrar nalguns dos enigmas d'aquelle dialecto de 650 annos já passados; idioma mixto e composto, como o de todos os poetas da eschola provençal, de varias linguas, portuguesa e gallega, latina, italiana e francesa. Á força de tentativas repetidas, depois de confrontar com o texto do cancioneiro os trovadores contemporaneos, e os poucos escriptores portugueses e extrangeiros em vulgar d'aquella edade ou a ella proximos, tenho conseguido, com rarissimas excepções, dar sentido corrente ás suas trovas. O prazer, senhores, que d'esta especie de descobrimentos resulta ao estudioso, vós o podeis e sabeis apreciar. O sertanejo que, depois de atravessar centenares de leguas de matas virgens no Brazil, chega a descobrir o veio do metal precioso que busca; o viajante que nas paragens longinquas atina com o local quasi apagado das cidades que pereceram na voragem do tempo; o mathematico que chegou a resolver o intricado problema, não teem mais direito a comprazer-se de sua boa fortuna do que o curioso litterato que pôde recuar os limites da formação regular da lingua portuguesa quasi dous seculos atrás do seu supposto nascimento ». Neves e Carvalho, *Proposta para a impressão do antigo Cancioneiro do extincto Collegio dos Nobres (Actas das sessões da Academia das Sciencias de Lisboa*, t. I, 1849, pag. 48, 51). — Veja Raynouard, *Grammaire comparée des langues de l'Europe latine, dans leurs rapports avec la langue des troubadours*, Paris, 1821, pag. XLI-XLII; Bellermann, *Die alten Liederbücher der Portugiesen*, Berlin, 1840, pag. 9; Cunha Rivara, *O Cancioneiro do Collegio dos Nobres (Panorama*, 1842, pag. 406-407); Diez, *Ueber die erste portugiesische Kunst-und Hofpoesie*, Bonn, 1863, pag. 104-109; Baret, *Les Troubadours et leur influence sur la littérature du midi de l'Europe*, 3ª ed., Paris, 1867, pag. 196-197; Adolpho Coelho, *Sôbre a linguagem dos cancioneiros (Jornal litterario*, I, Coimbra, 1869, pag. 57); Theophilo Braga, *Trovadores gallecio-portugueses*, Porto, 1871, pag. 89-90. E consulte Wolf, *Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen Nationalliteratur*, Berlin, 1859, pag. 700-714; Grüzmacher, *Zur gallicischen Liederpoesie (Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, VI, Leipzig, 1865, pag. 351-361. No mesmo volume, pag. 218-220, Mussafia, *tj = c im Altportugiesischen*, sôbre a fórma *cha* das *Trovas e cantares*, assumpto do magro artiguinho do sr. Adolpho Coelho na *Rivista di filologia romanza*, vol. I, Imola, 1873, pag. 122-123); Adolpho Coelho, *Estudos sôbre os cancioneiros portugueses (Jornal litterario*, I, 1869, pag. 41, 81, 89); Canello, *Il prof. Federigo Diez e la filologia romanza nel nostro secolo*, Florença, 1871, pag. 25-27; [F. A. de V. (barão de Porto-Seguro), *Cancioneirinho de trovas antigas colligidas de um grande cancioneiro da bibliotheca do Vati-*

Basta. Não a guiasse indeclinavel dever de justiça, e por melhor que discorrer tivera a penna o retrahir-se.

Imperdoavel temeridade por certo, se, para responder ao sr. Adolpho Coelho, me proposesse a apologia da *Historia de Portugal* e o panegyrico das excepcionaes faculdades do seu auctor, *âme frappée à l'antique marque*, diria Miguel Montaigne.

Não o ha mister o grande pensador.

Ideas desatadas sôbre um poncto de debate, as presentes palavras teem apenas a significação de protesto, nem outra lhes podia dar, humilde espectador na longa comedia das lettras, pela natureza das suas applicações quasi extranho a taes estudos, o auctor d'estas paginas.

É simples a súa fé. Morrerá nella, repetindo em voz baixa: *Credo.* Aos infieis, que não a elle, diga algum dia a consciencia publica, forçando-os a inclinarem-se como o sicambro convertido:

Onorate l' altissimo poeta.

5°. *Etymologias absurdas e ridiculas do diccionario do sr. D. José de Lacerda.* — « ... Que não inventou etymologias, e se limitou a copiar as de Constancio », dice V. Ex., e justamente o dice.

Alguma idea, ainda perfunctoria, do diccionario de Constancio; alguma noticia, embora superficial, da historia do diccionario do sr. D. José de Lacerda, sobrariam a convencer d'esta singela verdade. Entretanto o sr. Adolpho Coelho, que se declarou inimigo dos ponctos de admiração, pára deante d'ella em excusadas admirações: « É curioso o modo por que pretende defender o sr. D. José de Lacerda das minhas imputações, tirando-lhe o merito da originalidade, reduzindo-o ás condições do copista de inepcias, que, na incapacidade de as reconhecer, auctoriza com o seu nome ». (Pag. 9.)

Os commentarios do folheto não alteram em nada a simplicidade dos factos. Em 1858, como se tractasse de effectuar

cano, Vienna, ed. de 1872; Monaci, *Canti antichi portoghesi tratti dal codice Vaticano* 4803 (« Per le nozze del conte Luigi Manzoni colla contessa Francesca Ansidei »), Imola, 1873; Paulo Meyer, *Romania*, I, Paris, 1872, pag. 119-123; II, 1873, pag. 265.]

nova edição do diccionario de Faria, occorreu ao editor introduzir naquella vasta feira da ladra da lingua portuguesa alguma ordem, commettendo ao sr. D. José de Lacerda o encargo de rever e abbreviar a obra. Expungidos os nomes geographicos, e os de historia e mythologia, com que o corpo do famoso *abôrto anonymo* tinha chegado a avolumar, a primitiva parte glossologica, que era de Constancio, veiu a remanecer por inteiro, com as suas originaes etymologias, ornamentadas estas, aqui, alli, dos erros de copia e de impressão accrescidos em todo o discurso e através de todos os accidentes da viagem — uma viagem de quatro edições.

Puro esgrimir em sêcco é logo imputar ao sr. D. José de Lacerda as etymologias de Constancio: « Este objecto, que devia constituir a parte mais scientifica de um diccionario, foi tractado pelo auctor de um modo que nos faz lembrar as etymologias de Perion, Swift e o padre Bacellar ». E ainda depois: « Accrescentaremos que este laborioso academico manifesta uma forte tendencia pelo maravilhoso em etymologia, e deriva frequentemente palavras gregas, latinas, etc., de radicaes egypcios, tendencia que vem sem duvida de se ter inspirado de Court Gebelin [Court de Gébelin] e outros philologos do seculo passado, que a sciencia fez esquecer ».

D. Francisco de S. Luis (*Instituto*, vol. X, p. 43-44), o auctor do *Genio da lingua portuguesa*, Odorico Mendes na traducção de Virgilio (ed. de 1858, pag. 508) e Augusto Jal no *Glossaire nautique* apodam com discreta moderação algumas das etymologias de Constancio. Nem todos, porêm, terão attentado na *Advertencia* preliminar do diccionario, onde o auctor, declarando que procurára no grego, no persa, sanskrito, celtico e teutonico as raizes que o latim lhe não deu, acode a ponderar que, quando refere um radical a esta ou áquella lingua, *nem sempre entende que d'ella veiu directamente*, *mas só indica o idioma em que se encontra a verdadeira significação dos elementos do termo.* « Muitas vezes — diz, falando do coptico — só nesta lingua antiquissima e toda formada de radicaes significativos monosyllabicos ou mui curtos, e sem inflexões propriamente dictas, encontrei o verdadeiro sentido dos termos que em grego não admittem decomposição e exprimem ideas complexas ».

E aqui mais commummente desperta a incredulidade. Teve Constancio presentes os trabalhos de Quatremère e Champollion o moço, os lexicons de Peyron e Tattam, ou acaso nos vende por factos verificados os seus repentes e invenções, e são todos aquelles garfos de radicaes egypcios uma prolongada zombaria?

Como quer que esta duvida se haja de resolver, o *Novo Diccionario critico e etymologico*, apezar das suas aventurosas affirmativas, das suas venialidades e imperfeições, dos seus erros manifestos, é ainda digno de ser considerado entre os trabalhos que um antigo diria merecedores de cypreste e cedro.

Possuiu o auctor a sciencia do seu tempo. Henrique e Roberto Estienne, Vossio e Roquefort, Court de Gébelin e Horne Tooke, Silvestre de Sacy e os dous Schlegels lhe foram egualmente familiares; mas, invocando-os por mestres, nem sempre os acompanhou servilmente. Verdadeiro fundador dos estudos etymologicos em Portugal, rasgou afouto o caminho ás indagações antes d'elle apenas tentadas por Duarte Nunes e Bluteau. Primeiro que nenhum outro entre nós, buscou determinar a origem e predicados das desinencias da nossa lingua, a natureza e valor dos seus prefixos e suffixos. No exame genealogico das palavras não se limitou em appor o vocabulo da lingua matriz ao vocabulo nacional [1]: analysou-o; entendeu fazer-nos conhecida a significação dos « gruppos phonicos », dos elementos assim invariaveis como accidentaes a que daria hoje o nome de themas e affixos, estabelecendo miudamente, com Bopp e Egger, com Regnier e Curtius, as particulares differenças de *radical* a *raiz*, e de *desinencia* a *terminação*.

Das combinações philologicas do seu diccionario larga parte lhe é propria. Perdêra-se a relação de vocabulos derivados

[1] « Le dictionnaire qui, au mot *rival*, ajoutera pour racine le mot latin *rivalis*, ne m'apprend rien, s'il ne m'explique comment les laboureurs latins et les jurisconsultes romains appelaient *rivales* les deux riverains qui se partageaient, et souvent se disputaient un *ruisseau*, pour arroser leurs prés, et comment ce mot a pris de là un sens moral, éloigné du terme primitif. Il en est de même de presque tous les mots. Dire que *désirer* vient de *desiderare*, et *considérer* de *considerare*, *calamité* de *calamitas*, *admirer* de *mirari*, c'est presque ne rien dire; c'est traduire un chiffre par un autre chiffre, à moins d'entrer dans l'explication même du terme étranger importé par nous ». *Dictionnaire de l'Académie Française. Sixième édition, publiée en* 1835. *Préface* (por Villemain), pag. xxiv.

do grego que André de Resende chegou a colligir [1]. A memoria sôbre origens orientaes [2] de palavras portuguesas, lida em 1788 por João Guilherme Christiano Müller [3], e o *Ensaio de um indice das palavras, adagios, dictos, sentenças, anexins e phrases que a lingua portuguesa tirou da grega sem passarem pelo intermedio da latina* [4], offerecido em 1820 por Fr. Fortunato de S. Boaven-

[1] « Assim o deixou escripto no liv. I dos quatro que escreveu de *Antiquitatibus Lusitaniæ*, edição de Evora por André de Burgos (1593), fol. 38; e é bem para sentir que se perdessem estes preciosos trabalhos, que, feitos por mão tão habil, me dispensariam de outro similhante que tenho emprehendido ». FR. FORTUNATO DE S. BOAVENTURA, *Do começo, progressos e decadencia da litteratura grega em Portugal desde o estabelecimento da monarchia até ao reinado do sr. D. José I (Historia e Memorias da Academia R. das Sciencias de Lisboa,* t. VIII, parte I, 1823, pag. 31).

[2] « Ce qu'on entendait par ce dernier mot [langues orientales], au commencement du siècle, c'étaient les langues sémitiques, le turc et le persan. On savait toutefois, grâce aux publications de la Société asiatique de Calcutta et aux livres de quelques missionnaires ou voyageurs, qu'il s'était conservé dans l'Inde un idiome sacré dont l'antiquité dépassait, disait-on, l'âge de toutes les langues connues jusqu'alors ». MIGUEL BRÉAL, *Introduction à la Grammaire comparée des langues indo-européennes de M. Fr. Bopp. Extrait du tome premier*, Paris, 1866, pag. x.

[3] « Já nesse tempo o sr. Fr. João de Sousa havia concluido e apresentado o *Lexicon etymologico das palavras e nomes portugueses que teem origem arabiga*; mas o sr. Müller não só extendeu a indagação das mesmas origens a outras linguas orientaes que egualmente concorreram para formar o nosso idioma, mas, ousando confrontar os seus estudos na lingua arabiga com os d'aquelle sabio asiatico, notou discretamente no exemplar do *Lexicon* que conservava em seu poder alguns passos d'esta obra que lhe pareceram dignos de illustração ou emenda ». ARAGÃO MORATO, *Elogio historico de João Guilherme Christiano Müller (Historia e Memorias da Academia,* t. IV, parte II, 1816, pag. LXV).

[4] Uma carta estampada pelo sr. marquês de Resende em additamento á *Memoria historica de D. Fr. Francisco de S. Luis Saraiva* (Lisboa, 1864) fala de um *Glossario de vocabulos latino-gregos*, trabalho não sei se o mesmo, se diverso do que anda mencionado na lista dos ineditos do cardial sob o titulo *Glossario dos vocabulos da lingua vulgar portuguesa derivados do grego*: « Tambem concorda em quanto á vinda e residencia dos gregos na Lusitania e Galliza, e este objecto tractei eu com a possivel clareza e extensão; porque queria fazer d'elle objecto de uma introducção ao *Glossario de vocabulos latino-gregos* que tinha prompto para a impressão, quando eu não tinha dinheiro para o imprimir, e que agora tem soffrido correcções e additamentos, quando eu não tenho senão momentos subscessivos em que possa aperfeiçoar este trabalho para o deixar não sei a quem ». (Pag. 183). O apontamento inserto a pag. 168-170 da *Memoria* refere mais a existencia de um manuscripto, até agora inedito, do auctor da *Diagnosis typographica*: « Em assemblea de 11 de novembro de 1835 offereci ainda mais á Academia a *Grammatica da lingua grega* do padre

tura, estavam então e continuam a jazer ineditos nos archivos da Academia. Para as origens arabicas, sim, se lhe faltou, como nos falta, a *Collecção de vocabulos adoptados em português que descendem das linguas arabe e persa, com suas etymologias e significações primitivas*, de Fr. Manuel Rebello [1], teve Constancio a obra de Fr. João de Sousa, a um de cujos additadores, Fr. José de Sancto Antonio Moura, tomou, entre outras, a etymologia do verbo *lidar*, taxada de suspeita pelo sr. Adolpho Coelho.

Gloriosos de todo o saber que nos vem de extranhos, não desdenhemos o trabalho d'aquelle ousado iniciador. Motejavam-se hontem as etymologias de Constancio, como o elegante rhetor latino motejava as do seu tempo em Granio, em Elio e no proprio Varrão [2]. Hoje é Schleicher, é Corssen, é Littré, é Curtius quem vem pôr ás de Max Müller a nota de espurias, labeu com que outros marcarão as de Diez e Littré, e assim dos mais.

A despeito de todos os progressos realizados, ha ainda muito de conjectural e arbitrario nesta presumpçosa disciplina a que chamâmos sciencia etymologica — da qual se diz que *só avança pela lucta e pela audacia* [3], e a que é cedo para deferirmos o nobre titulo de *sciencia da verdade* [4].

Custodio José de Oliveira, que foi o segundo professor d'esta lingua no Real Collegio dos Nobres, ms. em fol., *autographo* que estava prompto para a impressão no tempo da vida de seu auctor, mas não chegou a vir á luz ».

[1] « Compôs uma grammatica para se apprender a lingua arabe ; e fez uma collecção de vocabulos portugueses de origem arabe: estas obras, pela vastissima erudição com que foram escriptas, excedem muito ás que já possuiamos no mesmo genero ». ANTONIO CAETANO PEREIRA, *Noticia biographica de Fr. Manuel Rebello da Silva (Actas das sessões da Academia*, t. I, Lisboa, 1849, pag. 330). — *Diccionario bibliographico português*, t. VI, pag. 90.

[2] *De Institutione oratoria*, l. I, cap. VI.

[3] « ... car la science dont il s'agit, laisse, particulièrement dans ses parties transcendantes, un champ bien large aux hypothèses, aux doutes, et dès-lors à la contradiction; je dis plus, elle ne peut avancer que par l'audace et par la lutte ». DIEFENBACH, *A Monsieur L. Benloew, professeur à la Faculté des lettres de Dijon (Recherches sur l'origine des noms de nombre japhétiques et sémitiques*, Giessen, 1861, pag. V-VI).

[4] « ... elicere dallo studio dei vocaboli le numerose verità istoriche, etnografiche e filosofiche, della cui scoverta sembrava un presentimento notevole l'antico nome di tale indagine: *Etymologia*, quasi

Das incertezas que a empecem seja exemplo uma palavra, uma tomada acaso, a ultima na lista das que o sr. Adolpho Coelho rejeita ao diccionario do sr. D. José de Lacerda — a palavra *papagaio,* que Constancio nota como voz americana. « A palavra papagaio, que se encontra nos mais antigos trovadores e no Cancioneiro de D. Dinis, é dada no *Diccionario* como de origem americana. Um pequeno conhecimento da historia da ave e do seu nome evitaria este erro ». Ora em 1836 Constancio não podia, salvo se recorresse ao codice existente em Roma, servir-se do cancioneiro, ou haver noticia da *pastor ben talhada* do rei trovador:

> Ela tragia na mão
> Hũ papagay mui fremoso
> Cantando muy saboroso
> Ca entrava o verão [1].

E nem então lhe bastaria « um pequeno conhecimento da historia da ave e do seu nome »; antes, que desvairados pareceres ainda agora! que encontradas hypotheses sôbre a origem do nome de uma ave vulgar!

sposizione del vero ». Ascoli, *Studj orientali e linguistici,* fasc. 2º, Gorizia, 1855, pag. 244. — « As long as etymology was carried on on such principles [vem falando da *Harmonie étymologique* de Guichard], it could not claim the name of a science. It was an amusement in which people might display more or less of learning or ingenuity, but it was unworthy of its noble title, *The Science of Truth* ». Max Müller, *Lectures on the Science of Language,* t. II⁶, Londres, 1871, pag. 266.

[1] *Cancioneiro de elrei D. Dinis,* publicado pelo dr. Caetano Lopes de Moura, Paris, 1847, pag. 86. O terceiro verso da copla que precede, « Estava ben vos digo », assim transcripto pelo sr. Theophilo Braga nos *Trovadores gallecio-portuguezes* (1871, pag. 183), deve corrigir-se, segundo a indicação de Diez (*Ueber die erste portugiesische Kunst-und Hofpoesie,* 1863, pag. 137), « E estava ».

Baret, referindo-se a esta cantiga, diz: « Il existe un autre genre de composition amoureuse.... dans lequel le récit et le dialogue sont combinés et comme fondus l'un dans l'autre : ce sont des pièces dans lesquelles un troubadour, prenant un oiseau pour messager, l'envoie porter à sa dame ses hommages et ses vœux. Cet oiseau est tantôt un rossignol, tantôt un étourneau, d'autres fois c'est une hirondelle ou un papegai (perroquet), tous oiseaux chers aux troubadours. Or, c'est avec un papegai que s'entretient la bergère attristée du roi Diniz, c'est un papegai qui la console. — Cette pièce se fait remarquer par un accent passionné que l'on trouve rarement dans les pastourelles des troubadours, auxquels le roi Diniz reprochait avec finesse de ne pas toujours éprouver les maux dont ils se plaignaient le plus ». (*Les Troubadours et leur*

Bluteau (*Vocabulario portuguez e latino*, t. VI, 1720) diz: « Querem os Castelhanos, que *Papagayo* venha de *Papo*, *y Gayo*, *porque tiene el papo gayo*, *id est*, *vario en colores*, *y alegre por el alegria* [sic], *que causa mirandolo.* Aldovrando he de parecer que papagayo se chamasse assim, porque he como o Papa, & o Rey das aves; ou porque hum bom papagayo he presente digno de se offerecer a hum Papa. Excogitáraõ os curiosos estas etymologias por não acharem analogia alguma de papagayo com os nomes das terras, onde nasce, porque na India o papagayo se chama *Carindi*, & no Brasil se chama *Aiuru*, ou *Aiurucuruca*, ou *Tui*, *Tuiete*, *Tuipara* &c conforme as suas differentes especies; & pelo contrario todos os nomes, que na Europa se daõ a esta ave, saõ analogicos, porque os Portuguezes, & Castelhanos lhe chamaõ, *Papagayo*; os Italianos, *Papagallo*; os Flamengos, & Alemaens, & antigamente os Francezes, *Papegay*; os Inglezes, *Popingay*; os Polacos, *Papuga*, &c. ».

Sousa (*Vestigios da lingua arabica em Portugal*, ed. de 1830) deriva-o de *papagai.* E observa: « É voz arabica, não obstante a etymologia extravagante que Aldovrando lhe dá.... Golio, pag. 213, o traz com esta significação: « *Psittacus*, *vox illa Africana est*, *unde* Hisp. Papagaio ».

Roquefort (*Dictionnaire étymologique de la langue françoise*, Paris, 1829, v. *Papegai*) diz: « On le dérive de l'arabe *balga*, d'autres du grec *psittacos*; en latin *psittacus*; en grec moderne *papagaz*; en italien *papagallo*; en languedocien *papo-gai* et en bas-breton *papecod.* Clapperton, Voyage en Afrique, t. III, p. 207, dérive *papegai* de l'africain *bagaga*, oiseau vert qui parle ».

Génin (*Récréations philologiques*, t. I, Paris, 1856, pag. 438): « Le *papegault*, comme on appela d'abord le perroquet, a certainement reçu ce nom de ce qu'il *pape*, c'est-à-dire mâche les branches de la forêt, du *gault*. Voyez un perroquet sur son bâton: il est toujours à le mâchonner. Il était naturel de dénommer cet oiseau de son trait caractéristique: c'est la force

influence sur la littérature du midi de l'Europe, 3ª ed., Paris, 1867, pag. 203-205). — [No genero da canção de D. Dinis veja a *Novella del pappagallo*, accuradamente collacionada com as licções de Bartsch e Raynouard e inserta por Stengel nos seus *Studi sopra i canzonieri provenzali di Firenze e di Roma (Rivista di filologia romanza*, I, Imola, 1872-1873, pag. 36-39).]

du bec. Plus tard on a dit *papegay* ; c'est une altération probablement suggérée par le plumage *verd gay* du perroquet; mais la traduction latine *papagallus* prouve que la forme primitive était *papegault* ».

Diez (*Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*, 2ª ed., t. I, Bonn, 1861, pag. 304): « Em italiano *pappagallo*, catalão *papagall*, walachio *papagal*, hispanhol e português *papagayo*, provençal *papagai*, antigo francês *papegai* e *papegaut*, inglês *popinjay* (antigamente *papyngay*, segundo Halliwell), medio alto allemão *papegân*, grego medio παπαγάς, neogrego [1] παπαγάλλος... O dominio romanico perdeu a palavra *psittacus*, que se conservou no allemão *sittich* (v. Diefenbach, *Glossarium latino-germanicum*, v. *psittacus*). De differentes modos se explica a palavra moderna, suppondo-a, como a apparencia inculca, palavra composta: v. g., de *papa*, padre, e do antigo francês *gai* = francês moderno *geai*, gaio; ou tambem de *papa* e *gallo*, allegando-se que estes passaros foram especialmente estimados dos ecclesiasticos (v. Frisch, II, 39ª), explicação com que parece conformar o nome inglês *pope*. Não se deve comtudo esquecer que *papa* não significa ecclesiastico, mas sim papa; de maneira que o sentido seria *gaio* ou *gallo do papa*, nome para o qual não existe o minimo fundamento. Outros dão a explicação de *pavus gallus*, pavão, o que é mui diverso. Quem diz que a palavra vem do arabe *babagâ* deve advertir que esta não tem raiz na lingua arabe, e só parece empregada em tempo relativamente moderno (Golio, p. 213; Freytag, I, 81ª); alêm de que a substituição do *b* arabe pelo *p* romanico é pelo menos desusada [2].

[1] Haldeman dá ao neogrego o nome de *ellenico*: « *Modern Greek* is an awkward expression, and *Romaic* is incorrect, and as the language has lost *h*, *Hellenic* has become *Ellenic* ». (*Report on the present state of our knowledge of Linguistic Ethnology*, Cambridge, 1856, pag. 2). — Sôbre a distincção da lingua grega em *classica* e *hellenistica*, póde ver-se a traducção belga dos *Synonymos do Novo Testamento* do arcebispo de Dublin (Bruxellas, 1869, pag. XIX e XXXVI), ou a francesa do *Manual de Patrologia* de Alzog (Besançon, 1867, pag. 23, 29). Na *Miscellanea hellenico-litteraria* do sr. A. J. Viale (Lisboa, 1868, pag. 304) vem indicada a mesma distincção.

[2] Dozy, nas addições a Engelmann (*Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*, 2ª ed., Leyde, 1869, pag. 20) produz exemplos da conversão do *b* inicial arabe em *p*. Outro, colhido na *Chrestomathie arabe* de Silvestre de Sacy, se póde ver em Pihan, s. v. *Pas-*

Os arabes expressam ao contrario o *p* extrangeiro por *b*: *Boqraᶜt*, por exemplo, corresponde a *Hippocrates.* Infeliz lembrança foi a de Génin, dizendo que *papa-gault* significa o passaro que roe os ramos do mato.... Com estas tentativas de explicação, por conseguinte, nada ha decidido ».

Defrémery (*Mémoires d'histoire orientale*, parte II, Paris, 1862, pag. 333) diz: « On peut affirmer qu'une bonne moitié des termes français dérivés de l'arabe nous est venue par le canal des Espagnols ou des Italiens ». E inclue *papegai* na relação dos que procederam de Hispanha.

Scheler (*Dictionnaire d'étymologie française d'après les résultats de la science moderne*, Bruxellas, 1862, v. *Papegai*): « L'origine de ce nom du perroquet reste douteuse. On a prétendu y voir un composé de *papa*, prêtre, et de *geai* (vieux français *gai*), les prêtres « ayant beaucoup aimé à entretenir cette espèce d'oiseau ».... Nous pensons que le mot se compose de *gai* ou *geai* et de *pape*, autre nom d'oiseau multicolore, espèce de verdier. Ou l'élément *pape* tiendrait-il de la racine *pap*, babiller ? »

Narducci (*Secondo Saggio di voci italiane derivate dall' arabo*, Roma, 1863, v. *Pappagallo*): « Uccello, che vien dall' Indie, ed è di più colori, o grandezze, e impara ad imitar la favella umana. Lat. *psittacus*. Gr. ψιττάκη. Da .... (babagâ) che ha pari significato ».

Pihan (*Dictionnaire étymologique des mots de la langue française dérivés de l'arabe, du persan ou du turc, avec leurs analogues grecs, latins, espagnols, portugais et italiens*, Paris, 1866) entende tambem que a palavra francesa veiu directamente do arabe *babaghâ.*

Dozy (*Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*, 2ª ed., Leyde, 1869, v. *Papagayo*) reporta-se a uma nota recente de Defrémery, que lhe assigna, com leve differença de transcripção (*babbaga*, lido por Dozy *babagâ*), a mesma origem, e accrescenta: « Je crois bien que les Européens ont reçu ce mot

tèque. Fr. João de Sousa, referindo ao português *pato*, ave domestica, a etymologia de *batton*, que Defrémery (*Journal asiatique*, 5ª serie, t. XIX, 1862, pag. 87, 94) lê *batth*, e Dozy *batt*, observa: « Escreve-se este nome com *b* e não com *p*, porque os arabes não teem no seu alphabeto a lettra *p*; porêm os turcos e persas a contam no seu abcedario ».

des Arabes; mais quoi qu'il soit assez ancien dans la langue de ces derniers, il n'est pas d'origine arabe. M. de Slane, dans une note sur sa traduction d'Ibn-Khallicân (II, 149), a soupçonné qu'il appartient à quelque dialecte indien. Notre savant indianiste, M. Kern, m'assure qu'il n'en est pas ainsi. Je suppose donc que c'est un terme africain ».

Brachet (*Dictionnaire étymologique de la langue française*, Paris, 1870) diz por ultimo [1]: « Mot d'origine orientale (arabe *balbaga*, perroquet) ».

Caso é pois para repetir: *Grammatici certant.* Trará resolvido o litigio a nova edição do *Diccionario etymologico* de Diez? Deixal-o-ha *sub judice* a terceira serie de fasciculos, já publicada, do de Littré? [2]

Apure-o quem tiver os livros ao seu alcance. Eu, já agora, não levantarei mão do assumpto, sem produzir, com o exemplo da etymologia de outra palavra, nova demonstração da variedade de conceitos e alvitres que se podem pronunciar neste especial genero de controversias.

Será a etymologia da palavra *camisa*, uma das que o sr. Adolpho Coelho averba de falsas. A accusação que a este intento faz ao sr. D. José de Lacerda é concebida nos termos seguintes: « Por uma singular contradicção.... faz vir *camisa* do arabe, mas *camisola* do egypcio *kame*, canhamo, e *djol*, cobrir, o que é imaginoso, se acaso as palavras egypcias não são inventadas, como algumas suppostas de outras linguas que se acham no *Diccionario*, o que, ignorando o egypcio, não podémos verificar ». (*A Lingua portuguesa, Prefação*, pag. IX.)

[1] [« **Popinjay.** It. *papagallo*, OFr. *papegau*, *papegay*, Sp. *papagayo*, parrot, etymologically talking cock. Devon *popping*, chattering, tattling; Bav. *pappeln*, to chatter, tattle, talk; *der papple*, the talker, a parrot. So Sanscr. *vach*, to speak; *vacha*, a parrot. The change in the last element from It. *gallo*, Fr. *gau*, *geau*, a cock, to *gay*, *geai*, a jay, probably arose from the fact that the jay, being remarkable both for its bright-coloured plumage and chattering voice, seemed to come nearer than the cock to the nature of the parrot ». H. WEDGWOOD, *A Dictionary of English Etymology*, 2ª ed., Londres, 1872.]

[2] [É, poncto por poncto, identico ao da anterior o artigo da 3ª ed. de Diez, t. I, Bonn, 1869, pag. 303. — Littré não deixa a questão mais adeantada: louva-se em Defrémery, e dá o francês *papegai* ou *papegaut* como derivado do arabe *babbaga.*]

Começo por declarar que a imputada contradicção, se existe no diccionario de Constancio e em outros posteriores, não existe no do sr. D. José de Lacerda, o qual analogamente refere ás duas palavras origem egypcia. Pag. 207 das edições de 1858 e 1868:

« **CAMISA** (Arab. *camisa* ; talvez derivado do egypc. *kame*, cânamo, e *djol*, vestir).

« **CAMISOLA** (Fr. *camisole*, do egypcio *kame*, cânamo, e *djol*, cobrir, vestir) ».

Remontando ás fontes d'esta opinião, vê-se que na *Origem da lingua portuguesa* (Lisboa, 1606) insere Duarte Nunes o vocabulo *camisa* no rol dos muitos de que não sabe dar conta, e que tem por *proprios, & peculiares nossos*. Observa todavia (pag. 94, 96): « ...camisa, diz o bemauenturado Sam Hieronymo que he Gothico, a que eu mais creo que a Vuolfango Lazio.... Ao qual em muitas cousas tiue por suspecto de negligente, por as que lhe vimos errar tratando dos Reis de Portugal, a que ignorou & trocou os nomes que tiueraõ, & os tempos em que foraõ, & os filhos que deixaraõ, como fazem os que se atreuem a escreuer historias alheas, sendo tanto trabalho escreuer em certo [*sic*: a ed. de 1784 lê « escreuer certo »] as proprias ».

Os *Vestigios da lingua arabica*, edição citada, observam : « Faria quer que seja palavra punica ; porêm ella é sem duvida arabica ; por isso no Alcorão, no cap. de José, vem mais de uma vez [1]. Ora os godos não consta que fossem a Arabia, nem os mouros a levaram de Hispanha, pois ainda a não tinham invadido : logo, é certo que a deixaram em Portugal quando a possuiram ».

Aqui « palavra punica » está manifestamente por erro de transcripção em logar de « palavra gothica ». Faria e Sousa, seguindo litteralmente a Brito [2], recenseia-a com effeito entre

[1] « Si je ne me trompe, le mot .... [*camîç*, segundo Engelmann ; *qamîs'* na transcripção de Pihan] est le seul nom de vêtement qui se trouve dans l'Alcoran. Cet habit était porté par Mahomet (*Oyoun al athar*, man. 340, fol. 188 v°), et il était fait de coton blanc ». R. Dozy, *Dictionnaire détaillé des noms des vêtements chez les Arabes*, Amsterdam, 1845, pag. 374. Cfr. pag. 10-11.

[2] « ... a lingoa que tinhão [os godos] discrepava pouco da Tudesca, & della nos ficàraõ muytas palavras em Espanha, como saõ bos-

os vocabulos que tomámos aos godos: « Piensan algunos que de los Godos tenemos estos vocablos.... — Algunos destos parece a Duarte Nuñez que son mas del latin que de los Godos. Pero ellos aunque eran meramente bestiales.... su lengua se tenian, y es fuerça que dexassen muchas vozes entre las nuestras ». (*Evropa Portuguesa*, 2ª ed., t. III, Lisboa, 1680, pag. 395).

Constancio, que, fiado na auctoridade dos *Vestigios* e dos seus additadores, acceitou a asserção sem mais exame, bem como a acceitou a sociedade de litteratos redactora do *Diccionario universal* (Lisboa, 1814), repete-a do seguinte modo: « Faria e Sousa diz que é palavra punica [1], e eu a creio deri-

que, jardim, riqueza, caça, cabeça, tripas, moça, ama, bãdeira, elmo, harpa, laude, praça, róca, fuso, roubar, escãçar, andar, alvergar, esgrimir, camisa, cangirão, & outras, que fora processo infinito referillas cada hũa por si; tiveraõ uso de letras, como lemos em João Magno, & costumavão esculpir em marmores as obras famosas, & dignas de lembrança, que he cousa bem alheya do nome de Barbaros, que alguns lhe chamão ». *Segvnda Parte da Monarchia Lvsytana*, Lisboa, 1609, l. VI, cap. I (pag. 193 da ed. de 1690).

[1] Em egual inadvertencia incorreu Viterbo, s. v. *Kemiso*. Darei por extenso o logar respectivo:

« KEMISO. Camisa, camisote, vestido immediato ao Corpo. No de 1026 vendeo *Moitilli* huma herdade na Terra da Feira a *Octicio*; porque este o tinha resgatado, e a sua filha Guncina, *Et sakastes nobis de barcas de Laudomanes, & dedistis pro nobis uno manto lobeno, & una spada, & uno Kemiso, & tres lenzos, & una vaka, & tres modios de sal finto.* Doc. de Pedroso. *Faria* quer que esta palavra *Camisa* seja Punica. *Sousa nos Vestigios da Lingua Arabica em Portugal*, propugna que he Arabica, e que dos Arabes a tomárão os Hespanhoes. Eu me não occupo em averiguar o Paiz que lhe deu o nascimento: digo só que antes da entrada dos Mouros nas Hespanhas, era conhecida, e usada na Europa a palavra *Camisia*, ou *Camixia*; como se póde ver em *Du Cange. V. Xemplare*, em que aduz uma Escritura de Milão de 781. Mr. Bullet nas *Mem. sobre a Lingua Celtica*, Tom. I. P. I. c. 14. mostra, que *Camisa* he palavra Celtica, e que significava, vestido de linho, muito antes que os Romanos passassem os Alpes ». (*Elucidario das palavras, termos, e frases, que em Portugal antiguamente se usárão, e que hoje regularmente se ignorão*, t. II, Lisboa, 1799).

Algumas linhas para intelligencia do curioso documento allegado pelo auctor: « No de 1026 ». 1026 do Nascimento de Christo = 1064 (« era millesima LXIIII »), data do contracto. — LAUDOMANES. Piratas normandos que em pequenos vasos ou barcas faziam as suas depredações, admittindo resgates das pessoas que captivavam. *Elucidario*, II, pag. 86; Herculano, *Historia de Portugal*, I [3], 1863, pag. 78; Dozy, *Recherches sur l'histoire et la littérature de l'Espagne pendant le moyen âge*, II[2], Leyde, 1860, pag. 271-352. — MANTO LOBENO. « Parece ser capa, que cobria todo o corpo, como hoje as lobas dos Ecclesiasticos ». (*Elucidario*, pag. 114). « Não é outra cousa que manto de pelle de lobo ». (J. P. Ribeiro, *Dissertações chronologicas e criticas*, t. IV, parte II, Lisboa, 1829, pag. 126). — SAL FINTO. Viterbo explica-o por « sal coalhado ». Pag. 301. Ribeiro, porêm, restituindo assim a leitura do documento: « ... et tres

vada do egypcio, fonte do phenicio e carthaginês, *kame*, cânamo, e *djol*, vestir, cobrir, ou *hebç*, vestimenta ».

Só nestes quatro etymologistas — dos quaes um assigna á palavra origem portuguesa; outro, origem arabe; outro, gothica, e o ultimo, egypcia — ha com que satisfazer opiniões e escholas sufficientemente desencontradas. Passo aos auctores extrangeiros.

O *Diccionario de la lengua castellana, compuesto por la Real Academia Española* (t. II, Madrid, 1729), v. *Camisa*, á definição « vestidura de lienzo, fabricada regularmente de lino » ajuncta: « Suele hacerse tambien de lienzo de cáñano, como lo usan los rústicos: y aludiendo à esto, dice Covarrubias que algunos son de sentir se dixo Camísa de Cañamísa, por haver sido priméro el uso del cáñamo, que el del líno. El P. Mariana, y Ambrósio de Moráles sienten que es voz tomada de los Godos; pero lo mas verisimil paréce haverse assi dicho del Latíno bárbaro *Camísia*, segun afirma San Isidoro ».

Édélestand du Méril (*Essai philosophique sur la formation de la langue française*, Paris, 1852, pag. 146): « *Chemise*. Gaël et irlandais *Caimis*, en vieux allemand *Hemidi*. *Chemise* se dit maintenant en armoricain *Kres*, *Hivis* et *Roched*; mais la racine y existait certainement autrefois puisque *Kemener* [1] signifie encore tailleur d'habits ». E a pag. 222: « *Chemise*, *Camisole*, vieux allemand *Hemidi*, ou, comme nous l'avons dit, du celtique ».

Diez (*Grammatik der romanischen Sprachen*, 2ª ed., t. I, Bonn, 1856, pag. 12) colloca na resenha dos *vocabula sordida* (entendido por *sordidus* trivial ou popular, segundo Gellio, *Noct. att.*, IX, 13), *rustica*, ou *vulgaria* do latim essa mesma palavra,

modios de sal, finto in uno septuaginta modios », observa que *finto in uno* significa *sommado juncto*. « O que só quer dizer que tomado o valor do sal com o dos outros generos, viera a despender septenta modios, sendo o costume do tempo avaliar por modios, ou lenços, ou bragaes qualquer genero ». *Observações*, pag. 131; *Elucidario*, II, 2ª ed., pag. 200. Veja *Portvgaliae Monvmenta Historica (Diplomata et Chartae*, vol. I, Lisboa, 1869, pag. 161), onde a integra da escriptura alludida lê: « ... uno manto lobeno et una spada et Iº kamisso et III lenzos et una uaka et III modios de sal finto sub uno LXX modios ».

[1] Cfr. H. d'Arbois de Jubainville, *Étude phonétique sur le dialecte breton de Vannes* (*Revue celtique* nº 1, Nogent-le-Rotrou, 1870, pag. 100).

detidamente estudada no seu *Diccionario etymologico*. « *Camisia*, pela primeira vez em S. Jeronymo : *Solent militantes habere lineas, quas camisias vocant*; frequente na baixa latinidade. D'ahi o italiano *camicia*, hispanhol e português *camisa*, francês *chemise*, walachio .... [1] São incertas a origem e a edade da palavra latina, expressão soldadesca sem duvida muito vulgar » [2].

Mazure (*Dictionnaire étymologique de la langue usuelle et littéraire*, Paris, 1863) deriva do italiano o francês *chemise*, nome de que Vossio considerava proveniente o proprio vocabulo da baixa latinidade.

Chevallet (*Origine et formation de la langue française*, parte I, 1853, pag. 393) dá-o na lista das vozes devidas á invasão germanica. Opinião conforme á de Dochez, de Ampère, de Luis de Baecker (*Nouveau Dictionnaire*, 1860 ; *Histoire de la formation de la langue française*, 2ª ed., 1869, pag. 346 ; *Analogie de la langue des Goths et des Franks avec le sanskrit*, Gand, 1858, p. 20), mas que infelizmente parece encontrar a de Diefenbach (*Vergleichendes Wörterbuch der gothischen Sprache*, Francfort, 1851, II, 526). — São estas as palavras de Chevallet: « CHEMISE: en basse latinité, *camisia*, qui signifia d'abord une espèce de tunique ou de sarrau, fort étroit, que portaient les soldats sous le Bas-Empire; ce mot appartenait à la langue vulgaire, ainsi que nous l'apprend saint Jérôme; et, comme nous le retrouvons dans le tudesque et dans d'autres idiomes germaniques, il est fort probable que cette sorte de vêtement avait été introduite dans les armées romaines, soit par les

[1] Por falta de characteres proprios, omitto o equivalente walachio, tal como o auctor o indicou nas erratas da 2ª edição e o corrigiu na 3ª, diversamente, ainda assim, da transcripção adoptada por Cihac no *Dictionnaire d'étymologie daco-romane*. — [Sôbre a materia veja a rectificação de Stengel á nova edição do *Diccionario* de Diez (*The Academy*, II, Londres, 1871, pag. 361), e cfr. Cihac, prefacio do livro citado, pag. X-XII; E. Picot, *La Société Littéraire de Bucarest et l'orthographe de la langue roumaine* (*Revue de linguistique et de philologie comparée*, IV, pag. 258-281); *Documents pour servir à l'étude des dialectes roumains* (*Revue de linguistique*, V, 1873, pag. 242, nota, e 246) ; Schuchardt, *De l'orthographe du roumain*, vol. II da *Romania*, 1873, pag. 72-79.]

[2] [« ... *des latein. gewiss weit verbreiteten Soldatenausdruckes* ». Gaston Paris e Augusto Brachet (*Introduction*, 1863, pag. 12; *Grammaire*, 1873, pag. 9) traduzem: « expression des soldats romains, certainement très-répandue ».]

Germains qui en faisaient partie comme auxiliaires, soit par les premiers de ces barbares qui envahirent l'empire.... *Chamise* est employé pour tunique dans la Passion de N. S. Jésus-Christ, monument en langue d'oc [1] du X[e] siècle, publié par M. Champollion-Figeac ».

Holtzmann (*Kelten und Germanen*, Stuttgart, 1855, *Gallische Wörter*, pag. 98, v. *Camisia*) diz: « Se bem que este vocabulo em nenhuma parte seja expressamente chamado gaulês, não póde todavia pertencer a outro povo.... [2] Ao antigo allemão *hemidi* deve ter precedido *camithi*, e esta parece ter sido a antiga fórma gaulesa [3] da palavra, que, como *camisia*, foi adoptada no latim».

[1] Cfr. Diez, *Zur Kritik der altromanischen Passion Christi (Jahrbuch für roman. und engl. Literatur*, VII, 1866, p. 379-380); *Grammatik*, I³, pag. 120. Sôbre o logar allegado, Bartsch, *Chrestomathie de l'ancien français (VIII[e]-XV[e] siècles)*, Leipzig, 1866, col. 11, onde para o segundo verso se nota a licção critica de Diez (*Zwei altromanische Gedichte*, 1852; cp. *Jahrbuch*, VII, 368) « davan la porta de la ciptat »:

> Cum el perveng a Golgota,
> davan la porta del ciptat,
> dunc lor gurpit soe chamise
> chi sens custure fo faitice.

[2] [« Cette légèreté, — singulier reproche sans doute adressé par un Français à un savant Allemand! — avec laquelle notre premier adversaire traitait ou passait sous le silence les textes qui le contrariaient, se révèle pareillement dans la partie philologique de son livre. Son examen des mots gaulois se réduit à quarante mots dont il faut en déduire premièrement quatre qu'aucun ancien n'a donnés comme tels [*burgus*, *camisia*, *brachio* e *didoron*], puis trois qu'il n'a pu, de son propre aveu, retrouver dans les idiomes tudesques. Il en reste donc trente-trois, avec lesquels on prétend germaniser tout l'ancien gaulois. Nous ne nous arrêterons point à toutes les arguties et aux assertions plus ou moins erronées de M. Holtzmann. Nous le laisserons dans les mains de MM. Brandes et Glück, en pensant qu'opposer à sa petite phalange dix fois plus de mots qu'il n'en a pu réunir contre nous, c'est le meilleur moyen de le combattre. Car, s'il jette chaque fois un cri de victoire pour les cinq qu'il proclame incontestablement germaniques, ne doit-il pas, en conscience, s'avouer vaincu par l'écrasante majorité de ceux dont il est impossible de nier l'étroite parenté avec les idiomes néo-celtiques? » ROGET DE BELLOGUET, *Ethnogénie gauloise*, I², *Glossaire gaulois*, Paris, 1872, pag. 36-37.]

[3] [Anda ainda em questão entre os philologos saber o que se deva entender por lingua gaulesa. (Littré, prefacio á 2ª ed. da *Grammaire historique* de A. Brachet, 1868, pag. VI-VII; E. Morin, *Esquisse comparative des dialectes néoceltiques*, Rennes, 1868, pag. 1-17; Pictet, *Nouvel essai sur les inscriptions gauloises*, Paris, 1867, pag. 6-8, 87-88; Diefenbach, *Origines Europaeae*, Francfort s. M., 1861, pag. 154; Garnett, *Philological Essays*, Leipzig, 1859, pag. 148; Roget de Belloguet, *Ethnogénie gauloise*, I², 1872, pag. 449-450; II, 1861, pag. 90-93; Ascoli, *Corsi di glottologia*, vol. I, Milão, 1870, pag. 76, etc.). « Mais après tout,

Mahn (*Etymologische Untersuchungen auf dem Gebiete der romanischen Sprachen*, specimen III, Berlin, 1855, pag. 21-22): « CAMICIA. — ...A palavra é de origem oriental. Pelo tracto dos soldados romanos com as populações do Oriente, veiu desde logo a ser usada entre aquelles, conforme do logar citado de Jeronymo se mostra. Entre os arabes encontra-se a mesma palavra, conservada na fórma *kamîs*, á qual, como já Diez observou, dão os diccionarios uma raiz logica e totalmente sem affinidade. Deve portanto ser derivada de outra lingua não semitica. Pergunta-se então: de qual? Os olhos voltam-se logo para a India. Arabes e phenicos estavam em commercio com os povos indianos, e eram-lhes conhecidos sob o nome de *javana* [2]. E em verdade en-

que nous reste-t-il de cet ancien gaulois? Quelques inscriptions à peu près inexpliquées jusqu'à présent, de brèves légendes de monnaies et une cinquantaine de mots peut-être, dont une vingtaine nous est parvenue sous une forme latinisée où il faut les deviner, et dont le reste se cache, sans qu'on puisse faire autre chose que les soupçonner, parmi les six ou sept cents mots de notre français moderne dont l'origine est encore inconnue. Cependant M. d'Arbois de Jubainville nous parle des déclinaisons du gaulois et des flexions elles-mêmes qui servent à y caractériser les genres, les nombres et les cas. Qu'est-ce donc que ce gaulois? Une langue dont la connaissance est fondée, comme une hypothèse, sur les spéculations scientifiques des Becker, des Stokes, des Ebel, et sur la *Grammatica celtica* de Zeuss.... Ce n'est pas qu'on doive dédaigner ces ingénieux et savants travaux; mais il faut se garder d'exagérer la portée des résultats obtenus jusqu'à présent par eux. La langue dont Zeuss a composé la grammaire n'est pas, comme on pourrait le croire, le gaulois lui-même. C'est un groupe d'idiomes qui, suivant une hypothèse proposée par l'auteur, doivent être en parenté plus ou moins proche avec lui: le groupe des idiomes connus comme ayant été le plus anciennement parlés en Irlande, en Ecosse, dans les pays de Galles et de Cornouailles et dans l'Armorique, et dont Zeuss déclare que les plus vieux monuments écrits ne remontent pas au delà du VIII^e siècle ». (A. Prost, *Revue de linguistique et de philologie comparée*, t. V, Vienna, 1873, pag. 317-318.) — Cfr. Roget de Belloguet, *Glossaire gaulois*, 2ª ed., pag. 58-61; Jacob Grimm e A. Pictet, *Ueber die marcellischen Formeln*, Berlin, 1855, pag. 67; d'Arbois de Jubainville, *J. Grimm et Marcellus de Bordeaux* (*Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*, t. II, 1872, pag. 65-69); Glück, *Die bei Caius Julius Caesar vorkommenden keltischen Namen*, Munich, 1857, pag. VIII, etc.]

[1] « Lassen (*Indische Alterthumskunde*, I, 729) a avancé que la plus ancienne signification du mot *yavana* était vraisemblablement Arabie, parce que l'encens qui vient d'Arabie est nommé *yâvana*; mais cette assertion est décidément erronée: ce dernier mot ne se trouve jusqu'ici que dans l'*Amarakosha* et là à côté de *turushka*, mot qui peut difficilement être pris pour très-ancien; il peut n'appartenir qu'à l'époque des relations commerciales avec l'Arabie peu avant Mahomet ou avec les Arabes mahométans, ou bien il pourrait aussi,

contra-se entre as gentes da India uma palavra que muito bem póde ser o etymon e ter dado aos arabes a fórma respectiva d'este vocabulo. Ao que é feito de linho chama-se em sanskrito *kschauma*:, adj., com visarga, em logar de *kschaumas* (Bopp, *Gloss.*, 95), de *kschumâ*, linho (= *kschaumî*).... Das Indias vinha em direitura para os hebreus e gregos fina tela de linho indiana, que até d'essas terras tirou o nome [1]. Já em Herodoto se menciona o σινδών e σινδὼν βυσσίνη, que muito provavelmente deriva de Σινδός = Ἰνδός. O hebraico *sâdîn*, que pela significação corresponde ao σινδών dos Septenta, no diccionario de Gesenius, II, 129, vem traduzido por vestuario interior de linho, especie de camisa que sôbre o corpo nu se traz por baixo dos outros vestidos. O mesmo vocabulo é o arabe *sadan*, *sadân*, *sidn*, velum (Freytag, II, 302).... Parece pois certa a origem oriental da palavra romanica. Notavel é referir-se, por exemplo, em Wachsmuth, *Historia da civilisação*, II, 301, que só do tempo dos cruzados, e portanto ainda das relações

comme *yavaneshta*, étain, et *yavanapriya*, poivre, les principaux objets de commerce avec les Grecs d'Alexandrie, avoir été nommé, non pas par les Arabes, mais par ces Grecs, puisqu'ils tenaient aussi de l'Inde l'encens, comme l'étain et le poivre (Lassen, I, 286 not.)! Partout où nous rencontrons les *Yavanas* mentionnés, dans l'épopée ou dans d'autres anciens ouvrages analogues, on ne peut comprendre par ce nom que les Grecs ». A. Weber, *Histoire de la littérature indienne, cours professé à l'Université de Berlin*, trad. de Alfredo Sadous, Meaux, 1859, pag. 341. — « Mais les écrivains sanscrits ont compris les Romains sous la dénomination *Yavana* qui servit d'abord en Orient à désigner les Ioniens ou Grecs ». Reinaud, *Relations politiques et commerciales de l'empire romain avec l'Asie orientale (l'Hyrcanie, l'Inde, la Bactriane et la Chine) pendant les cinq premiers siècles de l'ère chrétienne*, Paris, 1863, pag. 162. — Cfr. Vivien de Saint-Martin, *Étude sur la géographie et les populations primitives du nord-ouest de l'Inde d'après les hymnes vêdiques*, Paris, 1860, p. 10. — « Both Weber and Müller mention this word [the word *yavanání*, explained by Kátyáyana and Patanjali as meaning the « *writing* of the Yavanas »], the former as meaning « the writing of the Greeks or Semites (Ind. St. I p. 144), or, as he later opines, of the Greeks alone (IV. 89); the latter (p. 521) « a variety of the Semitic alphabet, which, previous to Alexander, and previous to Pâṇini, became the type of the Indian Alphabet ». It would seem to me, that it denotes the writing of the Persians, and probably the cuneiform writing which was known already, before the time of Darius, and is peculiar enough in its appearance, and different enough from the alphabet of the Hindus, to explain the fact that its name called for the formation of a separate word ». Goldstücker, *Pánini: his place in Sanskrit Literature*, Londres (Hertford), 1861, pag. 16-17.

[1] Cp. Fuchs, *Die romanischen Sprachen in ihrem Verhältnisse zum Lateinischen*, Halle, 1849, pag. 219.

com o Oriente, data o costume de trazer camisa, como se antes d'isso os povos occidentaes pouco ou absolutamente nunca as tivessem usado ».

Zeuss (*Grammatica celtica e monumentis vetustis tam hibernicae linguae quam britannicarum dialectorum cambricae cornicae aremoricae comparatis gallicae priscae reliquiis*, ed. posthuma, por Ebel, Berlin, 1871, pag. 787, sôbre o velho irlandês *caimmse*, Sg. 23b [1]) : « Gl. cambises, cui adscribitur a glossatore inter textum : *proprium no. regis*, in margine autem: *l. no. uestis camimse*; est enim vox iam ab Hieronymo usurpata, sed sine *b*, *camisia*, quae videtur gallicae originis, cf. cambr. *camse* Mab. [2] 2, 218 » [3].

Pictet (*Les Origines indo-européennes ou les Aryas primitifs*, parte II, Paris, 1863, pag. 300) : « Siahpôsh *kamis*, drap, étoffe. (Burnes, Voc. *Jour. of the asiat. soc. of Bengal.* 1838, p. 332.) Ce terme intéressant offre une preuve nouvelle de l'origine orientale de l'ancien irlandais *caimmse*, vestis, cymrique *camse*, chemise, cornouaillais *kams*, surplis, armoricain *kamps*, aube, d'où Zeuss fait provenir le bas-latin *camisia*, etc. (*Gr. Celt.*, 749). Cf. anglo-saxon *cemes*, du celtique ou du latin, et, pour les langues néo-latines, Diez, *Roman. Spr.* v. cit. L'arabe *qamiç*, vêtement de dessous, qui n'a pas d'étymologie sémitique, paraît à Diez importé d'Europe, mais il pourrait l'être aussi de la Perse, si le mot siahpôsh venait à se retrouver dans les langues iraniennes. On a comparé, non sans raison peut-être, quant à la racine, le gothique *hamôn*, vêtir, anglo-saxon *hama*, *homa*, peau, chemise, scandinave *hamr*, *hams*,

[1] « Codex Prisciani Sancti Galli (n. 904, in hoc opere designatus Sg.), magnam glossarum molem praebens, quibus refertus est ab initio usque ad paginae 222 columnam secundam (222b), vel usque ad finem libri decimi quarti Prisciani, a qua usque ad ultimam paginam 249 rariores fiunt glossae ». *Praefatio auctoris*, pag. XI.

[2] *The Mabinogion, from the* Llyfr coch o Hergest [Livro vermelho de Hergest], *and other ancient welsh manuscripts, with an english translation and notes.* By Lady Charlotte Guest. 3 vol., Londres, 1849.

[3] « A palavra romanica *chainse* encontra-se tambem no velho irlandês *caimmse*, « nomen vestis » col. Prisciani, antiquissimo portanto; kymrico *camse*, vestidura comprida; e ahi reconhece Zeuss, II, 749, a etymologia indubitavel de *camisia*, sem alias investigar a relação radical da palavra celtica ». Diez, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*, I², Bonn, 1861, v. *Camicia*.

peau, ancien allemand *hemithi*, *hemidi* [1], chemise, etc., mais les corrélatifs orientaux manquent jusqu'à présent ».

Brachet (*Dictionnaire étymologique de la langue française*, Paris, 1870, v. *Chemise*, indicado como palavra de origem popular): « Du latin *camisia* (chemise). Paulus, abréviateur de Festus, dit au mot *supparus*, vêtement de toile: *Supparus*, *vestimentum lineum quod* camisia *dicitur* [2]. Sur le changement de *ca* en *che*, voy. *acharner* et *acheter* ».

Lévêque (*Recherches sur l'origine des Gaulois*, *Glossaire des mots gaulois cités par les auteurs grecs et romains*, Paris, 1869, pag. 102): « L'analogie du mot *camisia* et de notre mot *chemise* nous fait ranger ce mot parmi les mots gaulois. Son origine reste cependant douteuse, quoique saint Jérôme nous apprenne qu'il était employé en Gaule dans le langage ordinaire au quatrième siècle ».

Ebel (*Celtic Studies*, trad. de Sullivan, Dublin, 1863) limita-se a incluir a palavra na sua lista *Latin loan-words in Old Celtic*. Pag. 100: « [camisia, *caimse*] ».

Cihac (*Dictionnaire d'étymologie daco-romane*; *éléments latins comparés avec les autres langues romanes*, Moguncia, 1870, pag. 38) produz, conjunctamente ao albanês, tambem notado em Diez (*Wörterbuch*, I, 102), os equivalentes romanicos, e accrescenta: « Nouveau slave *kamiz*, *kamiza*, polonais *komza*, magyar *kamzsa*, nouveau grec *κάμιζα*, *καμίσιον*, aube, chemise de prêtre, surplis; arabe *qamiç*, vêtement de dessous; pour la provenance de ce mot cfr. BL. *cama* « lectus brevis et circa terram » [3], Isidorus, *Orig.* 20, 11, 2 ».

[1] Cf. Schleicher, *Die Deutsche Sprache*, 2ª ed., Stuttgart, 1869, pag. 182; A. Scheler, *Éléments germaniques du dictionnaire français*, Bruxellas, 1844, pag. 11, 30.

[2] « Paulus Diac. in Epit. Festi: *Supparus*, *vestimentum puellarum*, *quod est subucula*, *id est*, *Camisia dicitur*. Joan. de Garlandia in Synonymis:

> Camisiam vel interulam rem dicimus unam;
> Additur his alias subitura Subucula vestes ».

Du Cange, *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis*, ed. Henschel, t. II, Paris, 1842, s. v. *Camisa*, *Camisia*.

[3] Diefenbach, *Celtica I; sprachliche Documente zur Geschichte der Kelten*, Stuttgart, 1839, pag. 109; Monlau, *Diccionario etimólogico*, 1856, pag. 221; Diez, *Grammatik*, I³, 1870, pag. 36; *Etymologisches Wörterbuch*, II³, 1870, pag. 112.

Monlau (*Diccionario etimológico de la lengua castellana*, Madrid, 1856) deduz positivamente de *cama* o latim *camisia*: « De *cama*, porque en camisa se duerme. CAMISIAS *vocamus*, dice S. Isidoro [1], *quod in his dormimus in* CAMIS, *id est in stratis nostris* ».

Scheler (*Dictionnaire d'étymologie française*, 1862, v. *Chemise*), referindo as palavras de sancto Isidoro, pondera: « Cette opinion ne nous semble pas à dédaigner; *cama* peut fort bien avoir dégagé un adjectif *camicius* » [2]. Mas o nosso Bluteau, sem a desdenhar, antes abonando-a com a auctoridade de Scaligero, candidamente objecta: « Contra esta etymologia está, que *camisa* naõ tem grande correspondencia com *cama*, porque muitos se deitaõ na *cama* sem *camisa*, particularmente em *Hespanha*, & outras terras quentes; e naõ menos de dia, que de noite traz a gente camisa » [3]. Ao que accrescenta outra razão historica um sabio contemporaneo: « Isidore, pour se tirer d'affaire, a supposé une chose qui n'existait pas, car il est prouvé que la coutume de porter des chemises ne remonte pas plus haut que les croisades, et, à l'époque où fut écrit le Roman de la Violette, on avait encore l'habitude d'ôter sa chemise avant de se coucher. Voy. p. 31. 2 de ce roman » [4].

[1] Noël e Carpentier, *Dictionnaire étymologique, critique*, etc., e Bescherelle, *Dictionnaire National*, referem este texto a Origenes, provavelmente por confusão do nome do auctor grego com o titulo latino da obra de sancto Isidoro.

[2] [Na 2ª edição do *Diccionario* (Bruxellas, 1873) vem rectificado este parecer: « Isidore rapportait *camisia* à *cama*, lit; donc vêtement de lit, mais le suffixe *isia* fait quelque difficulté ».]

[3] Mostrou aqui Bluteau melhor critica que os dous auctores seus naturaes, Caseneuve e Ménage, a quem visivelmente seguiu. « Au-reste — diz o primeiro — *camisia* vient de *cama*, qui signifioit anciennement *un lit*; comme il fait encore en Langue Espagnole: parceque c'est le seul habit que nous portons d'ordinaire dans le lit. Isidore liv. 29. chap. 21 ». (*Les Origines de la langue française*, ed. de 1694, por S. de Val-Hébert). — E o segundo: « *Camisia* a été fait de *cama*, comme Scaligêr l'a tres véritablement remarqué sur le lieu de Paulus cy-dessus rapporté.... Vossius veut que le Latin *camisia* vienne du François *chemise*: en quoy il se trompe. C'est dans son *de Vitiis Sermonis* livre 2. chapitre 4 ». (*Dictionnaire étymologique, ou Origines de la langue française*, ed. de 1694).

[4] Segundo A. F. Didot (*Essai de classification méthodique et synoptique des romans de chevalerie inédits et publiés*, Paris, 1870, fol. 11), o *Roman de la Violette*, rescripto em prosa (*dérimé*) por Gérard

Burguy, que assim discorre (*Grammaire de la langue d'oïl ou Grammaire des dialectes français aux XII^e et XIII^e siècles*, 2ª ed., t. III, *Glossaire étymologique*, Halle, 1870, pag. 72), tem sôbre a questão o seu particular sentimento. É justo ouvirmol-o. « L'usage des chemises et le nom de ce vêtement nous viennent de l'Orient, et plus spécialement de l'Inde par l'intermédiaire des Arabes. Ces derniers appellent la chemise *kamîs*, qui dérive sans doute du sanscrit *kschumâ* (kschaumî), lin, *kschaumas*, fait de lin [1]; et l'on a donné au vêtement le nom de la matière dont on le fabriquait. M. le Dr. M. Sachs prouve dans ses Beiträge zur Sprach-und Alterthumsforschung, H. 2, p. 38, que l'hébreu *ktonet* a également signifié lin, étoffe de lin, puis vêtement fait de lin, chemise. C'est cette savante déduction, je dois le dire, qui m'a mis sur la voie que j'ai suivie. *Camisole* est encore un dérivé de camisia ».

Temos pois: latim barbaro, celtico, italiano, francês, tudesco ou *antigo alto allemão*, gaulês, arabe, sanskrito, hebraico,

de Nevers e impresso em Paris em 1520, foi composto em verso por Gibert de Montreuil no seculo XIII. Se é com effeito á data da composição que Burguy se refere, o *Diccionario etymologico* de Roquefórt affirma ao uso alludido duração posterior: « Jusqu'à la moitié du xvi^e siècle, l'usage étoit en France de coucher sans chemise; de là cette foule d'ordonnances de nos rois et de lois de nos anciens coutumiers, qui déclarent convaincus d'adultère la femme mariée et l'homme qu'on aura seulement surpris nus dans une même chambre; de là, les peines sévères que l'on infligeoit en justice à celui qui avoit *fait le sac* à une fille, c'est-à-dire, qui par jeu l'auroit enveloppée dans les draps de son lit comme dans un sac, parce qu'en l'état de nudité où pour cette imprudente plaisanterie il falloit avoir vu la fille, on avoit pu ou l'on n'avoit pas daigné la déshonorer; de là enfin, cet usage des anciens moines qui couchoient dans une chambre commune, de dormir vêtus. Dans l'histoire manuscrite du divorce de Louis XII avec Jeanne de France, la principale preuve qu'alléguoit le monarche pour prouver qu'il n'avoit pas consommé le mariage étoit celle-ci, qu'il n'avoit pas couché nu à nue avec la princesse ». — A mesma referencia ao *Roman de la Violette* apparece no *Dictionnaire des proverbes* de P. de la Mésangère (3ª ed., Paris, 1823, p. 147): « Dans le roman de *Gérard de Nevers*, une vieille qui aide une demoiselle à se coucher, ne peut revenir de son étonnement de la voir entrer au lit en chemise ». — Nos *Contes et discours d'Eutrapel*, publicados em 1585, Noël du Fail, querendo falar de uma promessa difficil de cumprir, diz « qu'elle ressemble à celle d'une mariée qui s'engagerait à entrer au lit en chemise ».

[1] Diez, *Etymologisches Wörterbuch*, t. I, v. *Camicia*, declara-se contra esta opinião, que vimos ser tambem a de Mahn.

persa [1]. Um diminuto esforço mais, e chegaremos ás septenta e duas linguas da torre de Babel.

Ah! mas esqueciamos o *Grande Diccionario português*, o diccionario por excellencia. Junctamente com outras muitas cousas, ficou assentado no prospecto dos editores: 1°. Que na lexicologia portuguesa não se tinha ainda introduzido a direcção critica: *ella apparece pela primeira vez no Diccionario de Fr. Domingos Vieira*. 2°. Que este se distingue de todos os da lingua portuguesa que o precederam « por apresentar largas discussões de etymologia scientifica, ignorada por todos os auctores d'esses diccionarios ». 3°. Que « na revisão e alargamento do manuscripto

[1] [Acêrca de outras muitas palavras se poderiam estudar, tomando por modelo o interessante trabalho de Boehmer *De colorum nominibus equinorum (Romanische Studien*, fasc. II, *Quaestiones grammaticae et etymologicae*, Halle, 1872, pag. 231-294) as razões e contrastes da erudição etymologica.

Fôra curioso, por exemplo, seguir em Bluteau, em Diez, Mahn, Le Blant (*Histoire de la porcelaine*, I, 1861, pag. 20), Scheler (1ª ed., 1862) as variadas conjecturas sôbre a origem do nome *porcellana*. Restrinjo-me a transcrever aqui a referencia obsequiosa de um orientalista de nomiada, Léon de Rosny: « Les premières porcelaines connues en Europe y furent importées par les Portugais, qui, dès le commencement du seizième siècle, sillonaient les mers de la Chine de leurs escadres aventureuses. Frappés de la transparence et de la beauté de ces poteries, comparables à la nacre, ils lui donnèrent le nom de *Porcellana*, d'où nous avons fait *Porcelaine* ». (*Variétés orientales*, 2ª ed., Paris, 1869, pag. 81). Palavras a que a verdade pede que se contraponham as de outro philologo extrangeiro, Wedgwood, que, sem adeantar ás investigações de Mahn (*Etymologische Untersuchungen*, II, 1854, pag. 11-15), adverte em livro modernissimo: « Porcellane is mentioned by Marco Polo in the 13th century, long before the intercourse of the Portuguese with the East ». (*A Dictionary of English Etymology*, 2ª ed., Londres, 1872, v. *Porcellane*).

A etymologia da palavra *laranja*, a respeito da qual nos offerece Bluteau as differentes explicações resumidas em um livro do seculo XVII (*Hesperides, sive de malorum aureorum cultura et usu libri IV*), e que o auctor dos *Vestigios* deriva singelamente do arabe *naranja* (Engelmann lê *nârandj*; Pihan *nârindj*; Scheler, 2ª ed., 1873, *nâranja*; Mahn, spec. XIX-XX, 1864, pag. 158, *nârandsch* ou *nârang*), é por outros referida ao sanskrito. « De l'arabe *nāranj* — diz Littré (t. II, fasc. publicado em 1868) —; persan, *narenj;* sanskrit, *nâgaranga*, qui viendrait, d'après Wilson, de *nāga*, éléphant, et *rañdj*, être malade, à cause que les éléphants mangent des oranges à se rendre malades; ceci est sans fondement. Le mot paraît oriental, mais non sanscrit ». Ao que redargue Eugenio Fournier: « La citation est incomplète et la conclusion manque d'exactitude. En effet Wilson donne comme également plausible une seconde étymologie sur laquelle je vais insister plus loin et qui me paraît excellente, et d'ailleurs M. Littré me permettra d'affirmer avec toutes les preuves sous les yeux, que le mot est bien sanscrit ». (*Memoires de la Société de Linguistique de Paris*, t. I, 1868-1871, pag. 422.]

original teem collaborado pessoas competentissimas, e entre outras o sr. Adolpho Coelho, *o primeiro que em Portugal estuda as linguas sob o poncto de vista* [1] *scientifico* ». Não nos havemos de esquivar portanto a ouvir a palavra inspirada do annunciador da nova doutrina.

Aberto o livro, que não póde mentir ao seu titulo de *Thesouro da lingua portuguesa*, que se acha? Para *camisola*, a

[1] Analysando a phrase de Bossuet « L'on réunit, sous un même point de vue, les préceptes et les exemples que l'Écriture nous fournit », e a de Rousseau « Sous ce double point de vue nous trouvons entre eux tant de rapports.... », diz Littré no *Diccionario da lingua francesa* (v. *Vue*, nº 25): « Ce dernier emploi, qui ne date guère que de Rollin et de Massillon, est aujourd'hui très-usité; cependant il ne paraît pas exact. Pour voir bien une chose, il ne faut pas être sous le point de vue, il faut être au point de vue, il faut la considérer du point de vue. Il y a lieu de distinguer: si l'on considère l'objet, il peut être placé sous le point de vue, et il sera bien vu; de cette façon, la phrase de Bossuet avec *sous* est exacte. Si au contraire on considère l'observateur, il ne faut pas le placer sous le point de vue, car alors il serait hors des limites de la vision distincte, il faut le placer au point de vue, dans le point de vue ».

Os hispanhoes, adoptando-a, reduziram a locução á sua fórma correcta. « *Punto de vista* — diz Baralt, *Diccionario de galicismos*, Madrid, 1855, pag. 700 — para denotar aquel desde donde debe mirarse un objeto para hacerse bien cargo de sus circunstancias y accidentes, está generalmente adoptado; así decimos: *Ver, examinar un assunto en el punto de vista de esto ó lo otro; Ver, examinar, considerar alguna cosa en varios puntos de vista.* Son más castizos, sin enbargo, los modos adverbiales Á BUENA LUZ, Á TODAS LUCES, POR EL LADO, EN EL ASPECTO, EN EL CONCEPTO, EN CUANTO, EN RAZON, POR LO QUE TOCA, POR LO QUE CORRESPONDE, &c. ». — Necessitarei lembrar que temos em português fórmas proprias para exprimir a mesma idea e alternar o emprego abusivo d'aquella expressão da arte de pintura? Este logar de Guizot: « Sous quelque point de vue que vous considériez le monde romain, vous y trouverez cette prépondérance presque exclusive des villes, et la non-existence sociale des campagnes » foi do seguinte modo traduzido pelo sr. A. Herculano (*Historia de Portugal*, I³, pag. 39): « Examinae a que luz vos aprouver o mundo romano, que sempre achareis essa preponderancia quasi exclusiva das cidades e a não-existencia social dos campos ». D. Francisco de S. Luis allega no *Glossario* um elegante exemplo de Bernardes, ao qual me occorre additar o de Vieira (*Sermões*, I, 1679, col. 463): « As vossas Confissoens vistas a hũa luz, parece, que tem que louvar: vistas a outra luz, parece, que tem que condennar ».

Uma reflexão, e concluo. Que na balança da juvenil e já tão auspiciosa eschola critica portuguesa Vieira, S. Luis e Alexandre Herculano tenham *menos do peso*, entende-se. Mas Littré, Littré, pelas declarações do folheto do sr. Adolpho Coelho, « é um sabio eminente ». Ora desde 1863 nos estava promettida nas grandes lettras do seu *Prefacio* (pag XVIII) o exame da locução *sous ce point de vue.* Não vá agora o sr. A. Coelho, que já se pôs hombro por hombro com esse sabio, que se corresponde com elle, e que, para dizer tudo com uma palavra, tambem faz diccionarios, repetir-lhe que *é diverso o poncto de vista sob que trabalha.*

mesma etymologia de Bluteau e de Constancio [1], o francês

[1] Apezar do seu immenso desdem para com os auctores nacionaes, o sr. Francisco Adolpho Coelho aproveita a logares alguma idea que elles lhe deparam. Estas são raras, ao que parece. Francesses e portuguesses, dizia Garrett em hora de *humour*, andâmos pela mesma, temos muitas palavras. « Mas ideas! que é d'ellas? Se acharem mais de seis em Daguesseau, trinta em Buffon, dez ou doze em Amador Arraes, mostrem-n-as ao doutor Ichheit, que lhes fica muito obrigado ». Por onde para o sr. Adolpho Coelho a pythonissa é a Allemanha. Quando esta immudece ou cessa de agitar-se sôbre a tripode, o instaurador da glottica em Portugal consente em servir-se trivialmente das linhas caseiras. Supponhamos que se tracta da origem do titulo *catual*. Bluteau designa-o por « termo do Malavar ». A 1ª ed. de Moraes diz simplesmente « do Malavar » ; a 6ª, « do persico ». Em Constancio lê-se « termo asiatico ». Opportuno momento para o sr. Adolpho Coelho desentranhar uma das suas etymologias « *baseadas* sôbre os rigorosos principios historicos e phoneticos ». Os derivados *catualaria* e *catualia*, omissos nos outros diccionarios, e individuados como taes pelo sr. Rodrigo Felner nos *Subsidios para a historia da India portuguesa* (Lisboa, 1868), escappam-lhe a um só tempo. O additador de Fr. Domingos Vieira tem a attenção imbebida em assumpto mais levantado. Pega na penna, e, de um rasgo, enriquece a sciencia etymologica com a seguinte variante: « Palavra asiatica ». Ora neste poncto não presumo estar mais adeantado que o sr. Adolpho Coelho, nem, na minha qualidade de simples *dilettante*, tenho nenhuma obrigação d'isso; mas eis aqui a indicação que qualquer póde ler no livro de um escriptor que não é allemão. Dou-a sob a responsabilidade do auctor. Ha fundamento na sua asserção? É o que não me importa nem tenho competencia para decidir. Vem o livro falando dos titulos peculiares á Persia e á India musulmana para os cargos civis, e affirma: « Le commissaire de police, proprement dit, lequel est en même temps juge de paix, se nomme *kutwàl*.... et ce titre est fort ancien dans l'Inde; car les Portugais l'y trouvèrent, et il est mentionné dans les *Lusiades* ». (GARCIN DE TASSY, *Mémoire sur les noms propres et les titres musulmans*, Paris, 1854, pag. 82.)

[Uma amostra agora das largas discussões de etymologia scientifica ignorada por todos os auctores de diccionarios que precederam o de Fr. Domingos Vieira. Constancio perfixa ao « adjectivo articular » *cada* (distributivo, segundo Gomes de Moura ; distributivo universal indeclinavel, segundo Soares Barbosa) ascendencia grega: « Da preposição Gr. κατὰ *kata*, significando individuação de escolha, turno e successão. Vem de καὶ *kai*, tambem, ou εἶτα *eîta*, depois, ou de καθῆμαι *kathêmai*, pôr, assentar ». O additador da 5ª ed. de Moraes resume assim este conceito : « Da prep. Gr. *kata*, segundo, juncto, por causa, e finalmente significando individuação de escolha, turno, e successão ». Faz-se então ouvir a palavra oracular do sr. Adolpho Coelho : « Não tem nada que vêr com o grego *kata*, como se pretende em Moraes, que classifica inexactamente a palavra de *adj. articular*. O criterio para descobrir a verdadeira etymologia, aqui, como em outros casos numerosos, é a comparação com as fórmas correspondentes dos outros idiomas romanicos ». Passam pois em revista o italiano, o hispanhol, o provençal, o francês, o retho-romano (*sic*). Este esforço de erudição custa ao sr. Adolpho Coelho... o trabalho de abrir o *Diccionario* de Diez. Desde o francês *cadhun* e *cheun*, desde o antigo hispanhol *quiscadauno* até ao português *quiscadaum* dos Foros de Gravão, alli se acham reunidas (t. I [3], pag. 97-98) todas as migalhas da sciencia do *Grande Diccionario*. Lá estão os equivalentes latinos, lá os analogos

camisole [1]. Para *camisa* — como dizel-o? — a traducção servil da

do grego; e o exemplo « *káthe dendron*, portuguez *cada arvore* » responde ao do original « κάθε δένδρον = spanisch *cada árbol* ». Por desgraça, nada d'isso prova contra a etymologia de Constancio, ao qual, sem o advertir, o insigne romanista Paulo Meyer — que d'est'arte tem a infelicidade de se pôr em desaccordo com o sr. A. Coelho — acaba de dar altamente razão com o estudo publicado no vol. II da *Romania* (1873, pag. 80-85), sob o titulo « Quisque *et* cata *dans les langues romanes* ». Traslado apenas as conclusões: « L'étymologie de *cada*, celle qui satisfait à la fois au sens et à la forme, y compris l'italien *catauno*, c'est la préposition grecque κατά, et il est d'autant plus singulier que M. Diez ne l'ait pas vu, qu'il a, précisément à propos de *cadauno*, cité le grec καθένας qui répond exactement à *cadauno*, *cadaun*, etc. De καθένας le grec le plus vulgaire a formé κάθε, signifiant « chacun ». C'est de même, selon M. Diez, que de *cadauno* on aurait formé *cada*. C'est peu probable, je l'ai dit plus haut, mais, sans nous arrêter à discuter ce point, il nous faut constater que la similitude de formation entre *cadauno* et καθένας est beaucoup plus grande que ce qu'a pensé M. Diez, *cada* étant exactement κατά, et la seule différence étant que *uno* est roman, et ἕνας grec. Je crois qu'il ne peut s'élever aucun doute sur le rapport de sens qu'offre κατά avec notre *cada*. Le seul point contestable *a priori* est que la préposition grecque ait été employée en latin, en latin vulgaire s'entend, avec son sens original. Ce point n'est pas difficile à établir. Dans la Vulgate, Ezech. XLVI, 14 et 15, on lit: *Et faciet sacrificium super eo* CATA *mane... Faciet agnum et sacrificium et oleum* CATA *mane mane*. Ce texte est d'autant plus important qu'ici le sens de *cata mane* est exactement « chaque matin »: *cada matin*, eût-on dit en provençal. Voilà *cata* s'appliquant au temps; d'autres exemples, rapportés par Du Cange (au mot *cata*), nous le montrent s'appliquant aux choses avec le sens de *secundum*, *juxta*.... En somme, il restera établi, je crois, que la préposition κατά, étant adoptée par le latin vulgaire et s'étant spécialisée en un sens distributif, a été employée jusque vers le XII[e] siècle au moins dans tout l'empire des langues romanes; et que depuis cette époque elle n'a guère perdu que les pays de langue d'oïl considérés dans leurs limites les plus étroites, puisqu'elle vit encore dans les patois du Poitou et de la Suisse, qui appartiennent plutôt à la langue d'oïl qu'à celle d'oc ».]

[1] *Grande Diccionario português*, t. II, pag. 67:
« **CAMISOLA**, *s. f.* (Ou do francez *camisole*, ou uma formação parallela, pois o portuguez tem muitas fórmas produzidas pelo mesmo processo; vid. *Caçarola*) ».

Para supprir á deficiencia de esclarecimentos, procura-se *caçarola* no logar respectivo, pag. 17, 3ª columna? Não se encontra. O diccionario passa de *Caçar* a *Cácea*. Busca-se *Cassarola*? Diz: « s. f. Vid. *Caçarola* ». Admittindo algum salto na ordem alphabetica, volta-se a pag. 16? Egual resultado, e insufficiente, se quizerem: o livro não dá outro. Entregue á alta empresa de aprofundar a origem da palavra *cacaborrada*, o sr. A. Coelho deixa-nos sem *caçarola*. Nobilissima é certamente a sua indignação, quando, ao referir-se á etymologia que a veia scurril de Damaso Monteiro introduziu na 5ª edição de Moraes, diz: « Não é necessario dar tractos á imaginação, como se faz no *Diccionario* de Moraes, para derivar », etc. E na verdade, a origem do nome *cuecas*, que Filinto Elysio, depois de muitos annos de indagação, declara ter achado, a 21 de outubro de 1809 (*Caso tragico mui verdadeiro*, *Obras*, III, 311), fica a perder de vista da etymologia de *cacaborrada*, cuja evidencia o sr. Adolpho Coelho conseguiu estabelecer. Não nego

nota de Littré, adrede desmanchada na ordem dos periodos, e a um poncto interpolada com outro farrapo de Engelmann.

Traducção servil, dice eu [1]. Não tanto o será, pois se lhe nota differença, um só toque de differença, mas apreciavel. Emquanto Littré declara ter tomado a Diez os termos da discussão, o sr. Adolpho Coelho faz-lhe a fineza de a considerar *bella*, indicando-a remotamente, como se lhe houvera passado a grande distancia.

neste particular a transcendencia das suas cogitações; mas reparo que geralmente dizemos *cancaburrada*; acho a palavra assim escripta no *Thesouro da lingua portuguesa* de Bento Pereira, no *Supplemento* de Bluteau, nas *Infermidades da lingua* de Manuel José de Paiva; leio em A. Herculano, *Cartas ao padre Recreio*, pag. 14: « Apenas acabei de escrever o antecedente paragrapho logo o coração me dice que tinha feito grande cancaburrada » — e pergunto que explicação do vocabulo nos dará em tal caso o sr. Adolpho Coelho, *o primeiro que em Portugal estuda as linguas sob o poncto de vista scientifico*.

[1] A correspondencia dos textos, aqui fielmente reproduzidos, mostrará que não exaggero:

E. LITTRÉ, *Dictionnaire de la langue française*, t. I, 1re partie, Paris, 1863.	A. COELHO, *Grande Diccionairo Portuguez*, caderneta 21a, Porto, 1871.
« Bourg. *cheminze*, *chaiminge*; picard, *kemise*; provenç. et espagn. *camisa*; portug. *camiza*; ital. *camicia*, *camiscia*; lat. *camisia*, dans St-Jérôme; c'est le plus ancien exemple de ce mot, qui paraît signifier un vêtement en usage dans les camps, et avoir été un mot du langage populaire (volo pro legentis facilitate abuti sermone vulgato; solent militantes habere lineas, quas camisias vocant).	« O hespanhol e o provençal tem *camisa*, o italiano *camicia*, *camiscia*, o francez *chemise*, o picardo *kemise*, o borgonhez *cheminze*. O mais antigo exemplo do emprego da palavra é em latim, *camisia*, em S. Jeronymo.
« L'ancien haut-allemand fournit *hamidi*, *hemidi*, chemise, où l'*h* pourrait se changer en *c*, mais qui n'explique pas le suffixe *isia*. Ce suffixe n'est pas non plus expliqué par Isidore qui tire *camisia*, de *cama*, lit.	« No antigo alto allemão ha *hamidi*, *hemidi*, d'onde o allemão moderno *hemd*. N'aquella lingua o « **c** » podia mudar-se em « **h** », mas o suffixo « **sia** » não é explicado por ella. A origem da palavra é difficil de determinar, e até agora, apesar da bella discussão de Diez, incerta.
« L'ancien français, à côté de *chemise*, a *chainse*, étoffe de lin, italien *cámice*, qui suppose un radical *cam*; ce radical pourrait se trouver soit dans le celtique (kymri *camse*, long vêtement, ancien gaé-	« No antigo francez, ao lado de *chemise* ha *chainse*, estofo de linho, que suppõe uma fórma radical *cam*; no kymri ha *camse*, vestido comprido, no antigo gaelico

E cirzindo a Littré a observação do arabista hollandez Dozy, não adverte que este a si mesmo se contradiz: dá-lhe razão. Tel-a-ha, mas em obra anterior elle proprio assenta como facto indubitavel o haver a palavra arabe passado ás linguas romanicas: « On sait que le mot *camîç* a passé dans les langues romanes » [1].

Taes as conquistas da *etymologia scientifica* [2] instituida em Portugal pelo sr. Adolpho Coelho. E quando, desincantados,

lique *caimis*, génitif *caimse*, chemise; mais le celtique ne paraît avoir aucune racine pour ces mots), soit dans l'arabe *qâmiç*, vêtement de dessous, mot qui se trouve déjà dans le Coran, mais pour lequel l'arabe non plus ne fournit point de racine.

caimis, genitivo *caimse* (d'onde o francez *chainse*), mas no celtico não parece existir raiz que explique essas fórmas. Recorreu-se tambem ao arabe que fornece a fórma *camîç*.

Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe,
Leyde, 1869, pag. 377.

« Bien que le nom de ce vêtement nous soit venu par l'intermédiaire des Arabes, il faut en chercher l'origine plus haut. Le mot arabe dérive du sanscrit *kschumâ* (kschaumî), lin, *kschaumas*, fait de lin; le vêtement a reçu ce nom de la matière dont on le fabriquait.....» Engelmann. — « M. Engelmann aurait pu voir chez le dernier auteur qu'il cite [Mahn], qu'en Europe ce mot est beaucoup plus ancien que l'époque arabe, attendu que *camisia* se trouve déjà chez un auteur du IVe siècle, à savoir chez saint Jérôme ». Dozy.

« Engelmann suppõe que foi dos arabes que as linguas romanicas receberam a palavra, e que aquelles a tenham recebido do sanskrito *kshumâ*, linho, *kshaumas*, feito de linho; mas como a palavra se encontra já no IV seculo, em S. Jeronymo (o que Dozy com razão objecta a Engelmann), não foi pelo intermedio dos arabes que ella chegou ao Occidente; e a origem sanskrita, apesar da coincidencia de fórmas, fica pura hypothese.

Littré.

« La conclusion de cette discussion empruntée à Diez est que les langues romanes ont eu un radical *cam*, et une forme *camis*, d'où la forme adjective *camisia*; et qu'on ne sait à quelle langue rattacher *cam* ou *camis* ».

« Diez pensa que nas linguas romanicas houve uma fórma radical *cam* e um thema *camis*, d'onde a fórma adjectiva *camisia*; qual, porém, seja a origem d'essa fórma radical *cam*, é o que não póde ainda ser determinado ».

[1] *Dictionnaire détaillé des noms des vêtements chez les Arabes,* pag. 375. Amsterdam, 1845.

[2] [A pag. 15 da famosa prelecção de Strasburgo, entendendo demonstrar por um exemplo conclusivo os agigantados progressos da etymologia scientifica, dá Max Müller por testimunho a recusa dos melhores

desviâmos os olhos d'estas obras balofas, com tammanho alarde encarecidas, se acertâmos dirigil-as a algum d'aquelles trabalhos enjeitados pela erudição contemporanea, o *Vocabulario*

philologos em considerarem como uma só palavra θεός e *deus*, cuja origem commum parece tão evidente. Esta confissão de um auctor que na mais popular das suas obras (*Science of Language*, II[6], 1871, pag. 417) affirmára não se poder acceitar para o termo grego etymologia que não fosse egualmente applicavel ás vozes correspondentes em sanskrito e latim, devemos tel-a como solemne homenagem prestada á opinião de contradictores illustres (Schleicher, *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*, 3ª ed. 1871, pag. 206; Curtius, *Grundzüge der griechischen Etymologie*, 3ª ed., 1869, pag. 466). « Os arianos, até aonde remonta a sua lingua — diz não muito adeante o celebre indianista — reconheceram a presença da divindade nos phenomenos claros, luminosos, helios da natureza. Por isso chamavam ao ceruleo ceu, á alma terra, ao calescente fogo, ao lucido dia, á dourada aurora e á juvenil primavera os seus D e v a s , isto é, *as claridades*. A mesma palavra, d e v a em sanskrito, d e u s em latim, perseverou inalterada em todas as suas preces, nos seus cultos, na sua superstição, na sua philosophia; e ainda hoje de milhares de cathedraes e capellas se eleva ao ceu a mesma palavra, D e u s, a qual, antes que houvesse gregos e romanos, antes que houvesse germanos e brahmanes, foi forjada na obscura officina do espirito ariano ». (*Ueber die Resultate der Sprachwissenschaft*, 3ª ed., Strasburgo, 1872, pag. 27.)

Mau grado pois as suas altas presumpções e os seus ambiciosos designios, quem não vê que a etymologia, a « sciencia da verdade », se debate ainda e a toda a hora nas trevas exteriores da ignorancia e da duvida? Ponho o caso da palavra *religião*. No que toca á sua verdadeira origem, temos hoje porventura maior certeza da que havia no tempo de Court de Gébelin, de sancto Agustinho ou de Cicero? Com os argumentos e contradicções dos auctores modernos se póde provar que não.

Elegantemente Fr. Amador Arraes (*Dialogos*, IV, cap. XXI, Coimbra, 1589, pag. 288 da ed. de 1846): « Mas falo de religião mais em cõmum, a qual segundo diz Plato, he obligarse o homem, & sobjeitarse a Deos. Pelo que os Doutores Christãos ensinão, que religiam se diz de religar, porque aquelle se diz religioso, que se ata, & obriga aos preceptos de Deos ».

E Raphael Bluteau (*Vocabulario*, t. VII, 1720): « Querem alguns, que se chamasse a Religiaõ *à relegendo Deum*, porque com ella o homem, que havia deyxado a Deos, o tornou a buscar..... — Religiaõ tambem he hum estado de vida, & modo de viver, separado do mũdo, com Regras, Constituições, & Votos, que nos ataõ, & ligaõ com Deos, & por isso se chama Religiaõ *à Religando*, que quer dizer *Atar*, ou *tornar a atar*; porque o Religioso àlem do commum ligame dos Mandamentos de Deos, & preceytos da Igreja, he outra vez atado com o vinculo dos votos, & regras da Ordem, que professa. Segundo S. Agostinho, *Religiaõ* se deriva de *Reeligere*, que val o mesmo, que *tornar a escolher*; porque o Religioso torna a buscar, & escolher para objecto do seu amor, aquelle Deos, que perdeo pelo amor das creturas. Querem outros, que *Religiaõ* se diga do verbo *Relinquere*, que quer dizer *Deyxar*, & que aquella cousa se chama *Religiosa*, que por sua santidade he separada das cousas profanas. Donde os Latinos vieraõ a chamar Lugar religioso, àquelle, que por sua difficuldade he remoto, & apartado da conversação dos homens, *Religiosum*, (diz Gellio, lib. 4. cap. 9) *est, quod propter sanctitatem aliquam remotum ac sepositum à nobis est Verbum à relinquendo*

de Bluteau, publicado ha seculo e meio, vamos dar ahi com todas as novidades caducas que a sciencia actual pretende lhe admittamos a poder de rotulos novos : — a opinião de sancto Isidoro de Sevilha sôbre a etymologia da palavra *camisia*,

dictum; ou porque (como advertio Vossio nas suas Etymologias) *Religiosa loca propriè sunt, quæ relinquuntur, nec amplius inserviunt usibus humanis.* Religiaõ segundo a significaçaõ da voz Latina *Religio*, tem outras muytas accepções : toma-se pela sciencia das cousas Divinas, como refere Plutarco na vida de Paulo Emilio; toma-se por temor (como nota Servio sobre Virgilio) &c. ».

Ouçamos, porêm, os contemporaneos.

Mazure (*Dictionnaire étymologique de la langue française usuelle et littéraire*, Paris, 1863) : « Par notre définition de la religion comme lien, nous suivons l'étymologie la mieux reçue, *religare*. Lactance, *Inst.*, liv. IV, ch. XXXVIII, et saint Augustin, *De vir. rel.* c. IV, admettent ce beau sens; néanmoins Cicéron, *De nat. deor.* liv. II, ch. XXVIII, explique la religion *à relegendo*, idée de choisir, examiner en matière de culte, idée vague, peu précise, et qui permet de préférer l'autre mot; *obstricti Deo et religati*, dit Lactance ».

Rabasté (*De la langue osque d'après les inscriptions et de ses rapports avec le latin*, Rennes, 1865, pag. 11) : « On lit dans l'histoire romaine de M. Mommsen (t. I, p. 38) : « *Religio*, nom tout « romain, expression du *lien* moral par lequel la religion nous atta- « che ». Pour M. Mommsen, il semble que *religio* dérive de *religare*; la chose ne paraît pourtant point possible. *Religare* donnerait *religatio, men, mentum* comme *creare, creatio*; *levare, levamen*; *firmare, firmamentum. Religio* vient de *relegere* ou *religere*, comme *regio* de *regere*; or, *relegere, religere* ont-ils jamais eu le sens de *religare*? Il serait téméraire de l'affirmer. Ce qu'on peut assurer, c'est que, dans l'état actuel de la langue, *religens*, auquel se rattache *religio*, paraît signifier proprement *respectueux. Religens* est opposé à *negligens*, irrespectueux, dédaigneux (*deorun negligens ac contemptor*), à peu près comme en grec εὐσεβής est opposé à δυσσεβής. M. Mommsen ne l'ignore pas, mais il a cédé à une préoccupation ethnologique et à la tentation de peindre en un mot tout un côté du caractère romain, exactement comme d'autres ont cédé à des préoccupations religieuses, quand ils ont vu dans *religio* le lien qui rattache la terre au ciel: c'est là une idée toute chrétienne et bien étrangère au grossier naturalisme des anciens romains ».

Max Müller (*Chips from a German Workshop*, vol. I², Londres, 1868, pag. 239-240; pag. 327 da trad. francesa sob o titulo *Essais sur l'histoire des religions*, Paris, 1872) : « What distinguishes man from the rest of the animal creation is chiefly that ineradicable feeling of dependence and reliance upon some higher power, a consciousness of bondage from which the very name of 'religion' was derived ».

Corssen (*Ueber Aussprache, Vokalismus und Betonung der lateinischen Sprache*, 2ª ed., tomo I, Leipzig, 1868, pag. 445) : « O romano sentia-se *ligado* e *predestinado* por entes sobrehumanamente poderosos em que cria e que addivinhava, e por isso *obrigado* e *adstricto* a servil-os e sacrificar-lhes, a indagar a vontade d'elles e obedecer-lhes : d'esta *subjeição da consciencia* nasceu toda a doutrina dos pontifices e augures romanos, com a sua acanhada e mortificante escrupulosidade.... « Recolhimento do espirito » por opposição ás distracções mundanas, é uma idea christan, que não romana; d'ahi vem o ser tambem falsa a derivação da palavra *re-lig-io* de *leg-ere*, recolher, ainda que este verbo póde provir da mesma raiz

não facilmente acceita, como em Monlau e Scheler, mas discutida, como em Burguy e Diez ; a etymologia arabe de *camis*, frequente na versão arabica do Novo Testamento, e inculcada por mais plausivel, como em Engelmann ; e a uma e outra preferida a de *camisia*, vocabulo castrense, exemplificado com um logar de Paulo Diacono, como em Brachet. No emtanto os nugivendos das lettras, burlões

de muitas raças,
Que não mordem com dentes, mas com tretas,
E que impingir-nos vem, como a patetas,
Gatos por lebres, ostras por vidraças,

ao falarem dos meritos do auctor, dizem-nos enfastiadamente : « Bluteau é um primeiro passo » ! [1]

Estamos ainda a pag. 9 do folheto.

« Em todas as minhas publicações o sr. Innocencio Francisco da Silva apenas conseguiu descobrir um erro. Se eu podesse confiar na sciencia do nosso bibliographo, o seu artigo seria para mim uma prova de que o meu livro tinha alto merito....

lag- como *lig-are* ; e nas accepções figuradas e metaphysicas de *in-tel-leg-ere*, *col-lig-ere* claramente apparece a idea de « ligação dos pensamentos ».

Littré (*Dictionnaire de la langue française*, t. II, 2ª parte, 1872): « Provençal *religio*, *religion*; espagnol *religion* ; italien *religione* ; du latin *religionem*, dont l'étymologie est douteuse entre *relegere*, recueillir, et *religare*, relier. Pour *relegere*, on dit que *religare* aurait fait *religatio* (ce qui est inexact, car *re-lig-io* se conçoit, exemple *opt-io*), et on cite la phrase : *religentem esse oportet, religiosum nefas* (voy. FREUND) ; en ce sens, *religio* voudrait dire recueil (c'est probablement le sens primif de *lex*), recueil de formules religieuses, de pratiques. Pour *religare*, on cite la phrase d'Aulu-Gelle (II, 28) : *falsa religione alligare, alium* [*deum*] *pro alio nominando* ; ce serait une formule qui liait les dieux, et l'homme à eux. En latin, *religio*, au sens d'état monastique, se trouve dès le Vᵉ siècle ». — Cfr. Trench, *On the study of Words*, 14ª ed., Londres, 1872, pag. 9, e veja Bartlett, *Dictionary of Americanisms*, 3ª ed., Boston, 1860, pag. 169, 360.]

[1] [Lida, a compasso que os fasciculos chegavam, a *Introducção* posta pelo sr. Adolpho Coelho ao *Thesouro da lingua portuguesa*, não dera nunca cinco minutos seguidos ao exame do texto, publicado sob o nome de Fr. Domingos Vieira.

« O *Diccionario* de Fr. Domingos Vieira está escripto segundo a mais rigorosa direcção scientifica. — Para vermos como se tractam alli os vocabulos basta dizer que cada um quasi que per si constitue

« Desde que publiquei o primeiro fasciculo do meu livro, tenho-o submettido a um exame paciente, com o fim de des-

uma monographia ; tomemos ao acaso a palavra *Arte*, *Auto*.... salta logo aos olhos o modo completo com que é attacado o assumpto. — No *Thesouro* apparece tractado com a mesma importancia o archaismo e o neologismo, a locução vernacula e a popular. O idiotismo, o que accentua a originalidade de uma lingua, alli apparece com toda a sua verdadeira riqueza. — O *Grande Diccionario*, em vista da parte publicada, conta já milhares de palavras que faltam nos outros diccionarios.... tem apresentado as etymologias baseadas sôbre os rigorosos principios historicos e phoneticos ; traz a definição abrangendo todos os usos da palavra que escapparam aos outros lexicologos, offerecendo discussões completas sôbre a orthographia, grammatica e synonymia, tudo isto abonado com riquezas extrahidas de escriptores classicos, e que podem servir de documentos para a historia da origem e introducção de cada palavra ».

Assim falára do *Grande Diccionario* o *Jornal do Porto*; assim o repetiam as capas da obra; isto me certificava o sr. J. Ribeiro de Castro. Annuncios, declarações dos editores, prospectos profusamente distribuidos, artigos de jornaes logo transcriptos na coberta dos fasciculos, tudo e incessantemente nos pregoava, em meio de applausos ao *Diccionario*, o nome do sr. A. Coelho — « o primeiro que em Portugal estuda as linguas sob o poncto de vista scientifico » — « o joven escriptor que lançou as bases de uma eschola philologica em Portugal », etc. Os editores diziam : « No alargamento do manuscripto original teem collaborado pessoas competentissimas, e entre outras o sr. Adolpho Coelho ». « Os trabalhos de revisão, etymologias, accrescentamentos da lettra *C* em deante são feitos pelo distinctissimo, conhecido em trabalhos profundissimos, o excellentissimo... » O *Jornal do Porto* completava : « Hoje já se póde falar d'esta obra como de um monumento que está fóra do attaque de zoilos capciosos ». Encarecia-se a acceitação que nas academias extrangeiras tinham encontrado os dous ponderosos volumes das lettras *A* a *D*, com os doze mil vocabulos accrescentados aos actuaes diccionarios da lingua, com o seu numero incalculavel de sentidos novos, de locuções especiaes...

Acreditei na palavra honrada do sr. J. Ribeiro de Castro : adormeci nesta confiança; fechei o livro — talvez realmente o fechasse depois de adormecer.

Na traducção de um logar de Benfey que adeante se lerá succedêra-me porêm empregar a palavra *cultura* como equivalente do allemão *cultur*. Empregára-a, fundado na auctoridade do sr. A. Herculano, cujas são estas phrases : « No quarto seculo a cultura e ao mesmo tempo a corrupção de Roma abrangiam plenamente todas as provincias do imperio ». (*Historia de Portugal*, I³, pag. 26). « O proprio Alvaro, o mais instruido dos adversarios da cultura arabe... » (III², 174, nota). Determinei-me em reconsiderar a materia, ao ler no ultimo livro do sr. Joaquim de Vasconcellos a nota seguinte : « Não vemos inconveniente algum em adoptar esta palavra [*cultura*] com a significação synthetica que tem no allemão, para designar o resultado total do progresso de uma nação, ou falando em geral, de toda a humanidade. A palavra « civilisação » tem uma certa synonymia com aquella, mas exprimiu por muito tempo, e ainda hoje exprime, uma serie de principios confusos ; falava-se da civilisação e dava-se a França como a conductora do movimento ! ! Todavia entre ambas as palavras achou-se uma differença profunda nos principios da sua significação moral ; estes principios na idea *civilisation* são accidentes, e na idea *cultur*, são base fundamental ». (*O Faust de Goethe*, Porto, 1872,

cobrir o que nelle ha de falso; o habito das *retractationes* está profundamente inoculado em mim; alêm de que a falta de

pag. 167). Os exemplos de Kant, citados por Jacob e Guilherme Grimm (*Deutsches Wörterbuch*, II, Leipzig, 1860, v. *Civilisieren* e *Civilisierung*) contrariam de algum modo a definição do sr. Vasconcellos; mas em summa é esta uma questão em que não pretendo embrenhar-me. D. José de Mora, na *Colleccion de sinónimos de la lengua castellana* publicada pela Academia Hispanhola (Madrid, 1855, pag. 43) diz: « Donde hay leyes, gobierno, administracion de justicia y todo lo que constituye el órden civil, hay *civilizacion*. Donde hay amor al saber, educacion literaria y científica, amor á las letras y á las artes, y proteccion y galardones para los que sobresalen en el cultivo de la inteligencia, hay *cultura*. La *civilizacion* depende en gran parte del régimen político y de la autoridad; la *cultura*, del temple nacional, de la opinion pública y de las costumbres dominantes. Hay naciones *civilizadas* que estan muy léjos de ser *cultas*. Bajo el nombre de nacion *civilizada* se comprenden todas las clases que la componen; mas no puede decirse lo mismo de las naciones *cultas*, pues en ellas hay forzosamente clases enteras á las que no puede darse este título ». Em Littré (*Histoire de la langue française*, II[2], pag. 373) encontra-se a reflexão seguinte: « De *civilis*, nous avons fait *civiliser*, *civilisation*, qui en latin seraient des barbarismes sans signification précise. Ce n'est pas que l'idée manquât aux Latins, et il est curieux de voir dans M. Quicherat comment ils l'ont exprimée. *Civilisation* est, dans Cicéron, *humanitas* ou bien *vita perpolita humanitate*, ou bien *cultus vitæ*; dans Pline, *humanitas vitæ*; dans César, *cultus*; dans Justin, *culti mores*, ou *cultior victus*, ou *vita cultior*, ou *cultior vitæ usus*; dans Sénèque, *mitiores animi*. A ces expressions j'ajouterai celle que j'ai remarquée dans Pline l'ancien: il se sert du mot *vita*, la vie, d'une façon telle qu'on ne peut le traduire que par *civilisation* ». O mesmo auctor escreve em outro logar (*Dictionnaire de la langue française*): « Civilisation n'est dans le Dictionnaire de l'Académie qu'à partir de l'édition de 1835, et n'a été beaucoup employé que par les écrivains modernes, quand la pensée publique s'est fixée sur le développement de l'histoire ». Guizot e Buckle definiram em paginas admiraveis, que todo o homem de estudo leu, a idea de *civilisação*, facto, estado, ou o que melhor julgarem. Benjamin Constant observa, cuido que no discurso *De la liberté des anciens comparée à celle des modernes*: « Peu nous importe que le mot *civilisation* vienne du mot *civitas*; ce qui est certain, c'est que son acception á changé en route ». Tambem a palavra *civilidade* tinha ainda entre nós, no seculo passado, uma significação de todo opposta á que hoje em dia lhe referimos. É Bluteau quem, escrevendo em 1712, diz: « CIVILIDADE. Descortezia, Grosseria, Rusticidade. Parece derivado do Latim *Civilitas*, mas em sentido contrario, & por *Antiphrasis*, como *Bellum*, *quia minimè bellum*: & assi *Civilidade*, & *Civel* em Portuguez he contradictorio de *Civilitas*, & de *Civilis* no Latim ». — Constancio: « Hoje significa cortezia, urbanidade, attenção obsequiosa. Antigamente era o mesmo que *civeldade*, acção de villão, de plebeu, vileza, villania. Muito desprezado devia ser naquelle tempo o titulo e character de cidadão pelos que se appellidavam nobres e fidalgos! »

Foi neste poncto que me lembrou consultar o segundo volume do *Grande Diccionario português*, volume a que raramente tinha recurso, volume que só nas conjuncções solemnes me decidia abrir — nunca sem alguma interna turbação, como quem se approximasse do antro de Trophonio, temeroso de dar de rosto com o espantalho de seis ou oito columnas de lettra italica trasladadas das *Ordenações* para exemplo da

critica alheia me obriga a ser o critico de mim proprio. Pois confesso francamente que tenho encontrado no meu livro

fórma obsoleta de *contrauto* por *contracto*, ou já imaginando sentir-me levado no enxurro das *Rhymas* de J. Xavier de Mattos, se é que não crendo ver enxamearem as *voltas* e *esparsas* de Christovam Falcão, emquanto timidamente se entremostrassem, abrindo espaço através dos frequentes centões dos *Novissimos do homem*, do *Palmeirim* e dos *Dictos da Freira*, as phrases ora singulares, ora usuaes, os exemplos, as locuções polidissimas d'aquelles que nos habituámos a considerar por mestres e arbitros da lingua.

Entrei a folhear o diccionario de Fr. Domingos Vieira, isto é, o diccionario do sr. Theophilo Braga, do sr. Adolpho Coelho e dos seus innominados collaboradores. E pois que « hoje já se póde falar d'esta obra como de um monumento que está fóra do attaque de zoilos capciosos », acabo pela segunda vez de ler e conferir os vocabulos *Civilidade*, *Civilisação*, *Cultura*, e d'aqui direi sôbre o meu exame.

Civilidade. Pobrissimo artigo, mas, sem embargo da sua pobreza, traduzido de Littré. Tres linhas intermedias, acaso procedentes do manuscripto primitivo. Nenhuma referencia á significação hoje desusada que Bluteau, Moraes, Constancio e os auctores do *Diccionario Universal* (t. I, 1844) lhe assignam. Nenhuma ao valor particular com que a emprega o padre Manuel Bernardes neste exemplo já adduzido no *Genio da lingua portuguesa* : « Mortos se dizem tambem em Direyto os deportados, ou degradados, porque perdem a civilidade, ou liberdade ». (*Nova Floresta*, III, 1711, pag. 461). A synonymia do vocabulo traduzida tambem, contracta e um tanto livremente, de Littré. Da traducção nasceu um artiguinho coxo, que não alcança certamente a exacção ideologica do que tinhamos em D. Francisco de S. Luis, mas que não chega tampouco ao que nos deixou Roquette, em parte traduzido de Olive, o qual a grandes haustos bebeu em Guizot — unico que não soube negar os seus antecessores.

Civilisação. Palavras de Littré, vertidas textualmente, e apenas na versão trocada a phrase de Turgot por uma sentença de lavra do sr. Adolpho Coelho: « A civilisação em Portugal está muito atrazada ». A Constancio pertence, segundo se póde crer, a phrase (mutilada) « Progresso do melhoramento do estado social ». Dir-me-hão que estas obras vivem de emprestimos. Admitto. Conheço as attenuantes, as declinatorias mais ou menos plausiveis que se usam allegar em taes casos. Sei que ha, para explical-os, umas engenhosas antiphrases que já se viram produzidas e assignadas pelo sr. J. Ribeiro de Castro, sem o que (Deus me perdoe!) as suspeitaria escriptas pelo proprio sr. Adolpho Coelho. Se o auctor desvalijado é português, dá-se-lhe segurança de que os seus trabalhos « apparecem aproveitados com um raro senso, para que se não perdesse nenhum dos passos definitivos apresentados na sciencia lexicologica em Portugal ». Se é extrangeiro, conta-se-lhe como se faziam antigamente os diccionarios: « Uns pagavam quatrocentos e oitenta reis a toda e qualquer pessoa que apresentasse dez palavras novas ; outros pagavam a ociosos sargentos da capital para traduzirem os diccionarios de La Charte ou de Bescherelle ! Estava-se nesta desolação quando appareceu o *Diccionario ou Thesouro da lingua portuguesa* de Frei Domingos Vieira. Era de consciencia pôl-o ao corrente dos modernos trabalhos de Frederico Diez, de Littré e de outros que deram á philologia um impulso que fórma uma das glorias do nosso seculo ». — Agradeçamos por nossa parte o beneficio, e continuemos a ver como esta obra « de consciencia » se perfez.

Cultura. Na confeição do presente artigo entram os ingredientes seguintes: 1º. Etymologia e definição trasladadas, *verbum verbo*, de

defeitos [custa a crer !] que em breve descobrirei em publico, porque só assim elle os poderá conhecer ».

Littré.— 2º. Exemplo dos *Lusiadas* recolhido pelos additadores de Moraes. A oitava inteira para abôno de uma palavra; o antigo plural *dões* (septe vezes em uma só pagina de Vieira, IV, 384, o conto sob a fórma *doens*) transcripto *dons*. Não quero indagar como se accommodariam os revedores do *Grande Diccionario* com est'outro logar do poeta, c. v, est. 95, que leio pela chamada segunda edição de 1572:

> Dâ a terra Lusitana Scipiões
> Cesares, Alexandros, & da Augustos,
> Mas não lhe dâ com tudo aquelles does
> Cuja falta os faz duros & robustos.

Fica-me porêm a liberdade de concluir que nisto até o collaborador extrangeiro da *Bibliographia critica*, o doutor Reinhardstoettner, póde dar licções ao sr. Adolpho Coelho. *Beitraege zur Textkritik der Lusiadas des Camões*, Munich, 1872, pag. 11. — 3º. Versão de dous significados de Littré. — 4º. Sentido tropologico do vocabulo. No *Grande Diccionario*: « Figuradamente: *A* cultura *das lettras*, *das sciencias*, *das bellas-artes*. — *Os poucos conhecimentos que tenho devo-os á* cultura *das bellas-artes*. » Em Littré: « Fig. La culture des lettres, des sciences, des beaux-arts. Le peu de connaissance que j'ai, je le dois à la culture de bonnes lettres, PATRU, *Harangue de Cicéron pour Archias*, dans RICHELET ». Da confrontação resulta que o sr. Adolpho Coelho calou a referencia do texto, e deu *bellas-artes* pela expressão *bonnes lettres* com que Patru interpretára o *optimarum artium* da oração latina. — 5º. Novo significado vertido de Littré. — 6º, finalmente. A expressão translata *cultura das almas*. Fóra do logar que lhe cabia entre as accepções figuradas. Tropo e definição de Moraes, omittida na copia a indicação da auctoridade classica. O sr. Adolpho Coelho, que se jacta de haver reduzido « a um minimo » as falhas de Moraes na referencia dos logares que transcreve, não só não completou a citação, senão que julgou poder cancellar, como indifferente ou nullo, o nome do padre Vieira, impresso por extenso no livro que lhe servia de exemplar. A integra da phrase « para a boa administração, & cultura daquellas Almas » acha-se na quarta parte dos *Sermões*, pag. 545, nº 581. É quasi ocioso dizer que no *Grande Diccionario* nem sequer apparece acenada a nova accepção com que a *Historia de Portugal* naturaliza o vocabulo, accepção em que ultimamente o vimos encontrar nos *Elogios academicos* do sr. Latino Coelho (t. I, pag. 44): « As linguas — parece paradoxa esta doutrina — vão-se corrompendo e degenerando ao passo que da civilisação, que representavam, se transita para um *momento* novo na historia da humanidade e da cultura ». Assim, e virtualmente, o sentido classico de *cultura* por estylo dos cultistas, e ainda a particular significação de culto ou veneração religiosa (frequente em italiano, segundo se mostra pelo *Vocabolario della Crusca*; latinissima, como se vê em Freund), de que occorre exemplo na phrase *cultura dos idolos* de Fr. Diogo do Rosario, são egualmente omissos. Dá-os comtudo Moraes, e áquelle ajuncta, com Bluteau, o exemplo: « estrepito de vozes novas, a que chamão *cultura* », tomado ás primeiras linhas de uma obra escholar vulgarissima, a *Vida de D. João de Castro*.

Denuncio estes factos. Ao sr. A. Coelho, o auctor do recente opusculo *Sciencia e Probidade*, e de outro já annunciado com o titulo *Os costumes litterarios em Portugal*, não pedirei explicação d'elles. Havia de responder-me que « no *Diccionario* é a parte da introducção sôbre a lingua portuguesa a unica cousa em que tem responsabilidade ».]

Ha alguma differença entre estas pomposas jactancias e as singelas palavras de Grimm: « A minha divisa é — *Antes apprender que ensinar* » [1]; mas tambem o grande Goethe dizia que a modestia só convem aos maltrapilhos.

« O proprio erro que o sr. Innocencio Francisco da Silva me nota, reduz-se á simples ignorancia de um poncto de archeologia, e não de glottica; ignorancia que eu reconhecia já, quando publiquei o primeiro fasciculo do meu livro. « Não sabemos, « dizia eu, que em Portugal se tenha encontrado algum d'esses « singelos monumentos (os dolmens, etc.) do sentimento reli- « gioso dos celtas ».

« E effectivamente não sabia; confessava a minha ignorancia a esse respeito. Agora o sr. Innocencio pretende dar-me uma licção, dizendo-me que já cento e trinta annos antes de eu escrever essas palavras, « Martinho de Pina e Proença lia na Academia da « Historia Portuguesa um *Discurso sôbre os antiquissimos e rudes « altares que se acham em varias partes de Portugal, e que vul- « garmente se chamam antas* », citando-me os *Monumentos prehistoricos* publicados pelo dr. F. A. Pereira da Costa no anno em que sahiu o meu livro, e creio que anteriormente a elle; accrescentando que, « dias depois da apparição da *Lingua*, o « sr. José Silvestre Ribeiro, em folhetim inserto na *Revolução « de Septembro* de 8 de septembro de 1868, nos fala de uma « relação de mais de trezentos dolmens existentes e conhecidos « em Portugal ».

« Ha perto de dous annos que li todos esses escriptos mencionados pelo sr. Innocencio Francisco da Silva, afóra as *Viagens de Kinsey* e a *Nova Thebaida Portuguesa*, em que se acham mencionadas varias antas; não me diz pois nada de novo o sr. Innocencio Francisco da Silva.

« Noto ainda uma cousa nessa passagem: é que o auctor d'ella não leu o livro do dr. Pereira da Costa, alias não repetiria outro erro meu por sua propria conta.

« Eu olhava no meu livro os dolmens como monumentos celticos, e como taes os olha o sr. Innocencio; mas depois

[1] Jacob Grimm, *Rede auf Wilhelm Grimm*, 3ª ed., pag. 17. Berlin, 1865.

pude ler alguns dos principaes trabalhos recentes acêrca dos monumentos megalithicos e reconheci que, com muitas boas razões, os celtas tinham deixado de ser considerados como os constructores dos dolmens. Essas pedras remontam a um periodo anterior áquelle em que os povos indo-germanicos habitaram a Europa. Os principaes dolmens pertencem, segundo Lyell, á 3ª edade de pedra, á epocha das palafittas.

« No livro do sr. Pereira da Costa acham-se mencionadas essas novas vistas da sciencia acêrca dos dolmens; v. p. 55 e sqq. Se o sr. Innocencio o tivesse lido, em vez de se contentar com ver-lhe as estampas e copiar-lhe o titulo, teria evitado repetir, como eu, uma opinião falsa, e teria tido o prazer de descobrir mais um erro no meu escripto ».

Partamos em pequeninos o pão da sapiencia do sr. Adolpho Coelho.

« Reconheci que os celtas tinham deixado de ser considerados como os constructores dos dolmens. — Os principaes dolmens pertencem, segundo Lyell, á terceira edade de pedra, á epocha das palafittas. — No livro do sr. Pereira da Costa acham-se mencionadas essas novas vistas da sciencia acêrca dos dolmens ».

É rigorosamente exacto: acham-se mencionadas, de feição que o sr. Adolpho Coelho não teve mais que abrir o livro em duas passagens [1] para colher a mãos plenas o que nos dá como fructo da leitura dos *principaes trabalhos recentes acêrca dos monumentos megalithicos*. E se não fosse o seu proposito de escurecer, sempre e com a obstinação de um logar commum, tudo quanto é nosso e póde interessar á honra da nação, ahi mesmo notaria que essas *novas vistas* não são novas e estavam vistas

[1] « A ultima edade da pedra, 3ª segundo o sr. Lyell, 4ª segundo o sr. Gervais, é a epocha das palafittas ou das habitações lacustres e das turfeiras da Dinamarca, e tambem, segundo o sr. Lyell, a epocha dos principaes dolmins ». — « Tendo-se reconhecido que os dolmins, por muito tempo attribuidos aos celtas, não são obra d'estes povos, que não occuparam muitos dos payses em que estes monumentos se encontram, alguns archeologos teem adoptado, para designarem os constructores d'estes monumentos, o nome de *proto-celtas....* » (*Noções sôbre o estado prehistorico da terra e do homem, seguidas da descripção de alguns dolmins ou antas de Portugal*, Lisboa, 1868, p. 40 e 55.)

em Portugal, onde Martinho de Pina, em 1733, enunciára a opinião, hoje mais geralmente seguida, que adscreve á edade da pedra e considera anteriores á do ferro os mais antigos dolmens [1].

Quando Biot, quando Roget de Belloguet, e antes d'elles João Reynaud, inquiriam dos textos sacros o pensamento da architectura celtica, que outra cousa faziam senão renovar as indagações, já entre nós ignoradas ou esquecidas, do obscuro archeologo português? [2]

[1] « É digno de notar-se que Mendonça de Pina tivesse esta mesma opinião, e a exprimisse com toda a segurança nas seguintes phrases: « As *antas* mostram claramente a rudeza do seculo em que se eri- « giram, e serem d'aquellas edades *aureas* em que o *ferro*, escondido « nas entranhas da terra, não tinha ainda ou lavrado, ou despedaçado « as producções informes da natureza, pois, pondo-se todo o primor « da arte sempre nos edificios *sacros*, não terem estes lavor algum « architectonico, mostra a rudeza que teriam os edificios vulgares, e « que o cuidado e grandeza de seus auctores só se empenhou em bus- « car, conduzir e levantar penhascos grandes e informes em que ca- « sualmente se achava figura mais proporcionada ao seu uso ». (*Noções*, pag. 45.)

[2] « Noé, que na restauraçaõ do Mundo offereceo sacrificios, e levantou Altares, he crivel, que os fizesse de pedra naõ lavrada como as nossas Antas; porque naõ havia de querer dilatar o sacrificio o tempo, que gastava em lavrar, e polir as pedras para o Altar, ainda que supponhamos, que tinha os instrumentos para isso necessarios. Seus netos he provavel, que conservariaõ o uso de Aras toscas, imitando fielmente os ritos de quem lhe tinha participado os dogmas da religiaõ; e assim se infere do Capitulo 20. do Exodo, que para differença contradistinctiva da Idolatria, manda fabricar (em quanto se naõ preparava o Tabernaculo) hum altar de pedra, que naõ fosse cortada ao ferro. — ... O Altar *infinitæ magnitudinis*, que os dous Tribus e meyo levantaraõ junto ao Jordaõ, em a fórma, e grandeza semelhante às nossas Antas, era hum monumento, que clamava aos vindouros: *el Elohim Jehova*, ou em vulgar, *Deos verdadeiro, he o Deos dos Deoses* ». Mendonça de Pina (*Noticias da conferencia, que a Academia Real da Historia Portugueza fez em* 30. *de Julho de* 1733; na *Collecçam dos Documentos, e Memorias*, 1733, parte II, nº XVI, pag. 15 e 17.) — « Ils [les Celtes] conservaient immuablement, de génération en génération, toutes les lois qui avaient eu cours dans leur berceau, et celle qui leur prescrivait ces monuments, que nous nommons de pierre brute, et qu'il serait plus philosophique de nommer de pierre vierge, était certainement de ce nombre. Non-seulement ses caractères intrinsèques l'indiquent, mais sa présence, dans le code le plus important de la haute antiquité, le démontre plus formellement encore. En effet, cette même loi, que les monuments nous font soupçonner chez les Celtes, se retrouve en toutes lettres chez les Hébreux. Elle appartenait à leurs patriarches qui, en quittant le berceau primordial, l'avaient portée avec eux dans le Midi, comme les Celtes dans l'Occident; et aussi les voit-on, au sortir d'Égypte, y faire retour, non par ignorance sans doute, ni par barbarie, puisqu'ils sortaient justement du foyer même de l'architecture

« Essas pedras remontam a um periodo anterior áquelle em que os povos indo-germanicos habitáram a Europa [1]. —

savante, mais par esprit de nationalité. « Si tu m'élèves un autel de « pierres, dit le Seigneur dans l'Exode, tu ne le feras point avec des « pierres taillées. Si tu y mets le ciseau, il sera souillé. » La loi était si bien dans la mémoire du peuple, qu'elle est répétée dans le Deutéronome. « Tu élèveras un autel au Seigneur ton Dieu avec des « pierres que le fer n'aura point touchées, avec des rochers informes « et non polis. » Voilà la clef des monuments druidiques; et, si la Judée était demeurée aussi fidèle aux institutions patriarchales que la Gaule, en Judée comme en Gaule, les archéologues n'apercevraient d'autres monuments, jusqu'à l'époque de la conquête romaine, que des dolmens et des menhirs. — Chose étrange! pour avoir l'intelligence de l'architecture celtique, ce sont donc les livres hébreux qu'il faut ouvrir! Non-seulement Abraham, comme les druides, cherche, pour offrir ses holocaustes, des forêts de chênes et non des temples; mais, par une conséquence du même principe, s'il veut des autels, il dresse des pierres.... » J. Reynaud, *De l'architecture sacrée*, 1847 (*L'Esprit de la Gaule*, Paris, 1866, pag. 39-40). — « Enfin on peut se rappeler encore que Jacob, après sa vision, prit la pierre sur laquelle il avait appuyé sa tête, et la dressa pour indiquer le lieu où le Seigneur lui avait révélé les destinées de sa race; *erexit in titulum*, dit le texte. Cette pierre commémorative est donc un véritable *menhir*. L'autel en pierres brutes, érigé par Josué, est un *dolmen*, et les douze pierres du Jourdain formaient ce qu'on appelle dans notre Bretagne un *cromlech*. Quelquefois la pierre debout indiquait une limite de pays, ou encore une tombe; ainsi Jacob éleva une pierre sur la sépulture de Rachel. L'Écriture sainte nous fournit donc l'explication la plus vraisemblable de ces pierres levées, de ces enceintes, de ces tables de pierre que l'on a longtemps considérées comme des attributs spéciaux de la religion druidique ». Eduardo Biot, *Mémoire sur quelques anciens monuments de l'Asie analogues aux pierres druidiques*, Paris (1849?) pag. 2.

[1] « L'ensemble des faits connus ne permet pas de placer au-dessous de l'an 20000 avant l'ère chrétienne, les premières colonies qu'ils [les Japhétites] poussèrent vers le Sud et vers l'Ouest. Un des premiers rameaux détachés, paraît être celui de CELTES qui partirent quand la langue de leur patrie primitive était encore un peu inculte. On ignore par quelle route et en quel temps ils arrivèrent en Europe, et la même ignorance plane sur les stations premières des peuples GERMAINS, qui essaimèrent un peu plus tard ». G. Rodier, *Antiquité des races humaines; reconstitution de la chronologie et de l'histoire des peuples primitifs par l'examen des documents originaux et par l'astronomie*, 2ª ed., Paris, 1864, pag. 180. — « M. Pruner-Bey, ainsi que le plus grand nombre des auteurs modernes, fait venir les Celtes de l'Asie, et il voit des traces de leur passage dans les populations celtiques échelonnées entre l'Asie et l'Atantique; mais, indépendamment des considérations naturelles, les documents historiques sont contraires à cette manière de voir, car toutes les invasions gauloises dont ils parlent ont été dirigées de l'ouest à l'est. J'avoue, du reste, que la question des Celtes est obscure ». J. d' Omalius d' Halloy, *Origines indo-européennes (Bulletins de la Société d'Antropologie de Paris*; t. V, 1864, pag. 267). — « È fuori d'ogni dubbio, che i popoli indoeuropei sono partiti da un solo centro geografico. Ma se questo centro geografico debba cercarsi in Asia oppure in Europa, è finora controverso, ed incerto ». Lignana, *Le Trasformazioni delle specie e le*

No livro do sr. Pereira da Costa acham-se mencionadas essas novas vistas. Se o sr. Innocencio o tivesse lido, em vez de se contentar com ver-lhe as estampas e copiar-lhe o titulo, teria evitado repetir uma opinião falsa ».

Mas, se de alguem se póde dizer que copiou a obra a vulto, é do sr. Adolpho Coelho, ao fazer sua, sem attenção ás palavras que immediatamente se lhe seguem [1], a indicação de uma *terceira* edade da pedra, tão pouco recebida na sciencia [2], não unanime até agora em reconhecer a existencia de

tre epoche delle lingue e letterature indo-europee, Roma, 1871, pag. 18. — [« L'époque de l'arrivée des premiers aryens dans nos pays est donc très-problematique. Il est certain qu'ils y étaient à l'époque de la pierre polie, — les sépultures de cet âge sont là pour l'attester, — mais il est à croire qu'ils y vinrent déjà antérieurement.... Si donc nous trouvons les populations aryennes très-denses déjà en Europe, à l'époque de la pierre polie, c'est que le mouvement ethnique qui les portait vers l'Occident était depuis longtemps commencé. Les générations se succedèrent les unes aux autres comme les flots d'une marée montante formant autant d'alluvions successives distinctes par leur industrie et leur dégré de culture intellectuelle. C'est ainsi que nous voyons apparaître tout à coup la civilisation dite de la pierre polie, importée, selon toute apparence, par une émigration celtique, ou transmise de proche en proche à travers la lande et la forêt ». Adriano Arcelin, *La Question préhistorique*, Paris, 1873, pag. 22-23. Cfr. pag. 26.]

[1] « As oscillações que tem soffrido a lei do progresso na vida da humanidade tornam extremamente difficil a delimitação das edades em que se divide a duração da especie humana.— ... Quando se tracta de referir os restos da industria humana prehistorica, achados em uma dada região, á epocha a que realmente pertencem, podem commetter-se graves erros, porque o emprego de taes materias [« as substancias empregadas no fabrico das armas e dos utensilios »] não começou nem acabou simultaneamente em todas as regiões habitadas pelo homem: ha ainda hoje povos que, pelas armas e instrumentos de que se servem, se acham na sua edade da pedra; sabe-se de outros que passaram da edade da pedra á do ferro, já nos tempos historicos, sem passarem pela edade intermedia do bronze ». (*Noções sôbre o estado prehistorico da terra e do homem*, pag. 41-42.)

[2] Lubbock, *Pre-historic Times*, Londres (Hertford), 1865, pag. 60; Hamy, *Précis de paléontologie humaine*, Paris, 1870, p. 3; H. le Hon, *L'Homme fossile en Europe*, 2ª ed., Bruxellas, 1868, pag. 113; Paulo Gervais, *Recherches sur l'ancienneté de l'homme et la période quaternaire*, Paris, 1867, pag. 14, 17; A. de Quatrefages, *Rapport sur les progrès de l'anthropologie*, 1867, pag. 174, 398; P. Broca, *Mémoires d'anthropologie*, t. I, 1871, pag. 35-36; Baer, *De l'état primordial de l'homme en Europe (Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, V, 1864, pag. 219); C. Vogt, *Vorlesungen über den Menschen, seine Stellung in der Schöpfung und der Geschichte der Erde*, t. II, licção XII, Giessen, 1863; Huxley, *Evidence as to Man's place in Nature*, 3ª ed., cap. III, Londres, 1864, etc. [Veja no vol. VII da revista mensal *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*

uma só edade a que propriamente caiba tal nome [1], e menos portanto as suas inculcadas subdivisões em edades ou phases distinctas. « Nenhuma prova ha — declara resolutamente o duque de Argyll — de que taes edades existissem nunca no mundo » [2].

Saberia acaso o sr. Adolpho Coelho responder em que obra de Lyell se acha indicada, com a designação de terceira, essa era recente da pedra? Não é nos *Elementos de geologia.* Não é nas *Provas da antiguidade do homem*, livro em que o auctor se limita a admittir a successão chronologica de periodos estabelecida, sob os nomes de edade da pedra, edade do bronze e edade do ferro [3], pelos antiquarios e naturalistas da Suecia e da Dinamarca [4]. Não é nos *Principios de geologia.* Ahi

(Toulouse, 1872, pag. 323-331 e pag. 513) Forel, *Essai de chronologie archéologique*; Cartailhac, *Sur l'intervalle des deux grandes périodes de la pierre*; Hildebrand, *Aire géographique de l'âge de la pierre.*]

[1] Lubbock, *The Origin of civilisation and the primitive condition of Man*, 2ª ed., Londres, 1870, pag. 398; *Pre-historic Times*, 1865, pag. 61; Büchner, *L'Homme selon la science*, trad. de Letourneau, parte I, Paris, 1870, pag. 81; Desor, *Les Palafittes du lac de Neuchâtel*, 1865, pag. 109, nota.

[2] « For here I must observe that Archæologists are using language on this subject which, if not positively erroneous, requires, at least, more rigorous definitions and limitations of meaning than they are disposed to attend to. They talk of an Old Stone Age (Palæolithic), and of a Newer Stone Age (Neolithic) and of a Bronze Age, and of an Iron Age. Now, there is no proof whatever that such Ages ever existed in the world ». (*Primeval Man; an Examination of some recent speculations*, Londres, 1869, pag. 180-181.)

[3] [« Il n'y a pas jusqu'à cette distinction d'âges de pierre, de bronze, de fer, adoptée pour marquer les étapes de l'homme dans la voie de la civilisation, qui ne soit souvent arbitraire. (La direction du Musée central romano-germanique de Mayence a abandonné cette classification dans son second volume, après l'avoir admise dans le premier). H. de l' Épinois, *Critiques et réfutations; M. Henri Martin et son « Histoire de France »*, Paris (Le Mans), 1872, pag. 15. — « Siffatte epoche si succedono, ma poi s'intrecciano, e il bronzo al ferro si disposa e la pietra ad entrambi. La Preistoria monumentale, interrogando i monumenti ritrovati, induce da essi quali furono gli usi, i costumi, i riti dei popoli primitivi. I suoi documenti sono positivi, ma sinora pochi, come insufficienti sono ancora quelli della Geologia per fornire le prove dirette a trasformare in teoria pienamente dimostrata l'ipotesi darwiniana sulla origine dell' uomo ossia sulla sua discendenza ». N. Marselli, *La Scienza della Storia*, t. I, *Le Fasi del pensiero storico*, Turin, 1873, pag. 9.]

[4] *The Geological Evidences of the Antiquity of Man*, 3ª ed., pag. 9. Londres, 1864.

(ultima edição, cap. x) adopta para a epocha da pedra [1] a distincção em dous periodos, paleolithico e neolithico, proposta por Lubbock.

A rigor não fôra indifferente dizer-nos tambem o sr. Adolpho Coelho onde dá Lyell a terceira edade da pedra como a epocha das palafittas [2], alias por elle referida ou simples-

[1] « Notons que cet âge fantaisiste n'a été inventé que pour prouver l'existence de l'homme préadamique. On n'avait pas besoin de cette argumentation folle: nos grands, nos vrais savants, Laplace, Bailly, Buffon, Arago, Humboldt, avaient parlé de l'existence antéhistorique de l'homme à tous ceux qui savent lire; ils l'avaient même démontrée ». J. Denizet, *Les Mensonges de la science et le Musée rétrospectif de Saint-Germain*, Paris, 1868, pag. 30.— « Notons de même que l'absence dans les tombes de métaux et la simple présence d'ustensiles en pierre ne décide rien de l'âge, pas plus que l'éxecution plus ou moins parfaite de ces derniers (Streenstrup contre Worsaae). Pour décider de l'âge dans les grottes et les terrains où l'on trouve les traces de la présence de l'homme, il faut s'environner des données géologico-paléontologiques. Même règle pour les tombes où l'archéologie finit par remplacer les sciences précitées, surtout aux époques plus rapprochées de la nôtre ». Pruner-Bey, *Sur l'origine asiatique des Européens (Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, t. V, 1864, pag. 234).— « Autant on se faisait gloire, hier encore, d'être la plus récente des créatures; autant, aujourd'hui, on prétend à une incommensurable antiquité. Une fois dans ce chemin, craignons que l'illusion s'en mêle. Où nous arrêter dans cette prise de possession et ce débordement des âges géologiques? La moindre entaille sur un ossement fera l'effet sur nous des pas de Vendredi sur le sable. N'allons pas nous égarer dans ce mirage à la recherche d'un berceau qui s'éloigne toujours. Croyons-nous allonger notre vie en nous donnant ces quartiers de noblesse qui vont à l'infini? Vérifions avec soin notre arbre généalogique. Avec tant de science, il serait fâcheux de nous tromper de quelques milliers de siècles sur notre jour de naissance ». Edgar Quinet, *La Création*, t. II, Paris, 1870, pag. 40-41.— [« Emfim o que parece certo é que o synchronismo universal das edades da pedra, do bronze e do ferro não existiu. Muitos povos das ilhas do Pacifico, da Australia, das duas Americas, etc., ainda estão na edade da pedra, como é sabido. O Mexico e o Perú quando foram descobertos pelos hispanhoes estavam na sua edade do bronze, e da historia da conquista do Mexico consta que nesta região se fabricavam os sabres de madeira, formando-lhes o gume com laminas cortantes de silex lascado embutidas em ranhuras apropriadas». Carlos Ribeiro, *Relatorio acêrca da sexta reunião do Congresso de Anthropologia e de Archeologia Prehistorica, verificada na cidade de Bruxellas no mez de Agosto de* 1872, Lisboa, 1873, pag. 81.— « Il ne faut donc pas juger de l'âge de la pierre polie, en général, par ce qui se passait dans l'Europe occidentale; on risquerait peut-être de tomber dans une erreur aussi grave que si l'on prétendait caractériser le développement de l'humanité au dix-neuvième siècle par les mœurs des Australiens, des habitants du Groënland, de la Terre-de-Feu ou de l'Afrique centrale ». A. Arcelin, *La Question préhistorique*, Paris, 1873, pag. 25.— Cfr. Moreau de Jonnès, *L'Océan des anciens et les peuples préhistoriques*, 1873, pag. 54.]

[2] Du moment que nous préconisons les méthodes géologiques et

mente ao periodo neolithico [1] ou conjunctamente ás edades da pedra e do bronze [2]; mas bem sinto que estes problemas da divisão dos tempos antehistoricos, embora acclamada como um dos grandes progressos da sciencia anthropologica [3], são

paléontologiques pour l'étude de nos antiquités lacustres, on comprendra que nous ayons dû nous imposer la plus grande réserve quant à la détermination de l'âge de nos différentes palafittes. Il ne peut guère être question de dates que pour l'époque du fer ». E. Desor, *Les Palafittes ou constructions lacustres du lac de Neuchâtel*, Paris, 1865, pag. VIII. — « Dans tous les lacs de la Lombardie ou a trouvé d'anciennes stations dont M. Marinoni a fait une très-belle monographie; sept dans celui de Varese, desquelles quatre appartiennent à l'âge de la pierre, les autres au commencement de l'âge du bronze. Neuf stations du lac de Garda sont connues, deux d'entre elles peuvent se rapporter a l'époque néolithique, et une à la première époque des métaux ». Conde Gozzadini, *Congrès d'Archéologie et d'Anthropologie Préhistoriques, session de Bologne; discours d'ouverture*, Bolonha, 1871, pag. 7. — [« Il importe d'abord de constater que l'on comprend sous le nom d'âge du bronze plusieurs époques, et que l'on y rapporte des types bien divers: les terramares, les palafittes, les cimetières, comme Hallstadt et Saint-Jean-de-Maurienne, les tumuli de l'Allemagne, les galgals de la Bourgogne, etc. » E. Desor, *Liaison des temps antéhistoriques et historiques (Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*, vol. VII, Toulouse, 1872, pag. 99). — « Cette découverte [a das palafittas do lago de Paladru] est des plus importantes, car elle agrandit singulièrement dans nos pays, et de la façon la plus inattendue, la sphère des palafittes. Voilà, en effet, des habitations lacustres, non plus seulement de l'âge de la pierre ou du bronze, mais de l'époque carlovingienne. Comment se fait-il toutefois que l'histoire n'en fasse aucune mention? » (*Matériaux*, vol. cit., pag. 282.) — « L'examen des débris nombreux et variés trouvés au fond des lacs de la Suisse, a permis de constater l'existence des cités lacustres pendant les trois âges de l'archéologie. En d'autres termes, les âges de pierre, de bronze et de fer y sont également réprésentés ». D. Riolacci, *L'Ancienneté de l'homme prouvée par l'exploration des cavernes et des cités lacustres*, Paris, (Dijon), 1873, pag. 42. — Cfr. Lubbock, *Pre-historic Times*, Londres, 1865, pag. 125 e 169; A. de Quatrefages, *Rapport sur les progrès de l'anthropologie*, Paris, 1867, pag. 174-175; S. H. Berthoud, *Les Os d'un géant, histoire familière du globe terrestre avant les hommes*, Paris (1868), pag. 286. — « A construcção de cabanas sôbre estacas ainda hoje se usa em Portugal juncto á costa maritima para habitações de pescadores. Na Asia e na Africa as habitações lacustres estão ainda em uso, como se referiu no Congresso e é sabido por todos que se dão a este genero de estudos ». Carlos Ribeiro, *Relatorio acêrca da sexta reunião do Congresso de Anthropologia e de Archeologia Prehistorica*, Lisboa, 1873, pag. 84.]

[1] *Principles of Geology*, 10ª ed., t. II, cap. XLVII. Londres, 1866.

[2] *Elements of Geology*, cap. x (pag. 125 da ed. novissima, 1871).

[3] P. Broca, *Les études anthropologiques depuis dix ans en Europe et en Amérique (Revue des cours scientifiques de la France et de l'étranger*, VI, Paris, 1869, pag. 528).

cheios de difficuldades [1]. « Qui sait », pergunta o auctor da *Epopeia terrestre*, André Lefèvre, já pelos seus chamado o Lucrecio do seculo XIX,

> Qui sait combien d'essais et de siècles stériles
> Séparent nos mentons des mâchoires fossiles?

E um dos collaboradores da *Carta geologica de França*, de

[1] « Je partage les idées émises par notre collègue, M. Broca, en ce qui concerne les monuments de l'âge de pierre, mais je diffère complétement de celles de M. Pruner-Bey. Je ne pense pas comme lui qu'il n'y ait qu'un seul âge de pierre.... Trois âges de pierre bien distincts, je dirais presque quatre, nous sont révélés jusqu'à ce jour. Ils se déterminent par la nature et la comparaison des objets divers qu'ils ont produits ». Leguay, *Sur l'âge de pierre (Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, t. V, 1864, pag. 415). — « Quant à la division de l'âge de pierre en diverses époques, je ne crois pas qu'il soit aujourd'hui possible, dans l'état actuel de nos connaissances en archéologie, d'établir cette division d'une manière claire et rigoureuse ». Dureau (*Bulletins*, pag. 419). — « La chronologie relative antéhistorique de la Gaule peut se diviser on deux âges. I. *Age de la pierre* se subdivisant en longues époques et se terminant aux dolmens, qui même sont, en partie, des temps de transition entre la pierre et le métal. II. *Age du métal* subdivisé en : 1º *Époque du bronze*, avec habitations lacustres ; caractérisée par les haches et les faucilles en bronze ; 2º *Première époque du fer*, avec des milliers de tumulus; caractérisée par l'introduction des fibules et l'usage des feuilles de bronze, plus ou moins ornées au repoussé et parfois roulées pour former des objects de parure ; 3º *Époque des monnaies*, caractérisée par ses armes en fer, surtout par ses épées spéciales, à fourreau de même métal ». G. de Mortillet, *Le Signe de la Croix avant le christianisme*, Paris, 1866, pag. 181-182. — « Je n'ai pas osé diviser, d'après leur âge relatif, les objets de notre période de la pierre en deux classes, comme l'a fait M. Worsaae pour le Danemark, où la première classe renferme les « Kjœkkenmœddings » et les trouvailles faites sur les côtes à Egö et ailleurs, et la seconde les monuments mégalithiques, car je n'ai pas trouvé des caractères assez différents pour justifier une telle division ». Nilsson, *Les Habitants primitifs de la Scandinavie*, parte I, trad. do sueco por Kramer, *L'Age de la pierre*, Paris, 1868, pag. XIII. — [« Onze ans plus tard (1864), Spring lut, à la séance publique de la classe des sciences, un discours sur *Les hommes d'Engis et les hommes de Chauvaux*.... Il cherche à établir une chronologie dans ce qu'on a appelé l'âge de pierre. Une première période, *pré-glaciaire*, se rapporterait à l'homme tertiaire, qui aurait été réellement le contemporain de l'*Elephas meridionalis*, la seconde, *post-glaciaire*, comprend, entre autres, l'homme d'Engis, contemporain du mammouth; la troisième, *diluviale*, de l'homme de Chauvaux, possède surtout le renne et quelques espèces en voie de se retirer vers le Nord ou dans les hautes montagnes; enfin, la quatrième, *mixte* ou *celto-germanique*, nous offre les armes et les ustensiles de pierre mêlés à des armes de bronze et de fer ». Dewalque, *Rapport séculaire sur les travaux de la classe des sciences*, p. 65 (*Académie Royale de Belgique, centième anniversaire de fondation*, t. II, Bruxellas, 1872). — « Tout récemment M. Dupont a publié un ouvrage qui a pour titre: *L'homme pendant les âges de la pierre dans les en-*

Lapparent, provavelmente melhor geologo que poeta, considera:

> Certes, je sais fort bien qu'il n'est pas inutile
> De jeter quelque jour sur ces points ténébreux,
> De rechercher si l'*homme* est ou n'est point *fossile,*
> Afin d'élucider ce qui reste douteux;
> Mais devant un sujet d'aussi grande importance
> Il faudrait que chacun se laissât pénétrer
> D'un très-vif sentiment de son insuffisance
> Et réfléchît sept fois avant que d'y entrer! [1]

Deixo pois o incidente das habitações lacustres, pejado de todo o acompanhamento de nomes barbaros — *Pfahlbauten,*

virons de Dinant-sur-Meuse. Bruxelles, 1871. Ce livre renferme le résumé des recherches entreprises depuis cinq à six ans. L'auteur reconnait, comme dans ses travaux antérieurs, trois périodes dans l'âge de la pierre, celle du Mammouth, celle du Renne et celle de la pierre polie ». P. J. Van Beneden, *Rapport sur les travaux de zoologie*, p. 63 (*Centième anniversaire*, vol. cit.) — « M. Dawkins vient tout récemment, à la Société géologique de Londres, de critiquer et de changer les trois époques proposées par Lartet. Notre collègue du Congrès, M. Hamy avait déjà précédemment modifié ces divisions et nous voyons notre savant et actif Secrétaire général, M. E. Dupont, réduire à deux les époques de la pierre taillée: 1º L'époque du Mammouth et du grand Ours réunis, qu'il désigne sous le nom d'époque des animaux éteints, la plus ancienne. 2º L'époque du Renne, qu'il nomme époque des animaux émigrés, la plus récente. Cette divergence d'opinions, entre des paléontologues de premier ordre, suffit pour démontrer qu'il n'est pas possible d'établir, pour la période de la pierre taillée, des divisions nettement caractérisées par la faune. — ... Il faut rejeter les divisions basées sur la faune, et en établir de nouvelles sur les données industrielles. C'est ce que j'ai fait. En étudiant avec soin la période de la pierre taillée ou période paléolithique, j'ai reconnu qu'elle pouvait très bien former deux grandes subdivisions industrielles. La première, la plus longue et la plus ancienne, pendant laquelle l'homme ne se servait que d'instruments en pierre. La seconde, plus récente, caractérisée par l'apparition d'instruments en os et en bois de cervidés, qui ont pris un grand développement et remplacé en partie les instruments en pierre. Cette partie de la période paléolithique avec instruments en os, offre un ensemble assez homogène pour ne former qu'une époque. L'autre partie de la période paléolithique, c'est à dire, celle qui ne fournit que des instruments en pierre, est plus variée et peut se subdiviser encore en trois époques bien distinctes, ce qui porte à cinq les époques de l'âge de la pierre ». G. de Mortillet, *Classification des diverses périodes de l'âge de la pierre (Congrès International d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistoriques, compte rendu de la 6e session, Bruxelles*, 1872, pag. 433, 435. Bruxellas, 1873). — « Je ne puis être de l'avis de l'honorable préopinant, M. de Mortillet, lorsque, parlant de l'âge de la pierre, il la divise en différentes époques: âge glaciaire, âge du Mammouth, âge du Renne, etc. En m'écartant de cette opinion, je sais bien que je suis en contradiction avec la manière de voir adoptée en France et en Belgique, mais les faits valent mieux que les raisons et je vais vous opposer des faits observés en Allemagne.... » O. Fraas, *o. c.*, pag. 454.]

[1] « On ramasse dans les champs des cailloux, des pierres, plus ou moins taillés, plus ou moins polis; vite un système: ce sont nos an-

Kjökkenmöddings, *Kitchen-middens*, *Skovmoser*, *Kjörmoser* —, e volto ao sr. Adolpho Coelho e á pagina do folheto onde allega que o erro notado no *Diccionario bibliographico* se reduz á ignorancia de um poncto de archeologia e não de glottica. Livro de glottica, livro elementar, a *Grammaire historique* de Augusto Brachet lança terminantemente, no mais acceso do pleito, a seguinte asserção [1]: « Remarquons en passant que les monuments de pierre qu'on désigne en France par le nom de *celtiques* (dol-men, men-hir, etc.) ne viennent sans doute point des Gaulois, et que ces prétendues pierres *druidiques* n'eurent jamais rien de commun avec les Druides. Un savant danois, M. Worsaae, et en France M. Prosper Mérimée, ont démontré récemment que ces monuments appartiennent à une huma-

cêtres antédiluviens, espèces de sauvages habitant des cavernes, qui, dédaignant ou ignorant les métaux, avaient imaginé des armes et des outils en pierre.... Voyez encore: On a retiré du fond des lacs suisses des ustensiles de ménage, des poteries, des objets en métal; on y a découvert des vestiges d'habitations; vite un autre système: le système des populations lacustres. Et nous voilà avec d'autres ancêtres qui, pouvant construire leurs maisons et vivre sur la terre ferme, préféraient batir au milieu des lacs, sur pilotis, dans un climat inclément, sans souci des rhumatismes et des fluxions de poitrine! » Denizet, *Les Mensonges de la science*, Paris, 1868, pag. 13. — « La seule fois que l'Académie a pris part à une enquête sur cette question [« la question si intéressante de l'histoire de l'homme avant les temps historiques »], ses représentants y ont joué le rôle de dupes, en endossant la supercherie de la fameuse mâchoire de Moulin-Quignon. On se rapelle aussi la célèbre charge à fond des académiciens contre les anciens ateliers de l'époque de la pierre taillée du Grand-Présigny; un botaniste crut y voir des restes d'ateliers de pierre à fusils, du temps qu'on en faisait une si grande consommation, lorsque nous avions maille à partir avec toute l'Europe; et, pendant quelques séances, on put croire que nous retournions aux fusils à pierre, et que les fusils à piston, ceux à aiguille et les chassepots allaient céder le pas et disparaître devant les découvertes rétrospectives de l'Académie ». J. Marcou, *La Science en France*, parte I, Paris, 1869, pag. 130. — « M. le Dr Prunières a pris ensuite la parole pour parler cette fois *d'une fausse cité lacustre*. Dans le lac de Saint-Adéol, des pilotis, des bois coupés grossièrement avaient fait croire que des cabanes s'étaient jadis dressées à la surface de l'eau.... M. le docteur Prunières a reconnu que les pilotis et les troncs d'arbres coupés portent la trace des dents de castor; c'est à ces animaux, depuis bien des années disparus du pays, qu'il faut attribuer une digue et des travaux d'art. — M. Trutat exprime l'opinion qu'il n'est pas impossible cependant que les pilotis de l'homme accompagnent ceux du castor. La question doit être encore étudiée ». *Association Française pour l'avancement des sciences, première session à Bordeaux (Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*, t. VII, 1872, pag. 467).

[1] *Grammaire historique de la langue française*, 1ª e 2ª ed., pag. 14. Paris (1867 e 1868).

nité plus ancienne: jamais aucun peuple de la race indo-européenne n'a bâti de la sorte » [1]. Opinião certamente dictada pela leitura do ensaio sôbre a *Poesia das raças celticas* de Ernesto Renan [2], o qual por sua vez se reporta a Mérimée e ás observações de Worsaae, a poncto divulgadas em França, onde o nome dos Biots parecia ter cahido em esquecimento [3].

Apezar, porêm, de Renan e dos antiquarios de Copenhague, ha quem julgue menos expeditamente esta questão, aprofundada pelo sr. Adolpho Coelho nos « principaes trabalhos recentes acêrca dos monumentos megalithicos. » Büchner, por exem-

[1] Publicado ha cêrca de vinte annos, o trabalho de Worsaae não é tão recente nem tão absoluto nas conclusões quanto d'estas palavras se poderia inferir. Permitte-me justificar a negativa um livro, de glottica tambem, que o transcreve. *Dictionnaire de linguistique et de philologie comparée (Troisième Encyclopédie théologique publiée par M. l'abbé Migne*, t. XXXIV, Paris, 1864), nota VII: « Les environs de Carnac sont célèbres par le nombre et la grandeur des dolmens qu'on y rencontre. Quant aux *allées*, il n'est pas facile de décider s'il faut en attribuer l'érection aux Celtes ou aux Druides, ni si l'on peut les rapprocher du monument de *Stone-Henge* dans la plaine de Salisbury, en Angleterre.... Sans pouvoir l'affirmer avec certitude, je dirais plutôt que les allées de Carnac, entourées de tant de dolmens, sont l'ouvrage du peuple primitif qui, avant l'invasion des Celtes, occupait le littoral de la France.... — L'origine celtique des instruments en bronze qu'on trouve en France et en Angleterre ne me semble pas douteuse. Les antiquités qui leur succèdent immédiatement sont romaines, et il est évident que c'est la civilisation romaine qui a remplacé l'*âge de bronze* dans la Gaule ».

[2] *Essais de morale et de critique*, 2ª ed., pag. 405. Paris, 1860.

[3] « Ce furent, si je ne me trompe, l'illustre Biot et le grand géographe Ritter, qui ouvrirent décidément, l'un parmi nous, l'autre en Allemagne, cette porte à la critique historique en nous montrant les tumulus gigantesques, les menhirs, les cromlechs et les dolmens répandus jusque dans l'Inde sur la surface de l'Asie ». (ROGET DE BELLOGUET, *Ethnogénie gauloise*, parte III, Paris, 1868, pag. 497.)
O 1º vol. da *Asia* de Ritter é de 1832. Mas já em Inglaterra havia conhecimento dos mesmos factos por observação anterior, que Lubbock reporta ao tempo da publicação da *India Antiqua* do Rev. Thomas Maurice (1791-1806?): « Mr. Maurice was, I believe, the first to point out, that in some parts of India, there are various monuments of stone, which " recal strongly those mysterious, solitary, or clustered monuments of unknown origin, so long the puzzle and delight of antiquaries, which abound in our native country, and are seen here and there in all parts of Europe and Western Asia ". Mr. Fergusson goes farther, and argues with great ingenuity that the " Buddhist architecture in India, as practised from the third century B. C. to seventh A. D., is essentially tumular, circular, and external, thus possessing the three great characteristics of all the so-called Druidical remains ". *Pre-historic Times*, Hertford, 1865, pag. 56. — Cfr. J. Vinson, *Instructions ethnographiques sur l'Inde dravidienne*, Paris, 1865, pag. 5.

plo, em livro recentissimo, dá ainda por meramente conjectural quanto até hoje se tem affirmado em relação assim ao destino de muitos d'aquelles monumentos como á natureza dos seus constructores [1].

Na segunda sessão do Congresso Prehistorico Internacional, celebrada em Paris em 1867, um dos antesignanos d'esta lite scientifica, Worsaae, observava: « Avouons, messieurs, que nous n'en sommes encore qu'au début de ces études.... Quand tous les renseignements seront réunis, alors seulement nous pourrons acquérir quelque certitude » [2].

E em verdade, se uns — e são hoje os mais numerosos —, se uns, como Édélestand Du Méril, consideram os dolmens monumentos funerarios [3]; se outros, como Leflocq, lhes consignam o duplo destino de jazigos e mesas de sacrificio [4]; se estes, como Hildebrand e Lukis, os teem por simples ossuarios [5], e, como Steenstrup, aquelles os figuram habitações do homem antehistorico [6], outros, como Reynaud, persistem em que a opinião que os dava por altares foi rejeitada algum tanto abso-

[1] *L'homme selon la science*, trad. de Letourneau, parte I, *D'où venons-nous?* pag. 122. Paris, 1870.

[2] *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques, compte rendu de la 2e session, Paris*, 1867, pag. 193, *Discussion générale sur les dolmens.*

[3] « Des considérations de toute nature se réunissent donc pour prouver que la plupart de ces pierres étaient des monuments funéraires: car, dans l'ignorance où l'on se trouve des mœurs et des croyances de tous les peuples qui se sont succédé dans les Gaules, il serait téméraire de ne point mettre une grande réserve dans ses affirmations ». *Essai sur l'origine, la destination et l'importance historique des monuments connus sous le nom de celtiques* (*Mélanges archéologiques et littéraires*, Paris, 1850, pag. 105).

[4] *Études de mythologie celtique*, pag. 92. Orleans, 1869.

[5] *Dolmens du Westergothland* (*Revue des cours scientifiques*, VII, pag. 167-168, Paris, 1870).— [Cfr. Oliver, *Constructions mégalithiques des îles de la Manche, leur histoire et leurs analogues*, no t. VII, pag. 314 dos *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*, Toulouse, 1872.]

[6] « Il pense donc que les peuples des kjœkenmœddings ont été tout à fait stationnaires, et il ne considère pas les temps où ils ont vécu comme différents de ceux des dolmens. Il croit que ce sont les mêmes temps, peu-être les mêmes peuples, et que les dolmens pourraient bien n'être qu'une forme de leurs habitations ». Cazalis de Fondouce, *Congrès International d'Anthropologie et d'Ar-*

lutamente [1]; e emquanto Alexandre Bertrand os faz remontar á edade da pedra polida [2], Desor e Worsaae lhes assignam periodos e esboços de civilisação diversos [3]. A diversas edades e a povos de varia origem os attribue Lubbock [4], ao passo

chéologie préhistoriques, session de Copenhague (*Revue des cours scientifiques*, t. VII, 1870, pag. 171). — Cfr. A. Geffroy, *Les études et les découvertes archéologiques dans le Nord* (*Revue des Deux Mondes*, 2º periodo, t. XLII, 1862, pag. 166).

1 *L'Esprit de la Gaule*, pag. 254. Paris, 1866.

2 *Propositions générales sur les monuments mégalithiques* (*Congrès International*, sessão de 1867, pag. 168). Veja no t. V dos *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris* a memoria intitulada *De la race qui a élevé les dolmens*, 1864, pag. 382.

3 « M. Desor éprouve quelques scrupules à admettre les conclusions du travail de M. Bertrand, qui tendraient à faire remonter les dolmens jusqu'à l'âge de la pierre.... On a d'ailleurs trouvé le bronze dans certains dolmens du midi de la France, et ce fait exceptionnel en France devient la règle en Algérie, où l'on y a même rencontré du fer ainsi qu'une monnaie romaine ». (*Congrès International d'Antropologie et d'Archéologie Préhistoriques*, sessão de 1867, pag. 218). — [« Les tombeaux en pierres brutes du midi de la France contiennent de nombreux objets en métal. Il est établi depuis plusieurs années, par les travaux de MM. Cazalis de Fondouce et Cartailhac, que ces monuments ont été élevés aux derniers moments de l'âge de la pierre polie. A l'aurore de l'âge du métal, les dolmens du Centre et du Nord de la France, les grottes sépulcrales qui les remplacent souvent, ne renferment les traces que de l'âge de la pierre pure, sans mélange du métal ». (*Congrès International*, sessão de 1872, pag. 429). — « Dans tous les pays on a élevé, à des époques très-diverses, suivant les lieux, des monuments en pierres brutes qu'il serait inexact d'assimiler aux tombeaux des primitifs habitants de la Gaule. C'est tout au plus s'il est permis de classer dans une même série les monuments de la Grande-Bretagne, ceux de la Gaule occidentale, du Portugal et de l'Algérie, qui présentent de grandes analogies de construction, avec cette différence que les uns appartiennent à l'époque de la pierre polie; les autres, ceux de l'Algérie, à l'époque du bronze, et même, paraît-il, à l'époque romaine ». A. Arcelin, *La Question préhistorique*, Paris, 1873, pag. 24.]

4 [O general Faidherbe, que, emquanto só conhecia os dolmens de Roknia, dava aquelle modo de sepultura como espontaneamente inventado pelos indigenas troglodytas de Africa, exemptos de contacto com os povos que erigiram em outras regiões tumulos analogos (*Recherches anthropologiques sur les tombeaux mégalithiques de Roknia*, Bône, 1868), veiu por ultimo a differente conclusão: « Après avoir examiné cinq à six mille autres dolmens, au Bou Merzoug, à l'Oued Berda, à Tébessa, à Gastal.... après avoir pris connaissance des travaux sur les dolmens d'Europe, nous sommes resté convaincu que le dolmen est un monument spécial, qui n'a pas été imaginé en des lieux divers par des populations sans relations entre elles; et, par suite, nous sommes porté à croire que, depuis la Poméranie jusqu'à la Tunisie, les dolmens ont été élevés par un même peuple ». (*Congrès International*, sessão de 1872, pag. 408-409). — Esta opinião foi novamente impugnada por Worsaae (*o. c*, pag. 421): « Je crois qu'on ne doit pas attribuer tous

que Bonstetten unica e exclusivamente entende referil-os a tribus pastoraes do Malabar, que, entradas na Europa pelo Caucaso, e divididas em duas correntes, uma em direcção á Grecia e á Palestina, outra ao longo do Baltico e das costas do Oceano [1], penetraram até Africa [2].

De alguns d'esses monumentos, os mesmos que Du Méril crê serviriam para determinar os limites de dous estados, pergunta o barão de Belloguet se não serão aras ou postos de observação [3]. Sôbre os *nuraghi* da Sardenha multiplicam-se

les dolmens à un seul et même peuple. Je crois que les dolmens sont une forme assez naturelle pour les tombeaux. On en retrouve encore aux Indes dans les temps très modernes, et j'estime que les dolmens des différentes parties du monde ont été élevés par des peuples de diverses races ». — O resumo da discussão póde ver-se tambem a pag. 52-54 do *Relatorio acêrca da sexta reunião do Congresso*, pelo sr. Carlos Ribeiro, chefe da secção dos trabalhos geologicos de Portugal.]

[1] « En Allemagne, Danemark, Angleterre, Irlande et France, ces monuments sont distribués de façon à faire supposer que les populations qui les ont élevés habitaient les bords de la mer et les vallées des grands fleuves et de leurs affluents. Ce fait est au moins très-sensible pour la France ». A. Bertrand, *Propositions générales sur les monuments mégalithiques* (*Congrès International*, sessão de 1867, pag. 168). — « En ce qui concerne la France, j'ai voulu, pour mon usage personnel, en dresser une carte, et je suis arrivé à une conclusion tout à fait opposée à celle de notre savant collègue M. Bertrand, c'est-à-dire que le nombre de ces monuments qui *ne se trouvent pas* près de l'Océan ou des grands fleuves est beaucoup plus considérable que le chiffre de ceux qui suivent l'eau ». Dureau, *Discussion générale sur les dolmens*, o. c., pag. 201.— [« Il me semble qu'on est tout aussi autorisé à conclure que le mouvement est parti du Midi et qu'il a suivi les côtes. Quant à ce dernier point qui est d'une haute importance, il a été constaté, en effet, que les dolmens se retrouvent surtout le long des cours d'eau qui aboutissent à la mer. Le mouvement aurait donc été, par conséquent, un mouvement littoral ». E. Desor, *Les dolmens d'Afrique* (*Congrès International*, sessão de 1872, pag. 422). — « Il n'est pas tout à fait exact de dire que les dolmens sont répandus le long des côtes et des rivières. Il y a des milliers de dolmens au sud du plateau central de la France: Aveyron, Lozère, Hérault, Gard. Ils abondent dans l'Ardèche ». Cartailhac, *o. c.*, pag. 430.]

[2] *Essai sur les dolmens*, pag. 40. Genebra, 1865.
« Supponde que a longa migração do povo dos Dolmins se effeituou como o sr. barão de Bonstetten a descreve, é forçoso admittir que imperiosos motivos obrigavam este povo a abandonar successivamente, e para sempre, os notaveis monumentos que elles tinham anteriormente elevado, com muito dispendio de força e de tempo, para guardar os restos dos seus antepassados. F. A. Pereira da Costa, *Noções sôbre o estado prehistorico da terra e do homem*, Lisboa, 1868, pag. 61.

[3] *Ethnogénie gauloise ou Mémoires critiques sur l'origine et la*

as hypotheses [1]. Antiquarios de credito contam por necropoles as *florestas de menhirs* que, segundo Keferstein, marcam na Scandinavia o logar das grandes batalhas da edade heroica. Nas construcções circulares megalithicas, de edade e procedencia não menos duvidosas, qual suppõi templos, qual tribunaes ou arenas para lucta, qual por ultimo recinctos destinados a assembleas politicas e militares [2]. Templos consagrados ao sol, templos onde cada differente pedra tinha uma significação astronomica, reputavam Colebrooke e outros antiquarios de Inglaterra [3] alguns d'aquelles mysteriosos monumentos que retalham o solo britannico... [4]

Assim, poder-se-hia quasi affirmar que ainda hoje aguardam solução as duvidas propostas ha mais de um seculo por Mendonça de Pina quanto ás nossas antas, á sua applicação, e á origem dos seus constructores, os antepassados do europeu moderno, *ce métis mille fois croisé des races allophyles et aryanes.*

parenté des Cimmériens, des Cimbres, des Ombres, des Belges, des Ligures et des anciens Celtes, parte III, *Preuves intellectuelles, Le génie gaulois*, pag. 511. Paris, 1868.

[1] [« Tutti s'accordono nel ripeterne la costruzione da un'età molto rimota, perdentesi nel bujo de' tempi preistorici; ma sono varie le opinioni circa la loro origine e destinazione, facendosene autori gli Egizii, i Fenicii, i Libii, gl'Iberi, come anche i Pelasgi, i Greci, i Tirreni, ecc., e volendo che siano chi sepolcri, chi templi, chi case, chi fortezze, ecc. ». Flechia, *Dell'origine della voce sarda « Nuraghe »; congetture etimologiche*, Turin, 1872, pag. 5.]

[2] Lubbock, *Pre-historic Times*, 1865, pag. 56; *Congrès International*, sessão de 1867, pag. 211.

[3] Du Méril, *Mélanges archéologiques et littéraires*, pag. 105, nota 2. Paris, 1850.

[4] « Le grand temple circulaire de Stonehenge, auprès de Salisbury, et de 33 mètres de diamètre, date de l'époque celtique: il était connu d'Hécatée, et Diodore nous en donne une description qui correspond avec ce qui en reste aujourd'hui.... Il ne reste naturellement que peu de vestiges des temps druidiques en Angleterre, qui n'étaient sans doute pas aussi rustiques qu'on le pense. Il y a lieu d'admettre que ces pierres brutes étaient revêtues de charpentes et de panneaux, que les temples, ainsi que les longues avenues, étaient couverts, et qu'en outre du culte qu'on y célébrait on y ouvrait à certaines époques des foires, accompagnées de fêtes. La civilisation romaine contribua fortement à effacer les restes de l'époque celtique ». Daniel Ramée, *Histoire générale de l'Architectvre*, t. II, Paris, 1862, pag. 1051.— Cfr. Lubbock, *Pre-historic Times*, 1865, pag. 53-55; Roget de Belloguet, *Ethnogénie gauloise*, parte III, Paris, 1868, pag. 517-520.

A mesma designação de *monumentos megalithicos* [1] imposta aos dolmens, foi, pouco ha, argumento de renhida controversia.

Segundo o reparo de Schuermans, os monumentos cyclopicos e o mesmo obelisco de Louqsor, formados como são de grandes pedras, mereciam tambem o nome de *megalithicos*. Como pôr limite á confusão gerada da impropriedade d'esse nome arbitrario? Em vão Alexandre Bertrand, protestando, vota que de uma vez para sempre se considerem monumentos megalithicos só os tumulos erigidos com grandes pedras brutas, ou — como mais poetica, e, se querem, mais philosophicamente se dice depois — pedras virgens. Em vão, para os distinguir do Karnac de Thebas, por exemplo, ou dos obeliscos do Egypto, que são tão megalithicos como os menhirs do Carnac bretão, lembra Belloguet que lhes chamemos monumentos *argo-megalithicos*. A confusão subsiste, e Worsaae, que a assignala, dá-se pressa em tranquillizar-nos na sua posse: « Cette confusion, qui est une suite des erreurs que nous a léguées le passé, durera encore longtemps » [2].

Ainda bem todavia que os estudos celticos, desacreditados em França pelas piedosas hyperboles de La Tour d'Auvergne e pelos excessos de uma seita que se arrogou a divisa *Celtica negata, negatur orbis*, tomam emfim em nossos dias, ao que se póde crer, o logar que de jus lhes pertencia depois das investigações de Orelli e Mommsen para a epigraphia gallo-romana,

[1] « São os monumentos *megalithicos* de varias fórmas. Uns, singelissimos, os *men-hirs*, são formados de uma unica pedra elevada em agulha; obelisco tosco, mas de um character muitas vezes severo e grandioso. Outros, mais complicados, são compostos de pedras toscas, em numero variavel, sustentadas horizontalmente por esteios tambem de pedra: são estes os que entre nós se chamam *antas*. Outros, os mais complexos de todos, apresentam-se como grandes circulos ou ellipses, formados de pedras isoladas, ou em gruppos, fechando extensos espaços: são estes os denominados *cromlechs* ». Andrade Corvo, *Revista scientifica e industrial (A America*, vol. II, Lisboa, 1869, pag. 88.) — « Em Portugal são os Dolmins descobertos designados pelo nome de *Antas*, quando assentam sôbre o solo: chamam-se vulgarmente *Mamunhas*, talvez por corrupção de Mamûa ou Mamôa, quando são construidos sôbre um monticulo artificial (tumulus) ». Pereira da Costa, *Noções sôbre o estado prehistorico da terra e do homem*, 1868, pag. 43. — Cfr. Viterbo, *Elucidario*, v. *Antas, Mamóa, Modorra*.

[2] *Congrès d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique, compte rendu de la 2e session*, pag. 198. Paris, 1868.

de Diefenbach, Ebel e Zeuss para as linguas celticas, de Siegfried, Pictet e Whitley Stokes para as inscripções gaulesas [1].

Ao eminente historiador H. Martin se deve em grande parte o impulso que esses estudos receberam. Viagens, explorações scientificas, exame de collecções numismaticas, visitas aos museus de archeologia, nenhum penso, nenhuma de tantas fadigas voluntariamente acceitas num longo transcurso de annos lhe pareceu nunca desproporcionada com o zêlo da verdade e com o interêsse da sciencia.

« Sans doute — escrevia em 1864 — il subsiste et il subsistera toujours des obscurités sur ces monuments comme sur tout ce qui regarde la Gaule, mais on a fort exagéré le mystère qui les entoure, aussi bien que leur antiquité probable, et il y a des motifs plus que suffisants pour leur conserver le nom de *celtiques* [2] dans l'ouest, le nord et le centre de l'Europe, sans repousser la qualification plus générale et indéterminée de *mégalithiques* ou monuments de grandes pierres, que des savants proposent pour indiquer que ces monuments n'appartiennent point exclusivement à un seul peuple ».

Pelo mesmo tempo em que o auctor da *Historia de França* fazia imprimir o seu estudo das *Antiquités bretonnes*, Pruner -Bey, acceitando sôbre o complexo da questão as conclusões formuladas na Allemanha por Brandes, em França pelo barão de Belloguet, declarava á Sociedade de Anthropologia de Paris:

[1] « Le monde celtique, longtemps recouvert par les couches successives des traditions romaine et germanique, achève de sortir du fond de la *grotte de pierre* où il dormait enfoui depuis de longs âges. Notre siècle semble une ère de jugement dernier pour l'histoire. De toute part la terre *rend ses morts*: tandis que l'Inde et la Perse livrent à notre génération leurs antiquités religieuses, que l'Égypte nous révèle enfin le mystère de ses hiéroglyphes, que Ninive, se levant tout à coup d'entre les collines assyriennes, rouvre à nos regards stupéfaits les palais des rois de la Bible et d'Hérodote, la Gaule, notre mère, nous rend plus que des œuvres d'art, plus que des monuments, symboles de la pensée ; elle nous rend sa pensée elle-même; son âme impérissable nous parle à travers les siècles, et nous n'en sommes plus exclusivement réduits pour connaître le génie et la croyance de nos aïeux au témoignage des races étrangères ». H. Martin, *Histoire de France*, 4ª ed., t. I, pag. xvj, Paris, 1855. — Cfr. E. Chasles, *La question gauloise (Histoire nationale de la littérature française; origines*, 1870, pag. 413-439); — [Luzel, *De l'authenticité des chants du Barzaz-Breiz*, Saint-Brieuc, 1872, pag. 15, nota.]

[2] [Cfr. C. Steur, *Ethnographie des peuples de l'Europe avant Jésus-Christ*, t. I, pag. XLVIII e 218. Gand, 1872.]

« En somme, avec les restrictions signalées, nos Celtes de l'archéologie ne renient guère leurs frères issus de l'histoire et de la linguistique. Toutefois, en ce qui concerne précisément la partie la plus délicate et la plus probante peut-être de l'archéologie, celle-ci en appelle au secours de *l'anatomie*. En effet, après avoir dépouillé son scrutin artistique et objectif, elle nous demande en dernière instance de déterminer et de classer les restes humains dont tombeaux et bijoux ne sont que l'apanage et le cortége.... Mes recherches, à ce sujet, on été faites sans opinion préconçue; elles embrassent presque tous les pays celtiques, et sont en parfait accord avec les résultats obtenus par Retzius, Huschke, de Baer, Hyrtl, His, etc. A dessein, je ne cite que des anatomistes de profession qui se sont spécialement occupés de craniologie. Enfin le type gaulois monumental, tel que les recherches mémorables de M. Roget de Belloguet l'on fait connaître, confirme les données précédentes » [1].

Annos depois, na memoria lida perante o Congresso Celtico Internacional, dizia H. Martin [2] : « Les premiers progrès de l'archéologie contemporaine ont tendu à faire enlever aux Celtes tout cet ensemble de monuments que les antiquaires du temps passé considéraient comme exclusivement celtiques [3]. De nou-

[1] *Sur la question celtique* (*Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, t. V, 1864, p. 668, 671. No mesmo vol.: Broca, *Qu'est-ce que les Celtes?*; Girard de Rialle, *De la race celtique*; Perier, *Que les vrais Celtes sont les vrais Gaulois*).

[2] *De l'origine des monuments mégalithiques* (*Revue des cours littéraires de la France et de l'étranger*, t. IV, 1867, pag. 789.) — [Sôbre as opiniões do auctor veja no t. I da *Revue celtique*, 1870 -1872, pag. 464 e segg., um artigo de H. Gaidoz.]

[3] [« On les leur conteste aujourd'hui, et, parce qu'on rencontre des monuments du même genre dans des régions qui n'ont point été habitées par nos aïeux, les Celtes ou Gaulois, au lieu d'en conclure que les constructions de pierres non taillées ont été un usage commun, dans une ère patriarchale, aux Gaulois et à d'autres peuples historiques, tels que les Juifs, les Lybiens, les Indiens, les Aryens primitifs de l'Asie centrale, etc., on les attribue en masse à un peuple antéhistorique qui aurait semé ses œuvres gigantesques à travers le monde, sans qu'il se conservât de lui aucune tradition, aucun souvenir. Ces inconnus auraient tout fait, et les peuples gaulois ou celtiques, qui ont dominé l'Occident durant une vingtaine de siècles avant l'ère chrétienne et peut-être davantage, ne nous auraient pas laissé une pierre-levée! ». H. Martin, *Études d'archéologie celtique, notes de voyage dans les pays celtiques et scandinaves*, pag. 160-161, Paris, 1872.]

veaux progrès obligent maintenant de leur en rendre au moins un certain nombre, que personne ne saurait plus leur contester depuis qu'on les a considérés de plus près » [1].

E finalmente em nota enviada ao Congresso Prehistorico de 1867, onde a sua palavra teve de justar com a dos mais esforçados contradictores da opinião celtica: « De ces diverses considérations, je conclus que l'on peut, avec une vraisemblance telle qu'il serait peut-être permis de l'appeler une certitude morale, que l'on peut, dis-je, attribuer à la race celtique les grands groupes de monuments mégalithiques de l'Occident.... Permettez-moi cependant de poser à mon tour une question. Si, malgré tant d'indices en sa faveur, on persistait à refuser ces

[1] [Supporiamos que a noticia d'estes progressos chegou tambem ao *Diccionario* de Fr. Domingos Vieira, se houvessemos de julgar pela definição que alli se acha da palavra *dolmen*. Não é mister procurar tão longe a explicação: temol-a no diccionario de Littré, como se verifica, juxtapondo os textos:

† *DOLMEN ou DOLMIN,* s. m. — ÉTYM. *Gaël.* tolmen, *table de pierre,*
† **DOLMÉN,** *s. m.* (De gael. *tolmen,* taboa de pedra,

de tol, *table, et* men, *pierre.* — *Monument formé d'une grande pierre plate*
de *tol,* taboa, e *men,* pedra). Monumento formado d'uma grande pedra chata

posée sur deux pierres dressées verticalement, qu'on trouve en
posta sobre duas pedras levantadas verticalmente, que se encontram em

différentes parties de l'Europe, surtout dans l'Armorique et en Angleterre,
differentes partes da Europa, sobretudo em Inglaterra,

qu' on attribue généralement aux druides et aux Celtes, et que d'autres
que se attribue geralmente aos druidas e aos celtas, e que outros

disent appartenir à un peuple antérieur et plus sauvage.
dizem pertencer a um povo anterior e mais selvagem.

Não diz mais a monumental publicação portuguesa, que, no pouco que dá, nos dá muitissimo. Aqui temos, pelo lado da syntaxe: « Monumento que se *encontram*, que se attribue »; pelo lado da traducção: « *table de pierre*, taboa de pedra »; pelo da traducção e da archeologia: « *surtout dans l'Armorique et en Angleterre*, sobretudo em Inglaterra ». Uma vez, porêm, que o *Grande Diccionario* offerece « discussões completas sôbre a orthographia, grammatica, etc., tudo isto abonado com riquezas extrahidas de escriptores classicos, e que podem servir de documentos para a historia da origem e introducção de cada palavra », cuido que não seria demasiado o pedir sôbre a origem e introducção da palavra *dolmen* alguma cousa analoga a esta indicação de Brachet: « Mot du patois de la basse Bretagne, introduit dans notre langue, vers la fin du dix-huitième siècle, et qui est d'origine celtique (gaël, *tolmen*, table de pierre). » Littré acompanha a sua definição com uma phrase de Chateaubriand. Num *Thesouro da lingua portuguesa* bem se podia esperar tambem algum exemplo em vernaculo. Deviam, quando menos, acudir á memoria os nomes de dous traductores dos *Martyres*, Francisco Manuel e Camillo Castello-Branco; e não fôra inutil sabermos que um escreve *dolmin* e o outro *dolmen*. Mas, exactamente ao lado, para justificar as variantes graphicas de *dois* por

monuments à la race celtique, à qui les attribuerait-on? Est-ce à la race iberienne? L'Espagne n'en n'est pas dépourvue; mais ils sont beaucoup moins nombreux et moins considérables sur son sol que sur celui des Gaules, ce qui paraît indiquer que le mouvement de construction n'est pas venu d'Espagne, mais est venu s'affaiblir et mourir en Espagne où les Celtes l'avaient porté.... [1] Si ce n'est pas aux Basques, sera-ce aux Finnois, dont

dous, *doirado* por *dourado*, o sr. Adolpho Coelho acabava de dar-nos em excerpto seis linhas de João de Barros com mais dezoito versos de Almeida Garrett — e esgottára-se. Comtudo já então estava feita e publicada a observação que segue: « Escrevemos Dolmin e não Dolmen, a exemplo de escriptor auctorizado. Em Filinto Elysio, *Obras completas*, t. VII, *Martyres*, liv. IX, pag. 313, lemos:

Balisa lhe era
Penhasco, a pino, e nû; *Dolmin* lhe chamão;
D'algum Guerreiro Gallo sepultura ».

Encontram-se estas palavras em um livro moderno; qual? O livro do sr. Pereira da Costa, o livro de que vinhamos falando, o mesmo que motivou o jovial *retorqueo*: « Se o sr. Innocencio o tivesse lido, em vez de se contentar com ver-lhe as estampas.... » As palavras transcriptas estão a pag. 43; com a nota a que pertencem abre o capitulo reservado aos dolmens.

Postscriptum. No artigo *Cairn* do *Grande Diccionario* parece triumphar definitivamente a opinião celtica: « CAIRN, *s. m.* (Do gœlico [*sic*, e no artigo supra *de gael.*] *carn* ou *cairn*, monte de pedras.) Monticulo de terra e pedras levantado pelos celtas na Bretanha, Escocia, Irlanda etc. ». Este artigo, porêm, como outros, como centenares de outros do *Thesouro da lingua portuguesa*, não é mais que incorrecta metaphrase das palavras de Littré, o que tira ao sr. A. Coelho toda a imputabilidade: « Monticule de terre et de pierres élevé par les Celtes en Bretagne, en Écosse, en Irlande. — ÉTYM. Gaél. *carn* ou *cairn*, tas de pierres ».]

[1] « Estas primeiras migrações da Asia, iberos, celtas, ou o que quizerem, demasiado vizinhas da infancia do genero-humano, não podiam ser numerosas. Atravessando a Europa sem nenhuns meios artificiaes de transito, hostilizando-se mutuamente em guerras que mal entram no dominio das affirmativas historicas, não deviam ter multiplicado a poncto de poder a sua individualidade resistir ao contacto das colonias phenicias que lhes trouxeram os primeiros beneficios da civilisação. No longo dominio carthaginês a influencia punica foi por certo ainda mais profunda, e a conquista romana acabou quasi inteiramente com o celticismo. Não queremos dizer com isto que nenhuns vestigios se possam encontrar dos celtas. Existirão algumas ruinas das suas grosseiras moradas; algumas palavras da sua linguagem; talvez algumas aras broncas dos seus deuses quasi desconhecidos ». A. Herculano, *Historia de Portugal desde o começo da monarchia até o fim do reinado de Affonso III*, t. I³, 1863, p. 30-31. — Cfr. Amador de los Rios, *Historia crítica de la literatura española*, t. I, 1861, p. 7 [e cardial Saraiva, *Obras completas*, II, 1873, p. 30-37, *Celtas nas Hispanhas*]. — « On reconnaît aujourd'hui presque unanimement que ces monuments dont on faisait autrefois des autels druidiques

le rôle devient aujourd'hui si important dans les âges antéhistoriques ? Il n'y a point de monuments mégalithiques dans les contrées dont les branches finnoises qui ont été en contact avec nos aïeux ont gardé la possession.... Si l'on ne peut attribuer nos monuments mégalithiques ni à l'un ni à l'autre de ces deux peuples historiques, Finnois et Ibères (je ne veux pas toucher à l'opinion nouvelle et hardie qui fait des Ibères et des Finnois une même race), il faudra donc créer, trouver, si l'on aime mieux, un peuple inconnu et perdu pour l'opposer aux Gaulois? Un peuple venu on ne sait d'où, évanoui on ne sait où ni comment ? Hypothèse pour hypothèse, si l'on veut qu'il n'y ait encore là que des hypothèses, n'est-il pas convenable de préférer celle qui s'appuie sur tant d'inductions

ne sont autre chose que des tombeaux; c'est déjà un grand progrès. Vous venez d'entendre une série de communications très-intéressantes, on vous a présenté de superbes cartes: la question est donc sérieusement à l'étude, et, en Portugal comme en France, nous connaîtrons bientôt parfaitement la distribution des dolmens ». Worsaae, *Discussion sur les dolmens (Congrès Préhistorique*, sessão de 1867, pag. 192. Cfr. pag. 180, *Monuments mégalithiques du Portugal.*) — [« M. Tubino, un des savants étrangers invités par l'Association, a fait un rapport *Sur les dernières découvertes préhistoriques d'Espagne*.... Les monuments mégalithiques sont signalés sur presque tout le littoral andalous; mais dans l'Estramadure se rencontrent en nombre des *garitas* ou *tumuli* d'une époque inconnue; comme les *antas*, en Portugal; les mamoas, dans la Gallicie; les dolmens et galgals, dans les provinces basques. Tous ces monuments semblables, dont le nom varie, manquent dans l'intérieur de l'Espagne ». Cartailhac, *Association Française pour l'avancement des sciences*, 1ª *sessão (Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*, t. VII, 1872, pag. 474. — No mesmo vol., pag. 45-54, *Les travaux préhistoriques en Espagne, pendant l'année* 1871; pag. 263-264, *Quelques découvertes préhistoriques en Portugal*). — « Portugal, possuindo em algumas das suas provincias bastantes monumentos megalithicos, bem como os pequenos cabeços tumulares de construcção microlithica, poderia talvez ter fornecido a esta especie de estudos archeologicos um valioso subsidio, se se tivessem explorado com o methodo e regularidade exigidos nestes trabalhos. — .... O nosso pays encerra no seu solo muitos archivos, onde o tempo e as revoluções depositaram preciosos monumentos relativos á historia da humanidade nos tempos prehistoricos. As camadas quaternarias, os depositos das cavernas, os monticulos de conchas analogos aos *kjökkenmöddings* da Dinamarca, os dolmens, os vestigios da presença do homem da edade do bronze, tudo prova que Portugal foi uma região sempre habitada pelo homem desde a epocha em que se depositaram as camadas miocenes da bacia do Tejo. Explorar essas riquezas scientificas, e dar a conhecer ao mundo illustrado o que são e o que valem, é dever de um povo que vive em communhão com as outras nações cultas ». Carlos Ribeiro, *Relatorio acêrca da sexta reunião do Congresso de Anthropologia e de Archeologia Prehistorica*, pag. 54 e 90, Lisboa, 1873.]

archéologiques et historiques, à celle qui se trouverait ainsi en quelque sorte suspendue dans le vide, sans point d'appui dans les faits observables, sans racine dans la mémoire des hommes ? » [1].

Estes os termos do debate ao encerrar-se a segunda sessão do Congresso Internacional de Anthropologia e Archeologia Prehistoricas.

Sente-se que tal questão não podia deixar de tentar a universal curiosidade do auctor das *Aparas de uma officina alleman*, Max Müller. E que nos diz ao falar dos dolmens [2]

[1] *Compte rendu de la 2e session*, pag. 211-212. Paris, 1868.
[Ainda depois, respondendo a Roget de Belloguet, que na terceira parte da sua obra, hoje inteirada com um volume posthumo, consagrára a secção final ao poncto em litigio (*Les monuments dits celtiques ou druidiques appartiennent-ils au génie gaulois?*), voltou a insistir : « Pour conclure sur les monuments mégalithiques, nous maintenons plus que jamais notre opinion que ces monuments appartiennent aux Celtes en Occident, et nous articulons nettement cette opinion corrélative : que l'âge de la pierre polie, avec lequel commence la civilisation, est en Occident un âge celtique. Mais nous sommes disposé à admettre, dans de certaines limites, que les dolmens en général appartiendraient aux Celtes primitifs, à ceux qu'on appelle communément Gaëls (M. de Belloguet leur conteste ce nom pour l'attribuer aux Ligures), qui, en Irlande, ont continué d'en élever jusqu'à l'époque finienne ou ossianique, dans les premiers siècles de l'ère chrétienne. Aux Cimmériens (Cimbres ou Cymrys), Bretons et Belges appartiendraient en général les tumulus, grands ou petits, à chambres non mégalithiques. Les cercles de pierres, alignements et menhirs isolés seraient communs aux deux grands rameaux celtiques ». *Études d'archéologie celtique*, 1872, pag. 265.]

[2] « Les antiquaires imposèrent à ces monuments des noms celtiques relatifs à leur forme; mais ils ne s'entendirent pas des deux côtés de la Manche. Les Franco-Bretons appelèrent *menhir*, pierre longue, les pierres levées, les Anglo-Celtes, les appelèrent *dolmen*, table de pierre. Les Franco-Bretons appliquèrent ce nom de *dolmen* aux grottes composées de quatre pierres ou davantage, parce que la pierre ou les pierres qui recouvrait la grotte sont posées comme une table sur ses supports. Le terme de *dolmen* paraît en effet mieux appliqué aux grottes qu'aux pierres levées, qui, étant plantées debout, ne rapellent pas l'idée d'une table. Les antiquaires d'outre-mer donnèrent le nom de *cromlech* à ce que les nôtres appelaient *dolmen*. Ici nous comprenons encore mois les motifs des savants des îles Britanniques. Ils interprètent *cromlech* par pierre courbe ou pierre inclinée; or, les pierres des dolmens ne présentent point de courbes, et la table n'est inclinée intentionnellement que dans un très-petit nombre de monuments. Les Franco-Bretons appellent les cercles de pierre *cromlechs*, c'est-à-dire pierres disposées en courbe, en cercle. La vraie interprétation serait-elle: pierres du dieu *Crom*? et les antiquaires auraient-ils emprunté un nom traditionnel? Cela n'est établi ni sur des textes écrits, ni sur une tradition bien constatée». H. Martin, *De l'origine des monuments mégalithiques* (*Revue des cours littéraires*, t. IV, 1867, pag. 786). — « The holed stones, too, are

de Cornwall? Que são restos dos tempos celticos aquellas extranhas construcções; que celtica é a idea original assim como o nome [1] d'esses monumentos: « They speak for themselves [observa ao discorrer particularmente sôbre os *cromlechs* da Irlanda], and they certainly speak in a language that is neither Roman, Saxon, Danish, nor Norman. Hence in England they may, by a kind of exhaustive process of reasoning, be claimed as relics of Celtic civilisation. The same argument applies to the cromlechs and stone avenues of Carnac, in Britany. Here, too, language and history attest the former presence of Celtic people, nor could any other race, that influenced the historical destinies of the north of Gaul, claim such structures as their own [2]. Even in still more distant places, in the South of France, in Scandinavia, or Germany, where similar monuments have been discovered, they may, though more hesitatingly, be classed as Celtic, particularly if they are found near the natural high roads on which we know

generally found in close proximity to other large stone monuments. They are called *mên-an-tol*, hole-stones, in Cornwall; and the name of *tol-men*, or *dol-men*, which is somewhat promiscuously used by Celtic antiquarians, should be restricted to monuments of this class, *toll* being the Cornish word for *hole*, *mên* for *stone*, and *an* the article. French antiquarians, taking *dol* or *tôl* as a corruption of *tabula*, use *dolman* in the sense of table-stones, and as synonymous with *cromlech*, while they frequently use *cromlech* in the sense of stone circles. This can hardly be justified, and leads at all events to much confusion ». Max Müller, *Chips from a German Workshop*, t. III, Oxford, 1870, pag. 283.

[1] « Roman and Saxon hands may have helped to erect some of the cromlechs which are still to be seen in Cornwall, but the original idea of such monuments, and hence their name, is purely Celtic ». (Pag. 276). — [Cp. Faidherbe, *Les dolmens d'Afrique (Congrès Préhistorique*, sessão de 1872, pag. 407.]

[2] « Où se trouvent placés les trois principaux groupes de monuments mégalithiques; les principaux, au moins par leurs majestueuses proportions? 1º Dans la Bretagne armoricaine, la province celtique par excellence de la France; 2º en Irlande, patrie de la plus ancienne branche de la race celtique; en Irlande, où la tradition attribue formellement ces constructions à une tribu sacerdotale, essentiellement celtique, et qui perdit plus tard l'empire, que lui enleva une race de héros, une caste guerrière d'autres Celtes, qui passent pour mêlés d'Ibères, ou au moins venus d'Espagne. Enfin, 3º dans le milieu de l'Angleterre méridional (Stone-Henge, Abury), dans cette Bretagne insulaire, où César nous apprend qu'était le centre religieux du druidisme de son temps ». H. Martin, *Note complémentaire sur les dolmens (Congrès Préhistorique*, sessão de 1867, pag. 209).

that the Celts in their westward migrations preceded the Teutonic and Slavonic Aryans. But the case is totally different when we hear of cromlechs, cairns, and kist-vaens in the north of Africa, in Upper Egypt, on the Lebanon, near the Jordan, in Circassia, or in the South of India » [1].

E mais adeante, arguindo junctamente a incredulidade desdenhosa de alguns archeologos, o dominio da moda até nas predilecções da sciencia [2], e o publico menospreço d'aquellas reliquias da primitiva civilisação britannica [3]: « There are many antiquarians who affect to despise the rude architecture of the Celts [4], nay, who would think the name of architecture

1 *Chips from a German Workshop*, t. III, pag. 280, Oxford, 1870. — Cf. Bladé, *Études sur l'origine des Basques*, Paris, 1869, pag. 534.

2 [« Ajoutez à cela, que de nos jours, la science, comme la politique, est encombrée de révolutionnaires qui vivent à ses dépens, y cherchent la popularité à tout prix, flattent les idées à la mode, tiennent boutique de nouveautés appropriées au goût du jour, et débitent avec grand tapage de réclames leurs produits frelatés. Pour eux, l'expérience, l'observation, l'analyse minutieuse, le labeur de chaque jour, sont des chemins trop longs. Ils prétendent arriver à la célébrité sans travail et sans étude, par la contradiction, par le renversement de ce qui est. Aussi les voit-on débuter par de grandes et merveilleuses synthèses... Le principal danger des systèmes est de jeter dans la circulation une phraséologie spéciale qui, sous des apparences inoffensives, cache des piéges où se font prendre tous ceux qui ne réfléchissent pas, et le nombre en est grand. C'est ce que Montaigne appelait la grande *piperie* des mots. Ainsi toutes ces expressions: âge de pierre, temps préhistoriques, race primitive, développement progressif, qui appartiennent au nouveau vocabulaire archéologique, n'auraient jamais dû y entrer, parce qu'elles prêtent à l'équivoque ». A. Arcelin, *La Question préhistorique*, pag. 35. — Cfr. Max Müller, *La philosophie du langage d'après Darwin (Revue politique et littéraire*, III, 1873, p. 293, *in fine*.]

3 « Il faut que, partout où elles sont encore debout, ces pierres vénérables maintiennent, aux yeux des familles qui les entourent, l'autorité en même temps que le souvenir de nos ancêtres. Ce sont des témoins qui ne sont restés que trop longtemps silencieux, mais qui doivent désormais reprendre la parole, et entretenir, jusque dans le sein de nos campagnes, le sentiment du génie et de l'autonomie de notre race. Non-seulement ils sont le vivant symbole de notre solidarité avec la Gaule, mais ils représentent tout aussi excellemment les rapports de consanguinité par lesquels, malgré tant de diversités, nous nous lions à la masse principale des populations européennes, qui, sorties des mêmes sources, possèdent aussi les mêmes monuments. Au fond de l'Angleterre, de l'Allemagne, de la Suisse, de la Scandinavie, de l'Espagne, le vieux sang celtique se perpétue toujours, et l'architecture druidique, en y marquant la fraternité des temps passés, fait appel à celle de l'avenir ». J. Reynaud, *L'Esprit de la Gaule*, 1866, pag. 245.

4 « La religion ainsi conçue et le culte ainsi pratiqué ont produit, au sein des races caucasiques, l'Architecture la plus élevée, la

disgraced if applied to cromlechs and bee-hive huts.... Let antiquarians be as sceptical as they like, if they will only prevent the dishonest withdrawal of the evidence against which their scepticism is directed. Are lake-dwellings in Switzerland, are flint-deposits in France, is kitchen-rubbish in Denmark, so very precious, and are the magnificent cromlechs, the curious holed stones, and even the rock-basins of Cornwall, so contemptible? There is a fashion even in scientific tastes.... Two hundred years hence the antiquarians and anthropologists of the future will call us hard names if they find out how we allowed these relics of the earliest civilisation of England to be destroyed.... These Celtic monuments are public property as much as London Stone, Coronation Stone, or Westminster Abbey, and posterity will hold the present generation responsible for the safe keeping of the national heirlooms of England » [1].

Podia multiplicar provas em analogo sentido. As que ahi ficam parecem-me sufficientes. Provar, diz o sr. Adolpho Coelho, é proprio dos espiritos logicos. Vê-se d'esta vez que não tive em pouco o seu aphorismo, e — por me servir do verbo tomado a um escriptor cujas obras bastam ainda agora a mostrar

quanto
Cabedal de expressões não volve a lingua
Costumada a falar ao mar e aos ventos [2];

plus noble et la plus élégante. Ils ont donné naissance aux formes les plus pures, les plus imposantes et en même temps les plus gracieuses. Telles furent les architectures égyptienne, grecque, assyrienne ou médique, perse, indienne, et sous un autre rapport celle des Celtes qui, dans sa rusticité matérielle, ne manque pas d'une haute et profonde sublimité ». DANIEL RAMÉE, *Histoire générale de l'Architecture*, t. I, pag. 72, Paris, 1860.

[1] *Chips*, t. III, pag. 294-296 e 298.

[2] A. Ribeiro dos Sanctos, *A Antonio Ferreira de Sampaio, sôbre o estudo da lingua portuguesa, pelo que respeita aos prosadores* (*Poesias de Elpino Duriense*, t. I, pag. 259, Lisboa, 1812).

[Gonsalves Dias, o grande poeta americano, exprimiu, em carta de pouco divulgada pela imprensa, idea analoga á d'estes versos, ao annunciar em 1863 a traducção da *Iliada* de Odorico Mendes: « Pois aquelle bom velho, verde na alma e no corpo e nas illusões, levára a tarde de seus dias a trabalhar com o ardor do jornaleiro, que, por-

por me servir do verbo que, ao trasladar um passo da Escriptura, empregou o padre Vieira [1], affirmando que nunca a nossa

que quer e por força, ha de acabar a tarefa e sente o approximar da noite — votára-se ao estudo e reapprendizagem do grego como uma creança, como nem o Alfieri se atreveria, se tivesse a mesma edade, e sai da lucta glorioso e triumphador! Lucta grande e maior que grande — homerica. A lingua mais harmoniosa que os homens nunca falaram; o maior poeta que Deus creou no meio das mais favoraveis circumstancias, preparadas e como predispostas para o seu apparecimento, é d'este grande poeta a obra por excellencia. Áquella linguagem filha da patria dos deuses, d'essa terra eternamente joven, como a sua Hebe, terra que se abre e de todas as partes se esborda sôbre o oceano como uma flor, para beber todas as brisas e respirar todos os perfumes, opponha-se lá a nossa lingua, que, apezar de ter aspirado os odores das florestas virgens da America, e de se ter largamente perfumado com as essencias balsamicas do Oriente, resente-se ainda do ciciar dos ventos nos cabos alcatroados, do gôsto penetrante do sal das ondas e d'aquellas machinas rudes e pesadas, que se moviam com a majestade tardia de um elephante a carregar a camilha de uma princesa, e lançavam enormes ballas de pedra para defender as custosas especiarias de Ceylão e de Ormuz! E luctem essas duas linguas, e luctem esses dous poetas! »

[1] Na sua *Memoria historica e critica acêrca do padre Antonio Vieira* diz o fallecido bispo do Viseu D. Francisco Alexandre Lobo (*Obras*, t. II, 1849, pag. 351): « Se o uso da nossa lingua se perder, e com elle por acaso acabarem todos os nossos escriptos, que não são os *Lusiadas* e as obras de Vieira, o português, quer no estylo de prosa, quer no poetico, ainda vivirá na sua perfeita indole nativa, na sua riquissima copia e louçania. Será talvez opinião temeraria, mas a minha é que nenhum povo possuiu jamais nas obras de um só homem tão rico e tão escolhido thesouro da lingua propria, como nós possuimos nas d'este notavel jesuita. Elle empregou a linguagem culta e publica, e tambem a familiar e domestica; falou a dos negocios, a da cortesia, a das artes, a dos proverbios; e como tractou tantos e tão diversos assumptos, póde affirmar-se, fóra de hyperbole, que em suas composições a resumiu toda inteira com felicidade singular ». — É impossivel, porêm, recordar estas palavras, sem lhes contrapor uma pagina sequer do admiravel parallelo que entre o estylo do celebrado prégador e do seu contemporaneo Manuel Bernardes faz o sr. visconde de Castilho: « O estylo de Bernardes.... tem todas as côres com insensivel graduação como o arco iris: immenso, esplendido como elle, engolfa-se pelos ceus, desce pelos ares, pousa sôbre a terra, e, mais do que elle, mergulha-se ainda, se convem, pelos horrores do abysmo. O seu prodigioso talento gyra como uma esphera immensa e espelhada, cujo eixo imbebe as extremidades no inferno e no Empyreo, e, reflectindo-os, reflecte ao mesmo tempo e com egual propriedade, a natureza, a terra, os homens, e a vida: tudo alli se debuxa sem confusão, com as suas côres proprias, com as suas grandezas relativas. O terror, a esperança, o jubilo, a serenidade se nos revezam no seu rodear. Tudo visto alli ganha uma certa diaphanidade; vê-se o interior das virtudes escuras, que é feito de riso e luz; os vicios por fóra ridentes e luminosos, que são por dentro cinzas e amargor. Nisto é que não podêmos deixar de insistir, por convencidissimos, que não ha escriptor português tão para tudo por seu imaginar e sentir como este ». (*Livraria classica portuguesa*, t. VII, pag. 102-104, Lisboa, 1845.)

lingua lhe pareceu pobre de palavras senão naquelle texto [1] — nem se dirá que lh'o *infatuei.*

Proseguem as *Observações acêrca do Diccionario bibliographico português e seu auctor*:

« Não sei quaes sejam os allemães que vejam hoje na philologia, como quer o sr. Innocencio, « um acervo de conheci- « mentos que se approxima das raias da universalidade, e em « que se comprehendem a mythologia *comparada*, a linguistica, « a exegese litteraria, a hermeneutica, a critica, a vida *theorica* « *e practica* dos antigos, as disciplinas auxiliares da historia — « geographia politica, archeologia, etc., etc. »

[1] *Sermoens*, parte II, pag. 228. Lisboa, 1682.
No passo a que se refere a consideração de Vieira: *Infatua, quæso, Domine, consilium Achitophel* (*Reg.*, l. II, cap. xv, 31) A. Pereira de Figueiredo, a quem S. Luis, Garrett e Agustinho de Mendonça Falcão não desdenhavam allegar por auctoridade em ponctos de linguagem, verte: « Peço-te, Senhor, que infatûes o conselho d'Aquitofel ». (*A Biblia Sagrada*, t. II, 1797, pag. 314). — Em outro logar (parte III, pag. 476, *Sermam pelo bom svccesso das armas de Portvgal contra as de Hollanda*) diz Vieira: « ... os conselhos que, quando vòs quereis castigar, se corrompem, em nòs sejaõ alumiados, & nelles enfatuados, & confusos ». — *Infatuar* acha-se egualmente em Bernardes: « A esfera de qualquer Monarquia estriba nestes dous pòlos, Religião, e Justiça: sustentados estes, Deos dirigirà os mais conselhos: menos disso hade enfatuallos, e tornar a Corte hum Egypto ». (*Nova Floresta*, t. IV, 1726, pag. 30). — Pedro José da Fonseca, ao passo que no *Catalogo dos auctores* publicado á frente do *Diccionario* da Academia Real admira em Vieira a parcimonia na innovação de vocabulos, colloca todavia o verbo *infatuar* entre os termos que « se hão de considerar novos, e por conseguinte barbaros, emquanto o uso os não houver naturalizado ». (*Rudimentos da grammatica portuguesa*, 1799, pag. 297). — Por ultimo, eis aqui, segundo Bluteau, a resolução dos academicos do conde da Ericeira na conferencia de 11 de março de 1696: « Pareceo que naõ era palavra Portugueza: temos *Entontecer*; e temos *Fatuo*, mas não *Infatuar* ». (*Decisoens academicas de palavras Portuguezas, propostas, e examinadas nas conferencias eruditas, que se celebraraõ na Livraria do Conde da Ericeira* (*Prosas Portuguezas*, parte I, 1728, pag. 18). — A palavra está no *Vocabulario* de Bluteau (*Enfatuar*, *Infatuar*), naõ obstante esta decisão, grave decisão, que traz á memoria um lanço do *William Shakespeare* de Victor Hugo, falando de certa litteratura de lettrados que tendia a fazer casta: « Tous les mots n'avaient pas droit à la langue. Le dictionnaire accordait ou n'accordait pas l'enregistrement. Le dictionnaire avait sa volonté à lui. Figurez-vous la botanique déclarant à un végétal qu'il n'existe pas, et la nature offrant timidement un insect à l'entomologie qui le refuse comme incorrect. Figurez-vous l'astronomie chicanant les astres ». (Pag. 408 da 1ª ed., Paris, 1864.)

Se assim é, se o *Diccionario* veiu annunciar ao sr. Adolpho Coelho factos que elle ignora, a conclusão em nenhum caso póde ser contra V. Ex. Pois é justamente contra V. Ex. que elle conclue: « Não sei quaes sejam os allemães.... O sr. Innocencio parece comprazer-se em revelar a sua profunda ignorancia das cousas allemans. Vê-se claramente do que precede com que consciencia o sr. Innocencio escreve ».

Os allemães que accommodam á philologia o tropel de conhecimentos que faz espanto ao sr. Adolpho Coelho, chamam-se legião. É Wolf, é Böckh, é Niebuhr, é Otfried Müller; são os proprios fundadores da eschola philologica, os representantes maximos da sciencia da antiguidade.

Nomiei-os; ouçamol-os.

Fala o auctor dos *Prolegomenos a Homero*: « A sciencia da antiguidade [assim chamou á philologia, no proposito de conciliar as accepções restrictas dadas ao nome [1]] é o complexo dos

[1] « *Er machte das gesammte Alterthum zum selbständigen Gegenstande der Philologie und erhob sie dadurch über ihre frühere Dienstbarkeit; zum Zeichen dessen nannte er sie Alterthumswissenschaft, um die einseitigen Auffassungen, welche sich mit dem Namen Philologie verbunden hatten, zu beseitigen* ». CONVERSATIONS-LEXIKON, 11ª ed., t. XI, pag. 670, Leipzig, Brockhaus, 1867. — « *Wir wollen* [acaba de discorrer sôbre as expressões *humaniora*, *Philologie*, *classische Gelehrsamkeit*] *diese Wissenschaft nennen die* Alterthumswissenschaft *oder* Alterthumskunde, *oder auch das* Studium der alten Literatur und Kunst, *doctrina antiquarum litterarum et artium. Dies ist der besste Ausdruck* ». F. A. Wolf, *Namen der Alterthumswissenschaft (Vorlesungen über die Alterthumswissenchaft*, t. I, Leipzig, 1839, pag. 11).

N. B. Peço venia para estas poucas linhas de allemão, cuja necessidade não ha mister ser explicada. Nos dous volumes dos *Musicos portugueses* [colossal trabalho, calorosamente saudado por Haffner, *Bibliographe musical*, 1872, pag. 72-76] bem sei que avultam as citações naquella lingua, mas eu não tenho a pretensão de escrever para o futuro. Confessando que o allemão é pouco cultivado entre os compatriotas do sr. Joaquim de Vasconcellos, não nos humilhemos excessivamente, que fôra viciosa vergonha. Já Hillebrand mostrou que a sciencia de Além-Rheno, deixando a lingua latina para se servir do orgam de expressão que lhe é proprio (e com isto a manifestação do pensamento ganhou innegavelmente em originalidade e força), prejudicára á diffusão das novas ideas. O testimunho do auctor, allemão, natural de Giessen, ex-professor da Faculdade de Lettras de Douai, escrevendo ao fim de quinze annos de residencia em França, não será acoimado de suspeição : — « C'en est fait de cette république des lettres qui formait comme une société idéale et purement humaine, au-dessus et à côté des sociétés politiques et nationales, de cette communauté morale, dégagée des préjugés locaux, et supérieure aux influences du pays, où chaque découverte nouvelle était instantanément connue de tous les citoyens qui la formaient, où une pensée hardie, qui transfor-

conhecimentos historicos e philosophicos pelos quaes podêmos apprender a avaliar, em todos os aspectos possiveis, mediante as obras que d'ellas nos restam, as nações do mundo antigo ou da antiguidade (*der alten Welt oder des Altherthums*) » [1].

mait une science, ne risquait pas de rester confinée et comme enfoncée dans les limites d'un pays, considérée avec défiance par les étrangers, comme une sorte de contrebande dangereuse. Que de temps n'aurait-il pas fallu à Copernic pour se faire reconnaître par l'univers s'il avait parlé polonais, et n'est-il pas probable qu'on parlerait de Bacon et de Spinosa, comme on parle de par le monde de Kant et de Fichte, c'est-à-dire sans les connaître, s'ils s'étaient avisés d'écrire en anglais ou en hollandais? On ne saurait le nier, à partir du siécle dernier, c'est-à-dire à partir du moment même de son plus grand essor, la science allemande s'est aliéné le public européen pour avoir voulu être essentiellement allemande. De plus en plus nationale, elle est devenue presque inintelligible pour les étrangers; et la forme allemande n'imposant plus aucune régle et aucune mesure à la pensée allemande, a imprimé au fond même un caractère exclusivement national.... — Pour longtemps encore, on l'a reconnu franchement et hautement depuis quelques années, le principal travail des philologues français, anglais et italiens sera en effet de pénétrer et d'acclimater dans leurs patries respectives les conquêtes positives de la science allemande, avant de pouvoir songer à continuer ce courant d'études, et le triage même de ce que l'on connaît encore si imparfaitement a besoin d'être préparé sérieusement. C'est ce que l'on a compris, et c'est ce que l'on est occupé à faire avec un désintéressement remarquable. De grands talents qui semblaient appelés à ouvrir des voies nouvelles, se dévouent à cette œuvre d'interprétation et d'initiation, et en étendant à l'Europe civilisée des richesses qui n'appartenaient qu'à un peuple, ils en relèvent encore le prix parce qu'ils y portent cette clarté, et qu'ils les révêtent de cette forme dont ils ont seuls le secret ». (*Étude sur Otfried Müller*, pag. xxv-xxvii, t. I da *Histoire de la littérature grecque*, Paris, 1865). — [Cfr. Gaston Paris, *Romania*, I, 1872, pag. 19-20.]

[1] Darei aqui a synopse textual das disciplinas em que Wolf reparte a sciencia da antiguidade: « I, Grammatica philosophica ou principios geraes das duas antigas linguas. II, Grammatica da lingua grega. III, Grammatica da lingua latina. IV, Principios da hermeneutica philologica. V, Principios de critica philogica e revisão dos codices. VI, Principios da composição prosaica e metrica ou theoria do estylo e da arte metrica. VII, Geographia e uranographia dos gregos e romanos. VIII, Historia universal antiga ou historia geral dos povos da antiguidade. IX, Principios da chronologia antiga e da critica historica. X, Antiguidades gregas ou historia das condições, organização e costumes dos principaes estados e povos da Grecia. XI, Antiguidades romanas ou archeologia de Roma e do direito romano antiquissimo. XII, Mythologia dos gregos e romanos. XIII, Historia litteraria dos gregos. XIV, Historia litteraria romana. XV, Historia das artes liberaes e das sciencias entre os gregos. XVI, Historia das artes liberaes e dos conhecimentos scientificos entre os romanos. XVII, Noticia historica das artes mimicas de ambos os povos. XVIII, Introducção á archeologia da arte e da technica ou noticia dos antigos monumentos e obras de arte que ainda existem. XIX, Theoria da arte archeologica ou principios das artes do desenho e das artes plasticas entre os antigos. XX, Historia geral da arte na antiguidade. XXI, Introducção ao conhecimento e á historia da architectura antiga. XXII, Numismatica dos gregos e romanos. XXIII,

E pouco depois: « A sciencia da antiguidade tem por fito o conjuncto de conhecimentos que nos patenteiam as acções, destinos, estado politico, scientifico e domestico dos dous mais alumiados povos da antiguidade, com as suas linguas, artes, sciencias, costumes, a sua religião, o seu character nacional e modo de pensar [1]; conhecimentos deduzidos das obras que nos restam,

Epigraphia ou sciencia das inscripções dos dous povos. XXIV, Historia litteraria da philologia grega e latina e dos mais estudos relativos á antiguidade, incluida a bibliographia ». (*Darstellung der Alterthumswissenschaft*, Leipzig, 1833, pag. 75-76, *Ueberblick sämmtlicher Theile der Alterthums-Wissenschaft*). — Cfr. Bernhardy, *Architektonik der Philologie* (*Grundlinien zur Encyklopädie der Philologie*, Halle, 1832, pag. 47-53).

[1] « La Filologia era stata cogli Italiani riproduzione artistica, e letteraria, in Francia con Scaligero, e Casaubono preparazione alla storia, cogli Olandesi era stata ermeneutica; ma con tutte queste riproduzioni, investigazioni, e connessioni causali colle trasformazioni morali, artistiche, e letterarie d'Europa, con tutte le sue scoperte, diciamolo pure francamente, la filologia verso il fine del secolo scorso non era ancora una scienza. Non vi ha scienza senza consapevolezza del metodo, dell'organismo, dei fini, e dei limiti. Augusto Wolf fu il primo, che parlò di una filologia, che dovea essere scienza, cioè sistema.... — Colla grammatica storica, e filosofica, la ermeneutica, la critica diplomatica, e congetturale si apre adunque il sistema filologico di Wolf. Ma queste non sono, che le discipline preliminari, e per così dire stromentali. — La Filologia è contemplazione dell'antichità. È quì la serie incomincia dalla geografia. Bisogna esplorare il teatro, dove è vissuta, ed ha operato l'antichità, e questo teatro ha una doppia scena, l'una empirica, e storica, che è topografia, e chorografia, e l'altra antistorica, cioè l'imagine del mondo riverberata inconsapevolmente dalla fantasia antica. La seconda delle discipline contemplatrici della filologia è la storia antica.... Mentre la storia rappresenta l'antichità nella successione dei fatti, l'archeologia la studia nella continuità delle istituzioni. L'archeologia per Wolf non è quello, che sarebbe stato per Winckelmann, e Lessing, e fu per Otfried Müller la scienza, e la storia dell'arte, ma è quella disciplina filologica, che, esclusa l'arte, studia le condizioni private, economiche, politiche, religiose, e militari dell'antichità. — Lo studio del mito antico.... non era ancora una disciplina; tutt'al più un desiderio della filologia. Wolf ne segna il metodo, e i limiti, e come un presentimento di quello, che poi è divenuta questa disciplina dopo la scoperta del Sanscrito, raccomanda, che senza falsificare i tipi della fantasia Greca non si dimentichi uno studio comparativo colla mitologia degli altri popoli, e principalmente orientali.... — L'antichità, per quanto copiosi siano i monumenti, che ancora ne rimangono, è sempre un torso. Dei settanta scrittori greci della prima guerra persiana non c'è rimasto un solo. Noi non possediamo più, che trenta delle cinquecento tragedie, che furono rappresentate sulla scena Ateniense. Perciò ha creduto Wolf necessaria una storia esterna della letteratura, che discuta, e risolva le quistioni, che sorgono dalla condizione frammentaria della tradizione dell'antichità. In questa storia trova il suo posto la biografia degli scrittori. Vien dopo, e separatamente la storia interna, cioè la vera storia letteraria.... — Alla storia della letteratura succede nel sistema di Wolf quella delle arti mimetiche....

sem a intelligencia das quaes nenhum aprofundado exame historico é possivel » [1].

Fala o auctor da *Economia politica dos athenienses*: « A philologia deve ser um methodo historico, consagrado a reconstituir todo o viver social e politico de um povo durante um determinado periodo » [2]. No desinvolvimento d'este systema, indicado por Klausen nas *Biographias de humanistas celebres*, repartiu Böckh a philologia em duas secções, comprehendendo, de um lado, a hermeneutica e a critica; do outro, a vida practica e a

Ultime, e ancora più isolate rimangono nel sistema l'epigrafia, e la numismatica. — Queste sono le discipline, che secondo Wolf compongono il sistema della filologia classica. È il Peripteros ideale della scienza dell'antichità, che incominciato da Petrarca, e Boccaccio, e nascosto poi nel lavoro indefesso di otto generazioni, Wolf ha terminato, e scoperto al principio del secolo XIX. Dico ideale perchè la sua costruzione reale incomincia invece da questo momento ». Lignana, *La Filologia al secolo XIX*, pag. 31-37, Napoles, 1868. — [« F.-A. Wolf est le premier qui ait montré à la philologie en général, à la science de l'antiquité, comme il l'appelait plus justement, la vraie méthode de recherche et d'exposition. Il fit voir comment toutes les études sur la langue, la littérature, les mœurs et les institutions devaient se prêter un mutuel appui et être inspirées par un même esprit, qui est l'esprit historique. Il ne se contenta pas de tracer en quelques pages lucides le plan général des études philologiques; il prêcha aussi d'exemple ». C. Morel, *Revue critique d'histoire et de littérature*, 1872, 1º semestre, pag. 21.]

[1] Friderico Augusto Wolf, *Vorlesungen über die Alterthumswissenschaft*, t. I, Leipzig, 1839, pag. 13, 16. — Cf. *Darstellung der Alterthums-Wissenschaft nach Begriff, Umfang, Zweck und Werth* (pag. 9-76 do vol. já citado, *Darstellung der Alterthumswissenschaft*).

[2] Vico, primeiro que os philologos allemães, estabeleceu entre os principios fundamentaes da sciencia da natureza das nações o axioma (degnità) seguinte: « La *Filosofia* contempla la *ragione*, onde viene la *scienza del vero*: la *Filologia* osserva l'*autorità dell'umano arbitrio*, onde viene la *coscienza del certo*. Questa degnità per la seconda parte diffinisce, i *Filologi* essere tutti i *Grammatici*, *Istorici*, *Critici*, che son occupati d'intorno alla cognizione delle *lingue* e de' *fatti de' popoli*: così in *casa*, come sono i *costumi* e le *leggi*; come *fuori*, quali sono le *guerre*, le *paci*, l'*alleanze*, i *viaggi*, i *commerzj* ». (*Principj di Scienza nuova*, 2ª ed., 1730, l. I, *Degli elementi*, x). — Alludindo ás palavras do grande precursor, escreve o seu elegantissimo biographo Nicolau Tommasèo no tomo IX da *Biografia degli Italiani illustri* [e a pag. 24 da *Storia civile nella letteraria*, Turin, 1872]: « La filologia dunque al Vico è la filosofia dell' autorità; è l'ordine e la ragione de' fatti; che raccogliendo lo sparso, e le idee lontane avvicinando, le illustra, riscalda, feconda. Essa comprende le lingue e le storie, i costumi e le azioni degli uomini. Primo il Vico, della filologia fece scienza, e volle che reciprocamente essa e la filosofia s'ajustassero: novità feconda di beni ». — [Cfr. Marselli, *La Scienza della storia*, I, pag. 140 e segg., Turin, 1873; Vacherot, *La Science et la Conscience*, pag. 111 a 113, Paris, 1870.]

vida theorica dos antigos [1]. Abrange a *vida practica*: 1º, o estudo da vida publica (historia politica, monumentos politicos, chronologia e geographia); 2º, o estudo da *vida privada* (agricultura, industria, commercio, casamento, educação, familia, usos domesticos). O conhecimento da *vida theorica* funda-se: 1º, na manifestação exterior do pensamento (culto, artes plasticas, musica, orchestica); 2º, no conhecimento do pensar ou razão dos povos, por outros termos, no conhecimento do *estado scientifico* das nações» [2].

Niebuhr, no prefacio da sua obra capital, escreve: «Mostra-nos Voss uma nova era para a intelligencia da antiguidade.

[1] Da noticia biographica publicada por Lehmann em março de 1867 (Böckh morreu em agosto do mesmo anno) traduz H. Dietz, entre outros, o periodo seguinte: «Il a ouvert à la philologie classique une voie large et sûre, où elle fait chaque jour de nouveaux progrès. Pour lui, la philologie ne consiste pas à accumuler des détails curieux sur les Grecs et les Romains: l'esprit généralisateur que le naturaliste porte dans ses observations, Bœckh voulait qu'on le portât dans les études de philologie. S'il tenait à saisir la vie morale d'un peuple dans ses manifestations diverses, c'était pour les ramener au principe qui leur imprimait l'unité, c'était pour reconstituer, l'histoire à la main et à la lumière des faits, l'ensemble des civilisations antiques». *M. Bœckh, sa vie, ses travaux (Revue des cours littéraires de la France et de l'étranger*, t. IV, Paris, 1867, pag. 671).

[2] Teve o auctor occasião de expor e defender o seu systema em differentes orações academicas. Na que proferiu em Berlin no anno de 1822, lê-se: «Itaque ubi, quae et qualis philologia meo iudicio sit, quaeritis, simplicissima ratione respondeo, si non latiore, quae in ipso vocabulo inest, potestate accipitur, sed ut solet ad antiquas litteras refertur, esse eam universae antiquitatis cognitionem historicam et philosopham. Universae inquam antiquitatis: quo distat quodammodo ab historia res ex ordine temporum gestas potissimum docente, quum philologia ommem antiquorum populorum vitam comprehendat eamque per partes quasque cognoscere conetur: quamquam qui rem acrius spectaverit, nullam inveniet philologiae partem, quin historiae possit argumentum fieri. Magnopere igitur errare mihi videntur, qui huius disciplinae fines ad interpretis et critici artes restringunt, quibus manifestum est non summos doctrinae fines, sed veri inveniendi instrumenta contineri.... — Iam ne in hac re sane magna, quod universae doctrinae caput dixerim, diutius immorer, ubi ad singulas partes perveneris.... Ipsas autem partes, suis rursum articulis dividendas, tribus verbis indico: primam rerum publice gestarum, cum temporum et locorum notitia, et institutorum civilium, etiam iuris cognitionem: alteram privatarum rerum, tertiam religionum artiumque demonstrationem; quartam doctrinarum omnium, philosophiae, moralium et naturalium disciplinarum, stilorum ac litterariorum generum historiam, postremo linguae, cui primitiva gentis scientia innata est, perfectam explicationem: quas partes cunctam philologiae materiam complectentes cur ita composuerim et disiunxerim ampliorem exposcit indaginem». *Orationes in Vniversitate Litteraria Friderica Gvilelma Berolinensi habitae (Gesammelte kleine Schriften*, t. I, pag. 104-105, Leipzig, 1858).

Alcançando descobrir nos proprios classicos o que estes presuppõem — as ideas dos antigos emquanto á terra e aos deuses, ao mesmo passo que a sua vida e usos domesticos — leu e interpretou Homero e Virgilio, como se foram contemporaneos, apenas afastados de nós pelo espaço.... — Nesse tempo a philologia attingíra na Allemanha ao florescimento de que hoje nos podêmos gloriar. Comprehendendo já então o seu destino de mediadora da eternidade, deu-nos a gosar, através milhares de annos, uma não interrompida identidade com os povos mais nobres e eminentes do mundo antigo, iniciando-nos, por meio da grammatica e da historia, no segredo das producções do seu genio e nos do seu viver, como se um abysmo nos não separasse d'elles » [1].

As opiniões de Otfried Müller, já resumidas por Ferrai e por Hillebrand [2], podem julgar-se das seguintes palavras: « Tem a philologia por alvo comprehender o periodo a cujo estudo se applica, da civilisação do genero-humano.... conhecel-o scientificamente e approprial-o de tal fórma ao espirito.... que este se eleve a mais alta intelligencia do que é humanamente nobre, grande e bello. Não se propõi logo a philologia indagar e registrar factos separados, nem d'elles procura deduzir

[1] *Römische Geschichte*, 2ª ed., t. I, pag. IX, X. Berlin, 1827.

[2] « ... La philologie ou la critique historique — ces termes sont presque synonymes — se propose, au moyen de documents de langue incomplets ou épars, de pénétrer l'esprit des nations historiques, leur activité intellectuelle, et jusqu'à leur vie religieuse et morale, philosophique et sociale.... Aussi les rapports intimes qui existent entre cette science critique et l'histoire, ont-ils, depuis longtemps, fait considérer les disciplines auxiliares de l'histoire, telles que archéologie, géographie politique et mythologie, comme des branches de la philologie ; et c'est grâce à cette acception étendue qu'elle occupe un rang aussi important dans le mouvement intellectuel de ce siècle.... — L'helléniste moderne ne s'arrête point à l'étude de la littérature de la Grèce. Tout ce qui touche à sa civilisation devient objet d'étude pour lui ; parce que tout ce qui y touche, jette des lumières sur cette littérature et en est une sorte de commentaire indispensable. Il veut connaître la vie entière de ce peuple privilégié à qui le monde doit tant, et il ne la peut connaître en entier qu'en étudiant séparément et dans leur action réciproque, sa religion, ses mœurs, ses institutions, ses œuvres d'art, le sol sur lequel elle s'est épanouie, les racines cachées de cet arbre splendide ; les peuples voisins qui lui ont donné du leur, les héritiers qui en ont souvent travesti ou troublé le legs: la mythologie, l'histoire de la philosophie, l'économie politique, l'archéologie, la géographie, l'ethnographie, sont devenues autant de branches nouvelles et presque indispensables de la philologie ». (*Étude sur Otfried Müller et sur l'école historique de la philologie allemande*, t. I da versão citada, pag. LIV-LVI, Paris, 1865).

formulas abstractas.... Seu fim é o amplo e total entendimento da antiga vida intellectual, como ella se manifesta na razão, no sentimento e na phantasia» [1].

No systema do illustre professor Haase, systema havido até agora como o mais regular e completo de quantos teem procedido dos principios postos por Wolf, a philologia reparte-se em disciplinas instrumentaes e disciplinas principaes. As primeiras incluem a historia litteraria, a epigraphia, numismatica, museographia, bibliographia, lexicographia, grammatica, paleographia, diplomatica, hermeneutica e critica. Nas segundas distinguem-se: geographia antiga, origens antehistoricas, cultos, linguistica [2] e mythologia comparadas, condições da vida nos tempos historicos, subentendidas: no dominio da moral, a vida publica e particular; no dominio da sciencia, a historia geral das sciencias e a de cada uma em especial; no dominio da arte, a rhetorica e a poetica; gymnastica, musica e mimica; arte architectonica, plastica e pintura.

Entre os auctores allemães que particularmente se teem applicado á sciencia das linguas não será impossivel achar

[1] *Kleine deutsche Schriften über Religion, Kunst, Sprache und Literatur, Leben und Geschichte des Alterthums*, t. I, p. 8. Breslau, 1847.

[2] « Nè si confonda la linguistica colla filologia. La filologia è diventata nel secolo nostro, massimamente per opera dello immortale F. A. Wolf, la scienza della civiltà antica di un popolo o di più popoli affini tra loro: lingua, religione, arte, filosofia sono gli oggetti intorno a cui essa se esercita ». D. Pezzi, *Introduzione allo studio della scienza del linguaggio*, Turin, 1869, pag. 40. — « En Allemagne la question est jugée depuis longtemps, et l'étrange confusion des deux mots de linguistique et de philologie n'y existe généralement plus. — En ouvrant le *Dictionnaire* de M. Littré au mot « linguistique », nous lisons la définition suivante.... Si nous nous reportons, dans le même livre, au mot « philologie », nous nous trouvons en face de la triple division suivante: 1º Sorte de savoir général qui regarde les belles-lettres, les langues, la critique, etc. 2º Particulièrement. Étude et connaissance d'une langue en tant qu'elle est l'instrument ou le moyen d'une littérature. 3º Philologie comparée, étude appliquée à plusieurs langues, que l'on éclaire par la comparaison entre les unes et les autres.» Dans cette troisième et dernière division nous trouvons formulée très explicitement l'erreur courante chez nous, et qui consiste à confondre malencontreusement les deux termes de linguistique et de philologie comparée, en attribuant le même sens à l'un et à l'autre Un cours de grammaire comparée est chez nous un cours de philologie, celui qui s'occupe de grammaire comparée un philologue; dans le discours, dans les écrits, les mots de linguistique et de philologie, de linguiste et de philologue, offrent leur emploi au hasard ou selon l'impression plus ou moins euphonique ». Hovelacque, *Instructions pour l'étude élémentaire de la linguistique indo-européenne*, Paris, 1871, pag. 34-35.

confirmadas estas ideas sôbre o modo de considerar a philologia. Que digo? Os proprios auctores allegados pelo sr. Adolpho Coelho as confirmam [1].

Eis as palavras do folheto: « Na Allemanha é prodigioso o numero de trabalhos publicados sôbre as diversas questões

[1] [Ainda nas cousas em que os deveriamos suppor mais versados importa estar prevenido contra as leves asserções dos nossos germanizantes.

Viu-se ha pouco expressamente posto em duvida o facto de que a palavra alleman *Teufel* rhyme ou corresponda em consoante com *Zweifel*. « Disparate acabado », sentenceia o sr. Joaquim de Vasconcellos. « Como póde *Teufel*, que se pronuncia — Toifel — ser unisono com *Zweifel*, que se pronuncia — Te-ce-u-ai-fel! » (*O Faust de Goethe*, 1872, pag. 95).

D'aqui dou certeza aos nossos criticos de que não conheço « toda a litteratura faustiana em peso, tal como ella se acha mencionada na bibliographia de Peter, com os 300 ou 400 numeros addicionaes reunidos por Graça Barreto ». (A. Coelho, *Sciencia e probidade*, 1873, pag. 76). Confessal-o é, por summa vergonha e confusão minha, declarar-me inhabil para decidir entre a opinião do sr. Joaquim de Vasconcellos, que proclama sublime a segunda parte do *Fausto*, e a opinião de Gervinus, que a considera um capricho de velho, e, *com a auctoridade que dá uma sciencia superior*, a diz em parte merecedora de ser relegada para entre as producções insulsas e sem valor. (T. V, 4ª ed., 1853, pag. 638, da *Historia da poesia alleman*, inexhaurivel livro; « livre étrange — diz Klaczko —, œuvre telle que n'en avait pas encore connue l'Allemagne et que l'Allemagne seule pouvait produire »).

Similhantemente, e pela mais clamorosa de todas as desegualdades, não tenho, como o sr. Vasconcellos, direito de desvanecer-me de estar « ha treze annos em relação constante com a Allemanha, em communhão de ideas com os seus sabios, os seus moralistas, os seus philosophos e os seus artistas, as suas grandes figuras historicas emfim ». A bem dizer, as minhas relações não passam de Nictheroy, que é, imagino eu, como quem em Lisboa affirmasse: não passam de Cacilhas. Ora, por favor dos nossos criticos *á altura da sciencia*, não ha quem hoje ignore o que valem o Brazil e a sua capital. « *Tabaco*, que entre nós ninguem se peja nem póde pejar de pronunciar — diz por exemplo o sr. Adolpho Coelho (*Introducção* ao *Grande Diccionario*, pag. XIX) — é uma palavra obscenissima no Brazil ». Acode por outro lado o sr. Joaquim de Vasconcellos: « O que temos ouvido a brazileiros por repetidas vezes acêrca do estado moral e por consequencia intellectual do Brazil, excede tudo quanto se póde imaginar, *tudo!* Basta lembrar que no Rio de Janeiro ha umas 20 sociedades carnavalescas (sic) com termo medio 500 socios cada uma (ha-as de 800); cada socio paga 5$000 rs. fracos, mensaes, ou 60$000 annuaes, o que, triplicado por 500, dá 30:000$000 rs., e esta somma por 20 (numero de sociedades) é egual a 600:000$000 rs. fracos ou 300:000$000 rs. fortes, distribuidos annualmente por 10:000 mancebos, approximadamente. A applicação d'esta somma é destinada ás saturnaes do carnaval, onde apenas se vêem meretrizes e os vadios que formam a mocidade esperançosa do Brazil e da colonia portugueza ». (*O consummado germanista e o mercado das lettras portuguesas*, 1873, pag. 49-50, nota).

Sem embargo, porém, de tantas e taes abominações, cuja noticia nos chega pelo vapor da carreira do Porto; a despeito de me faltarem por inteiro, a mim pessoalmente, os treze annos de relação constante

d'essa sciencia. Benfey traçou ultimamente a historia d'esses trabalhos num bello livro ». (Pag. 17).

Comecemos pelo bello livro de Benfey : « Para a exacta comprehensão e para o restabelecimento do texto original d'aquellas obras [as dos antigos classicos gregos e romanos] importava conhecer a fundo as linguas em que foram concebidas, assim como todas as condições de existencia e seu desinvolvimento, cujos productos eram. Ampliou-se, converteu-se d'este modo a philologia em indagação e intelligencia de toda a antiguidade classica, e da cultura grega e romana em geral.... » [1].

com a Allemanha e com as suas grandes figuras historicas; mau grado em summa a minha inveterada e miserabilissima ignorancia de todos os numeros addicionaes e cardiaes da litteratura faustiana, posso, ex-carnavalesco e indignissimo de pôr os olhos no sol da gloria do sr. Joaquim de Vasconcellos, posso, nessa segunda parte do *Fausto*, que elle conhece como a palma das suas mãos, posso mostrar-lhe, logo no começo do primeiro acto, uma fala do chanceller, onde as palavras *Teufel* e *Zweifel* véem rhymadas. Isto só no caso que o sr. Joaquim de Vasconcellos permitta que o Zeus do Olympo allemão sabe alguma cousa da pronuncia da sua lingua — quando não, não. Acto I, pag. 15 da ed. de Cotta, Stuttgart, 1860:

> Natur und Geist — so spricht man nicht zu Christen:
> Desshalb verbrennt man Atheisten,
> Weil solche Reden höchst gefährlich sind.
> Natur ist Sünde, Geist ist Teufel;
> Sie hegen zwischen sich den Zweifel,
> Ihr missgestaltet Zwitterkind.

Versos nos quaes se confirma o dicto do « intermezzo » de Goethe: *Auf Teufel reimt der Zweifel nur*, traduzido por Blaze de Bury: « Diable et doute riment ensemble »; por Gérard de Nerval: « Le doute paraît plaire au diable »; por Porchat: « *Diable* rime avec *fable* », por Maffei: « *Dubbio* e *diavolo* rima in allemano »; por Falck Lebahn: « Only *Zweifel* (doubt) rhymes to *Teufel* (devil) »; pelo sr. Agustinho de Ornellas « Diabo rhyma com duvida », e mais á lettra pelo proprio sr. Joaquim de Vasconcellos: « Com o diabo rhyma só a duvida », o que infelizmente não dá sentido em português, e é o que pelo nosso vulgar proloquio se chama *rhymar nabos com bugalhos*.

Postscriptum. Unindo-se aos seus collegas, acaba o sr. Vasconcellos de resolver na *Bibliographia critica* (1873, pag. 282) : « Não ha *raça latina* ». Quem, entretanto, recorre a um dos poucos escriptores que hoje em dia tem alampada em Meca, e a um dos livros mais acreditados entre os nossos scholiastes do *Faust* organico, a *Introducção á Historia do seculo XIX* de Gervinus, *Historia* por onde amiude fazem a sua litteratura, observa, desde as primeiras paginas, a ingenuidade tranquilla com que o auctor nos fala de raça latina e de raça germanica. E o certo é que se fica devéras perplexo entre a opinião de Gervinus e o juizo d'aquelles senhores!]

[1] *Geschichte der Sprachwissenschaft und orientalischen Philologie (Geschichte der Wissenschaften in Deutschland*, t. VIII), pag. 5. Munich, 1869.

Voltando ao folheto: « O sr. Innocencio parece comprazer-se em revelar a sua profunda ignorancia das cousas allemans. Os sabios allemães (tambem ha ignorantes allemães, mas as opiniões d'esses não se discutem) traçam uma profunda linha divisoria entre philologia e linguistica ou glottica [1], como elles melhor lhe chamam. V. por exemplo o escripto de G. Curtius *Die Sprachvergleichung in ihrem Verhaeltnisse* (sic) *zur classischer* (sic) *Philologie.* Berlin, 1848; A. Schleicher *Die deutsche Sprache.* Stuttgart, 1860; Max Müller *Lectures on the science of Language*, first series ». (Pag. 11).

Dos escriptores a quem o sr. Adolpho Coelho appellida em prol da sua causa, que diz o primeiro? Diz: « Tornando agora á nossa questão principal, a saber, á relação que ha entre a linguistica comparada e a philologia, fica evidente que a comparação philosophica das linguas interessa menos á philologia, como sciencia historica que é, mas que a comparação historica lhe toca mui de perto. Se a philologia classica em especial é a sciencia da antiguidade grega e romana; se uma das mais sublimes manifestações do genio antigo são as linguas classicas, o estudo aprofundado d'estas será sempre tambem o principal intuito da philologia » [2].

Mas, se o sr. Adolpho Coelho pretendia alcançar « a noção

[1] [« Os franceses empregam no mesmo sentido.... a palavra mal formada e barbara *linguistique*, derivada por meio do suffixo greco-latino *icu* de *linguiste* (glottico, investigador scientifico da linguagem), que é formada de *lingua* por meio do suffixo grego *ist*, á maneira romanica, como *jornalista*, *dentista*, etc. » Isto diz o sr. Adolpho Coelho na primeira pagina do opusculo *Sôbre a necessidade da introducção do ensino da glottica em Portugal* (Lisboa, novembro de 1870) e sem discrepancia o repete na *Introducção* ao *Grande Diccionario* (1872, pag. XIII). *Je prends mon bien où je le trouve.* A mesma reflexão se encontra em Schleicher, *Die deutsche Sprache* (2ª ed., 1869, pag. 123): « *Linguistik* ist von *Linguist* (= Sprachforscher, Glottiker) mittels eines lateinisch-griechischen Suffixes, ursprünglich *-iko-s* abgeleitet, *Linguist* aber auf romanische Art mit einer ursprünglich griechischen Endung vom lateinischen *lingua* « Zunge, Sprache » gebildet, wie spätlateinisch *psalmista* von *psalmus*, französisch *dentiste* von *dent*, *journaliste* von *journal*, *artiste* von *art* u. a.; *Linguistik* (und ebenso *Linguist*) ist demnach ein auf wesentlich moderne und etwas barbarische Art gebildetes Wort und steht also einem Glottiker übel an ». — Sem aquelle malaventurado suffixo greco-latino que o original diz *-iko-s*, e que o sr. A. Coelho nos dous logares escreve *icu*, o plagio seria quasi inoffensivo.]

[2] *Die Sprachvergleichung in ihrem Verhältniss zur classischen Philologie*, pag. 7-8. Berlin, 1845.

que se fórma de philologia hoje na Allemanha », não a devia pedir a esse escripto de Curtius, porêm á prelecção com que o auctor mais tarde inaugurou o seu curso de philologia classica na Universidade de Leipzig: « Assim veiu pois a prevalecer pouco a pouco um terceiro modo de considerar a philologia, no sentido fundamental que F. A. Wolf lhe estabeleceu, de sciencia da antiguidade [1]. Fixando d'est'arte á philologia o encargo de investigar a antiguidade no seu complexo, e conseguintemente á philologia classica a de investigar a antiguidade greco-romana — nas diversas faces d'essa antiguidade temos as particulares divisões da sciencia, as quaes, em absoluta egualdade de direitos entre si, offerecem no seu todo a completa imagem da antiga civilisação. Quatro são os aspectos principaes de uma civilisação adeantada: lingua, crença religiosa, arte e costumes. Cada um fórma uma disciplina da philologia classica.... » [2].

Agora Schleicher na obra indicada: « A philologia é uma disciplina historica. Consiste a sua tarefa em abranger e expor a vida intellectual de povos ou gruppos de povos notaveis.... Só onde existir vida intellectual, historia, e principalmente litteratura, poderá a philologia exercitar a sua actividade. — ... A sciencia da linguagem, pelo contrario, não é disciplina historica, mas disciplina da historia natural. O seu objecto é, não o viver intellectual dos povos, a historia (no mais amplo sentido), senão sómente a lingua; não a livre actividade intellectual (a historia), e sim a lingua, subministrada pela natureza, e subjeita a regras de formação invariaveis.... » [3].

[1] « La odierna filologia non è più la riproduzione impossibile della poesia e della eloquenza greco-latina o la raccolta inorganica di notizie archeologiche, ma bensì la scienza delle civiltà antiche, considerate in tutti i loro elementi, in tutti i loro periodi, in tutte le loro rivelazioni ». D. Pezzi, Prefacio á *Teorica dei suoni e delle forme della lingua latina* de Schweizer-Sidler, pag. v, Turin, 1871. — [Veja Benloew, *Aperçu général de la science comparative des langues*, 2a ed., Toulouse, 1872, pag. 5-9.; e cfr. Hillebrand, *Étude sur Otfried Müller*, pag. LX - LXI.

[2] *Philologie und Sprachwissenschaft. Antrittsvorlesung gehalten zu Leipzig am* 30. *April* 1862, pag. 6. Leipzig, 1862.

[3] *Die deutsche Sprache*, 2a ed., pag. 119-120. Stuttgart, 1869.

Na memoria anteriormente publicada pela Academia das Sciencias de S. Petersburgo, Schleicher define a philologia « a sciencia á qual incumbe indagar e expor o viver intellectual de povos conspicuos, sendo-lhe para tal fim duplamente necessaria a lingua, primeiro como organon, como hypothese, depois como manifestação do espirito das nações, que em todos os sentidos lhe compete investigar » [1].

Segue-se Max Müller: « Philology, whether classical or oriental, whether treating of ancient or modern, of cultivated or barbarous languages, is an historical science. Language is here treated simply as a means. The classical scholar uses Greek or Latin, the oriental scholar Hebrew or Sanskrit, or any other language, as a key to an understanding of the literary monuments which bygone ages have bequeathed to us, as a spell to raise from the tomb of time the thoughts of great men in different ages and different countries, and as a means ultimately to trace the social, moral, intellectual, and religious progress of the human race » [2].

Continúa o folheto: « Heyse, *System der Sprachwissenschaft*, « s. 17, define a philologia como « uma sciencia historica, cujo « fim é o conhecimento da condição intellectual, dos trabalhos « e productos de uma nação, ou nações congeneres, em epochas « particulares da chronologia geral, com referencia ao desin- « volvimento historico de taes nações. » Essa é a noção que se fórma de philologia hoje na Allemanha; segundo ella, pois, a philologia, apezar da vastidão de conhecimentos que exige pelas multiplices relações a que tem de attender, não absorve em si as sciencias historicas; é apenas um ramo d'essas sciencias. William Smith, referindo-se a essa definição, diz na sua edição das *Lectures on the English Language*, by George Marsh (1862), p. 19: « Não ha uma só philologia, a saber, uma phi- « lologia grega e romana, mas muitas philologias, tantas, em « verdade, quantos povos distinctos, ou familias de povos ha,

[1] *Zur Morphologie der Sprache*, pag. 36, S. Petersburgo, 1859. — Cfr. *Die Sprachen Europa's in systematischer Uebersicht*, pag. 1, Bonn, 1850.

[2] *Lectures on the Science of Language*, 6ª ed., t. I, pag. 24. Londres, 1871.

« cujos characteres intellectuaes e acção podem ser conhecidos « por meio das suas linguas (*i. e.*, *por meio dos monumentos das « suas linguas*). Na philologia, assim considerada, o estudo das « linguas é um meio para o fim especificado na definição dada ».

Não vejo em que possa a explanação de Smith ministrar força á contrariedade offerecida pelo sr. Adolpho Coelho [1]. O auctor inglês, affirmando que ha tantas philologias quantas são as nacionalidades historicas que deixaram documentos litterarios, repete trivialmente uma reflexão de Böckh, de Otfried Müller, de Schleicher e do mesmo Heyse.

Quanto á definição d'este, é perfeita, nem quero outra para justificação do *Diccionario.* Pedia unicamente ao sr. Adolpho Coelho que, em vez de a tomar do inglês, a ratificasse pela licção original, sem pretermittir as clausulas que a antecedem e completam: « Só nos nossos tempos e maiormente depois de Wolf — escreve Heyse — se principiou a conformar a uma sciencia objectiva a massa das disciplinas dependentes, a ordenal-as segundo um principio e sob um conceito commum.... Torna-se d'esta sorte a philologia a *sciencia da antiguidade.* É uma sciencia *historica* que tem por objecto o ser e viver complexo dos dous povos da antiguidade classica em todas suas manifestações e producções intellectuaes ». — E logo após as palavras invocadas pelo sr. Adolpho Coelho: « Alêm da philologia classica, ha a indiana, a semitica, a germanica e outras, cujo scopo é não meramente a lingua e litteratura dos referidos povos ou tribus, porêm o total conjuncto das revelações da sua vida intellectual. Em tal sentido, Jacob

[1] « But *philology*, and its derivative adjective, have acquired, in the vocabulary of Continental science, a different meaning from that which we give them, more comprehensive in one direction, more limited in another, and, to supply the want which a restriction of their earlier sense has created, *linguistic* or *linguistics*, a term Latin in its radical, Greek in its form, has been introduced. *Philology* was originally applied in Germany to the study of the classical languages and literature of Greece and Rome, as a means of general intellectual culture. In its present use, it is defined as a « historical science, whose « end is the knowledge of the intellectual condition, labours, and pro- « ducts of a nation, or of cognate nations, at particular epochs of ge- « neral chronology, with reference to the historical development of such « nations ». (Smith, licção addicional das *Lectures on the English Language, by George P. Marsh*, 5ª ed., pag. 18-19, Londres, 1868). — [Cfr. J. Müller, *Rivista di filologia e d'istruzione classica*, I, pag. 129-130, Turin, 1872.]

Grimm é em verdade o fundador da philologia germanica, porquanto não restringiu á lingua as suas investigações, antes as dilatou pelo dominio da litteratura, religião, direito, etc., dos povos germanicos » [1].

E nenhuma conclusão tirarei d'este congesto de provas. As qualificações excessivas — *estulticia*, *má fé*, *inepcia*, *paginas desgraçadas*, *documento miseravel* — deixal-as-hemos onde o sr. Adolpho Coelho as collocou.

Ha sotaques de argumentação como os ha de linguagem. O estylo tem tambem a sua idiosyncrasia.

Assim, acha o sr. Adolpho Coelho que V. Ex. escreve mal. Nada mais logico. O primeiro fasciculo da *Phonologia* declara assertivamente que « o elementar mesmo da glottica » é ignorado em Portugal. Pergunta V. Ex.: E que sabem d'isso nações mais adeantadas? « A Inglaterra, por exemplo, que, satisfeita com revelar á Europa a lingua sagrada da India, descansou do trabalho ao septimo dia, e assim permaneceu até que ao sr. Max Müller aprouve dar-lhe na propria casa prelecções da sciencia da linguagem, inicial-a nos segredos da *phonologia*, e fazer rir os collegas com os seus systemas mythologicos? » — Então o sr. Adolpho Coelho, atalhando: « Notemos em primeiro logar a estulticia das ampliações *rethoricas* do paragrapho transcripto. A esse modo de escrever chama-se em Portugal escrever bem. Depois a ironia de uma terceira especie que escappou a Richter, mais comica do que a que elle condemna.... — Para o sr. Innocencio, como para muito boa gente, cujo espirito Deus esclareça.... »

Como se vê, a rhetorica vem trazida para aqui... por uma figura de rhetorica. Era força culpal-a, embora de alguma pravidade innocente. Os chascos, os vulgares dicterios contra a rhetorica, ou antes contra o estylo como condição d'ella, pertencem hoje á esphera das ideas communs a um gremio de escriptores que, sottopondo-se os seus tantos volumes —

[1] *System der Sprachwissenschaft* von K. W. L. Heyse. Nach dessen Tode herausgegeben von Dr. H. Steinthal, pag. 17, 18. Berlin, 1856.

quero crer que divinamente pensados, mas em todo o caso mal escriptos — cuida poder medir-se pela estatura do grammatico de Hauteville House [1]:

> Je fis souffler un vent révolutionnaire.
> Je mis un bonnet rouge au vieux dictionnaire.
> . . . .
> « Aux armes, prose et vers! formez vos bataillons!
> « Voyez où l'on en est: la strophe a des bâillons!
> « L'ode a les fers aux pieds, le drame est en cellule.
> « Sur le Racine mort le Campistron pullule! »
> Boileau grinça des dents; je lui dis: Ci-devant,
> Silence! et je criai dans la foudre et le vent:
> Guerre à la rhétorique et paix à la syntaxe!
> Et tout quatre-vingt-treize éclata. Sur leur axe,
> On vit trembler l'athos, l'ithos et le pathos.

No papel intitulado *O Relatorio do sr. Latino Coelho acêrca do Diccionario da Academia* repete-se esta accusação em cada pagina: « Comparações sem valor scientifico, puramente rethoricas; — Generalidades em que a sciencia se acha substituida pela rethorica; — A rethorica [nunca *rhetorica*: innovação graphica, como o *gotico* de Lottner ou o *tataro* de Schleicher?] está aqui [2],

[1] « J'ajoute que ces considérations de forme, qui passent aux yeux du monde pour superficielles, ne le sont point, et Victor Hugo moins que personne ne les croit minimes ou secondaires. Il dit tranquillement qu'il est le seul écrivain *classique* de ce siècle, parce qu'il est, à l'entendre, le seul qui ait eu le culte de la forme et le soin de la langue.... Ce que nous pouvons dès à présent lui accorder, c'est qu'il est en effet, comme il s'en vante aussi, un érudit de première force, ou selon sa propre expression, un *pédant*, vrai magister d'école: personne, parmi nos poëtes, n'est aussi bon grammairien que lui; personne ne connaît, personne ne possède comme lui non-seulement le mécanisme de la versification, mais tout le matériel de la langue française ». Paulo Stapfer, *Les Artistes juges et parties*, II, *Le grammairien de Hauteville House*, Paris (1871?) pag. 43.

[2] [Chavée, que não hesitou em pôr como epigraphe a um dos seus livros mais graves o verso das *Contemplações*:

> Car le mot, qu'on le sache, est un être vivant,

calando todavia os que seguem:

> Le mot, le terme, type on ne sait d'où venu,
> Face de l'invisible, aspect de l'inconnu;
> Créé, par qui? forgé, par qui? jailli de l'ombre....

Chavée, como outr'ora Lamartine, desculpa-se do delicto de poesia nestas palavras de exordio ao seu estudo *Du souffle à la parole par la flamme et la lumière*: « Ce n'est pas ma faute à moi si cet article d'idéologie positive emporte avec soi un titre en apparence purement poétique. La poésie est dans les langues et je l'y prends toute faite. Donc cet ablatif (Du Souffle) et ce locatif (à la parole).... »]

como no resto, com detrimento da verdade; — Elle substitue a noção exacta, scientifica pela banalidade rethorica; — Ornatos oratorios que enquadram noções vulgares e alguns erros ».

Á falta de pecha contra a elocução sempre tersa e elegante, contra a luzente, a polidissima elocução de tal prosador [1], o sr. Adolpho Coelho, professor de sciencia de linguagem, encartado em campeão de lingua franduna [2], accusa-o de escrever a

[1] « Tenho sido accusado de não ter feito senão flores. De um alto personagem sei eu que me fez a honra d'este juizo. E ainda se fôra verdadeiro o conceito! Se flores tivesse eu conseguido fabricar! Um politico, cujos chistes e donaires andam em proloquio, já dice de mim que eu era *um estylo á procura de um assumpto*. Mas um estylo é a cousa mais preciosa e rara nas lettras. Um estylo é Cicero e Chateaubriand. E prouvera a Deus que fôra tambem exacta esta censura! » LATINO COELHO, *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, II, 1860, pag. 116.

[2] [Para defendel-a se desafoga a *splendida bilis* do sr. Theophilo Braga nas palavras de um escripto recente, com que pretende lhe relevem *algum mau estylo*, quasi affirmando que tambem descobriu a America: « Nunca teve estylo Christovam Colombo, e a impressão immediata da America fel-o descobrir na prosa impensada das suas *Cartas* as mais incalculaveis bellezas da linguagem; nunca tiveram estylo os marinheiros que escappavam dos naufragios dos galeões da India, e nunca houve estylista que escrevesse como uma pagina da *Historia tragico-maritima*. Nunca tiveram estylo Trenck, a Religiosa portuguesa, os chronistas da edade media, e não ha linguagem mais pittoresca, mais espontanea, mais viva, mais sentida, mais em contacto com a verdade, do que a d'estes pobres que teem de vez em quando *algum mau estylo*... Isto faz piedade, por ver até que poncto um velho preconceito dos rhetoricos ainda transpira neste seculo da critica. Um dia os rhetoricos foram postos fóra de Roma; hoje os rhetoricos estão postos fóra da sciencia. Como póde trabalhar-se para definir a idea, dar o seu equivalente na palavra, expor com deducção, desinvolver, fazer surgir a verdade da fórmula que se condensou dos factos, e ao mesmo tempo estudar o rhythmo dos periodos, animal-os com breves incidentes, matizal-os com alguns adjectivos, e procurar a amenidade? A natureza é severa com os seus filhos: o pensador, o que serve a idea, attinge por vezes a sublimidade da linguagem, como vemos em Kant, descrevendo as operações do espirito na *Critica da razão pura*; mas o onanista do estylo, esse não tem coherencia, é como um môlho que acirra o paladar sem lhe dar alimento, é um meio que não passou de si mesmo, e que deixa no espirito do que estuda esse tedio que fez dizer: *Words, words, words!* » (*Os Criticos da « Historia da litteratura portuguesa »*, p. 29).

Nesta questão representa o sr. Theophilo Braga um dos partidos, partido cujo motto está no prologo dos *Iambos* — o partido dos novadores intrepidos a quem não inquietam

les vulgaires abois
De tous les charlatans qui donnent de la voix,
Les marchands de pathos et les faiseurs d'emphase,
Et tous les baladins qui dansent sur la phrase.

Dirá d'aqui a pouco pelo lado contrario o sr. Alexandre Herculano. E no emtanto registrarei para memoria alguns periodos de uma carta sua,

primor. *Felix culpa!* O que é certo é que o auctor do *Relatorio* não poderá fazer ao sr. A. Coelho a mesma imputação. Rhythmo desenho, côr, movimento, nenhuma das condições do estylo

não inteiramente extranha ao assumpto: « A sciencia moderna dividiu as manisfestações da intelligencia, em relação á litteratura, em duas classes. Uma pertence ás academias: é aristocratica, paceira, imitadora, cosmopolita, descorada, pedante, velhaca, fazendo escandaloso abuso da escova e da gravata. É aquella a que o publico actual, o publico ignorante, chaveiroso, papeiro, ou, para usar da rigorosa expressão scientifica, *cretinisado*, chama litteratura nacional. A outra é democratica e não entra nas academias; prefere as *hortas* e a *cova-funda*; detesta a escova, a grammatica e a gravata. É uma funcção fatal d'aquella secção da sociedade que não se lava. Vem espontaneamente das fibras, do sangue, do organismo, como o furunculo ou a exostose. É radicalmente portuguesa, porque oriunda da Allemanha, d'onde chegou ha tempos, *via* Mosarabia. A sciencia baptizou-a... não digo bem (o christianismo não está em grande cheiro de sanctidade para com a sciencia moderna) denominou-a « nacional-litteratura » ou, segundo a melhor orthographia, « naciona-litteratura ». A litteratura nacional e a « naciona-litteratura » são duas entidades que se distinguem essencialmente, que se excluem, que se repellem, que se odeiam; que podem coexistir tanto como o acido carbonico e a respiração; como o S. Jorge do castello de Lisboa e o Sanctiago de Compostella. Essa antinomia explica-a admiravelmente a glottica.... »

Se não estou em erro, foi já depois de estampadas no *Almanach das senhoras* as linhas precedentes, foi, digo, que o sr. Joaquim de Vasconcellos tornou publica a sua profissão de fé ou credo do *estylo livre*: « O nosso estylo livre, a nossa linguagem, apezar de « barbara », não a trocâmos pelo ouropel, roubado nos ferros velhos, onde o visconde de Castilho e quejandos se vão sortir das suas raridades. A nossa linguagem, defeituosa e *barbara* como é — é nossa.... Imagine o sr. Gomes Monteiro que somos *barbaros*, e que achâmos a linguagem do visconde de Castilho, não despotica, mas miseravelmente bernardiana ». (*O consummado germanista*, p. 174). — O sr. Vasconcellos, que me parece mais versado nas questões de musica e *virtuosidade* (pag. 83) que nas da arte de escrever, leria talvez com aproveitamento, num trabalho de Scudo, *Les écrits et la musique de M. Wagner* (*Revue des Deux Mondes*, março de 1860; *L'Année musicale*, II, 1861, p. 133-137: cf. Wagner, *Quatre poèmes d'opéras*, 1861, p. x-xii), trabalho de grande elevação critica, em que peze a Marselli e a Fétis, a definição do que é a fórma na arte. E como não reflectiu que servir-se de uma lingua a que propriamente possa chamar *sua*, é deixar de falar a lingua da nação, o sr. Adolpho Coelho, familiar com as opiniões recebidas na sciencia da linguagem, poderá por sua vez propor-lhe para estudo algumas palavras de Max Müller na segunda licção do curso de 1861 (6ª ed., pag. 40, 43): « We might think as well of changing the laws which control the circulation of our blood, or of adding an inch to our height, as of altering the laws of speech, or inventing new words according to our own pleasure. As man is the lord of nature only if he knows her laws and submits to them, the poet and the philosopher become the lords of language only if they know its laws and obey them.... — Though the individual seems to be the prime agent in producing new words and new grammatical forms, he is so only after his individuality has been merged in the common action of the family, tribe or nation to which he belongs. He can do nothing by himself.... »]

tem valor aos seus olhos [1]. Ora, neste poncto, de Schopenauer até Ranke e de Feuerbach até Bunsen, não o ouso affirmar,

[1] Porventura lembrado de uma phrase de Taine, houve quem observasse, falando da *Historia de França* de H. Martin: « La préoccupation du style a tué le style ». Ora, onde diz Taine que « La suppression du style est la perfection du style »? No livro em que se detem a mostrar-nos as excellencias da elocução de Beyle, e onde estas palavras suas resumem a critica do estylo de Michelet: « Il est composé d'exagérations ». E aquella mesma opinião que é em substancia senão uma variante das famosas sentenças de Pascal: « L'éloquence continue ennuie »; — « La vraie éloquence se moque de l'éloquence » ?

Estas questões de eloquencia e estylo acho-as tractadas com superior discernimento em dous livros modernos coroados pela Academia Francesa, o *Chateaubriand* de Benoit e o *Bossuet orateur* de Gandar. O livro de Emilio Deschanel, *Physiologie des écrivains et des artistes*, será talvez mais conhecido. No *Essai sur l'esprit des littératures* de Benloew e na *Rhétorique populaire* de Laboulaye o assumpto apparece considerado a outras luzes.

Victor Hugo (*Littérature et philosophie*, t. I, pag. 21) consagra á demonstração do preceito *Gardons-nous des modes dans le style* uma pagina dignissima de cogitação. Nisard tinha dicto antes d'elle: « On pourra parler successivement dans sa vie cinq ou six langues à la mode; on n'aura jamais eu de langue à soi ». (*Poëtes latins de la décadence*, II, 329). — Não ha quem não conheça a celebre invectiva de Vieira contra o estylo usado no seu tempo. Vem no sermão da Sexagesima prégado em 1655, sermão, de entre todos os que compôs, escolhido pelo auctor como prologo dos demais: « Este desventurado estylo, que hoje se usa, os que o querem honrar, chamaõlhe culto; os que o condemnaõ, chamaõlhe escuro; mas ainda lhe fazem muyta honra. O estylo culto naõ he escuro, he negro, & negro boçal, & muyto cerrado. He possivel que somos Portuguezes, & havemos de ouvir um prégador em Portuguez, & naõ havemos de entender o que diz? » O sr. Latino Coelho characteriza algures num breve traço a « litteratura arrebicada e preciosa-ridicula do seculo de D. João V » — seculo em que a *Nova Arte de conceitos* de Francisco Leitão Ferreira desbanca a *Arte de injenio* de Gracian; em que a *Fenix renascida* prepara os *Eccos, que o Clarim da Fama dá: Postilhaõ de Apollo, montado no Pegazo, girando o Universo, para divulgar ao Orbe literario as peregrinas flores da Poezia Portugueza, com que vistosamente se esmaltaõ os jardins das Musas do Parnazo; Academia Universal, em a qual se recolhem os crystaes mais puros, que os famigerados Engenhos Lusitanos beberaõ nas fontes de Hipocrene, Helicona, e Aganipe.* D'esse periodo litterario deliniou Rebello da Silva largo quadro no seu estudo da *Arcadia portuguesa* (*Annaes das Sciencias e Lettras*, t. I, 1857). Um fragmento anonymo de Garrett, publicado em 1840 no *Jornal do Conservatorio* — *Tohu-bohu, sonho abphometico, lyrico, phantastico, &., pelo doutor in utroque Ichheit (Leipzig e Flachsenfingen)* — deixa resvalar esta allusão aos dramas de ha trinta annos:

> Os dramas de embutidos, e esses ver-
> Sos de truz, suclopé, tris-trás cambados,
> Que me parecem feitos por aposta.

Pelo mesmo tempo escrevia o sr. Alexandre Herculano no parecer sôbre o drama *D. Maria Telles*: « O estylo, para dizer tudo em poucas palavras, é o da moda, isto é, a maior parte das vezes falso: com-

mas creio que a philosophia e o espirito litterario de toda a Allemanha o condemnam [1]. Darei por testimunho, na quadra mais brilhante das lettras, o *Laocoonte* ou a *Dramaturgia* de Lessing? os escriptos de Herder e de Varnhagen de Ense? Para que os daria? O chamado *abecedario do romantismo*, a *Introducção á Esthetica*, referida por allusão no folheto do sr. A. Coelho, esse

parações frequentes, que a situação moral dos personagens que as fazem não comporta; certa poesia na dicção impropria do dialogo; fartura d'essas exaggerações com que embasbacam os parvos da platea, e que os homens de juizo não podem soffrer. Ás mãos cheias estão por ahi derramadas as maldicções, os anjos de azas brancas, os rochedos em braza, os infernos, os demonios, e toda a mais ferramenta dramatica, usada hoje no theatro, e que não sabemos d'onde veiu.... O estylo é tudo, dizia Voltaire. Não somos da sua opinião absolutamente; mas é incontestavel que uma obra litteraria excellente em todas as demais partes, se lhe fallecer a propriedade do estylo, nunca poderá obter para seu auctor uma reputação duradoura. Não faltam na historia litteraria de todas as nações exemplos d'esta exactissima observação». (*Memorias do Conservatorio Real de Lisboa*, 1842, pag. 144).

Sem inconveniente se poderia seguir até aos nossos dias a historia das modas no estylo, vindo dos criticos *medievistas* e dos expositores de *nacionallitteratura* aos poetas da *eschola satanica*, cujo arauto se fez algum tempo na *Revolução de Septembro* o sr. Luciano Cordeiro.

[1] « On n'est pas en droit, certainement, d'exiger que tout naturaliste écrive comme Buffon, et que tout savant compose comme Augustin Thierry, pas même que tout archéologue attache le lecteur profane comme M. Ampère ou M. Vitet. Cependant le manque absolu de composition et la lourdeur incomparable du style, chez la plupart des savants allemands, sont plus que des inconvénients, ce sont des vices qui portent un tort considérable et aux idées qu'ils défendent et aux connaissances qu'ils accumulent, à la diffusion surtout de ces idées et de ces connaissances. Si le Français sacrifie parfois un peu trop l'*estre* au *paraître*, ne peut-on pas dire de l'Allemand qu'il néglige par trop le paraître, qui, après tout, est aussi nécessaire à l'être que le corps l'est à l'âme? Qui n'a été mis au supplice à chercher péniblement des idées souvent grandes et fécondes, à travers le langage compliqué, torturé, hérissé d'incidentes, d'un savant allemand! Qui n'a dû s'armer de toute sa patience, de toute sa pénétration, de l'attention la plus soutenue pour suivre la marche de ces idées, interrompue ici par une digression, arrêtée là par un détail matériel ou par la discussion critique d'un fait!.... Qui n'a manié ces gros volumes de papier buvard, sans alinéas, sans index, sans tables de matières, où tant de science, d'idées nouvelles et justes, de poétiques images et d'ingénieuses comparaisons, tant d'admirables tableaux et portraits sont enfouis pêle-mêle et semblent attendre la main ordonnatrice qui les mette dans un jour favorable! » Karl Hillebrand, *Étude sur Otfried Müller*, 1865, pag. xcii. — Cfr. Hegel, *Système des Beaux-Arts*, trad. de C. Bénard, t. I [2], Paris, 1860, pag. 13-14; Dollfus, *De l'esprit français et de l'esprit allemand*, 1864, p. 8-14 e p. 20; Bossert, *Des caractères généraux de la littérature allemande, discours prononcé à l'ouverture du cours de littérature allemande, à la Sorbonne*, 1868, pag. 15; Heinrich, *Histoire de la littérature allemande*, t. I, Paris (Lyon), 1870, p. 34; t. II, 281-282.

só livro de João Paulo me basta. Veja-se o como discorre á volta do purismo de Campe, do formoso e musical estylo de Engel [1]; o como cifra em um só preceito as leis quasi indeterminaveis

[1] « E daqui vem o dizer o Orador Romano, que não podia entender, como era possivel que qualquer sujeito tivesse ouvidos humanos, ou ser de homem, e fosse insensivel ao número, e harmonia do discurso, quando via que todo o povo com publicos applausos mostrava o seu contentamento de ouvir a cadencia numerosa de seus periodos: *Conciones sæpe exclamare vidi, cum verba apte cecidissent.* (Cic. Orat. n. 158). » — « A eloquencia de Demosthenes, diz um grande émulo deste Orador, não fusilaria seus raios com tanta força, se não fosse o número, e harmonia que os acompanha. (Orat. n. 70) ». A. das Neves Pereira, *Mechanica das palavras, em ordem á harmonia do discurso eloquente*, Lisboa, 1787, pag. 8, 12.

Transcrevo estas maximas latinas em razão de as ver allegadas por um dos poucos « homens superiores á eschola em que se filiavam », um dos auctores com quem o sr. A. Coelho dá por morta á nascença a philologia portuguesa. Eu ficarei aquem na admiração das obras do oratoriano, onde julgo descobrir que as triviliadades de linguagem, ás vezes tão outra da do seu contemporaneo Dias Gomes, não são menos frequentes que os lapsos de critica — nelle algo diversa da larga critica de Puoti, o *penultimo de' puristi*, tão ao vivo retrattado por De Sanctis (*Saggi critici*, 2ª ed., pag. 522-535, Napoles, 1869).

Assim, no *Ensaio sôbre a philologia portuguesa*, premiado pela Academia na sessão publica de 1792, diz, lendo pela edição de 1771 (I, pag. 148) os versos de Ferreira:

Pascia o gado gordo da verdura
Da serra, que royda se queimava
Para lhe renovar sua postura,

diz-nos gravemente: « Metáfora propriissima pela analogia de postura do rosto, ou feição, com postura da serra, monte, &c., que renovando-se tem nova face, ou mostra nova apparencia com a verdura ». (*Memorias de litteratura portuguesa*, t. V, 1793, pag. 129). Onde, tomando como belleza poetica o erro typographico *postura* por *pastura*, depois notado, ao lado de outros das reimpressões dos nossos classicos, na *errata* anonyma de Joaquim Ignacio de Freitas (*Supplemento de que, como parte integrante, se devem prover*, etc., Coimbra, 1825), faz lembrar a indignação de Voltaire em presença do verso do *Edipo*: « Le sang a peu de droits dans le séxe imbécille », a cuja leitura, e deslembrado da accepção recta da palavra *imbécile* — alias commum, no sentido de *faible, impuissant, sans énergie*, entre auctores nada menos notaveis pelo seu decoro que Pascal, Bossuet e S. Francisco de Sales — exclama: « C'est une injure très-deplacée et très-grossière, fort mal exprimée ». (*Commentaire sur Corneille*, ed. de F. Didot, 1862, pag. 435; Friderico Godefroy, *Lexique comparée de la langue de Corneille et de la langue du XVII^e siècle en général*, t. I, 1862, pag. 372). Ou tambem a reflexão do mesmo commentador áquelles outros versos do *Heraclio*:

Comme sa cruauté, pour mieux gêner Maurice,
Le forçoit de ses fils à voir le sacrifice ....

« Forcer un père à voir égorger ses enfants, est-ce là simplement le gêner? n'est-ce pas lui faire souffrir un supplice affreux? Que le mot propre est rare! mais qu'il est nécessaire » (Pag. 340). Ora, como

da harmonia na prosa, negada ao periodo viril de Klopstock, alias em poesia verdadeiro compositor e artista do som.

« L'idée nue, dépourvue de tout ce qu'elle tient de l'ex-

no seculo XVII *gêner*, « pela energia do sentido etymologico », significava *mettre à la torture, tourmenter cruellement* [*mettre à la gêne, à la gehenne* ; *faire souffrir extrêmement*, Marty-Laveaux, *Lexique de la langue de J. Racine*, 1873, pag. II], razão tem Godefroy para affirmar : « La remarque de Voltaire et ses interrogations et exclamations sont étonnantes, et presque risibles ». — Commines, d'Aubigné e Montaigne escrevem ainda *gehenner*, visivel derivação de *gehenna*, que em Tertulliano e Prudencio, bem como nos Evangelhos, tem a significação de inferno ou logar de penas eternas, e já em outros escriptores ecclesiasticos da edade media exprime, segundo Max Müller, a idea mais geral de padecimento e pena. Primitivamente era Gehenna o nome do valle de Hinnom, perto de Jerusalem, onde os judeus immolavam pelo fogo os proprios filhos. « How few persons think now — observa o auctor das *Lectures*, II[6], pag. 264 — of the sacrifices offered to Moloch in the valley of Hinnom when they ask their friends to make themselves comfortable, and say, *Ne vous gênez pas* ». — Voltaire não se esquecêra de Moloch nem da Biblia, porêm ignorava um dos usos da palavra, qual o haviam consagrado os escriptores dos seculos XVI e XVII : « Le mot *gêner* ne signifie parmi nous qu'*embarrasser, inquiéter*. Ainsi, Pyrrhus dit à Andromaque : *Ah ! que vous me gênez !* Il vient à la vérité originairement de *géhenne*, vieux mot tiré de la *Bible*, qui signifie *torture, prison* ; mais jamais il n'est pris en ce dernier sens ». (*Commentaire*, pag. 267). E comtudo o manuscripto do *Commentario* fôra submettido ao exame attentissimo da Academia Francesa. Voltaire procurára interessal-a no seu trabalho, propondo-lh'o por assumpto de gloria nacional, com a ambição de dar á obra individual de um academico a auctoridade de toda a corporação. Dirigindo-se aos seus confrades, cujas luzes e conselho repetidas vezes sollicitára, escrevia a d'Alembert em septembro de 1761 : « Souvenez-vous que les étrangers doivent apprendre la langue française dans ce livre. Quand j'aurai oublié une faute de langage, ne l'oubliez pas; c'est là l'objet principal. On apprend notre langue à Moscou, à Copenhague, a Bude et à Lisbonne. On n'y fera point de tragédies françaises ; mais il est essentiel qu'on n'y prenne point des solécismes pour des beautés ; vous instruirez l'Europe en vous amusant ». (*Lexique de la langue de Corneille*, t. I, pag. LXXXVII).

Analogo ao de Voltaire é o caso dos nossos grammaticos que durante sessenta annos andaram a notar um erro de concordancia no terceiro canto dos *Lusiadas*, est. 41 :

> Que mais o Persa fez naquella empresa,
> Onde rosto & narizes se cortaua ?

Exemplo que um dos redactores do *Diccionario* da Academia, Pedro José da Fonseca (*Rudimentos da grammatica*, 1799, pag. 308) incluiu na categoria dos erros de syntaxe, e que o sr. Silva Tullio, sob a auctoridade d'aquelle prestantissimo philologo, tornou a dar por solecismo indefensavel, « solecismo que ainda ninguem sustentou », nos *Estudos da lingua materna (Archivo Pittoresco*, IV, 1861, pag. 69). Não é, porêm, ao sr. conselheiro Viale que o poeta deve, como depois julgou o auctor dos *Estudos* (*Archivo*, pag. 135), o desaggravo d'aquelle falso testimunho. Muito antes advertira Soares Barbosa (*Grammatica philosophica*, pag. 378 da 2ª ed.) no equivoco dos *Rudimentos*, alias manifesto a quem quer que houvesse licção do feito de Zopyro, que, « estando Babylonia em armas contra elle [Dario],

pression, offre tout au plus une instruction aride », dizia Guilherme de Humboldt [1].

Se numa obra litteraria a fórma fosse indifferente, Heine, que algures zomba dos ornatos da palavra, *ces cariatides de la*

& tendoa cercada sem esperança de a cobrar, Zopirio se mandou cortar as orelhas, & narizes ». (Brito, *Monarchia Lvsytana*, I, 1597, fol. 108).

Reverto ao padre Neves. A pag. 77 do *Ensaio*, analysando o estylo de Camões, pergunta: « Que diremos de *Murice*, Cant. II. Est. 98? *Meta*. Cant. III. Est. 6. *Mesta*. Cant. IV. Est. 19., e de outros semelhantes que valem tanto em Portuguez, como em Lingua Flamenga? *Pandas azas*, Cant. IV. Est. 49. faz nojo. E quem poderá tragar *argento* da furiosa Thetis, por claras ondas, e sobre tudo tantas vezes repetido por differentes modos em todo o corpo do Poema, como *aguas nitidas de argento*, Cant. III. Est. 63. *vias humidas de argento*, Cant. II. Est. 67. *Salso argento*, Cant. I. Est. 18. &c.? Mas os Commentadores daquelle tempo achaõ-lhe graça, e com razaõ; porque sem estes vocabulos mysteriosos naõ teriaõ occasiaõ de ostentar a sua erudiçaõ pedantesca ». — Como affronta ao maior genio da nação doem as palavras do critico ao animo malsoffrido d'aquelle honrado português D. José Maria de Sousa Botelho, que na sumptuosa edição dos *Lusiadas* responde á nota « *pandas azas* faz nojo ». Garrett, cujas obras teem de viver algum tanto mais que as dissertações do panegyrista de Theodoro de Almeida, adeanta-se, e no monumento que levanta á immortalidade do poeta e á sua propria immortalidade, mal acaba de exarar a data nefasta do embarque de D. Sebastião para Africa, grava a imprecação sublime:

> Lá te vas, e para sempre!
> Nas pandas azas dos traidores ventos,
> Independencia, liberdade e gloria.

[1] O texto merece transcripção por extenso: « Et partant, n'est-ce pas principalement ce que l'individualité de l'homme ajoute à la pensée, c'est-à-dire, le style dans les langues et dans les ouvrages, qui nous fait éprouver cette satisfaction que procure la lecture des auteurs anciens et modernes? L'idée nue, dépourvue de tout ce qu'elle tient de l'expression, offre tout au plus une instruction aride. Les ouvrages les plus remarquables, analysés de cette manière, donneraient un résultat bien peu satisfaisant. C'est la manière de rendre et de présenter les idées, d'exciter l'esprit à la méditation, de remuer l'âme, de lui faire découvrir des routes nouvelles pour la pensée et le sentiment, qui transmet, non pas seulement les doctrines, mais la force intellectuelle même qui les a produites, d'âge en âge, et jusqu'à une posterité reculée ». *Lettre à M. Abel-Rémusat, sur la nature des formes grammaticales*, pag. 58-59, Paris, 1827. (Cf. Charma, *Essai sur le langage*, 2ª ed., cap. XI, Caen, 1846.)

[Antes de fechar a nota, uma reflexão. Apezar do exemplo do sr. Joaquim de Vasconcellos, não me resolvo a chamar ao auctor da *Carta* Wilhelm von Humboldt. Isto vai a pouco e pouco. O recem-fallecido Marcos Antonio de Macedo tinha já tirado mais algumas consequencias do systema. Para elle os allemães são sempre os Deutschs ou Deutschen. Eis, sem discrepancia de poncto ou virgula, um excerpto da sua *Expozisom das alterasons e termos neologicos*: « Os habitantes do interior da Deutschland temendo as invazons e domínio dos Deutschs do sul.... tratarom seriamente de fazer com elles paz, e viver em boa harmonia. Em consequencia appareceu a grande confederasom Schwaben, tendo por limites, ao sul na Schweiz (Suisse) á l'este no

pensée que vous appelez la belle phrase, não compararia a traducção francesa dos seus poemas lyricos a *luar empalhado* [1].

Segue o texto:

« No ultimo paragrapho transcripto do nosso bibliographo ha uma mentira forjada adrede e uma prova de completa ignorancia da questão de que quer falar. O sr. Innocencio não sabe quem é Max Müller, nem até que poncto a Inglaterra tem cultivado a sciencia das linguas. O sr. Innocencio é incapaz de provar que Max Müller fizesse em sua propria casa prelecções da sciencia da linguagem, e muito menos que fizesse rir os collegas (a não serem os Leonis, Innocencios e Lacerdas, collegas de Max Müller como membro, segundo creio, da nossa Acade-

pais dos Bayern (Bavaros), à oeste na cordilheira Vogesen (Vosges) e ao norte pelo Rhein (Rheno) abaixo até o Mein.... » (*Observasons sobre as seccas do Ceará*, pag. 10, Stuttgart, 1871). — E, se ainda no seculo passado chamavamos aos suissos *Suizaros* (Bernardes, *Floresta*, I, pag. 2), e até, segundo Bluteau, *Suiços ou Esguiçaros*, não será muito que estas modas venham todas a adoptar-se, uma vez que nos deem exemplo os nossos moços allemães...

Quando em 1857 chegava a Paris o echo das acclamações ao *Tannhäuser*, Scudo, fiel ao culto dos unicos indigetes da theogonia alleman a quem sacrificou, fiel a Meyerbeer e Schubert, Mendelssohn e Weber, Hændel, Beethoven, Mozart, Haydn, Gluck, Sebastião Bach, lembrou-se de parodiar os versos de V. Hugo no refrão da cantiga *Gastibelza, l'homme à la carabine.* Bem sei que o vento sopra hoje do norte; mas porisso mesmo temo que nos appliquem os versos da parodia:

Le vent qui vient à travers l'Allemagne
Nous rendra fous!]

[1] [« O methodo, o estylo, a linguagem, as condições, em summa, da arte de escrever são, no mundo das lettras, o que a boa educação, a cortesia, as attenções, o respeito para com os usos recebidos são no tracto civil, o que os ritos são nas sociedades religiosas. No ente que cogita, a idea póde e ha de variar com o decurso do tempo, com a ampliação dos horizontes do pensamento. Sobrepõi-se gradualmente a verdade ao erro, e ainda mal que, outras vezes, é o erro que succede ao erro, quando não á verdade. Apprender quasi sempre é esquecer; affirmar quasi sempre é negar: esquecer o que apprendemos; negar o que nós proprios affirmámos. É por isso que, no meio de milhões de duvidas, cada geração lega á que lhe succede poucas verdades incontrastaveis, e que a lentidão do progresso real é um bem triste e desenganador dynamometro da tão limitada potencia das faculdades humanas. Não assim pelo que toca ás fórmulas das manifestações do espirito. O incompleto, o barbaro, o vicioso, o tolhido, o desordenado, o obscuro não são o revolutear do oceano das ideas: são simplesmente ignorancia ou priguiçoso desalinho, mais ou menos indesculpaveis ». A. Herculano, *Opusculos*, t. I, pag. v, 1873.]

mia). Isso é uma asserção imaginaria que só um homem como o nosso bibliographo poderia escrever. Max Müller é um dos primeiros sabios da Europa.... membro dos primeiros corpos scientificos do mundo; os seus cursos de glottica teem sido professados na Universidade de Oxford, de que é membro desde 1850. Aos seus collegas no ensino d'aquella universidade dedicou as suas *Lectures on the Science of Language*, first series; por certo não foram esses os que na phrase miseravel do nosso bibliographo se riram dos *seus systemas mythologicos*. Esse livro do linguista roubado pela Inglaterra á Allemanha, publicado apenas em 1861, já conta seis edições no original.... Essas licções foram feitas no *Instituto Real*.... Quem não conhece os trabalhos do illustre professor, não está á altura da sciencia da sua epocha ».

Supprimidos na transcripção dous ou tres incisos, apura-se de todo este diluvio de palavras, com referencia ás *Lectures* de Max Müller, uma novidade recondita e sublime... que qualquer póde ver no frontispicio do volume. Pelo titulo original nas primeiras edições: « Delivered at the Royal Institution of Great Britain in April, May, & June, 1861 ». No rosto da versão francesa: « Cours professé à l'Institution Royale de la Grande-Bretagne en l'année 1861 ».

Nega o *Diccionario*, por pensamento ou palavra, esta verdade patentissima? Vejamos se nega. « A Inglaterra.... satisfeita com revelar á Europa a lingua sagrada da India, descansou do trabalho ao septimo dia, e assim permaneceu até que ao sr. Max Müller aprouve dar-lhe na propria casa prelecções da sciencia da linguagem ».

Duvido que haja dous bachareis em linguas capazes de se equivocarem no sentido da phrase. *Dar-lhe prelecções na propria casa*, isto é, na propria casa britannica, em Inglaterra, portas a dentro da nação, *at home*, como precisamente diria um filho do Reino-Unido, no mesmissimo lar domestico em summa do povo inglês, o *duro inglês*, apostrophado pelo nosso epico no canto VII:

ó gente insana,
Não faltarão Christãos atreuimentos,
Nesta pequena casa Lusitana.

E é lendo a primeira vez, tornando a ler no acto de copiar, e relendo ao imprimir, que o sr. Adolpho Coelho desafia

a que se lhe prove que Max Müller, « o linguista roubado pela Inglaterra á Allemanha », fizesse em sua propria casa prelecções de sciencia da linguagem! Grande lastima, se no estudo dos monumentos da lingua cuja historia se propôi escrever a hermeneutica do sr. Francisco Adolpho Coelho não vai um pouco alêm!

« O sr. Innocencio é incapaz de provar que Max Müller fizesse rir os collegas. — Por certo não foram os seus collegas no ensino d'aquella universidade os que se riram dos *seus systemas mythologicos* ».

Pois que dous augures se não podiam encarar sem riso, isso terão comsigo dous professores de mythologia comparada, que, onde Heyne descobria um symptoma de penuria, *dictionis egestas*, diagnostiquem uma *infermidade de linguagem* [1]; semeadores da palavra da sciencia, que, não esquecidos de que ha com os ou-

[1] « Cette théorie de Heyne vient d'être reproduite de nouveau par M. Max Müller, qui appelle *maladie* (*disease*) ce que Heyne appelait *pauvreté*. On a de la peine à s'expliquer cette méprise de l'éminent linguiste ». Karl Hillebrand, *Étude sur Otfried Müller*, 1865, pag. CLXIV. — « Tandis que l'école symbolique considère la mythologie comme l'expression naturelle et poétique des croyances religieuses, l'école qu'on pourrait appeler philologique n'y voit plus qu'une suite de formes sans réalité, *numina nomina*, des métaphores prises mal à propos au pied de la lettre, des jeux de mots dont on a fini par être dupe; bref une sorte d'excroissance parasite, une véritable maladie du langage. Cette expression, que M. Max Müller répète plusieurs fois et qui peint bien son système, est plus piquante qu'elle n'est vraie. C'est à peu près comme si on disait que la fleur est une maladie de la plante. Encore faudrait-il admettre que le langage a donné naissance à la mythologie comme la plante produit la fleur, ce que pour ma part je suis loin d'accorder. Ceux qui acceptent cette manière de voir sont naturellement portés à attacher beaucoup plus d'importance aux mots qu'aux idées, et au lieu de rapprocher les divinités des différents peuples d'après la ressemblance des fonctions et des attributs, comme le faisait l'antiquité, ils se contentent d'une similitude de noms. Ils arrivent ainsi quelquefois à des rapprochements ingénieux, plus souvent à des explications forcées et à des conjectures arbitraires.... La philologie comparée peut rendre à la science mythologique des services utiles, dont il ne faudrait pas toutefois exagérer l'importance, mais elle ne peut en aucune façon la remplacer: il y a, dans les formes vivantes que donne à la religion le génie créateur des époques primitives, quelque chose de plus sérieux qu'une collection de rébus ou de calembours ». Luis Ménard, *Travaux récents sur la linguistique et la mythologie* (*L'Année philosophique; études critiques sur le mouvement des idées générales dans les divers ordres de connaissances*, I, pag. 490, Paris, 1868). — [« Une fois engagé dans cette voie des interprétations philologiques, on admet nécessairement que toute conception d'un personnage

vintes, como o personagem de Molière diz que os ha com o ceu, *des accommodements* [1], acabem de explicar ao seu auditorio [2]

divin peut se réduire à des éléments linguistiques, c'est-à-dire à des métaphores. On en vient à dire, avec M. Max Müller, que « les dieux sont des noms sans être », ce qui est l'expression la plus nette des doctrines nihilistes appliquée à l'étude des religions ». Emilio Burnouf, *La Science des religions*, 2ª ed., 1872, pag. 30. — Cf. A. Bergaigne, *Revue critique d'hist. et de litt.*, 1873, art. nº 127 e 192.]

[1] « Des reproches plus justes, à notre sens, porteraient sur les restrictions et les inconséquences que M. Müller se laisse imposer par le cant routinier de ses auditeurs anglais, sur l'inqualifiable pathos mystique dont il induit, comme d'un fade miel, les bords de la vérité (voir sa leçon X, p. 147-161). Ce disciple de Locke, ce positiviste de la philologie, n'ose aller jusqu'au bout de ses découvertes; il préfère, par une étrange palinodie, rentrer dans ce symbolisme qu'il fait profession de mépriser.... La logique des fils de Voltaire et de Diderot suffit à écarter de pareilles banalités ». ANDRÉ LEFÈVRE, *Le Mouvement philologique (Almanach de l'Encyclopédie générale*, pag. 57, Paris, 1870).

[2] [Na celebre conferencia de Strasburgo vemos a incarnação novissima das grandes faculdades de exposição do auctor. Um dos seus traductores habituaes escreve a este proposito na *Revue politique et littéraire* (II, Paris, 1872, pag. 154): « M. Müller n'est pas seulement un très-savant professeur, un philologue puissamment original et popularisateur au plus haut degré. Il est encore un très-habile homme, sachant son monde, et se pliant avec une souplesse toute diplomatique aux goûts et aux exigences de ses divers auditoires. Il y a en son talent une nuance profondément anglaise, je veux dire pratique; et c'est précisément parce qu'il est devenu si Anglais, — au sens que je viens de dire, — qu'il s'est renouvelé quelque peu et comme métamorphosé en ses leçons de Strasbourg. Devant un public allemand — ou, pour mieux dire, prussien — cette sorte d'onction didactique qui est en Angleterre un des plus sûrs éléments du succès que M. Max Müller y obtient, eût été chose fort superflue, pour ne pas dire ridicule. Aussi la conférence qu'on va lire s'est-elle faite rapide, sèche, prussienne en un mot; elle a dépouillé presque complétement la grâce, la richesse d'images, la largeur, l'émotion scientifique, qui caractérisent d'habitude la parole du professeur. A l'Institut royal de Londres où il a fait toutes ses grandes leçons, l'orthodoxie est de rigueur; M. Max Müller y a toujours témoigné le plus profond respect aux croyances ambiantes; et lorsqu'il traitait de la science de la religion, c'était avec force protestations d'orthodoxie ; à Strasbourg, il se laisse aller davantage, assuré de ne point déplaire ; et il se révèle tel qu'il est sans doute dans la réalité. On verra plus loin quelques phrases que les Anglais qualifieraient volontiers de libertines, et qui ne seraient pas tombées des lèvres de l'orateur — maître, comme il l'est, de sa parole — en son amphithéâtre habituel ». — Mas ninguem tão severamente julgou até agora a licção do eminente professor como o fez Abel Hovelacque nas breves linhas de um artigo da *Revue de linguistique et de philologie comparée* (t. V, pag. 311, Vienna, 1873), artigo cuja integra é esta: « Nous ne connaissions encore M. Max Müller que comme le complaisant arrangeur des résultats de la science du langage au meilleur gré d'un public cagot; sans lui donner l'importance scientifique que bien des personnes paraissent lui attribuer, nous le tenions au moins pour un homme de tact et de goût: il nous en faut bien revenir ».]

o cerco de Troia, reduzindo-o a um phenomeno solar [1], e toda a Iliada á « personificação da passagem do dia á noite, acompanhada de tempestade » [2].

Mas não é tanto provar que alguem se ri d'essa « geologia das linguas », d'esses anthropomorphismos e symbolismos ingenhosos [3] que ora nos transportam á *Origem de todos os cultos* de Dupuis, ora á *Theomythologia* do padre Hardouin, auctor do *Pseudo-Virgilius* e do *Pseudo-Horatius* [4], ora ás zombarias de Swift [5], ora finalmente ao *Comme quoi Napoléon n'a jamais existé* do padre Pérès; não é tanto provar que alguem se ri dos

[1] *Science of Language*, t. II⁶, 1871, pag. 515. — Cfr. *Chips from a German Workshop*, II², 1868, pag. 110-111; Benlœw, *Les Sémites à Ilion ou la vérité sur la guerre de Troie*, Paris, 1863; L. Ménard, *De la Morale avant les philosophes*, 1863, pag. 6; Baudry, *Les Dieux et les Héros*, 1867, pag. 434; Grote, *A History of Greece*, nova ed., Londres, 1869, t. I, cap. xv; Cox, *Tales of Ancient Greece*, 1868, pag. xlii e xlix; *Popular Romances of the Middle Ages*, 1871, pag. 4 e 44; [Fustel de Coulanges, *La Cité antique*, 4ª ed., 1872, pag. 167-170; Preller, *Les Dieux de l'ancienne Rome*, trad. de L. Dietz, 2ª ed., 1866, pag. 444-456; Comparetti, *Virgilio nel medio evo*, t. I, Livorno, 1872, pag. 14.]

[2] Peço ao sr. A. Coelho não duvide de que me fôra facil pôr-lhe deante dos olhos alguma pagina de franca zombaria a este methodo de interpretação. O riso é facil, ainda em materias altissimas. No dominio austero da sciencia a contradicção terá mais efficacia.

[3] [« Il serait injuste de méconnaître les bons effets que les écrits de M. Max Müller ont eus sur le progrès de ces recherches parmi nous. Le nouveau volume d'essais de ce philologue, dont M. Harris vient de publier la traduction (*Essais sur l'histoire des religions*, Paris, 1872), continuera d'exciter vivement la pensée et d'exercer une salutaire influence, pourvu qu'on sache y faire la part de la science objective et des vues personnelles, quelquefois très particulières, de l'auteur, pourvu surtout qu'on n'oublie pas que ces brillants essais ne sont, selon le titre même donné par M. Müller à son recueil, que des « copeaux » échappés au travail d'un grand atelier scientifique, et ne dispensent en rien de se mettre à l'école plus sévère d'Adalbert Kuhn et de ceux qui appliquent aux mythes la rigoureuse méthode d'analyse que Bopp sut appliquer aux sons ». E. Renan, *Rapport annuel fait à la Société Asiatique, dans la séance du* 21 *Juin* 1872, pag. 13-14, Paris, 1872. — Cfr. A. Pictet, *Les Origines indo-européennes ou les Aryas primitifs, essai de paléontologie linguistique*, t. II, 1863, pag. 675; Girard de Rialle, *Les Études védiques et éraniennes dans l'histoire, discours d'ouverture du cours de sanskrit védique et de zend fait à la Salle Gerson*, 1870, pag. 23.]

[4] Rigault, *Histoire de la querelle des anciens et des modernes*, pag. 407-410. Paris, 1856.

[5] « Dean Swift has ridiculed the folly which amuses itself with such comparisons and etymologies, in a well-known caricature, wherein he

systemas mythologicos [1] como provar que se ri dos systemas linguisticos de Max Müller. Darei, porisso mesmo, preferencia á segunda prova, exhibindo-a sem mais trabalho que o de pedil-a a um livro moderno que tenho á mão:

« Je voudrais bien parler sérieusement des livres qui ont coûté d'immenses recherches, et fait à leurs auteurs une réputation de savoir plus qu'européenne [2], comme les *Nouvelles Leçons sur la science du langage* de M. Max Müller, traduites de l'anglais par MM. Georges Harris et Georges Perrot; mais j'en demande pardon à l'illustre professeur de l'université d'Oxford, correspondant de l'Institut de France, membre des grandes

derives the names of ancient Greek worthies from honest modern English elements, explaining *Achilles* as « a kill-ease », *Hector* as « hacked-tore », *Alexander the Great* as « all eggs under the grate ! » and so on ». Whitney, *Language and the study of Language*, Londres, 1867, p. 389.

[1] Sôbre as modernas escholas de interpretação mythologica (omittindo a enumeração dos trabalhos allemães): Bréal, *Hercule et Cacus, étude de mythologie comparée*, Paris, 1863, pag. 22-32; Renan, *Les Religions de l'antiquité* (*Études d'histoire religieuse*, 6ª ed., 1863, pag. 1-71); L. Ménard, *Du Polythéisme hellénique*, 1863, pag. i-xxvii; Léo Joubert, *Les Religions de la Grèce antique* (*Essais de critique et d'histoire*, 1863, pag. 100-141); Alfredo Maury, *La Religion des Aryas; Le Lion de Némée* (*Croyances et légendes de l'antiquité*, 2ª ed., 1863, pag. 7-158, 185-217); A. Bertrand, *Essai sur les dieux protecteurs des héros grecs et troyens dans l'Iliade*, Rennes, 1858; Obry, *Du Berceau de l'espèce humaine, selon les Indiens, les Perses et les Hébreux*, Amiens, 1858, pag. 172 e segg.; E. Tournier, *Némésis et la jalousie des dieux*, Paris, 1863; Gladstone, *Studies on Homer and the Homeric Age*, t. II, Oxford, 1858; Grote, *A History of Greece*, nova ed., t. I-II, Londres, 1869; Cox, *The Mythology of the Aryan nations*, 1870; Baudry, *Les Dieux et les Héros, Préface*, pag. xii-xv, Paris, 1867; *L'Interprétation mythologique* (*Revue germanique*, fevereiro de 1865); *Sur le mot* Προμηθεύς (*Mémoires de la Société de Linguistique*, I, 1871, pag. 337-344); Gaston Paris, *Le Petit Poucet* (*Mémoires*, pag. 372-404); Girard de Rialle, *De la méthode en mythologie* (*Revue de linguistique et de philologie comparée*, t. III-IV, 1870-1871); Bréal, *Le Mythe d'Œdipe*, 1864; Comparetti, *Edipo e la mitologia comparata*, Pisa, 1867; [Angelo De Gubernatis, *Zoological Mythology, or the legends of animals*, Londres, 1872; Fiske, *Myths and Myth-makers: old tales and superstitions interpreted by comparative mythology*, Boston, 1873; C. Ploix, *Hermès* (*Mémoires de la Société de Linguistique*, II, 1873, pag. 145-166; veja I, 213-222); E. B. (E. Blachère), *Essai sur la légende de Mélusine*, 1872, pag. 13-40; F. Lenormant, *La Légende de Sémiramis, premier mémoire de mythologie comparative*, Bruxellas, 1873, pag. 3-5.; *Le Déluge et l'épopée babylonienne*, Paris, 1873, pag. 35-38.]

[2] « Un exposé succinct mais satisfaisant de la linguistique, de ses origines, de son histoire, de ses progrès et de ses principes a été publié par M. Baudry, à l'occasion d'un livre qui a fait en Europe une certaine sensation, malgré les matières abstraites dont il s'occupe: la

sociétés savantes d'Allemagne, j'en demande pardon à ses estimables interprètes, ces fameuses élucubrations de la haute philologie me paraissent propres à compromettre la science devant le bon sens français. Il est de mode d'accuser notre ignorance et notre frivolité, et je me suis moi-même élevé plus d'une fois contre elles; mais je me demande s'il ne vaut pas mieux ne rien savoir, et avouer franchement qu'on ne sait rien, que de trôner pompeusement au milieu d'une prétendue science transcendante qui étouffe quelques intéressantes découvertes sous un amas d'ambitieuses chimères.

« ... On a souvent cité l'épigramme sur l'étymologie d'*alfana*, qui « vient d'*equus* sans doute », après avoir beaucoup changé en chemin; on connaît aussi les plaisanteries de Voltaire sur la filiation des mots où « les voyelles, disait-il, ne comptent pour rien et les consonnes pour pas gran'chose ». M. Max Müller semble avoir pris à tâche de donner raison à Voltaire et à tous les mauvais plaisants. Dans ses *Nouvelles Leçons sur la science du langage*, il y en a une, la septième, presque entièrement consacrée à « l'histoire de la racine MAR (broyer) [1] et des nombreux « rejetons qui en sont sortis dans toutes les langues aryennes ». Il n'y a guère d'idées dans l'esprit qui ne se rattachent, avec de la bonne volonté, à celle de broyer; il n'y a guère de mots qui ne puissent se ramener, avec le renfort de la science, aux sons

Science du langage de M. Max Müller. Cet éminent orientaliste a su aborder avec charme et dans un style où scintille à chaque instant sa brillante imagination l'étude des langues, tant dans leurs éléments psychologiques et grammaticaux, que dans leurs rapports avec l'organisme humain. Appuyé sur l'anatomie, le savant professeur d'Oxford a vu dans le langage une production organique susceptible de croissance (growth), tout comme les végétaux. Cette doctrine hardie a rencontré, comme on devait s'y attendre, d'ardents antagonistes. La place me manque pour examiner la doctrine des uns et des autres. Je le regrette d'autant plus qu'elles sont le tocsin qui annonce l'agonie de méthodes dont on s'est plu naguère à vanter la portée et qui succombent misérablement devant d'autres méthodes, dont le mérite est surtout de faire pressentir l'approche d'une ère nouvelle pour la linguistique comparée ». LÉON DE ROSNY, *Rapport annuel fait a la Société d'Ethnographie sur les travaux et sur les progrès des sciences ethnographiques pendant l'année* 1861, pag. 107-108, Paris, 1865. — Veja Biasutti, *La Filologia comparata*, 2ª ed., Veneza, 1867, pag. 19.

[1] Cfr. L. Delatre, *La langue française dans ses rapports avec le sanscrit et avec les autres langues indo-européennes*, t. I, Paris, 1851, pag. 375-376; [Whitney, *Oriental and Linguistic Studies*, Nova York, 1873, pag. 259.]

articulés qui désignent le broiement chez les pères de la race aryenne. Avant de donner les applications, voici les principes scientifiques :

« 1° *R* et *L* sont congénères et peuvent se remplacer ; par conséquent, *mar* = *mal* ;

« 2° *Ar*, en sanscrit, s'abrége en une simple voyelle que l'on figure par *ri* ; de là, *mar* = *mri* ;

« 3° *Ar* peut se prononcer *ra*, et *al* peut se prononcer *la* ; de là, *mar* = *mra*, *mal* = *mla* ;

« 4° *Mra* et *mla* se changent, en grec, en *mbro* et *mblo*, et, par la chute de *m*, en *bro* et *blo*.

« En résumé, *mar* égale *blo* : c'est démontré. Il égale bien d'autres choses, comme on peut le voir par les innombrables applications entre lesquelles je vais prendre au hasard. De *mar*, signifiant broyer, vient d'abord tout ce qui se rapporte à l'idée de meule : en grec *mylos*, en latin *mola*, en gothique *malan*, en allemand *mühle*, en anglais *mill*, en français *meule* ; viennent ensuite, dans d'autres sens : en grec, *marnamai*, se battre ; *maraino*, se faner, consumer, d'où notre mot *marasme* ; puis, en latin et chez nous, tous les mots relatifs à la *mort*, comme en grec *brotos*, mortel, et son contraire *ambrotos*, ainsi que l'*ambroisie*, nourriture des immortels, et, en passant, la maladie, *morbus*, cause de mort ; puis le mot *membre*, *membrum*, pour *memrum*, et l'usage des membres, *membloka*, en grec, marcher ; puis le latin *mora*, délai, d'où le français *demeurer* ; puis encore en latin *mare*, la mer, c'est-à-dire eau morte ; puis le dieu *Mars*, sous sa forme grecque, *Arès*, aussi bien que sous sa forme latine ; puis le grec *melgo* et le latin *mulgeo*, traire, avec l'allemand *milch* et l'anglais *milk*, lait ; puis l'adjectif *malakos*, signifiant *mou*, c'est-à-dire, à l'origine, frotté, poli, et *blax*, mou d'esprit ou *sot* ; puis *arpazo*, saisir ; puis *blapto*, blesser, d'où le français *blâme* ou *blasphème* ; puis en gothique et en anglais *mild*, doux, puis en grec *meldomai* et *eldomai*, désirer, ainsi que *molpis* et *elpis*, espérance ; en latin *memor*, et les dérivés relatifs à la mémoire, sans compter tous les noms, prénoms et surnoms de dieux ou d'hommes qui rappellent l'idée primitive de broyer, soit directement, soit par antiphrase. M. Max Müller dit, en finissant : « Les destinées et la fortune de cette seule racine MAR ne composent qu'un

court chapitre de l'histoire du développement des langues aryennes ; mais elles donnent l'idée de la force et de l'*élasticité* des racines et font voir l'empire illimité qu'exerce la métaphore sur la formation des idées nouvelles ». Ajoutons : et sur l'imagination des philologues.

« La mesure qui convient, en toutes choses, à l'esprit français, sera-t-elle portée par nos propres savants dans les travaux philologiques? On l'espère en voyant s'entreprendre des livres comme la *Grammaire comparée des langues classiques* par M. F. Baudry.... »

Calo de pensado, para deixar ao sr. Adolpho Coelho o prazer das conjecturas e addivinhações, o nome do auctor d'este juizo, em um só poncto do qual me considero apto a declarar opinião.

Parece ao critico que Max Müller tomou a peito confirmar os motejos de Voltaire. No caso presente não cabe duvida: ha certeza real e actual. O que Voltaire reputava por sarcasmo tornou-se um dos principios da moderna doutrina. Á etymologia scientifica não lhe importa o som das palavras cuja relação de parentesco estuda. Dil-o formalmente o brilhante professor [1]. Whitney accrescenta que, assim como o som, a significação dos vocabulos é indifferente ao etymologista [2].

Devemos logo entender que no conceito tantas vezes citado, bem como no prefacio da *Historia na Russia* [3], Voltaire não

[1] « It is only in the present century that etymology has taken its rank as a science, and it is curious to observe that what Voltaire intended as a sarcasm has now become one of its acknowledged principles. Etymology is indeed a science in which identity, or even similarity, whether of sound or meaning, is of no importance whatever. Sound etymology has nothing to do with sound ». *Science of Language*, II[6], 266. — [Cfr. a licção do auctor *Ueber die Resultate der Sprachwissenschaft*, 3ª ed., Strasburgo, 1872, pag. 15; e Oppert, *Ouverture du cours de philologie comparée des langues indo-européennes*, Paris, 1864, pag. 10-12.]

[2] *Language and the Study of Language: twelve lectures on the Principles of Linguistic Science*, Londres, 1867, pag. 386.

[3] « Enfin il est évident que les premiers rois de la Chine ont porté les noms des anciens rois d'Égypte : car dans le nom de la famille Yu, on peut trouver les caractères qui, arrangés d'une autre façon, forment le mot *Menès*. Il est donc incontestable que l'empereur Yu prit son nom de *Menès*, roi d'Égypte, et l'empereur Ki est évidemment le roi *Atoës* en changeant *k* en *a* et *i* en *toës* ». (*Histoire de l'Empire de Russie sous Pierre-le-Grand*, *Préface historique et critique*, § III.)

gracejava e sim prophetizava, o que, segundo S. Paulo, vale mais do que falar muitas linguas.

Final e necessaria advertencia. As palavras que a discussão ahi me obrigou a produzir exprimem a opinião de um homem, não um julgamento de ultima instancia. Ao lado do livro d'onde as transcrevo, outro está aberto, que, escripto na mesma lingua e datado de 1870, ao cabo de quasi cem paginas de analyse, melhor diria exposição apologetica das obras de Max Müller, o acclama continuador de Leibniz e lhe affirma direito de cidade na metropole que consagra os sabios e os artistas [1].

« C'est par un travail incessant, une ardeur sans égale que Max. Müller est parvenu à ce haut degré de culture intellectuelle. Dans ses livres, on est transporté comme en une atmosphère sereine où plane le génie de la science.... En France, les vrais savants ont acclamé Max Müller comme le continuateur de Leibniz, lui ont donné droit de cité dans la métropole où l'on sacre les savants et les grands artistes. L'Occident s'occupe à lui tresser une couronne.

« Allemagne ! patrie féconde, envoie-nous encore de tes enfants, si bien doués. Tu sais ce qu'en fait la France : des hommes ! Vois la destinée de tes purs génies: Gœthe, Jean-Paul, A. Humboldt ; au contact de la terre sacrée, ils ont ceint le nimbe de l'immortalité » [2].

Primeiro que a Inglaterra teve Portugal conhecimento do sanskrito [3], a lingua *perfeita*, « lingua samsucrutá » dos antigos

[1] [Tocante a esta opinião franceza no modo de julgar a capital do mundo, a cidade sancta, Paris, *Mecque des peuples bourdonnants*, póde-se ver o opusculo de Kreyssig sôbre o movimento intellectual da França contemporanea (*Ueber die französische Geistesbewegung im* 19. *Jahrhundert*, Berlin, 1873), no introito da 3ª conferencia, cuja traducção publicou a *Revue politique et littéraire* de 30 de agosto ultimo.]

[2] G. Dugat, *Histoire des orientalistes de l'Europe du XII*e *au XIX*e *siècle*, t. II, pag. 191. Paris, 1870.

[3] « La prima volta, che un dialetto sanscritico risuonò all' orecchio degli Europei dell' êvo moderno, fu il giorno, in cui Vasco De Gama pose piede a Calicut (9 maggio 1498). Non molto più tardi (1559), sappiamo che i missionarii europei stabiliti in Goa studiavano la vera antica lingua, il Sànscrito, e la sacra letteratura, per convincere nelle dispute i Brahmani degli errori e falsità delle loro cre-

missionarios [1], o *gerodão* do nosso Lucena [2], *sciencia que os*

denze religiose, e convertirli al Cristianesimo ». Fumi, *Intorno agli studii linguistici* (*Illustrazioni filologico-comparative*, Napoles, 1868, p. LVI). — Cfr. *Roteiro da viagem de Vasco da Gama em MCCCCXCVII*, 2ª ed., por A. Herculano e o barão do Castello de Paiva, 1861, p. 47, 116. — « C'est devenu une chose pour ainsi dire vulgaire aujourd'hui, que de rappeler les immenses avantages intellectuels qui ont résulté dans ces derniers temps de l'examen approfondi des antiquités de l'Inde et surtout du sanskrit. Certes, il n'a pas tenu aux Portugais qu'on ne découvrît plus vite ce trésor caché, ce monde nouveau de l'intelligence, dont l'exploration marche de pair aujourd'hui, pour ainsi dire, avec l'étude de nos antiquités classiques. Disons-le à l'honneur des écrivains du seizième siècle appartenant à cette nation : s'ils ont mêlé l'erreur à la vérité dans une proportion quelquefois effrayante, ils ont commencé l'initiation; ils ont révélé avec une sagacité quelquefois profonde, ce que les âges avaient voilé. Et pour ne prendre que les sommités, qu'on ouvre en effet Barros, Albuquerque, Lucena, on y verra clairement indiquées les hautes questions qui préoccupent aujourd'hui l'Europe savante. João de Barros en sait plus sur l'Inde et sur la configuration de ses terres que n'en savent certains érudits du dix-huitième siècle s'occupant spécialement de la question. Le grand Albuquerque ne connaît pas encore les trésors littéraires que doit révéler le sanskrit; mais il apprécie l'existence de cette langue antique, et il la désigne clairement quand il dit qu'elle est pour les Hindous ce que le latin est pour les Européens. L'élégant auteur de la vie de saint François Xavier, Lucena, enfin, parle avec sa précision ordinaire des ouvrages sans nombre que renferme l'antique littérature de ces contrées; il insiste sur leur caractère varié, sur l'habitude où sont les Hindous de se servir du mètre poétique pour reproduire jusqu'aux préceptes de la science; peu s'en faut qu'il ne nomme le *sloca* et les variétés du mètre sanskrit ». Ferdinand Denis, *Portugal*, pag. 254, Paris, 1845.

[1] « Este quarto livro [« IV. Livro que se chama *Veacranná* »] he da arte de apprender a lingua *Samsucrutá*, que he a respeito dos Bramenes sem comparaçaõ como entre nós a Latina, e tambem por ella compoem artes das linguas estrangeiras, e por ellas as apprendem ». (*Breve relaçaõ das escrituras dos Gentios da India Oriental, e dos seus costumes*, na *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas, publicada pela Academia Real das Sciencias*, t. I, 1812, pag. 50. — Veja no mesmo tomo *Noticia summaria do gentilismo da Asia*, pag. 63. — A *Prefação* da Academia declara que os dous manuscriptos « foram feitos por alguns dos nossos missionarios, e provavelmente em o principio do seculo de seiscentos ». — O nome *Savanscrutá*, que o texto impresso da *Noticia summaria* dá ao sanskrito, ainda tem alguma congruencia com o *Sanscruta* do mercador florentino Sassetti na carta de janeiro de 1585, citada por Nerucci, Ascoli, Pezzi e Max Müller. Mas *Jássuerutá*, conforme se imprimiu a pag. 43, é manifestamente erro de leitura.)

[2] Na *Historia da Vida do Padre Francisco de Xavier* (livro II, cap. XI, Lisboa, 1600, pag. 94-95), tractando da *natureza*, *sortes*, *calidades*, *& custumes do gentio da India*, diz: « Escreuem com penas de ferro, & seruem lhes de papel (como de mil outras cousas) as folhas das suas palmeiras, de que fazem grãdes liuros [cfr. Paulino de S. Bartholomeu, *Vyacarana*, Roma, 1804, pag. 327, *De Indica bibliographia et paleographia corollarium*] das historias dos tempos, & doutras muytas materias, assi em prosa, como em rima, da qual, & de toda a sorte de poesia sam per estremo curiosos, & tam en-

brahmanes haviam entre si por linguagem [1], e que não podia per-

leuados, que pera o Demonio per seus ministros lhes fazer crer as mais fabulosas patranhas contrarias a suas proprias leys, & rezam natural, basta poremlhas, & cantaremlhas em verso; que posto que no numero das syllabas seja muy differente do nosso, & do latino (porque em cada hum ha d'auer setenta & duas) nam deixa de ter sua graça, & magestade. Nestes versos está escrita em hũa lingua particular chamada Gerodam, a sua Filosofia, & Theologia, que os Brámenes estudam, & lem em vniuersidades per toda a India.... »

Que significa e d'onde tomou Lucena a palavra *gerodão*? Explica-o desde as primeiras linhas o livro de Friderico Schlegel *Ueber die Sprache und Weisheit der Indier* (Heidelberg, 1808), quando diz que «a antiga lingua da India, chamada pelos habitantes *sanskrito*, isto é, lingua culta ou perfeita, se nomeia tambem *gronthon*, que vale tanto como lingua dos escriptos ou dos livros». — Benfey (*Geschichte der Sprachwissenschaft*, 1869, p. 335), sôbre o titulo da *Grammatica Grandonica* de Hanxleden, adverte textualmente: « Diess ist der Titel der *Hanxleden*'schen Sanskrit-Grammatik von sanskrit *grantha* 'Buch'. » — Ainda que sobremaneira instructiva, a discussão de Goldstücker (*Pánini: his place in Sanskrit Literature*, 1861, pag. 26-34), respectiva aos significados que Weber e Max Müller attribuem a *grantha*, mais interessa por agora ao nosso poncto a nota de Fr. Paulino de S. Bartholomeu: « Sequitur P. Hanxleden *Grammatica Samscrdamica*, quam ille inscripsit: *Grammatica Grandonica. Grantha*, ex quo jam olim apud Europaeos corruptum *Grandao* vel *Grandon*, librum, numerum 32. syllabarum, doctrinam vel scientiam significat; itaque libri qui lingua samscrdamica exarantur, *Grantha* vocantur; unde etiam lingua *Grandonica*, *Grammatica Grandonica* dicitur, quae revera *Samscrdamica* est ». (*De Manvscriptis codicibvs Indicis*, Vienna, 1799, pag. 4.)

[1] « Estes Bramenes sam hũs homẽs religiosos (como cá antre nós sacerdotes) que tem cuidado de seus pagodes. Tem antre si hũa sciencia por lingoagem, que he como entre nós o Latim, que não na entende senão quem na aprende ». (*Commentarios do Grande Afonso Dalboqverqve*, 2ª parte, cap. XVII, pag. 217 da ed. de 1576.)

L'homme qui assignait pour la première fois le rang occupé par le sanskrit dans les littératures orientales, assim designa Ferdinand Denis (*Nouvelle Biographie générale*, t. I, 1852, col. 668) a Affonso de Albuquerque, ao qual attribue grande parte na composicão dos *Commentarios*. Posterior á primeira edição do livro (1557) é indubitavelmente o codice inedito que ministrou a Paulino de S. Bartholomeu (*Vyacarana*, p. IX) uma explicação analoga á do nosso auctor: « *La lingua Samscrit* (Samscrta) *è una lingua morta nel publico, ma è bensì la lingua dei Libri, che chiamano anche lingua dei Dei, che sarebbe come fra noi la lingua Latina, che non si sa se non da chi l'impara con studio.* R. P. Marcus a Tumba in *cod. ms.* in fol. p. 193. in Museo Borgiano asservato ». — Esta comparação com o latim, comparação que talvez hoje fará surrir os desdenhosos, vimos achal-a empregada por Schleicher, tres seculos depois de dado á estampa o livro de Affonso de Albuquerque, na celebre carta publica ao auctor da *Historia da creação natural*: « ... Une langue écrite qui ne fut jamais langue populaire, le sanscrit, la langue de la littérature postvédique, et qu'on peut appeler le latin de l'Inde, parce que, comme le latin écrit de Rome, elle est restée jusqu'à nos jours la langue des savants ». (*La Théorie de Darwin et la science du langage*, trad. por de Pommayrol, 1868, p. 10.)

Ao estudo do sanskrito, « langue dont on ignorait jusqu'au nom il y a un siècle à peine » — affirma menos exactamente Vivien de Saint-Martin, *Étude sur la géographie et les populations primitives du nord-*

manecer largo tempo arcano impenetravel, como não o permane-

ouest de l'Inde d'après les hymnes védiques, 1860, pag. VII [cfr. *Histoire de la Géographie et des découvertes géographiques*, 1873, pag 518] — póde-se applicar o que diz Quatrefages respeito ao estudo da anthropologia: « Bien que Colomb ait touché aux Lucayes dès 1492, et que Vasco de Gama ait doublé le Cap cinq ans après, les sciences géographiques, et par conséquent la connaissance des groupes humains, ont progressé assez lentement. C'est seulement en 1768 que Cook, Pallas et Bruce partirent presque en même temps pour la mer du Sud, l'Asie et le nord de l'Afrique. Celle-ci, abordée aujourd'hui de tant de côtés, ne fut sérieusement attaquée au sud par Levaillant que treize ans plus tard, et les voyages de Mungo-Park vont de 1795 à 1805. Ceux de Humboldt, de d'Orbigny en Amérique se sont accomplis de nos jours. On sait comment se sont multipliés les successeurs de ces grands pionniers de la terre et des mers, et jusqu'où la Géographie en est arrivée maintenant. Bornons-nous à constater que chaque pas en avant fait dans cette voie a été signalé pour ainsi dire par un progrès correspondant, accompli dans la science des hommes. Reconnaissons que par cela même cette dernière n'a pu se constituer que de nos jours ». (*Rapport sur les progrès de l'Anthropologie*, Paris, 1867, pag. 9.)

Na oração inaugural do curso de sanskrito, proferida em Paris em 1857, o professor allemão Oppert allude por este modo ao conhecimento que os portugueses tiveram da lingua hieratica da India: « Lorsque, vers le milieu du dernier siècle, l'empire du grand Mogol commençait à s'ébranler, et que des hommes illustres, dont la gloire a grandi avec leur insuccès, cherchaient à rendre tributaires de la France des contrées aujourd'hui soumises au trident britannique, on avait déjà vaguement soupçonné la parenté du sanskrit et des langues européennes. Mais ces affinités n'étaient pas connues alors dans leur ensemble; les conquérants Français du Dekhan, comme leurs prédécesseurs Portugais, n'avaient été frappés que de la concordance de quelques mots isolés. Ce ne fut que peu de temps avant la chûte de l'empire de Mysore que la langue sacrée de l'Inde fut découverte, et on s'aperçut alors que la ressemblance ne se bornait pas à des expressions seules, mais qu'elle s'étendait sur le système entier de la *grammaire* ». (*Considérations générales sur la philologie comparée des langues indo-européennes*, 1858, p. 5). — E Max Müller, resumindo com a sua costumada sciencia o que Fumi denomina *la lunga biografia del sanscrito*, diz: « Who was the first European that knew of Sanskrit, or that acquired a knowledge of Sanskrit, it is difficult to say. When Vasco da Gama landed at Calicut, on the 9th of May, 1498, Padre Pedro began at once to preach to the natives, and had suffered a martyr's death before the discoverer of India returned to Lisbon.... — The history of what may be called European Sanskrit philology dates from the foundation of the Asiatic Society at Calcutta, in 1784. For although some of the early missionaries seem to have possessed a far more considerable knowledge of Sanskrit than was at one time supposed, yet it was through the labours of Sir William Jones, Wilkins, Carey, Forster, Colebrooke, and other members of that illustrious society, that the language and literature of the Brahmans became first accessible to European scholars ». (*Lectures*, I⁶, pag. 171 e 180). — Cfr. L. Énault, *Histoire de la littérature des Hindous*, Paris, 1860, pag. 121-122; Eichhoff, *Poésie heroïque des Indiens comparée à l'épopée grecque et romaine*, 1860, pag. 2; Loiseleur Deslongschamps, *Essai sur les fables indiennes et sur leur introduction en Europe*, 1838, pag. 27; A. Weber, *Sur les recherches récentes relatives à l'Inde ancienne*, trad. de Sadous (*Histoire de la littérature indienne*, 1859, pag. 5-6).

ceram aos teus olhos as linguas de outras regiões apartadas [1], prole de Luso,

> Quand' oltre alle colonne, ed oltre ai liti
> Cui strider l' onde all' attuffar del sole
> Parve udir su la sera, agl' infiniti
> Flutti commesso, ritrovasti il raggio
> Del Sol caduto, e il giorno
> Che nasce allor ch' ai nostri è giunto al fondo [2].

Dizendo-a pois antonomasticamente « a reveladora da lingua sagrada da India », partilhou V. Ex. á Inglaterra o

[1] « Eu bem conheço que hũa das mayores finezas, que se pòdem offerecer a Deos abaixo de dar a vida, he applicalla ao martyrio, ou ao difficultosissimo estudo das linguas barbaras, que taõ trabalhosamente se chegaõ a entender, & fallar.... Diremos pois que se tem engrossado as antigas finezas, ou se tem apagado, & quando menos esfriado este fogo das linguas na nossa Provincia, por se ver menos cultivada hoje nella a lingua geral do Brasil? Naõ digo, nem se pòde dizer tal cousa: pois he certo que à diminuição de huma lingua tem succedido sinco. A Portugueza, com que por tantos meyos se insiste na reformaçaõ dos Portuguezes: a Ethiopica, cõ que só nesta Cidade se doutrinaõ, & catequizaõ vinte & cinco mil negros, naõ fallando no infinito numero dos de fóra : as duas de Tapuyas, com que no mais interior dos Certoens ainda remotissimos se tem levantado as seis novas Christãdades dos Payayàs, & Chiriris : nem finalmente a propria Brasilica, & gèral, com que nas doze residencias mais visinhas ao mar em quatrocentas leguas de costa doutrina a Companhia & conserva as reliquias dos Indios deste nome, que jà estariaõ acabados, se ella os naõ conservàra ». P. Antonio Vieira, *Sermoens*, VI, 1690, pag. 521-522. — « Paso ya á dar noticia breve de las diversas lenguas del Brasil, segun he podido formar el catálogo de ellas con ayuda de algunos apuntamientos del señor Abate D. Francisco Gomez, ex-jesuita portugues, y con otros excelentes que me ha enviado el señor Camaño, habiéndolos sacado de varios manuscritos que él tiene sobre el Brasil, y principalmente de los que dexó el erudito señor Abate Don Francisco Fonseca, que poco tiempo ha pasó á mejor vida : de una historia manuscrita y anónima del Brasil : de un exemplar manuscrito del P. Vasconcellos : de otro exemplar de la relacion que de la mision de Ibiapaba hizo el célebre P. Vieria [*sic*] ; y de un excelente mapa manuscrito del Brasil. Segun estos documentos, y las noticias que se leen en las obras del P. Acuña, y de otros historiadores de América, las cincuenta y una naciones que nombraré inmediatamente, tienen lenguas diferentes de la tupi ». L. Hervás, *Catálogo de las lenguas de las naciones conocidas*, vol. I, Madrid, 1800, pag. 151-152.

[2] Leopardi, *Ad Angelo Mai*, por occasião de encontrar o palimpsesto da *Republica*.

Na edição dos *Cantos* publicada em 1835 o auctor ajunctou a estes versos a indicação dos logares de Tacito, de Strabão, de Floro e dos poetas latinos que alludem a « questa fama divulgata anticamente, che in Ispagna e in Portogallo, quando il sole tramontava, si udisse di mezzo all' Oceano uno stridore simile a quello che fanno i carboni accesi, un ferro rovente, quando é tuffato nell' acqua ». O passo de Juvenal foi já d'este modo trasladado á nossa lingua :

> ouvirás do Sol cadente
> O estridor, do Oceano entrando as aguas.

maximo quinhão de louvor que se lhe podia attribuir [1]. Sem attenção, porêm, ás palavras do *Diccionario*, diz o sr. Adolpho Coelho: « Encher-se-hiam longas paginas para mencionar os trabalhos linguisticos feitos na Inglaterra, e accumular

[1] « Le memorie da questa pubblicate [fala da Sociedade de Calcuttá], unite ad altri studj fatti nel medesimo tempo in India e in Inghilterra da dotti inglesi, sparsero, trà altro, luce abondante sulla lingua e la letteratura dell' India antica; le quali al principio del secolo decimonono si potevan dire presso che ignote all' Europa, e oggidì vi sono professate nelle principali Università ». Ascoli, *Studj orientali e linguistici*, I, Gorizia, 1854, pag. 36-37. — « Sans doute le dictionnaire rédigé à Saint-Pétersbourg, de 1787 à 1790, par les ordres de l'impératrice Catherine, bien qu'établi sur des bases peu satisfaisantes, a néanmoins puissamment contribué à éveiller et à faciliter l'étude comparative des langues; mais l'extension de la domination anglaise dans tout le globe, et particulièrement dans les Indes, exerça sur cette étude une influence plus décisive encore en ressuscitant et en organisant une des langues les plus pures et les plus admirables, restée jusq'alors à peu près inconnue. La perfection et la majestueuse ordonnance du sanscrit invitèrent à étudier en elle-même cette langue, qui ouvrait d'ailleurs l'accès d'une riche et antique poésie. Dès que l'on eut rompu la glace, dès qu'on eut découvert la boussole qui devait dorénavant guider ceux qui s'aventureraient sur l'océan du langage, il se répandit sur le vaste domaine des idiomes immédiatement parents du sanscrit une lumière vive et inattendue qui fit apparaître à l'œil étonné du linguiste le spectacle de l'histoire de toutes ces langues se déroulant, en lignes distinctes ou en traits à peine ébauchés, avec tout un cortége de conséquences imprévues et fécondes ». Jacob Grimm, *De l'origine du langage*, trad. de F. de Wegmann, Paris, 1859, pag. 9. — « Ce sont les Anglais qui ont ouvert la route en nous faisant pénétrer dans le monde inconnu de l'Inde ancienne, mais c'est la science allemande surtout qui a su faire fructifier cette découverte. La France aussi a apporté son concours à l'œuvre, car c'est à elle que l'on doit la conquête du zend, cet idiome rival du sanscrit pour l'ancienneté, par le zèle admirable d'Anquetil du Perron d'abord, puis par les beaux travaux de l'illustre Burnouf ». A. Pictet, *Les Origines indo-européennes ou les Aryas primitifs*, t. I, 1859, pag. 5. — « The Science of Language, as it is now pursued, may be looked upon as one of the results of the establishment of British dominion in India. For British residents, Sir William Jones amongst the first, collected and brought over the stores of this ancient literature, which German philologists, with profound research and indomitable perseverance, have made subservient to the elucidation of all the sister languages ». Thomas Clark, *The Student's Handbook of Comparative Grammar, applied to the Sanskrit, Zend, Greek, Latin, Gothic, Anglo-Saxon, and English Languages*, Londres, 1862, pag. 6. — « Ces deux hommes éminens [William Jones e Colebrooke] eurent le pressentiment des grandes découvertes réservées à ceux qui suivraient leurs traces. Ils furent les véritables conquérans de l'Inde ancienne, et on leur doit en grande partie ce qui s'est fait depuis eux, car ils ont retrouvé un monde oublié ». T. Pavie, *Le Rig-Véda et les livres sacrés des Hindous* (*Revue des Deux Mondes*, julho de 1851, pag. 253). — « C'est de la France qu'est parti le mouvement qui anime maintenant toutes les Universités de l'Europe. C'est M. de Sacy qui a donné une nouvelle vie à l'enseignement de l'arabe et du persan; c'est M. Abel-Rémusat qui a facilité l'étude du chinois;

provas de que nesse pays foram logo do começo conhecidas e apreciadas as obras dos sabios allemães sôbre a sciencia das linguas. Em 1835 George Cornewall Lewis publicava a sua refutação da theoria de Raynouard sôbre a historia das lin-

c'est M. Chézy qui a répandu sur le continent la connaissance du sanscrit. L'héritage laissé par ces hommes illustres appartient à la France, et la France en a placé le dépôt dans nos mains». Reinaud, *Notice historique et littéraire sur M. le baron Silvestre de Sacy, lue à la séance générale de la Société Asiatique*, 2ª ed., 1838, pag. 87. — « Avoir révélé à l'Europe l'existence et les œuvres de la langue ancienne des Brahmanes, voilà une des grandes gloires scientifiques de l'Angleterre. Mais les conséquences importantes qui découlèrent de cette révélation ne sont plus l'œuvre des savants britanniques. Un soldat français, Anquetil Duperron, bravant toute espèce de dangers et de privations, rapporta les fragments des textes vénérés du *Zendavesta*. Ces débris de la doctrine de Zoroastre sont rédigés dans la langue *zende*, assez voisine du sanscrit, et inconnue alors. Sa résurrection est également un titre éclatant de la science française; je n'ai pas besoin de prononcer en présence de ce public le nom d'Eugène Burnouf, qui est désormais attaché à cette branche de la science orientale. C'est vainement que les Anglais, qui ont si grandement mérité des lettres asiatiques, en faisant connaître le sanscrit, ont cherché à ternir le nom d'Antequil Duperron et à contester jusqu'à la moralité de sa découverte. Le temps a fait justice de ces personnalités; un faux orgueil national ne pense plus à ravir à la France un grand titre scientifique, digne du peuple qui a fait revivre Memphis et Ninive ». J. Oppert, *Considérations générales sur la philologie comparée des langues indo-européennes*, 1858, pag. 5-6. — Cfr. G. de Rialle, *Les Études védiques et éraniennes dans l'histoire*, 1870, pag. 33; Lignana, *Anniversario Bopp*, Napoles, 1866, p. 12; A. Geffroy, *Rapports sur les études historiques; Antiquité*, Paris, 1867, pag. 12-13. — « L'étude du sanscrit a été importée en Europe par les Anglais; sur le continent elle fut retardée par le système continental de Bonaparte, qui gênait toutes les communications, même purement littéraires. En France et en Allemagne le succès ultérieur de cette étude me paraît assuré, puisque j'y vois rivaliser de zèle plusieurs savans d'un mérite distingué. En est-il de même en Angleterre? Je l'ignore. Les universités d'Oxford et de Cambridge ne se sont pas encore occupées, que je sache, de ce nouveau genre d'érudition. Les colléges de Calcutta et de Hayleybury, fondés exclusivement pour l'instruction des jeunes Anglais, appelés à des fonctions administratives dans l'Inde, atteignent leur but, si les étudians y acquièrent les premiers élémens des langues savantes: du sanscrit, de l'arabe, du persan; et une connaissance usuelle des dialectes modernes, du bengalique, de l'indostanique, etc. Ces idiomes, dont la connaissance est si utile pour les affaires, sous le point de vue scientifique, n'occupent qu'un rang très-subalterne ». Guilherme de Schlegel, *Réflexions sur l'étude des langues asiatiques adressées à Sir James Mackintosh*, Bonn, 1832, pag. 97-98. — « Défiez-vous, monsieur, de l'école anglaise, dans laquelle vous me paraissez avoir appris votre sanscrit, qui n'est pas celui de mes maîtres. Les Anglais, jusqu'ici, n'ont guère cultivé les langues orientales que dans l'intérêt de leur commerce et de leur domination; l'amour de la science ne vient chez eux qu'en seconde ligne. Les études d'un ordre élevé, auxquelles quelques uns de leurs savans se sont adonnés, avaient pour arrière-pensée de captiver la bienveillance des classes supérieures de l'Inde, et d'accroître ainsi la popularité du

guas romanicas.... [1] Desde 1842 a *Philological Society* de Londres.... Em 1828 Kennedy nas suas *Researches into the Origins* [*Origin*] *and Affinity of the principal Languages of Asia* [2] *and Europe*.... »

nom anglais. Un fait qui vient appuyer mon assertion, c'est que les Anglais se sont beaucoup plus occupés des langues vulgaires de l'Indoustan que du sanscrit liturgique, et leur ont consacré plus de grammaires et de dictionnaires qu'à l'idiome sacré : j'ai dit pourquoi ». J. A. Chaho, *Lettre à M. Xavier Raymond, sur les analogies qui existent entre la langue basque et le sanscrit*, Paris, 1836, pag. 36. — Cfr. Silvestre de Sacy, *Observations sur les cours de sanskrit et de chinois créés au Collége de France (Mélanges de littérature orientale*, 1861, pag. 69); — [e Garcin de Tassy, *La Langue et la littérature hindoustanies en* 1871, Paris, 1872, pag. 6-7, 38-41.]

[1] Ahi mesmo declara que entre os humanistas e philologos ingleses quasi não haviam óbtido attenção as obras de Raynouard : « In England, howewer, as far as I am aware, M. Raynouard's works have not attracted even among scholars and philologists the attention which they unquestionably deserve: and therefore I propose in the present work to lay before the reader such an account of the principal parts of them as may enable him to form a judgment of the nature and value of theirs contents ». (*An Essay on the origin and formation of the Romance Languages*, pag. 3). — E no prefacio da 2ª ed. (1862, pag. viii), ao falar da theoria da derivação das linguas romanicas, supponho que omittindo mencionar a obra de Bruce-Whyte por ter sido publicada em francês: « I may add that my Essay still remains the only English work in which this problem is treated at length, and in such a manner as to enable a student to form an independent judgment respecting its solution ».

[2] [Fôra impossivel escurecer totalmente a contribuição dos portugueses aos differentes ramos dos estudos asiaticos. Aos que para tanto tenham posses fique o escrever a historia d'esses trabalhos : aqui não farei mais do que reunir algumas notas de leitura fortuitamente colhidas.

Um manuscripto de auctor nosso relativo á materia da já citada *Noticia summaria do gentilismo da Asia* foi conhecido a Fr. Paulino de S. Bartholomeu. Colhe-se do seu opusculo *De Veteribus Indis dissertatio* (Roma, 1795, pag. 26) : « *Krshna* (Indicus Appollo) *nigrum* sonat; et *Gopàla* pastorem. Quare recte ait Sonnerat, *Voyage aux Indes*, lib. 2. pag. 303. *Quichena* (Krshna) *un Berger noir* : *il naquit de Devogui sœur du Camjen* (Kamsa) *Roy de Madure.* Et P. Joannes de Britto in *cod. ms.* Lusitano : *A nona incarnação* (dei Vishnu) *foy em hum homem chamado Khrishnen, que quer dizer homem negro* ».

O illustre sinologo Basilio de Glemona, que a *Encyclopedia* de Ersch e Gruber faz nascido em Portugal, recentes indagações provaram que é o italiano Fr. Basilio Brollo, natural de Gemona. Ascoli, *Studj orientali e linguistici*, I, Gorizia, 1854, pag. 145-146.

Cenaculo, no *Elogio de Fr. Joaquim José Pimenta*, relata como, voltando do Oriente o capellão-mór Fr. Henrique Evangelista, se accendêra entre os religiosos da sua ordem o amor ao estudo das linguas : « De palavra, em palavra, faceis a crescer em repetidas conversações, viemos a entender o clamor da religião naquelles sitios pela sciencia das linguas. Perguntado então como se fórma juizo practico

Dispenso-me de completar a transcripção. Na obra de um escriptor seu, impressa em Padua em 1798, *De anti-*

para sentencear os erros, dice que havia bons interpretes. Com effeito, em 1720 era bispo coadjutor e futuro successor de Macau, e depois arcebispo de Goa, o veneravel sacerdote da ordem dos eremitas de Sancto Agustinho, Fr. Eugenio Trigueiros, e sabia as linguas, pois vi alguns quadernos do seu vocabulario de linguas orientaes [é porventura fragmento d'este vocabulario o manuscripto da Bibliotheca Publica Eborense referido a pag. 345 do catalogo do sr. conselheiro Rivara, sob o titulo *Nomes de cousas e mezinhas em portuguez e industam ou persio*] .... Certo é que o vice-rei João de Saldanha, em o anno de trinta d'este seculo havia mandado para a Academia Real muitos escriptos de linguas orientaes e suas versões. O padre Jacome Gonsalves, do oratorio de Goa, sabio nas linguas do pays, escreveu sôbre ellas antes do anno de quarenta Do arcebispo de Cranganor, D. João, tenho eu certeza de saber as linguas do oriente pelas noticias dadas por seus irmãos. Com estas contra-especies fermentou a curiosidade, e levantaria esta accendalha chamma duradoura, já que chegou a ser muito visivel, se frios astros não a tomassem de avesso ». *As lettras na Ordem Terceira de S. Francisco (Panorama*, 1844, pag. 179).

Da memoria de Fr. Vicente Salgado, *Origem e progressos das linguas orientaes na Congregação da Terceira Ordem de Portugal* (Lisboa, 1790), refere o sr. conselheiro J. Silvestre Ribeiro : « Logo nos primeiros tempos dos nossos descobrimentos maritimos, e successivamente até á epocha do nosso maior poder nas conquistas, apparecem religiosos da Congregação da Terceira Ordem de Portugal, e tambem de outras ordens, que *foram bons companheiros naquelles trabalhos*, levando a palma evangelica á Africa e á Asia, para o que ou iam já munidos do conhecimento das linguas orientaes, ou se adestravam no manejo d'aquellas que se falavam em determinadas regiões ». (*Primeiros traços de uma Resenha da litteratura portuguesa*, 1853, pag. 39). — Cf. *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal*, I, 1871, pag. 257.

Ao prazo que decorre após a fundação da Academia Real da Historia (1720) dizem respeito as palavras de Freire de Carvalho no *Primeiro ensaio sôbre historia litteraria de Portugal*, 1845, p. 222 : « Não fez menores progressos em Portugal neste periodo o estudo de algumas linguas orientaes, já cultivadas com prospero e extenso desempenho nos tempos anteriores da nossa apurada litteratura, nos quaes Portugal, como lhe cumpria, visto ser o pays europeu que primeiro devassára aquellas longinquas regiões, apresentou trabalhos importantissimos sôbre o conhecimento dos idiomas *chinês, japonês e malabar*, nos das *duas costas, oriental e occidental, da Africa* e *ilhas adjacentes*, e bem assim nos de *differentes povos do Brazil* ».

Larga menção de escriptos anteriores faz o sr. Cunha Rivara, empenhado a mostrar como na familia franciscana e na companhia de Jesus, na segunda principalmente, foram cultivadas as linguas da India: « No primeiro fogo da conquista derrubaram-se os pagodes, esmigalharam-se todos os emblemas do culto gentilico, e queimaram -se todos os livros escriptos na lingua vernacula, como convictos ou suspeitos de conterem os preceitos e doutrina da idolatria. O desejo era exterminar tambem toda a parte da população que se não convertesse logo; e não só era este o desejo de então, mas ainda passados dous seculos havia quem com gravidade magistral aconselhasse ao governo esta providencia [« Parecer de Fr. Caetano de S. Joseph, religioso dominico, dado no Collegio de S. Thomás a 10 de janeiro de 1728. Liv. das *Monções*, nº 94, fl. 121 »]. A India porêm não era

quitate et affinitate linguæ zendicæ, samscrdamicæ, et germanicæ

a America.... — Os jesuitas, movidos ou por mais verdadeiro zelo da propagação da fé, ou pelo mais efficaz desejo de augmentar a influencia da companhia, foram os que não só não desprezaram nem perseguiram as linguas e monumentos litterarios dos povos indigenas, mas antes as estudaram com calor, e composeram nellas grande numero de obras de diversos assumptos. E para não falarmos senão do padre Henrique Henriques, a quem chamam o Apostolo do Comorim, illustre e digno companheiro de S. Francisco Xavier, é admiravel a perfeição com que naquelles primitivos tempos da conquista comprehendeu a lingua malabarica (tamul?), e, alêm de um excellente vocabulario e grammatica, compôs nella muitas obras, cujo catalogo se póde ver na *Bibliotheca Lusitana* do abbade Diogo Barbosa Machado. Infelizmente não só para os progressos da litteratura oriental, mas para honra e gloria do nome português, todas estas obras ficaram ineditas, e, como diz M. Ferdinand Denis, correram a sorte da maior parte das melhores obras dos auctores portugueses, as quaes, mesmo no tempo de sua influencia, ficaram quasi sempre occultas e desconhecidas aos sabios das outras nações; e nós podemos accrescentar que ainda aos proprios nacionaes ». (*Ensaio historico da lingua concani*, pag. XLIX e LVII da *Grammatica* do padre Thomás Estevam, 2ª ed., Nova Goa, 1857.)

Ao que dá novo assenso o sr. dr. Bernardino Antonio Gomes no *Elogio historico do padre João de Loureiro*, lido em 1865 na sessão solemne da Academia Real das Sciencias (pag. 10-11): « As provas do vasto conhecimento que alcançou da lingua annamita ou do cochinchinês não abundam menos. Possue-as a Academia nos seus archivos.... No prologo de uma traducção francesa da *Arte da lingua do Japão* de outro missionario português, o padre João Rodrigues, publicada em 1825 pela Sociedade Asiatica de Paris, está escripto que ninguem fizera ainda, senão os missionarios portugueses, estudo regular e profundo da lingua japonesa. O cuidado e apreço com que foi feita e recebida esta versão da grammatica do padre Rodrigues, é outro documento do que valeram os nossos missionarios nestes serviços ás missões e á sciencia. Cultivaram estudos similhantes os padres C. Alvares e Calado, como o attestam as grammaticas que elles deixaram do mesmo idioma. É o que para o chim fez tambem o padre Alvaro Semedo, e muito depois, já em nossos dias, o professor do Collegio de Macau e socio d'esta Academia, J. A. Gonsalves, ficando do primeiro um diccionario, e do segundo diccionario e grammatica, que foram recebidos dentro e fóra do pays como obras, no seu genero, de subido preço. E o que obtiveram, para o japonês e chim, Rodrigues, Alvares, Calado, Semedo e Gonsalves, alcançou Loureiro para a lingua annamita. Ahi existe manuscripto um diccionario de sua composição: os competentes que o apreciem e aproveitem, antes que venha a ter a sorte do que deixou Alvaro Semedo, cujo manuscripto desappareceu, sem ter sido publicado ».

O voto extensamente motivado de Abel Rémusat (*Nouveaux mélanges asiatiques*, 1829, t. I, pag. 347-357; II, 222-225) conserva ainda á *Arte* do padre Henriques a estima dos linguistas. É porêm verdade que Léon de Rosny a julga menos favoravelmente: « On manquait des grands lexiques indigènes, lorsque Klaproth et Abel-Rémusat essayèrent à leur tour d'introduire en Europe l'étude de la langue japonaise. Leur première idée, pour atteindre ce but, fut de provoquer la publication de l'abrégé de la grammaire du père Rodriguez qui se trouve en manuscrit à la Bibliothéque impériale de Paris. Ce manuscrit, traduit du portugais, parut en 1825 aux frais et sous les

dissertatio, por Fr. Paulino de S. Bartholomeu, carmelita e

auspices de la Société asiatique. Dans un avant-propos, l'éditeur annonçait qu'il s'était proposé de mettre entre les mains des orientalistes une œuvre d'une simplicité encourageante et « sur l'exactitude de laquelle les étudiants pussent compter ». L'expérience a établi ce qu'il fallait penser de cette déclaration et dans quelle mesure servirait aux progrès de la linguistique cet ouvrage patroné par Abel-Rémusat. Dans l'examen qu'il en fit, un an après son apparition, Guilhaume de Humboldt signala certaines singularités qui choquaient son sentiment philologique.... Aussi, malgré de louables efforts, les tentatives de Klaporth et d'Abel-Rémusat échouèrent-elles à peu près complètement, et on dut renoncer à une étude qui, faute de secours suffisants, était encore prématurée ». (*Discours prononcé à l'ouverture du cours de japonais à l'Ecole impériale et spéciale des langues orientales*, Paris, 1863, pag. 11-12.) — Cfr. Dugat, *Histoire des orientalistes de l'Europe*, t. II, 1870, pag. 243 e 222.

Entre as reflexões que suggere a Renan a publicação dos ultimos trabalhos sôbre a historia do Japão encontro a referencia seguinte: « La réimpression par M. l'abbé Bernard Petitjean, vicaire apostolique au Japon, du dictionnaire japonais des jésuites imprimé à Amacusa en 1595, aura sans doute son utilité ». (*Rapport annuel fait à la Société Asiatique*, Paris, 1872, pag. 53). A nova edição d'aquelle rarissimo livro (*Diccionario bibliographico*, II, pag. 140; Ascoli, *Studj orientali*, I, pag. 33) tem por titulo: *Lexicon latino-japonicum depromptum ex opere cui titulus* DICTIONARIUM LATINO-LUSITANICUM AC JAPONICUM TYPIS PRIMUM MANDATUM IN AMACUSA IN COLLEGIO JAPONICO SOC. JESU ANNO DOMINI MDXCV. *Nunc denuo emendatum atque auctum a vicario apostolico Japoniae.* Roma, 1870, 4º de IV-749 pag.

Acêrca da traducção de outro livro nosso, o *Vocabulario da lingoa de Japam*, que já existia vertido em castelhano (Brunet, 5ª ed.; *Dicc. bibliogr.*, t. VII, pag. 452), lê-se no *Journal asiatique* (6ª serie, t. II, pag. 133-134, *Rapport annuel sur les travaux du Conseil de la Société pendant l'année* 1862-1863, por J. Mohl): « Mais ce qui manque le plus aux études japonaises, ce sont des dictionnaires. M. Gochkiévitch en a publié un à Saint-Pétersbourg, il y a quelques années; mais comme la traduction est seulement en russe, il ne sert qu'à peu de personnes hors de la Russie. M. de Rosny en avait commencé un, mais il n'en a paru que le premier cahier. M. Léon Pagès a entrepris alors de publier de nouveau le dictionnaire imprimé en 1603 par les Jésuites, au Japon. Dans ce livre, les mots japonais étaient imprimés en transcription latine et l'interprétation était en portugais. M. Pagès a traduit l'interprétation en français; il a gardé la transcription en caractères latins, mais en la changeant selon la prononciation française, et y a ajouté les caractères japonais en *firokana* ». — Um dos orientalistas citados, L. de Rosny, discorrendo sôbre os inconvenientes da transcripção latina e sôbre a falta dos signaes ideographicos, verte do original russo de Goskiéwitsch (Gochkevitch ou Gochkiévitch: Platão Vakcel, *Quadros da litteratura, das sciencias e artes na Russia*, Funchal, 1868, lê *Goskévitch*) algumas palavras relativas ás publicações dos nossos missionarios: « Le défaut principal de toutes ces ébauches de lexicographie (Rodrigues, Calado, etc.) tient à ce qu'elles donnent les mots japonais transcrits en caractères latins, et par conséquent plus ou moins défigurés ». (*Journal asiatique*, 5ª serie, t. XV, 1860, pag. 276, *Note sur la nature de la langue japonaise*. Cfr. Rosny, *Variétés orientales*, 2ª ed., 1869, pag. 311). — O primeiro fasciculo da traducção francesa de L. Pagès vem assim descripto em Otto Lorenz (t. IV, 1871): *Dictionnaire japonais-français, traduit du Dictionnaire japonais-portu-*

missionario na India, natural de Hoff, no seculo João Philippe

gais, composé par les missionnaires de la Compagnie de Jésus et imprimé en 1603, *à Nangasaki, et revu sur la traduction espagnole du même ouvrage, rédigé par un Père dominicain, et imprimé en* 1630, *à Manille.* 1[re] *livraison.* In-4º, Paris, 1862.— Do syllabario japonês que nella se emprega dá Klaproth a seguinte noticia: « Un an après la mort de *Kibi*, naquit le fameux bonze *Ko bo*, auteur d'un autre syllabaire qui fut définitivement employé à écrire la langue japonaise seule, sans qu'il fût nécessaire d'avoir recours aux caractères chinois. Ce syllabaire, qui porte le nom de *fira kana* ou d'*écriture égale* ou *étendue*, se compose, ainsi que le *kata kana*, de *quarante-sept* signes dérivés de caractères chinois ». (*Théorie des signes; aperçu de l'origine des diverses écritures de l'ancien monde*, Paris, 1832, pag. 22). — Cfr. *The Academy*, vol. III, Londres, 1872, pag. 218.

Léon de Rosny (*Archives peléographiques de l'Orient et de l'Amérique*, t. I.' 1870, pag. 128, *L'Imprimerie indigène*), mencionando as primeiras publicações em sanskrito feitas na India inglesa (1789 e 1792): « Bien avant cette époque les Portugais avaient introduit l'imprimerie à Goa, capitale de leurs établissements dans l'Inde (Antonio fait remonter l'introduction de l'imprimerie dans cette ville à l'année 1555. *Bibliot. nova*, t. I, p. 528); mais il ne paraît pas que les presses de cette ville aient produit aucun ouvrage ou mémoire relatif à la langue sacrée de l'Inde ». — A este proposito lê-se no *Panorama* (I, 1837, pag. 165, *Origens da typographia*): « Salsete na India tinha já uma imprensa em 1532, e ahi se estampou a *Explicação da doutrina christan*, composta em lingua bramana pelo padre Diogo Ribeiro ». Sabemos pelo *Diccionario bibliographico* (II, pag. 172) que ha porêm nesta indicação um erro de seculo. A *Declaraçam da dovtrina christam* foi impressa em 1632. A lingua *bramana* em que o texto está escripto é a concani ou concânica, á qual os missionarios portuguêses davam aquelle nome, derivado, nota o sr. Rivara, « de serem os brahmanes quem só entre os gentios sabia ler e escrever ». — Na *Memoria para a historia da typographia portuguesa no seculo XVI* aponcta Ribeiro dos Sanctos algumas raras edições de obras impressas em Goa. A primeira em data é de 1561. Ao anno de 1642 refere o auctor a publicação de um livro que a *Bibliotheca Lusitana* diz escripto em « lingua abexina »: « *Magseph assetat*, ou *Flagello das mentiras*: no Collegio de S. Paulo em 1642; obra do padre Antonio Fernandes, jesuita, impressa em characteres abexins, que haviam sido mandados ao patriarcha D. Affonso Mendes pelo papa Urbano VIII. (Real Bibliotheca de Lisboa) ».

— Por addição á nota de pag. 23 resta indicar o curioso ensaio, modernamente vindo á luz, producção de um philologo italiano celebre, Teza, acêrca do dialecto de Ceylão — *lingua indo-portuguesa* ou *singalo-portuguesa*, segundo elle a denomina. Sahiu no periodico de Bolonha *Il Propugnatore; studii philologici, storici e bibliografici di vari socî della commissione pe' testi di lingua*, vol. V, parte II, 1872, pag. 129-138. « Fra le lingue latine portate fuori di Europa dalle colonie, e che vi si andarono corrompendo, c'è il portoghese di Seilane. Gli olandesi, venuti nell'isola prima degli inglesi, cercarono ad ogni modo di distruggere le memorie di una lingua che era testimonio della potenza dei figli del Tago, da un secolo e mezzo; ma non riuscirono nella loro impresa. Quanti oggi la parlino, non so: nè che libri vi si stampino ad educare quella gente o a rallegrarla. Non conosco che il *Nuovo testamento* [Londres, 1826]; chè di una grammatica e di un dizionario [« Berrenger, *A grammatical arrangement on the method of learning the corrupted portuguese as spoken in India.*

Wesdin [1], teve a Allemanha a primeira indicação scientifica da unidade original dos povos e dos idiomas indo-europeus [2],

Sec. edit., Colombo, 1811; — Fox, *A Dictionary of the Ceylon-portuguese, singalese and english languages. A compendium of the Ceylon-portuguese language.* Colombo, 1859 »] pubblicati nell'isola, e cercati da lunghi anni indarno, non ho potuto far pro. A chi giudichi di lontano parrà strana cosa di certo che, invece di perpetuare con una nuova letteratura queste magre forme imbarberite, non si tenti di riattaccarvi la perduta tradizione della lingua di Camoens. Ma, se il tenerla discosta non può conferire al bene della colonia, chi cerca la storia della parola umana anche delle corruzioni si rallegra e vi si getta con impaziente curiosità ».]

[1] *Werdin*, segundo Meusel e Abel Rémusat (*Nouveaux mélanges asiatiques*, II, 305); *Wesdin* ou *Weszdin*, segundo Benfey (*Geschichte der Sprachwissenschaft*, pag. 352). — Ascoli (*Studj orientali*, I, pag. 37) escreve *Wessdin*; Max Müller (*Lectures*, I[6], pag. 180), *Wesdin*.

[2] Chavée, *Les Langues et les Races*, pag. 15, Paris, 1862. — Não é esta a opinião de Weber, *Indische Skizzen*, Berlin, 1857, que não só nega todo o valor scientifico aos escriptos do missionario, mas recusa ainda attribuir-lhes a menor influencia essencial no estudo do sanskrito. Benfey faz mais justiça a Fr. Paulino de S. Bartholomeu, embora reconheça que este em parte se utilizou dos manuscriptos de Hanxleden, o europeu que primeiro compôs uma grammatica sanskrita — e o que primeiro tambem emprehendeu um diccionario malabarico-sanskrito -portuguès. (*Geschichte der Sprachwissenschaft und orientalischen Philologie in Deutschland*, Munich, 1869, pag 335, 352). — Cfr. Abel Rémusat, *Nouveaux mélanges asiatiques*, t. II, Paris, 1829, pag. 312-315; G. de Schlegel, *Réflexions sur l'étude des langues asiatiques*, Bonn, 1832, pag. 27-28; Friderico Schlegel, *Essai sur la langue et la philosophie des Indiens*, trad. de A. Mazure, Paris, 1837, pag. 7-8; Ascoli, *Studj orientali e linguistici*, I, Gorizia, 1854, pag. 37; Max Müller, *Science of Language*, I[6], 1871, pag. 180; Bréal, *Introduction à la Grammaire comparée des langues indo-européennes de M. Fr. Bopp; extrait du tome premier*, 1866, pag. XIX e XXXIV.

São frequentes nos escriptos de Fr. Paulino as referencias aos diccionarios de Hanxleden. Exemplos: « Excipit duas P. Ernesti grammaticas ipsius vocabularium Samscrdamico-Malabarico-Lusitanum, quod ipse praematura morte correptus non nisi ad literam *T.* perduxit. R. P. Hausegger vero accurate et diligenter descripsit. Libri lemma est: *Vocabularium Malabarico Lusitanicum*; sed pleraque nomina sunt samscrdamica, saepe literis *Gr.*, id est, vocabulum *Granthamicum* notata. In verbis samscrdamica proles deest, ac proinde in secunda parte libri Brahmanici, *Amarasinha* inscripti, est quaerenda. Hoc dictionarium Hanxledianum auxit et absolvit Illustrissimus ac Rmus D. Antonius Pimentel S. J. Archiepiscopus Cranganorensis, qui fato cessit in oppido *Puttencera* anno 1752, die 6. May.... Persimile huic alterum est Dictionarium P. Hanxleden, sed alio ordine dispositum. Inscribitur *Dictionarium Trilingue, Lusitano-Latino-Malabaricum ac Grandonicum, cujus vocabula asterico notata sunt.* Ordo nominum Lusitanum idioma callentibus est accommodus, nam primo Lusitanicum ac Latinum, dein Malabaricum, ac postea Granthamicum vocabulum affert, quod asterisco notat, V. G. Absorto, absorptus, a sensibus abstractus, Malab. *Paravashen*, * *Asvatandri*. Abastado, rico, affluens, opulentus, Malab. *Sambanen*, * *Vanaván*, *pushta*. Ajuntamento, conjunctio, congregatio, Malab. *Kútam*, *yó-*

consequencia necessaria do grande incidente do sanskrito [1], equiparado por Bopp, e antes d'elle por Hegel, ao descobrimento de um novo mundo.

Mas, ainda desprezados os ensaios do missionario carmelita, e contando dos trabalhos de Schlegel e Bopp, que da-

gam, * *Samgamana*, *sangam* ». (*De Manvscriptis codicibvs Indicis R. P. Joan. Ernesti Hanxleden epistola*, Vienna, 1799, pag. 5-6). — « Lingua *Samscrit* seu *Samscrdamica* ea est, qua Brahmanes Indi in liturgia, in orationibus & scientiis tradendis, ac sacrificiis perficiendis hodiedum utuntur. Quapropter *lingua Sapientum* dicitur, *a lingua dos Sabios*, ait P. I. E. Hanxleden in suo Dictionario *Granthamico-Malabarico* sub voce *Samscrda* ». (*De Antiquitate et affinitate linguæ zendicæ, samscrdamicæ, et germanicæ dissertatio*, Padua, 1799, pag. XVI).— « *Sanscrta* significat etiam rem bene conditam, concinnatam, *cousa bem concertada*, ait P. *Hanxleden* ». (*Vyacarana seu locupletissima Samscrdamicae linguae institutio*, Roma, 1804, pag. 275.) — « Illustriss. D. Pimentel Archiep. Cranganorensis in appendice Lexici Hanxlediani sub voce *Shica*, a qua venit *shicari*, ait: *Shica, Rolete, ou qualquer nò de cabellos da cabeça* ». (*De Antiquitate*, pag. XLIV). — « Hic auctor Indicus sequentia Samscrdamica nomina *vesti* attribuit: *Tschóla*, *Curbasaca*, Malabarice, *Cupáyam*; ad quod vocabulum habet P. Hanxleden: *Cupáyam, vestido, veste que cobre o superior do corpo* ». (Pag. XLV). — « Omnia hæc Samscrdamica vocabula congessi ex Vocabulario Brahmanico *Amarasinha*, ex Dictionario R. P. *Hanxleden*, *Biscoping*, & Illust. D. Archiepiscopi Cranganorensis *Pimenteli*, ex Grammatica Samscrdamica, & *Puranis*, seu veteri historia Indica ». (Pag. XXXIII.)

[1] « Peut-être on me dira que dans cet intervalle s'était produit le grand incident du sanscrit. Certes il est impossible de nier que la singulière trouvaille de ce frère lointain du grec et du latin n'ait projeté un flot de lumière sur l'étude comparative des langues. Mais, même sans lui, les érudits n'auraient pas tardé à saisir le lien qui unit les langues aryennes, et, avec plus de peine et moins de perfection, ils ne s'en seraient pas moins mis en possession de notions décisives dans la grammaire, dans l'étymologie, dans la formation graduelle des idiomes et dans la filiation des peuples ». Littré, *Préface de la deuxième édition*, na *Grammaire historique de la langue française* de A. Brachet, 1868, pag. II-III). — Cfr. Fumi, *Intorno agli studii linguistici, specialmente greci e comparativi (Illustrazioni alla Grammatica del dott. Giorgio Curtius*, Napoles, 1868, pag. LXXXII). — « C'est du trésor inépuisable de la langue sanscrite que nos philologues ont habituellement tiré la matière de leurs comparaisons.... Par un entraînement très-facile à comprendre, ils font la part trop grande au sanscrit. Non pas qu'aucun d'eux ait jamais prétendu que nos idiomes de l'Europe fussent dérivés de la langue de l'Inde; une assertion aussi facile à refuter ne s'est jamais trouvée dans le livre d'aucun linguiste de profession. Mais, comme le sanscrit est de tous les idiomes indo-européens le plus archaïque et le plus transparent, comme il a sur ses frères l'avantage inappréciable d'avoir été soumis de bonne heure à une analyse aussi fine que juste, comme il se présentait aux savants européens avec des listes de racines et de suffixes toutes préparées par les grammairiens indigènes, comme c'est la découverte du sanscrit qui a donné naissance à la philologie comparative, et que la plupart de nos grammairiens étaient en même

tam de 1808 e 1816 [1], entende o sr. Adolpho Coelho, com a enumeração de escriptos de 1835 e 1842, convencer-nos de que as « obras dos sabios allemães foram *logo do começo* conhecidas e apreciadas em Inglaterra » ? A asserção de que a In-

temps des indianistes, il n'est pas étonnant que, sans y penser, ils aient quelquefois accordé trop de poids au témoignage, d'ailleurs si considérable, de la langue de l'Inde ». Miguel Bréal, *Les Progrès de la grammaire comparée (Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*, t. I, 1868, pag. 80). — « Comme il arrive pour toute découverte nouvelle, aussi celle-ci fut outre mesure prônée. La découverte de la littérature indienne donna le signal à une série d'hypothèses prenant le nom et la force d'axiomes, et que nous devons apprécier aujourd'hui. Permettez-moi, Messieurs, de jeter, comme profeseur de sanscrit, un regard rétrospectif sur ces études.... On a beaucoup parlé des lumières que la philologie comparée d'une part, et les études des Védas de l'autre, jetaient sur l'histoire de l'humanité. On a voulu faire des conclusions trop précipitées de la conformité qui lie quelques idiomes entre eux, sur la commune origine des peuples qui les parlaient, et dans ce sens on est allé trop loin. La philologie peut, dans cet ordre d'idées, servir à éclaircir quelquefois des faits accidentels, mais surtout quand ceux-ci appartiennent aux temps parfaitement historiques. Ainsi, je vous ai exposé que, par les méthodes philologiques, on pourra prouver que le *riz* n'est pas venu directement de l'Inde en Grèce, mais que la forme même du mot *riz*, ὄρυζα, en grec, démontre que ce mot a dû prendre le chemin de la Perse. Ces petites notions ne sont pas à dédaigner, comme rien ne doit être méprisé, si exigu qu'il paraisse dans la grande masse des connaissances humaines; mais, franchement, les données auxquelles se restreignent jusqu'ici les résultats véritablement sûrs de la linguistique, peuvent-elles prétendre à prendre place parmi les grandes révélations de l'histoire? Nous ne le pensons pas ». J. Oppert, *L'Arianisme, discours d'ouverture prononcé à la Bibliothèque Impériale*, Paris, 1866, pag. 3, 5.

[1] « Fin dal secolo XVI un mercante fiorentino avea creduto di scorgere traccie di affinità fra l'italiano e l'antica lingua ariana dell'India. Questa teoria della trasformazione delle specie, contro cui i Gesuiti sono così inclinati a scagliare le loro invettive nei nostri giorni fu iniziata nella linguistica da un gesuita tedesco in Roma, proprio nel collegio di Propaganda Fide. Quando frate Paolino cercò di stabilire la prima volta gli indizzii di affinità fra il Sanscrito, il Zendico, ed il Latino rettificò senza accorgersene, l'applicazione del concetto di specie.... La dimostrazione definitiva di queste affinità ariane che abbracciano tutte le lingue Indo-europee è contenuta in un'opera, che fonda una nuova epoca negli studî linguistici, la grammatica comparata di Bopp ». Lignana, *Le Trasformazioni delle specie e le tre epoche delle lingue e letterature indo-europee*, Roma, 1871, pag. 9-10. — Cfr. Biasutti, *La Filologia comparata e l'insegnamento classico dei ginnasi*, 2ª ed., Veneza, 1867, pag. 12, 19. — « E qui ho udito proporre una difficoltà di altro genere. Qual' è finalmente questa grande scoperta di Bopp? — L'affinità storica di tutte le lingue Indo-Europee. — Ma non era questa una scoperta molto facile dopo l'introduzione del Sanscrito in Europa? Chi è colui che dopo aver superato il segno devanagarico, e ruminati alcuni slochi della Bhagavadgita, o del Nalo non percepisca immediatamente, se egli è Ariano, l'affinità della propria colla lingua sanscrita? Non sono

glaterra houve até mister que um extranho lhe desse na propria casa prelecções de sciencia da linguagem [1] pensará o sr. A. Coelho repugnal-a com affirmar que « em Edimburgo tem professado essa sciencia um notavel linguista allemão, Aufrecht? »

cose già dette molto tempo prima da Frate Paolino, da Olearius, che parlò di affinità del Tedesco col Persiano, il che equivale a dire col Sanscrito? L'affinità storica delle lingue Indo-Europee è contenuta come indizio in molti diarii di viaggiatori italiani nell' Asia. La scoperta di Bopp, quando non sia per caso, è il frutto lungamente maturo della scienza raccolto a tempo opportuno con molta fortuna. — Il popolo italiano ha una risposta molto arguta a questo genere di difficoltà, ma a mio avviso qui non opportuna. Gli indizii di Frate Paolino, di Olearius, ed anche quelle di Leibnitz non hanno alcuna connessione colla scoperta di Bopp, e meno ancora si può dire fatta a caso: Bopp non iscuopre l'affinità storica delle lingue Indo-Europee, come Colombo l'America, cioè malgrado una serie di errori evitabilissimi, non crede di essere al Cataio quando è a Cuba, ma per mezzo dell'analisi più rigorosa ed esatta degli elementi della parola, col lavoro più paziente e regolare della riflessione filologica.... Non si tratta più di trovare affinità o identità nelle facili rassomiglianze de' suoni, ma al contrario di provare per mezzo di una legge inesorabile di trasformazione storica, identità e affinità di quello che è diverso, che è diventato diverso nel processo storico della parola. La favola etimologica è chiusa per sempre, o tutt' al più destinata a qualche postuma reviviscenza academica. Bopp prima di scoprire il nuovo mondo della Filologia, ha scoperta la bussola, la legge delle trasformazioni fonetiche ». Lignana, *Della Grammatica comparata di Bopp (Anniversario Bopp. Solenne adunanza nel Museo Nazionale di Napoli XVI. Maggio MDCCCLXVI*, pag. 9 e 10, Napoles, 1866). — Cfr. Ascoli, *Lezioni di fonologia comparata del sanscrito, del greco e del latino*, Milão, 1870, pag. VIII.

[1] [« When, in the year 1860, I published my book on the 'Origin of Language', it was, I believe, the only book distinctly devoted to that subject which had appeared in England since the end of the last century. Since that time Philology has been daily gaining ground as a study of infinite importance, and I believe that the stimulus it has received has been mainly due to the eloquence and genius of Professor Max Müller, whose first series of Lectures was published in 1861 ». F. W. Farrar, *Chapters on Language*, 2ª ed., Londres, 1873, pag. IX. — « Such was the goodness of the cause I had then to defend, that, however imperfect my own pleading, the verdict of the public has been immediate and almost unanimous. During the years that have elapsed since the delivery of my first course of lectures, the Science of Language has had its full share of public recognition. Whether we look at the number of books that have been published for the advancement and elucidation of our science, or at the excellent articles in the daily, weekly, fortnightly, monthly, and quarterly reviews, or at the frequent notices of its results scattered about in works on philosophy, theology, and ancient history, we may well rest satisfied. The example set by France and Germany in founding chairs of Sanskrit and Comparative Philology, has been followed of late in nearly all the universities of England, Ireland, and Scotland. We need not fear for the future of the Science of Language.... — The introduction of Greek into the universities of Europe in the fifteenth century could hardly have caused a greater revolution than the disco-

« Ha annos são a grammatica comparativa e outros ramos da glottica professados em diversas universidades do Reino-Unido [1] .... Latham, Trench, Guest, Stokes, Sttodardt [*sic*], Wedgwood, Lottner, e muitos outros de que se faria longa lista, teem-se dedicado no Reino-Unido com affinco á mesma sciencia ».

Abstrahindo do leve defeito de ser allemão o ultimo dos auctores allegados, e levando em conta a difficuldade de averiguar quaes os trabalhos que entre os nomes dos corypheus da novissima sciencia collocam o nome de Guest (William Guest? Charlotte Guest, a *femina doctissima* citada no prefacio de Zeuss? Edwin Guest [2], o auctor da *History of English Rhythms*?), este rol de appellidos offerece apenas o inconveniente de só se poder

very of Sanskrit and the study of Comparative Philology in the nineteenth. Very few indeed now take their degree of Master of Arts in Germany or would be allowed to teach at a public school, without having been examined in the principles of Comparative Philology, nay in the elements of Sanskrit grammar. Why should it be different in England? The intellectual fibre, I know, is not different in the youth of England and in the youth of Germany.... » M a x M ü l l e r, *Introduction to the Science of Religion*, Londres, 1873, pag. 2-4.]

[1] « La vaste reconstitution des textes grecs et latins qui s'est faite depuis cinquante ans est l'œuvre de l'Allemagne. La philologie comparée est la création de l'Allemagne. La critique historique lui doit, sinon sa création, du moins ses plus larges applications. Je ne vois que l'archéologie et les voyages scientifiques où sa gloire soit égalée. Une université allemande de dernier ordre, Giessen ou Greifswald, avec ses petites habitudes étroites, ses pauvres professeurs à la mine gauche et effarée, ses *privatdocent* hâves et faméliques, fait plus pour l'esprit humain que l'aristocratique université d'Oxford, avec ses millions de revenu, ses colléges splendides, ses riches traitements, ses *fellows* paresseux. Dieu me garde de médire de l'Angleterre! Dans les sciences physiques et mathématiques, elle a des hommes de premier ordre. En toute chose, elle compense par la grandeur des efforts individuels la faiblesse des directions officielles; mais dans les sciences historiques et philologiques, le peu de disposition de l'esprit anglais pour comprendre ce qui n'est pas lui, la pesanteur de son gros bon sens pratique, qui n'est guère de mise en ces études, lui créent une réelle infériorité. On dirait que l'aptitude pour les sciences dont nous parlons est en raison inverse de l'aptitude à la politique ». E. Renan, *Questions contemporaines*, Paris, 1868, pag. 84-85.

[2] D'elle escreve W. Smith (*The Student's Manual of the English Language*, 5ª ed., Londres, 1868): « Among the many writers whom I have consulted and quoted, I desire to express my obligations more especially to Dr. Guest, who probably possesses a more accurate knowledge of the older forms of our language and literature than any living scholar ». (Pag. v). — « Dr. Guest, whose opinion on all subjects connected with our early history is entitled to the greatest weight.... » (Pag. 7).

acompanhar com titulos de obras modernas, a começar pela *Philosophia da linguagem* de Stoddart, e findando no *Diccionario de etymologia* de Wedgwood [1], nos *Synonymos do Novo Testamento* ou no *Glossario das palavras outr'ora usadas em sentidos differentes* do arcebispo de Dublin.

Em todo o caso, se o sr. Francisco Adolpho não presume saber mais no alheio que os escriptores britannicos no seu, soffrer-me-ha lembrar-lhe as palavras de um d'elles, auctor não

[1] [A primeira edição é de 1860-1862 (Brunet, *Table méthodique*, nº 11316) ou de 1859-1867 (Ebert e Lemcke, *Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, II, pag. 483; IX, pag. 480). A segunda (dezembro de 1871 a abril de 1872) foi julgada num breve artigo de H. Sweet. — Principia: « Mr. Wedgwood evidently belongs to the " old school " of Philology. The two main principles of all systematic etymology — 1) that before comparing two words, they must be traced back to their oldest forms; and 2) that every change of form must be justified by a reference to the known laws of sound change in the language or languages in question — are persistently ignored by him. His method is simply to take a word in modern English, and without troubling himself to ascertain its previous history, to set it down as imitative of the idea it represents, supporting his position with parallels drawn at randon from the modern Teutonic or Slavonic languages ». — Termina : « Before parting from Mr. Wedgwood, we cannot but express our regret that he has not taken more trouble to familiarise himself with the leading principles of philological investigation: a few months at any good comparative grammar might have saved him from nearly all the serious errors he has fallen into, and enabled him to turn his extensive reading to a really profitable account ». (*The Academy*, vol. III, Londres, 1872, pag. 218, 219).

Quasi ao tempo em que Wedgwood reimprimia á frente do *Diccionario* o seu trabalho sôbre a origem da linguagem, publicava Morgan Kavanagh dous volumes propostos ao mesmo assumpto, *Origin of Language and Myths.* Coube a esta obra a boa fortuna de achar a critica de humor para recebel-a, como se julgará pelo seguinte excerpto: « When he tell us that " the two Italian words *il sole* (the sun) have in French become *soleil,* " we feel inclined to leave him alone, with M. Patin's polite remark, " je ne me sens en mesure ni de vous approuver, ni de vous contredire; " or to imitate Sir John Herschel, who, when Mr. James Smith said solemnly to him, " Sir John, I have squared the circle, " replied, " Then, Mr. Smith, I must wish you a very good morning. "

Em relação aos proprios estudos do inglês não se mostra até aqui satisfeita em grande extremo a opinião dos que a podem ter no assumpto, os quaes ou declaradamente reconhecem a insufficiencia das tentativas existentes, ou a denunciam pelas multiplicadas remissões a uma obra de que a Inglaterra é pensionaria á actividade alleman. Tal a referencia do arcebispo Trench, ao apresentar a sua relação de homographos: « For a nearly complete list of these heterodynamic words, see Mätzner's *Engl. Grammatik*, vol. i. p. 187-204 ». (*On the Study of Words*, 14ª ed., Londres, 1872, pag. 289). A de Abbott, na 3ª edição de um livro estimavel publicado pela primeira vez em 1869: « Besides obligations mentioned in the First Edition, I must acknowledge the great assistance I have received from Mätzner's *Englische Grammatik* (3 vols.,

menos versado nas lettras divinas que nas humanas, parte nesta mesma questão, e interessado em esclarecel-a, assim por amor á sciencia como por zêlo do nome inglês. Nomiei o cardial Wiseman. Ser-me-ha aqui necessario trasladar por extenso o seu conceito acêrca das lucubrações de Murray, Dugald Stewart, Weston, Croly? a sua lastimavel conclusão quanto ao estado da ethnographia linguistica em Inglaterra no anno de 1835, no mesmo anno que o sr. Adolpho Coelho nos dá como assignalado pelo advento da obra de Cornewall Lewis? [1]

Continúa o folheto:

« Estas curtas indicações bastam para mostrar a profunda ignorancia que tem da sciencia inglesa o nosso bibliographo, assim como a má fé com que inventa asserções ridiculas para dar uma apparencia de demonstração ás suas opiniões. Convicto

Berlin, 1865), whose enormous collection of examples deserves notice. I am indebted to the same author for some points illustrating the connection between Early and Elizabethan English». (*A Shakespearian Grammar; an attempt to illustrate some of the differences between Elizabethan and Modern English*, nova ed., Londres, 1872, pag. xxiii). A de Walter Skeat: « The collection of examples in Mätzner's Grammar, all thoroughly well arranged, is astonishingly copious; the whole field of English literature has been carefully traversed, and so many examples selected that on one and the same page we frequently find quotations from the Towneley Mysteries, Piers the Plowman, Macaulay, Shakespeare, Otway, Chaucer, and Charles Dickens ». (*The Academy*, vol. II, 1871, pag. 122). — Finalmente o parecer de H. Sweet, escrevendo acêrca do recente livro de Earle, *The Philology of the English Tongue:* « The attempt to familiarise English readers with the results of scientific philology is always an arduous one, but its difficulties are greatly increased when, as in this work, it is based on English itself — a language of whose history and structure most English people are entirely ignorant. It is true that the want of grammatical and critical knowledge is to a certain extent — though very imperfectly — compensated by the training involved in the study of Greek and Latin, but the ignorance of the earlier stages of the language and of the cognate dialects is a serious bar to a thorough treatment of the subject ». (*The Academy*, vol. II, pag. 505).

[1] « When we are obliged to put forward as our greatest ethnographer, one who, like Dr. Murray, blends the rarest erudition with the most ridiculous theories, — who with a profound knowledge of many languages, maintains that all those of Europe have their origin from nine absurd monosyllables, expressive of different sorts of strokes: when a philosopher held greatly in respect by his school, so late as 1827, speaks of the affinity between Greek and Sanskrit as something new and strange: refers to " a German publication of Francis Bopp, " and an " Essay on the Language and Philosophy of

da cegueira dos que o admiram, é talvez por isso que se atreve com a maior temeridade a falar de cousas de que nada sabe nem póde entender.

« Vamos agora ver como elle mostra que a França não sabe mais que nós de glottica.

« Se olharmos para a França, veremos que, em materia de « origens, jurára até ha pouco successivamente pelo grego com « Henrique Estevam, pelo hebraico com Bochart, pelo latim com « Du Cange, pelo celtico com Bullet, pelo sanskrito com Chézy, « e pelo provençal com Raynouard. Possuia em verdade um Du « Méril; porêm d'elle ninguem falava, e tanto que o seu nome

the Indians, by the celebrated M. F. Schlegel," as works yet unknown to us except through the quotations of a review; mentions Gebelin, De Brosses, and Leibnitz, as the best authorities upon these studies; and occupies many pages in attempting to prove that Sanskrit is a *jargon* made up from Greek and Latin, and illustrates his position from *kitchen-Latin*, and *macarronic verses* [These observations will all be found in Dugald Stewart's "Elements of the Philosophy of the Human Mind," vol. iii. *London*, 1827, pp. 100-137]: when a learned linguist professes to prove the conformity of the European with Oriental languages, and for that purpose confuses together primary and derivative, ancient and modern, Semitic and Indo-European words; giving such terms from the Arabic as *astrolabe* and *melancholy*, which it, as well as we, received from the Greeks [See "A Specimen of the Conformity of the European Languages, particularly the English, with the Oriental Languages." By Stephen Weston, B. D. *London*, 1802]: when, in short, in the very last year, we have a divine, I believe of some celebrity, bringing this very study to bear upon the Mosaic history, by completely overlooking all its modern results, and considering the Teutonic, Greek, and Semitic as forming the three principal ethnographic reigns; telling us that "the construction of the three great families of language, the Oriental, the Western, and the Northern, is actually so distinct that a new wonder arises from the perfect adequacy of each to perform all the purposes of human communication" ["Divine Providence; or, the Three Cycles of Revelation," by the Rev. G. Croly, LL. D. *London*, 1834, c. xxii. p. 301]: when we see so many others amongst us, whom it would be long to enumerate, pertinaciously clinging to the old dreams of Hebrew etymologies,

"Trattando l'ombre come cosa salda;"

we cannot but feel that the reproach made against us is but too well grounded, that we have neglected to keep pace with the progress of this science upon the continent; and be keenly mortified when we meet, instead of amendment, another repetition of what has heretofore justified the charge ». (*Twelve Lectures on the connexion between Science and Revealed Religion*, 5ª ed., t. I, Londres, 1861, pag. 52-54.) — Cfr. Donaldson, *The New Cratylus*, 4ª ed., 1868, l. I, cap. II, *The history and present state of Philology*, pag. 54-57.

« não apparece nem ainda na edição do *Diccionario dos contem-*
« *poraneos* de Vapereau feita em 1865. Em que consistem pois,
« e de quando datam os trabalhos dos eruditos franceses neste
« ramo do saber? Na *Grammatica historica da lingua francesa*,
« por A. Brachet, epitome publicado em 1867? Na *Grammatica*
« *indo-europea* de Eichhoff, que é do mesmo anno, ou no *Paral-*
« *lelo das linguas*, que a precedeu? Em dous ou tres livros sô-
« bre a theoria da accentuação? ou nas *Noções elementares* de
« Emilio Egger?... — As *Origens indo-europeas* são obra de um
« suisso, Adolpho Pictet, de quem vemos darem já por atra-
« sada a *Affinidade das linguas celticas*, que o Instituto lhe co-
« roára ha trinta annos. Chavée é belga, como o é tambem
« Augusto Scheler, auctor do *Diccionario de etymologia francesa.*
« Mazure, que publicou em 1863 uma obra similhante, quasi
« não é lido. Chevallet foi posto de parte. Ampère estava ulti-
« mamente transformando ou transtornando a sua *Fundação da*
« *lingua francesa*, que, annunciada desde 1861, não acabava de
« sahir do prelo. Do tão falado *Diccionario* de Littré já a parte
« etymologica foi declarada insufficiente pelo seu contempora-
« neo Larousse, e fustigada até por um sr. Terzuolo, que pelo
« nome não perca. Não teem os franceses, ou pelo menos não
« tinham ha um anno, uma traducção sequer dos livros de
« Fuchs, Diefenbach, Mahn, Delius. Não a tinham ao menos da
« *Grammatica francesa* de Mätzner. A versão da *Grammatica*
« *comparada* de Boop, originariamente publicada ha mais de
« meio seculo, levava ainda a imprimir todo o anno de 1869 e
« não sei se já veiu á luz. Da *Grammatica das linguas romanas*
« de Friderico Diez existia em França em 1868 traduzida e
« publicada apenas a introducção. E eis aqui, pouco mais ou
« menos, o inventario dos haveres franceses neste genero! »

« Nestes periodos do sr. Innocencio são tão numerosas as ignorancias, até de simples dados que um catalogo de linguistica de Haar Steinert ou Klincksieck lhe podia fornecer, que me vejo obrigado, para não alargar, sem conveniencia, estas observações, a indicar as principaes.

« Em primeiro logar é absolutamente falso que os trabalhos franceses sôbre glottica se reduzam aos que o nosso bibliographo menciona. Se elle lesse o *Diccionario dos conten-*

poraneos de Vapereau, que cita, e que é o seu grande mestre para o estudo da litteratura e sciencia contemporanea das nações extrangeiras, evitaria facilmente esse erro. A quem um pouco ao facto da sciencia francesa é desconhecido o nome do sempre chorado Eugenio Burnouf, que com o auxilio da grammatica comparativa decifrou pela primeira vez o texto do Zend-Avesta ? [1] É mister andar alheado no meio do movimento scientifico moderno para não conhecer esse nome. A primeira edição da *Histoire générale des langues semitiques* de Renan foi publicada em 1865, e o seu primeiro esboço apresentado no concurso do premio Volney em 1847 ».

De tão obvio, entra pelos olhos que o *Diccionario*, em tanto que se referiu a escriptos originaes, apenas quiz indicar os mais especialmente attinentes ao francês na sua dependencia das linguas classicas [2] e nas suas relações com a historia

[1] [Aqui — e a pag. 5 do opusculo *Sôbre a necessidade da introducção do ensino da glottica em Portugal*; pag. XIII-XIV da *Introducção* ao *Diccionario* de Fr. Domingos Vieira — esqueceu-se o sr. Adolpho Coelho de declarar que tomou por guia a Max Müller: « It was Burnouf who, by means of his knowledge of Sanskrit and Comparative Grammar, deciphered for the first time the very words of the founder of the ancient religion of light.... His premature death will long be mourned ». *Science of Language*, I^6, pag. 193.]

[2] Por linguas classicas entendo o que se entende commummente — o grego e o latim. « Man ist gewohnt das Griechische und Lateinische die classischen Sprachen zu nennen ». (Curtius, *Erläuterungen zu meiner griechischen Schulgrammatik*, 2ª ed., Praga, 1870, pag. 1). — Renan diz, é certo (*Histoire des langues sémitiques*, t. I, 4ª ed., p. 443): « Il est inexact de donner à la dénomination de *classique* un sens absolu et de la restreindre à un ou deux idiomes, comme si c'était par un privilége essentiel et résultant de leur nature qu'ils fussent prédestinés à faire l'éducation de tous les peuples ». Mas os que applicam a outras linguas esse qualificativo — ao francês, por exemplo, como Egger, ou ao sanskrito, como Eichhoff — fazem-n-o por uma especie de permissão de que se reputam obrigados a pedir venia: « ... Telle n'est pas la tâche qui nous est dévolue dans ces leçons consacrées à une étude spéciale, laquelle concerne avant tout le français, le latin, le grec, langues classiques, auxquelles nous ne pouvons cependant hésiter d'en adjoindre une autre, le sanscrit ». (Eichhoff, *Cours libre de grammaire et de philologie comparée, discours d'ouverture*, Paris, 1864, pag. 10). — « Par cette dénomination (langues classiques) nous entendons, non-seulement le grec et le latin qui sont depuis longtemps en possession de ce titre, mais encore le sanskrit, auquel on ne peut manquer, selon nous, de le donner un jour, dans l'enseignement secondaire, comme il l'a déjà dans l'enseignement supérieur ». (A. de Caix de Saint-Aymour, *La Question de l'enseignement des langues classiques et des langues vivantes*, Paris, 1866, pag. 11).

dos idiomas romanicos, *this young branch of philology*, pela phrase de Stengel [1]. Que não podia estar no pensamento de ninguem inculcar como reduzindo-se áquelles os trabalhos franceses nos diversos ramos da sciencia das linguas, provam-n-o os nomes de Henrique Estevam, Bochart, Du Cange, Bullet, Chézy e Raynouard, antes citados. Prova-o, para os mesmos estudos modernos, a aposiopese ou reticencia que segue o nome de Emilio Egger. E não é a quem versou as *Noções elementares* d'este auctor [2] que se ha de imputar ignorancia de taes estudos, porquanto as notas do livro, á sua parte, offerecem uma bibliographia locupletissima de publicações congeneres feitas até 1865.

[1] « Quand, avec le dix-neuvième siècle, une nouvelle période s'ouvrit pour la science comme pour toutes les activités de l'esprit humain, les études qui nous occupent actuellement étaient dans une situation déplorable.... Les questions que comporte la philologie française étaient regardées comme vaines ou ridicules; la plupart du temps, on ne se les posait même pas. On dissertait à perte de vue sur l'origine et la valeur métaphysique du langage; on ne songeait pas à examiner historiquement celui même qu'on parlait. Chez les lettrés, avec des nuances diverses, régnait une sorte d'opinion générale: le français était une langue admirable, seule digne d'être écrite et cultivée, mais elle ne devait cette beauté et cette politesse qu'à l'âge classique; auparavant, c'était un langage barbare et grossier, qui n'avait même pas de règles, et qui était sorti du mélange informe de jargons plus barbares encore, parmi lesquels le celtique avait certainement une place. Le latin avait ensuite fourni un très-grand nombre de mots, ainsi que le grec, et c'était en grande partie par ces heureux emprunts que le ramage de nos pères était devenu une langue digne d'être parlée par des gens éclairés et civilisés. Il pouvait être curieux de fouiller dans le chaos de l'ancien français, mais c'était une tâche fort rebutante et au fond peu utile, car ce langage grossier n'avait évidemment rien à nous apprendre sur le nôtre, et quant à en avoir une connaissance scientifique, il n'y fallait pas songer: il n'y avait à cette époque aucune loi fixe; les noms et les verbes prenaient au hasard n'importe quelles terminaisons; les poëtes abrégaient, allongeaient, altéraient les mots à leur guise pour faire leurs vers. Tout ce qu'on pouvait faire, c'était de pêcher çà et là dans ce fumier quelque expression heureuse, quelque locution caractéristique, quelque vieux mot qui pouvait être remis en usage. — Telle était l'opinion d'alors, et, comme les résultats de la science se propagent plus lentement en France que partout ailleurs, telle est encore, un peu adoucie peut-être, l'opinion d'un grand nombre de littérateurs ». Gaston Paris, *Les études sur la langue française* (*Revue de France*, t. I, Paris, 1871, pag. 495). — Cfr. Renan, *L'instruction publique en France jugeé par les Allemands* (*Questions contemporaines*, 1868, pag. 281-282); — [Littré, *Discours prononcé à l'Académie Française le jour de sa réception*, 1873, pag. 27-28.]

[2] *Notions élémentaires de grammaire comparée pour servir à l'étude des trois langues classiques* (grego, latim, francês). 6ª ed., Paris, 1865.

No poncto stricto da questão a que viria pois o nome de Eugenio Burnouf [1] e a traducção do *Zend-Avesta*?

« Hoje o livro de Renan conta quatro edições ». Junctas, que formam porêm as quatro edições? A primeira parte da obra, toda preenchida com a historia *externa* da familia de linguas que, á falta de melhor nome, dizem *semiticas* [2] — « leur rôle dans le temps et l'espace, leur géographie et leur chronologie, l'ordre et le caractère des monuments écrits qui nous les font connaître ». A segunda, a parte theorica, annunciada no titulo, promettida desde 1855, a que, devendo abranger o systema comparado dos idiomas syro-arabes, mais poderia importar ao romanista [3], a segunda parte, á qual precederia um

[1] Max Müller, na versão do *Rig-Veda*, commemora solemnemente os serviços de Eugenio Burnouf á philologia sanskrita. A traducção do passo respectivo vem a pag. xix-xxii da *Notice sur la vie et les ouvrages de M. Max Müller*, anteposta por Harris ás *Nouvelles Leçons sur la science du langage*, Paris, 1867. — Sôbre o mesmo assumpto, Renan, *Trois professeurs au Collége de France* (*Questions contemporaines*, 1868, p. 155-163), e Bréal, *Étude du sanscrit, du zend, du pâli* (*Recueil de rapports sur les progrès des lettres et des sciences en France; Progrès des études relatives à l'Égypte et à l'Orient*, 1867, pag. 203-208).

[2] *Syro-arabes* fôra, ao parecer de Renan, a appellação mais propria d'estas linguas, para as quaes Leibniz propôs o nome de *arabicas*. Os grammaticos do seculo passado diziam-n-as *orientaes*, e do mesmo seculo é a denominação de *linguas semiticas*, imaginada por Eichhorn. « Mais cette dénomination est tout à fait défectueuse puisqu'un grand nombre de peuples qui parlaient des langues sémitiques, les Phéniciens par exemple, et plusieurs tribus arabes, étaient, d'après la table du x^e^ chapitre de la Genèse, issus de Cham, et qu'au contraire des peuples donnés par le même document comme issus de Sem, les Élamites, par exemple, ne parlaient point une langue sémitique ». (*Histoire générale et système comparée des langues sémitiques*, t. I, 4ª ed., 1863, pag. 2. — Cfr. Renan, *De la part des peuples sémitiques dans l'histoire de la civilisation, discours d'ouverture du cours de langues hébraïque, chaldaïque et syriaque, au Collége de France*, 1862, pag. 10). — Ouviremos, ultimamente, o alvitre de Munk : « Je crois qu'on pourrait donner aux langues dites sémitiques un nom beaucoup plus caractéristique, en les appelant langues trilitères ou *dissyllabiques*; car, aussi haut que nous pouvons remonter dans l'histoire des langues sémitiques, celles-ci nous présentent des racines de trois lettres liées ensemble par deux voyelles et formant deux syllabes [cp. Ancessi, *L'* S *causatif et le thème* N *dans les langues de Sem et de Cham*, 1873, p. 71-74], tandis que les langues indo-européennes ont toutes des racines monosyllabiques ». (*Cours de langues hébraïque, chaldaïque et syriaque, au Collége de France, leçon d'ouverture*, 1865, p. 10). — Veja Stoddart, *Glossology*, 3ª ed., Londres, 1861, pag. 11; Garnett, *Philological Essays*, Leipzig, 1859, pag. 85-86; Latham, *Opuscula*, 1860, pag. 12.

[3] [Já a pag. 55 ficaram confrontadas algumas graves opiniões acêrca da intromissão do arabe nas linguas romanicas.

volume de *Estudos semiticos* indispensavel á sua intelligencia, não viu até hoje a luz.

Assim como o *Diccionario* se não fez cargo de mencionar

Eis, proseguindo no confronto, o voto de Renan por occasião da 2ª edição do *Glossario* de Engelmann: « Il est peu de questions sur lesquelles on se soit plus égaré qu'en ce qui concerne les emprunts de mots faits par les langues romanes à l'arabe. Les orientalistes et les romanistes semblent sur ce sujet s'être donné le mot pour déraisonner à l'envi. Les problèmes qui posent sur des spécialités fort diverses sont toujours ainsi les derniers à être résolus. Un excellent livre sur les étymologies de la langue française, paru il y a quelques jours, livre où la doctrine de la dérivation est arrivée au dernier degré de la précision, contient encore un article sur les mots français empruntés aux langues orientales [allude manifestamente ao capitulo *Mots d'origine sémitique* do *Dictionnaire étymologique* de Augusto Brachet], qui renferme presque autant d'erreurs que de mots. Le livre de MM. Dozy et Engelmann devra être entre les mains de tous les romanistes qui ont à cœur d'être irréprochables, même dans les détails sécondaires de leur étude ». (*Rapport sur les travaux du Conseil de la Société Asiatique pendant l'année* 1869-1870, no *Journal Asiatique*, 6ª serie, t. XVI, pag. 71-72).

D. José Amador de los Rios, *Sobre los orígenes y formacion de las lenguas romances (Historia crítica de la literatura española*, t. II, Madrid, 1862, pag. 361) julga nestes termos os encontrados pareceres que ainda agora dividem os eruditos de Hispanha: « Aquellos que debieron su educacion literaria á los estudios clásicos, llevados del profundo respeto que les inspiraba la antigüedad griega y romana, nada ó muy poco hallaron en nuestro *romance*, donde no se ostentara el sello de las lenguas de Demóstenes ó de Marco Tulio: los que lograron el conocimiento del árabe y del hebreo, creyeron por lo contrario reconocer en todas partes los vestigios de estos ricos idiomas, que han merecido ser clasificados entre las lenguas sábias ». — E accrescenta em nota: « Una y otra manera de considerar los orígenes de la lengua española prosigue dominando entre los doctos que en nuestros dias han tratado tan importante materia. Son fiadores de esta verdad, entre otros discursos leidos en las juntas públicas celebradas por la Real Academia de la Lengua, los muy notables debidos á don Pedro Felipe Monlau y á don Severo Catalina del Amo, profesor el primero de latin y lenguas romances en la escuela de Diplomática, y catedrático el segundo de lengua y literatura hebrea en la Facultad de Letras de la Universidad Central. Sostiene aquel la tésis de que « sólo del latin « nació el romance castellano »: propónese demostrar este que « si el « diccionario de la lengua castellana tiene más de latino que de semí« tico, la gramática de la lengua castellana tiene más de semítica que « de latina ». Leyó Monlau su discurso en 27 de junio de 1859: hízolo Catalina en 25 de marzo de 1861, apareciendo en consecuencia los trabajos de uno y otro muchos años despues de realizados estos nuestros estudios. Dan ambas obras motivo no escaso á la meditacion, mostrando en sus autores esquisita erudicion y perspicuidad nada comunes aun entre los doctos; pero caminando cada cual por opuesto sendero, si ilustran con oportunas observaciones y sostienen con alto ingenio sus respectivas tésis, justo es tambien reconocer que ceden á veces más de lo que el interés de la ciencia filológica pide, al imperio de sus predilectos estudios, halagados sin duda por el anhelo de arrojar nueva luz sobre el difícil punto, de que tratan ».

Não é entre nós menos declarado o dissidio das opiniões. Constan-

a obra tambem incompleta de Delatre, *La Langue française dans ses rapports avec le sanscrit et avec les autres langues in-*

cio escrevia em 1836 (*Novo Diccionario critico e etymologico*, pag. x): « A dominação dos arabes tendo sido de menos duração em Portugal, os portugueses só adoptaram d'elles um certo numero de termos e apenas alguma locução, que não influiu na construcção grammatical; e na pronuncia rejeitaram as gutturaes, as aspirações fortes, que prevaleceram no castelhano ». Asserção corrente quanto á primeira parte; controversa quanto á ultima. (Delius, *Famille romane*, na trad. *Les Langues de l'Europe moderne* de Schleicher, pag. 219; Diez, *Grammatik*, t. I², 308, 366, textos indicados pelo sr. A. Coelho, *A Lingua portuguesa*, pag. 25. — Veja Diez, I³, 371; Dozy e Engelmann, *Glossaire*, pag. 16; Wolf, *Jahrbuch* de Ebert, t. V, 106-109; Schleicher, *Zur vergleichenden Sprachengeschichte*, Bonn, 1848, p. 73, 75; e cfr. Baret, *Histoire de la littérature espagnole*, 1863, p. 16; Saco Arce, *Gramatica gallega*, Lugo, 1868, p. 249; Uricoechea, *El Alfabeto fonético de la lengua castellana*, Madrid, 1872, pag. 23-27). — Nas seguintes palavras resume o sr. Latino Coelho o seu pensamento: « São nullos os effeitos produzidos na flexão pelo systema dos suffixos arabigos, e são poucos, ainda que não de todo imperceptiveis, os vestigios que da sua construcção grammatical permanecem ainda hoje nas linguas peninsulares, principalmente no commum dizer do povo, cujas fórmas syntacticas ás vezes mais parece que se ajustam pelas grammaticas semiticas do que pelas fórmas theoricamente mais correctas da construcção greco-latina. Entre estes *semitismos* da lingua portuguesa popular (a litteraria é sempre mais ou menos artificial e privativa das gentes cultivadas e eruditas, e constitue uma excepção ao falar commum) um dos mais frequentes é sem duvida o principiar a oração por um nome que figura no caso recto e todavia não é o seu agente grammatical, mas logicamente representa a idea predominante no conjuncto de um pensamento.... Omittimos o referir outras particularidades que na indole idiomatica do português revelam que a maneira de dispor o pensamento e de o retrattar quanto é possivel na palavra semitica, deixou estampados aqui e acolá os testimunhos de que não foi de todo inerte para a nossa linguagem vernacula a diuturna influencia dos arabes durante a sua longa dominação ». (*Elogios academicos*, t. I, Lisboa, 1873, pag. 58-60.)

Transcrevendo dos *Estudos da lingua portuguesa* do sr. Antonio Francisco Barata a opinião citada a pag. 55, diz o sr. A. Coelho (*A Questão do ensino, conferencia publica feita no Casino Lisbonense*, pag. 52, Porto, 1872): « É pena que o auctor não nos dê os nomes d'esses abalizados philologos de Coimbra, cuja reputação não se extende provavelmente alêm do Mondego, e sobretudo que nos não revele o do signatario da preciosa carta que publica para nossa illustração: é sem duvida esse signatario algum professor respeitado da Universidade ou do Lyceu. As ideas expostas na carta acham-se tocadas no livro de um professor de medicina. Referindo-se este á influencia do arabe sôbre o português, que olha como celtico um tanto alterado, escreve o auctor: « Entendemos tambem que a lingua portuguesa devia receber tanto melhor a profunda modificação arabica (á parte as aspirações, que contrariavam sua doçura nativa), quanto o elemento *aborigene* [o celtico] casava mais com o oriental-arabico do que com o romano ». Macedo Pinto, *Medicina administrativa e legislativa*, t. I, pag. 110 ». — Da nota do sr. dr. Macedo Pinto ao logar transcripto, aqui expurgado dos lapsos de copia do sr. Adolpho Coelho, se deixa porêm inferir que o auctor da carta é o sr. Joaquim Alves de Sousa, professor de hebraico no Lyceu de Coimbra, e tambem auctor da *Grammatica elementar latina*, o qual, asperamente

do-européennes [1], assim se absteve de referir (*non erat his locus*) a *Histoire générale et système comparé des langues sémitiques* de

julgado pelo sr. Silva Dias na traducção de Madvig, já no seu escripto de combate *Resposta a um critico* (Coimbra, 1873) mostra haver-se adestrado na licção de Bopp, Schleicher, Zeuss, Max Müller, Corssen, Zumpt, Kühner e outros linguistas justamente celebres.

A reflexão de Munk sôbre a abundancia do vocabulario arabe (nota de pag. 57), reflexão que se nos depara em outros auctores (Pococke, Herder, de Sacy, Calligaris, etc.), talvez não será ocioso combinal-a com a de Egger: « On a plusieurs fois signalé la richesse de certaines langues en mots synonymes pour l'expression des idées qui leur sont familières. Par exemple, le Dictionnaire anglo-arabe de Richardson présente pour le mot *lion* deux cent un équivalents soidisants arabes. Parmi ces équivalents, il est vrai que plusieurs sont persans ou turcs; les autres, à l'exception de trois, *aced, leith* et *sba'*, ne désignent le lion que métaphoriquement. (Note communiqué par mon savant confrère M. De Slane). Alex. de Humboldt remarque dans ses *Tableaux de la nature* (t. I, p. 306, trad. Galusky, Paris, 1851, in-12), combien de mots arabes et persans désignent les plaines, les steppes et les déserts; combien de mots castillans désignent les masses de montagnes, etc. ». (*Comptes rendus de l'Academie des Incriptions et Belles-Lettres*, 1870, pag. 209, *Des mots qui dans la langue grecque expriment le commandement et la supériorité.*]

[1] « Les origines du français, examinées dans la langue sanscrite, n'éclairent pas comment il a émané du latin, ou comment le latin, et à plus forte raison les autres langues de la familie indienne, ont émané du sanscrit. L'épigraphe choisie par M. Delatre [« La langue française, étudiée dans ses origines, peut servir de clef pour toutes les langues de la famille indienne »] me paraît dictée, non par la science étymologique, mais par un patriotisme qui ne doit point prévaloir dans les questions de science et d'histoire. —... On est en droit de dire que c'est ôter à l'étude étymologique du français sa vraie nature, que de la faire dépendre des éléments sanscrits. Dans notre étymologie, il s'agit non pas de savoir comment un de nos mots provient d'un radical sanscrit, il n'y a, il ne peut y avoir aucune règle pour cela, mais comment un de nos mots provient du latin; pour cela il y a des règles que les étymologistes ont trouvées et qu'on n'a plus qu'à perfectionner et à étendre. C'est là ce qui est instructif et curieux comme histoire et théorie du langage.... — En un mot, ce qui intéresse dans l'étude philologique du français, c'est, comparativement, d'examiner l'immense parallélisme des langues romanes; c'est, organiquement, de considérer le procédé par lequel les éléments du mot latin se modifient pour donner les éléments du mot français; c'est, logiquement, de rechercher par quel travail les significations latines sont devenues les significations françaises. Ces prémisses ainsi posées, il est clair que la recherche des éléments sanscrits est sur un autre plan et sert surtout à faire apprécier l'antiquité des radicaux, leur sens primitif, et la série souvent si singulière des sens dérivés ». E. Littré, *Histoire de la langue française*, t. I², 1863, pag. 83, 85, 88. — « En principe, c'est le latin qui sera la limite de nos recherches; nous ne poursuivrons pas plus loin notre travail. En effet la tâche de la philologie romane est accomplie quand elle est arrivée à rejoindre au latin les langues qu'elle étudie; c'est à la grammaire comparée des langues indo-européennes à reprendre la chaîne au point où le romaniste la lui tend et à la continuer pour son compte. — De même nous ne chercherons pas à déterminer quelles sont les causes physiologiques et psychologiques des lois que nous obser-

Renan. Com maior fundamento pediria menção o volume intitulado *De l'origine du langage*, do mesmo auctor [1]. Viriam

verons; c'est à la science générale du langage à profiter des données que lui aura fournies l'étude spéciale d'une langue pour en tirer des conclusions qui dépassent cette étude même ». Gaston Paris, *Grammaire historique de la langue française, cours professé à la Sorbonne rue Gerson, leçon d'ouverture*, 1868, pag. 24-25. — Cfr. *Les études de la langue française* do mesmo auctor (*Revue de France*, vol. I, 1871, pag. 530); Bréal, *Les progrès de la grammaire comparée* (*Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*, t. I, 1868-1870, pag. 88-89); Curtius, *Grundzüge der griechischen Etymologie*, 3ª ed., Leipzig, 1869, pag. 31.

[1] [Que o sr. Adolpho Coelho lucraria em o estudar mais e em o citar menos, diz-m'o a explicação que da phrase *Entrar um camelo pelo fundo de uma agulha* dá o *Diccionario* de Fr. Domingos Vieira. Constancio refere, sim, a essa locução proverbial — tão cabalmente interpretada pela critica moderna como a tradição do esterquilinio de Job (Cahen, *Iyob*, fol. 7; Le Hir, *Livre de Job*, pag. 252) — o sentido de « entrar uma corda ou calabre, e não o animal »; mas não é provavel que o sr. Adolpho Coelho entenda escudar-se com a opinião de um homem que na etymologia de *cadafalso* « disparata comicamente segundo o seu costume »; que « parece não ter sabido latim » (*Grande Diccionario*, art. *Cáco*: o latim de que ahi se faz praça é copiado de Diez), e que em summa « deriva ineptamente » do inglês o nome *castiçal*, nome lusitano, peculiar nosso, um dos que os portugueses *tem seus natiuos, que naõ tomaraõ de outras gentes*, ou nada sabia d'isto Duarte Nunes ha perto de tres seculos.

Falemos do proverbio evangelico. Renan dizia em 1849: « Que l'η se prononçât *i* en Orient où fut introduite la vocalisation syriaque de Théophile d'Edesse, c'est ce qui est mis absolument hors de doute par le choix même qu'il a fait de l'η pour représenter le son *i*. — ... Du reste, on ne peut guère douter que la prononciation iotaciste ne fût dès une haute antiquité la prononciation du peuple en Orient, quand on voit les nombreuses traces qu'en offre la version des Septante, et surtout les écrivains du Nouveau-Testament. Κάμιλος = Κάμηλος (Matth., 19, 24. = Luc., 18, 25).... » Ao que ajuncta em nota: « D'où le jeu de mots du câble et du chameau qui passe par le trou d'une aiguille. Le sens de chameau est préférable, car le proverbe se retrouve ainsi dans le Talmud ». (*Éclaircissements tirés des langues sémitiques sur quelques points de la prononciation grecque*, pag. 14, 16). — E mais explicitamente depois na *Vie de Jésus* (10ª ed., 1863, pag. 175; 14ª, 1873, pag. 183): « Cette locution proverbiale se retrouve dans le Talmud (Bab., *Berakoth*, 55 *b*, *Baba metsia*, 38 *b*) et dans le Coran (Sur. VII, 38). Origène et les interprètes grecs, ignorant le proverbe sémitique, ont cru à tort qu'il s'agissait d'un câble (κάμιλος) ». — A phrase do Talmud acho-a tambem lembrada em outro logar: « Quelques interprètes pensent que ce proverbe a été altéré par la substitution d'un *e* à un *i* dans l'orthographe du mot hébreu que la Vulgate traduit par chameau, et qu'il faudrait traduire par *câble*, en admettant leur rectification. Mais ils se trompent; et ce qui le prouve, c'est cet autre proverbe familier aux anciens Juifs, et rapporté dans le Talmud: *Serais-tu comme ceux de Pumbédéta, qui font passer un éléphant par le trou d'une aiguille?* (Quitard, *Dictionnaire des proverbes et des locutions proverbiales de la langue française*, Paris, 1842, pag. 196). — Lido na versão de Kasimirski

depois as traducções do *Livro de Job* e do *Cantico dos canticos*; e d'aquelle ao *Iyob* de Cahen [1], e ao *Job*, *drama em cinco actos*, *com prologo e epilogo*, *pelo propheta Isaias* [2], fôra breve a distancia.

« Só quem não conhece os trabalhos de Saulcy, Stanislas Julien, Adolpho Regnier, Baudry, Bréal, etc., poderá suppor que a França não tenha acompanhado a Allemanha no seu movimento linguistico ».

Individuarei e distinguirei.

CAIGNART DE SAULCY. Inclino-me. Escreveu livros de numismatica, de archeologia, de chronologia, de viagens. Um relatorio de seu punho enumera os serviços que lhe deve a nova sciencia da *assyriologia* [3]. Em 1845 publicou trinta e tres

(*Les Livres sacrés de l'Orient*, Paris, 1852, pag. 587), o passo do Alcorão reza: « Certes, ceux qui ont traité nos enseignements de mensonges et qui les ont dédaignés, les portes du ciel ne s'ouvriront point pour eux; ils n'entreront au paradis que quand un chameau passera par le trou d'une aiguille. C'est ainsi que nous récompenserons les criminels ». — Bossuet, que entre os interpretes da Biblia tem um dos logares não menos preeminentes, verte e commenta d'este modo o texto de S. Mattheus: *Il est plus aisé à un chameau de passer par l'ouverture d'une aiguille qu'il ne l'est à un riche d'entrer dans le royaume des cieux.* Ne vous étonnez pas de cette façon de parler, qui nous paroît extraordinaire. C'étoit un proverbe parmi les Hébreux, par lequel ils exprimoient ordinairement les choses qu'ils croyoient impossibles; comme qui diroit parmi nous: Plutôt le ciel tomberoit; ou quelque autre semblabe expression ». (H. Wallon, *Les Saints Évangiles, traduction tirée de Bossuet, avec des réflexions prises du même auteur*, t. I, 1863, pag. 135.)

Pois é quando assim conjunctam o Evangelho e o Alcorão; quando Bossuet e Renan — a orthodoxia catholica e a exegese racionalista — estão de accôrdo, é então que o sr. Adolpho Coelho, sem advertir na existencia de livros que andam nas mãos de toda a gente, vem trazer á lexicologia portuguesa o adminiculo do seguinte artigo do *Grande Diccionario*: — « 2.) CAMELO. Termo de nautica. Um calabre grosso. = É neste sentido que a palavra é empregada na locução do Novo Testamento: « *entrar um* camelo *pelo fundo de uma agulha* ». — Basta que um philologo *á altura da sciencia* tem, em 1871, o raro merito de nada adeantar a Constancio e de ficar inferior a Quitard, do qual nem ao menos se póde dizer que é auctor allemão!]

[1] *La Bible, traduction nouvelle, avec l'hébreu en regard*, t. XV. *Les Hagiographes*, III, *Iyob*, Paris, 1851.

[2] *Job, drame en cinq actes, avec prologue et épilogue, par le prophète Isaïe, retrouvé, rétabli dans son intégrité, et traduit littéralement sur le texte hébreu par Pierre Leroux.* Paris, 1866.

[3] *Exposé historique du déchiffrement des écritures cunéiformes.* No *Recueil de rapports sur les progrès des lettres et de sciences en France; Progrès des études relatives à l'Égypte et à l'Orient*, Paris, 1867, pag. 65-86.

e meia folhas da *Analyse grammaticale du texte démotique du décret de Rosette*. Para mais ampla informação, *vide*, *si libet*, os « dados » de um catalogo de linguistica de Haar & Steinert.

Estanislau Julien. Auctor do livro de dialogos intitulado *Ji-tch'ang-k'eou-t'eou-hoa*. Max Müller dil-o o primeiro sinologo da Europa. Requeiro ao sr. Adolpho Coelho logar na sua lista para o nome de outro léttrado chinês, Guilherme Pauthier, traductor do *Ta-Hio*, do *Táo-té-King*, do *Táo*... *J'en passe et des meilleurs*.

Adolpho Regnier. Não acabo de decidir qual das suas obras lhe daria mais pertinente accesso em uma relação quasi privativa de livros de philologia romanica. O *Traité de la formation des mots dans la langue grecque*? A memoria *Sur l'histoire des langues germaniques*? O volume de *Études sur l'idiome des Védas et les origines de la langue sanscrite*? Os tres de *Études sur la grammaire védique; Prâtiçâkhya du Rig-Véda*?

Friderico Baudry. Publicou em 1852: *Résumé élémentaire de la théorie des formes grammaticales du sanscrit*. Fez imprimir avulsa uma noticia estampada na *Revue archéologique* em 1864: *De la Science du langage et de son état actuel*. O volume primeiro, e até agora unico, da *Grammaire comparée des langues classiques*, comprehendendo a theoria elementar da formação das palavras em sanskrito, em grego e em latim, é de 1868. Promette explicar num prefacio que sahirá com a secção final da obra a parte que teve na traducção da *Grammaire comparée des langues indo-européennes*.

Miguel Bréal. Aqui, por menos dispostos que estejamos a admirar, maravilhemo'-nos de que o sr. Adolpho Coelho, achando explicitamente indicada no *Diccionario* a traducção da grande obra de Bopp, pretenda monopolizar tambem o conhecimento do nome do traductor! A demais de uma these latina publicada em 1863, e d'aquelle vasto labor de interpretação, cuja valia a propria Allemanha reconheceu pela voz do seu eminente philologo Adalberto Kuhn, Bréal só poderia dar a rol tres orações inauguraes do curso de grammatica comparada professado no Collegio de França [1]: *De la méthode comparative*

[1] [Accede em 1873: *Quelle place doit tenir la grammaire comparée dans l'enseignement classique*. 8º de 16 pag.]

appliquée à l'étude des langues (8º de 23 pag., 1864); *De la forme et de la fonction des mots* (22 pag., 1866); *Les Idées latentes du langage* (31 pag., 1868).

Quem agora, seguindo o *Diccionario bibliographico*, passa das obras originaes ás traducções, vê quammanho numero de auctores principaes fallecem á lingua em cujo louvor Filinto Elysio, apostado inimigo da gallici-parla, que não d'ella, confessava

> Conter em si, ou proprio ou traduzido,
> Quanto Minerva pôs no peito humano.

O *Compendium* de Schleicher, entre outros, summario das doutrinas de um dos mais eminentes representantes da nova sciencia, o grande livro synthetico que a Italia naturalizou já no seu idioma, não foi ainda trasladado para francês. Não o foram tampouco os *Principios de etymologia grega* de Curtius [1], os seus *Commentarios á Grammatica* [2] ou ao menos a *Grammatica escholar grega* [3], livro, diz Pezzi, « in cui i risultati più certi

[1] [A terceira edição é de 1869. A quarta, recem-publicada, tem por titulo: *Grundzüge der griechischen Etymologie. Von Georg Curtius. Vierte durch Vergleichungen aus den keltischen Sprachen von Ernst Windisch erweiterte Auflage.* Leipzig, 1873.]

[2] *Erläuterungen zu meiner griechischen Schulgrammatik*, 2ª ed., Praga, 1870. Ha d'este livro duas versões italianas — *Illustrazioni filologico-comparative alla Grammatica greca del dott. Giorgio Curtius, tradotte dal tedesco.... per cura del dott. Fausto-Gherardo Fumi* (com um largo proemio do traductor, pag. xv-ci, e appendices, pag. 149-254), 8º gr., Napoles, 1868; e *Commento alla Grammatica greca di Giorgio Curtius, recato in italiano da Giuseppe Müller*, Turin, 1868, xl-192 pag. de 8º, comprehendendo as primeiras uma prefação do traductor. — Ao annunciar a trasladação inglesa de Evelyn Abbott (*Elucidations of the Student's Greek Grammar, by Prof. Curtius*, Londres, 1870), escreve Max Müller: « Professor Georg Curtius has done more than any living scholar for utilising the results of comparative philology in the interest of classical studies, and he has made the University of Leipzig the very centre of philological life in Germany. His school marks, in fact, a decided advance beyond Bopp. Instead of merely collecting the coincidences, real or apparent, in the grammatical structure of cognate languages, such as Sanskrit, Zend, Armenian, Greek, Latin, Gothic, Irish, and Palæo-Slavonic, he has drawn particular attention to the importance of studying each individual language by the light derived from a comparative study of the whole family of speech to which it belongs.... » (*The Academy*, II, 1871, pag. 124.)

[3] [*Griechische Schulgrammatik. Zehnte, unter Mitwirkung von Dr. Bernhard Gerth erweiterte und verbesserte Auflage.* Praga, 1873.]

delle nuove investigazioni linguistiche sono introdotti con mirabile sapienza didattica, e che sarà tra poco il testo esclusivo per lo studio della lingua greca » [1].

A promettida versão da *Grammatica* de Diez não chegou a vir a lume [2]. Já em 1863, ao publicar a *Introducção* d'essa obra

[1] « Il s'est formé à Paris une société d'encouragement pour les études grecques qui renferme dans son sein tout ce que la France compte d'amis éclairés de la science élevée. Pourquoi cette société, au lieu de suivre de vieux et stériles errements, en instituant des prix qui certes ne créeront point de savant, ni n'inspireront les vraies et saines méthodes, pourquoi n'a-t-elle pas simplement créé une bourse d'Allemagne qui lui permît d'envoyer tous les ans un agrégé de grammaire, pourvu du certificat d'aptitude à l'enseignement de l'allemand à un des séminaires de Leipzig ou de Göttingen, de Bonn ou de Berlin, ou il travaillerait sous la direction personnelle des Ritschl et des Haupt, des Curtius et des Sauppe, des Jahn et des Bernays, c'est-à-dire des premiers hellénistes vivants? Ou si elle croit plus à la puissance des livres qu'à celle de l'enseignement, que n'a-t-elle fait traduire un de ces ouvrages qui sont des jalons de la conquête scientifique, tels que la *Grammaire grecque* de G. Curtius? » Karl Hillebrand, *De la Réforme de l'enseignement supérieur*, Paris (Bordeus), 1868, pag. 181-182. — Cfr. E. Egger, *L'Hellénisme en France, leçons sur l'influence des études grecques dans le développement de la langue et de la littérature françaises*, t. II, Paris, 1869, pag. 452-455; A. Bailly, *Grammaire grecque élémentaire*, 1872, *Préface*. — « In meno di 16 anni la *Grammatica Greca* di Curtius si è propagata in quasi tutto il mondo civile ed è in procinto di divenire il testo esclusivo per lo studio del Greco. Dal 1852 fino al 1868 sonosi pubblicate di essa 8 edizioni in tedesco del numero complessivo di 62,000 esemplari; vi hanno versioni (alcune delle quali hanno già avuto più d'una edizione) o riduzioni in 9 lingue ». Fumi, *Intorno agli studii linguistici, specialmente greci e comparativi (Illustrazioni filologico-comparative*, Napoles, 1868, pag. XXI). — « Ve ne hanno quattro versioni italiane (l'ultima delle quali fatta dal chiarissimo professor G. Müller, edita da E. Loescher), un' edizione inglese, due americane, una ungherese, una boema, una norvegia, una svedese, una olandese, una neo-ellenica oltre due riduzioni libere ». D. Pezzi, *Introduzione allo studio della scienza del linguaggio*, Turin, 1869, pag. 76. — Cfr. Giambelli, *Dello studio comparato della lingua italiana, latina e greca (Due Lettere filologiche*, Turin, 1871, pag. 27); Bonazzi, *L'Insegnamento del greco in Italia e la Grammatica di G. Curtius*, Napoles, 1869; [e C. Oliva, *La decima edizione della Grammatica Greca di Giorgio Curtius*, na *Rivista di filologia e d'istruzione classica*, t. II, Turin, 1873-1874, pag. 329-352.]

[2] [Traduzidos por Augusto Brachet e Gaston Paris, publicaram-se finalmente dous fasciculos, um em abril de 1873, outro, integrante do primeiro tomo, em fevereiro de 1874. A traducção do fasciculo subsequente, noticia a *Romania*, está a cargo de G. Paris e Morel-Fatio. — Em 1869 o editor annunciava na *Collection philologique*: « Ce n'est pas une simple traduction de la 3e édition allemande en cours d'impression de cette grammaire si connue que nous voulons donner; la révision des textes étrangers est confiée à des philologues distingués qui ont bien voulu nous promettre leur concours. C'est ainsi que jusqu'à présent MM. Gaston Paris et Brachet se sont chargés de

fundamental [1], manifestava Gaston Paris o desejo, não satisfeito até agora, de ver traduzido o livro de Fuchs: « Cet ouvrage d'un philologue enlevé trop tôt à la science (*Les Langues romanes dans leur rapport avec le latin*, Halle, 1849) est plein de recherches curieuses élégamment exposées. Il méritait à tous les titres d'être traduit en français ». Ahi mesmo advertia, especializando os meios de observação que a sciencia etymologica tem hoje ao seu alcance: « C'est en effet grâce à la comparaison, à l'histoire et à la phonologie, que non-seulement la

la révision des textes français, M. P. Meyer de celle des textes provençaux, et M. Mussafia de celle des textes italiens et valaques; les textes espagnols, portugais et romanches seront aussi l'objet d'une révision spéciale. De plus, nous donnerons en notes la traduction des passages des deux premières éditions supprimés par M. Diez dans la dernière édition et des citations complètes de son dictionnaire étymologique; de cette manière on aura dans celle-ci toute la pensée du maître ». — Alterado o primitivo desenho, declara o editor na advertencia liminar da presente versão: « Cet ouvrage, véritablement classique et indispensable à tous ceux qui s'occupent de philologie romane et de linguistique générale, était impatiemment attendu du public français.... Le second volume sera publié, sans faute, au mois de juillet 1874, le troisième et dernier au mois de juillet 1875.... Ces trois volumes contiendront exclusivement la traduction exacte du texte original. Un volume complémentaire, pour lequel M. Gaston Paris s'est assuré la collaboration des romanistes les plus autorisés, et qui sera publié immédiatement après le trosième, comprendra: 1° Une introduction étendue sur l'histoire des langues romanes et de la philologie romane; 2° des additions et corrections importantes aux trois volumes précédents; 3° une table analytique très-détaillée des quatre volumes ».]

[1] « ... ce livre admirable qui est notre bible, la *Grammaire des langues romanes.* Le premier volume parut en 1836, l'année même de la mort de Raynouard; les deux autres suivirent de près; au bout de vingt ans (1856), la seconde édition commença à paraître, et le premier volume de la troisième a paru l'année dernière. Le besoin de ces éditions successives montre l'activité qui, depuis trente ans, règne dans ces études: je ne sais toutefois si c'est dans les pays où se parlent les langues romanes que les éditeurs de M. Diez auront vendu le plus d'exemplaires ». Gaston Paris, *Les études sur la langue française (Revue de France*, I, 1871, pag. 530). — « Les deux principaux ouvrages du philologue allemand.... ne sont pas, il est vrai, restés inaperçus en France. Un homme d'une science reconnue et plus compétent, peut-être, en ces matières qu'aucun autre des ses compatriotes, M. Littré, a mis en lumière les grandes et solides qualités qui les distinguent.... Néanmoins, en jugeant d'après ce qui, dans ces dernières années, a été jeté dans la grande circulation par des éditeurs français en fait de travaux lexicographiques, nous avons lieu de croire que Diez et son système ne sont pas encore naturalisés en France, n'y jouissent pas encore, dans le monde érudit, de toute la considération qu'ils méritent et qui, hâtons-nous de le dire, leur a été franchement accordée par les philologues belges: les Grandgagnage, les Bormans, les Gachet, les Chavée, et autres ». A. Scheler,

science étymologique, mais la linguistique tout entière, doit le progrès qu'elle accomplit chaque jour. De ces trois guides, l'un des plus sûrs et le moins connu encore, en France du moins, est la phonologie ». (*Préface*, pag. VII). E comtudo poder-se-hia responder que a phonologia do francês, a historia da « deformação ou desorganização » do latim *sur le territoire gaulois d'en deçà de la Loire*, historia em cujo estudo se havia de desvelar depois o illustre romanista belga que assim a define [1], estava desde 1845 tractada nessa lingua — por um allemão, é certo, o doutor Carlos Zange, e numa publicação alleman [2], mas emfim tractada [3].

Dictionnaire d'étymologie française d'après les résultats de la science moderne, Bruxellas, 1862, pag. III. — [« La philologie romane n'a pas à être fondée en France, où, à côté du grand nom de M. Littré, on peut citer les noms de maîtres tels que MM. Guessard, Gaston Paris, Paul Meyer. Mais elle n'est pas encore sortie d'un cercle d'initiés; le nombre de ses disciples est encore restreint ». H. Gaidoz, *M. Frédéric Diez et les études romanes (Revue politique et littéraire*, III, Paris, 1873, pag. 70). — « Strano a dirsi! Il Littré mostra di conoscere ed apprezzare altamente l'*Etym. Wört.* del Diez; ma non cita mai la *Rom. Gramm.* Che l'abbia ignorata? Pare che sì, quando si consideri che il Littré dà per proprie certe teoriche già trovate prima del Diez. Cfr. per esempio *Hist. de la lang. franç.*, II [2], 118, e *Rom. Gr.* II [2], 180, nota ». Canello, *Il Prof. Federigo Diez e la filologia romanza nel nostro secolo*, Florença, 1872, pag. 66.]

1 Augusto Scheler, *Études sur la transformation française des mots latins*, pag. 2. Gand, 1869.

2 *Jahresbericht über das Fürstl. Schwarzb. Gymnasium zu Sondershausen*, pag. 3-25, *Exposition des lois qui gouvernent la permutation des lettres, dans le passage des mots latins aux mots français, d'après le* (sic) *Grammatik der romanischen Sprachen von Friedrich Diez.* Sondershausen, 1845.

3 « [Se è vero, come taluno poco benignamente notò, che la terza edizione della *Rom. Grammatik* del Diez non mostra di conoscere tutti i più recenti trovati della scienza, noi non iscuseremo l'autore colla sua grave età, ma trarremo invece di qui nuovo argomento di lode per il gran maestro, che in una scienza fatta da lui, infondeva tanta vitalità, da non poter più abbracciarla tutta quanta dopo non lunga carriera. La *Rom. Gram.* del Diez è però e resterà sempre per la glottologia neo-latina, quello ch'è la *Gram. comparata* del Bopp per la glottologia generale, quella del Grimm per le lingue tedesche, quella del Miklosich per gli idiome slavi: vale a dire: il più perfetto rappresentante della scienza; e inoltre « un ottimo istradamento alla glottologia generale ». Canello, *Il Prof. Federigo Diez e la filologia romanza nel nostro secolo*, Florença, 1872, pag. 73. — Cfr. Ascoli, *Archivio glottologico italiano*, t. I, Milão, 1873, pag. XL; e vej. Delius, *Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, t. I, Berlin, 1859, pag. 350-363, t. IX, Leipzig, 1868, pag. 91-106, 220-228; Stengel, *The Academy*, vol. II, Londres, 1871, pag. 359-361.]

Se aos nomes lembrados ajunctarmos os de Leo Meyer, Corssen, Fick, Schuchardt, Brambach, Schweizer-Sidler, Benfey, Neue, Ritschl, Ebel, Bücheler [1], Holtze...

Não pretendo, porêm, nomiar todos os linguistas de Alêm-Rheno que esperam a hora da sua vulgarização em França, e de melhor grado aqui me proporia apresentar, para estimulo e exemplo de trabalhos analogos, o elencho das obras originaes com que a philologia francesa particular e comparada, em especial a primeira, se enriquece.

Mas tal relação, concedido que eu a podesse fazer, e tres vezes mais completa que a de Pellissier no livro *La Langue française, tableau historique de sa formation et de ses progrès* [2], uma relação que, entre tantas obras ahi esquecidas, incluisse o *Dictionnaire des termes mis en vogue par la Révolution* de Buée [3],

[1] [O editor da *Bibliothèque de l'École pratique des hautes études* annuncia no prelo em 1874 : *La Déclinaison latine, par Franz Bucheler, avec additions de l'auteur. Traduit de l'allemand, revu et corrigé par M. L. Havet.*]

[2] [Paris, 1866. Segunda edição em 1873 : *Précis d'histoire de la langue française depuis son origine jusqu'à nos jours.*]

[3] « Les mots — escreve Francis Wey em nota á palavra *démarquiser* — sont, en quelque sorte, la formule algébrique des idées d'une époque. Il est curieux d'énumérer la quantité de vocables que l'on composa dans ces jours de *démolition*, de *dévastation*, de *destruction*, à l'aide de la particule *dé*, qui joua à peu près partout le même rôle que dans ces trois mots. Rien ne prouve mieux l'absence de toute doctrine, de toute pensée conservatrice, parmi les philosophes et les politiques d'alors. Cette remarque n'est pas une subtilité, attendu que l'invention des mots marque, plus sûrement que toute autre chose, la tendance générale des esprits et la préoccupation habituelle des écrivains ». (*Remarques sur la langue française au dix-neuvième siècle*, t. I, Paris, 1845, pag. 178). — E acêrca da palavra *déménagement*, proposta por Mercier em logar do substantivo *mort* : « Curieux monument du déisme philosophique et sentimental de 94. Voici ce que propose gravement Mercier : «... Comme ce mot ignoble, *mort*, n'a point de sens, et « qu'il est à effacer du vocabulaire de l'adorateur de l'Être suprême, je « voudrais qu'on y substituât le terme *constant, heureux et simple* de « DÉMÉNAGEMENT ». — Entre os volumes que formarão o annunciado *Curso historico de lingua francesa*, um promette Marty-Laveaux com o titulo *Langage de la Révolution*. No fragmento que, sob a rubrica *La Convention et la grammaire*, vem nas suas obras, allude Nodier ao relatorio de Barrère *Sur la nécessité de révolutionner la langue*. « L'orateur se plaint d'être né dans un pays où l'on ne pouvoit se passer *d'un certain ramage* pour être reçu en bonne compagnie. Il désire de le voir disparoître *avec les hochets d'une cour perverse*; et il étoit difficile, à la vérité, que ce *ramage* soutînt long-temps la concurrence des hurlements épouvantables qui retentissoient alors dans nos assemblées publiques. Par bonheur, c'en étoit fait, et *l'orgueil même d'un*

o *Discours sur les vices du langage judiciaire* de Berriat Saint-Prix [1], o *Trésor des origines* e a *Archéologie française* de Pougens [2], o *Lexique comparé de la langue de Molière* de Génin [3], as *Recherches sur la formation du langage politique en France*

accent pur et sonore n'existoit plus. Il étoit réservé au citoyen Barrère d'inventer et de proscrire l'aristocratie de la prononciation ». (*Souvenirs de la Révolution et de l'Empire*, ed. de 1860, t. I, pag. 151). — O auctor do *Rapport sur la nécessité d'anéantir les patois*, Grégoire, cura e depois bispo de Blois, ultimamente conde e senador (*Bibliothèque romane*, fasc. I, Toulouse, 1863, pag. x) é neste livro julgado porventura com excessiva severidade. A attenuante das opiniões de Nodier póde ver-se na *Histoire littéraire de la Convention Nationale* de Maron, ou no livro mais recente de Despois, *Le Vandalisme révolutionnaire; fondations littéraires, scientifiques et artistiques de la Convention.*

[1] Cfr. Borges Carneiro, *Grammatica*, Lisboa, 1820, pag. 83-87; João Pedro Ribeiro, *Reflexões philologicas*, nº 4, Coimbra, 1835; A. Pereira de Figueiredo, *Breve diccionario da latinidade pura e impura*, Lisboa, 1760, pag. 38, nota.

[2] *Archéologie française, ou Vocabulaire de mots anciens tombés en désuétude, et propres à être restitués au langage moderne*, 2 vol., Paris, 1821-1825.

[3] [Scheler, o insigne etymologista belga, tem no prelo o seu *Lexique de Froissart.* Da collecção dos *Grands écrivains de la France* feita debaixo da direcção de Regnier, estão publicados: *Lexique de la langue de Madame de Sévigné*, por Eduardo Sommer, 2 vol., 1866; *Lexique de la langue de Corneille*, por Marty-Laveaux, 2 vol., 1868; *Lexique de la langue de Malherbe*, por Adolpho Regnier, filho, 1869; *Lexique de la langue de J. Racine*, por Marty-Laveaux, 1873. A esta lista podem ajunctar-se o *Vocabulaire pour les œuvres de La Fontaine* de Theodoro Lorin, 1852; o *Lexique de la langue de Corneille et de la langue du XVII^e siècle en général*, de Godefroy, 2 vol., 1862; o *Dictionnaire critique des locutions et des alliances de mots introduites dans la langue française par J. Racine* de Aimé-Martin, 1844; — *Essai sur la langue de La Fontaine*, por Marty-Laveaux, 1853; *La Langue du droit dans le théâtre de Molière*, por Paringault, 1861; *Sur le style de Rabelais et sur les particularités de sa syntaxe*, por Eckerdt, 1861; *Mémoire sur la langue de Joinville*, por Natalis de Wailly, 1868.

A idea de diccionarios particulares da linguagem dos auctores modernos tiveram-n-a entre nós o celebre hellenista Joaquim de Foyos, e o seu não menos celebre contemporaneo Antonio Pereira de Figueiredo. Do primeiro vem na reimpressão de Fernão d'Alvares do Oriente feita em 1781 um excellente, posto que breve *Indice de varias palavras e frases da Lvsitania Transformada.* O segundo offereceu em manuscripto á Academia (1781): *Espirito da Lingua e Eloquencia Portugueza, extrahido das Décadas do insigne Escritor João de Barros, e reduzido a um Diccionario Critico das suas palavras e frases mais especiaes, confirmadas ou illustradas juntamente com as de Fr. Bernardo de Brito, de Fr. Luiz de Sousa, do Padre Antonio Vieira.* Sahiu o diccionario em 1792 no tomo III das *Memorias de litteratura portugueza, publicadas pela Academia;* a introducção respectiva (*Dissertação prévia sôbre o merecimento de João de Barros, e sôbre os neoterismos, archaismos e idiotismos da lingua portuguesa*) no vol. VI do *Jornal de Coimbra*, 1813, pag. 8-19, seguida de uma

de J. Rey, a *Errata du Dictionnaire de l'Académie* de Pautex [1], o *Examen des Dictionnaires* de Nodier, as *Thèses de grammaire* de Jullien, a *Signification des mots* de L. Michel, o tractado *De la négation dans les langues romanes de la France* de

curiosa errata, creio que de Joaquim Ignacio de Freitas, no vol. VIII, parte I, 1815, pag. 50. O resto do manuscripto, comprehendendo « tres catalogos, um de Brito, outro de Sousa, outro de Vieira », conservava-se, diz o sr. visconde de Paiva Manso (*Elogio de A. Pereira de Figueiredo*, 1859, pag. 19), em poder do professor Francisco José dos Sanctos Marrocos. Outro inedito de valia foi adquirido pelo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, que, ainda mal, o tem privado da luz publica. Falo da *Concordancia ou indice de todos os vocabulos dos Lusiadas de Luis de Camões*, fructo da escrupulosa diligencia do já nomiado J. I. de Freitas. Palavras do possuidor, que o é tambem das *Observações grammaticaes sôbre os principaes classicos portugueses* de Jeronymo Soares Barbosa: « Contêm, por ordem alphabetica, os termos que se encontram no poema, e cita os logares em que se acham; no fim, tambem por ordem alphabetica, apresenta os termos que, segundo Faria e Sousa, foram introduzidos no poema, e a que naquelle tempo se podia chamar *peregrinos* ». (*Appenso á Analyse dos Lusiadas*, Coimbra, 1859, pag. 24). O celebre humanista Gomes de Moura fazia grande conta d'este trabalho: « Na licção dos classicos portugueses devemos advertir.... 2º. Que a critica, tão felizmente empregada na correcção do texto dos auctores gregos e latinos, ainda se acha entre nós no estado de infancia, em razão de não ter sido geralmente applicada a nossos escriptores, examinando de novo os manuscriptos dos mais antigos, e confrontando estes com as edições, e estas entre si. Devo exceptuar Camões, de cujos *Lusiadas* ha edições criticas, mas não de todo perfeitas. A mais critica de todas esperâmos com impaciencia do longo e bem dirigido trabalho do erudito Joaquim Ignacio de Freitas, confrontada com todas as edições, e limpa dos erros typographicos das primeiras, e enriquecida com um *Index de palavras*, exactissimo e talvez o mais completo que ha, feito a nossos classicos ». (*Noticia succincta dos monumentos da lingua latina e dos subsidios necessarios para o estudo da mesma*, Coimbra, 1823, p. 427). — Alguns dos materiaes para a intentada edição, preparados por Joaquim Ignacio de Freitas e Joaquim Urbano de Sampaio, guarda-os o mesmo depositario do *Indice*. Garrett, que pensou tambem em dar-nos uma edição critica do poema (vej. o vol. I do sr. visconde de Juromenha, pag. 395), não chegou a pôr por obra o seu designio. Pretende agora encher esta lacuna, ao que annuncia Boehmer (*Romanische Studien*, fasc. III, 1873, pag. 438), o dr. Carlos de Reinhardstöttner; mas, se hei de julgar pela *Habilitationsschrift* impressa em Munich em 1872, *Beitraege zur Textkritik der Lusiadas des Camões*, não será ainda pela louvavel diligencia do benevolo extrangeiro que veremos satisfeito o intento, o qual me parece só poderá ser desempenhado por nacionaes bastantemente senhores do idioma. Lembra-me que no *Programma da Academia Real das Sciencias*, annunciado na sessão publica de 1863 e nas subsequentes, vem proposto, como o primeiro da classe de litteratura, o assumpto de uma memoria que não sei fosse até agora apresentada: « Qual era o estado da lingua portuguesa na epocha da publicação dos *Lusiadas* de Camões; e que influencia teve este poema nos progressos da mesma lingua ».]

[1] *Errata du Dictionnaire de l'Académie Française ou Remarques critiques sur les irrégularités qu'il présente, avec l'indication de certaines règles à établir.* 2ª ed., Paris, 1862. 8º gr. de XXXII-352

Schweighaeuser, a *Influence du langage populaire* de Agnel, o *Glossaire nautique* de Augusto Jal [1], *Le Langage des marins*

pag. — « Ce travail, fait sans aucune malveillance, est un des instruments les plus utiles à avoir sous la main pour l'édition nouvelle ». (Sainte-Beuve, *Nouveaux lundis*, t. XI, 1869, pag. 215). — Não vem ahi aponctada a famosa inadvertencia da Academia na palavra *Éclipse*, que os quarenta auctores definem: « Disparition apparente d'un astre, causée par l'interposition d'un autre corps céleste entre cet astre et l'observateur ». Ora diz Arago: « Il y a trois mille ans que l'on observe des éclipses de lune sans qu'il y ait un corps céleste interposé entre la lune et l'observateur ». (Lalanne, *Curiosités littéraires*, 1857, pag. 292). — Gustavo Planche assignala em paginas elegantissimas, mas não menos elegantes que mordentes (*Portraits littéraires*, t. II, 1836, pag. 453-483) alguns ponctos vulneraveis da sexta edição do diccionario. Outra edição se prepara, e em breve deverá entrar no prelo. « Le travail est dirigé par M. Patin, dont les principaux auxiliaires sont, parmi les académiciens, M. de Sacy, très-versé dans la langue du grand siècle et fort opposé aux invasions du néologisme; M. Sandeau, plus audacieux et dont les idées progressistes en fait de langage ont souvent gain de cause; M. Camille Doucet, délivré des soucis de la censure théâtrale; M. Mignet, que son *Histoire de la Révolution française* classe parmi les écrivains les plus purs de notre littérature contemporaine, mais qui, trop assidu auprès de son ami M. Thiers, n'assiste que rarement aux réunions hebdomadaires du jeudi. Les observations critiques de ces immortels sont mises en ordre par un érudit des plus compétents, M. Léo Joubert, et on statue ensuite sur la rédaction définitive de chaque article. Cette édition sera la septième du célèbre dictionnaire; la sixième est de 1836. La première de toutes, commencé sous l'inspiration du cardinal de Richelieu, en 1639, ne vit le jour qu'en 1694; elle est due surtout à Vaugelas, à Mézeray et à Regnier-Desmarais. La seconde (1718) est l'œuvre presque exclusive de l'helléniste Dacier; la troisième (1764), du grammairien d'Olivet, qui modifia l'orthographe de 5,000 mots environ sur 20,000; Voltaire collabora à la quatrième ». (*Bibliographie de la France, Chronique* nº. 42, outubro de 1871). Dá mais particularizada noticia d'estas edições um dos collaboradores alludidos, Léo Joubert (*Revue de France*, 1871, pag. 472-477), o qual nos faz assistir aos trabalhos da Academia, e desde os primeiros annos da sua fundação a mostra occupada em organizar o catalogo dos melhores auctores da lingua. « Il est plus piquant qu'instructif de remarquer que des prosateurs comme d'Espeisses, Bardin, du Chastelet, de Dammartin, de Refuge, Audiguier; des poëtes comme Motin, Touvant, Monfuron ont compté parmi les autorités de la langue ». — Tal e em todo o tempo a questão dos textos classicos, a inexhaurivel duvida posta ás Academias que só concedem honras de immortalidade aos que morrem. Entre nós, por exemplo, eis, quanto a Bocage, a decisão do primeiro dos seus biographos e seu grande honrador: « Bem fizeram os modernos lexicographos, não recusando ás obras de Bocage um logar de honra, em que alias tinham já sido precedidas pela traducção da *Arithmetica* de Bezout! pelas *Homelias* de Fr. Pedro Calvo! pelo *Santoral* de Fr. Christovam de Lisboa! pela *Arte do Sangrador*, e outros *classicos* a quem por certo a lingua portuguesa não é devedora de tão nobres, uteis e multiplicados serviços ». (J. F. de Castilho, *Livraria classica*, t. XXV, Lisboa, 1847, pag. 84).

[1] Publicado em Portugal conta-se: *Novo Diccionario da marinha de guerra e mercante, contendo todos os termos maritimos, astronomicos, construcção e artilheria naval*, por Antonio Gregorio de Frei-

de La Landelle, *Le Mot et la chose* de Sarcey, *Les Anomalies de la langue française* de Léger Noël, a *Onomatologie comparée* de Mowat [1], *Les Excentricités du langage* de Larchey [2], a *Philologie comparée sur l'argot* de Francisque-Michel, *Les Secrets des coulisses* de Duflot [3], o *Diccionario neologico* [4] de Desfontas, Lisboa, 1855. — Exceptuando os trabalhos brazileiros, é, cuido eu, quanto podêmos oppor ao repertorio polyglotta, ao vasto ensaio de historia da lingua maritima elaborado pelo auctor do *Virgilio nautico* e da *Archeologia naval.*

[1] Afóra os dous *Vocabularios de nomes proprios* que Bluteau traz no tomo II do *Supplemento* — se não foram os quaes estariamos reduzidos ao *Indiculo universal* do padre Pomey, aos catalogos de Madureira e de Fr. Luis do Monte Carmelo — nada possuimos na especie digno de lembrança. Importam ao intento os curiosos reparos do sr. Cunha Rivara na 1ª parte das *Reflexões sôbre a lingua portuguesa* de Francisco José Freire, 1842, pag. 179-180 (vej. Duarte Nunes, *Orthographia*, ed. de 1784, pag. 207; Bernardes, *Nova Floresta*, IV, pag. 19), e os do auctor, na 2ª parte, pag. 22-25. Obra recommendavel para o estudo da onomastica peninsular é o *Ensayo histórico etimológico filológico sobre los apellidos castellanos*, composto por D. José Godoy Alcántara, premiado pela Academia Hispanhola, e impresso em 1871.

[2] [O titulo da ultima edição reza: *Dictionnaire historique, étymologique et anecdotique de l'argot parisien. Sixième édition des* EXCENTRICITÉS DU LANGUAGE *mise à la hauteur des révolutions du jour, par Lorédan Larchey. Illustrations de J. Férat et Ryckebusch.* Paris, 1872. — Illustrada tambem, como quem dicesse representada ao vivo, illustrada pelo mais elegante dos seus desenhadores, publicou o *Journal amusant* em 1865 (nº 522, 30 de dezembro): *Le langage de l'avenir, conférence pour rire, par Jeanne Benoiton, sténographiée par A. Grévin.*]

[3] Glossario de gira theatral. Julio Noriac diz no prefacio: « Ce *Dictionnaire des Coulisses* de Joachim Duflot est peut-être le premier chapitre du *Véritable Guide du Parisien dans Paris....* — Si vous n'êtes pas un penseur allant au fond des choses et méditant, vous en serez quite pour faire connaissance avec un petit peuple étrange, celui des comédiens. Peuple peut-être moins digne d'intérêt que les Cafres, mais tout aussi bizarre ».

[4] *Dictionnaire neologique a l'usage des Beaux-Esprits du Siécle, avec l'Eloge historique de Pantalon-Phoebus, par un Avocat de Province. Septieme edition.* (Paris), 1756. — « Quelques bibliographes ont cru que l'*Avocat de province* était l'auteur de tout le volume. La vérité est que le *Dictionnaire néologique*, si piquant et si curieux, est l'ouvrage de l'abbé Desfontaines; J.-J. Bel n'a composé que la facétie qui y est jointe, l'*Eloge de Pantaléon* (sic) *Phébus* ». (QUÉRARD, *Les Supercheries littéraires dévoilées*, t. I, 2ª ed., 1869, col. 420 *f*). — Livet renunciou talvez á publicação da obra em que trabalhava, annunciada em 1859, *La mode dans le langage*. O que tal livro sahiria das mãos do auctor póde-se suppor por outro já publicado, *La Grammaire française et les grammairiens du XVI*e *siècle*, e pelas suas edições do *Dictionnaire des Précieuses* e da *Histoire de l'Académie Française* de Pellisson e d'Olivet.

taines, o *Diccionario comico* de Leroux, o da *Langue verte* de Delvau [1], o das *Onomatopeias* de Nodier, o dos *Privativos* [2] de Pougens, o das *Difficuldades* de Laveaux, o dos *Antonymos* [3] de

[1] *Dictionnaire de la langue verte. Argots parisiens comparés.* 2a ed., Paris, 1867.

Emilio Egger diz que o livro se poderia chamar: *Dictionnaire des mots et locutions à eviter pour le bon usage de la langue française.* E André Lefèvre, no retrospecto do *movimento philologico* de 1869, depois de falar de vocabularios e grammaticas malaias: « Le javanais nous autorise à mentionner les amusants dictionnaires de la langue verte de MM. Delvau et L. Larchey ». Por sua parte o auctor, nestas linhas do prefacio, põi manifesto o pensamento da sua obra: « ... Puisque je fais le Glossaire de la langue du peuple parisien, le Compendium du slang. La langue verte, au rebours de la langue académique, se compose précisément des mots qui ne s'écrivent pas, mais qui se parlent à certains étages de la société ». (Pag. xviij). — A definição que vem no corpo do glossario é : « Langue verte. Argot des joueurs, des amateurs de tapis vert. Il y a, dans les *Nuits de la Seine*, drame de Marc Fournier, un *professeur de langue verte* qui enseigne et pratique les tricheries ordinaires des grecs. Le sens du mot s'est étendu : on sait quel il est aujourd'hui. Langue verte! Langue qui se forme, qui est en train de mûrir, parbleu! » — Na extensa classe das obras de gira, cuja bibliographia se encontra em Stoddart, *Glossology*, 1861, pag. 37 ; Ascoli, *Studj critici*, 1861, pag. 102 [Larchey, *Dictionnaire de l'argot parisien*, pag. 20-21 ; C. Nisard, *Langage populaire ou patois de Paris et de sa banlieue*, 1872, pag. 437-449] , merece referencia pela singularidade do titulo: *A Dictionary of modern slang, cant and vulgar words used at the present day in the streets of London, the universities of Oxford and Cambridge, the houses of Parliament, the dens of St. Giles and the palaces of St. James, preceded by a History of cant and vulgar language, from the time of Henry VIII, showing its connection with the Gipsy tongue ; with Glossaries of two secret languages spoken by the wandering tribes of London, the costermongers and the patterers. By a London Antiquary* [J. Camden Hotten], Londres, 1859. (Ascoli, *Studj critici*, I, pag. 132-137, nota ; Ebert, *Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, II, pag. 481). Sôbre a 2a edição (8º de xxi-305 pag., Londres, 1864), Lemcke, *Jahrbuch*, VI, pag. 449.

[2] *Vocabulaire de nouveaux privatifs français, imités des langues Latine, Italienne, Espagnole, Portugaise, Allemande et Anglaise, avec des autorités tirées des meilleurs écrivains. Suivi de la table bibliographique des auteurs cités. Ouvrage utile aux orateurs et aux poetes.* Paris (1794.), l'an second de la République Française.

É realmente notavel a copia de auctores portugueses que Pougens leu para o seu trabalho. Do systema adoptado no *Vocabulario* se julgará pelas seguintes amostras : « **Couronner.** v. a. — Fr. Découronner. Ital. *Scoronáre.* Crusc. Port. *Descoroar.* Vieir. t. 7. p. 39. col. 2. Angl. *To uncrówn* Dryd. Alb. » || **Criminellement.** adv. — Fr. Incriminellement. Lat. *Inculpabiliter.* R. Steph. Esp. *Inculpablemente.* Madr. Port. *Inculpavelmente.* Far. Prompt. mor. 47. Angl. *Incúlpably.* South. || **Ennui.** s. m. — Fr. Désennui. Port. *Desenfadamento.* Mon. Lusit. t. i. 239. col. 3. *Desenfado.* Chag. t. 2. 63 ».

[3] *Dictionnaire des antonymes ou contremots, ouvrage fondé sur les écrivains classiques.* Berlin, 1842.

« Un philologue subtil, M. Paul Ackermann, a fait voir, par l'exem-

Ackermann, o da *Pronuncia* de Féline, o dos *Proverbios* de

ple du français, que chaque mot d'une langue ayant son contraire, ou comme dit l'auteur son *antonyme*, le vocabulaire entier pouvait être disposé par couples et former un vaste système dualiste ». (PROUDHON, *Système des contradictions économiques, ou philosophie de la misère*, t. I², 1850, pag. 114). — O auctor explica nas seguintes palavras o fundamento logico da sua obra: « C'est en opposant à un mot les termes qui ont une signification négative de son sens, qu'on le définira avec la plus grande exactitude. De cette opposition jaillira sur le sens du mot la clarté la plus vive et la plus sûre. L'antithèse délimite et définit la thèse; la négation est la contrépreuve de l'affirmation. Après avoir éliminé toutes les négations d'une notion, on arrive au dégagement complet et à la connaissance réfléchie de la vérité ». (*Introduction*, pag. III). — Um escriptor inglês que tractou o mesmo assumpto observa: « Words which agree in expressing one or more characteristic ideas in common he [the Author] has regarded as Synonyms, those which negative one or more such ideas he has called Antonyms.... The Etymology of the word ἀντωνύμια merely expresses the idea of one word used in *substitution for*, which in matters of verbal debate, is equivalent practically to *opposition to* another; a double force which in addition to its analogy to Synonym, seemed to render Antonym a preferable word to *Counterterm*. The word Counterterm, however, is here suggested to those who may prefer it ». (*Synonyms and Antonyms: or, kindred words and their opposites. Collected and contrasted by* C. J. SMITH, Londres, 1870, pag. v, vi). — Nos diccionarios que possuimos escassamente apparecem indicados os antonymos do português. (Vej. Academia, *Actual*, opposto de *original*; Moraes, *A prazer*, opposto de *a pezar*; *Pender*, contrario de *jorrar*). Estão no emtanto os auctores classicos cheios d'estas *correlações antitheticas* ou opposições de vocabulos, de que se poderia formar largo volume. Procurarei alguns poucos exemplos. « Mais de pressa *adoecem* os sãos entre os enfermos, do que *conualecem* entre os sãos os doentes ». (LUCENA, ed. de 1600, pag. 523). « O coraçam bem mais largo que as prayas do Oceano: O confiança tam *desapegada* da terra, quam *segura* do ceo...! » (Pag. 500). « Mas foi o Senhor servido, que de *lobos* tornàrão *cordeiros*: & não sò *cordeiros*, mas tambem valerosos *mastins*, & guardadores dos rebanhos Catholicos ». (SOUSA, *Vida do Arceb.*, l. II, c. 32). « Ainda que nas cãs representava idade *madura*, era robusto & temeroso de aspeito, *verde* na disposição & forças ». (L. III, c. 15). « Por parte de Deos *avogava* a Fé: por parte de Isac *contradizia* toda a natureza ». (VIEIRA, *Sermoens*, I, 1679, col. 600). « O que se *erra* em huma batalha, póde-se *emendar* na outra; & o que se *perdeo* em huma *rota*, póde-se *recuperar* em huma *vitoria* ». (I, col. 1054). « As artes, ou ciencias praticas naõ se aprendem só *especulando*, senaõ *exercitando* ». (I, col. 1059). « Pela *simulaçaõ* fingimos o que naõ ha: pela *dissimulaçaõ* encobrimos o que ha ». (BERNARDES, *Floresta*, III, 241). « Nas letras encommenda a Escritura sagrada, *sobriedade*. Mas ao amor de Deos aconselha a *ebriedade* ». (*Luz, e Calor*, 1696, pag. 76). « Que mais facilmente podemos acarretar os males quando estaõ *longe* de nós, do que desviallos quando estaõ *impendentes*! » (*Estimulo pratico*, pag. 292). « Nã forão os *bisonhos* de Põpeio Magno, iguaes aos *veteranos* de Julio Cesar exercitados nas Gallias dez annos ». (ARRAES, *Dialogos*, ed. de 1846, pag. 295). « Tudo conquista a *fortaleza* pertinaz, & o *animo molle* & dissoluto nunqua levanta o collo tê as estrellas ». (Pag. 433). « Quanto mais *chẽos* estão os homens de virtude & bõ saber, tanto mais se *humildam* & *abatem*, & quanto mais *vazios* d'isto estão, tanto mais se *empinam* & *ensoberbecem* ». (HEITOR PINTO, ed. de 1843, t. II, 228).

Quitard [1], o das *Analogias* de Boissière, o dos *Latinismos* de

[1] Apezar do voto ha mais de vinte annos expresso pelo sr. A. Herculano, permanece inedita a *Feira dos anexins* de D. Francisco Manuel de Mello, curioso livro que hoje se possue por integra (*Dicc. bibl.*, IX, pag. 332) e de cuja primeira parte alguns dialogos sahiram publicados em 1864 no *Archivo pittoresco.* A terceira parte é apenas conhecida pelas citações da *Hora de recreyo nas ferias de mayores estudos, e oppressão de mayores cuidados* do P. João Baptista de Castro.

Nesta especie nada possuimos que possa competir não direi já com o ultimo livro de Quitard (*Études historiques, littéraires et morales sur les proverbes français et le langage proverbial*, 1860), primeira prova de trabalho mais amplo, com a *Histoire générale des proverbes* de C. de Méry (3 vol., 1828-1829), com o *Diccionario* de P. de la Mésangère, as *Matinées Sénonoises* de Tuet, as collecções de Crapelet e Le Roux de Lincy, mas sequer com a *Sabiduria de las naciones* de Bastús, as *Curiosités de l'étymologie* de Nisard, as *Petites ignorances* de Rozan, e nem ainda com a recopilação de Desciseaux (assignatura não explicada nos *Pseudonymes du jour*, em d'Heilly ou Lorenz), com os desambiciosos livrinhos de Duplessis (*La Fleur des proverbes français recueillis et annotés*, 1853; *Petite Encyclopédie des proverbes français, par Hilaire le Gai*, 1860), ou com a *Syllexie* de Eman Martin, bem conhecido redactor do *Courrier de Vaugelas*, a folha grammatical levemente satyrizada pelos seus contemporaneos do *Figaro*. Não me refiro a collecções particulares, como a *Parémiologie musicale* de Kastner, o *Théatre d'Agriculture et Mesnage des champs* de Olivier de Serres [*Proverbes et dictons agricoles de France*, Strasburgo, 1872; *Proverbes météorologiques*, colligidos em Aspiran e publicados por A. Espagne, *Revue des langues romanes*, IV, 1873, pag. 609-622], as *Institutes coutumières* de Loysel (edição de Dupin e Laboulaye, 1846), a ultima das quaes metteu em si grande numero de axiomas de direito que pertencem hoje á linguagem proverbial.

Bosquejo de pouco valor, a *Philosophia vulgar* de João Pinheiro Freire da Cunha (1808), não passou das primeiras paginas, pela maior parte empregadas num proemio que palpavelmente não mira a emparelhar com a *Philosophia dos proverbios* de D'Israeli (*Curiosities of Literature*, 2ª serie, t. I, 1824, pag. 410-474) nem com o *Ensaio sôbre a philosophia de Sancho Pança*, introducção ao *Brahme voyageur* de Ferdinand Denis. — Na collecção de Antonio Delicado os adagios estão, como no *Trésor des sentences dorées et argentées* de Meurier, enfiados por ordem alphabetica, sem declaração alguma de origem e sentido. A compilação de Rolland (F. R. I. L. E. L., Francisco Rolland, impressor-livreiro em Lisboa, sigla ou *inicialismo* imitado do *Dictionnaire des proverbes* de J. P. D. L. N. D. L. E. F., Joseph Panckoucke, docteur, libraire, natif de Lille en Flandre) só differe do *Véritable Sancho-Panza* em que neste os proverbios véem distribuidos por dezenas e centurias, e aquella os apresenta reduzidos a *logares communs*. Da segunda diz Freire da Cunha no já referido prologo da *Philosophia vulgar*: « Além de que o collector anonymo não expôi o sentido de cada um dos seus proverbios, elle tambem não os alphabeta (como é costume, e ordem essencialmente inalteravel) pela material e seguida serie das lettras do abecedario geral; mas sim pelas lettras de varios nomes particulares, que de arbitrio se assignam como cabeças de alguns proverbios ». Todavia Duplessis, que attentou no mesmo defeito, affirma: « Dans cette riche nomenclature, il se trouve un grand nombre de *Dictons* tout-à-fait spéciaux et appartenant exclusivement au Portugal. Elle mérite donc un examen attentif. Malheureusement, le compilateur n'a joint à son recueil ni commentaires, ni même de courtes notes.... J'ai dit ailleurs et

Planche, o dos *Germanismos* de Grangier, e o dos *Duplos* de Brachet [1], não alcançaria, ainda assim, immutar a verdade

je rappelle ici qu'on trouve un assez grand nombre de *Proverbes portugais* dans le recueil de *Nuñez* publié sous le titre de : *Refranes o Proverbios en romance*, etc. ». (*Bibliographie parémiologique*, Paris, 1847, pag. 317). — Bento Pereira, no *Thesouro da lingua portugueza*, só curou de ajunctar os anexins e rifões a que lhe pareceu corresponderem outros do latim. (Cfr. *A Lingua portuguesa é filha da latina*, Lisboa, 1843, pag. 39-42; J. Castilho, *Grinalda da Arte de amar*, t. II, Rio de Janeiro, 1862, pag. 199-213). É a *Collecção* de Paulo Perestrello (Rio de Janeiro, 1848) o primeiro e imperfeitissimo tentamen de interpretação dos nossos dictados e locuções populares. Pelo contrario as definições escasseiam no *Ensaio phraseologico* do sr. Pina Manique. Numerosos adagios andam comtudo explicados nos escriptores classicos e nos diccionarios que ainda hoje fazem auctoridade. — Fructo da vasta licção do auctor do *Genio da lingua portuguesa*, promette-se emfim (*Os Fastos de Ovidio, Catalogo dos* 106 *annotadores*, pag. xc, 1862): *Novo diccionario português de phrases, anexins e outras peculiaridades*, que oxalá venha acudir á mingua que neste ramo padece a philologia nacional.

Findarei com um reparo. Avaliando pelo specimen impresso em 1871, a Academia, no seu projecto de publicação do diccionario de Ramalho, ao passo que destitue tantas das abonações classicas que o manuscripto ajunctou, cede, quanto eu posso julgar, nimio espaço aos modismos e locuções proverbiaes. João Pedro Ribeiro já em 1835 advertia: « A philologia da lingua é assumpto de uma obra apartada do diccionario. Os adagios mesmo já se acham colligidos e publicados: excusado é repetil-os no diccionario ». (*Reflexões philologicas*, nº 1). Nesta censura incorreu a Academia Francesa com a primeira edição da sua obra quasi secular. « Les proverbes y abondent », diz Léo Joubert; « on sent partout l'esprit gaulois de Mézeray ». Foi isto occasião de que um anonymo [Artaud, diz Barbier, I³, 1872, col. 966*f*; cp. Duplessis, *Bibliographie*, pag. 184] sahisse dous annos depois com a publicação que tanto deu em que falar, *Dictionnaire des Halles, ou Extrait du Dictionnaire de l'Académie Françoise*, a principio attribuido a Furetière, o celebre auctor dos *Factums*.

[1] [No capitulo VII da *Origem da lingoa Portvgvesa* diz Duarte Nunes: « Mudamos o mesmo vocabulo latino em diuersas formas por a variedade da significaçaõ como esta palaura macula, que quando queremos por ella significar abertura de rede, mudamola em malha, & quando queremos significar labe, ou peccado, ou sentimento do animo mudamola em magoa [cp. Fuchs, *Die romanischen Sprachen in ihrem Verhältnisse zum Lateinischen*, 1849, pag. 128; Leoni, *Genio da lingua portuguesa*, t. I, 1858, pag. 43 e 28; Dias Gomes, *Analyse, e combinações filosoficas sobre a elocução, e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha, e Camões*, no t. IV das *Memor. de litt. port.*, 1793, pag. 81], & quando nodoa em mancha, & de puluere dizemos poo, & poluora per differente significaçaõ ». (Pag. 39 da 1ª ed., 42 da 2ª). — Não me demoro a inquirir se algum outro dos nossos grammaticos deu attenção ao facto: basta-me que já em 1606 o houvessemos reconhecido. Em 1852 escrevia o sr. Latino Coelho: « Era razoavel que, para enriquecer e adornar as linguas neo-romanas, filhas, ainda que bastardas e ingratas, da lingua do Lacio, se fossem pedir as alfaias e as joias á opulenta mãe, de quem haviam herdado os seus primeiros haveres. O latim entrou pela segunda vez nas linguagens modernas, não imposto pelo direito de conquista, se-

nem resilir o julgamento de quantos affirmam o atraso relativo da França cêrca da sciencia que Chavée classifica como o ramo mais elevado da historia natural das raças.

Quando, pois, o sr. Adolpho Coelho, decidido a provar que a sciencia francesa tem acompanhado a Allemanha « no seu

não invocado pelos aperfeiçoadores das litteraturas meridionaes. É de então que data a segunda camada de palavras latinas no nosso idioma patrio; é desde então que nós vemos o notavel phenomeno de apparecer a mesma idea representada por duas palavras, ambas ellas similhantes, ambas ellas originalmente latinas; uma, porêm, corrompida e contemporanea dos primeiros lineamentos da lingua; a outra, genuinamente classica e sem differença alguma orthographica em relação á palavra romana. Da palavra latina *facticius* fez-se pela corrupção, na primeira elaboração da lingua portuguesa, *feitiço*. Mas a palavra romana lá appareee depois no remodelamento culto da linguagem, aportuguesada na palavra *facticio*, hoje nacionalizada nos nossos lexicos. *Posição*, derivada, com a corrupção indispensavel da desinencia, da palavra latina *positio*, só deu entrada no idioma português com a segunda invasão ou com a invasão litteraria e culta da latinidade nas lettras patrias. *Postura* foi o termo que, corrompido do latim vulgar, entrou nos primeiros esboços da nossa linguagem nacional. O mesmo se póde dizer de *feito*, palavra corrompida, e *facto* promiscuamente latina; *auto*, da edade primitiva da lingua, e *acto*, de sua edade philosophica, metaphysica, raciocinadora e litteraria ». (*O Panorama*, 3ª serie, t. I, pag. 407). Pouco depois, Monlau (*Diccionario etimológico*, Madrid, 1856, pag. 80): « Otro resultado notable del fenómeno de la doble formacion, es que en muchos casos una sola voz latina ha traido al castellano dos romanceadas: la una popular, y la otra erudita. Así, de *acer* tenemos *agrio* y *acre*; de *clavis* se han formado *llave* y *clave*; de *parábola* tenemos *palabra* y *parábola*; de *porticus* han salido *porche* y *pórtico*; de *ratio* tenemos *racion* y *razon*, etc. — Y de ahí nacen por precision dos séries de derivados, los cuales parecen diversos en su etimología, sin serlo realmente, como *hacedero* y *factible*, *letrado* y *literato*, *llavero* y *clavario*, *lleno* y *pleno*, *ojal*, *ojoso*, etc., y *ocular*, *oculista*, etc., *racionero* y *razonable*, etc., que son de una misma familia etimológica, por mas que su fisionomía sea diferente, y diferente su significado ».

Quanto á França agora. « Cette double formation des mots, dont la constatation a passé d'abord pour une découverte toute moderne, était déjà connue au XVII^e siècle. Un érudit protestant qui a eu quelque part à l'éducation du Dauphin, Jean Rou, parle, en passant, de ce fait curieux dans ses *Mémoires* [*Mémoires inédits et opuscules de Jean Rou* publiés par F. Wadington, Paris, 1857, t. II, pag. 209], et Nicolas Catherinot, conseiller au présidial de Bourges, compose dès 1683 un petit traité spécial, longtemps oublié, sur ce qu'il appelle d'un nom bien français et fort digne d'être définitivement adopté: *les doublets de la langue françoise* ». (Marty-Laveaux, *De l'enseignement de notre langue*, 1872, pag. 100). Egger, porêm (*Notions élémentaires*, 6ª ed., pag. 214), prefere ao nome de *doublets* o de *dérivations divergentes* que lhes deu Butet. O trabalho de Catherinot, « qui en publia une liste fort incomplète sans pouvoir donner les raisons de ce singulier phénomène », é hoje avaliado em pouco. « Au XVIII^e siècle — conclue Brachet —, Turgot, dans un excellent article de l'Encyclopédie; au XIX^e, Butet, dans sa *Lexilogie* (1801); Fuchs, dans son étude sur *les Langues romanes et leur rapport*

movimento linguistico », confessa que « as obras originaes de glottica publicadas em França são em numero incomparavel-

avec le latin (1849, page 125); M. Egger, dans sa *Grammaire comparée* (1853, pag. 166), rappelèrent l'attention des savants sur le phénomène philologique des doublets, et réunirent un certain nombre d'exemples ». (*Dictionnaire des doublets ou doubles formes de la langue française*, 1868, pag. 50). Indicações a que releva ajunctar a seguinte nota de Egger (*Observations sur un procédé de dérivation très-fréquent dans la langue française et dans les autres idiomes néo-latins*, 1864, pag. 53): « M. S. Luce a réuni un grand nombre d'exemples semblables dans sa thèse *De Gaidone, carmine gallico vetustiore* (Paris, 1860), p. 104, et il annonce l'intention de publier de ces mots à dérivation divergente un lexique spécial, dont il a lu la préface dans une séance de l'Académie des inscriptions et belles-lettres (préface imprimée dans le *Journal général de l'instruction publique* du 29 avril et du 18 mai 1863) ». O *Supplemento* de Brachet (1871, pag. 1) examina do seguinte modo as denominações propostas: « Le nombre de mots qui ont donné en français, non pas deux mais trois et parfois quatre dérivations, est si considérable qu'il vaudrait peut-être mieux donner à ce phénomène philologique un autre nom qui celui de *doublet*, inventé par Catherinot en 1683; le nom de *dittologie* (de διττός double), proposé par K. W. L. Heyse (*System der Sprachwissenschaft*, § 90), est un équivalent également insuffisant. En 1801, Butet (*Lexilogie*, p. XVIII) appela plus justement ces formes des *dérivations divergentes*, et M. Egger, dans sa *Grammaire comparée* (p. 166), se range à l'opinion de Butet. Diez leur donne simplement le nom de *bifurcation* (*Grammatik*, I, 50, 2e édit.) ».

No anno immediato ao da publicação do *Diccionario* de Brachet fez o sr. Adolpho Coelho inserir no *Jornal litterario* de Coimbra (I, pag. 3, 12) o seu primeiro ensaio *Dos duplos portugueses*, ampliado depois e reimpresso na *Introducção* ao diccionario de Fr. Domingos Vieira (pag. XXXIX e segg.; pag. 97-104 das *Questões da lingua portuguesa*, I, Porto, 1874). Ultimamente, no 7º fasc. da *Romania* (1873, pag. 281-294), deu o mesmo sr. uma lista mais completa sob o titulo *Formes divergentes de mots portugais.* Acêrca dos duplos hispanhoes promette esse periodico um ensaio da editora do *Romancero del Cid*, Carolina Michaelis. A *Rivista di filologia romanza* (fasc. III, 1873) annuncia: *Studio sulle dittologie o forme doppie della lingua italiana*, publicação posthuma de A. De Colle. « Anche il giovane e studioso Canello — accrescenta Mussafia — prepara per l'*Archivio glottologico* una dissertazione sui doppioni (doublets) dell'italiano ». (*Rivista di filologia e d'istruzione classica*, t. I, fasc. 11º; *Literarisches Centralblatt*, 1873, nº 15). *Les doublets latins*, eis o assumpto das investigações que nas *Memorias* da Sociedade de Linguistica de Paris (1869, pag. 162-170) se propôs Miguel Bréal.

Sôbre uma especie já tractada por Stoddart (*Glossology*, 3a ed., 1861, pag. 362-368), e anteriormente por Booth, publicou a Philological Society em 1866: *A Dictionary of Reduplicated words in the English language*. O auctor, H. Wheatley, reporta-se tambem ao livro de Pott, *Doppelung (Reduplication, Gemination)*, impresso em Lemgo em 1862. Não tenho noticia de trabalho analogo em lingua francesa. Deveriam egualmente colligir-se as expressões reduplicadas do português, quaes são: *trape-zape, zas-zas, trus-trus* (J. Baptista de Castro, *Espelho da eloquencia*, pag. 54); *zigue-zague, zigue-zigue, vai-vem, bule-bule, tefe-tefe, tira-tira, meche-meche, zão-zão* (Leoni, *Genio da lingua portuguesa*, II, 294); *tique-taque, tim-tim, luze-luze* (Bluteau); *zas-tras, lusquefusque (Lux quæ fugit*? Leoni, t. I, 79); *zum-zum, troche-moche, lufa-lufa, chus nem bus*, etc.]

mente menor », mas logo accrescenta : « o que falta em livros dá-o o ensino », permittirá que eu me não contente com a sua palavra, e lhe opponha o depoimento de homens idoneos, maiores que toda a excepção.

Um, Ernesto Renan, discorrendo sôbre os quadros de ensino do Collegio de França, escrevia ha annos: « N'est-il pas regrettable qu'aucun vide ne se soit encore produit qui ait permis de créer une chaire de zend, une chaire de littérature védique, et surtout une chaire de langues et de littératures celtiques? Ce dernier point est pour les amis des études savantes l'objet d'amères réflexions. Il n'y a pas en Allemagne, je ne dis pas une université, mais une école d'un ordre élevé, qui n'ait sa chaire de langues et de littératures germaniques anciennes. Serait-ce que les langues celtiques possèdent moins de monuments, qu'elles donnent lieu à des problèmes de critique moins intéressants et moins variés? Non certes. Les textes écrits dans les quatre dialectes celtiques forment une masse presque égale à celle des anciens textes germaniques; ils remontent presque aussi haut, et, sous le rapport de l'intérêt historique et poétique, ils sont, selon moi, supérieurs [1]. Eh bien, ces trésors nationaux sont chez nous oubliés. Il a suffi de quelques exagérations niaises, des ridicules d'une ou deux académies celtiques au commencement de ce siècle [2] pour jeter

[1] « [L'étude des langues, des littératures et des antiquités celtiques appelle l'attention du philologue, du lettré et de l'historien par l'importance du rôle que les Celtes ont joué dans l'ancienne histoire de l'Europe et aussi par les richesses des littératures néo-celtiques. La période gauloise de notre histoire n'est pas la moins importante pour être la moins connue ; Arthur et les Romans de la Table-Ronde défrayent une bonne partie de la littérature du moyen-âgé ; le Purgatoire de saint Patrice et le Voyage de saint Brendan ont été racontés dans presque toutes les langues de l'Europe ; on sait quelle vogue, au commencement de ce siècle, s'attacha pour un temps au nom d'Ossian. La vive et charmante imagination des races celtiques a laissé dans leur littérature des trésors inappréciés de poésie.... » H. Gaidoz, *Revue celtique*, t. I, 1870-1872, pag. v.]

[2] [A seita que o sr. Adolpho Coelho nos dava como extincta lá fóra « deante de inesperados descobrimentos feitos no campo da linguagem » revive e de dia para dia cobra novas forças. Um dos principaes collaboradores da *Revue des langues romanes*, A. Boucherie, o mesmo a quem a Société pour l'encouragement des études grecques acaba de conferir o premio de 500 fr. pela publicação dos textos de Julio Pollux, julga do seguinte modo (*Revue*, *t.* IV, 1873, pag. 348) a *Histoire des origines de la langue française* de Granier de Cas-

un discrédit complétement injuste sur ces études [1]: nos vieilles langues indigènes ne jouissent pas du même honneur que le

sagnac: « C'est un travail considérable. L'auteur, et je n'ai pas besoin de dire que je partage son opinion (V. *Bulletin de la Société des Langues romanes*, p. 26, 27), croit que les langues néo-latines ne sont pas nées seulement de la corruption de la langue latine, et que leur ressemblance avec elle indique un rapport de fraternité et non de filiation; en d'autres termes, qu'elles sont les sœurs et non les filles du latin. Selon lui, la race gauloise, qui a essaimé par grandes masses en Italie, en Espagne et sur le Danube, en aurait été le principal propagateur. Cette conclusion est aussi la mienne, comme on peut s'en assurer en jetant les yeux sur l'article déjà cité. J'y ai fait observer, en effet, « que, partout où l'on retrouve des traces de la langue latine, en dehors de l'Italie, l'histoire nous montre une émigration gauloise antérieure ». — É de hontem esta affirmativa de um livro publicado em Paris: « Mais enfin, nous savons, nous, que la langue française n'est rien autre chose que la langue gauloise ou celtique; que nos bons principes sont simplement les principes que le séjour des Romains n'a point détruits; que nos mauvais principes sont les principes latins greffés sur la langue gauloise ». (*Origines du patois de la Tarentaise, ancienne Kentronie*, par l'abbé G. Pont, 1872, pag. 15). — São de hoje estas conclusões da obra de um escriptor considerado, Barbe, membro do Félibrige provençal, da Société pour l'étude des langues romanes, um erudito « qui a lu Diez, Littré, Paris, Brachet et nombre d'autres auteurs, que d'ailleurs il cite volontiers », recorda Abel Hovelacque na *Revue de linguistique* de janeiro de 1874: « I. Il n'y a pas d'autres Celtes que les Gaulois, et d'autres Gaulois que les habitants de la France actuelle, abstraction faite des Bretons, des Basques, des Flamands, des Normands et des Alsaciens. — II. Il n'y a pas d'autre langue celtique ou gauloise que la langue connue sous le nom de romane ou langue d'O. — III. Les prétendus idiomes romans ou néo-latins de l'Espagne, de l'Italie, du Portugal, de la France, de la Valachie et de quelques cantons de la Suisse et du Tyrol, ne sont et ne peuvent être que des dialectes seulement de la langue celtique, ou langue d'O, deux dénominations absolument synonymes ». (*La Vérité sur la langue d'O, précédée de considérations historiques, philosophiques et philologiques*, t. II, Tolosa, 1873, pag. 303). — Assim, emquanto Morgan Kavanagh em Inglaterra descobria na palavra francesa *soleil*, duas palavras italianas, *il sole* (nota de pag. 237), em França Paulo Barbe excogitava esta explicação, que não posso deixar de inculcar á lembrança dos colleccionadores: « Le mot *soleil*.... est désigné en Ecosse par le mot antique *grian* et non point par celui de *sol*, qui dérive du gaulois *soulel*. Relativement à ce dernier terme gaulois, qu'on nous permette de faire remarquer, en passant, que ce n'est point un mot simple, mais un mot composé, et que son exacte traduction est *le seul œil, soul, seul, èl, œil* ». (II, pag. 11). — E é talvez por que livros d'estes se publicam ainda hoje em França, e na propria capital, que um professor eminente, Gaston Paris, querendo encarecer a *Bibliographia critica* do sr. Adolpho Coelho, escreve a nosso respeito (*Revue critique d'histoire et de littérature*, 1873, 1º semestre, pag. 15): « Le Portugal est aujourd'hui le pays de l'Europe où les études scientifiques de toute sorte sont le plus en arrière ».]

[1] « Ces folies, généralement dédaignées des gens sérieux, n'entravèrent pas beaucoup la philologie française, mais elles eurent un inconvénient grave. Elles jetèrent sur les études celtiques, si belles

turc et le javanais [1]; elles n'ont jamais été représentées dans notre haut enseignement » [2].

et si nationales, un discrédit dont elles ne se sont pas relevées en France. C'est à peine si, depuis quelques années, deux ou trois savants, animés par les travaux faits à l'étranger, ont eu le courage de s'engager dans cette voie ». Gaston Paris, *Les études sur la langue française* (*Revue de France*, I, 1871, pag. 495). — Cantonnée dans trois départements de la Basse-Bretagne, l'antique langue de nos pères est devenue pour les beaux esprits un objet de dédain et de raillerie. On se rappelle l'inhumaine plaisanterie de madame de Sévigné sur ces paysans rebelles, traqués par le duc de Chaulnes et qui s'écriaient en pleurant: « *mea culpa!* le seul mot « français qu'ils sachent ». Un siècle plus tard, Voltaire est tout aussi dédaigneux. « Les Celtes, dit-il dans son *Dictionnaire philosophique* « (article *France*), espèce de sauvages dont on ne connaît que le « nom et que l'on a voulu en vain illustrer par des fables.... Un « reste de leur ancien *patois* s'est encore conservé chez quelques « rustres dans la Basse-Bretagne... et ailleurs. Pauvres Celtes-Wel- « ches, permettez-moi de vous dire aussi bien qu'aux *Huns*, que des « gens qui n'ont pas eu la moindre teinture des arts utiles ou agréa- « bles ne méritent pas plus nos recherches que les porcs ou les ânes « qui ont habité leur pays ». L. Leger, *La celtomanie et les études celtiques* (*Revue des cours littéraires*, VII, 1870, pag. 618). — [« Il fallait un esprit d'une grande sagacité et d'une rare vigueur pour ne pas s'égarer dans les broussailles et les ronces dont la celtomanie avait couvert le terrain des études celtiques. Les esprits les plus distingués eux-mêmes n'avaient pas trouvé le vrai chemin; M. Amédée Thierry, par exemple, dont le système ethnographique sur les Gaulois a fait longtemps autorité en France. Le fait que les rêveries druidiques de Jean Reynaud avaient pu se produire au grand jour sans être aussitôt mises à l'index par la critique sérieuse [vej. Freppel, *Saint Irénée et l'éloquence chrétienne dans la Gaule pendant les deux premiers siècles, cours d'éloquence sacrée fait à la Sorbonne pendant l'année* 1860-1861, pag. 13-17, 25-31] montre assez combien on était loin, en France, d'apporter aux études celtiques la méthode et la critique qui avaient déjà pénétré les autres branches de la science historique ». H. Gaidoz, *M. de Belloguet et les études gauloises en France*, na *Revue politique et littéraire*, II, 1872, pag. 427.]

[1] [« Zeuss avait écrit son livre en latin pour être lu dans les pays celtiques. Vaine illusion! Il n'a guère été plus connu et plus apprécié que s'il eût écrit en chinois. Il faut dire, pour être juste, que le latin de Zeuss est du latin d'Allemand, lourd et embarrassé... — Sur le terrain propre de la linguistique celtique, nous ne voyons guère que deux savants français qui s'y soient encore aventurés et qui aient à ce titre mérité d'être nommés dans la préface de la nouvelle édition de la *Grammatica celtica*: M. d'Arbois de Jubainville, archiviste de l'Aube et correspondant de l'Institut, et M. Gaidoz, professeur à l'École des sciences politiques.... — L'Allemagne qui déjà possède dix-sept chaires de langues romanes dans ses universités (quand la France n'en possède que trois et n'a pour les langues germaniques que la chaire du Collége de France), garde et augmente encore son avance scientifique sur nous en inaugurant à l'Université de Berlin l'enseignement des langues celtiques ». *Revue de linguistique et de philologie comparée*, t. V, Vienna, 1873, *Les études celtiques*, pag. 439, 440, 445.]

[2] *Questions contemporaines*, pag. 107-108. Paris, 1868.

Outro, Eugenio Baret, auctor da *Historia da litteratura hispanhola*, do livro *Os Trovadores* [1], da *Hispanha e Provença*, do estudo sôbre as origens do *Amadis de Gaula*, escreveu ha dias : « Éprise de sa littérature, fière de l'universalité de sa langue, confiante en cette universalité, la nation française ne cesse de s'admirer elle-même, sans souci de la langue, de la littérature, presque de l'existence de ses voisins. *Peut-on être Persan!* disaient les Parisiens du temps de Montesquieu ; et Voltaire, après avoir pratiqué pendant quelques années les Allemands de Berlin, se bornait à leur souhaiter *plus de esprit* et *moins de consonnes* [2]. Et voilà un jugement en dernier ressort ! Cepen-

[1] Em 1829 Raynouard tinha inedita e propunha-se publicar sob o titulo *Grammaire historique de la langue française* uma obra de que deixou excerptos nas *Observations philologiques et grammaticales sur le Roman de Rou, et sur quelques règles de la langue des trouvères au douzième siècle.* (Consulte o appendice de Augusto le Prevost, *Supplément aux notes historiques sur le Roman de Rou*, Ruão, i. e., Paris, 1829; e vej. Paulo Meyer, *Documents manuscrits de l'ancienne littérature de la France conservés dans les bibliothèques de la Grande-Bretagne*, Paris, 1871, pag. 6-7). Ao começar do seculo, porêm, tão escassas eram as noções historicas do francês, que Boissonade, escrevendo em 1809 acêrca do *Nouveau Vocabulaire* dos de Waillys, vocabulario que alias qualifica de excellente, necessitava não só affirmar, mas ainda produzir demonstração da differença de *troubadour* a *trouvère* : « Au mot TROUVÈRE, le lecteur est renvoyé à TROUBADOUR, *ancien poëte provençal.* D'où il suit que *Trouvère* et *Troubadour* sont synonymes, et que les *Trouvères* sont d'anciens poëtes provençaux. L'Académie a justement distingué les troubadours méridionaux, et les trouvères qui sont nos anciens poëtes français. Ce sont les trouvères qui ont formé notre langage et commencé notre théâtre. Qu'on lise la collection des *Fabliaux* que M. Méon nous a donnée récemment; que l'on compare ces ouvrages de nos antiques trouvères à ce qui nous reste des troubadours, et l'on verra qu'il y a entre les uns et les autres une aussi grande différence de talent que de langage ». (*Critique littéraire sous le premier Empire*, t. II, Paris, 1863, pag. 447). — E passados dous annos : « J'avais fait sur la quatrième édition quelques remarques dont M. de Wailly n'a pas tenu grand compte. Il a pu avoir raison; cependant il ne m'est pas encore démontré que *Y* soit explétif dans la phrase *il y a des gens qui...* , et qu'il faille confondre les *Trouvères* et les *Troubadours* ». (Pag. 449). — Os auctores do vocabulario não se deram por vencidos nem convencidos. Na 18ª edição, publicada em 1832, lê-se : « TROUBADOUR, ancien poëte provençal ». — « TROUVERRE ou TROUVEUR. V. *Troubadour* ».

[2] « Le Français ne comprend rien au génie des autres peuples, et si on le laissait faire, il moulerait toute la terre sur la plaine de la Beauce ; il ne comprend pas, par exemple, et même il déteste le vif esprit des Méridionaux ; c'est ainsi que le Gascon est devenu un type de ridicule, qui amuse à peu de frais la société française depuis des temps très-reculés. L'imagination de nos voisins du nord est si peu féconde, qu'ils en sont réduits à chercher du comique dans la langue et jusque dans les noms propres de no-

dant, en laissant de côté la masse d'idées et de connaissances positives, représentées par la littérature et les sciences, en Angleterre et en Allemagne, quoi de plus utile, au point de vue de la sûreté des informations, de la direction de l'opinion, que de pouvoir, par la lecture du *Times*, de la *Gazette de Cologne*, de la *Neue Preussische Zeitung* (on les trouve au passage de l'Opéra), connaître la tendance des esprits et les jugements de l'étranger à notre égard?.... — Prenons encore exemple sur l'Allemagne. Est-ce que, dans ce grave pays, l'étude du français ou de l'espagnol [1] nuit à la connaissance du sanscrit

tre pays: ces railleries éternelles sur Carpentras, sur Pézenas ou Brives-la-Gaillarde caractérisent essentiellement l'esprit français. Chez aucun peuple intelligent, ou juste, ce qui est la même chose, on ne verra les écrivains prendre pour thème de plaisanterie les noms de quelques villes éloignées, qu'ils ne connaissent pas et qui ressemblent d'ailleurs à toutes les autres. Le Français n'aime et ne souffre que ce qu'il fait ou ce qu'il possède». *Les Vies des Troubadours, écrites en roman par des auteurs du XIII*e *siècle et traduites en français par un indigène* (*Bibliothèque romane*, fasc. III, Tarbes, 1866, pag. XXVII. — Cfr. fasc. I, *Histoire anonyme de la guerre des Albigeois*, Tolosa, 1863, pag. IX.)

[1] [«L'érudition allemande ne s'est pas bornée à retrouver, avec Bopp, la généalogie des langues appelées depuis langues indo-européennes; à reconstituer, avec Jacques Grimm, l'histoire des langues germaniques. Ses investigations ont été plus vastes et plus cosmopolites; elle a créé, avec Zeuss, la philologie celtique; avec Diez, la philologie romane. Ce sont des noms qui devraient être connus et estimés chez nous, car il est peu de Français qui aient fait autant que ces deux derniers érudits pour l'étude de nos origines et de notre langue». H. Gaidoz, *M. Frédéric Diez et les études romanes* (*Revue politique et littéraire*, III, 1873, pag. 69). — «... Les préjugés, formés au dix-septième siècle et propagés au dix-huitième, contre cette vieille littérature nationale, commençaient à s'effacer; mais pour la plupart des lecteurs, le langage des anciens textes restait un langage barbare, sans lien bien marqué avec notre langue actuelle. Pendant ce temps, de l'autre côté du Rhin, on avait trouvé en partie les origines du vieux français et suivi ses transformations régulières d'âge en âge. En d'autres termes, nos voisins avaient une histoire et une grammaire de notre idiome primitif, tandis que nous ne possédions que des textes isolés». C. Daremberg, *Histoire de la formation de la langue française* de J. J. Ampère, 2a ed., 1869, *Avant-propos*, pag. I-II. — «Cette langue qu'on néglige est bien la nôtre; quelques semaines d'un travail agréable, souvent même un simple remaniement d'orthographe, suffiraient pour la rendre familière à notre oreille. C'est cette langue, gardons-nous de l'oublier, dont les premières manifestations ont été des triomphes sous la plume des Joinville, des Benoît de Sainte-More, des Wace, des Guiot de Provins, des Robert de Clari et des Villehardouin [cfr. Paulino Paris, *Les Historiens des croisades, discours d'ouverture du cours de langue et littérature du moyen âge*, 1858, pag. 21-22; *Les Chansons de geste, poëmes du XII*e *et du XIII*e *siècle, discours d'ouverture prononcé*

ou du grec? Les Allemands étudient avec la même conscience, la même passion, le latin et les langues néo-latines. Ils avaient des chaires de langue romane (*alt-französische*, *alt-provenzalische sprache* [1]), longtemps avant la création de la chaire unique

le 6 décembre 1858 *au Collége de France*, pag. 22; Gaston Paris, *Histoire poétique de Charlemagne*, 1865, pag. 10-11; Paulo Meyer, *Recherches sur l'épopée française*, 1867, pag. 55-56; Gaston Paris, *La Vie de saint Alexis, poème du XI^e siècle*, 1872, pag. 135-136]; c'est elle qui, dès ses premiers pas, a triomphé du saxon et du latin; et est devenue par acclamation, au dire de Brunetto Latini, «la parleure la plus delictable [*sic*] et commune à toute gent». Malgré ces glorieux débuts, on pourrait croire aux enseignements de nos collèges, que le français n'a été qu'un impur patois, jusqu'à Malherbe; qu'il ne s'est élévé à la dignité d'idiôme acceptable et de langage honnête qu'à l'ombre de la solennelle perruque de Louis XIV. C'est à peine si les lourds pédants, contemporains de Boileau, consentaient à en reconnaître les racines dans le siècle des derniers Valois». Antony Méray, *La Vie au temps des Trouvères*, Arras, 1873, pag. 322. — Cfr. Bastin, *Les Nouvelles recherches sur la langue française et leurs résultats*, Bruxellas, 1872, pag. 115. — «Arrivé au moment de conclure, nous nous bornerons à rappeler que le débat reste ouvert. MM. les Allemands ont tiré les premiers, ils étaient beaucoup plus nombreux, infiniment mieux préparés; il se passera des années avant que la philologie en France ait formé assez de recrues pour lutter avec l'étranger. Aujourd'hui, un Français qui veut faire de sa propre langue une étude scientifique ne saurait se passer des livres allemands. Les auteurs de ces livres ont fait faire de grands progrès à la connaissance philologique de notre langue; et dans un temps où l'on ne pense qu'à tout le mal que les Allemands ont fait, il est juste de rappeler les services que quelques-uns d'entre eux ont rendus. Mais il y a là, on peut le dire, une espèce d'occupation de territoire — bienveillante sans doute et utile en définitive, c'est ce qui la distingue de l'autre, — mais on souhaiterait fort qu'elle se terminât: en cela toutes deux se ressemblent. Il faut que l'une cesse comme l'autre, et que les savants français reprennent, dans l'étude de leur langue maternelle, le rang souverain, qui seul est digne d'eux». Eugenio Ritter, *Les idées allemandes sur la langue française*, na *Revue politique et littéraire*, II, 1872, pag. 116.]

[1] «Comme ces plantes dont le pollen, dirigé par des lois mystérieuses, vient féconder d'autres plantes jusque-là stériles, ainsi nous voyons l'influence provençale gagner de proche en proche la France, l'Allemagne, l'Italie, l'Espagne, et y faire fleurir des littératures qui sont demeurées célèbres, tandis que celle des Provençaux est presque oubliée. [Cfr. o recente livro do auctor, *Les Derniers Troubadours de la Provence*, 1871, pag. 1-6, e a nota á sua memoria *Le Salut d'amour dans les littératures provençale et française*, 1867, pag. 5]. La science seule a pu lui restituer une place que la tradition ne lui avait pas conservée. Cette place n'est pas inférieure à celle que le latin occupe par rapport aux langues romanes; sans les troubadours, en effet, l'air de famille qui rapproche les trouvères français, italiens, castillans, portugais, et les minnesingers allemands resterait inexpliqué. La critique pénétrante des Italiens de la Renaissance, éclairée, du reste, par une tradition plus complète qu'ailleurs, ne s'y est pas trompée. Elle a reconnu la première que les troubadours étaient les précurseurs de Pétrarque [cfr. Gidel, *Les Troubadours et Pétrarque*, Angers, 1857,

qui existe chez nous au Collége de France [1]. Molière et Shakspeare ont été étudiés par Gervinus et Kreyssig aussi profondément qu' Homère le fut par F.-A. Wolf à la fin du dernier

pag. 69-174; Bartoli, *I primi due secoli della letteratura italiana*, cap. II, § II, Milão, 1872] et ne l'a point caché. En France, on ne s'est occupé sérieusement de leur histoire qu'à partir du XVIIIe siècle. Des matériaux immenses furent recueillis par Sainte-Palaye; des travaux plus efficaces furent entrepris par Raynouard. L'Allemagne, venue la dernière, reprit les études provençales au point où Raynouard les avait laissées. Diez, il y a quarante ans, leur donna une direction vraiment scientifique qui a été suivie et qui chaque jour produit de nouveaux résultats. Chez nous un homme seul [Guessard], mon maître et celui de beaucoup d'entre vous, messieurs, a continué la tradition de Raynouard.... » Paulo Meyer, *Cours d'histoire de la littérature provençale, leçon d'ouverture*, Paris, 1865, pag. 14.

[1] « Ce ne sont pas seulement les ouvrages de doctrine; c'est aussi, c'est particulièrement l'enseignement oral qui contribue à répandre en Allemagne la connaissance et le goût des langues et des littératures romanes. Presque toutes les universités allemandes ont une chaire consacrée à cet enseignement. En France, nous n'avons eu pendant longtemps qu'un seul cours dont le professeur pût se croire obligé à remonter jusqu'au moyen âge et à entretenir ses auditeurs de nos origines. C'était le cours de langue et de littérature française du Collége de France. Cet état de choses a duré jusqu'en 1847, date de la réorganisation de l'École des chartes, où M. Guessard est chargé, depuis vingt ans, d'un enseignement qui embrasse concurremment la latinité du moyen âge, la langue vulgaire dans ses principaux dialectes du midi et du nord, et la formation de la langue nationale.... C'est seulement depuis la fondation de la chaire de l'École des chartes que le cours du Collége de France a été dédoublé, et que M. Paulin Paris a eu mission spéciale d'enseigner dans ce grand établissement la langue et la littérature françaises du moyen âge ». [Guessard], *Rapport sur les études relatives à la langue et à la littérature du moyen âge (Recueil de rapports sur l'état des lettres et les progrès des sciences en France; Progrès des études classiques et du moyen âge, philologie celtique, numismatique*, Paris, 1868, pag. 116). — [Cfr. *Rapport sur l'École pratique des hautes études*, 1872-1873, pag. 80-81. — « On sait aujourd'hui que l'enseignement supérieur de l'Allemagne a été le principal instrument de sa renaissance politique. Ce qui a donné à cette renaissance tant d'élan et de force, ce ne sont point les enthousiasmes étroits et naïfs de quelques savants, d'un Vilmar, d'un Giesebrecht ou d'un Treitschke; c'est au contraire l'esprit de sévère et universelle investigation scientifique qui a fondé dix-sept chaires de langues romanes dans les Universités d'Allemagne, quand la France n'en possède que trois et n'a pas une chaire de langues germaniques; c'est cette foi dans la science qui a fait créer à Strasbourg une Université mieux dotée que l'enseignement supérieur tout entier de la France, et qui, au lendemain de 1815, faisait entreprendre le grand recueil des historiens du moyen-âge, les *Monumenta Germaniae*, avec cette épigraphe: *Amor patriae dat animum.* Les Allemands ont pensé que l'étude critique et approfondie de l'histoire et des littératures était puissante pour rendre à un peuple affaibli et divisé la conscience de lui-même; et l'événement a prouvé qu'ils ne s'étaient pas trompés ». *Revue critique d'histoire et de littérature*, 1873, 1o semestre, pag. 4.]

siècle. Où sont, en France, les livres, où sont les chaires qui traitent du vieil allemand ? » [1]

Similhantemente, se o sr. Adolpho Coelho nos assevera que « em varias escholas das provincias francesas teem sido tambem professados cursos de glottica » ; que « no Seminario de Strasburgo, por exemplo, fez de 1864 a 1865 o professor Stahl um curso de *philologia geral comparada* », não extranhará que eu, sem duvidar d'estes factos particulares, persista em ouvir a opinião de Renan, quando na sua carta aos directores da *Revista germanica* os aconselhava a buscarem o desinvolvimento do espirito allemão não sómente na Allemanha, mas em S. Petersburgo, em Inglaterra, na Hollanda, na Suissa... [2]

« Enfin, cherchez aussi l'Allemagne en France. Nous possédons parmi nous une colonie allemande qui, en même temps qu'elle communique largement avec le centre des idées françaises, puise directement encore aux mamelles germaniques, dont elle n'est point détachée : c'est l'école de Strasbourg [3]....

[1] *De l'Enseignement des langues vivantes dans les lycées*, 1871, p. 6 e 8.—Cfr. Montucci, *Les Langues vivantes avant et après la guerre*, 1871, p. 3; [Weil, *Des Langues vivantes et de leur enseignement*, 1873, p. 2].

[2] « J'oserai vous conseiller de ne pas chercher le développement de l'esprit allemand seulement en Allemagne. Je ne sais si je me trompe, mais je crois voir le moment approcher où les Allemands joueront le même rôle que ces Scots de la première moitié du moyen âge, qu'on trouve partout à l'état de missionnaires de la science et de grammairiens. Déjà presque tout le travail matériel de la philologie est supporté dans le monde par des Allemands. Ne négligez donc pas d'embrasser dans votre recueil ces nombreuses colonies où, grâce à sa puissance d'expansion, la race germanique porte son activité intellectuelle et son sérieux. Suivez-la dans l'Académie de Saint-Pétersbourg, où, malgré des susceptibilités assez naturelles, la science allemande s'est créé une importante succursale, peu inférieure à l'Académie de Berlin, surtout pour les sciences géographiques. Cherchez-la en Angleterre, à Oxford, à Londres, où vous rencontrerez à l'état d'exilés volontaires quelques-uns des meilleurs représentants de la nouvelle école, MM. Max Müller et Aufrecht. Ils écrivent en anglais; mais leur science, leur pensée sont allemandes: cela doit vous suffire ». (*Lettre sur les études philologiques et orientales en Allemagne*, na *Revue germanique*, I, Paris, 1858, pag. 25.)

[3] A carta é de 1857, e foi reimpressa em 1868 nas *Questions contemporaines*. Em septembro de 1871 o auctor escrevia a Strauss: « Vous avez levé dans le monde le drapeau de la politique ethnographique et archéologique en place de la politique libérale; cette politique vous sera fatale. La philologie comparée, que vous avez créée et que vous avez transportée à tort sur le terrain de la politique, vous jouera de mauvais tours. Les Slaves s'y passionnent; chaque maître d'école slave est pour vous un ennemi, un termite qui ruine votre maison.... Le

Vous connaissez sans doute la *Revue de Théologie* de M. Colani, excellent écho de ce qu'il y a de meilleur dans l'exégèse allemande. Les travaux de M. Reuss, de M. Bergmann, honoreraient une Université d'outre-Rhin ; ils sont chez nous presque inconnus, et j'ignore si, en dehors de l'estime d'un petit nombre, ils ont jamais reçu le moindre encouragement de l'opinion ».

Graves palavras, que, passados doze annos, havia ainda de confirmar o proprio Bergmann ! [1] E no emtanto o folheto conclue : « Tudo isto prova o interesse que ha na França por esse ramo de sciencia [2] e a importancia que lá se lhe reconhece » !

Sem alargar a vista pelas dilatadas possessões da philologia comparativa, « science nouvelle, encore peu popularisée en

Slave, dans cinquante ans, saura que c'est vous qui avez fait son nom synonyme d' « esclave » ; il verra cette longue exploitation de sa race par la vôtre, et le nombre des Slaves est double du vôtre, et le Slave, comme le dragon de l'Apocalypse, dont la queue balaye la troisième partie des étoiles, traînera un jour après lui le troupeau de l'Asie centrale, l'ancienne clientèle des Gengiskhan et des Tamerlan ». — E mais adeante : « Sous prétexte d'une étymologie germanique, vous prenez pour la Prusse tel village de Lorraine. Les noms de Vienne (*Vindobona*), de Worms (*Borbitomagus*), de Mayence (*Mogontiacum*) sont gaulois ; nous ne vous réclamerons jamais ces villes ; mais, si un jour les Slaves viennent revendiquer la Prusse proprement dite, la Poméranie, la Silésie, Berlin, par la raison que tous ces noms sont slaves, s'ils font sur l'Elbe et sur l'Oder ce que vous avez fait sur la Moselle, s'ils pointent sur la carte les villages obotrites ou vélatabes, qu'aurez-vous à dire ? » (*La Réforme intellectuelle et morale*, 1871, pag. 199-202.)

[1] « Les résultats de mes études, résumés dans ce premier volume, trouveront-ils aujourd'hui un terrain beaucoup mieux défriché que il y a quelques années? je ne le sais. Jusqu'ici, pour différentes raisons que je m'abstiens d'apprécier, mes travaux n'ont été ni aperçus ni discutés. La science de l'avenir dira ce que valent ces résultats, et s'ils méritaient *l'inapperception* par laquelle jusqu'ici ils ont été tenus à l'écart ». (*Résumé d'études d'ontologie générale et de linguistique générale*, 2ª ed., Strasburgo, 1869, pag. VII). — [« Productions fortes et fécondes, trop peu connues ici et trop peu appréciées, dans lesquelles il développe ou condense des vues originales et neuves de linguistique et d'histoire », diz Sainte-Beuve, falando de Bergmann, *P.-J. Proudhon, sa vie et sa correspondance*, 1872, pag. 24.]

[2] « Mais, dans nos établissements d'instruction secondaire, ces études, aujourd'hui encore, sont accueillies parfois avec défiance ; la méthode n'en est pas partout acceptée ni comprise comme il faudrait.... C'est là ce qui fait sans doute que, privée, depuis quelques années, de tout appui officiel, dans les écoles de l'État, la grammaire comparée s'y soutient avec peine par le zèle d'un petit nombre de professeurs, surtout de ceux qui en apprennent les principes à l'École normale, où elle garde sa place dans les exercices d'une

France » [1], « science qui a été la création de l'Allemagne et qui restera longtemps son domaine particulier » [2]; attentando no simples estudo do idioma romance, estudo para o qual não faltam nem grammaticas nem tractados especiaes [3], declaro ao sr. Adolpho Coelho que o sentimento dos raros ini-

conférence ». E. Egger, *Notions élémentaires de grammaire comparée*, 6ª ed., Paris, 1865, pag. I-II. — [« Bien des voix, à l'heure qu'il est, ont déjà parlé de régénérer notre enseignement secondaire en enseignant à la fois le grec, le latin et le français d'après les principes de la philologie comparée. C'est trop pour commencer ». J. Milsand, *Les Études classiques et l'enseignement public*, 1872, pag. VI. — « Je ne plaide pas seulement la cause de la grammaire comparée. D'autres études, non moins fécondes, non moins nécessaires, sont depuis longtemps en souffrance. Pour ne pas trop nous éloigner du sujet de notre cours, que sont devenues la grammaire grecque, la grammaire latine apprises sur les textes, comme le faisaient autrefois chez nous les savants du XVIe siècle, et comme le font encore à l'étranger les Kühner et les Madvig? Quand on regarde nos manuels, on voit que ce sont toujours les mêmes exemples qui passent de livre en livre et que se transmettent les générations.... Après avoir copié les maîtres, ce sont les copies qui, à leur tour, servent de modèles, et ainsi l'héritage des anciens jours va toujours en s'amincissant ». Bréal, *Quelle place doit tenir la grammaire comparée dans l'enseignement classique (leçon faite au Collége de France, pour la réouverture du cours de grammaire comparée)*, 1873, pag. 16. — Cfr. E. Egger, *Du rôle des études grecques dans l'enseignement secondaire en France*, licção do curso da Sorbonue, na *Revue politique et littéraire*, II, 1872, pag. 599.]

[1] Eichhoff, *Cours libre de grammaire et de philologie comparée, discours d'ouverture*, pag. 4. Paris, 1864.

[2] Renan, *Rapport sur les travaux du conseil de la Société Asiatique pendant l'année* 1869-1870 (*Journal asiatique*, 6ª serie, t. XVI, pag. 21).

[3] « M. Tell (*Exposé général de la langue française*, Paris, 1863) signale les inconvénients de la multitude de grammaires, qui va toujours croissant, et rappelle que déjà, en 1806, dans un rapport fait par Van Praet à Napoléon Ier, il est dit « qu'il existe un tel mon« ceau de grammaires que seize chevaux attelés pourraient à peine le « traîner ». Il est probable que le rapporteur a compris sous le titre de grammaire les dictionnaires, les traités, les critiques, les manuels, rudiments, méthodes, journaux pédagogiques, etc. ». A. F. Didot, *Observations sur l'orthographe ou ortografie française*, 2ª ed., Paris, 1868, pag. 347. — [« L'examen, même superficiel, d'une bibliographie médicale fait voir que c'est précisément sur les maladies les plus terribles et les moins connues qu'on a surtout écrit. C'est à peine si la fluxion de poitrine dont on sait les causes et la marche, et que, la plupart du temps, on soigne avec succès, a fourni le sujet de quelques brochures; la peste, le choléra, la rage ont enfanté des milliers de volumes. Cette longue file de grammaires françaises annoncerait-elle que notre ignorance à l'égard de notre langue est incurable? » Marty-Laveaux, *De l'Enseignement de notre langue*, 1872, pag. 19-20.]

ciados no conhecimento historico da lingua francesa contraría abertamente a attestação do seu opusculo [1].

[1] « Et pourtant nous ne la connaissons [notre langue, une des plus belles et des plus riches que l'on parle sur la terre], nous ne l'étudions guère qu'en vue de la pratique. Ses origines et la suite de son développement sont choses fort négligées, non-seulement de ceux qui écrivent l'histoire générale de la France, mais de ceux mêmes qui nous racontent l'histoire de la littérature française. Nous avons, il est vrai, sous le nom d'École des Chartes, un établissement où l'on professe, entre autres sujets d'étude, la science du vieux français; une chaire a été récemment fondée au Collége de France pour le même enseignement; l'École Normale supérieure y prépare en quelque mesure les professeurs qui doivent diriger les études de la jeunesse dans les colléges et dans les lycées; mais tous ces efforts n'ont pas encore réussi à répandre dans le public beaucoup de notions satisfaisantes sur un sujet jusque-là réservé aux savants de profession ». Emilio Egger, *De l'histoire et du bon usage de la langue française*, Paris, 1868, pag. 8-9. — « Il faut le dire nous-mêmes, pour éviter le désagrément de nous l'entendre dire, les Allemands, sans négliger pour cela les études antiques, sans manquer au devoir d'étudier leurs propres origines, se sont imposé avec succès la tâche, toute bénévole, soit de déterrer et de remettre en lumière les monuments de nos deux anciennes littératures du midi et du nord, soit surtout de retrouver et de faire connaître les lois perdues qui régissaient les idiomes de nos troubadours et de nos trouvères. S'ils ont réussi dans cette entreprise, c'est sans doute parce qu'ils y ont apporté plus d'ardeur que nous; mais c'est avant tout parce que plus de faveur s'est attachée à leurs travaux, plus d'honneur à leurs efforts. Il s'en faut bien que chez nous la route ait été aussi ouverte, le voyage aussi attrayant pour ceux qui se sont engagés dans cette direction. C'est peu à peu et péniblement qu'ils on pu gagner du terrain; c'est un par un qu'ils se sont adjoint des compagnons; enfin c'est d'hier seulement qu'ils se sentent moins isolés, et qu'ils ont conquis l'estime d'un public encore trop restreint, mais dont les suffrages, cependant, suffisent à les encourager ». F. Guessard, *Rapport sur les études relatives à la langue et à la littérature du moyen âge en France* (*Recueil de rapports*, 1868, pag. 101-102). — « Le premier en date de ceux qui essayèrent de faire pour le français ce que Raynouard avait fait pour le provençal, Fallot fut peu apprécié de ses successeurs: Ampère l'ignore, Génin le raille, Chevallet ne s'en sert pas. C'est en Allemagne qu'il devrait trouver ses véritables juges. M. Diez a reconnu ses mérites dans la seconde édition de sa Grammaire, et M. Burguy n'a fait en somme que développer et remplir jusqu'au bout le plan de Fallot dans sa *Grammaire de la langue d'oïl* (Berlin, 1853); encore peut-on dire que si M. Burguy a dépouillé plus de textes et peut-être abordé plus de détails [cp. Diez, *Kritischer Anhang zum Etymologischen Wörterbuche der romanischen Sprachen*, Bonn, 1859, pag. 26-36], il n'a pas toujours montré l'excellent jugement de Fallot et la méthode sévère qui aurait certainement distingué son livre, s'il l'avait achevé après la Grammaire de Diez ». Gaston Paris, *Les études sur la langue française* (*Revue de France*, 1871, pag. 532). — [« Nous apprenons le latin de Cicéron et de Virgile, le français de Corneille et de Bossuet. Mais entre ces deux idiomes s'étend un vide immense que nos maîtres ne songent nullement à combler. Au lieu de chercher dans le latin les causes de la grammaire française, ils juxtaposent, comme nous l'avons vu, les deux idiomes d'une façon tout empirique, en opposant gallicisme à latinisme. Non-seulement

Quanto ao mais, o testimunho já hoje antigo de Theil [1], o testimunho mais recente de Cahen, lastimando que a ignorancia da lingua allemãn deixe permanecer lettra morta para a França os trabalhos consideraveis de investigação germanica [2];

l'Université, contrairement à ses affirmations publiques, n'éclaire point par le latin la formation de la grammaire française, mais elle a un véritable éloignement et une répulsion instinctive pour ce genre d'étude.... — N'est-il pas étonnant qu'une nation qui a derrière elle un passé littéraire sans égal parmi les peuples modernes, le laisse ignorer à tel point à sa jeunesse, que les regards des plus instruits d'entre nos collégiens se promènent sur un texte français du treizième siècle comme sur un livre écrit dans une langue étrangère? En Allemagńe, où, à l'exception des Nibelungen, la littérature du moyen-âge ne présente guère que des traductions, il n'y a point de gymnase qui n'ait ses leçons de moyen haut-allemand; les jeunes gens apprennent à y connaître et y admirer, sous le nom de Hartmann von Aue ou de Walther von der Vogelweide, les poëmes empruntés à nos trouvères. [Cp. D'Assaily, *Les Chevaliers-poëtes de l'Allemagne (Minnesinger)*, 1862, pag. 11 e 57; Gervinus, *Geschichte der deutschen Dichtung*, 5ª ed., t. I, 1871, pag. 519, 545 e segg.]. C'est une partie de l'héritage national que depuis trois siècles nous avons laissé tomber en déshérence et dont il est grand temps de nous ressaisir». M. Bréal, *Quelques mots sur l'instruction publique en France*, 1872, pag. 231, 234. — Cfr. E. Beauvois, *Histoire légendaire des Francs et des Burgondes au IIIe et IVe siècles*, Sens, 1867, pag. VIII. — «S'appuyant sur les principes philologiques posés par M. Diez, MM. Bartsch et Mätzner en Allemagne, en France MM. Littré, Guessard, P. Meyer, G. Paris, ont repris son œuvre pour la langue française en particulier, et par de nombreux travaux de détail ont éclairci le problème de nos origines. Malgré ces efforts incessants, les principes de la philologie française, à peine connus chez nous du public savant, sont encore ignorés de la grande majorité du public lettré.... Chez nos voisins d'Allemagne et d'Angleterre, l'étude de la langue nationale a conquis son droit de cité dans les colléges et les gymnases, où elle règne sans conteste à côté du grec et du latin: elle n'a encore pénétré chez nous, pas même dans l'enseignement supérieur». A. Brachet, *Grammaire historique de la langue française*, 9ª ed. (1873), pag. 6-7. — Cfr. Baudry, *Questions scolaires*, 1873, pag. 19-25; Hippeau, *Dictionnaire de la langue française au XIIe et au XIIIe siècle*, 1873, *Introduction*, pag. I-III.]

[1] *Dictionnaire complet d'Homère et des Homérides*, *Préface*, pag. I-III. Paris (Nancy), 1841.

[2] «Nos savants ne sont pas aussi familiarisés avec l'allemand que les savants étrangers le sont avec notre langue. Si pour elle c'est un grand honneur, il n'en est pas moins vrai que bien des travaux importants de la savante Allemagne courent ainsi le risque de rester longtemps encore lettre close pour notre jeunesse studieuse.... M. le docteur Zunz se plaint avec raison de l'abandon dans lequel se trouve l'histoire littéraire du Judaïsme; on peut avec non moins de raison vivement regretter non-seulement l'abandon des études bibliques en France, mais aussi l'ignorance dans laquelle restent parmi nous, faute de traductions, tant de productions philologiques sur les textes hébreux dont l'Allemagne est si riche. Puissions-nous revoir parmi nous des Bochart, des Richard Simon et des Sylvestre de

os de Guerrier de Dumast, Renan e Maury [1]; o de Ewerbeck, procurando em vão em Paris um editor para a traducção

Sacy! » (*La Bible, traduction nouvelle, avec l'hébreu en regard*, t. XV, Paris, 1851, pag. xv-xvj). — [Cfr. Renan, *Vie de Jésus, Préface de la treizième édition*, pag. XIV da 14ª, 1873; *L'Antechrist, Introduction*, 1873, pag. XLV-XLVII.]

[1] « Sous la Restauration, et même pendant les premières années de la monarchie de Juillet, nous étions, pour l'orientalisme, à la tête de l'Europe [cfr. Pauthier, *Cours complémentaire de géographie, d'histoire et de législation des Etats de l'extrême Orient à l'Ecole spéciale des langues orientales vivantes, discours d'ouverture*, Paris, 1873, p. 17-19]: nous sommes actuellement presque à la queue. Depuis vingt ans, nous n'avons rien fait, rien fondé de sérieux, en faveur des langues de l'Orient.... Or, vingt années ont suffi pour que les autres nations, vivement stimulées ou par leurs gouvernements, ou par des patronages éclairés et généreux, nous aient successivement REJOINTS d'abord, puis DÉPASSÉS en partie. Maintenant, débordés à l'envi, par les Anglais, par les Russes, par les Génevois, — par les Sardes même (lesquels font à Turin, pour leurs belles publications sanscrites, des sacrifices supérieurs, relativement au moins, à ceux dont on se contente à Paris), — nous sommes surtout laissés en arrière par les Allemands, qui tombent bien quelquefois un peu dans le rêve, mais qui, en somme, se sont donné la peine *d'apprendre*, et pour qui notre manque trop général de savoir, dans ces matières, commence à devenir un sujet de comparaisons dédaigneuses ». [G. de Dumast], *L'Orientalisme rendu classique dans la mesure de l'utile et du possible*, Nancy, 1854, pag. 37. — « En France, on était jusqu'à ces derniers temps demeuré presque étranger à ces découvertes de la linguistique. La philologie comparée n'avait rencontré parmi nous que fort peu d'adeptes. Abel Rémusat, dans ses *Recherches sur les langues tartares*, en appliqua quelques principes, mais il généralisa peu les résultats qu'il obtint, et la mort l'enleva avant qu'il eût achevé son œuvre. Klaproth ne marchait point encore d'un pas bien sûr dans la voie nouvellement ouverte; il n'avait pas assez approfondi la grammaire comparée pour s'être familiarisé avec une méthode qui demandait d'abord à être solidement assise, et puis d'ailleurs, quoique habitant la France, il écrivait généralement sur ces matières en Allemand. C'est au-delà du Rhin qu'il faut aller chercher les véritables fondateurs de la science nouvelle: Guillaume de Humboldt, F. Bopp, Jacques Grimm. Leurs ouvrages n'ont malheureusement point encore été traduits en français, et les principes qu'ils ont posés n'ont guère pu se répandre hors de leur pays. Parmi nos érudits, un seul, Eugène Burnouf, entra en même temps qu'eux dans cette voie d'études et fut conduit aux mêmes doctrines; mais la nature spéciale de ses travaux empêcha nos philologues de s'initier aux méthodes et aux idées dont il avait si habilement saisi l'esprit ». A. Maury, *La Philologie comparée, ses principes et ses applications nouvelles*, Paris, 1857, pag. 2. — « J'ai toujours donné pour but à ma carrière scientifique de contribuer selon mes forces à relever les études sémitiques anciennes de l'abaissement où, malgré d'honnorables exceptions, elles sont restées, en France, depuis Richard Simon. De bonne heure je reconnus que l'infériorité critique de la France, au dix-huitième siècle et au commencement du dix-neuvième, surtout quand il s'agit de la haute antiquité, tenait à la faiblesse de ces études parmi nous. Maîtresse des sciences historiques jusqu'à la révocation de l'édit de Nantes, la France, depuis cette fatale époque, lègue à la Hollande

das *Linguas da Europa moderna* de Schleicher [1]; o de Guessard, rejeitado entre os seus, escarnecendo ironicamente dos que se perdem nas catacumbas da historia ou da litteratura sob color de estudarem questões de origens [2]; o de Littré [3], os

et à l'Allemagne le soin de continuer l'œuvre qu'elle avait si glorieusement commencée. Il y a là un grand arriéré de deux siècles à réparer ». Renan, *La Chaire d'hébreu au Collége de France, explications à mes collègues*, 3ª ed., 1862, pag. 6. — Cfr. *Destitution d'un professeur au Collége de France (Questions contemporaines*, 1868, pag. 213).

[1] « Ces travaux [o livro *L'Allemagne et les Allemands* e as traducções de Schleicher e Feuerbach] m'ont paru tellement urgents, que je n'ai pas hésité d'y sacrifier une très-grande partie de ma fortune, après avoir cherché en vain un éditeur à Paris, ville qui aime pourtant à s'intituler *capitale du monde civilisé* ». (*Les Langues de l'Europe moderne, Préface du traducteur*, Paris, 1852, pag. VIII.)

[2] « Belles questions, vraiment, et bien dignes de nous! C'est aux étrangers qu'il faut laisser le souci de les débrouiller et de les éclaircir. C'est aux Allemands que revient de droit cette tâche pénible et fastidieuse. Pendant qu'ils ont la simplicité de passer leur temps et d'user leurs forces à déterrer les statues mutilées de nos anciens poëtes, à retrouver les règles perdues de nos anciens dialectes, la littérature et la librairie françaises s'acquièrent une gloire immortelle par la publication de romans à quatre sous et des *périodiques illustrés* à tous prix! — .... Ceux des libraires mes compatriotes à qui j'ai demandé timidement s'ils voulaient bien consentir à se charger de cette publication, se sont empressés de me répondre *non*. Le premier éditeur allemand auquel j'ai eu recours m'a répondu *jawohl* avec une extrême courtoisie. Grâces lui en soient rendues, à lui et à la docte Allemagne, qui étudie plus que nous et parfois mieux que nous les origines de notre langue et de notre littérature ». (*Grammaires provençales de Hugues Faidit et de Raymond Vidal de Besaudun*, 2ª ed., Brunsvic, 1858, pag. VIII-XVI.)

[3] « Jusqu'à présent les demi-savants, les éplucheurs de mots, se sont amusés à réunir des expressions énergiques qu'ils ont déclaré n'être pas françaises; à frapper du titre de gasconismes, des locutions indigènes bien supérieures à celles dont nous nous servons, au lieu d'en enrichir aussi la langue nationale.... Je connais bien des savants, très-respectables d'ailleurs, qui auraient un très-grand besoin de connaître nos patois, et cela pour bien écrire leur propre langue ». Pierquin de Gembloux, *Histoire littéraire, philologique et bibliographique des patois et de l'utilité de leur étude*, nova ed., Evreux, 1858 pag. XV, XVII. — « Si, par les travaux de la renaissance, par les chefs-d'œuvre des Corneille, des Molière, des Racine, des Voltaire, la langue française en est arrivée à cet admirable état où elle est, ce n'est pas une raison pour oublier les vieux dialectes délaissés des beaux parleurs, et conservés encore par la province plus fidèle à ses vieux us, à ses coutumes vénérables qui sont autant d'honneurs rendus et de souvenirs payés à un passé auquel nous devons d'être ce que nous sommes.... L'étude des dialectes n'est pas sans importance grande pour la connaissance approfondie de la langue française. Certains mots du langage actuel seraient même inexplicables sans l'étude des patois.... Enfin, l'étude des patois n'est pas moins nécessaire à

de Gaston Paris [1] e Emilio Alglave [2]; estes testimunhos sobejarão a instruir o processo scientifico da França nos ultimos vinte annos.

Abel Hovelacque, a quem por certo se não arguirá nem tibieza nem indecisão de espirito nacional, dizia ainda hontem — ha tanto tempo que já a sua voz deixou de ser ouvida: « C'est d'ailleurs un cas bien fréquent que de rencontrer encore à l'heure actuelle nombre de lettrés, et des plus distingués, raisonnant des langues, de leur formation, de leur consti-

celui qui veut savoir ce que sont devenus les termes latins en France qu'à celui qui veut lire et comprendre le vieux français. Le premier trouvera bien des lacunes comblées de la sorte; il verra, par exemple, que le patois d'Angoulême a seul conservé le *cremare* latin dans son *crémer*, brûler, le *vimen* latin dans son *vimes*, osier, que le seul Morvandiau dit encore *moime* pour *minimus*, et que ce n'est qu'au Berry que *jubilare* est resté sous la forme de *jeûler*. Le second, d'autre part, s'expliquera maint sens, mainte interprétation difficile des vieux textes par la connaissance des dialectes ». Girard de Rialle, *Projet d'enquête sur les patois français*, Paris, 1868, pag. 5, 7 e 9. — « Malheureusement toutes ces sources de langue qui coulent dans les patois sont loin d'être à la portée du lexicographe. Il s'en faut beaucoup que le domaine des parlers provinciaux ait été suffisamment exploré. Il y reste encore de très-considérables lacunes. C'est aux savants de province à y pourvoir; et c'est à l'Académie des inscriptions et belles-lettres à encourager les savants de province ». Littré, *Dictionnaire de la langue française*, *Préface*, 1863, pag. XXVIII. — Cfr. *Histoire de la langue française*, t. II², 1863, pag. 93-112; e Bréal, *Les Idées latentes du langage*, 1868, pag. 5-6.

[1] « Cette étude est la thèse que j'ai soutenue à l'Ecole des Chartes, pour obtenir le diplôme d'archiviste-paléographe. La bienveillance avec laquelle elle a été accueillie m'a encouragé à la publier, bien que je ne me fasse pas d'illusions sur le nombre de lecteurs qu'elle peut raisonnablement espérer. Les amateurs de philologie française sont toujours bien rares, et la plupart même de ceux qui s'occupent de notre vieux langage en font uniquement une affaire de curiosité. Je serais heureux si je pouvais contribuer à faire voir que c'est une science aussi bien que la philologie classique ou orientale.... » (*Étude sur le rôle de l'accent latin dans la langue française*, 1862, pag. 1.)

[2] « En effet, on a déjà suivi pas à pas dans les chartes des différents siècles, les phases successives de la formation des mots français, et nulle part on n'a aperçu cette prétendue langue romane, imaginée par Raynouard sur des indices insignifiants, idiome qui aurait succédé dans toute l'Europe romaine au latin proprement dit, et aurait lui-même servi de souche commune à toutes les langues néo-latines... Aussi la langue romane ne compte-t-elle plus que de bien rares partisans parmi nos érudits; mais elle règne encore dans l'enseignement secondaire où les idées nouvelles ont toujours beaucoup de peine à se faire accepter, ce qui le tient souvent en retard de plus de vingt ans sur le mouvement intellectuel ». (*L'École des Chartes et son enseignement.* Na *Revue des cours littéraires de la France et de l'étranger*, t. II, 1864-1865, pag. 843.)

tution et de leurs variations, comme si Bopp n'avait jamais existé.... On ne parle guère physique ou chimie sans avoir étudié la physique ou la chimie ; on s'abstient moins déjà de trancher selon les fantaisies du moment des questions naturelles telles que celles de l'hétérogénie, du polygénisme, de la mutabilité des espèces ; mais l'on devient tout à fait concluant sur le terrain linguistique [1]. Quant à s'inquiéter du devenir naturel, quant à se procurer une simple notion de la morphologie comparée, même de la phonétique la plus élémentaire, à quoi bon cela ? » [2]

E o auctor, para justificar as suas palavras, lembra o exemplo de um grande nome. Qual ? O de Dupanloup. E em que livro então ! No que se intitula *De la haute éducation intellectuelle*, onde o latim é dado como uma derivação dos dialectos dorico e eolico [3].

Ora, o vicio d'esta opinião, que ainda assim é a de Niebuhr e de Otfried Müller [4], foi demonstrado pela linguistica mo-

[1] [Vej., acêrca de *L'Homme qui rit*, J. Vinson, *Victor Hugo et la langue basque*, na *Revue de linguistique et de philologie comparée*, t. V, Vienna, 1873, pag. 434-6. E na *Revue critique d'histoire et de littérature* (abril de 1874, pag. 218-223) o artigo de L. Havet por occasião do *Quatrevingt-treize.*]

[2] *Instructions pour l'étude élémentaire de la linguistique indo-européenne*, pag. 44-45. Paris, 1871.

[3] « Ainsi, savez-vous quelle idée possède et inculque concernant la parenté du grec et du latin l'un de nos Quarante, et des plus en scène ? Voici : « Je ne puis oublier ici un des mérites, un des prin-
« cipaux titres de gloire de la langue grecque : c'est qu'elle a été la
« mère de la langue latine, et, par elle, et avec elle, la mère et
« l'inspiratrice des plus belles langues modernes de l'Europe. Le la-
« tin, en effet, n'est qu'une dérivation des dialectes dorien et éolien ».
Ajoutez que ces lignes, si dogmatiquement et décidément présentées, sont extraites d'un ouvrage affublé du titre « De la haute éducation intellectuelle » tome I page 187 [167 da edição de 1870], et que leur auteur, si je ne me trompe, est celui qui a combattu avec un à-propos et une tempérance de langage peu vulgaires la candidature académique de M. Littré ». — [Veja *L'Élection de M. Littré à l'Académie Française, par Mgr. l'évêque d'Orléans, suivi d'une réponse au Journal des Débats*, Paris, 1872 ; e cfr. A. Milcent, *Du Dictionnaire de Nysten transformé en dictionnaire de médecine matérialiste par MM. Littré et Robin*, 1856.]

[4] « Quanto non si era pensato e scritto per determinare la genesi e la relazione reciproca delle due lingue ! Onde sono esse provenute ; sono sorelle, o figlie l'una dell'altra? Qual è il tipo della loro formazione ? Con che diritto le chiamiamo noi in mezzo a tutte le altre dell' umanità lingue classiche? Le risposte a questi problemi non erano

derna [1]; e Schleicher já em 1850 considerava mais facil provar que o grego procedeu do latim do que mostrar que o latim derivou do grego [2]. Quando se estuda a anatomia comparada dos idiomas, diz Delius, verifica-se ser o corpo da lingua la-

state che un mucchio di errori. Per Niebuhr questa forte e compatta omogeneità latina non era che il risultato artificioso cioè riflesso di un sincretismo italo-greco, e la parola alata di Omero, quest'organo dell'idealità più autonoma del mondo, non era per Buttmann, che un gruppo di anomalie ». Lignana, *Anniversario Bopp*, Napoles, 1866, pag. 10. — [Cfr. Max Müller, *Ueber die Resultate der Sprachwissenschaft*, 3ª ed., Strasburgo, 1872, pag. 11.]

[1] « Je dois combattre une ancienne opinion, abandonnée aujourd'hui: à savoir que le latin était une simple dérivation du grec. La philologie comparée nous enseigne, au contraire, que, dans beaucoup de cas, l'idiome de l'Italie a conservé des formes plus antiques et plus rapprochées du langage primitif des *Aryas* que ne le sont les formes fournies par les dialectes grecs les plus anciens ». Oppert, *Considérations générales sur la philologie comparée des langues indo-européennes*, Paris, 1858, pag. 14. — Cfr. Heyse, *System der Sprachwissenschaft*, Berlin, 1856, § 75, pag. 185; A. Maury, *La Philologie comparée, ses principes et ses applications nouvelles*, Paris, 1857, pag. 11; Jacob Grimm, *De l'Origine du langage*, trad. de F. de Wegmann, 1859, pag. 7; *Geschichte der deutschen Sprache*, t. I[3], Leipzig, 1868, pag. 6; Chavée, *Les Langues et les races*, Paris, 1862, pag. 14; Bréal, *De la Méthode comparative appliquée à l'étude des langues*, 1864, pag. 8; Bailly, *Notions historiques sur les rapports de parenté du grec et du latin* (*Manuel pour l'étude des racines grecques & latines*, 1869, pag. 18-21); Di Francia, *Il passato e lo avvenire della linguistica* (*Saggi di logologia*, t. I, Messina, 1870, pag. 13); — [Farrar, *Families of Speech*, 2ª ed., Londres, 1873, pag. 43] — « Yet more untenable, and wanting even a semblance of foundation, is the derivation of Latin from Greek, a favourite dogma of times not long past, but at present abandoned by every comparative philologist whose opinion is of the slightest value ». Whitney, *Language and the study of Language*, Londres, 1867, pag. 220. — « It is as impossible to derive Latin from Greek, or Greek from Sanskrit, as it is to treat French as a modification of Provençal ». Max Müller, *Science of Language*, I[6], pag. 197.

[2] *Les Langues de l'Europe moderne*, traducção de Ewerbeck, pag. 176, 193. Paris, 1852.

Sem embargo da sua grande erudição, Obry, a quem em 1835 eram já familiares os trabalhos de Bopp (vej. a memoria intitulada *Du Verbe substantif et de son emploi comme auxiliaire, dans les conjugaisons sanscrite, grecque et latine, à la voix active*, pag. 7), escreve mais recentemente: « M. Francis Wey blâme peut-être d'une manière trop absolue et nos vieux grammairiens d'avoir construit la grammaire française sur le modèle des Latins, et les grammairiens romains de la décadence d'avoir bâti la leur sur le plan des Grecs. Rien n'était plus naturel que cette double imitation, puisque le latin s'était formé du grec éolien, comme le français est né du latin ». (*Étude historique et philologique sur le participe passé français et sur les verbes auxiliaires*, Paris, 1852, pag. 14). — E L. Michel, *Études sur la signification des mots d'après les éléments dont ils sont formés et les familles étymologiques dont ils font partie*, 2ª ed., 1865, pag. 173: « La lan-

tina mais antigo que o da grega. Deduzir o latim do dialecto eolico importa, logo, um anachronismo [1].

« O sr. Innocencio limita-se a falar-nos da Inglaterra e da França. Fez bem, alias mentiria ainda mais ».

Não sohiam mentir os Portuguezes.
Entrou novo costume....

« Se falasse da Italia, não veria que nos estudos linguisticos esse pays nos envergonha tambem. Na Universidade de Milão os cursos de Ascoli rivalizam com os do mais habil professor de Allemanha. O Instituto de França fez justiça ultimamente a esse sabio eminente, coroando-lhe o seu livro in-

gue française dérive de la langue latine, qui elle-même dérive de la langue grecque ». — « É de suppor que o latim, procedendo do dorico e eolico.... », diz tambem o sr. barão de Villa-Nova de Fozcoa no seu inestimavel opusculo *A Lingua portuguesa é filha da latina*, Lisboa, 1843. — Apezar de que se conta de 1816 o descobrimento da unidade genealogica das linguas indo-europeas, a verdade é que a posição do sanskrito ainda annos depois não estava claramente determinada. « Je ne crois pas, dit M. Bopp dans les Annales de littérature orientale (1820), qu'il faille considérer comme issus du sanscrit le grec, le latin et les autres langues de l'Europe... Je suis plutôt porté à regarder tous ces idiomes sans exception comme les modifications graduelles d'une seule et même langue primitive ». (BRÉAL, *Introduction à la Grammaire comparée des langues indo-européennes, extrait du tome premier*, Paris, 1866, pag. XLIII. — Cfr. Lignana, *Le Trasformazioni delle specie e le tre epoche delle lingue e letterature indoeuropee*, Roma, 1871, pag. 17). — Comtudo, em 1821, um auctor nosso hoje quasi esquecido, Rodrigo Ferreira da Costa, affirmava nas *Memorias da Academia* (t. VIII, part. I, *Reflexões e observações prévias para a escolha do melhor systema de orthographia portuguesa*, pag. 21): « Tem-se nomiado a lingua grega avó da portuguesa, reputando-se a latina filha d'ella; mas isto não é exacto. Já esta se achava formada pelas dos antigos habitantes do Lacio, e polida ao gosto dos romanos, quando a communicação d'estes com os gregos, e estudo que passaram a fazer das doutrinas e systemas da Grecia, abriu entrada no latim a muitas dicções gregas, que ainda nos ultimos tempos da republica os doutos se receavam de empregar. São pois as linguas grega e latina verdadeiramente irmans e contemporaneas ». Não filhas do sanskrito — accrescenta o sr. conselheiro Viale (*Miscellanea hellenico-litteraria*, 1868, pag. 182) — « senão irmans mais novas, formadas (como seculos depois se falaram e escreveram) do cabedal primitivo recebido dos aryas e de numerosissimas acquisições feitas em resultado de muitas e varias migrações e da frequente communicação com nações de differente origem.... »

[1] Mommsen (*Römische Geschichte*, l. I, cap. II, pag. 12-13 da ed. de 1856), estabelecendo em relação aos outros idiomas indo-europeus a individualidade da linguagem italica, pôi de manifesto, assim pelo

titulado *Curso de phonologia comparada*. Em Pisa fez-se conhecido pelos seus trabalhos o professor Comparetti ; e não são esses os unicos linguistas de Italia. Nos Estados-Unidos, na India, nos payses scandinavos, na Russia, na Austria [até na Austria tem cultores uma sciencia alleman [1] : toca em prodigio !] tem a sciencia de Bopp muitos cultores ».

Realmente, se, falando da Italia, V. Ex. lhe negasse em linguistica producções anteriores ás de Ascoli e Comparetti, se o fizesse, diria contra a consciencia [2], faltaria á verdade [3], mentiria emfim — mentiria pela gorja ou pela glotte, é indifferente por onde. Desculpe-me o sr. Adolpho Coelho alguma

lado da geographia como pela da linguistica, o seu estreito parentesco com o grego : — « Gregos e italos são irmãos ; primos d'elles, os celtas, os germanos e os slavos ». — Ainda aqui, porêm, surgem asperas difficuldades ; e a opinião de uma intimidade maior entre o grego e o latim, defendida com talento por Curtius, entende Hovelacque que não resiste ás considerações enunciadas por Ebel, Lottner, Cuno e Schleicher, unanimes em affirmarem mais apertada ligação entre as linguas celticas e italicas. (*Instructions*, pag. 65). [Cfr. *Revue de linguistique et de philologie comparée*, t. V, Vienna, 1872-1873, pag. 106 ; Rabasté, *De la langue osque d'après les inscriptions et de ses rapports avec le latin*, Rennes, 1865, pag. 87 - 96 ; A. Fick, *Vergleichendes Wörterbuch der indogermanischen Sprachen*, 2ª ed., t. II, Göttingen, 1871, pag. 1051-1052 ; J. Schmidt, *Die Verwantschaftsverhältnisse der indogermanischen Sprachen*, Weimar, 1872, pag. 23-25 ; Max Müller, *Ueber die Resultate der Sprachwissenschaft*, 3ª ed., Strasburgo, 1872, pag. 18-19 ; Hovelacque, *Notice sur les subdivisions de la langue commune indo-européenne*, no t. I da *Revue d'anthropologie*, Paris, 1872, pag. 476-477 ; e *Les Celtes de la linguistique*, no t. II, 1873, pag. 487-499.]

[1] « A moderna glottica é essencialmente uma sciencia alleman ; foi na Allemanha que nasceu, é lá que a maior parte dos trabalhos de que é objecto ou em que se applica teem sido feitos ». F. Adolpho Coelho, *Sôbre a necessidade da introducção do ensino da glottica em Portugal*, Lisboa, 1870, pag. 6.

[2] « Ie sçay bien que les grammairiens font difference entre dire mensonge, et mentir ; et disent que dire mensonge, c'est dire chose faulse, mais qu'on a prins pour vraye ; et que la definition du mot de mentir en latin, d'où nostre françois est party, porte autant comme aller contre sa conscience [« *Mentiri*, quasi *contra mentem ire* », diz Coste, nota da ed. de 1745] ; et que, par consequent, cela ne touche que ceulx qui disent contre ce qu'ils sçavent, desquels ie parle ». Montaigne, *Essais*, l. i, cap. ix.

[3] [« É um dos symptomas characteristicos do nosso estado, que para tudo o que é illicito e infame se achasse uma palavra bonita, com que se podesse mascarar o vicio.... O *faltar á verdade*, em logar de *mentir*, é uma invenção da nossa sociedade, onde se respira a mentira e a impudencia com o ar da vida ». Joaquim de Vasconcellos, *O consummado germanista*, Porto, 1873, pag. 171.]

imperceptivel hesitação face a face da palavra accommodada, *le mot propre, ce rustre.* Detinha-me um quasi nada de escrupulo. Não se afouta um a romper assim de repente com os usos: a preoccupação talvez nos vem de França [1] ou de mais longe. É a metonymia parte do sangue das linguas. Soccorremo'-nos amiude ás periphrases medrosas, moeda falsa do espirito; consentimos á boamente nessas petições de principio a serviço do vocabulario; recebemol-as, com ellas nos pagâmos...

Pourtant votre heure est proche, ô spectres du langage! [2]

Estavamos na Italia, *magna parens frugum*, e em presença dos seus philologos.

Lambruschini, que teve a *Guida dell' Educatore* honrada com o applauso de Ascoli [3], e Galvani, auctor de uma dissertação sôbre o latim archaico citada por Diez [4], são-nos já conhecidos.

Eis Biondelli e Carlos Cattaneo, ambos celebres, um pelo seu *Atlante linguistico d' Europa*, pelo *Saggio sui dialetti gallo-italici*, pelos *Studii linguistici*, a cujo proposito Ascoli escrevia em 1861: « Linguista più operoso del Biondelli non saprei citare in Italia » [5]; o outro pelos varios escriptos *Del nesso*

[1] « Le blâme énergique qui s'est attaché à la signification primitive de *Inconvenance*, *Insolence* et *Impertinence* est une preuve frappante de l'amour du français pour les usages reçus ». Édélestand Du Méril, *Essai philosophique sur la formation de la langue française*, Paris, 1852, pag. 96.

[2] André Lefèvre, *L'Épopée terrestre*, pag. 139. Paris, 1868.

[3] *Lezioni di fonologia comparata del sanscrito, del greco e del latino, date nella Regia Academia Scientifico-Letteraria di Milano*, pag. 21, nota. Milão, 1870.

[4] « Nè passeremo per ultimo sotto silenzio i sudati lavori del benemerito nostro italiano Giovanni Galvani, che, sulle traccie del Raynouard, e sorretto da profondi studj sui monumenti occitanici inediti, superò tutti i suoi connazionali in quest' arringa ». Biondelli, *Studii linguìstici*, Milão, 1856, pag. 136. — Cfr. Risi, *Dei tentativi fatti per spiegare le antiche lingue italiche e specialmente l' etrusca*, 1863, pag. 175; [Flechia, *Archivio glottologico italiano*, II, 1873, pag. 1; Tobler e D' Ancona, *Romania*, II, pag. 337, 407-8].

[5] *Studj critici*, I, pag. 3. Gorizia, 1861.

fra la lingua valaca e l' italiana (1837), *Sul principio istorico delle lingue europee* (1842), *Su la lingua e le leggi dei Celti* (1844), no primeiro dos quaes aventura a idea a que Max Müller, annos depois, na eloquente conferencia sôbre a *Stratificação da linguagem*, havia de emprestar o brilho do seu grande talento e a abundancia do seu vasto saber: « Così il fugèvole testimonio della rozza parola vulgare può èssere per l' istoria delle società umane ciò che le stratificazioni del suolo sono per l' istoria del globo » [1].

O numero dos operarios avulta d'ahi a deante, e o das obras cresce de monte a monte.

Amari, Gorresio, Fabretti, Conestabile, Luzzatto, Narducci, e Maggi, e Sanguinetti, e Paulo Marzolo, e o *decano dos orientalistas*, Amadeu Peyron [2], e outros e outros illustram a historia d'esse periodo, sôbre todos fecundo para a glottologia semitica e indiana [3].

Depois vem Ascoli e os *Studj orientali*, os *Studj ario-semitici*, os *Studj irani*, os *Frammenti linguistici*, os *Corsi di*

---

[1] *Alcuni scritti*, vol. I, Milão, 1846, pag. 192. — [Cfr. Curtius, *Zur Chronologie der indogermanischen Sprachforschung*, 2ª ed., Leipzig, 1873, pag. 10-11.]

[2] [« Gl' italiani sono ancora ben lungi da quella sobrietà, che è la vera forza dei tedeschi. Rassegnarsi a modesti confini, rassegnarsi a quell' ampiezza che non proviene se non dalla profondità o dagli ingrandimenti del microscopio, è cosa ancora ben rara fra noi. Ripugnano a questo le antiche abitudini delle scorrerie illimitate, la presunzione, forse non vana, di una particolare attitudine a quell' opera connettiva che altrove par diventata impersonale, o la presunzione, non del tutto vana anch' essa, che il gran dilatarsi di ogni singola provincia non vieti ancora all' ingegno italiano quella versatilità che ha permesso ad Amedeo Peyron di stampar così profonde orme sopra campi tanto disparato ». Ascoli, *Lettere critiche*, no t. VI da *Revue de linguistique et de philologie comparée*, Vienna, 1873-1874, pag. 106. — Cfr. Calligaris, *Le Compagnon de tous, ou Dictionnaire polyglotte*, t. I, parte 2ª, pag. 8, Turin, 1864.]

[3] Ascoli, *Studj orientali e linguistici*, fasc. I, Gorizia, 1854, pag. 41 e 146; Biasutti, *La Filologia comparata e l' insegnamento classico dei ginnasi*, 2ª ed., Veneza, 1867, pag. 20-21; Dugat, *Histoire des orientalistes de l'Europe*, t. I, Paris, 1868, pag. XLIII.

[« Aux sociétés asiatiques déjà existantes en Angleterre, dans l'Inde anglaise, en Amérique, en Allemagne, est venue cette année s'en ajouter une nouvelle, à laquelle nous souhaitons la bienvenue; c'est la *Società italiana per gli studi orientali.* Le mérite des personnes qui composent cette société nous est un gage assuré des services qu'elle rendra. L'Italie a toujours tenu dans les études orientales un rang distingué; sa position politique, ses vieilles collections,

glottologia; Comparetti e os *Saggi dei dialetti greci dell' Italia meridionale* [1]; Morosi e os *Studi sui dialetti greci della Terra d'Otranto* [2].

A pouco e pouco a Italia, a grande morta, tem readquirido a consciencia de si mesma. Retinnem-lhe aos ouvidos as imprecações de Leconte de Lisle:

> Hérisse de fureur tes cheveux par les airs,
> Reprends l'ongle et la dent de la louve du Tibre,
> Et pousse un cri suprême en secouant tes fers.
>
> Debout! debout! Agis! sois vivante, sois libre! [3]

Inscrevem-se antes e ao mesmo passo que os trabalhos de Nannucci [4] e Traina, os de Demattio [5] e Risi, Tommaseo

les rares qualités de son esprit national, la mettent à même de contribuer puissamment aux progrès de certaines branches. Groupés en faisceau, ses efforts vont acquérir un nouveau degré de vigueur ». E. Renan, *Rapport sur les travaux du conseil de la Société Asiatique pendant l'année* 1872-1873, no *Journal asiatique*, serie 7ª, t. II, pag. 81-82. — Vej. *Annuario della Società italiana per gli studj orientali*, anno I, Roma, 1873.]

1 [Consulte, na *Rivista di filologia e d' istruzione classica*, t. II, Turin, 1873-1874, A. Pellegrini, *Il dialetto greco-calabro di Bova*. Para o vol. III do *Archivio glottologico italiano* annunciam-se: *I dialetti romaici del mandamento di Bova in Calabria, descritti da G. Morosi.*]

2 [Acêrca dos numerosos trabalhos sôbre os dialectos italianos, E. Picot, *De deux publications récentes relatives aux dialectes de l'Italie septentrionale*, no t. VI da *Revue de linguistique et de philologie comparée*, Vienna, 1874, pag. 231. — Cfr. *Bibliothèque patoise de M. Burgaud des Marets*, parte I, Paris, 1873; parte II, 1874; *Il Propugnatore*, t. V, parte II, Bolonha, 1872-1873, pag. 305-319 (Giuliari, *Proposta di una bibliografia de' dialetti italiani*); t. VI, parte I, pag. 279 (Corazzini, *Programma per una società dialettologica italiana in Firenze*); Pitrè, *Bibliografia dei canti popolari d'Italia (Biblioteca delle tradizioni popolari siciliane*, t. I, Palermo, 1871, pag. 175-181: cfr. t. III, 1872, *passim)*; Pitrè, *Le Lettere, le scienze e le arti in Sicilia negli anni* 1870-1871, pag. 5-7; Ascoli, *Saggi ladini*, I, Milão, 1873, pag. 252, 407, 477, etc. — No estudo *Del posto che spetta al ligure nel sistema dei dialetti italiani* promette este ultimo auctor um *Indice bibliografico* que fechará o vol. II do *Archivio glottologico.*]

3 *Poésies barbares*, pag. 186. Paris, 1862.

4 *Voci e locuzioni italiane derivate dalla lingua provenzale.* Florença, 1840.

5 *Origine, formazione ed elementi della lingua italiana.* Innsbruck, 1869.

e Spano, Cantù [1] e Emilio Teza; inscrevem-se ao lado dos de Nigra, « l'aimable diplomate qui est en même temps un philologue de premier ordre » [2], os de um auctor que a Italia reivindica para si, Mussafia [3], cuja reputação abrange os dous mundos.

Succedem-se á porfia a *Grammatica sanscrita* de Flechia, a *Grammatologia comparata della lingua albanese* de Camarda, a *Piccola Enciclopedia indiana* de Angelo De Gubernatis, os *Principii di grammatica sanscrita* de Giussani, os *Saggi di logologia* de Raphael Di Francia, a *Grammatica greca* de Inama, o *Trattato della prosodia, dell' accento e della pronuncia nella lingua latina* de Minotto, as traducções de Heyse, Max Müller, Schleicher, Leo Meyer, Curtius, Schultz, Carlos Schenkl, Boeckel, Schweizer-Sidler...

E não obstante todo o alvoroço e actividade d'este grande trafego scientifico, a despeito do movimento communicado ao ensino nos cursos de professores eminentes [4], Comparetti em

[1] *Vestigia primitive della lingua e dei dialetti italiani.* Veneza, 1870.

[2] L. Leger, *La celtomanie et les études celtiques* (*Revue des cours littéraires de la France et de l'étranger*, VII, Paris, 1869-1870, pag. 621).

[3] [P. Meyer, *Romania*, I, pag. 260; Ascoli, *Saggi ladini*, I, pag. XL, nota; E. Picot, *Revue de linguistique*, VI, pag. 278.]

[4] [« Le università italiane oggi sono come tagliate fuori del movimento nazionale, senz' alcuna azione sullo Stato che si dichiara essere neutro, e con piccolissima azione sulla società di cui non osano interrogare le viscere. Divenute fabbriche di avvocati, di medici e d' architetti, se intenderanno questa missione della scienza odierna, se usando la libertà che loro è data, affronteranno problemi attuali e taglieranno sul vivo, se avranno l' energia di farsi esse capo e guida di questa restaurazione nazionale, ritorneranno, quali erano un tempo, il gran vivaio delle nuove generazioni, centri viventi e irraggianti dello spirito nuovo ». F. De Sanctis, *La Scienza e la vita, discorso inaugurale letto nella Università di Napoli*, 1872, pag. 41. — « La scarsità dei sussidj mi ha impedito di portare lo studio degli idiomi pracritici a quella maturità che io sperava. Poichè l'Italia nuova ha bensì istituito, con una larghezza che la onora, molti insegnamenti glottologici ed orientali; ma i reggitori della publica istruzione, distratti da cure più urgenti, non si sono forse peranco fermati il pensiero, che le nostre catedre, senza doviziose biblioteche ad essi speciali, sono altrettanti istituti astronomici cui manchino le specole od i telescopj ». Ascoli, *Corsi di glottologia*, t. I, Milão, 1870, pag. XII. — « Sarebbe utile davvero, che anche l' insegnamento della grammatica latina venisse nelle scuole più razionalmente trat-

Pisa, Ascoli em Milão, Flechia em Turin, Lignana em Napoles, confessa Biasutti [1] que a philologia comparada « non è gran fatto coltivata in Italia », e Pezzi [2] sente ainda hoje que a « nova linguistica » tem de luctar com o preconceito, com a ignorancia e com a indifferença [3], como ha dezesepte

tato, almeno nelle classi superiori.... Ma per ora pare vana la speranza di vedere un progresso in questa parte dell' insegnamento ginnasiale, come pure in quello della lingua italiana. Forse eserciteranno una salutare influenza quelle cattedre di grammatica greca e latina, e di filologia romanza, che verranno istituite alla facoltà di lettere dell' Università di Roma ». J. Müller, *Grammatica della lingua greca di G. Curtius, versione italiana*, prefacio da 3ª ed., Turin, 1873, pag. IV. — « Qui una plebe di pedanti, per insipienza, per arroganza, per infingardaggine, per cupidigia, si arrabatta contro i nuovi metodi germanici più razionali per lo insegnamento del latino e del greco ne' ginnasii e ne' licei ed erutta scioccherie tali che non meritono l' onore di una risposta: là un volgo di retori camuffati da filologi raglia, calunniando, contro la scienza del linguaggio, della quale fu creatrice ed è ancora suprema maestra l' Allemagna. Ed ora con lepida gravità dottorale accusano i linguisti di voler restringere lo studio del latino a ricerche etimologiche, di non essere altro che uccellatori di suoni, di sillabe, di distogliere i giovani dal culto dei classici antichi e di ottundere gl' ingegni : ora, mutando la toga del professore nella veste di Arlecchino, sgavazzano buffoneggiando, proponendo, a nome della odierna glottologia, certe strampalate derivazioni di vocaboli ». Pezzi, *Considerazioni sull' istruzione, soprattutto classica, in Italia (Rivista di filologia e d' istruzione classica*, t. I, Turin, 1872-1873, pag. 451). — Cfr. *Teorica dei suoni e delle forme della lingua latina* de Schweizer-Sidler, prefacio do traductor, 1871, pag. VIII ; e Ascoli, *Archivio glottologico italiano*, t. I, Milão, 1873, pag. XXXVI, nota.]

[1] *Della Filologia comparata e delle sue relazioni collo studio delle lingue, coll' archeologia, coll' etnologia, colla storia e colla filosofia*, pag. 25. Veneza, 1865.

[2] *Introduzione allo studio della scienza del linguaggio*, pag. 33 e 77. Turin, 1869.

[3] « La quale, benchè vada gloriosa di una piccola, ma illustre falange di Linguisti e di Comparatori, che sursero al surger della Scienza e lavorando strenuamente progredirono coi progressi di quella, si mostrò più del dovere diffidente o incurante di quei nuovi principii, che venivano d' oltr' alpe un po' burbanzosi a scalzare dalle fondamenta il venerando edificio della vecchia Filologia ». Fumi, *Intorno agli studii linguistici (Illustrazioni filologico-comparative*, Napoles, 1868, pag. XVIII). — « La grammatica filosofica, e storica di Wolf non può più essere che quella, che si fa mediante il criterio del tipo Indo-Europeo. Generalmente poco si bada alle conseguenze di questa immensa trasformazione. Alcuni, come nulla fosse, continuano parasiti a rodere le poche reliquie della lauta imbandigione della rinascenza, e ad altri saggiamente memori dell' aurea mediocrità basta quà, e là un rivolo dedotto a caso dalla nuova sorgente sulle foglie per sempre inaridite ». Lignana, *La Filologia al secolo XIX*, Napoles, 1868, pag. 56. — « La filologia comparata, le cui norme hanno illuminato i

annos Ascoli deplorava a *squallida condizione* em que se viam, na patria de Luzzatto e Amari, os estudos orientaes [1], e como Biondelli se envergonhava de que deixassem a extrangeiros o encargo de escreverem a historia raciocinada do italiano [2],

nostri passi, è una scienza nuova e che conta pochissimi cultori in Italia. Crediamo adunque far cosa grata al lettore, adombrando succintamente i principii sui quali poggia questa scienza, che non può mancare di divenire, forse in un tempo non lontano, il regolo dello studio delle lingue in tutte le scuole del mondo incivilito ». Delatre, *Vocaboli germanici e loro derivati nella lingua italiana*, Roma, 1871, pag. VIII. — [« Furono i Tedeschi gl' iniziatori di quello studio storico-comparativo delle arie favelle, che non è ultimo certamente tra i vanti scientifici della età nostra: è pertanto affatto naturale che da questa nobile e potente cospirazione di studi venisse in Germania, e non altrove, irradiato di nuova e non sperata luce il linguaggio dei nostri padri, nei singoli eleménti ond' esso è costituito, nei varii periodi della sua vita, nei rapporti esistenti fra esso e gl' idiomi cognati e l' ario primitivo e fondamentale, di cui e questi e quello non sono se non forme svoltesi variamente nello spazio e nel tempo.... Sciaguratamente queste rivelazioni della scienza germanica sono per lo più o ignorate, o, peggio, mal conosciute fra noi Italiani ». Pezzi, *Grammatica storico-comparativa della lingua latina giusta i risultati degli studi più recenti*, Turin, 1872, pag. V-VI.]

[1] *Studj orientali e linguistici*, t. I, pag. 146. Gorizia, 1854.

[2] « In simigliante maniera scomparvero altri preziosi manoscritti, che a nostra vergogna vediamo notati nei cataloghi delle biblioteche britanniche e francesi; e così spariranno quelli che ci rimangono, obbliati nei nostri archivj pubblici e privati, se ci staremo ancora colle mani a cintola, contenti delle stucchevoli postille del Dante o del Pataffio, aspettando che gli stranieri intessano la storia ragionata di nostra lingua, pubblicando quei materiali medesimi che ci hanno carpiti ». Biondelli, *Studj sulle lingue romanze* (*Studii linguìstici*, Milão, 1856, pag. 140). — « Noi passiamo infine alla grammatica storica dell' italiano, per la quale è doloroso soltanto che gli Italani abbiano così poco lavorato.... Dissertazioni poi sulle origini della nostra lingua non mancano nelle numerose storie letterarie che avemmo negli ultimi tempi; ma sono tutte copie di copie, e fatte per giunta da quegli alti burgravii del regno letterario con sommo disdegno delle « pedantesche indagini grammaticali ». Canello, *Il Prof. Federigo Diez e la filologia romanza nel nostro secolo*, Florenza, 1871, pag. 71, 72. — [« Messa in chiaro la origine del nostro idioma e conosciute le leggi generali delle lingue; le filiazioni, le somiglianze, le parentele fra le diverse favelle; fu reso possibile di spiegar nettamente e sicuramente le forme della grammatica italiana non meno che delle lingue sorelle nella loro relazione colla madre latina. A ciò hanno dato opera con molto buon successo vari dotti stranieri, quali sono il Raynouard, il Fuchs, il Blanc e, per tacere di tanti altri, Federico Diez, che può dirsi il Bopp delle lingue romane ». Fornaciari, *Grammatica storica della lingua italiana estratta e compendiata dalla Grammatica romana di Federico Diez*, part. I, Turin, 1872, pag. III. — « La conoscenza delle cose nostre letterarie, mercè l' applicazione di questa [la filologia comparata] è salita fuori d' Italia ad altezze rapide ed insperate. Ed essa oggi fa parte di una scienza, la quale in molti paesi fiorisce splendidamente; salvo

a lingua que Di Giovanni diz conservada á Italia pela Tos-

che nel nostro, ove in generale se ne ignorano financhc i risultati più ovvii. Chi crederebbe a tanta vergogna? Volgono già quasi quarant'anni, ed uno straniero il cui nome avanza ogni lode, il prof. Federico Diez, dava in luce la grammatica comparata delle lingue romanze. Quest' opera che rinnovava le fondamenta della filologia neolatina, creando una scienza che dovrebb' essere tutta cosa nostra; quest' opera, che in Germania ha già veduta la terza ristampa, in Italia non trovò finora un editore che ardisse pubblicarne una traduzione! Eppure all' estero essa fu la potente scintilla, da cui ebbe origine tutto quel movimento scientifico, che ora ci fa quasi stupiti». E. Monaci, *Proemio* da *Rivista di filologia romanza*, t. I, Imola, 1872-1873, pag. 5-6.—«I sigg. A. Brachet e G. Paris hanno cominciato a pubblicare la loro traduzione della *Grammatica delle lingue romanze* di F. Diez. Nei paesi nostri dove il tedesco è ignorato ancora da molti dotti, questa traduzione renderà finalmente noto un libro che da quasi 40 anni rinnovava la filologia romanza, senza che la maggior parte dei filologi nostri se ne fosse per anco accorta». *Rivista romanza*, pag. 137.—«Riconosciamo di buon grado come generalmente in esso [fala do opusculo *Sull' origine dell' unica forma flessionale del nome italiano* de Francisco D'Ovidio] il giovane autore non solo siasi mostrato peritissimo della sua materia, ma abbia dato bella prova di quel criterio storico delle lingue che pur troppo in Italia è ancora una dote assai rara, anche tra coloro che fan professione di lettere e filologia; e ci rallegriamo pertanto che la linguistica venga ad avere in questo egregio professore un valente cultore, che coll' insegnamento e cogli scritti potrà certo giovar grandemente a promuover questa sorta di studi nel nostro paese». Flechia, *Rivista di filologia e d' istruzione classica*, t. I, Turin, 1872-1873, pag. 100.—«Noi non vediamo le cose così color di rosa come il prof. Demattio e ci pare affatto impossible che il suo libro [*Sintassi della lingua italiana, con riguardo alle principali attinenze della sintassi latina e greca*] e quello del sig. Fornaciari possano per ora venir introdotti nel liceo, e meno ancora nel ginnasio. Che possono sapere, e che cosa possono insegnare di questa materia nuovissima i maestri o già vecchi per età o vecchi per metodi?.... La Germania n' ha preceduti da un pezzo in questa via, e gli *Anfangs gründe der deutschen Grammatik* per le classi superiori ginnasiali del Dr Vilmar sono alla settima edizione: per l' Inghilterra il Gleig (*History of english language*) fece il simigliante, e il suo libro entrò nelle scuole; Augusto Brachet in pochi anni fece sei edizioni in Francia della sua *Grammaire historique*, quantunque a noi non consti che il libro sia stato adottato nel pubblico insegnamento. Qualche cosa, si spera, faremo anche noi in Italia: e speriamo anche non si voglia aspettare che i Portoghesi o i Valacchi ci dieno il buon esempio». Canello, *Tre studi neolatini*, Imola, 1872, pag. 23-24.—Cfr. *Del Metodo nello studio delle lingue romanze, prelezione tenuta nella R. Università di Padova*, Florença, 1873, pag. 13.—«Abbiamo in Italia cattedre di sanscrito, d' arabo, di cinese: non abbiamo ancora un corso scientifico speciale di latino e degli altri idiomi italici antichi nè di lingue neolatine, alle quali appartiene la nostra odierna favella. [«All' Accademia letteraria di Milano è stata istituita una cattedra per le lingue romanze, e a rappresentarla vi è stato eletto in qualità di professore straordinario il valente nostro collaboratore, sig. Pio Rajna. È questa la prima cattedra assegnata in Italia ai nostri studi». *Rivista romanza*, 1873, pag. 206]. Vadono in Germania, si facciano allievi di professori tedeschi quei pochi fra noi, cui piglierà vaghezza di conoscere profondamente l' idioma dei nostri padri e quello che

cana [1] — conservada assim na lingua, reflectia Salvini, *l' Italia in Italia* —, lingua do *sì*, a mesma cuja origem anda até ao presente controvertida [2].

Superfluidade fôra levar adeante esta demonstração.

Tal como os seus vulgarizadores a definem e as indagações modernas a constituiram, a *glossologia* ou « linguistica geral

parliamo noi stessi! Si lasci agli stranieri la cura d' insegnarci anche questo: se ci avverrà di sentirci offesi nella nostra alterezza, troveremo tosto un coro di retori che declameranno le nostre lodi, svillaneggiando la barbara Germania! » Pezzi, *Considerazioni sull' istruzione, soprattutto classica, in Italia*, no t. I da *Rivista di filologia classica*, 1872-1873, pag. 315.]

1 « A' tempi andati si disputò tanto se la lingua per tutti gli scrittori usata in Italia avesse a chiamarsi fiorentina o toscana o italiana; e queste dispute vennero sino ai nostri tempi.... In Toscana ebbe sede il pulito e illustre volgare, che finchè fu delle plebi fu *italico*; poi *siciliano* quando entrò in Corte di Palermo; indi *toscano* quando toscani furono i migliori scrittori d' Italia; e ora *italiano*, perchè è lingua nobile e vincolo di tutta la nazione, non di una provincia solamente ». (*Del volgare italiano e de' canti popolari e proverbj in Sicilia e in Toscana*, no t. I da *Filologia e letteratura siciliana*, Palermo, 1871, pag. 194, 192). — Cfr. Tommasèo, *Dizionario dei sinonimi della lingua italiana*, 5ª ed. milanesa, pag. XIX e segg.; [Caix, *Saggio sulla storia della lingua e dei dialetti d' Italia*, Parma, 1872, pag. 149-152; Gaiter, *La Letteratura italiana del secolo XIX (Il Propugnatore*, t. VII, parte I, Bolonha, 1874, pag. 327); Canello, *Sulla storia della lingua italiana, lezione*, Padua, 1873, pag. 18-21].

2 « Siccome è indubitato che l' idioma latino corse per diverse forme, la conghiettura di alcuni eruditi, che la lingua italiana non sia tanto una corruzione dell' ultima di quelle, quanto un ristoramento della prima, e contenga molte dizioni appartenenti all' antica favella del Lazio e forse dell' Etruria, tiene assai del probabili. Non si vuol già inferirne che il nostro italico sia l' etrusco, o l' osco, o il sabellico, o alcun' altra di quelle prische lingue.... » Gioberti, *Del Primato morale e civile degli Italiani*, 2ª ed., Bruxellas, 1845, pag. 405. — « Se infatti i prischi dialetti italici non si spensero mai, nemmeno allora che l' idioma dei superbi Quiriti, camminando a grandi giornate le vie che la politica romana aveva tracciate dall' uno all' altro confine d' Italia, portava ai vinti i comandi e le leggi di Roma, ogni ragione ci persuade a credere, che infranta la unità romana, smembrato l' impero e sottentrate agli ultimi aneliti delle lettere latine le incondite voci dei barbari, queste lingue *popolari*, o *volgari*, o *primitive*, o *territoriali*, comunque piaccia chiamarle, cercassero di riacquistare il terreno perduto ingaggiando una lotta, nella quale l'elemento latino trovossi a fronte quanto ancor rimaneva dei nostri antichi parlari. E l' *italianità* pugnò questa volta con miglior fortuna che nella guerra sociale, poichè il latino scomparve come lingua parlata, e le antiche favelle rianimandosi, poterono fornire un gran contingente, e quasi direi, la sostanza e la materia prima a

comparativa », *la science positive des organismes syllabiques de*

quei volgari moderni, che con lento lavoro si formavano in mezzo alla tenebre universali e al silenzio letterario di quasi tre secoli». Pedro Risi, *Dei Tentavi fatti per spiegare le antiche lingue italiche*, Milão, 1863, pag. 168.— « Il Giambullari, letterato fiorentino del secolo decimosesto, dettò una dissertazione, nella quale pretendeva dimostrare che l' idioma toscano era un dialetto, non già del latino, ma dell' arameo. Ai giorni nostri, il padre Tarquini, collaboratore della *Civiltà Cattolica*, ha sostenuto in quel periodico, che il latino è un dialetto dell' ebraico ». Luis Delatre, *Vocaboli germanici e loro derivati nella lingua italiana*, Roma, 1871, pag. v. — Cfr. Risi, *o. c.*, pag. 80, 88, 114. — [« Il peggio si è che un tal metodo è quello che ha durato fino ai nostri tempi in Italia.... E se ora si mostra maggior rispetto alle esigenze storiche, le quali non consentono raffronti tra lingue affatto disparate, quando non siano accaduti fatti da fa credere ad uno scambio di voci tra due popoli, non mancano però anche oggi di quelli che avventurano, specialmente per le voci oscore dei dialetti, congetture ed ipotesi da ricordare quelle del Giambullari e del Perion ». N. Caix, *Saggio sulla storia della lingua e dei dialetti d' Italia*, Parma, 1872, pag. XVI. — « Basta rivolgere lo sguardo ad una biblioteca di scrittori ecclesiastici, disposti secondo l' ordine dei tempi, incominciando dalla Bibbia latina detta *volgata*, nella quale si trova spesso italiana perfino la costruzione dei periodi; ai *Rerum italicarum scriptores* raccolti ed illustrati dal Muratori; e di per sè di secolo in secolo è provata a tutta evidenza con documenti la graduata metamorfosi della lingua latina nella presente italiana ». L. Gaiter, *Il dialetto di Verona nel secolo di Dante* (*Il Propugnatore*, t. VI, part. I, Bolonha, 1873, pag. 283). — « Questa spigolatura di voci o dimenticate o maltrattate e manomesse dai *Lessici* e *Vocabolari*, nella sua tenuità, mostra anch' ella quanto tempo mai e quale portentoso concorso di vicende fosse chiesto per la trasformazione della lingua romana e come, dopo tante vicissitudini e fortune, il linguaggio restasse sempre il medesimo nella sua sostanza. La quale considerazione può valere di risposta a coloro, che reputano la lingua volgare essere una apparizione, e non lento e pigro lavorio di secoli: quasi che che i popoli cambiassero la favella, come le persone i panni. Il linguaggio è eterno ». F. Liverani, *Lessicografia italiana*, no vol. citado do *Propugnatore*, pag. 373. — « L' Allighieri ed il Petrarca solennemente confessarano, che dalla lingua latina attinsero quanto di meglio dettarono nella lingua del *sì*, la quale non è una lingua diversa, ma una palingenesi della latina. Chiamaronla nuovo latino i nostri trecentisti per quella sapienza intuitiva, che costituisce il buon senso del popolo.... Ma se questo è, perchè nella *Rivista filologica* si agitano ancora le secolari questioni intorno alla maternità di questa lingua? Perchè il professor Corazzini rimprovera il professor Fornaciari di aver detto col Diez, che madre della lingua nostra è la latina? Madre nel senso della filologia, e non già in quello della zoologia, come a difesa del professor Fornaciari accennai sul *Giornale di Verona* n. 988. Perchè sulla *Rivista filologica* il professor Corazzini scrive ancora *Sulla probabile derivazione di alcune forme romanze*, rifacendosi alla nascita della nostra lingua? » Gaiter, *Sui dialetti italiani*, art. I, *I vagiti della lingua italiana*, no t. VI do *Propugnatore*, part. II, 1873, pag. 11, 4. — « ... Quanto all' altra maniera, che si risolve nel paradosso di voler che la base italica della parola romanza sia affatto rimota dal latino dei soliti lessici e delle solite grammatiche, basterà che si tocchi dei meno ar-

la pensée [1], sciencia que Malte-Brun singelamente appelli-

rischiati suoi fautori; i quali, mentre esagerano e frantendono le importanti verità che si vengono scoprendo circa le diversità simultanee, o successive, che la evoluzione storica della parola latina ha seco portato, non sembrano accorgersi del fatto cardinale, per la cui virtù riesce appunto, fra tant' altro, molta parte delle accennate scoperte, e consiste nei saldissimi e diretti rapporti che la scienza ha ormai stabilito e sempre meglio rassoda, per ogni lato dell' organismo glossico, fra il latino dei soliti lessici o delle solite grammatiche e ciascuna di quelle diverse favelle che diciamo romanze o neolatine ». Ascoli, *Proemio* do *Archivio glottologico italiano*, vol. I, Milão, 1873, pag. XXXVIII. — « Noi sappiamo oramai con sicurezza che il vocabolario italiano è quasi tutto nel latino popolare. Ma come accadde la trasformazione? A quali leggi soggiacque?.... Non volendo supporre che l' italiano del secolo tredicesimo e quattordicesimo sia così quale noi lo vediamo nato improvvisamente, nato adulto e perfetto, e trovandolo in questi secoli così vicino al francese, così strettamente fratello ai due dialetti della Francia, da farlo parere piuttosto un terzo dialetto che una lingua diversa, noi potremo indurre che questa somiglianza dovesse esistere anco un secolo, anco due secoli, anco tre secoli prima, e che quella medesima forza di evoluzione che condusse in Francia a passare dal latino al volgare, operasse identicamente in Italia. Nè là nè qua vi fu soluzione di continuità tra il latino volgare e le lingue romane. Tutta l' Europa latina avrebbe avuto una lingua sola, che si sarebbe sviluppata contemporaneamente in tutte le varie parti di essa, se non fossero esistite diverse pronunzie e diverse influenze locali ». A. Bartoli, *I primi due secoli della letteratura italiana (L'Italia sotto l' aspetto fisico, storico, artistico e statistico*, parte II), Milão, 1872-1873 (?), pag. 20, 31. — « Questa naturale influenza delle antiche pronuncie popolari, la loro reazione contro il latino importato ci spiega a sufficienza perchè i nostri dialetti sieno ora tanto distanti dal latino, mentre assai piccola è la distanza fra il greco di Salomos, di Cristopulo e quello di Platone e di Sofocle ». Canello, *Sulla storia della lingua italiana*, Padua, 1873, pag. 11. — « Nè, per ciò che s'attiene al modo come ne derivò l'italiano, par necessario ammettere col Meyer la concorrenza della corruzione nella evoluzione. I fattori della trasformazione furono l' inerzia degli organi vocali e gl' incrociamenti etnici; quindi non vera corruzione ci fu, ma soltanto, come sempre, evoluzione ». Ernesto Monaci, *Rivista di filologia romanza*, fasc. III, Imola, 1873, pag. 197.]

[1] Chavée, *La Science du langage et M. Taine*, artigo publicado na *Loi* de 5 de julho de 1870.

[O auctor repete em outro logar: « La linguistique est la science des organismes syllabiques de la pensée, lesquels sont entre eux comme les races qui les ont spontanément créés. La linguistique est donc la branche la plus élevée de l'anthropologie, comme l'anthropologie est elle-même la plus noble et la plus utile des sciences naturelles ». (*L'Anthropologie et la méthode intégrale en linguistique*, Bordeus, 1872, pag. 1). — André Lefèvre, que dá á sciencia o nome de philologia, dil-a: « Une géologie morale qui, de couche en couche, relève les allures et les physionomies des peuples et range par classes les dieux fossiles dont elle constate l'origine verbale, c'est-à-dire humaine ». (*Almanach de l'Encyclopédie générale*, Paris, 1870, pag. 55, *Le mouvement philologique*). — Ascoli, *Corsi di glottologia*, t. I, pag. XIV, define-a: « L' istoria scientifica della parola, che è l'istoria scientifica della natura umana, delle nazioni e della civiltà ».]

da *idiomographia* [1], e a que Regnier hesitou em dar o nome antigo de *grammatica* [2] por uma razão analoga á que obstou

[1] « The History of Language, in all its various bearings, may be not improperly designated by the term *Glossology*, which I prefer to Glottology, a word recently employed by some continental writers; first, because the former sounds to English ears less harsh; and, secondly, because it suits better with several words which we already possess, such as *Gloss*, *Glosser*, *Glossator*, *Glossographer*, *Glossography*, all derived from the common Greek word γλῶσσα (Atticè, γλῶττα), the Tongue ». Stoddart, *The Philosophy of Language*, 3ª ed., Londres, 1861, pag. 4. — Cfr. Curtius, *Philologie und Sprachwissenschaft*, Leipzig, 1862, pag. 5; Latham, *Elements of Comparative Philology*, Londres, 1862, pag. vii. — « That the barbarous hybrid word *linguistique* is wholly unnecessary is obvious, for the definition given of it, in 1835, exactly applies to *glottology* as used by some continental writers, or to *glossology*, which I prefer ». Stoddart, *Glossology, or the historical relations of languages*, 3ª ed., Londres, 1861, pag. 349. — « La Scienza potrebbe forse chiamarsi *Linguistica Generale*, divisa in *Linguistica Comparativa* e *Linguistica Speculativa*; o, se par brutto quel *Linguistica*, sostituirvi *Glottica* che a Schleicher piace di più. Eppoi, dacchè il vocabolario delle scienze è ormai tutto greco, perchè spregiare il nome *Glossologia* di Stoddart, ricordato anche da Curtius? Non dico che mi quadri molto il termine di *Glottologia*, ma sarebbe breve e ne verrebbero benissimo, a esprimere i due suoi rami, i termini *Glottografia* e *Glottosofia* ». Fumi, *Intorno agli studi linguistici (Illustrazioni filologico-comparative*, Napoles, 1868, pag. xxv).

[2] « Fu denominata *grammaire générale* dai dotti di Port-Royal, da Beauzée, da Sicard, da Verdier, da S. de Sacy, da Tracy, da Estarac, da Thurot, da Albert-Montémont, da Perron, da Payne; *grammaire générale analytique* da Domergue; *grammaire générale synthétique* da Leber; *grammaire universelle et comparative* da Court de Gebelin; *grammaire philosophique* da Thiebault ». Pezzi, *Introduzione allo studio della scienza del linguaggio*, Turin, 1869, pag. 2. — Cfr. Horne Tooke, *Επεα πτεροεντα, or the Diversions of Purley*, ed. de R. Taylor, Londres, 1860, pag. 5, nota. — « Se Bacon diz que a grammatica philosophica está por nascer, é talvez porque nem Scaligero nos seus treze livros de *Causis Linguae Latinae* (nem depois Scioppio em sua *Grammatica*, por elle chamada *philosophica*), chegaram a desempenhar o assumpto que se proposeram. Continuaram pois a publicar-se grammaticas philosophicas; e appareceram outras com os titulos de *universaes*, *geraes*, *comparadas* e *transcendentaes*; os quaes nomes importa definir ». Gomes de Moura, *Noticia succincta dos monumentos da lingua latina*, Coimbra, 1823, pag. 337. Cfr. pag. 15. — Je n'ai que peu de chose à dire d'un autre groupe de grammairiens, les grammairiens philosophes. Les uns, ce sont les plus raisonnables, analysent la langue en tant qu'elle est le vêtement de la pensée; ils s'en servent comme d'un moyen de contrôler les opérations de l'esprit, et appliquent de même les procédés logiques à l'explication des phénomènes linquistiques. Poussée à bout, cette direction s'éloigne tout-à-fait des études qui nous occupent: la *Grammaire* de Condillac est en réalité une *Logique*. Aussi peut-on appliquer la même méthode aux langues les plus diverses: déjà, au dix-septième siècle, le Port-Royal avait donné une *Grammaire générale*; le dix-huitième siècle aima aussi à s'engager dans cette voie, où il apporta seulement d'autres idées philosophiques ». Gaston Paris, *Les études sur la langue française (Revue de France*, t. I, 1871, pag. 493). — [« Aujourd'hui une science nouvelle, *la linguistique*,

que Humboldt posesse o de *Cosmographia* ao seu *Cosmos* [1], é uma sciencia nova, ou, pela expressão de Ascoli, « scienza che ancora è fanciulla ».

« The SCIENCE OF LANGUAGE is a science of very modern date », affirma Max Müller no exordio das suas *Lectures* [2]. « Une science qui ne date que d'hier », accrescentam os seus traductores franceses. Sciencia a que ainda se recusa essa dignidade, objecta Farrar [3]. « La plus nouvelle de toutes les sciences », insiste o auctor do livro *A Moral antes dos philo-*

s'est définitivement constituée, et cependant la *grammaire comparée* commence à peine, après tant de remarquables travaux, à constater les rapports et les différences qui existent entre les idiomes de même famille, sans oser encore prévoir l'époque où ce monument définitif, la *grammaire générale*, pourra, non pas être terminé, mais seulement entrepris avec quelque apparence de maturité et de succès ». Marty-Laveaux, *De l'Enseignement de notre langue*, Paris, 1872, pag. 32. — Cfr. Littré, *Prefacio* da *Grammaire historique* de A. Brachet, 9ª ed. (1873), pag. XIII; Egger, *Apollonius Dyscole; essai sur l'histoire des théories grammaticales dans l'antiquité*, 1854, pag. 51-52; Lanjuinais, *Discours préliminaire*, na *Histoire naturelle de la parole* de Court de Gébelin, 1816, pag. X-XV; Heyse, *System der Sprachwissenschaft*, Berlin, 1856, pag. 10-12; Cocheris, *Histoire de la grammaire*, Paris (1872?), pag. 2-4.]

[1] « ... cette étude à la fois théorique et pratique, étude des principes et des faits, qu'on s'est habitué à nommer *linguistique*, d'un nom mal fait, auquel je préférerais pour mon compte, je l'avoue, si l'on voulait bien lui laisser tout son sens, le vieux, et quoi qu'on en dise, très-respectable nom de grammaire ». (*Traité de la formation des mots dans la langue grecque*, Paris, 1855, pag. I.)

[2] [After the progress achieved in a scientific study of the principal branches of the vast realm of human speech, our new science, the Science of Language, might claim by right its seat at the Round-table of the intellectual chivalry of our age ». Max Müller, *Introduction to the Science of Religion, four lectures delivered at the Royal Institution*, Oxford, 1873, pag. 2.]

[3] « C'est à une date fort rapprochée de nous que l'étude du langage s'est élevée au rang qu'elle occupe, que les philologues ont revendiqué pour l'objet de leurs recherches le nom de *science*. Ce nom même, cet honneur, on ne l'accorde encore à la philologie que timidement; il semble que les autres sciences, celles-là mêmes qui ont avec elle la plus étroite affinité soient jalouses de leur plus jeune sœur, de ses progrès, de ses succès toujours croissants.... Ceux qui ont eu le plaisir de connaître le dernier président de la Société d'ethnologie savent combien M. Crawford [Crawfurd], ce savant si autorisé, était disposé à tenir peu de compte des considérations de linguistique en matière d'anthropologie. M. Crawford aura probablement été le dernier des hommes de science considérables, qui ait refusé d'ajouter foi aux découvertes les plus éclatantes, les moins contestables de la philologie comparée. Il avait l'habitude de traiter en souriant « d'hérésie aryane » la théorie qui veut établir l'unité des langues

sophos, Luis Ménard [1], critico « qu'à son langage et á sa méthode on prendrait pour un contemporain des stoïciens » [2].

Reconhece-o Brachet no appendice da *Grammatica historica*: « L'étymologie, — qui recherche l'origine des mots et les lois de transformation des langues, — est une science nouvelle. C'est depuis trente ans seulement qu'elle est entrée dans le concert des sciences d'observation ». Egger repete-o á frente do *Diccionario etymologico* do mesmo auctor: « L'étymologie, c'est-à-dire l'explication du vrai sens des mots par leur histoire, est une des sciences les plus anciennes à la fois et les plus neuves dans les écoles de l'Europe civilisée. C'est une des plus anciennes, car les Grecs s'y sont essayés de très-bonne heure, et les Romains l'ont cultivée après les Grecs, les peuples modernes après leurs maîtres grecs et romains. C'est une des plus neuves, car la méthode, qui seule constitue vraiment une science, n'a été que tout récemment appliquée à ces recherches ».

Estabelecida a these, determinou-lhe V. Ex. as naturaes conclusões. Se entre povos mais adeantados, quaes a França e a Inglaterra, só modernamente se domiciliou o cultivo da sciencia da linguagem; se a Inglaterra, á sua parte, houve até mister que um professor allemão [3] lh'a lesse em cursos pu-

aryanes, et ne laissait jamais échapper l'occasion de répéter cette plaisanterie ». (*Que la philologie est une science*, conferencia feita no Instituto Real da Gran-Bretanha, trad. de H. Dietz. Na *Revue des cours littéraires*, t. VI, Paris, 1868-1860, pag. 710.) — [Cfr. L y e l l, *The Geological Evidences of the Antiquity of Man*, 4ª ed., Londres, 1873, pag. 504-505.]

[1] *Travaux récents sur la linguistique et la mythologie* (*L'Année philosophique; études critiques sur le mouvement des idées générales dans les divers ordres de connaissances*, t. I, Paris, 1868, pag. 469).

[2] Bréal, *Hercule et Cacus*, pag. 19. Paris, 1863.

[3] [« .... Professor Max Müller, by whose lectures, so original, so eloquent, and so full of genius, an impulse has been given in England to linguistic porsuits, which will, I hope, ultimately produce workers among us, especially among young students, and among those who are gifted with the inestimable blessings of leisure and the love of toil, such as may save England from the discredit of failing and lagging behind in the splendid torch-race which she, most undoubtedly, had the honour to begin ». F a r r a r, *Families of Speech: four lectures delivered before the Royal Institution of Great Britain in March* 1839, nova ed., Londres, 1873, pag. 30. — Cfr. T r e n c h, *English, past and present*, 8ª ed., 1873, pag. 6.]

blicos, não é muito que a Portugal a mesma sciencia tardasse em affluir dos seus mananciaes germanicos [1].

Contra esta simples proposição, que é todo o thema e argumento de V. Ex., despediu o sr. Adolpho Coelho o carcaz inteiro das suas vinte paginas, onde se terá notado que a invectiva enche mais espaço do que as boas razões.

Mas... decorreram meses. Não passam em vão os meses para o sr. Adolpho Coelho. O habito das *retractationes* está profundamente inoculado no seu espirito. A falta « de critica alheia »... Meses depois o consummado glottico offerecia á attenção publica, necessariamente excitada, á curiosidade sofrega dos fiéis a sua *Theoria da conjugação em latim e português*, em cujo introito, uns e outros, conversos e pagãos, deviamos ler : « Nascida ha tão pouco tempo, só pelo seu sentido vasto e profundo poderia essa sciencia absorver, num pays como a Allemanha, annos de applicação constante a espiritos de primeira ordem.... E é antes por falta de homens dedicados a uma sciencia tão difficil, pela vastidão e seccura das investigações que exige, do que por não se reconhecer a sua importancia, que ella em payses que são dos primeiros nos interesses do espirito, como a França e a Inglaterra, tem no ensino um logar ainda bastante limitado. No ultimo d'estes payses, por exemplo, até chamam de Allemanha professores para ensinarem a sciencia de que Bopp foi o fundador (Max Müller em Oxford, Aufrecht em Edimburgo) ».

E pois que estamos todos de accôrdo, bem podia eu dar aqui por findo o arrazoado. Deixaria, porêm, sem resposta algumas crises e impugnações do opusculo, o que o sr. Adolpho Coelho me havia por certo de tomar como desprimor de cortezia. Nem tudo no seu folheto é prata fina ou metal da rica pelle de Colchos. Entremeiam-se ás perolas

> peças mais somenos,
> Contas de crystallino transparente,
> Alguns soantes cascaveis pequenos.

[1] [« German writers point with pardonable pride to the fact that for nearly fifty years the profound study of Comparative Philology

Embora se entremeiem. Acompanharei o auctor até ao fim do folheto; em companhia tão instructiva iria ao fim do mundo.

« Os franceses não teem ainda uma grammatica historica da sua lingua que satisfaça a todas as exigencias da sciencia; as obras de Du Méril, que, apezar de não ser mencionado por Vapereau, como outros de maior merito, se tornou notavel pelas suas obras sôbre a poesia da edade media, etc.; de Chevallet, de Ampère, etc., sôbre a formação da lingua francesa, são estudos irregulares, muitas vezes infieis ao methodo da sciencia; mas o *Dictionnaire de la langue française* de Littré é um dos primeiros trabalhos lexicologicos d'este seculo, com que só póde competir o *Deutsche Worterbuech* [*sic*] dos irmãos Grimms. Só um ignorante como o sr. Innocencio podia dar attenção á opinião de Larousse sôbre as etymologias de Littré, todas determinadas pelo methodo scientifico; Larousse é um compilador; Littré um sabio eminente ».

Por fortuna, tudo isto está longe de ser a suprema instancia em assumptos de critica; e os livros de Chevallet e Du Méril, por exemplo, diversissimamente avaliados de julgadores competentes, que os leram [1], gosam ainda hoje uma estimação

has been almost exclusively confined to their countrymen. Even in other countries Germans are the most prominent supporters of the science, as Max Müller in England, Oppert in France, Budenz in Hungary, Bleek in South Africa, &c. ». Farrar, *Families of Speech*, Londres, 1873, pag. 30.— Cfr. Benfey, *Geschichte der Sprachwissenschaft und orientalischen Philologie in Deutschland*, Munich, 1869, pag. 15-16; Vinet, *L'Art et l'archéologie*, Paris, 1874, pag. 343-346.]

[1] « L'ouvrage le plus complet et le plus méthodique sur l'origine et la formation de notre langue est aujourd'hui celui de M. A. de Chevallet, dont le premier volume vient de paraître (Paris, 1853) ». E. Egger, *Notions élémentaires de grammaire comparée*, 6ª ed., Paris, 1865, pag. 187. — Vej. o prefacio do *Dictionnaire étymologique* de A. Brachet (1870), pag. *i*. — « Le livre de M. de Chevallet, plein de faits, de considérations prudentes, incontestables, me paraît être l'œuvre la plus complète d'un homme sorti de l'école française et formé à la méthode de M. Guessard ». Sainte-Beuve, *Du point de départ et des origines de la langue et de la littérature françaises (Revue contemporaine*, t. L, 1858, pag. 256). — [Cfr. Bastin, *Les nouvelles recherches sur la langue française et leurs résultats*, Bruxellas, 1872, pag. 38-40.] — « M. du Méril, plus versé dans les langues sœurs de la nôtre, et au courant de tous les progrès de la science, a concentré dans son court *Essai philosophique sur la formation de*

que os improvisos do sr. Adolpho Coelho não hão de provavelmente abalar.

Sem difficuldade se reconhece que o diccionario de Larousse é frequentemente trabalho de compilação, o que não obsta a que a imprensa de França o proclame: « œuvre gigantesque, que nous envient déjà nos voisins d'Allemagne et d'Angleterre » (*Journal des Débats*); — « vaste ouvrage, un des plus largement conçus de ce temps-ci » (CARLOS ROMEY, *La Liberté* [1]); — « monument où se trahit, ne fût-ce que dans la hardiesse des proportions et dans les prodigieux développements de l'édifice, la main d'un puissant ouvrier » (VICTOR FOURNEL, *Gazette de France* [2]). A parte etymologica, a que para aqui mais importa, avalia-a d'este modo um professor da academia de Neufchâtel: « Félicitons M. Larousse et ses collaborateurs de s'être largement inspirés de Bopp, de Max Müller, de Pott, de Kuhn, de Pictet, de Weber et, en général, de la philologie allemande, dont les procédés et les résultats principaux introduits dans le *Grand Dictionnaire* le distinguent suffisamment des ouvrages ordinaires du même genre » [3].

la langue française une foule d'idées et de faits qui n'attestent pas moins d'érudition que de pénétrante intelligence». Gaston Paris, prefacio da *Introduction à la Grammaire des langues romanes* de F. Diez, 1863, pag. XII. — Cfr. *Revue de France*, I, 1871, pag. 532.

[1] Nesta mesma noticia lê-se: « Au milieu de tous ces livres qui passeront, le *Grand Dictionnaire* restera comme l'inventaire le plus complet des richesses acquises par l'esprit humain jusqu'à l'heure présente; patrimoine commun de la civilisation croissante; flambeau de la science et du génie de l'homme, dont la lumière s'accroît incessamment, et que, comme le flambeau de la vie dont parle Lucrèce, la génération présente passera à celle qui la suit.... Il restera comme un monument élevé à la gloire de l'esprit et aux grands principes des sociétés modernes, auxquels l'avenir appartient ».

[2] *Le mot* CATÉCHISME *tel qu'il figure dans les colonnes du Grand Dictionnaire*, pag. 65. — Apresenta este opusculo o seguinte quadro comparativo das proporções do artigo *Catechismo* nas obras encyclopedicas mais estimadas: « *Dictionnaire de l'Académie*, 19 lignes; — de Boiste, 6; — de Bescherelle, 39; — de Poitevin, 23; — de Littré, 25; — de Dupiney de Vorepierre, 11; *Dictionnaire de la conversation*, 124; *Encyclopédie moderne*, 167; *Encyclopédie catholique*, 529; *Encyclopédie anglaise*, 89; *Encyclopédie* du XVIII^e siècle (Diderot et d'Alembert), 49; *Conversations-lexicon*, de Brockhaus, 92; *Grand Dictionnaire universel du XIX^e siècle*, 6068 ». — Na redacção do artigo do seu diccionario teve Larousse por auxiliar o director da *Année philosophique*, F. Pillon.

[3] *Grand Dictionnaire universel du XIX^e siècle*, t. III, pag. 1174.

No que toca a Littré, a mesma Allemanha se incumbe de rescindir o parallelo feito pelo sr. Adolpho Coelho. « De même qu'Adelung (diz um artigo da *Gazeta de Colonia* citado por Baudry [1]) avait imité et surpassé le *Dictionnaire anglais* de Johnson, Grimm a fait naître, en France, un ouvrage analogue, qui restera fort au-dessous, au moins pour la finesse du sens linguistique et la puissance compréhensive ».

Littré é um sabio eminente. Creio-o, não porque o sr. Adolpho Coelho o affirma, mas a despeito de que m'o affirma. Se pois a consulta áquelle vasto trabalho lexicologico, um dos maiores entre os primeiros, me descobre, como nas palavras *Biographie*, *Prochronisme*, *Herméneutique*, uma ou outra definição inexacta ou defectiva, que faço? Noto-as á margem do meu exemplar, conforme Max Müller recommenda practiquemos quando acharmos leves defeitos num grande auctor — *but we do not crow over them like schoolmasters or rather schoolboys* [2].

Negar-me-hei, porêm, a reconhecer, se o proprio auctor o não occulta, que a parte historica da sua obra, parte em que, de mais, a antecederam o *Novo Diccionario* de Dochez e o *Diccionario historico* da Academia, se opulentou grandemente com os immensos materiaes ineditos de Pougens e La Curne de Sainte-Palaye? [3] A minha admiração para com o auctor

[1] *Les frères Grimm, leur vie et leurs travaux*, Paris, 1864, pag. 27. — Cfr. Miguel Bréal, *Revue critique*, t. I, 1866, 1º sem., pag. 147.

[2] *Chips from a German Workshop*, t. II², pag. 153. Londres, 1868.

[3] Littré, *Dictionnaire de la langue française*, t. I, 1863, *Préface*, pag. XXXIX. — Cfr. Gaston Paris, *Les études sur la langue française* (*Revue de France*, t. I, 1871, pag. 491); Sainte-Beuve, *Du point de départ et des origines de la langue et de la littérature françaises* (*Revue contemporaine*, t. L, 1858, pag. 241-242); Roquefort, *Mémoire sur la nécessité d'un glossaire général de l'ancienne langue française*, 1811, pag. 3-4; Raynouard, *Observations philologiques et grammaticales sur le Roman de Rou*, 1829, pag. 40-41; V. Le Clerc, *Instructions du Comité de la langue, de l'histoire et des arts de la France; section de philologie*, 1854, pag. 5; Sainte-Beuve, *Notice sur M. Littré, sa vie et ses travaux*, 1863, pag. 39; *Dictionnaire historique de la langue française, publié par l'Académie*, t. I, 1865, pag. viij; Guessard, *Rapport sur les études relatives à la langue et à la littérature du moyen âge en France* (*Recueil de rapports; Progrès des études classiques et du moyen âge*, 1868, pag. 109, 106); Pellissier, *La langue française depuis son origine jusqu'a nos jours*, 1866, pag. 15; Brakelmann, *Verlorene Handschriften*, no t. XI do *Jahrbuch* de Lemcke, Leipzig, 1870, pag. 94-97. — [E vej. Sainte-Palaye, *Projet d'un*

vedará que outros peçam — em nome da sciencia — a revisão de algumas das suas etymologias, « todas determinadas [1] pelo methodo scientifico » ? [2]

« Para se apreciar ainda a falta de consciencia e sciencia do nosso bibliographo, observarei que elle até estropia titulos de livros e nomes de auctores ; traduz, por exemplo, o titulo da obra de Ampère *Formation de la langue française* por *Fundação da lingua francesa*, cousa que nada significa, e em vez de Bopp escreve Boop, provando, ao que parece, que nunca viu escripto o nome do fundador da grammatica comparativa ».

Glossaire françois, reimpresso, a pag. 5-13, no prospecto da publicação annunciada para 1875: *Dictionnaire historique de l'ancien langage françois, ou Glossaire de la langue françoise depuis son origine jusqu'au siècle de Louis* XIV, 10 vol. em 4º.]

[1] [O serem *todas* determinadas pelo methodo scientifico não tolhe que o sr. A. Coelho, para encarecer não sei que inesperado descobrimento do sr. Theophilo Braga, descobrimento que já estava feito ha quasi dous seculos pelo annotador de Ménage (vej. Pougens, *Trésor des origines*, Paris, 1819, pag. 226 e 321), affirme no *Diccionario* de Fr. Domingos Vieira, v. *Chacouna*: « Diez, Littré, etc., não attenderam com a severidade da sciencia etymologica á significação. Theophilo Braga (*Epopeias da raça mosarabe*, pag 37 e segg.) indica a verdadeira etymologia ». Fineza que o sr Theophilo Braga lhe retribue em uma nota do *Amadis de Gaula* (1873, pag. 59): « Sôbre esta palavra escreve o nosso eminente philologo F. A. Coelho.... » Como! se o eminente philologo declara que no *Diccionario* « é a parte da introducção sôbre a lingua portuguesa a unica cousa em que tem responsabilidade » ?]

[2] [Gaston Paris, que considera o diccionario de Littré « l'œuvre scientifique à la fois la plus considérable et la plus nationale que la France ait vue dans ce siècle », diz sôbre o assumpto : « Quoi qu'il en soit, le *Dictionnaire* de M. Littré peut être considéré, au point de vue étymologique, comme représentant le dernier état de la science, c'est-à-dire le résumé de tout ce qui a été établi par les travailleurs précédents, augmenté et contrôlé par les recherches et la critique d'un savant de premier ordre ». (*Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*, t. I, 1868-1871, pag. 283-284). — Quasi pelo mesmo tempo escrevia Emilio Egger: « Il faut venir jusqu'à ces dernières années pour trouver une méthode d'analyse vraiment rigoureuse appliquée aux étymologies de la langue française, particulièrement à celles où le grec a quelque part. C'est M. Diez, c'est M. Scheler, c'est M. Littré, qui peuvent être enfin consultés avec confiance par les personnes curieuses de ces recherches. Ils n'ont pas de réponses à toutes les questions ; mais quand ils donnent une réponse, elle est, le plus souvent, bien fondée ; pour tous les cas douteux, ils savent douter, et se réduire au rôle modeste de rapporteurs des opinions et des conjectures entre lesquelles il est prudent de s'abstenir ». (*L'Hellénisme en France*, t. I, 1869, pag. 122-123). — Brachet, comtudo, para exemplificar com uma palavra a differença do methodo que seguiu no seu *Diccionario etymologico*, observa (pag. VI) : « Tandis

Se me admittem este modo de inducção, provarei que o sr. Adolpho Coelho, errando titulos de livros, deturpando nomes de auctores [1], escrevendo Sttodardt por Stoddart, Schelegel por Schlegel (pag. 14), Haar Steinert (Haar & Steinert), Stanilas (Stanislas) Julien, Bludeau em logar de Bluteau (pag. 19), *Deutsche Worterbuech* em vez de *Deutsches Wörterbuch* (pag. 16), não só não abriu jamais a *Philosophy of Language*, o *Vocabula-*

que M. Littré et M. Diez discutent les hypothèses émises sur l'origine de ce mot et en présentent de nouvelles, je me borne à constater cette lacune de la science et je passe outre; c'est surtout dans l'enseignement que le doute est pire que l'ignorance et que la maxime *in dubiis abstine* trouve son application». E no fim da pagina: «M. Bréal, professeur au Collége de France, signalait excellemment les périls «d'une méthode qui prétend tout expliquer et ne sait point «se résoudre à l'ignorance de beaucoup de choses». Dans l'enseignement, rien ne nuit à l'autorité d'une science comme une discussion sans conclusion».

Depois que Scheler na 2ª ed. do *Diccionario de etymologia franceza*, Gaston Paris e Eugenio Fournier nas *Memorias da Sociedade de Linguistica*, D'Arbois de Jubainville na *Revista celtica*, poseram em questão algumas etymologias de Littré, intentou Boucherie (*Revue des langues romanes*, t. IV, 1873, pag. 527-557; t. V, 1874, pag. 340-354: cfr. G. Paris, *Romania*, III, 1874, pag. 116, 419) o exame de outras. Favrot e Sédillot julgam necessaria na obra de Littré a revisão de toda a parte das origens arabes. Por se tractar de uma palavra nossa, transcreverei a reflexão de Defrémery, que no *Jornal asiatico* (6ª serie, t. XIII, 1869, pag. 534) impugna um logar da 2ª ed. do *Glossario* de Engelmann: «Sous le mot *nababo*, en français *nabab*, M. Dozy fait observer que c'est par erreur qu'on a adopté ce mot sous la forme du pluriel, au lieu de prendre le singulier *nâïb*. Mais cette irrégularité trouve son explication dans un usage propre à la langue hindoustani, à laquelle les Portugais ont emprunté leur mot *nababo*. Dans cette langue, ainsi que l'a remarqué Silvestre de Sacy, on emploie assez souvent des pluriels arabes comme des singuliers». Ao que ajuncta em nota: «C'est sans doute par suite d'un double *lapsus calami* qu'on lit dans le dictionnaire de M. Littré que *nabab* vient de l'arabe *nabab*, pluriel de *nabib*; il faut lire *nouwâb* et *nâïb*». — Cfr. Marcel Devic, *Les mots français d'origine arabe, note sur le Dictionnaire de M. E. Littré* (*Revue de l'instruction publique, de la littérature et des sciences*, t. XXV, 1865-1866, pag. 676-7); P. Meyer, *Revue critique*, II, 1867, 2º sem., pag. 27-28; Bastin, *Les Nouvelles recherches sur la langue française*, 1872, pag. 92-93; D'Arbois de Jubainville, *Romania*, I, 1872, pag. 141.]

[1] Pag. 4, *History of the spanish (of Spanish) litterature (Literature)*. Pag. 11, *Die Sprachvergleichung in ihrem Verhaeltnisse* [*Verkaeliniss* no *Grande Diccionario*, t. I., pag. CXXVI, nota 2] *zur classischer* (i. e., *Verhältniss zur classischen) Philologie*. Pag. 13, *Researches into the Origins (Origin) and Affinity....* Pag 14, *Eastern Origin of celtic (of the Celtic) Nations*. Pag. 15, *Histoire générale des langues semitigues (sémitiques)* de Renan. Pag. 16, *Dictionaire (Dictionnaire) de la langue française* de Littré. Pag. 18, *Portugiesische (Portugiesisches) Gebiet*. Pag. 19, *Vocabolario* de Bludeau, alias *Vocabulario* de Bluteau.

rio portuguez e latino e as outras obras cuja leitura blasona, mas até que nunca lançou os olhos a um diccionario allemão.

Na affirmativa do *Supplemento* : « Ampère estava ultimamente transformando ou transtornando a sua *Fundação da lingua francesa*, que, annunciada desde 1861, não acabava de sahir do prelo », nesta affirmativa, digo, o erro typographico de *Fundação*, dado como equivalente de *Formation*, resalta da propria contextura da phrase, no cognato ou allitteração que visivelmente se quiz empregar de *formação* e *transformação*, « jogando do vocabulo » [1], como diria Fr. Luis de Sousa, e tirando recurso das derivações, como faria o seu arcebispo.

« Observarei ainda que Ducange nada escreveu acêrca da origem da lingua latina ».

Que diz a este respeito o *Diccionario*? Diz : « A França, que em materia de origens [*scilicet*, origens da lingua francesa] jurára até ha pouco successivamente pelo grego com Henrique Estevam, pelo hebraico com Bochart, pelo la-

[1] Commentando o texto dos Psalmos *Dies formabuntur, et nemo in eis*, diz Vieira : « Os dias dão a fórma, & ninguem se confórma com ella ; porque sendo a fórma de cada Evangelho ordenada cada dia à reformaçam de cada vicio, em vez de se ver a emenda, & reformaçam, continuão as mesmas deformidades, & pòde ser que mayores ». (*Sermoens*, t. III, nº 375). — A. das Neves Pereira (*Ensaio critico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se servíraõ os nossos bons Escritores do Seculo XV., e XVI.; e deixáraõ esquecer os que depois se seguíraõ até ao presente*, 1793, parte I, pag. 371) dá por exemplar de elegante figura tirada da etymologia a do mesmo orador: « Não fallo de temor que faz tímidos, senão do temor que faz timoratos; não do temor que faz temerosos dos homens, senão do temor que faz tementes a Deos ». (*Sermoens*, t. XIV, nº 73).

Outros exemplos, que talvez não seriam hoje para imitar, d'esta especie de derivação, *parégmenon*, *paroméon* ou como melhor nome haja, reuniu João Baptista de Castro no *Espelho da eloquencia portugueza illustrado pelas exemplares luzes do verdadeiro Sol da Elegancia, o veneravel Padre Antonio Vieira* (Lisboa, 1734): « O mesmo lustre dos illustres lhe tira o temor, & os enche, ou incha de immunidades ». (V, nº 326). — « Olhou para huma mulher, que naõ era sua, & este só olhar lhe deu olhado á valentia: & este quebranto lhe quebrantou o valor, & o animo ». (VI, nº 301). — « Tam necessaria he a doutrina Christãa nos Paços, como nas praças, & nos estrados, como nas estradas ». (VIII, pag. 171). — « E donde se fundou este computo taõ excessivo, quanto vay de hum a dez mil? Fundouse, & fundou-o David na vitoria da sua funda ». (IX, nº 473). — « Os louvores da turba não só saõ turbados, mas turbulentos, que tal he o seu juizo ». (X, nº 39). — « Não he Symbolo da Fé, he Fé do cymbalo. Que importa o soar do crer sem a consonancia do obrar? Que importa o tinnir, ou os tinos da Fé com os desatinos das vidas?» (XI, nº 522).

tim com Du Cange, pelo celtico com Bullet ... » Esta a unica referencia ao nome de Du Cange. Ao vel-a por tal fórma glossada no folheto, entro a reflectir que os scholiastes de Camões, auctores das notas do rio Mandinga, dos piscos de Cezimbra e do rei Threicio [1], difficilmente seriam mais ingenhosos que o sr. Adolpho Coelho.

Mas, aventurando-se a affirmar que Henrique Estevam jurou pelas origens gregas do francês, advertiu V. Ex. que está comprehendido na inhibitoria fulminada pela sciencia infallivel, pelas sciencias infusas e adquiridas do prodigioso glottico ?

Eis o caso. Ao discorrer sôbre a publicação do diccionario de Ramalho, e vindo a alludir aos sabios do seculo XVI, o relator da Academia escreveu, um tanto de leve, segundo parece : « É o tempo em que o celebrado Henrique Estienne faz descender do tronco hell·nico o francês d'aquelle seculo, no seu *Traité de la conformité du langage françois avec le grec,* impresso em 1560 ». Levanta-se o sr. Adolpho Coelho, e, de golpe, sem reticencias nem ambages : « H. Estiene nunca teve a opinião que o sr. Latino Coelho, guiando-se por um erro de outros e não pela leitura das obras do grande philologo francês, lhe attribue ; e é singular que elle repita essa asserção, porque já Max Müller indicou a falsidade d'ella num livro citado pelo sr. Latino Coelho » [2].

Grande estupefacção entre os ledores de antigualhas. Alguns abriram o livro do professor allemão, e immudeceram. O sr. Adolpho Coelho, imperterrito, solemne e sublime, triumphava. Abri eu tambem o livro ; novamente o abrirei. Nada mais positivo, com effeito, que o texto para onde o sr. Adolpho Coelho nos remette [3].

É pois materia irrevogavel e finalmente resolvida. Não

[1] Mendo Trigoso, *Exame critico das primeiras cinco edições dos Lusiadas*, pag. 13 e 14. Lisboa (1821).

[2] *O Relatorio do sr. Latino Coelho acêrca do Diccionario da Academia*, pag. 14. Lisboa, 1870.

[3] « He has been unjustly accused of having derived French from Greek. See his *Traicté de la Conformité du Langage français avec*

podendo duvidar da sciencia de Max Müller, só me fica então o recurso de concluir que o livro de Henrique Estienne («Étienne» escrevem alguns; «Estiene» é orthographia hoje particular do sr. Adolpho Coelho: os nossos maiores chamavam ao auctor Henrique Estevam) nunca chegou a ser entendido pelos franceses para quem foi escripto, os quaes desde Du Cange [1] até Goujet [2]; desde Thurot [3] e Nodier [4] até Villemain e Ackermann [5]; desde Wey [6] e Philarète Chasles [7] até Blignières [8] e Obry [9]; desde Du Méril [10], desde Feugère e Génin [11] até Didot

le grec, about 1566. It contains chiefly syntactical and grammatical remarks, and its object is to show that modes of expression in Greek, which sound anomalous and difficult, can be rendered easy by a comparison of analogous expressions in French». (*Lectures on the Science of Language*, t. I [6], 1871, pag. 144. — Cfr. t. II, 264.)

[1] «Iis porro non immoror, qui plerasque ex vulgaribus Linguis Græcæ ortus suos debere contendunt, quod de Francica hodierna Joachimus Perionius et Henricus Stephanus, de Italica Monosinius, de Hispanica Matutius et Aldretus, de Anglica Stephanus Skynnerus, qui verborum Catalogos subinde contexuere, quæ a Græcia profluxisse volunt». (*Glossarium mediæ et infimæ latinitatis*, ed. de Henschel, *Præfatio*, pag. 12.)

[2] *Bibliothèque françoise, ou Histoire de la littérature françoise*, t. I, Paris, 1740, pag. 46. [3] *Discours préliminaire* na trad. de *Hermès, ou Recherches philosophiques sur la grammaire universelle* de Harris (1796), pag. lxij-lxiv. — [4] *Notions élémentaires de linguistique*, ed. de Bruxelles, 1834, pag. 166. — [5] *Dictionnaire de l'Académie Française*, prefacio da 6ª ed., 1835, pag. XXII; — *Discours sur le bon usage de la langue française*, na ed. do livro de Du Bellay *La Deffence et illustration de la langue francoyse*, Paris, 1839, pag. 26. — [6] *Histoire des révolutions du langage en France*, 1818, pag. 407. — [7] *Etudes sur le seizième siècle en France* (1848), pag. 168.— [8] *Essai sur Amyot et les traducteurs français au XVIe siècle*, 1851, pag. 16 — [9] *Étude historique et philologique sur le participe passé français et sur les verbes auxiliaires* (Amiens), 1852, pag. 34. — [10] *Essai philosophique sur la formation de la langue française*, 1852, pag. 160, nota 1.

[11] «Le but de ce livre est d'établir que la langue des anciens Grecs a encore plus d'affinité que celle des Latins avec la langue française: en vue de faire prévaloir cette opinion, le mécanisme de notre idiome est étudié avec un soin scrupuleux et habilement mis en œuvre.... — La direction d'idées qui a provoqué ce livre n'a pas été, au reste, particulière à la France. Presque tous les peuples de l'Europe civilisée s'accordaient alors à rapporter leur naissance aux Troyens ou aux Grecs: curieux témoignage de l'immense impression produite sur les imaginations par les poëmes d'Homère et de Virgile. Non contents de revendiquer ces titres de noblesse pour leur origine politique, ils les réclamaient également pour leur filiation intellectuelle et pour leurs langues». L. Feugère, *Essai sur la vie et les ouvrages de Henri Estienne*, Paris, 1853, pag. 68, 73. Cfr. *Étude sur Henri Estienne*, na ed. do livro *La Precellence du langage francois*, 1850, pag. XXI. — «Périon voit tout le français dans le grec, qu'un fils

e Dübner [1]; desde Livet [2] e Sacy [3] até Boissonade [4] e Nisard [5]; desde Littré [6] até á Academia Francesa [7], e desde a Academia até Loiseau [8], até Burguy [9] e Egger [10], Ampère [11] e Bastin [12], Brachet [13] e Gaston Paris [14], lhe supposeram em todos os tempos o intuito que o sr. Latino Coelho, V. Ex. e eu (eu mais humildemente que ninguem) lhe attribuimos [15].

de Japhet, Samothès, apporta dans les Gaules. Henri Estienne a repris en sous-œuvre l'idée de Périon, en élaguant les absurdités et principalement le fils de Japhet». F. Génin, *Récréations philologiques ou Recueil de notes pour servir à l'histoire des mots de la langue française*, t. I, 1856, pag. 331, nota.

[1] *Nouvelle biographie générale*, t. XVI, Paris, 1856, col. 527. — [2] *La Grammaire française et les grammairiens du XVI*e *siècle*, Paris, 1859, pag. 332; 403, nota 1. — [3] *Variétés littéraires, morales et historiques*, 2a ed., t. I, 1861, pag. 30-32. — [4] *Critique littéraire sous le premier Empire*, t. II, 1863, pag. 432. — [5] *Curiosités de l'étymologie française*, 1863, pag. IV — [6] *Complément de la Préface, ou Coup d'œil sur l'histoire de la langue française (Dictionnaire*, t. I, 1863, pag. L).

[7] « Ainsi, au seizième siècle, Henri Estienne, dans de piquants écrits inspirés, comme certains chapitres de Rabelais, par une sorte de patriotisme littéraire, signale, grand titre de gloire à ses yeux! la *conformité* de notre langue avec la langue grecque, proclame sa *précellence* parmi les langues modernes, défend son intégrité contre l'invasion du *nouveax langage françois italianisé* et, comme il disait aussi, *espagnolisé* ». (*Dictionnaire historique de la langue française, publié par l'Académie Française*, t. I, 1865, pag. xj.)

[8] *Le mouvement philologique en France dans ces dernières années* (*Revue de l'instruction publique, de la littérature et des sciences*, t. XXVI, 1866, pag. 419). — [9] *Grammaire de la langue d'oïl*, 2a ed., t. I (Halle), 1869, pag. 3. — [10] *L'Hellénisme en France, leçons sur l'influence des études grecques dans le développement de la langue et de la littérature françaises*, t. I, Paris, 1869, pag. 110-112. — [11] *Histoire de la formation de la langue française*, 2a ed., 1869, pag. 331. — [12] *Etudes philologiques sur la langue française*, S. Petersburgo, 1870, pag. 1. — [13] *Dictionnaire étymologique de la langue française*, Paris (1870), pag. XLII; *Grammaire historique*, 3a ed. (1871?), pag. 59-60, nota.

[14] « Sans vouloir, comme Périon et Ramus, remonter aux origines mêmes de la langue, Henri Estienne nous présente, sous une forme un peu différente, la même inspiration que ses prédécesseurs. Son livre de la *Conformité du langage français avec le grec* est un traité en forme, mais dont le but est pratique plus que scientifique. Il tient surtout à prouver que le français ressemble d'une façon étonnante à la langue grecque, qu'il a en commun avec elle une foule de tours et de locutions, et qu'il lui doit un assez grand nombre de mots... L'idée fixe d'Estienne, c'est d'éloigner le français du latin, parce qu'en faisant ainsi il l'éloigne du même coup de l'italien, et qu'il a juré une haine à mort à *l'italianisme* qui envahissait alors la langue des gens de cour et qui a laissé une trace profonde dans notre vocabulaire ». (*Les études sur la langue française*, no vol. I da *Revue de France*, 1871, pag. 437-438.)

[15] Com todos os escriptores seus naturaes que lh'o attribuem,

Lembra-me, não obstante, uma regra que é fundamental em diplomatica [1]. Essa regra fel-a sua a sciencia da linguagem, e, haverá agora vinte annos, a estabeleceu Schleicher nos termos seguintes: « O verdadeiro linguista não se reporta á opinião de outrem, nem repete uma citação alheia sem a ter verificado » [2].

Largo tempo se contendeu acêrca da naturalidade do padre Antonio Vieira. Diziam-n-o uns nascido em Lisboa, outros na Bahia. O assumpto foi proposto ao Instituto Historico e Geographico do Brazil. Produziram-se argumentos por e contra. A verdade, porêm, verdade constante, é que, para muitos, ainda depois de impressa a memoria do arcebispo da Bahia, pendia indeciso o pleito. Por ser o mais natural, não occorreu logo, e tarde se cogitou de ouvir, mediante o depoimento posthumo das suas obras, o proprio Vieira. Até que V. Ex. foi mostrar aos obstinados, numa pagina dos *Sermões*, em estampa de grados characteres de missal, no t. VIII, *Xavier dormindo, e Xavier*

auctores extrangeiros profundamente versados nestes estudos lhe affirmam o mesmo intento. Bastar-me-ha aponctar: Denina, *La Clef des langues ou Observations sur l'origine et la formation des principales langues qu'on parle et qu'on écrit en Europe*, t. II, Berlin, 1804, pag. 65; Marzolo, *Monumenti storici rivelati dall' analisi della parola*, t. I, Padua, 1859, pag. 9; [Napoleão Caix, *Saggio sulla storia della lingua e dei dialetti d' Italia*, Parma, 1872, pag. XI]; Fuchs, *Die romanischen Sprachen in ihrem Verhältnisse zum Lateinischen*, Halle, 1849, pag. 10; Diez, *Grammatik der romanischen Sprachen*, I³, Bonn, 1870, pag. 57 [51 da trad. de A. Brachet e G. Paris, 1874].

[1] « *Du point de départ, du principe fondamental de l'École des Chartes.* — A tous ses élèves l'École donne tout d'abord pour devise, pour principe, pour mot d'ordre, cette proposition fondamentale: LES SOURCES, LES SOURCES, TOUJOURS REMONTER AUX SOURCES, ET NE JAMAIS SE CONTENTER D'OUVRAGES DE SECONDE MAIN. ENCORE UNE FOIS, LES SOURCES ». L. Gautier, *Quelques mots sur l'étude de la paléographie et de la diplomatique*, 3ª ed., Paris, 1864, pag. 17.

[2] *Les Langues de l'Europe moderne*, trad. de Ewerbeck, pag. 31. Paris, 1852.

[É, sem discrepancia, a regra expressa por Max Müller na moderna conferencia sôbre os resultados da sciencia da linguagem: « Wir müssen, wenn wir uns desselben bedienen [fala de um genero de saber a que chama de algibeira, differente e comtudo não menos necessario para os estudos comparativos que o saber de que realmente fazemos alimento, que convertemos *in succum et sanguinem*], nicht nur stets auf die Quellen zurückgehn, nichts auf Treu und Glauben annehmen, nichts von zweiter Hand citiren, sondern jeden einzelnen Punkt mit der grössten Vorsicht verifiziren, ehe wir irgend welchen Gebrauch davon für vergleichende Zwecke machen ». *Ueber die Resultate der Sprachwissenschaft*, 3ª ed., Strasburgo, 1872, pag. 30.]

acordado, esta *Advertencia necessaria*: « Porque sendo o Author tam conhecido em todo o mundo, ainda anda em opiniam donde he natural, & de presente sahio hum livro impresso, que o faz natural da Cidade da Bahia; he bem se saiba, que o Padre Antonio Vieyra nasceo em Lisboa, & foi bautizado aos quinze de Fevereiro do anno de mil, & seiscentos, & oito, na Sè da mesma Cidade.... » [1]

Na duvida movida, não sei se a favor, se contra Henrique Estevam, parece-me que se devia egualmente ter começado pelo principio.

Vamo'-nos ao livro. O titulo reza: *Traicté de la conformité du langage françois avec le grec. Divisé en trois livres, dont les deux premiers traictent des manieres de parler conformes; le troisieme contient plusieurs mots françois, les uns pris du grec entierement, les autres en partie, c'est-à-dire, en ayans retenu quelques lettres par lesquelles on peult remarquer leur etymologie.* Ora, se o honesto impressor [2] « nunca teve a opinião que o sr. Latino Coelho lhe attribue »; se não o podêmos collocar entre os que pretendiam, no dizer do auctor dos *Discours non plus mélancoliques que divers*, « tirer tout le français du grégeois », então o titulo da obra, á similhança d'este outro, *Le Droit au vol*, posto por Nadar a uma apologia da aeronautica. é simples burla, ou aqui está a hypothese figurada por Garrett: titulo que não devia ter livro.

Deixemos a dedicatoria. O prefacio, documento decisivo, trabalho de um d'aquelles homens senhores do seu assumpto, costumados a gizarem no preambulo dos livros que compu-

[1] A *Breve Memoria* de D. Romualdo Antonio de Seixas (Bahia, 1857, pag. 7) allude tambem a esta declaração, que, como bem diz o *Diccionario* (VIII, pag. 316), « considerada devidamente, poderia ter prevenido toda a controversia ».

[2] « Des presses de cet imprimeur jaillissait une lumière que redoutaient ces pédants barbares; ils s'épuisaient en efforts pour l'éteindre. Mais la vérité est le feu électrique: essayez de l'étouffer: il s'échappe et revole à l'air libre. Une voix fut assez audacieuse pour prendre la défense d'Henri Estienne: « Vouz avez beau faire, « disait-elle, un général qui a gagné vingt batailles et pris cinquante « villes, a moins fait pour la France que cet imprimeur ». Mots vraiment admirables et qui appartiennent à Auguste de Thou ». PHILARÈTE CHASLES, *Études sur le seizième siècle en France*, Paris (1848), pag. 265.

nham *l'ensemble de leurs méthodes et le tableau général de leurs idées* [1], o prefacio diz assim: « En une epistre latine que je mi, l'an passé, audevant de quelsques miens dialogues grecs, ce propos m'eschapa : *Quia multo majorem gallica lingua cum græca habet affinitatem quam latina, et quidem tantam (absit invidia dicto), ut Gallos, eo ipso quod nati sint Galli, maximum ad linguæ græcaæ cognitionem* προτέρημα *seu* πλεονέκτημα *afferre putem*... Ce propos (selon que j'ay peu cognoistre) a esté trouvé de bon goust et de bonne digestion par plusieurs de ma nation, bien disposez pour juger de telle chose: mais je me suis apperceu que beaucoup d'estrangers, au contraire, l'ont trouvé fort creu, et qu'il leur a esté de si dure digestion que tousjours depuis ils l'ont gardé en l'estomach ; et mesmes aucuns d'eux m'ont ouvertement faict entendre le peu de contentement qu'ils en avoyent receu.... Or, les raisons que j'ay à deduire ne seront difficiles à comprendre, d'autant qu'elles consistent en exemples monstrans à l'œil combien le langage françois est voisin du grec, non seulement en un grand nombre de mots (ce que feu mon pere a ja monstré parcidevant en partie), mais aussi en plusieures belles manieres de parler; afin que par ceste comparaison chascun voye combien le latin, l'italien, l'espagnol sont esloignez du grec, duquel le nostre est prochain voisin; et par consequent combien celuy qui est né François trouve le chemin plus court pour parvenir à la cognoissance d'iceluy: ce qui sera suffisant, ce me semble, pour me justifier et monstrer que je n'ay rien avancé en cest endroict, mais ay parlé avec bon fondement » [2].

Se o sr. Adolpho Coelho convem nisso, findaremos aqui a leitura e o incidente [3].

Era, se me não engano, o auctor dos *Eruditos á la violeta*, aquella fina ironia que talvez suggeriu a Malhão a idea do *Sabio em mês e meio*, era elle que vedava ingresso na sua

[1] Francis Wey, *Histoire des révolutions du langage en France*, pag. 407. Paris, 1848.

[2] Edição de L. Feugère, Paris, 1853, pag. 17-18.

[3] [Vejo-o todavia reviver nas *Questões da lingua portuguesa* do sr. Adolpho Coelho, parte I, 1874, pag. 2. A observação sôbre Henrique Estienne ahi reapparece — ahi e á frente do *Grande Diccionario* —

eschola aos que, para verificarem uma citação, se ficavam horas e horas *con los codos compenetrados con el bufete.* « De qué me servirian unos hombres que para adelantar en público una proposicion, abren diez libros, preguntan á veinte doctos, y gastan cuarenta noches en rumiar la especie, y aun despues de esto la profieren con modestia y desconfianza? De nada servirian sino de entristecer mi academia, de lo que Dios nos defienda.... El Miércoles os enseñé todos los misterios de la filosofía de antaño y de ogaño, de aquende y de allende. ¡ Pero qué bien ! »

Quem de certo não havia de entristecer a academia do *humorista* hispanhol é o sr. Adolpho Coelho. Quer V. Ex. uma prova da sua natural disposição para o systema da *escuela hebdomadal*? Pois se quer, não tem mais do que colhel-a na

emphaticamente enunciada, e com que rigor logico ! « Quando um sabio como Max Müller julga necessario desaffrontar a memoria de um philologo do seculo XVI, Henri Étienne, mostrando ser falso que este desconhecesse a origem latina do francês, que consideração se póde ter por homens que em o nosso seculo se fazem defensores estrenuos dos absurdos da celto-mania? » O modo natural de discorrer imagino que seria: « Quando um sabio como Max Müller julga necessario... não admira, não é muito que », etc. Mas o sr. Adolpho Coelho não acceitou a obrigação de discorrer segundo o commum. O padre Hardouin, que dizia fabricada nos mosteiros do seculo XIV boa parte das obras da antiguidade, e chamava a Virgilio e Horacio Frei Virgilio e Dom Horacio, tinha por costume responder aos que extranhavam a singularidade da sua opinião: — « Eh! croyez-vous que je me lève tous les jours à quatre heures du matin pour penser comme tout le monde ? » — Das obras publicadas por Henrique Estevam na madureza da sua vida e estudos não é por certo o *Thesaurus græcæ linguæ* o que mais parece favorecer a opinião defendida pelo sr. A. Coelho. Vê-se da palavra ἔχω no t. III da edição de F. Didot, col. 2622, B. Se no livro intitulado *Hypomneses de gallica lingua* o auctor « revient encore à plusieurs des idées émises dans la *Conformité* (Feugère, *Essai*, pag. 72), na *Precellence du langage francois* explicitamente declara: « Ainsi je confesse que les fondemens dont j'ay faict mention n'auront esté assis par moy, sinon pour ceux qui ont telle congnoissance de ceste langue grecque, qu'ils peuvent juger si la nostre luy est tant conforme ». (Ed. de 1850, pag. 35-36). O tractado *De Latinitate falso suspecta*, que nas *Réflexions sur la langue latine vulgaire* suggeriu a Bonamy numerosos additamentos, é pois a obra que ainda serviria para dar alguma apparencia de fundamento ao conceito de Max Müller. « Cet ouvrage, par les analogies frappantes qu'il présente entre les deux langues, pourrait aussi être appelé un traité de la conformité du français avec le latin ». Mas Feugère, que assim a considera, diz poucas paginas antes (*Essai*, 75; *Caractères et portraits littéraires du XVIe siècle*, II², 66), alludindo ahi á *Conformité du langage françois avec le grec*: « Henri Estienne a fait lui-même la contre-partie de son ingénieux traité, ou plutôt il a sensiblement infirmé la valeur

Theoria da conjugação em latim e português, livro a que o auctor chama « a primeira tentativa de applicação methodica dos principios da grammatica comparativa indogermanica [1] a uma lingua romanica ».

Pag. 116. O sr. A. Coelho disserta sôbre o modo de exprimir o futuro nas linguas neo-latinas; acaba de transcrever um logar de Duarte Nunes, e accrescenta: « Todos os grammaticos posteriores a Nunes de Leão parecem ter ignorado a natureza do nosso futuro, já porque não conheceram a passagem citada d'aquelle escriptor, já porque, conhecendo-a, não lhe deram attenção ou não a comprehenderam. Antonio das Neves Pereira, nas *Memorias de litteratura portuguesa*, t. IV, 341,

de ces conclusions, quand il a recueilli, pour l'intérêt d'une autre cause, dans son livre de la *Latinité faussement suspecte*, un grand nombre d'expressions latines dont la similitude frappante avec les françaises indique mieux encore une origine commune ».]

[1] A impropriedade d'esta designação foi já de muito denunciada por Bopp, *Vergleichende Grammatik*, prefacio da 2ª ed., pag. xxiv. Eis o passo respectivo na traducção de Miguel Bréal (I, pag. 21): « Je ne puis approuver l'expression « indo-germanique », ne voyant pas pourquoi l'on prendrait les Germains pour les représentants de tous les peuples de notre continent, quand il s'agit de désigner une famille aussi vaste, et que le nom doit s'appliquer également au passé et au présent de la race. Je préférerais l'expression « indo-classique », parce que le grec et le latin, surtout le premier, ont conservé le type originel de la famille mieux que tout autre idiome européen.... Quant à présent, pour être plus généralement compris, je me servirai du nom « d'indo-européen », qui a déjà reçu une certaine consécration de l'usage en France et en Angleterre ».

As razões de Schleicher em abono d'aquella primeira denominação, confirmada ainda na edição posthuma do *Compendium der vergleichenden Grammatik*, podem ver-se no livro *Les Langues de l'Europe moderne*, pag. 163. — Não tem outro fundamento a declarada preferencia de Donaldson a favor da mesma expressão: « This great class of languages, extending from India to the British Isles, has been called the Japhetic, Arian, Iranian, Sanscrit, Indo-European or Indo-Germanic family. We shall adopt the last of these names, because it points at once to the two most important branches of the family, the Indian and Teutonic languages, and is free from the vagueness which attaches to the term Indo-European; for there are languages in Europe which have no established affinity with this family ». (*The New Cratylus*, 4ª ed., Leipzig, 1868, pag. 123). — « Hence arose a classification of many languages, as well European as Asiatic, under one common head, called by different writers, *Caucasian*, *Indo-Caucasian*, *Indo-European*, *Indo-Teutonic*, *Sarmatic*, *Japhetic*, and, of late, *Aryan* » — diz Stoddart, *Glossology*, ed. de 1861, pag. 9. — E Farrar: « As the name Indo-Germanic, which was originally proposed, is obviously too narrow and exclusive, and as Indo-European, which conveniently represents them by geographical area, is also too narrow for the universal and growing colonies which this race has founded even in the remotest islands of the Pacific, it is clear that *Aryan* remains at present the best name

reconhece os elementos do futuro português, mas os nossos grammaticos continuaram e continuam na sua ignorancia a este respeito ».

A affirmação é animosa. Todos os grammaticos! Tómo o primeiro que me está á mão, Antonio de Moraes Silva, e leio: « *Iria*, *viria* são [variações] visivelmente compostas de *ia vir*,

by which to call them ». *Families of Speech* [ed. de 1873, pag. 53: vej. A. Ludwig, *Agglutination oder Adaptation?*. Praga, 1873, pag. 24]. — Transcrevo de Eichhoff as linhas que seguem: « Dans le vaste système Indo-persan ou plutôt Indo-européen, qui a étendu son réseau des monts Himalayas au cap Nord, et des bouches du Gange à celles du Tage, nous ne voyons régner qu'un seul vocabulaire, commun à tous ces peuples rivaux ». (*Grammaire générale indo-européenne*, Nancy, 1867, pag. 2). — A este systema de linguas, que, segundo Max Müller (*Lectures*, I[6], pag. 84), « constitute the great Indo-European or Aryan family of speech », dá Ascoli o nome de *ario-europeu*, depois adoptado por Diefenbach, não sem a anticipada venia: *In verbis simus faciles!* (*Origines Europaeae. Die alten Völker Europas mit ihren Sippen und Nachbarn*, Frankfort s/M., 1861, pag. 34). Palavras de Ascoli (*Studj orientali e linguistici*, t. I, 1854-1855, pag. 263): « *Ario-europea* si dirà con maggior convenienza la illustre famiglia di lingue, che altrimenti è appellata *indo-germanica*, *indo-europea*, *sanscritica*. La prima denominazione pecca d'inesattezza in ambo le sue parti; giacchè in Asia non all' India soltanto, ed in Europa non ai soli paesi germanici si restringono le favelle di cui trattiamo ». E nos *Corsi di glottologia* (I, 1870, pag. 2): « ... quel nobilissimo sistema di lingue, che variamente si addimanda: *ariano*, *indo-europeo*, *sanscritico*, e men correttamente: *indo-germanico* ». — Pictet (*Les Origines indo-européennes*, t. I, 1859, pag. 27): « ... les noms de famille *indo-germanique* ou *indo-européenne*, lesquels ne sont ni logiques, ni harmonieux; car ils n'expriment qu'imparfaitement le sens qui leur est attribué, et leur longueur démesurée en rend l'emploi fort peu commode. Le nom de famille *arienne* nous semble de tous points préférable, et d'autant plus qu'il paraît avoir quelque droit à une valeur historique ». — Mowat (*Etudes d'onomatologie comparée*, 1868, pag. 47): « J'emploie à dessein le mot *indo-celtiques* qu'il est désirable de substituer à *indo-germaniques*, ou à *indo-européennes*, locutions qui pèchent contre l'exactitude ou la précision ». — Finalmente Hovelacque: « Si, bien évidemment, le nom d'« indo-européen » est tout-à-fait vicieux, disant plus et moins qu'il ne veut dire... le nom d'« indo-germanique » est fautif à un plus haut degré encore: on comprendrait mieux « indo-celtique », embrassant les deux extrêmes de la famille. Dans le manque d'un meilleur terme il est sage de s'en tenir au plus usité, peut-être au moins défectueux, à savoir celui d'indo-européen. Ce qu'il y a de bizarre c'est de voir les savants allemands ne vouloir pas démordre de l'expression « indo-germanique » et repousser d'ailleurs très-formellement les mots « Germanie, germain, germanique », sous prétexte que leur origine et leur véritable portée ne sont pas connues, ce qui est d'ailleurs exact ». (*Instructions pour l'étude élémentaire de la linguistique indo-européenne*, 1871, pag. 64). — Cfr. Baudry, *De la science du langage et de son état actuel*, 1864, pag. 16; Caix de Saint-Aymour, *La Langue latine étudiée dans l'unité indo-européenne*, I, 1868, pag. 8; [L. Havet, *Revue critique*, 1874, 1º sem., pag. 145, e *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*, t. II, 1872-1874, pag. 261, *L'unité linguistique européenne.*]

ia ir, como *irei*, *virei* de *hei* e *vir*, *ir*: *ir-me-has*, por *irás-me*, prova o que digo; *ir-hei*, hei tenção de ir, ellipticamente *hei de ir*, *tenho de ir*.... (V, Leão, *Origem*, cap, 19) »[1]. Ponho-me a folhear o tractado de Constancio, e acérto de encontrar esta referencia aos verbos que o auctor considera parte integrante e adjectiva dos tempos simples: « Já Duarte Nunes de Leão o tinha observado quanto ao futuro e condicional em *ei*, *ia*, v. g. *amarei*, formado de *amar-hei*, *amaria* de *amar-havia*; mas eu mostrarei que em todos os mais tempos ». etc. [2]. — João Chrysostomo do Couto [3], Jeronymo Soares Barbosa [4], o auctor do *Genio da lingua portuguesa* (I, 276) e o dos *Principios de grammatica* [5], o auctor da *Grammatica nacional* [6] e o auctor

[1] *Epitome da grammatica portuguesa* (*Diccionario*, 2.ª ed., t. I, Lisboa, 1813, pag. xv, nota *a*). — [Moraes reporta-se positivamente ao capitulo e ao logar que o sr. A. Coelho diz não ter sido conhecido, ou, melhor, não ter sido comprehendido dos nossos grammaticos. Arguição que textualmente repete no *Thesouro* de Fr. Domingos Vieira, t. II, s. v. *Condicional*, dado seja a introducção sôbre a lingua portuguesa, no t. I, « a *unica cousa* em que tem responsabilidade ». Eis as palavras de Duarte Nunes: « Tambem na voz actiua supprimos algũas faltas que temos em nossa coniugação Portuguesa com este verbo hei, has, ha, qne he o habeo habes dos latinos que ajuntamos ao infinitiuo, porque dizemos, amarei, amaras, amaraa, amaremos, amarias, amariaõ, & aos mais modos em que me não detenho, porque para os que sabem latim basta fazer esta lembrança ». (*Origem da lingoa Portvgvesa*, Lisboa, 1606, pag. 119). — Chabaneau adverte no 1. II, cap. I da *Grammaire limousine*, 1874: Ce nouveau futur se rencontre assez fréquemment, déjá tout formé, dans le latin vulgaire des bas siécles. M. Boucherie en a rappelé un bien curieux exemple (*daras=dabis*), en lui restituant sa vraie date (VII° ou VIII° siécle) dans la *Revue des langues romanes* [t. V, pag. 114, *Quelques traces de la langue romane avant le IX° siécle*; vej. t. VII, pag. 403, *Irabis=tu iras*] et il en avait précédemment relevé plusieurs autres (par exemple: *cognuscere habis*) dans la *Vie de sainte Euphrosyne* dont on lui doit la publication ». — Cfr. Chevallet, *Origine*, t. III, pag. 264; Rönsch, *Die französische Futuralbildung* (*Jahrbuch*, VIII, 1867, pag. 421-3); Schuchardt, *Vokalismus*, t. I, 1866, p. 119; II, 1867, pag. 511; Diez, *Grammatik*, II³, 120.]

[2] *Grammatica analytica da liagua portuguesa*, Paris, p. 109. 1831.

[3] *Gramática filosófica da linguagem pôrtuguêza*, pag. 155, 188. Lisbôa, 1818.

[4] *Grammatica philosôphica da lingua portuguesa, ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*, 2.ª ed., pag. 262. Lisbôa, 1830.

[5] F. de Andrade, junior, *Principios de grammatica portuguesa*, pag. 70, 71. Funchal, 1844.

[6] [Julio Caldas Aulete] *Grammatica nacional* (*curso elementar*), pag. 42-43. Lisboa, 1864.

da *Grammatica practica* [1] verifico que protestam não menos formalmente contra as palavras do Sr. Adolpho Coelho. E tão clara é nas obras nacionaes a observação subjeita, que um extranho, Notley, talvez sem mais necessidade que a de se servir do epitome de Constancio, *Grammaire portuguaise à l'usage des Français*, a traslada na sua inteireza [2].

Afora aquella extranhissima asserção [3], não ha na passagem indicada do livro do sr. Adolpho Coelho (pag. 115-116), unica que me dei á fadiga de confrontar, uma idea que lhe pertença, Exemplos de outras linguas, allegações de textos e de auctores, tudo o que não é respigado em Schleicher, em F. Nene, em Corssen ou alhures, é traduzido de Diez, e por muito favor alinhavado com alguma referencia caseira das

[1] Silva Dias, *Grammatica practica da lingua portuguesa*, pag. 162, nota 2. Porto, 1870.

[2] « The simple future of all Portuguese verbs is formed by the addition of hei, has, &c., to the infinitive, the letter *h* being suppressed ; as, amar-hei becomes amarei — I will love ». Notley, *A Comparative Grammar of the French, Italian, Spanish, and Portuguese languages*, Edimburgo, 1868, pag, 241.— « Le futur vient de *hei* ajouté à l'infinitif, v. g., *amar-hei* (l'*h* est supprimé parce qu'il ne sonne point), *amar-has*, etc. ». Constancio, *Nouvelle Grammaire portugaise à l'usage des Français*, ed. de Paris, 1862, pag. 100.

[3] Os escriptos do sr. Adolpho Coelho estão cheios de affirmativas assim livianas.

Referindo-se ás etymologias do *Genio da lingua portuguesa*, diz por exemplo : « ... *Moderno* de *hodiernus*, e outras de egual valor mostram quão inscientificamente o livro foi composto ». (*A Lingua portuguesa*, pag. X).— Com effeito, a *Grammatica das linguas romanicas* (1^3, 21) dá por origem da palavra o latim *modernus*, « erst bei Priscian und Cassiodor » [« pela primeira vez em *Priscio* », assim traduzem as *Questões da lingua portuguesa*, parte I, pag. 92]. Em Egger lê-se : *Modernus*, mot trés-bien formé selon l'analogie de *diurnus*, *hodiernus*, *hesternus* (pour *herïternus*, *hesiternus*), ne s'est retrouvé jusqu'ici que dans Priscien et dans Cassiodore ». (*Observations sur un procédé de dérivation très-fréquent dans la langue française et dans les autres idiomes neo-latins*, 1864, pag. 10) Diez, porém, era desconhecido ao nosso auctor, e Egger escreveu depois d'elle. Mas Bluteau, cuja anterioridade quasi é de dous seculos ? Bluteau escrevia em 1716 ; « Deriva-se do Latim barbaro *Modernus*, que se acha em Cassiodoro, nas Collectaneas do Ortographo, em Beda de *Metrls*, em Ivo Carnotense na sua Chronica de Frãça, & em outros muitos. Foi feito do adverbio *Modó*, como quem dissera, *Qui modò vivit*, ou *qui modo erat* ». — Etymologia tão obvia é possivel que fosse desprezada no *Genio da liugua portugueza ?* Aberto o primeiro tomo, lê-se a pag. 29 : « MODERNO. *Hodiernus*. Na baixa latinidade dizia-se já *modernus*, sendo natural que por intermedio d'este se formasse o vocabulo português. Vid. Nolten, Lex. Anti-barb. »

Trovas e cantares e dos *Actos dos Apostolos*, esforço de erudição com que o sr. A. Coelho se julga quite. Ora exemplos portuguezes, e não menos conclusivos, já os tinhamos na obra de um extrangeiro, publicada ha cinquenta annos, a *Grammaire comparée des langues de l'Europe latine* de Raynouard [1].

Por ultimo, pena-me não poder admirar em muito excesso o modo de appropriação usado pelo eminente renovador da philologia portuguesa. O modo é o seguinte. Lê em Diez, supponhamos: « Conforme Blanc, *Grammatica italiana*, pag. 360, o primeiro que observou esta origem do futuro foi Antonio de Nebrija (1492) » [2]. Que faz? Cala o nome de Blanc, e escreve

[1] Pag. 298. — Vej. *Influence de la langue romane rustique sur les langues de l'Europe latine*, Paris, 1836, pag. 12.

[2] *Grammatik der romanischen Sprachen*, t. II², 1858, pag. 112. [Não obstante esta clarissima referencia, e como se só houvesse attendido a uma antiga nota de Diez (*Die Poesie der Troubadours*, 1826, pag. 303), escreve Max Müller na ultima edição da *Scieucia da linguagem*, t. I, 1871, pag. 267: « The first, as far as I know, who thus explained the origin of the Romance future was *Castelvetro* in his *Correttione* (Basilæa, 1577) ». — É manifesto o lapso de Bruce-Whyte em collocar o *Diálogo de las lenguas* como anterior a Nebrissa, cujo nome a cada passo se repete na producção anonyma: «Le premier écrivain qui, á notre avis, en fit la remarque pour l'espagnol, est l'auteur anonyme du «Dialogo de las lenguas», et aprés lui Antonio de Nebrija, dont nous avons eu le bonheur de posséder la rare et admirable grammaire castillane». (*Histoire des langues romanes et de leur littérature*, t. I, Paris, 1841, pag. 240). Um breve trecho do *Diálogo*, escripto hoje geralmente attribuido a João de Valdés (Amador de los Rios, *Historia critica*, t. II, Madrid, 1862, pag. 365; Gayangos e Vedia, notas a Ticknor, t. II, 1851, pag. 512), bastará a demonstrar o equivoco: — « Segun eso, ¿ no debeis de haber leido el arte de la gramática castellana, que diz que compuso nuestro Antonio de Lebrija para las damas de la serenisima reina dona Isabel, de inmortal memoria? » (*Origenes de la lengua española, compuestos por varios autores, recogidos por D. Gregorio Mayans y Siscar*, 2ª ed., Madrid, 1873, pag. 41). — As palavras de Brachet na sua *Grammaire historique* (pag. 187 da 9ª ed., 1873) devem considerar-se restrictivas á lingua francesa: « C'est un savant du siécle dernier, Lacurne de Sainte-Palaye, qui signala le premier ce mode de formation du temps futur, découverte confirmée par les travaux postérieurs de Raynouard et de Diez ». Não parece logo cabido aquelle reparo do professor Canello: « Vedi... A. Brachet, *Gram. hist.*, a pag. 187, dove falsamente, forse per un malinteso amor nazionale, il Sainte-Palaye vien detto primo autore della scoperta». (*Del Metodo nello studio delle lingue romanze*, Florença, 1873, pag. 13). — Ainda em relação á França, a prioridade da explicação não se póde todavia perfilhar a Sainte-Palaye. Notou-o Egger, *Observations*, pag. 56, acêrca das fórmas do futuro *je recevrai, je viendrai*, je *parlerai* — «formes dont l'origine et le vrai caractére, signalé jadis avec justesse par Regnier Desmarais, démontré plus tard par La Curne de Sainte-Palaye, semble aujourd'hui reconnu, sauf de rares exceptions — Bonamy, Orelly e Ampére, citados

como reflexão propria: « Foi Antonio de Nebrissa quem na sua grammatica hispanhola (1492) primeiro reconheceu o modo por que se formou o futuro romanico »[1]. Ao passo, porêm, que o seu desprendimento de espirito se manifesta aqui em um desvio

por Chevallet; Reiffenberg, citado por Scheler; Mastrofini, por Canello; posteriormente Burggraff, *Principes de grammaire générale*, Liège, 1863, pag. 395; Bergmann, *Cours de linguistique, fait moyennant l'analyse glossologique des mots de la fable de Lafontaine Le Rat de ville et le Rat des champs* (Strasburgo, 1875), pag. 221], par tous les linguistes de quelque autorité en ces matières » O proprio Sainte-Palaye, no escripto alludido (*Mémoires de littérature, tirês des registres de l'Académie Rayale des Inscriptions et Belles-Lettres*, t. XXIV, 1756, pag. 684, *Remarques sur la langue Françoise des XII.e & XIII.e siècles* expressamente attribue a observação á obra de Regnier, publicada em 1705 ou 1706: « Je finis par une observation grammaticale peu importante en elle-même, mais qui servira d'une nouvelle preuve à la conformité des langues Françoise, Italienne & Espagnole, & justifiera encore la remarque d'un de nos plus célébres grammairiens sur la formation de notre futur. Elle se fait, suivant l'abbé Regnier (*Gram. Franç. p.* 368, *& suiv.*), par la jonction ou réunion du temps présent de l'indicatif du verbe auxiliaire *avoir*, & de l'infinitif; *j'amerai, tu aimeras, il aimera: Il est vrai*, ajoûte-t-il *que dans la première & dans la seconde personne du pluriel, le temps présent de l'indicatif même du verbe n'est pas mis dans toute son étendue*; *mais cela vient de ce qu'autrefois on a dit*, nous ons & vous ez, *pour* nous avons & vous avez, *ainsi qu'on peut encore juger par la troisiême personne du pluriel, où on a conservê* ils ont ». [Cfr. Quicherat, *Traitê de versification française*, Paris, 1850, pag. 409-411.] — E aqui se póde ver anticipado este reparo de Darmesteter, feito á *Nouvelle Grammaire* de Brachet: « Il est absolument nécessaire d'expliquer la chute de *av* dans *avons, avez, avais*, etc.; car les éléves ne manqueront pas de se demander pourquoi l'on ne dit pas *nous aimeravons* ». *Revue critique* 1874, 2.º sem., pag. 395. — Vej. no 1.º sem. de 1868, pag. 29, G. Paris sobre um logar da *Grammaire historique* do mesmo auctor.]

[1] [Facto cuja observação é porventura anterior a Nebrissa (Nebrija, Lebrixa, Lebrija), em nossos dias apenas se encontrará papel ou livro de assumpto grammatical ou de historia litteraria que o não recorde. Excluo todos os que constam da nota de Pezzi, a pag. 8 da sua *Formazione del futuro attivo negli idiomi italici ed ellenici*, Turin, 1872; excluo outros, como os de Tobler e Pott (*Etymologische Forschungen*), que referidos em Canello e Obry, não tive ao meu alcance — e posso apponctar: Diez, *Die Poesie der Troubadours*, Zwickau, 1826, pag 303; Diefenbach, *Ueber die jetzigen romanischen Schriftsprachen*, Leipzig, 1831, pag. 98-99; Fuchs, *Uber die sogenannten unregelmässigen Zeitwörter in den romanischen Sprachen*, Berlin, 1840, pag. 37-39; Bruce-Whyte, *Histoire des langues romanes et de leur littérature depuis leur origine jusqu'au XIVe siècle*, t. I, Paris, 1841, pag. 239-243; A. G. de Schlegel, *Observations sur la langue et la littérature provençales* (*Essais littéraires et historiques*, Bonn, 1842, pag 240-2); Mätzner, *Syntax der neufranzösischen Sprache*, t. I, Berlin, 1843 pag. 106; Scheler, *Mémoire sur la conjugaison française considérée sous le rapport étymologique*, (Bruxellas, 1845), pag. 17-19; Fauriel, *Histoire de la poésie provençale*, t. I, Paris, 1846, pag. 231; Benloew, *De l'Accentuation dans les langues indo-européennes tant anciennes que modernes*, 1847, pag 249; Delius, *Famille romane*,

de texto, alêm descai em litteralidades pouco desculpaveis. O postulado: « Todas as linguas romanicas, á excepção do valachio, aproveitaram aquella construcção latina para exprimirem o futuro », é na verdade identico a est'outro de Chevallet:

no livro de Schleicher *Les Langues de l'Europe moderne*, trad. fr., 1852, pag. 202-4; E. du Méril, *Essai philosophique sur la formation de la langue française*, 1852, pag. 379; Obry, *Étude historique et philologique sur le participe passé francais et sur les verbes auxiliaires*, 1852, pag. 165-171; Fauriel, *Dante et les origines de la langue et de la littérature italiennes*, t. II, 1854, pag. 422-3; Max Müller, *Suggestions for the assistance of officiers in learning the languages of the seat of war in the East*, Londres, 1854, pag. 20-21; —*The Turanian Family of Language, letter to Chevalier Bunsen*, no t. III da obra de Bunsen *Christianity and Mankind*, Londres, 1854, pag. 333; Weil e Benloew, *Thêorie gènéral de l'accentuation latine*, Paris, 1855, pag. 278-9; Delâtre, *Teorica de' verbi italiani*, Florença, 1856, pag. 10-11; Chavée, *Français et wallon, parallèle linguistique*, Paris, 1857, pag. 85-87; Donaldson, *Varronianus*: a *critical and historical Introdutcion to the Ethnography of ancient Italy and to the philological study of Latin language*, 3.ª ed., Cambridge, 1860, pag. 540-1; Bopp, *Vergleichende Grammatick des Sanskrit, Send, Armenischen, Griechischen, Lateinischen, Litauischen, Altslavichen, Gotischen und Deutschen*, t. III², Berlin, 1861, § 659 (pag. 306 da trad. fr.); Cornewal Lewis, *An Essay on the origin and formation of the Romance Languages*, 2ª ed., Londres, 1862, pag. 173-7; Mussafia, *Beiträge zur Geschichte der romanischen Sprachen* (*Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaft; philosophisch-historische Classe*, t. XXXIX, Vienna, 1862, pag. 542-5); A. F. Pott. *Doppelung* (*Reduplikation, Gemination*) *als eines der wichtigsten Bildungsmittel der Sprache*, Lemgo, 1862, pag. 249; Mahn, *Ueber die Entstehung, Bedeutung, Zwecke und Ziele der romanischen Philologie*, Berlin, 1863, pag. 13-14; Littré, *Histoire de la langue frànçaise*, t. II², Paris, 1863, pag, xx, 117-118; Bréal, *De la Méthode comparative appliquèe à l'étude des langues*, 1864, pag. 13-14; Egger, *Observations sur un procêdê de dérivation trés-frequent dans la langue française et dans les autres idiomes néo-latins* (2.ª ed. sob o titulo: *Les Substantifs verbaux formés par apocope de l'infinitif*, Montpellier, 1874), Paris, 1864, pag. 56; Villemain, *Tableau de la littérature au moyen àge*, ed. de 1865, t. I, pag. 74; Biasutti, *Della Filologia comparata e delle sue relazioni collo studio delle lingue coll' archeologia, coll' etnologia, colla storia e colla filosofia*, Veneza, 1865, pag. 14-15; G. Schmilinsky, *De proprietate sermonis Plautini usu linguarum romanicarum illustrato, dissertatio inauguralis philologica*, Halle, 1866, pag. 28; Eichhoff, *Grammaire gênérale indo-européenne*, Nancy, 1767, pag. 114; Rönsch, *Nachweise zur französischen Grammatik aus dem Vulgärlatein*; *die französische Futuralbildung* (*Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, t. VIII, Leipzig, 1867, pag. 418-424); Whitney, *Language and the study of Language*, Londres, 1867, pag 118; Marsh, *Lectures on the English Language. edited by W. Smith*, 5ª ed., 1868, pag. 233; Saco Arce, *Gramatica gallega*, Lugo, 1868, pag. 75; Littré, *Préface de la deuxiême édition*, na *Grammaire historique* de A. Brachet, Paris (1868), pag. xv-xvi; A, de Caix de Saint-Aymour, *La langue latine êtudièe dans l'unité indo-europèenne* parte I, 1868, pag. 195-6; Max Müller, *Chips from a German Workshop* t. II², Londres, 1868, pag. 18; —*On the Stratification of Language*, 1868 pag. 21; Donaldson, *The New Cratylus; or, Contributions towards a more accurate knowledge of the Greek Language*, 4ª ed. (Leipzig), 1868

« Tous les idiomes néo-latins, excepté le valaque, ont formé le futur de la même manière »[1] Diefenbach e Delius [2], Ampère [3] e Diez [4], Scheler [5] e Fuchs [6], Schmilinsky [7] e

pag. 594-5; Theophio Braga, *Historia da litteratura portuguesa; Introducção*, Porto, 1870, pag. 114; Cesar Cantù, *Vestigia primtiive della lingua e de' dialetti italiani* (*Atti del Regio Istituto Veneto di scienze, lettere ed arti*, 3.ª ser., t. XVI, Veneza, 1870-1871, pag. 214-16); Max Müller, *Lectures on the Science of Language*, I[6], Londres, 1871, pag. 266-8, 372: Mussafia, *Darstellung der romagnolischen Mundart*, Vienna, 1871, pag. 71; Gaston Paris, *La Vie de saint Alexis, poéme du XI.e siècle* (Nogent-le-Rotrou), 1872, pag. 125; Marty-Laveau, *Cours historique de langue française; De l'enseignement de notre langue*, Paris 1872, pag. 61, 76; Chavée, *Enseignement scientifique de la lecture* (1872), pag. 82; Bastin, *Les nouvelles recherches sur la langue française et leurs résultats*, Bruxellas, 1872, pag. 73; Boucherie, *La Vie de sainte Euphrosyne, texte romano-latin du VIII^e-IX^e siécle*, Montpellier, 1872, pag. 40; Fornaciari, *Grammatica storica della lingua italiana, estratta e compendiata dalla Grammatica romana di Federico Diez*, 1.ª parte, *Morfologia*, Turin, 1872, pag. 51-52; N. Caix, *Saggio sulla storia della lìngua e dei dialetti d' Italia, con un' introduzione sopra l' origine delle lingue neolatine*, Parma, 1872, pag. XLVIII; Bartoli, *I primi due secoli della letteratura italiana* (*L' Italia sotto l'aspetto fisico, storico, artistico e statistico*, parte II; Milão, 1872 ?), pag. 20-21; Canello, *Il Prof. Federigo Diez e la filologia romanza nel nostro secolo*, Florença 1872, pag. 53; — *Del Metodo nello studio dlle lingue romanze*, 1873, pag. 10-12; Ascoli, *Archivio glottologico italiano*, t. I, Milão, 1873 pag. 440-2, 462; Hartzenbusch, *Origenes de la lengua española, compuestos por varios autores, recogidos por D. Gregorio Mayans y Siscar, Prôlogo* da 2.ª ed., Madrid, 1873, pag. XV; A Pellissier, *Précis historique de la langue française depuis son origine jusqu'à nos jours*, Paris, 1873. pag. 146, 302; E. Drouin, *Recherches historiques & étymologiques sur la langue anglaise* (*histoire et grammaire*), Meaux, 1873, pag. 67; Tamagni, *Storia della letteratura romana*, Milão (1872-1874), pag. 306; A. Loiseau, *Histoire des progrès de la grammaire en France depuis l'époque de la Renaíssance jusqu'à nos jours*, 2.º fasc., Angers, 1874, pag. 61; Chabaneau, *Grammaire limousine*, l. II (*Revue des langues romanes*, t. VI, Montpellier, 1874, pag. 171, 178); Brachet, *Nouvelle grammaire française fondée sur l'histoire de la langue*, Paris, 1874, pag. VII, 115, 128; Rönsch *Itala und Vulgata; das Sprachidiom der urchristlichen Itala und der katholischen Vulgata unter berücksichtiguang der romischen Volkssprache*, 2.ª ed., Marburg, 1875, pag. 449; A Darmesteter, *Traité de la formation des mots composés dans la langue française comparée aux autres langues romanes et au latin*, Paris, 1875, pag. 64; Whitney, *La Vie du langage*, trad. fr., 1875; pag. 78, 103.]

[1] *Origine et formation de la langue française*, t. II, Paris 1857, pag. 266.— [2] Obras citadas, pag. 105 e 239.— [3] *Histoire de la formation de la langue française*, 2.ª ed., 1869, pag. 151.— [4] *Grammatik*, t. II, 2.ª ed., pag. 112 [3.ª pag. 121; 110 da trad. fr.]— [5] *Mêmoire sur la conjugaison française considèrée sous le rapport étymologique*, Bruxellas, 1845, pag. 21.— [6] *Die romanischen Sprachen in ihrem Verhältnisse zum Lateinischen*, Halle, 1849, pag. 346.

[7] These citada, pag. 28: « Sed in dialecto Raeto-romanica hoc tempus circumscribitur per *venire*, veluti *veng a cantar* = ital. *canterò* in Valachica per *velie*, veluti, *voiu cuntá*.»

Pott [1], Bruce-Whyte [2] e Chabaneau [3] mostraram, porêm, que duas, não uma, são as linguas exceptuadas — o walachio [4] e o rheto-romanico [5]. Nem se excuse o sr. Adolpho Coelho

[1] *Doppelung (Reduplikation, Gemination) als eines der wichtigsten Bildungsmittel der Sprache, beleuchet aus Sprachen all Welttheile*, pag. 261. Lemgo, 1869.

[2] Obra citada, pag. 62 e 239.

[3] *Hisloire et théorie de la conjugaison française*, Angoulême, 1868, pag. 46.— [Cfr. Pezzi, *Formazzione del futuro attivo negli idiomi italice ed ellenice*, Turin, 1872, pag. 21 : Mussafia, *Zur rumänischen Formenlhere* (*Jahrbuch für romanische und englische Literatur, t. X.* Leipzig, 1869, pag. 376) ; Ascoli, *Studj critici*, t. I, Gorizia, 1861, pag. 65 ; Diez, *Grammatik*, II³, 1871, 120.]

[4] [« La consanguinité des deux langues est irrécusable, le roumain est bien issu en ligne directe de la langue virile des Romains, à laquelle est venue s'ajouter comme une grâce, quelques éléments daciques et slaves. En France on a été longtemps sans savoir que la langue roumaine était aussi latine que la langue française, si longtemps, que le *Dictonnaire politique*, édité par la librairie Pagnerre, en 1860, c'est-à-dire cinq ans aprés la guerre de Crímée, affirme que les Valaques et les Moldaves sont des peuples slaves ». Friderico Damé, *La Langue roumaine* (*La Roumanie contemporaine et les peuples de l'Europe orientale*, t. I. Paris, 1874, pag. 106). — Vej. a nota de pag. 101-2 ; e cfr., Ubicini, *Aperçu sur la langue roumaine*, na *Grammaire de la langue roumaïne* de Mircesco, 1863, pag. XVII-XX ; Max Müler, *Suggestions for the assistance of officiers in learning the languages of the seat of war in the East*, Londres, 1854, pag. 38-50 ; Roesler, *Dacier und Romänen*, Vienna, 1866, pag. 74-82 ; E. Picot, *Documents pour servir a l'étude des dialectes roumains*, I (1872). pag. 1-6 ; Schuchardt, *De l'ortographe du roumain*, no t, II da *Romania*, 1873, pag. 72-79 ; P. Meyer, *Rappo ts, sur la philologie romane* (*Transactions of the Philological Society*, 1873-4, pag. 414-18 ; 1875-6, pag. 122-4) ; *Bibliotèque de l'École des Chartes*, 1874, pag. 637-40 ; 1875, pag 372-3.]

[5] [« Bien que peu connu, ce débris de langue tusco-latine a reçu un nom différent de chacun de ceux qui en ont parlé. Au moyen âge, les Allemands l'ont nommé gaulois de Coire, welche de Coire ; les modernes, roman d'Engadine, rhæto-romanche, ladin, romano-celtique, romanique ou rumonique, rhætien, etc. Le moins usité a été le véritable, le *rumonsch* [rumonsch (Ligue grise), rumaunsch, romaunsch, romauntsch, rumansch, romanch, romonsch, selon les dialectes et les auteurs], celui que lui donnent les Grisons eux mêmes, et que j'ai tenu á conserver, comme seul exact et justifié.» Roque-Ferrier, *Un recueil de poésies rumonsches* (*Revue des langues romanes*, t. V. Montpellier 1874, pag. 202 ;).— Cfr. Gaston Paris, *Romania*, t. I, 1872, pag. 9 ; Schuchardt, *Der Vokalismus des Vulgärlateins*, t. I, pag. 97 : t. III, pag. 6, Leipzig, 1866-1868 ; Benfey-*Geschichte der Sprachwissenschaft und orientalischen Philologie in Deutschland*, Munich, 1868, pag. 652 ; Schelcher, *Die Deutsche Sprache*, 2ª ed., Stuttgart, 1869, pag. 76 ; Diez, *Grammatick*, 1³, 1870, pag. 32.—Segundo Bunsen (*Christianity and Mankind*, t. III, 1854, pag. 89 — a appellação que se lê no texto — uma das mais usualmente dadas ao idioma da Ræetia, « for this is the true ortography, not Rhætia » — deverse-hia escrever *reto-romanico*.]

com a pouca importancia d'esta ultima lingua, relegada como simples dialecto, na segunda edição da *Grammatica* de Diez, para o fim da *Introducção*. Stengel exproba ao grande romanista o tel-a quasi eliminado do seu estudo [1].

« Antes de eu publicar o meu livro não se sabia em Portugal que na Allemanha um Diez tivesse escripto acêrca da nossa lingua ».

Indubitavelmente. Nessa terra de cegos é o sr. Adolpho Coelho o unico que tem um olho — o de Polyphemo, ou, por tomar o simile á Asia, que já de seculos nos argue a nossa cegueira [2], o de Shiva, *quo omnia videt, expendit, penetrat* [3]. Só o sr. Adolpho Coelho sabia da existencia de Diez. É pois muito de agradecer a modestia com que se limita a insinuar-nos que o descobriu: podia pretender que o inventou.

Alguma difficuldade acho entretanto em conciliar as palavras de hoje com as de hontem, as declarações do folheto com as do livro. « Friderico Diez, professor da Universidade

[1] « He excludes, and that with some injustice, the Rhaeto-Romance, or, as he calls it, Churwalsch, spoken in some valleys of the canton Grabünden and of Tyrol, and recently treated by Scheneller, Rausch, Schuchardt, and myself ». E. Stengel, *Grammar of the Romance languages* (*The Academy*, vol. II, Londres, 1871, pag. 359. — [« Sul dialetto dei Grigioni (romancio), che taluni vorrebbero elevare alla dignità di lingua letteraria, bellissime ricerche furono in questi ultimi tempi istituite da Carish, Rausch, Schneller, Schuchardt, Stengel: altre felicissime ne attendiamo dall'Ascoli nostro ». Canello, *Il Prof. Federigo Diez e la filologia romanza nel nostro secolo*, Florença, 1872, pag. 70.—Vej. Bruce-Whyte, *Histoire des langues romanes*, t. I, 1841, pag. 262-316; Schneller, *Die romanischen Woiksmundarten in Sudtirol*, t. I, Gera 1870, pag. 5-16; Rausch, *Geschichte der Literatur des Rhäto-Romanischen Volkes*, Francfort s/M., 1870; Ascoli, *Saggi ladini*, vol. I, 1873, pag. 2,4-249; e cfr. A. Fuchs, *Die romanischen Sprachen*, 1849, pag. 102-104; Holtzmann, *Kelten und Germanen*, Stuttgart, 1855, pag. 130-40; Heyse, *System der Sprachwissenschaft*, 1856, pag. 199; Max Müller, *Science of Language*, I⁶, 1871, pag. 222; Farrar, *Families of Speech*, ed. de 1873, pag. 72.]

[2] « E bem como os Gregos em respecto de sy todallas outras nações auiam por bárbaras, assi os Chijs dizem q̃ elles tem dous ólhos de jntendimẽto acerca de todallas cousas, & nós os da Európa depois q̃ nos comunicarã temos hum ólho & todallas outras nações sam çegas». João de Barros, *Terceira Decada da Asia*, l. II, cap. VII, pag. 193, Lisboa, 1563.

[3] Paulino de S. Bartholomeu, *Vyacarana seu locupletissima samscrdamicae linguae institutio*, signa ad pag. 216. Roma, 1804.

de Bonn, foi de todos os philologos da nova eschola o que se occupou mais largamente das linguas romanas.... Traduzir o que na sua *Grammatica* se acha a respeito do português, seria insufficiente; mas, aproveitando-o com novos materiaes, esclarecendo os ponctos que tracta de leve ou passa em silencio, reunindo além d'isso os resultados das investigações que venham ao nosso proposito, podia-se fazer um livro que satisfizesse a uma necessidade que todos reconhecem »[1] — Ah! mas se todos reconhecem tal necessidade, Deus que bem, não estamos lá tão atrasados como isso.

O nome de Friderico Diez é conhecido em Portugal, forçosamente e pelo menos, desde que os estudos de Littré no *Journal des Savants* (1855-1859), estudos de que se compaginou depois a *Historia da lingua francesa,* o divulgaram[2].

Provas, não sei se o Sr. Adolpho Coelho m'as exige, nem se livro de censo ou registro de parochia, d'onde official e solemnemente constem, como importa para o caso, os escriptos que cada um lê e as conveniencias intellectuaes que mantem, m'as

[1] *A Lingua portuguesa; phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe,* 1º fasc., pag. VII. Coimbra, 1868.

[2] « Les étrangers se sont mis à nous succéder ou du moins à lutter contre nous dans l'accomplissement de notre devoir... Quelques-uns même, dans l'ardeur que leur inspiraient ces études françaises, qui doivent être plus épineuses pour eux au milieu des habitudes d'une langue si différente de la notre, ont cru qu'il était déjà temps de composer des grammaires de notre vieux langage. C'est là ce qu'ont essayé MM. Orelli à Zurich, Fuchs à Halle, Diez à Bonn, Burguy à Berlin. Quoique nous pensions que ce sont là des essais venus trop tôt, pour eux plus encore que pour nous, il faut nous en applaudir, s'ils y on trouvé un nouvel encouragement à la publication des textes ». Victor Le Clerc, *Instructions du comité de la langue, de l'histoire et des arts de la France; section de philologie* Paris, 1854, pag. 8.— « Il est temps de signaler le progrès qui s'est fait depuis Fallot dans ces intéressantes études. Je le rapporterai volontiers au nom de M. Littré, non pas que je veuille attribuer tout l'honneur ou même le principal honneur (jusqu'ici) à ce savant aussi équitable qu'éminent, qui, intervenu depuis une dizaine d'années seulement dans ces questions, repousserait un éloge excessif, mais parce qu'on lui doit d'avoir enfin un pont régulier établi entre la philologie d'outre-Rhin s'appliqnant aux langues romanes et la pratique française. Il a, depuis quelques années, dans d'excellents, et parfois admirables articles (je ne crains pas de risquer le mot) du *Journal des Savants*, analysé les travaux des Diez, des Fuchs, et tout récemment ceux de M. Burguy, en y joignant ses propres vues et remarques». Saint-Beuve, *Du point de départ et des origines de la langue et de la littérature françaises* (*Revue comtemporaine*, t. L, 1858, pag. 250).— « En France, Diez est resté longtemps

daria. Sei, e isso só me basta, que o ensaio do illustre professor Carlos Hoefer — *Por que alterações e transformações passaram as lettras da lingua latina quando d'ellas se formou a lingua portuguesa?* — sahiu da imprensa antecedido de um parecer da Academia, a quem o trabalho manuscripto estivera confiado.

Nesse documento leio: « Foi presente á segunda classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa, por mão do seu socio Innocencio Francisco da Silva, um exemplar da *Syntaxe da lingua latina*, que V. S. se dignou de offertar-lhe, e bem assim o opusculo manuscripto com o titulo *Ensaio etymologico sôbre as alterações e transformações por que passaram as lettras da lingua latina, e como d'ellas se formou a portuguesa*, acêrca de cujo merito o mesmo socio manifestou o desejo de que a classe pronunciasse o seu juizo.... — No que diz respeito ao *Ensaio* manuscripto, a classe, tendo ouvido a opinião dos socios a quem commetteu o exame da obra, e com cujo voto se conforma, entende que, supposto V. S. não creasse o assumpto, já tractado geralmente por insignes philologos e linguistas, entre os quaes

sans influence... Les résultats généraux des ouvrages de ce maître ne devaient pénétrer en France que longtemps aprés la mort de Fallot. On ne peut pas dire que ce soit M. Littré qui le premier ait prononcé le nom de Diez ou même connu ses ouvrages; déjà Ampère en avait intercalé quelques fragments dans son livre. Génin s'en était moqué, et M. du Méril l'avait combattu. Il avait paru en outre, en 1853, dans un journal français, une critique anonyme du *Dictionnaire ètymologigue* qui, écrite avec peu de science et de sérieux, eut le don d'irriter l'homme le moins irritable du monde, et valut à son auteur une réponse [*Kritischer Anhang zum Etymologischen Wörterbuche der romanischen Sprachen*, Bonn, 1859, pag. 4-9] qui dut lui faire bénir l'obscurité où il s'était tenu caché. Mais c'est à M. Littré que revient la gloire d'avoir le premier fait pénétrer dans le public français, grâce à l'autorité légitime de sa science et de son talent, les principes qu'avait posé le professeur de Bonn. Les articles si importants que M. Littré devait consacrer à la philologie française commencèrent en 1853 [1855], dans le *Journal des Savants*, par un compte rendu du *Dictionnaire ètymologique* ». Gaston Paris, *Les études sur la langue française* (*Revue de France*, I, 1871, pag. 331, 533).— « Cependant Fauriel, M. Ampère M. Gustave Fallot enlevé trop tót, plus tard M. de Chevallet enlevé de même, essayent d'apporter quelque ordre dans l'idée qu'on devait se faire des origines et de la formation de notre langue et des langues modernes. A l'étranger, des philologues distingués, M. d'Orelli, de Zurich; M. Diez, de Bonn; M. Fuchs, M. Burguy (un Français de Berlin), s'appliquèrent à ces mêmes questions et à débrouiller le problème des origines. Ces travaux si voisins, et qui nous intéressaient de si prés, étaient généralement inconnus parmi nous; chacun suivait sa voie de routine sans profiter des efforts d'autrui et sans être informé des résultats obtenus ailleurs. M. Édélestand du Méril, seul en France

occupa um distincto logar o sr. Friderico Diez, na sua *Grammatica das linguas romanas* e no seu *Lexicon Etymologico....*»

O parecer tem a assignatura do Sr. conselheiro Mendes Leal e a data de 19 de março de 1867. 1867...? Porventura nesse anno o sr. Adolpho Coelho não teria ainda despido a batina academica. Era-lhe licito suppor que todos entraram para a eschola ao mesmo tempo.

« Sem a passagem do meu livro em que exprimia a minha gratidão pelo que devia áquelle venerando mestre, o sr. Innocencio nunca suspeitaria que me fundava em grande parte no que elle tinha escripto ».

Notaveis vozes de um animo agradecido, mais notaveis se reflectirmos que o nosso compatriota as endereça a um dos seus pares. Não ha que agradecer. O sr. Adolpho Coelho, tomando logar — não o que a parabola evangelica assigna aos convidados, o infimo, *novissimo loco* — mas um dos primeiros logares no farto convivio do professor de Bonn, onde, como na mesa de Fr. Bartholomeu dos Martyres, os « mirrastes » e « alfitetes » são boa práctica e solida doutrina, fez-lhes, *en les croquant, beauconp d'honneur* [1].

Extranho unicamente que, depois de encarecer a sua gratidão pelo muito que deve áqnelle venerando mestre, quasi

était parfaitement au courant; mais il l'était au point de paraître un homme d'Outre-Rhin lui-même. C'est alors que M. Littré intervint, et du moment qu'il eut l'œil sur ces matières [vej. a nota do professor Canello, já transcripta a pag. 253], il les démêla, il les traita de manière à les éclaircir pour tous». Sainte-Beuve, *Notice sur M. Littré, sa vie et ses travaux*, 1863, pag. 40-41.— « [Les adhérents de cette science nouvelle n'ont pas été nombreux, au moins dans les premiers temps. Même en Allemagne, la doctrine de Diez est restée sans grande influence jusque vers l'époque de la seconde édition de la *Grammatik* (1856). A l'étranger l'influence a été nulle pendant bien longtemps quoique, en 1841, Ampère ait essayé, mais d'une manière bien superficielle, de faire pénétrer en France quelques-uns des résultats acquis par le professeur de Bonn. C'est seulement depuis une quinzaine d'années que l'impulsion donnée par la *Grammatik der romanischen Sprachen* se manifeste avec une puissance croissante ». P. Meyer, *Rapport sur les progrès de la philologie romane*, no t. XXXV da *Bibliothèque de l'École des Chartes*, 1874, pag. 632. Vej. no t. XXV, 1864, pag. 437-8, G. Paris, *La philologie romane en Allemagne;* e cfr. Laubert, *Uebersicht der Forschungen auf dem Gebiete der französischen Philologie*, Francfort s/O., 1874, pag. 24-5.]

[1] [Nas *Qnestões da lingua portuguesa*, part. I, Porto, 1874, pag. VII, escreve o sr. A. Coelho: « A *Grammatik der romanischen Sprachen* de Diez (para a parte que hoje se publica só pude aproveitar a

acabe por declarar que não lhe deve nada. « O artigo relativo ao português occupa no original duas paginas e meia (de pag. 101 a 103); no original intitula-se *Portugiesische* (sic) *Gebiet*, que Gaston Paris traduziu por *Domaine portugais*.... — São essas duas paginas e meia de Diez que o sr. Innocencio não teve tempo de confrontar com o meu livro para ver o que eu tinha augmentado; faria bem em não perder o seu tempo nessa confrontação, de que nada resultaria para satisfazer a boa vontade de me detrahir, pois que de tão pouca cousa era impossivel sahirem xxiv-136 paginas ».

Nisso a que o sr. Adolpho Coelho chama *tão pouca cousa* estão assentadas as questões fundamentaes que respeitam a historia da lingua vernacula. Enumera-as o folheto; mas sobre o character archaico do português, observado em conjuncto e comparado ao hispanhol; sôbre a authenticidade da carta de Alboacem e das reliquias poeticas attribuidas ao seculo XII e a tempos anteriores, esquece-se de referir o parecer do auctor allemão, que alias nos remette para outros livros onde taes questões são mais amplamente expostas. « Diez nota a correr apenas os seguintes ponctos: O português, apezar da sua similhança com o castelhano, não é um dialecto d'elle; tem menos palavras de origem basca que o castelhano, mas maior numero de elementos franceses; do norte vieram-lhe varias palavras que aquella lingua irman não possue (só cita *britar*, *doudo*, *pino*); o campo da lingua portuguesa abraça Portugal e Galliza, pois o gallego e o português eram primitivamente identicos, como se prova pela comparação dos seus antigos monumentos; mas o idioma da provincia ligada á Hispanha afastou-se successivamente da sua antiga fórma; a palavra *portuguez* é syncopada de «*portugalez*»; quaes sejam os antigos escriptos em português (o documento citado por J. Pedro Ribeiro, *Observações de diplomatica*, 2, 91 (I, 91); o *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*; o de D. Diniz; *Nobiliario*

2ª ed.) foi para o auctor das *Questões*, como não podia deixar de ser, o poncto de partida; o nucleo do primeiro livro achou-o elle nessa obra; Diez tinha direito a ser citado em quasi todas as paginas d'esse primeiro livro, mas a sua obra *não é já a producção isolada de um individuo*; é a herança, a propriedade dê uma eschola, que constitue o verdadeiro padrão de gloria para o illustre professor de Bonn».]

do conde D. Pedro: o *Cancioneiro* de Affonso X, a *Collecção de Ineditos da historia portuguesa* publ. pela Academia são os unicos d'esses escriptos que menciona [1]). Da litteratura lexicologica cita apenas o *Vocabulario* de Bluteau, os diccionarios de Moraes e da Academia, e o *Elucidario* de Viterbo. Da nossa litteratura grammatical não diz uma só palavra ».

Com effeito, observou-se que Portugal conheceu grammaticas portuguesas ainda antes que outras nações civilisadas tivessem uma na sua lingua [2]. De Fernão de Oliveira e João de Barros a Borges Carneiro e Silva Dias, que longa lista a

[1] [Dos escriptos pertencentes á edade ante-classica da lingua tinha outros muitos ao seu alcance o auctor das investigações *Sôbre a primitiva poesia portuguesa, artistica e palaciana*, quando em 1856 reimprimia o primeiro tomo da *Grammatica?* As palavras do sr. A. Coelho deixam deprehender que sim. Consideremos nós de relance a bibliographa dos velhos monumentos do português, *lingua che il Diez*, pela affirmativa do seu discipulo Ugo Angelo Canello, *studia oon amore particolare*. As divisões *Scriptores* e *Leges et consvetvdines* dos *Portvgaliae monvmenta historica* começaram a ver a luz publica ao mesmo tempo que a 2ª edição da obra alleman. O primeiro fasciculo dos *Diplomata et chartae* appareceu em 1858. Impressa depois, julgo porêm que não publicada, é a traducção da *Crónica general de España*, « o mais largo monumento em prosa que possuimos anterior á epocha de D. Duarte » — dizem os *Preliminares* do sr. Adolpho Coelho —, « de que o fallecido dr. Antonio Nunes de Carvalho começou a publicação com o titulo: *Historia geral de Hespanha, composta em castelhano por... D. Affonso sabio, trasladada em português por Elrei D. Dinis ou por seu mandado*, etc., Coimbra, 1864, mas cuja impressão parou no começo do capitulo CCII ». Traz a *Grammatica* explicita menção do *Cancioneiro* de Resende. Que lhe esquece portanto? Nada mais, cuido eu, senão o corpo de ineditos publicado em 1829 por Fr. Fortunato de S. Boaventura, tres volumes, onde, segundo toda a probabilidade, e sem embargo do titulo geral (*Collecção de ineditos portugueses dos seculos XIV e XV, que ou foram compostos originalmente, ou traduzidos de varias linguas, por Monges Cistercienses d'este reino*), se podem crer pertencentes ao seculo XII ou começo do seculo XIII os fragmentos da *Regla de San Beento Abbade*. — Pergunto: tractando dos monumentos mais antigos de litteratura propriamente dicta, *eigentlichen Litteratur*, entrava no proposito de Diez individuar os escriptos em prosa, sobretudo posteriores ao secnlos XIV? Tanto se me affigura que não — e submetto a duvida aos entendidos — que na edição de 1870 supprimiu o auctor a referencia, consignada na edição precedente, do *Nobiliario* chamado do conde D. Pedro; e no tocante a obras em prosa limita-se a declarar que a Academia das Sciencias torna de dia para dia mais accessiveis as fontes da lingua, conforme o demonstram as preciosas chronicas e a serie de foraes já inseridos na *Collecção de livros ineditos da historia portuguesa*.]

[2] Soares Barbosa, *Grammatica philosophica da lingua portuguesa*, 2ª ed., 1830, pag. XI: « Portugal conheceu grammaticas portuguesas ainda antes que outras nações civilisadas tivessem uma na sua lingua. Quando Ramos em 1572 publicou a primeira grammatica

dos nossos cabedaes nesta provincia do estudo! Floresce entre nós desde o seculo XVI a grammatica latina[1]. Antonio Al-

da lingua francesa [*Grammaire de P. de la Ramée*, Paris, 1572; 1ª edição anonyma, sob o titulo *Gramere*, em 1562], já Portugal tinha a de João de Barros, dada á luz em 1539, e a de Fernão de Oliveira em 1552». — Gomes de Moura (*Noticia succincta*, 1823, pag. 424) accrescenta á transcripção d'estas palavras: «Todavia cita-se a *Grammaire françaíse* de Jacq. Dubois, chamada *Sylvius*, Paris, 1537». Escripto em latim, o tractado de Dubois (*In linguam gallicam Isagωge*, Paris, 1531) não póde ser argumento contra a opinião allegada. Em francês, livro de grammatica unico anterior a Fernão de Oliveira é o do inglês Palsgrave, *Lesclarcissement de la langue françoyse, compose par maistre Iehan Palsgrave Angloys, natyf de Londres et gradue de Paris*, 1530 ou antes 1531, data do privilegio para a impressão. Segue-se-lhe *Le Trette de la grammere françoeze, fet par Louis Meigret, Lionoes*, 1550. (Wey, *Histoire des révolutions du langage en France*, Paris, 1848, pag. 261-302; B. Jullien, *Coup d'œil sur l'histoire de la grammaire*, a pag. 21-27 das *Thèses de grammaire*, 1855; Livet, *La Grammaire française et les grammairiens du XVIe siécle*, 1859, pag. 1-117; A. F. Didot, *Observations sur l'orthographe ou ortografie française*, 2ª ed., 1868, pag. 177-186; Cocheris, *Cours de langue française: Histoire de la grammaire*, pag. 8-28; Diez, *Grammatik*, 1^3, 122; P. Meyer, *La Manière de langage qui enseigne a parler et à écrire le français*, pag. 381 da ed. avulsa, 1873; *Les Grammairiens français depuis l'origine de la grammaire en France jusqu'aux dernieres œuvres connues*, obra anonyma e de escasso valor, de Julien Tell, Bruxellas, 1874, pag. 5 e segg.). Vimos porêm que é de 1492 a *Gramatica sobre la lengua castellana* de Nebrissa; e sabe-se que os dialogos italianos do cardial Bembo (*Prose, nelle quali si ragiona della volgar lingua*) sahiram em 1525. — Outro poncto. Soares Barbosa, que nas *Duas linguas* (1807, pag. VI) assigna a verdadeira data, 1540, á *Grammatica* de Barros, aqui erra-a, e põe a obra como anterior á de Fernão de Oliveira, impressa em 1536. O sr. barão de Fozcoa (*A Lingua portuguesa é filha da latina*, 1843, pag. 38) dá tambem a Barros por «auctor da primeira grammatica da lingua». Porventura contribuiria a propagar esta opinião a phrase do mesmo Barros (contradictoria á de Fernão de Oliveira, quando na ultima folha da sua obra allude á novidade d'ella: «.... e como escreui sem outro exemplo antes de mi»), phrase dada para exemplo de que os nomes proprios se regem sem artigos: «Ioam de Bárros foy o primeiro q̃ pos a nóssa linguágẽ em arte». (*Grammatica*, pag. 103 da ed. de 1785. Assim, os monges da Cartucha de Evora que fizeram a presente reimpressão, repetem para o fim do prologo: «Foi o primeiro na gloria de compôr huma Grammatica da Lingua Portugueza, reduzindo-a a certas regras de fallar, e escrever com acerto; facilitando tambem por este meio a sciencia das Lingua Latina, e Grega». E anteriormente áquelles zelosos monges, Manuel Severim de Faria, nos *Discvrsos varios politicos*, 1624, pag. 33: «.... Escreveo os preceitos da Grammatica Portugueza, e Orthographia, e foi o primeiro Autor, que reduziu nossa lingua a Arte».

[1] «... Porém naõ se desconsole a vossa naçaõ, porque entre os Portuguezes podeis com razaõ celebrar o vosso Padre Manoel Alvares, Mestre, & Author da Grammatica Latina, & Portugueza, em que foy taõ subido, que pela sua arte nova, que se fez, & compoz, reformando as antigas de Despauterio, & outros caducos, se ensina hoje em Italia a Grammatica! E foy para esse efeyto traduzida pelo famozo Horacio Torcelino, um dos mais eminentes Latinos, Orador, Escriptor, &

vares no seu copioso tractado, e Antonio Pereira de Figueiredo nas *Observaçoens sobre a lingua e orthografia latina, tiradas*

Grammatico de seus tempos, como se vê em suas obras, & principalmente no epitome das historias do mundo». D. Francisco Manuel de Mello, *Apologos Dialogaes. Obra posthuma, & a mais Politica, Civil & Gallante, qua fez seu Author*, Lisboa, 1721, pag. 263.— Cfr. *Verdadeiro Metodo de estudar, para ser util á Republica e à Igreja: proporcionado ao estilo e necessidade de Portugal, exposto em varias Cartas, escritas pelo R. P*** Barbadinho da Congregesam de Italia* [L. A. Verney], carta II, pag. 48-52 da ed. de 1747.— « Para credito desta Arte basta ver, que em toda a Europa he venerada, e seguida com bem pouca mudança accidental; e que estudando por ella tem sahido muitos eminentes na lingua Latina; e era impossivel sahirem bons Latinos estudando por regras más, assim como naõ pódem sahir rectas as linhas tiradas por regra torta». *Reflexoens apologeticas à obra intitulada Verdadetro Metodo de estudar.... por Niculao Francez Síom* [padre José de Araujo], 1748, pag. 19.— « Vós dizeis, que se nam pode saber Latim bem senam com a Gramatica como se a Gramatica de Manoel Alvares ensinase as virtudes de boa locusam! Se fose verdadeira a vosa proposisam, que necesidade tinha o P. Turselino Jezuita, de publicar o famozo livro das *Particulas da orasam*, para ensinar a elegancia do Latim? Que necesidade tinha o P. Vavasseur Jezuita de escrever o belisimo livro de *Ludrica ditione*, e o outro singularisimo *de vi ac usu quorundam verborum tum simpllcium, tum compositorum?* Deixando agora outros Jezuitas, e muitos mais que tratáram, ou das observasoens sobre a elegancia, como o Ker, Godescalco, Schoro, Cardial Adriano, Scioppio, Gifanio, &c. ou da forsa, e idade das palavras, como os Borrichios, o Praschio, o Cellario, o Vorstio, o Vossio, &c. ou da copia, e analogia, como Marie Corrado, &c. Todos os tais Jezuitas tinham estudado pelo P. Manoel Alvares: e comtudo acharam, que nam ensinava aquilo a que se chama *boa latinidade*». *Resposta ás Reflexoens.... escrita por outro Religioso da dita Provincia* [L. A. Verney], 1758, aliás 1748, pag. 19.—« Eu, que algum dia tive a curiozidade de ler as historias desta Religiaõ. e me posso tambem gabar, como o critico de tratar alguns Jesuitas em varias partes da Europa, sei que estes Padres para estabelecerem o methodo de ensinar chamaraõ a Roma os homens mais sabios da sua Religiaõ, que entaõ estava taõ florente, que teve grande trabalho o seu Geral Claudio Aquaviva para os escolher na grande copia. Sei, que em uma Congregaçaõ geral determinaraõ estes Padres, que os seus Mestres se naõ desviassem do insigne Manoel Alvares, advertindo, que se naõ fosse o grande merito deste grammatico, naõ soffreriaõ aprender de um Portuguez os Padres Italianos, que se tinhaõ por Senhores da lingua latina, e para dizer tudo em poucas palavras, sei que este methodo agradou tanto aos homens de juizo, que a Sagrada Congregaçaõ do Concilio Tridentino consultada á cerca do *decreto dos Seminarios* que se contem no capitulo 18, da Sess. 23, respondeu — Si reperiantur Jesuitæ cæteris anteponendi sunt — (Resp. 251.).... — Pelos annos de 1613, pubiicou hum nomeado *Orlando Pescetti* o cuidado, que infelizmente tinha posto para descobrir alguns erros da Grammatica do P. Aluares: naõ deixou sem castigo este atrevimento o P. *Sebastiaõ Berettario, Jesuita Florentino*, que publicou o bellissimo livro *Estatio pulveris adversus Emmanuelis Alvares Grammaticas Institutiones excitati*, com o nome de *Jacobo de Fossa*, em que eu quizera, que lesse na ultima pagina estas palavrinhas: *Non nostra solum eorum; qui Roma sumus, Academia te urgebit; sed Transalpinæ etiam gentes, apud quas Emmanuel magno in honore est, Hispania, Lusitania, Italia tota arma capient contra te*». *Retrato de Mortecor que em Romance quer dizer Noticia conje-*

dos marmores, bronzes e medalhas dos antigos Cezares[1] deixam-nos duas obras refertas de erudição. Oitenta e seis annos antes da morte de Bacon enuncia João de Barros a idea da grammatica comparada [2], e logo após, no *Methodo grammatical para todas as linguas*, traça Amaro de Roboredo os principios

ctural, das principais qualidades do Author de huns papeis, que aqui andaõ, mas naõ correm com o titulo de Verdadeiro Methodo de estudar.... *exposta em outra carta do R. D. Alethophilò Candido de Lacerda* [padre Joaquim Rebello? padre Francisco Duarte?], 1749, pag. 16 e 28. — Vej. Antonio Felix Mendes, *Memorias para a historia litteraria de Portugal e seus dominios* (sob o nome supposto de João Pedro do Valle), Lisboa, 1774, cartas I a V; J. V. Gomes de Moura, *Noticia succincta*, Coimbra, 1823, § 375, *Grammaticos Latinos em Portugal, mormente depois do meado do seculo XVIII*; [Silva Dias, *Prefacio* da trad. da *Grammatica latina para uso*] *das escholas* de J. N. Madvig, Porto, 1872, pag. V-IX; Joaquim Alves de Souza, *Resposta a um critico, ou Exame de algumas asserções do sr. A. E. da Silva Dias sôbre grammatica portuguesa e latina*, Coimbra, 1873, pag. 93-98.]

[1] O moderno parecer sôbre as questões de orthographia latina póde ver-se do livro de Brambach *Die Neugestaltung der lateinischen Orthographie in ihrem Verhältniss zur Schule*, Leipzig, 1868. [*Hülfsbüchlein für lateinische Rechtschreibung*, 1872; cfr. o prefacio da nova ed. de Virgilio de E. Benoist, Paris, 1873]. — Um assumpto tractado em nossos dias por estrangeiros illustres (Weil e Benloew, *Théorie générale de l'accentuation latine, suivie de recherches sur les inscriptions accentués*, 1855, pag. 293-348; Garucci, *I Segni delle lapide latine, volgarmente dette accenti*, 1857; Ritschl, *Priscœ latinitatis monumenta epigraphica*, 1862, tab. XCIV; Brambach, o. c., pag. 24-26; Egger, *Notions élémentaires de grammaire comparée*, 6ª ed., 1865, pag. 16 [17 e 198 da ed. de 1875]; Corssen, *Ueber Aussprache, Vokalismus und Betonung der lateinischen Sprache*, 1², 1868, pag. 21-26; — cfr. Egger, *Des Collections d'inscriptions grecques*, 1871, pag. 14-15; e *Mémoires d'histoire ancienne et de philologie*, 1863, pag. 363-7, *Études historiques et grammaticales sur quelques inscriptions latines*): a qnestão das inscripções accentuadas, vem desinvolvida com grande copîa de factos na obra de A. P. de Figueiredo (1765, pag. 1-53) e no *Appendix* á *Ortografia latina* do padre Antonio Alvares (1759, pag. 437-60). Somos coxos, mas não tolhidos, dizia em 1841 o Sr. A. Herculano, annunciando no *Ensaio sôbre a historia do governo e da legislação de Portugal* de Coelho da Rocha o primeiro grito de rebeldia contra a denominação de historia dada a um complexo de biographias, de chronologias e de fastos militares.

[2] « ... 3º. Que emquanto ás grammaticas *comparadas*, o ambito e complexo das materias será tanto maior quanto for menor o numero das linguas comparadas; e ás avessas quanto forem mais as linguas, de cuja doutrina commum se tractar, tanto será menor o ambito das materias communs. 4º. Que não sendo possivel colligir doutrinas communs a todas as linguas, basta expor a theoria do que só é commum ás linguas *cultas*, cujo conhecimento nos póde ajudar no estudo das sciencias. Esta idéa teve o nosso João de Barros, approvando o ensino da grammatica comparada das linguas portuguesa, latina e grega na prefação á sua Grammatica Portuguesa, publicada em 1540, e oitenta e seis annos antes da morte de Bacon». GOMES

geraes d'esta disciplina [1], cujos primeiros ensaios hão de ser *As Duas linguas* de Soares Barbosa e a *Grammatica latina e portuguesa* de Gomes de Moura [2].

Da litteratura lexicologica, porêm, que mais poderia citar o philologo de Giessen, depois de Bluteau, depois de Moraes e Viterbo, depois da Academia?

O *Novo Diccionario critico* de Constancio, obra que « na parte mais scientifica faz lembrar as etymologias de Périon

DE MOURA, *Noticia succincta dos monumentos da lingua latina e dos subsidios necessarios para o estudo da mesma*, Coimbra, 1823, pag. 311. — Cfr. Soares Barbosa, *As Duas linguas, ou Grammatica philosophica da lingua portuguesa, comparada com a latina, para ambas se apprenderem ao mesmo tempo*, Coimbra, (1807), pag. V-XII.

[1] Gomes de Moura, pag. 352. — Concluindo sôbre o auctor da *Porta de linguas*, escreve a pag. 354: «Tal era o excellente methodo do illustre grammatico Amaro de Roboredo, o qual de pensado exposemos com individuação, para mostrarmos que os portugueses já conheciam a este respeito verdades que muitos extrangeiros se jactam de haverem descoberto. Mas emquanto a Europa attendia ás reflexões de Bacon [Max Müller, *Lectures*, II⁶, 326; Farrar, *Families of Speech*, 1873, pag. 20-22], as do grammatico português eram (ao menos no publico) tão attendidas como os vaticinios de Cassandra».

[2] Na obra anonyma do padre Joaquim José Leite, *Lustina ou Luso-latina, isto é, Grammatica portuguesa e latina* (Lisboa, 1843) a grammatica das duas linguas vem tractada separadamente. Transcrevo das *Advertencias preliminares* d'este livro, não menos notavel pela singularidade do titulo que pela do systema orthographico, os paragraphos seguintes, indicando por *m* ou *n* italicos, á falta de characteres appropriados, os sons nasaes que o texto representa por til: «E direi aqi qe parece*m* be*m* eqivocados os puritanos do lati*m*, qe como se sperasse*m* falar cõ Cicero, e cõ o brio de os não conhecer como strãgeiros, não ousão usar têrmo qe não seja daqêle século; e por isso para dizer *espingarda*, qere*m* qe se diga: *ferrea plumbeis globulis opi nitrati pulveris emittendis fistula*; 8 palavras para u*m*a coisa; e qe certamente Cicero não e*n*te*n*deria o qe fósse se*m* ter visto: ne*m* mais pela palavra *ígniarium*. Quãnto melbór *sclopetum*, nome nôvo para coisa nova. Cada coisa te*m* o nome cõ qe algue*m* primeiro a nomeou. Assi*m* o e*n*te*n*dião os côntemporâneos de Cicero. Cesar axãdo e*m* Spanha u*m*a raiz comestivel, qe ali nomeavão *cara* assi*m* a nomeou e*m* sua istória, se*m* cuidar e*m* lhe dar nome romano, qe seria aume*n*tar eqivocos, ou fastidiosas perifrases.... — Parece aver no vulgo dos ome*n*s u*m* não sei qe de sinistro para quãto aparece de bõ. Apênas aparecerá idéia, ou i*n*ve*n*ção útil, a qe se não oponhão cõtraditôres; e custe talvez séculos a sêr utilizada. A vacina qe cõtradições? O sistema métrico? O solfejar por *Si*, evitando as cõplicadas mutãças, cõta mais de 200 anos, e ai*n*da talvez, não do tôdo geral. Ao mêsmo te*m*po qe desacertos, retrógrados se tèe*m* visto facilme*n*te imitados. Axava-se stabelecido o 1ª Meridiano pela Ilha do Ferro; lá se le*m*brou algu*m* de o passar pelo sêo Observatorio; logo outros corrêrão a imitar, como por moda, ou

e de Swift», é de 1836, do mesmo anno que o primeiro volume da *Grammatica romanica.*

Estava ainda então no limbo (no limbo dos patriarchas, quiçá no das creanças) o *Grande Diccionario,* o *Thesouro* de Fr. Domingos Vieira, thesouro a um tempo da lingua archaica [1] e

emulação : qe só é louvavel quãdo eicita para o melhór ; o qe no caso não é. Agora ao ler a situação d'u*m* logar, á i*n*spéção d'u*m* mapa, é necessário reflétir, buscar qe Meridiano, reduzir ; cõplicações no qe era si*m*ples». (Pag. VI-VII.)

[1] [Pelo exame de um só artigo do *Thesouro*, vejamos o fundamento d'este dicto dos seus panegyristas, quando affirmam (*Juizo critico sôbre o Grande Diccionario português de Fr. Domingos Vieira*, Porto, 1873, pag. 9) que os trabalhos emprehendidos desde o seculo XVI « aqui apparecem aproveitados com um raro senso, para que não perdesse nenhum dos passos definitivos apresentados na sciencia lexicologica em Portugal». As significações do vocabulo obsoleto *cajão* (*cajam*, *cajom*, *cajou*, *caion*... = ital. *cagione*, *cagion*, frequentissimo e actual: «Tragge cagion del luogo ov' io peccai». DANTE, *Inf.*, 30), são, segundo Bluteau (*Vocabulario*, 1712, *Supplemento*, 1727), desgraça, desastre, ou occasião perigosa. São, alêm d'essas, conforme Moraes, ed. de 1813; — 1º, occasião, causa; 2º, caso accidental; 3º, quéda, perda, ruina. São finalmente, conforme o *Grande Diccionario:* 1º, occasião; 2º, caso accidental; 3º, desgraça, desdita, desastre.— Assim, o *Thesouro da lingua* retira ao vocabulo as accepções especiaes: 1º, de perigo ou occasião perigosa que lhe adscrevem Bluteau, F. J. Freire (*Reflexões*, III, p. 22), J. I. Roquete (*Leal Conselheiro*, p. 155, 661) e o *Genio da lingua portuguêsa* (I, 14); 2º, a de motivo ou causa que lhe prefixam Moraes, Viterbo, Fr. Fortunato de S. Boaventura (« nem per qualquer cayom ouse huũ outro deffender o monge no moesteyro». *Ineditos*, I, 288), Constancio e os auctores do *Diccionario Universal*; 3º, a de quéda, perda, ruina, que antes de Moraes lhe assignára Viterbo, e que o *Grande Dicc.* apenas confusamente lhe refere nas observações etymologicas. Não é tudo. Dias Gomes, um dos «homens superiores á eschola em que se filiavam» — como tal o qualifica o sr. A. Coelho —, falando da pobreza de vozes manifesta nos escriptos de Fernão Lopes, Gomes Eannes e Ruy de Pina, faz esta consideração que o *Grande Dicc.* passa em silencio: «Afronta, desar, injuria, insulto, ignominia, revez, ultrajo, opprobio, ludibrio, vituperio: — erão expri-midos pela voz *cajom*, ou *cajão*». (*Analyse e combinações filosoficas sobre a elocução, e estilo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha, e Camões*, no t. IV das *Mem. de litt. publicadas pela Academia*, 1793, pag. 48). O auctor do *Elucidario* (I, 1798) repete: «Ainda se usava desta palavra em o seculo XVI, em que se tomava por injúria, affronta, desar, insulto, ignominia, opprobrio, ludibrio, vituperio» e o *Grande Dicc.* não dá por isso! Ha mais. Para exemplo immediato do sentido de «desgraça, desdita, desastre», allega o *Dicc.* o texto seguinte: «Dizendo que se queria pôr em *cajões*, que lhe não comprião. Fernão Lopes *Chron. de D. João 1*, cap. 166». Cap. 166 da 1.ª ou da 2.ª parte? Procuro na 1.ª parte, e leio a pag. 348: «...& das muitas pedradas, que de sima deitauão, derão huma tal a Affonso Anriquez que cahio em terra, & deu algũs tombos... & desta queda foi Affonso Anriquez muyto prazmado dos seus, dizendo, que se queria poer

da lingua neologica. Ainda a morte do auctor não tinha dado occasião a que — interpolando na obra pacifica e bem nas-

em cajoens, que lhe nam compriam». Evidente é que nesse passo *cajões* significa perigos, lances aventurosos ou arriscados; por outra, que exactamente lhe corresponde a definição de Bluteau e F. J. Freire. Analogamente, *occasionado* tem ainda em Vieira a significação de exposto, subjeito a perigo ou risco: «Eys aqui quaõ occasionado effeito he o daquelles, em cujas mãos nacem os negocios». (*Sermoens*, t. I, 1679, pag. 507). Se o *Grande Dicc.* erra a intelligencia do texto que allega, manda a verdade confessar que nada nos diz quanto a outro logar do mesmo auctor e da mesma *Chronica* (part. I, pag. 287), logar indicado no *Supplemento* de Bluteau, mas onde *cajão* me parece significar estrago ou damno, e não desastre: «Este nojo, & cuidado lhe durou até outro dia pela manhaam, que Lisboa pareceo claramente sem nenhum cajão de fogo».

Affirmam os panegyristas: «Antes do apparecimento do *Grande Diccionario* ainda não tinham sido aproveitados os principaes monumentos da litteratura portuguesa, que até quasi nossos dias estiveram ineditos. Para prova basta vermos que o *Leal Conselheiro*, de elrei D. Duarte, que a *Chronica da Conquista de Guiné*, de Gomes Eannes de Azurara, que a *Historia Geral de Hespanha*, mandada traduzir por elrei D. Diniz, que o *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, ou da *Ajuda*, que o *Cancioneiro de el-rei D. Diniz*, que os *Fragmentos da Collecção de trovas portuguesas do Vaticano*, que as *Chronicas breves de Sancta Cruz*, o *Livro Velho das Linhagens*, o *Nobiliario do Conde D. Pedro*, que André Falcão de Resende, e Christovam Falcão, e D. Joanna da Gama, nunca haviam sido aproveitados por nenhum diccionario portuguêz, sendo-o pela primeira vez e com toda a mestria no monumento que anda sob o nome de Fr. Domingos Vieira». — Examinarei muito á superficie se a verdade dos factos é positiva, se negativa d'esta asserção.

Abro á ventura o *Leal Conselheiro*, ed. de Paris, e a pag. 34 depara-se-me uma larga nota referente á palavra *beguinos* empregada no texto. Ahi diz o editor: «Beguino em italiano (Beghino) significa homem que traz o habito de religião vivendo no seculo; na lingua romana e no antigo francês, alêm da significação historica, teve tambem a de *beato falso*, *hypocrita*, etc., e pelo que lemos em elrei D. Duarte parece que tambem nesta accepção era tomada entre nós a palavra beguino, a qual sem duvida nos veio de Flandres ou de Italia». Viterbo já antes havia notado (art. *Biguinos*): «Em Portugal tambem lográrão por bastante tempo os *Beguinos*, e *Beguinas* a estima dos Povos. Os Eremitas da Serra d'Ossa, e os Loyos, talvez forão chamados com este nome, que equivalia ao de *bons homens;* porém a maldade, que se descobrio nos *Beguinos* fóra de Hespanha tornou mui suspeitosos os de Portugal, e ficou sendo nome de opprobio, como *Jacobeo falso*, e *simulado Hypocrita*, o que d'antes fora Titulo de Santidade, e honra».— Esta accepção do vocabulo, omissa no artigo respectivo do *Grande Dicc.*, vem apenas incidentemente indicada s. v. *Beguina*, onde nem sequer se allude ás beguinas de Sá de Miranda, benzedeiras ou beatas que nos *Vilhalpandos* fazem companhia a Fausta.

A pag. 321. acho o termo *albardam* num sentido que o *Dicc.* me não explica: «,.. em tal maneira que nom pareça que os albardães teem mais sabedoria que nós». — «Pois estas cousas taaes esguardara o albardam na zombaria». O editor diz: «Esta palavra era commum á lingua castelhana (*albardan*), em que hoje tambem é obsoleta, e em ambas significava *bufão, chocarreiro*».

cida do laborioso egresso aquella germanía inintelligivel de

Passo ao *Glossario*, e observo que logo nas primeiras columnas os logares interpretados sôbre o uso dos vocabulos *aderençar*, *aforar-se*, *astroso*, *atá*, *bemandante*, *bemandança* foram desprezados no *Thesouro*.

Com o *Livro da Ensinança* não me cabe melhor fortuna. A pag. 636 leio: «Desvyo avesso de tres maneiras: hua, arca por arca, acollando, e assy o lançar; outra, dos braços, e pees sollamente sem acollar; e outra, do pescoço». E no *Glossario*: «ACOLLAR, abraçar, lançar os braços ao pescoço (do francês *accoler*); uma das tretas da lucta». Definição do *Thesouro*: «Dar o abraço de cavalleiro no novel que acaba de receber esse grau. Só se acha empregado por elrei D. Duarte. Vid. *Acollar*». — Veria, se podesse, mas *Acollar* não vem no *Dicc.*

Afemençar. D'este verbo escreve o sr. Theophilo Braga: «Acha-se empregado nos primeiros monumentos da lingua, tomado no sentido de comprehender, analysar.... Pelas auctoridades citadas, tanto se escreve com um como com dous *ff*, e d'esta ultima orthographia, veiu o encontrar Santa Rosa de Viterbo *afemençar*, em varios manuscriptos antigos, significando ponderar com engenho e subtileza». Infelizmente tudo isto carece de exactidão. Nem no *Diccionario portatil* nem na 1ª ed. do *Elucidario* se encontra *affemençar* ou *afemençar*. Nos passos citados de Gil Vicente e da *Vita Christi* o sentido do verbo não é o que lhe dá o *Grande Dicc.*, e sim o de «olhar fito, ver, encontrar com a vista» que lhe referem a Academia e a *Tábua glossaria* appensa ás *Obras* de Gil Vicente. O que ainda se confirma pela phrase de D. Duarte (pag. 624): «e afemençar a vista na espadoa do veado, ally lhe tirar, remessando decima«.

Bardom, explicado no *Glossario*: «antigo arnez com que se guarneciam o peito, o costado e as ancas do cavallo», falta no *Thesouro*.

Cativo, significando, como em italiano, mau: «ou tome algua vyda catyva fora de todo bem e virtude» (pag. 419). Não traz esta exemplificação o *Thesouro*, onde tam somente estão aponctadas as mais modernas de Barros e D. Francisco Manuel.

No diccionario de Moraes *aguça* não tem só o exemplo da *Chronica do Condestabre:* tem egualmente o das *Ordenaçoes* de D. Affonso. Poderiam ajunctar-se-lhe os do *Elucidario* e a observação: «Tambem se disse *guça* no mesmo significado». O *Livro da Ensinança* faz mais do que usar a palavra: indica a differença de *aguça a trigança;* «... e nom he de filhar que se faz hũa cousa com trigança por se fazer com boa aguça, ca muyto desvairom antre sy, por esta deferença: agũça faz sem tardança comprir o que manda o boo e dereito entender, e a trigança vem do coraçom por seer geeralmente em todos seus feitos trigoso». Candido José Xavier (*Annaes das sciencia, das artes e das lettras*, t. IX, parte I, pag. 97, Paris, 1820) analysa assim este passo: « D'onde se vê, segundo nos parece, que *trigança* significava precipitação ou acceleraçao precipitada, como escreveu o nosso Bernardes: e *aguça* queria dizer pressa com reflexão, isto é, aquella que se explica por *festina lente*. Esta explicação é tanto mais interessante para nós, que os nossos diccionarios explicam ambos estes vocabulos por *pressa*, e o laborioso Moraes, que tinha entendido *trigança* por acceleração, com a auctoridade de Pinheiro, confundiu inteiramente a differença de *aguça*, dando-a, sem auctoridade alguma, por sofreguidão (*aviditas*)». Tudo o que precede se colhe das obras citadas. A «mestria» do *Grande Dicc.*, reduz-se porêm a ficar completamente alheio a este debate.

Cofinho, de que o *Dicc.* unicamente insere o plural occorre em Azurara, *Chronica da conquista de Guiné*, pag. 357. «E entre estas

Spraclaute, Ausprache. Vocalismus (*sic*, t. II, pag. 2), *Ferschun-*

allymarias que assy acharom, foe hũa que parecia cerva, aqual aquelles Guineos traziam com hũn cofinho na boca, por nom comer». O que no *Glossario* se explica: «Cofinho (do latim *cophinus*), cestinho de esparto ou de verga, atado com um cabrestilho á bocca dos animaes: serve de açaimo».

A leitura dos artigos *Adur, Aduzir, Aguisar;* a falta de taes dicções como *anvidoso*, *ar*, *baylada*, *baylia*, *avidar*, definidas ou em Varnhagen (*Glossario* das *Trovas e cantares*, pag. 153; cfr. *Cancioneirinho de trovas antigas*, 2ª ed., pag. 153; Moura, *Cancioneiro de elrei D. Diniz*, pag. 7, nota) ou em Diez (*Ueber die erste portugiesische Kunst-und Hofpoesie* pag. 122), a ambos os quaes o sr. A. Coelho quasi sempre servilmente seguiu na sua *Lexicologia dos primeiros cancioneiros* (*Jornal litterario*, I, Coimbra, 1869, pag. 57-59), mostram que as trovas do collegio dos Nobres e a parte impressa da collecção do Vaticano foram descuradamente consulta las, ao menos no t. I do *Dicc.*, que o sr. Theophilo Braga se jacta de haver «completamente refundido».

No t. II, revisto e accrescentado pelo sr. A. Coelho, acho apenas auctorizada com o documento de 1208 do *Elucidario* a palavra *cas*, que vem a pag. 468 das obras de André Falcão de Resende. J. Ignacio de Freitas, para fundamentar esta leitura do manuscripto, «citou alli — adverte o editor — a phrase «privar em cas da rainha», que se encontra no *Cancioneiro* de Garcia de Resende, folh. 34. Dizia-se antigamente, por contracção, *cas* por *casa;* do que apparece outro exemplo na *Ordenaç. Affonsin.* l. 5, tit.... «os cavalleiros recudão a cas dos Ricos Homes». O *Gr. Dicc.* nem viu estes exemplos, nem o de Gil Vicente, mencionado pelos continuadores de Moraes: «Pario mesmo em cas d'in-Rei» (t. II da ed. de Hamburgo, 422), nem ainda o das *Trovas e cantares* (pag. 259), notado por Diez.

Observa Antonio Nunes de Carvalho no *Roteiro* de D. João de Castro, (Paris, 1853, pag. 325): «Ainda que a palavra *afortunado* se use hoje sómente na accepção de *feliz*, *ditoso*, *favorecido da fortuna prospera*, comtudo, como bem sabem as pessoas versadas na licção de nossos escriptores antigos, no tempo do auctor empregava-se tambem na accepção contraria, significando *infeliz*, *desgraçado*, *perseguido da fortuna adversa*, como neste logar: «Estando os negocios da Ethiopia nestes termos, e o afortunado moço contendendo com os seos domesticos, e naturaes, veo sobre elle elrei de Zeila»; e se prova com os exemplos de Barros na Decada, 3ª, liv. 3º, cap. 6: «Por estar Malaca tão *afortunada* da perseguição d'esse tyranno, que não podia acudir a isso»; Jorge Ferreira de Vasconcellos, na comedia Aulegrafia. acto 5º, scena 6ª: «O *afortunado*, inda que padeça trabalho propria, o prazer de seu imigo lhe dá maior pena», etc. — Conforme a estes logares, citados no diccionario da Academia, diz a ultima ed. de Moraes: «Usa-se não só para significar o feliz, ou bem tractado da fortuna, mas tambem o trabalho («trabalhado», leem as ed. authenticas) da desgraça». Primeiro que Maraes, e interpretando o passo das *Decadas*, escrevêra A. Pereira de Figueiredo (*Mem. de litt. port.*, t. III, 1792, pag. 120: cfr. t. V, pag. 231, *Ensaio sobre a Filologia portuguesa*, por A. das Neves Pereira): «*Afortunado*, isto he, anciado, vindo de *Fortuna*, que tambem se acha em Barros significando ancia, trabalho, afflicção (vej. *Leal Conselheiro*, ed. de Paris, pag. 85-86).... Nas Provincias ainda hoje tem bom uso hum, e outro nome; como tambem dizer: levado da *Fortuna*, isto he, infeliz, atrapalhado». — Acerca do que o *Gr. Dicc.* (a quem na sua consideravel maioria as exemplificações de Barros colligidas nas lettras *A* e *B* do *Espirito da lingua por-*

gen (pag. 15) e similhantes — lhe enxertassem, por entre

tuguesa parece não terem merecido exame: d'onde as definições de *a cá* e *acerca*, uma errada, outra insufficiente) cinge-se a dizer: AFORTUNADO. Que tem fortuna; feliz, venturoso, ditoso, bem-aventurado. = Emprega-se as mais das vezes como adjectivo. — Emprega-se geralmente antepondo os adverbios *bem*, *mal*, *melhor*, para lhe determinar a significação, por isso que *fortuna* tanto comprehende, em latim, a boa como a má ventura».

Lê-se pouco adeante, nesta obra de que hoje já se póde falar, «como de um monumento que está fóra do ataque dos zoilos capciosos»: «ARCER, Arder, queimar-se, abrazar-se. = Recolhido por Viterbo, no *Diccionario Portatil*». D'onde se infere que Viterbo o recolheu pela primeira vez no *Dicc. portatil*, quando a verdade é que o inserira e explicára vinte e septe annos atrás, no t. I do *Elucidario*, abonando-o com documentos dos seculos XIII e XIV. Mas em summa, o *Grande Dicc.* fez-lhe esta honra de lhe tomar, como de primeira mão, ao *Dicc. portatil*, não só a palavra *agugala*, que já estava no *Elucidario*, senão ainda o verbo *arcer*. Menos feliz, *arcem*, substantivo, ficou esquecido dos editores, que o poderiam ter achado no *Roteiro da viagem de Vasco da Gama:* «Aquy ha muitos papagaios grandes todos vermelhos como arcem». Pag. 111 da ed. publicada pelo sr. A. Herculano e o barão do Castello de Paiva; e ahi mesmo a nota da ed. anterior: «*Arcem* é palavra que não se encontra nos diccionarios. Derivando-a do verbo *arder*, da qual antigamente se fez *arça* no presente do conjunctivo, julgâmos que significava *fogo;* e que *vermelho como arcem* é identico com *vermelho como braza*».

O nome de *atambor*, que o *Roteiro* e o autor da *Navegação de Pedro Alvares Cabral* dão ao bettel (nota de pag. 156) excusado é tambem procural-o no *Grande Dicc.* O mesmo quanto ás palavras omittidas nos precedentes diccionarios e notadas no *Indice geral dos Subsidios para a historia da India portuguesa* (Lisboa, 1868); o mesmo quanto aos vocabulos de origem grega que o sr. dr. Rodrigues de Gusmão tomou aos nossos classicos e de que fez rol no t. XI do *Instituto*...

Outros casos, e estes com referencia a auctores de leitura mais costumada. Para *cancellario* não sabe o *Thesouro da lingua* mais que a definição de Bluteau: «Antigo dignitario na Universidade de Coimbra, que dava os graus de licenciado, doutor, etc.» Eis aqui porém um texto classico que verdadeiramente ou fica de fóra ou de todo não sei como fazer entrar na explicação: «Thomás Mora, Cancellario de Inglaterra»... É de Bernardes, *Novo Floresta*, pag. 4, obra e tomo citados para autorizar no monumento de Fr. Domingos Vieira a palavra *Archicaneellario*.

Ao passo que as accepções triviaes do adjectivo *bravo* enchem no *Grande Dicc.* duas columnas de exemplos, a mesma palavra, no sentido de extraordinario, não produz em seu favor uma unica auctoridade. A. Pereira de Figueiredo (*Dissertação prévia sôbre o merecimento de João de Barros e sôbre os necterismos, archaismos e idiotismos da lingua portuguesa*, pag. 13) escreve acêrca do P. Antonio Vieira: «Creio que dos italianos é que tomou o verbo *afanar*, e o adjectivo *bravo*, quando dice *brava maravilha*, no que o precedeu Fr. Bernardo de Brito, quando dice *braveza do templo*». A fórma exclamativa «Brava maravilha!» está no t. I dos *Sermões*, 1679, col. 269. O P. Foyos, no *Indice* da *Lusitania Transformadà* define *bravo* por grande, excessivo, maravilhoso, definição que talvez não desconvirá á exclamação referida e a analogas dos nossos escriptores: «Brava desgraça!» (Vieira, I[1], 163 e 166); «Bravo estrago!» (Camões, *Lus.*, III, 113).

velhos erros de impressão elevados ao foro de riquezas do

Cór, na fórma feminina, de que o *Thesouro* cita não mais que o exemplo de 1190 do *Elucidario*, acha-se quer no *Filodemo* de Camões, com a significação de vontade (acto II, sc. VII: «Nenhuma cór de verdade—Tenho do que m'elle manda»), quer tambem, e com significação diversa, nos *Estrangeiros* de Sá de Miranda, principio do acto IV: «Elle como a achou, tornou em sua cór, & acordo, fallou, rio...»

Sabe-se que a expressão *baixo clero* tem em D. Francisco de S. Luis a nota de «tão alheia e impropria da nossa lingua, como indigna de ser adoptada em qualquer idioma polido». O auctor, fundamentando o seu voto, accrescenta: «Veja a respeito da expressão *bas clergé* a judiciosa reflexão de La Harpe no tractado *Du fanatisme dans la langue révolutionnaire*, § II». O *Thesouro*, porêm, não faz cabedal d'estas opiniões: «*Baixo clero*, os membros inferiores na hierarchia ecclesiastica.— Que não tem magnanimidade, que não teem a elevação das grandes almas. — Que não tem nos sentimentos a dignidade propria do homem honrado». Á primeira face parece que as palavras finaes ligam com a expressão *baixo clero*. Lendo de novo, reconhecem-se por phrases deslocadas que alli entraram sem tom nem som. Sobre o poncto darei, por curiosidade, a parte das observações que fizeram ao *Glossario*, e deixaram ineditas o então secretario da Academia J. G. Christiano Müller e o fallecido bispo de Viseu D. Francisco Alexandre Lobo. Este diz em nota ás reflexões do cardial, ultimas linhas: «Nos pastores de primeira ou de segunda ordem é que en não acho gallicismo, mas resabio». Aquelle, examinando o *Glossario* ainda em manuscripto, fez alguns reparos que não desmereceram a attenção do auctor: «Parecendo-nos mui assizado o que sôbre este artigo se diz, seria todavia conveniente que aponctasse o nosso auctor algum termo que este supprisse. Talvez que *clero* ou *clerzia* simplesmente corresponda a *bas elergé*, e o alto clero dos franceses se possa expressar por *clero de jerarchia superior*, ou *jerarchia superiôr do clero*, ou simplesmente *arcebispos, bispos, etc.*» — Que os additadores de Fr. Domingos Vieira transcurassem o exame da discussão na parte em que os documentos estavam ineditos, entende-se. Mas o que facilmente se não explica é que lhes faltasse occasião de lerem, comquanto lembrada na *Resenha* do sr. J. Silvestre Ribeiro (I, pag. 286), a nota do sr. A. Herculano a favor da expressão em litigio. *Aponctamentos para a historia dos bens da coroa e dos foraes*, no *Panorama* de 1843, pag. 340. (Vej. todavia, quanto á doutrina «as metaphoras não teem nação», o *Ensaio critico* de Neves Pereira, nas *Mem. de litt. port.*, t. IV, 1793, pag. 452; e Capmany, *Arte de traducir*; ed. de Alcalá Galiano e V. Salvá, 1839, pag. XVII. Contra as locuções *basso clero* e *alto clero* tambem adoptadas em italiano, Ugelino, *Vocabulario di paroli e modi errati che sono comunemente in uso*, 4ª ed., Florença, 1871).

O nome do grande escriptor suscita naturalmente a lembrança da palavra *brial*, explicada nas *Arrhas por foro d'Hespanha*, e a de *cavalleriços*, omittida no *Grande Dicc.*, onde o artigo *cavallariço* é incompleta transcripção do de Moraes. «Os *cavalleriços* eram os servos que tractavam dos ginetes e cavalgaduras dos nobres. Dizemos o que eram porque d'elles não se faz menção alguma no Elucidario e levissima em Ducange, verbo *Caballarius*. Vê-se porêm em que consistiu este cargo servil de um iustrumento de ingenuidade de 1033». (*O Bobo*, cap, III, no *Panorama* de 1843, pag. 37).

Brial, segundo Constancio: «saiote ou fraldinha de cavalleiro, por cima da qual se lhe cingia a espada quando era armado cavalleiro». A 6ª ed. de Moraes diz: «Era tambem roupa de cavalleiros, o que talvez hoje chamâmos montó [sic: o artigo *Mantó* vem falsamente

idioma[1]: o sr. Theophilo Braga o systema das *aravias* ou romances «novellescos», os desabafos contra o *arcade* Castilho, a theoria do artigo nas linguas romanicas; o sr. Adolpho Coelho os seus piques ao *celtomano* Ribeiro dos Sanctos, ao «obtuso espirito» do cardial Saraiva, ao sr. D. José de Lacerda, «copista de disparates», ao seu diccionario, «prodigio de inepcia»; e ao lado de tudo isto e acima de tudo isto as etymologias de *caturra, carapuça, cacaborrada, calmorrear, calcurriar,* e outras e outras com que desbanca a immortal celebridade de Fr. Bernardo de Jesus Maria e toma finalmente para si os versos de Filinto:

> Envergonhae-vos, sabios palradores
> Persas, chins, babylonios, cochinchinos,
> Enfronhados em gordos diccionarios,
> Cuidaes haver subido ao *septe-estrello*
> Da perspicaz sciencia etymologica?
> ....
> Aqui é que eu, em *etymons,* sou gente.

Menos, pois, que Diez não quizesse incluir no rol a *Prosodia* de Bento Pereira, o *Diccionario* e a *Nomenclatura portuguêsa e latina* do padre Folqman, o *Magnum Lexicon* dos jesuitas, os antigos vocabularios bilingues de Jeronymo Cardoso e Agustinho Barbosa, ou o mais moderno de Pedro José da Fonseca, que lhe ficava? O *Diccionario exegetico*? O *Diccionario da maior parte dos termos homonymos e equivocos* do «professor grego» Antonio Maria do Couto? O *Diccionario universal* de Nicolau

exemplificado com um logar de Camões, que lê *manto*] e manto». Agora o sr. A. Herculano: «O brial era uma especie de camisola que os cavalleiros vestiam sobre as armas e por cima da qual apertavam o cincto da espada. Tambem o vestiam sobre os pannos interiores quando andavam desarmados. O seu uso durou por toda a idade média, e era ainda lembrado nos fins do seculo decimo-sexto, em que o auctor, ou traductor, do Palmeirim d'Inglaterra tantas vezes o menciona.... O diccionario de Moraes affirma que o brial era o *manto* dos cavalleiros: é um dos bastos destemperos d'aquella babel da lingua portuguesa...» (*Lendas e Narrativas*, t. I², pag. 168. Cfr. D. José Amador de los Rios, *Glossarios* das *Obras* do marquês de Santillana, Madrid, 1825, pag. 535). Recorre-se depois d'isto ao *Grande Dicc.*, e ahi, por maximo favor, nos é suffrida a explicação seguinte: «Termo d'America. Parte da côta d'armas, desde a cinta até ao decimo do joelho.»

[1] **Abrixar.** «Auctorisado exclusivamente, diz o *Diccionario bibliographico*, t. IX, pag. 116, com o erro typographico da *Aulegraphia* de Jorge Ferreira, fol. 52, linh. 7, achando-se aliás esse erro emendado na errata do proprio livro, que anda no principio delle, e manda lêr *abaixar*».

Perez? O dos tres litteratos nacionaes, no qual o titulo, *Diccionario da lingua portuguesa de algibeira*, diz tudo? A obra de Bernardo Bacellar,

> O carmelita auctor do diccionario,
> Que traduziu — tris-tris — pratos quebrados?

Ai! com este jovial sotaque da *Dona Branca* cogitava eu despedir-me do sr. Adolpho Coelho e da glottica e dos seus conjunctos... Eis que tenho de volver: obriga-me o sobrecenho de umas phrases esquecidas na leitura: « O nosso bibliographo, com a sua má fé, pretende insinuar, o que é impossivel demonstrar, que o meu papel se reduz simplesmente a traduzir Diez. Isto é o que está no fundo das suas intenções; no modo porque as manifesta attingiu, todavia, o limite imposto pela natureza ao desvairamento da razão ».

Par Deus, como diria o auctor dos *Apologos dialogaes*, eis aqui um poncto melindroso, no qual, mesmo em interêsse até dos creditos do sr. Adolpho Coelho, desejára ver-lhe manifestar menos ardor.

> Pour quelques nouveautés sauvages et fortuites,
> Monsieur, ne troublez pas la paix de vos pituites.

Como podia estar no animo de V. Ex. insinuar que o papel do sr. A. Coelho se *reduz simplesmente* a traduzir Diez?

As septe paginas reservadas no livro conimbricense ao estudo dos *Sons arabes* (117-123), para não falar de outras, claramente confessa o auctor que as colligiu de Engelmann, « aproveitando tambem » de Diez o que quer que fosse. « A falta de estudos especiaes — adverte em nota: memoravel precate de modestia! — não permittem nesta parte completar com fructos da nossa actividade o trabalho dos nossos predecessores ». Ensacca pois o grangeio dos arabistas estrangeiros seus predecessores — predecessores de um arabista que não sabe arabe —; mas Duarte Nunes e Antonio Vieira; mas os *Vestigios da lingua arabica em Portugal*, justamente considerados, fóra até da nação a cujo idioma importam, nem uma palavra de referencia lhe merecem, no que afortunadamente nem elles perdem nem perde o mundo.

Ajunctem-se agora ás septe paginas de Engelmann quatro ou cinco, que, se conveem no calculo, o sr. Adolpho Coelho

poderá dever a Schleicher, a Max Müller, a Diefenbach, a Mommesen (*sic*, pag. 9), a Höfer, a Delius (citado á vista da *Grammatica* de Diez, I[2], 367), a Weil, a Benloew, a Leo Meyer e a tantos cujos nomes e obras allega, e digamos que nunca se admirará bastantemente o esfôrço d'este português que, escrevendo em Portugal e na propria séde da Universidade, rodeado de livros da sua lingua, consegue encher cento e vinte e quatro paginas de exiguo formato com a applicação de verdades achadas por outros!

D'estas cento e vinte e quatro paginas, onde o sr. Adolpho Coelho tem encontrado defeitos que promette « descobrir *em publico*, porque só assim *elle* os poderá conhecer », peço apenas licença para conferir parte com a divisão que na obra de Diez t. I, 2ª edição, se inscreve: *Lautlehre.*

Ás primeiras e ás ultimas linhas do preambulo de Diez (pag. 133, 134) correspondem quasi litteralmente no livro do sr. Adolpho Coelho (31-32) as palavras « Dividimos a phonologia » até « destinada á *prosodia* ». O periodo que antecede é contrahido do original.

Abro mão das duas paginas seguintes, onde nos fica um *Alphabeto latino ordenado physiologicamente*, que cumpre restituir a Schleicher, *Compendium*, § 44 da 3ª ed., *Uebersicht der laute des lâteinischen.*

Pag. 35. « Nos diphtongos, (*sic e semper*) *áe* e *óe* ouviam-se as duas vogaes distinctamente ». O mesmo affirma de *æ* o texto allemão (157): « In *áe* horte man beide Vocale nebedeinander.... » — Não se encontra em Diez a clausula: « O *c* era sempre pronunciado como *q* e *k*, e gr. *κ*, e nunca era = *s*, como o fazem na eschola antes de *e* e *i* ». Estas palavras; o texto de Mario Victorino na edição de Gaisford; os equivocos latinos *cinis* e *sinis*, *cervus* e *servus*, *citus* e *situs*, tomou-os o sr. A. Coelho a Caix de Saint-Aymour, a quem não nomeia, traduzindo-o umas vezes *ad sensum*, outras *ad verbum*. Exemplos: « Les Latins écrivaient indifférement *rosai* et *rosæ*, C*aisar* et C*æsar*, *lun*ai et *lun*æ, *coiperit* et *cœperit*, *coilum* et *cœlum* ». (*La Langue latine étudiée dans l'unité indo-européenne*, parte I, Paris, 1868, pag. 61). « Os latinos escreviam indifferentemente *rosai* e *rosae*, *lunai* e *lunae*, *Caisar* e

Caesar, *coilum* e *coelum*, *coiperit* e *coeperit* ». (*A Lingua portuguesa*, 1º fasc., Coimbra, 1868, pag. 35). « T reste toujours la dentale explosive forte, et ne devient jamais la sifflante dentale forte S.... Lisez dont *óra*T*io* et non *ora*S*io* ». (Pag. 64). « *T* pronunciava-se sempre *t* mesmo nos finaes *tia*, *tio*. etc. ; assim *positio* não se pronunciava *posissio*, senão com a explosiva aspera dental bem definida ». (Pag. 36).

Isto se me depara ao cotejar o texto allemão com o livro de Coimbra. Comprehende agora V. Ex. que o sr. Adolpho Coelho tivesse interêsse em dissuadil-o do confronto. « Faria bem em não perder o seu tempo nessa confrontação, de que nada resultaria para satisfazer a boa vontade de me detrahir — se acaso esse tempo não fosse consummido (sublinho o restante da phrase) **na composição do documento mais miseravel de má fé e estulticia que conheço** ».

Poucas palavras mais, e ponho fim á materia d'esta extensissima carta aberta, em que alguma vez me terá sido, não direi inspiração, mas conselho, o amor da patria, por ventura acrysolado por aquelle sentimento que tão largos annos de ausencia não poderam extinguir, sentimento a que um prelado illustre e escriptor summo, Fr. Amador Arraes, chama *o desejo da terra em que caimos do ventre de nossas mãys, & recebemos nos olhos a luz do dia.*

Quasi a despedir-se escreve o auctor das *Observações* : « Quando um velho, que se confessa chegado ao termo da sua carreira, é quem traça paginas como as que analysei, ha direito de julgal-o definitivamente indigno do logar que lhe concedeu a opinião publica ; e esse juizo só ficará suspenso em o nosso espirito, se pensarmos que a decrepitude produz frequentissimas vezes o desarranjo das faculdades mentaes ».

Depois do que, o sr. Adolpho Coelho propôs acção de injuria contra o auctor do *Diccionario bibliographico*, citou-o perante o juízo criminal, abriu um curso de glottica, e inaugurou as conferencias democraticas...

Lélut, medico da Salpêtrière, tendo provado, por simples ensaio e amostra de applicação da sciencia psychologica á da historia, que Socrates era um hallucinado, não se accom-

modou comsigo sem que chegasse a analoga opinião acêrca de Pascal. E, certo, não merecia mais favor quem nos legou tão singulares idéas sôbre a morte de Cromwell e o nariz de Cleopatra e se imbuiu de outros taes conceitos quanto ao homem, *juge de toutes choses, imbécile ver de terre, ridicolosissimo eroe* a quem o zumbir de uma mosca perturba. Veiu então o doutor Moreau, o qual, tomando a mão e proseguindo no argumento, declarou que o genio não passa de uma nevrose; quo o estado de inspiração e de demencia são factos organicos e intellectuaes absolutamente identicos; que nos homens excepcionaes se manifestam as mesmas condições de temperamento dos alienados e idiotas; e que, á luz emfim da sua origem e do *substractum* physiologico, a assimilação da loucura e dos predicados mais sublimes da intelligencia deve reputar-se cabalmente legitima, se é que não necessaria.

Ao vêl-o julgar com tamanha segurança de animo o estado das faculdades mentaes alheias, concluo que o sr. Adolpho Coelho tem conservado até hoje perfeito uso das suas, o que infelizmente, segundo opina o doutor Moreau, o colloca ao nivel dos espiritos mediocres!

Sinto-o, porque, sendo o genio uma contiguidade da loucura, não posso, como quizera, considerar o auctor do libello *Hübner versus Levy* não só o genio da epigraphia e da glottica, senão um dos maiores genios de Portugal e do seu tempo.

De V. Ex.

devoto amigo e admirador fiel,

Manuel de Mello.

Apparece emfim á luz publica o livro de Manuel de Mello — DA GLOTTICA EM PORTUGAL. CARTA AO AUCTOR DO DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO PORTUGUÊS.

Começada em 16 de Janeiro de 1873 e continuada a grandes intervallos, a impressão só veio a ser concluida em 21 de Junho de 1889. O texto, parte em que propriamente consiste a Carta, tal como era destinada ao *Diccionario bibliographico*, foi, porém, quasi todo escripto em 1871; só as notas para a publicação em avulso foram largamente accrescentadas. Distinguem-se pelo signal [ ], *ganhos* ou *parathesis*, como lhe chama a Academia, as de addição ou de interlineação posterior.

Era então sensivel a quasi penuria dos recursos que esta capital, quer pelo seu mercado de livros, quer pelas suas bibliothecas particulares e publicas, offerecia á presente ordem de estudos. Possuia a British Subscription Library a terceira edição da *Sciencia da linguagem* de Max Müller. A Germania tinha a respectiva traducção alleman, e os primeiros volumes do diccionario dos irmãos Grimms. No Gabinete Por-

tuguez de Leitura, algumas obras em francez haviam sido adquiridas por indicação do proprio M. de Mello. De algumas dellas recebeu mais tarde exemplares a Bibliotheca Nacional.

Força foi, pois, ao auctor esperar que da Europa lhe enviassem, com as obras de que padecia falta, as de cuja publicação successivamente lhe chegava noticia; e dessas valiosas acquisições, realisadas com muita fadiga e grande dispendio pecuniario, dão noticia as abundantes notas que constituem a parte não menos importante deste livro.

Essa preciosa collecção não foi, felizmente, desbaratada; e a compra que della fez o Gabinete Portuguez de Leitura é um serviço que recommenda esta utilissima instituição ao mais intenso reconhecimento dos amigos das lettras.

Desgraçadamente em quanto estas paginas se estampavam proseguia a morte o seu curso inexoravel. Apagava-se, primeiro, o espirito do ardente trabalhador a quem ellas se dirigiam. Depois succumbia o proprio auctor, que antes de pôr o ultimo remate á sua obra finava-se em Milão a 4 de Fevereiro de 1884. Joaquim de Mello, um espirito de larga cultura, ao preparar-se para concluir o livro do irmão, que tanto amara, pagava tambem o pesado tributo á morte.

Solicitado pelo digno sr. Antonio de Mello, outro irmão; amigo de infancia do sempre chorado auctor; tendo com elle convivido intimamente; ligado por esses laços, pelos da identidade de profissão, e até por natural inclinação para as mesmas leituras, considerei um dever piedoso acceitar o encargo de recon-

stituir as ultimas folhas typographicas do presente livro, valendo-me para esse fim dos apontamentos, por vezes imcompletos, deixados pelo auctor e respeitado escrupulosamente o plano já em adeantada execução.

Folgo, pois, em ter podido cooperar para vir a lume o livro, que sobre ser documento de quanto valía e sabía o meu pranteado amigo, é tambem uma obra de justiça e de patriotismo.

Rio de Janeiro—Junho de 1889.

Francisco R. Paz.